

ILUMINURAS

v. 26 n. 72 (2025)



Imagem: Igor Maciel da Silva, Amistosos, 2025.

Futebol como fenômeno social e cultural

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Carmen Rial

FÉ, GÊNERO E FUTEBOL: POR QUE OS JOGADORES VOTARAM NA EXTREMA DIREITA?

Carmen Rial

MANIFESTAÇÃO DE GÊNERO COMO ALTERNATIVA CONCEITUAL NA LEITURA DO FUTEBOL LGBTQIAPN+

Vanrochris Helbert Vieira

UMA TORCIDA ORGANIZADA GAY NO INTERIOR GAÚCHO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA MARÉ VERMELHA (1979-1992)

Eduardo Bortolotti Silveira

HOMOFOBIA NO FUTEBOL BRASILEIRO: O QUE DIZEM AS DENÚNCIAS DO CANARINHOS LGBTQ+?

Cleyton Batista

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

TORCENDO FORA DO EIXO: A EFERVESCÊNCIA DE GRUPOS DE TORCEDORES GAYS NO FUTEBOL MASCULINO BRASILEIRO (1977-1989)

Lucas Barroso

COMENTÁRIOS EM JOGO: USUÁRIOS DO INSTAGRAM E A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE MULHERES DE 2023

Rafaella Euzébio Freitas

Doiara Silva dos Santos

Fernanda Santos de Abreu

“SE EU FOSSE PARA O BARCELONA, O BOMSUCESSO ATÉ ME AJUDARIA”: PROFISSIONALIZAÇÃO EM JOGO: UM ESTUDO COMPARATIVO DO FUTEBOL NO BRASIL (1933-1941) E NA ESPANHA PRÉ-GUERRA CIVIL (1923-1936)

Glauco José Costa Souza
Marcelo Viana Araújo Filho

DUPLA CARREIRA EM ATLETAS DE FUTEBOL DE BASE NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA

Camilo Araújo Máximo de Souza
Hugo Paula Almeida da Rocha
Antonio Jorge Gonçalves Soares

TRIVELA ALBICELESTE: A CRÔNICA NA COBERTURA DA TRAJETÓRIA ARGENTINA NA COPA DO MUNDO DE 2022

Luiz Henrique Zart

O FUTEBOL NA CULTURA URUGUAIA: A INCORPORAÇÃO DO FENÔMENO SOCIAL A UM PROJETO DE NAÇÃO

Alexandre Diniz Santiago

O FUTEBOL E AS CONFIGURAÇÕES DA MODERNIDADE CAPITALISTA NA AMÉRICA LATINA: ENTRE O REALISMO DE MERCADO E A TRADIÇÃO

Hugo Macedo de Araújo

SINGULARIDADES DA TORCIDA DO CORUMBAENSE FUTEBOL CLUBE NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA

Roberto César de Souza
Carlo Henrique Golin

FUTEBOL FEMININO NA TELEVISÃO: ANÁLISE DO IMAGINÁRIO NA NARRATIVA DAS FINAIS DA LIBERTADORES DE 2009 E 2023

Amanda da Assunção Paiva
Felipe Fernandes Ribeiro Mostaro

**DIREITOS DE (NÃO)TRANSMISSÃO: O FUTEBOL DE MULHERES
(IN)VISIBILIZADO**

Alini Silva Peixoto
Marcelo Victor da Rosa

**O FUTEBOL COMO FENÔMENO SOCIOCULTURAL E IDENTITÁRIO NA
PÓS-MODERNIDADE**

Fernando Rossetto Gallego Campos

RELATOS DE PESQUISA

**NÃO PERDEMOS, NOS FALTOU TEMPO PARA VENCER: FUTEBOL E
NEOLIBERALISMO**

Fernando Sartori
Amadeu de Oliveira Weinmann

**A PEDIDO: UMA ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO FILME DE CASAMENTO
PARA AS ELITES DO RECIFE**

Alex Vailati

RESENHAS

O FUTEBOL NO ÂMBITO DE UMA ANTROPOLOGIA IMAGÉTICA

Gleidson de Oliveira Moreira

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
carmen.rial@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

Diversas dimensões contemporâneas atravessam o estudo do futebol. Entre elas, destacam-se as transformações sociais e culturais impulsionadas pela globalização do esporte; a intensificação das mobilidades internacionais de jogadoras e jogadores, convertidos em trabalhadoras/es migrantes; e as experiências que essas circulações produzem em suas vidas e nas dos torcedores, cada vez mais transformados em “turistas” visitantes de museus de estádios e frequentadores de arquibancadas gentrificadas. Esses processos afetam diretamente os modos de construção de pertencimentos e identidades - locais, nacionais e transnacionais -, bem como os discursos sobre raça, classe, corporalidade e, de maneira central, gênero e sexualidade.

O futebol se configura assim como um campo privilegiado para observar as disputas políticas e morais que atravessam as sociedades contemporâneas. Em um cenário marcado pela ascensão da extrema direita e pelo crescimento de ideologias conservadoras - muitas vezes articuladas, no Brasil, com movimentos neopentecostais e com discursos de *coaches* de influência duvidosa -, identidades dissidentes e corpos considerados desviantes tornam-se alvo de vigilância, controle e violência. Nessa conjuntura, o esporte de alto rendimento transformou-se em um dos mais acirrados campos de batalha pelos direitos (e pelo rechaço) de pessoas trans, e a homofobia segue sendo reiterada como forma de ordenamento social nos estádios e nas redes.

A despeito dos avanços nas últimas décadas em termos de reconhecimento de mulheres e pessoas LGBTQIA+ no esporte, persistem desigualdades estruturais no acesso a salários, investimentos, infraestrutura, espaço midiático e segurança de participação. Torna-se crucial, portanto, interrogar como normas de gênero são legitimadas ou contestadas no cotidiano das práticas esportivas e nas trajetórias de atletas, torcedoras/es, treinadoras/es e dirigentes - cis, trans, não-binárias - que tensionam fronteiras e inventam modos de existir e competir em ambientes historicamente androcêntricos.

Simultaneamente, o futebol constitui o maior espetáculo midiático global. Por isso, exige atenção analítica às mediações tecnológicas: transmissões televisivas, coberturas jornalísticas, narrativas de celebração e regimes de visibilidade que determinam quais corpos podem ser celebrados e quais devem ser invisibilizados ou estigmatizados. A mídia não apenas registra o jogo — ela modela sensibilidades, moralidades e emoções públicas.

Este dossiê propõe reunir pesquisas que contribuam para repensar teorias e metodologias nos estudos do futebol, articulando perspectivas feministas e estudos de sexualidade com análises críticas das mídias e das conjunturas políticas recentes. Trata-se de refletir sobre as potências do esporte como espaço de transformação e cidadania, mas também sobre seus mecanismos de exclusão - evidenciando tanto a reprodução de desigualdades quanto os gestos de resistência, contestação e criação que emergem no campo.

Ao promover esse conjunto de debates, este dossiê se insere no esforço coletivo do INCT Futebol – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro – que desde sua criação vem contribuindo para consolidar o futebol como objeto legítimo e complexo de investigação científica, fortalecendo redes de pesquisa, formação acadêmica e produção de conhecimento crítico em diálogo permanente com a sociedade.

Por fim, a capa deste número temático, pintura intitulada “Amistosos” é de autoria de Igor Maciel que é responsável por capas de livros e dossiês do INCT Futebol. Agradecemos a editora geral de Iluminuras, Cornelia Eckert, não só por acolher os textos aqui publicados mas pela liberdade concedida às editoras associadas e a supervisão cuidadosa do trabalho. Agradecemos também aos bolsistas da Revista Iluminuras Bruno Luce e Isabela Artioli pela diagramação, acompanhando com presteza o trânsito entre editora/pareceristas/autores e atenção às organizadoras e a Cristhian Cajé do INCT Futebol pela assistência em alguns contatos.

Fé, gênero e futebol: por que os jogadores votaram na extrema direita?¹

Faith, gender and football: why did players vote for the far right?

Carmen Rial²

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
carmen.rial@ufsc.br
<https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

Recebido em: 04 de agosto de 2025

Aceito em: 02 de novembro de 2025

¹ Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional do INCT Futebol – As Ciências Sociais Diante do Futebol: Intercâmbios e Perspectivas Franco-Brasileiras. Gostaria de expressar minha gratidão ao CNPq pelo financiamento do INCT Estudos sobre o Futebol Brasileiro. Agradeço também a Bela Feldman-Bianco e Miriam Grossi pelas valiosas observações finais durante o Colóquio sobre este texto. E agradeço a Mariana Brum (UFPel) pela ajuda na preparação dos slides apresentados. Esse texto será posteriormente publicado em livro pela editora ABA e estará disponível também no portal Associação Brasileira de Antropologia.

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil, coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do CNPq Estudos do Futebol Brasileiro.

Resumo:

A ascensão da extrema direita no Brasil — e em diversos outros países — tem provocado na antropologia a necessidade de compreender as razões que levam amplos setores da população a apoiar candidatos com perfis autoritários e projetos políticos que restringem direitos de grupos vulneráveis. É essa questão que orienta o presente texto. Tendo como foco de pesquisa futebolistas brasileiros/as, busco examinar como se configuram suas posições políticas no atual contexto. Os dados analisados foram produzidos por meio de uma etnografia multisituada e de uma etnografia de telas, especialmente de suas redes sociais. Os resultados apontam diferenças significativas entre as orientações políticas de jogadores e jogadoras, ainda que ambos compartilhem a adesão à fé cristã, com forte presença de igrejas neopentecostais de perfil fundamentalista.

Palavras-chave: Futebol. Política. Extrema direita. Gênero. Etnografia de Tela. Redes sociais. Neopentecostalismo. Brasil. Bolsonaro.

Abstract:

The rise of the far right in Brazil—and in several other countries—has prompted anthropology to seek an understanding of the reasons why large sectors of the population support candidates with authoritarian profiles and political projects that restrict the rights of vulnerable groups. This is the question that guides this text. Focusing on Brazilian soccer players, I seek to examine how their political positions are configured in the current context. The data analyzed were produced through multi-sited ethnography and screen ethnography, especially of their social networks. The results point to significant differences between the political orientations of male and female soccer players, even though both share adherence to the Christian faith, with a strong presence of fundamentalist neo-Pentecostal churches.

Keywords: Football. Politics. Far right. Gender. Screen ethnography. Social media. Neo-Pentecostalism. Brazil. Bolsonaro.

Contextualização

Por que a maioria dos jogadores de futebol brasileiros aderiu à extrema direita?

Procurei responder a essa pergunta com base em dados de uma pesquisa iniciada em 2003, envolvendo mais de 100 jogadores e jogadoras de futebol que atuaram (ou ainda atuam) em diversos países e em todos os continentes. Bolsonaro era então um deputado federal pelo Rio de Janeiro, uma figura desconhecida nacionalmente, e provavelmente nenhum dos futebolistas com quem tive contato tinha ouvido falar nele.

Essa pesquisa começou em um contexto de emigração massiva no Brasil, um fluxo iniciado nos anos 1980³ e intensificado nos anos 1990, motivado pelo desemprego, pela busca de melhores condições de vida, mas também pelo sonho de “vencer na América” (Margolis, 1994, 2013). Os jogadores de futebol (pés-de-obra) seguiram uma dinâmica semelhante, embora seus destinos preferenciais difiram dos emigrantes brasileiros “comuns” (mãos-de-obra), que vão majoritariamente para o Norte global ou para países vizinhos da América do Sul.

Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores, em 2024, cerca de 4,5 milhões de brasileiros vivem no exterior. Os Estados Unidos acolhem a maior comunidade (1,9 milhão), seguidos por Portugal (360 mil), Paraguai (254 mil), Reino Unido (220 mil) e Japão (202 mil). Essa emigração tem uma origem bem definida: muitas dessas pessoas vêm da cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais (Pinto, 2021). A principal região de destino é a costa leste dos Estados Unidos, onde se concentram cerca de 63% dos brasileiros residentes no país (Assunção, 2011).

Os jogadores brasileiros, por sua vez, estão presentes na maioria dos 208 países e territórios onde o futebol é regulado pela FIFA. Como me dei conta muito cedo, sua migração não segue o mesmo padrão dos outros emigrantes brasileiros (Rial, 2006) e seu país de destino preferencial difere. Em agosto de 2023, Portugal acolhia 213 jogadores brasileiros, dos quais 108 atuavam na liga portuguesa, representando cerca de 22% dos jogadores dessa liga — o que faz do Brasil a principal nacionalidade estrangeira na Liga Portugal Betclic⁴. De fato, desde os anos 1990, o número de

³ “In just five decades the number of international migrants [no mundo] nearly tripled from 76 million in 1960 to 214 million in 2010” (Brzozowski 2012: 137).

⁴ Disponível em: https://www.transfermarkt.pt/61-dos-jogadores-da-liga-portuguesa-sao-estrangeiros-brasil-e-o-pais-mais-representado/view/news/436975?utm_source=chatgpt.com e https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-portugues/noticia/2023/08/11/campeonato-portugues-202324-tabela-palpite-e-principais-brasileiros.ghtml?utm_source=chatgpt.com

jogadores de futebol brasileiros expatriados se mantém estável, superando em média mil por ano e Portugal, numa lógica pós-colonial, tornou-se a principal porta de entrada para o mercado europeu — o mais cobiçado, pois abriga os clubes globais⁵. Esse movimento pós-colonial também é observável em outras nacionalidades: argentinos e uruguaios preferem a Espanha; africanos de ex-colônias francesas, a França, etc.

Para os futebolistas brasileiras, em 2023, o Japão⁶ ocupou a segunda posição como destino preferencial (79 jogadores), seguido pelos Emirados Árabes Unidos (49), Espanha e Estados Unidos (44 cada), Itália e Inglaterra (40 cada), Bulgária (39) e Tailândia (34)⁷. O fato de os Estados Unidos contarem com 44 jogadores brasileiros reflete o desenvolvimento da MLS (Major League Soccer) e a continuidade da participação feminina na NWSL (National Women's Soccer League)⁸. Sua presença em países como Malta, Índia ou Tailândia é mais surpreendente, já que esses países não estão entre os destinos dos trabalhadores brasileiros. Como me afirmou o adido cultural do consulado brasileiro em Mumbai, em 2011: “Eu nem sabia que havia brasileiros trabalhando aqui; o salário mínimo na Índia é bem inferior ao do Brasil. Ninguém é louco de vir trabalhar aqui.”

Analisei, portanto, essa emigração dos jogadores levando em consideração tanto as dinâmicas próprias da migração brasileira quanto aquelas específicas do campo futebolístico⁹. As primeiras hipóteses da pesquisa respondiam aos estereótipos

⁵ Como defini em outros textos, os clubes globais são aqueles que transcendem as fronteiras de suas comunidades, regiões e até mesmo de seus Estados-nação. Eles são nós de fluxos globais econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos, concentrando capitais que circulam em escala mundial e empregando jogadores provenientes de diferentes partes do mundo. Reúnem torcedores dispersos pelo planeta, colonizando o imaginário de uma população mundial — majoritariamente masculina. Enquanto comunidades imaginadas, podem ser considerados como nações (Weber, 1992; Oliven, 2025), com seus hinos, bandeiras e um forte sentimento de pertencimento. As cidades do futebol global, como Madri, Munique, Manchester e Barcelona, em termos de importância no sistema futebolístico, superam as cidades globais (Sassen, 1991), como Nova York, Los Angeles e Tóquio.

⁶Disponível em:
<https://alternativa.co.jp/noticias/esportes/126724/liga-de-futebol-do-japao-faz-30-anos-e-conta-com-45-brasileiros-nesta-temporada/>

⁷ CIES – Football Observatory.

⁸ Em 2012 eles eram 21 na MLS (Rial 2012) e o número caiu para 12 em 2017.

⁹ O conceito de campo, formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, constitui um elemento central de seu quadro teórico. Sua principal característica reside na impossibilidade de uma definição fixa e definitiva: trata-se de uma porção do espaço social que atingiu um grau de autonomia suficiente para sustentar a crença compartilhada na legitimidade de seu princípio fundador. Em resumo, a autonomia de um campo refere-se à sua capacidade interna de estabelecer um princípio próprio de diferenciação e organização, relativamente independente das imposições externas de ordem religiosa, política, econômica ou midiática (Bourdieu, 1992: 93).

veiculados pela mídia ou por certos intelectuais¹⁰, que os qualificavam como “mercenários”, motivados unicamente por dinheiro; como “consumistas”, obcecados por bens de luxo; e como “estrangeiros”, desligados do Brasil. Essas três figuras — mercenário, consumista, estrangeiro — estruturaram as perguntas iniciais: será que os jogadores de futebol correspondem a esses perfis?¹¹

As conversas, entrevistas e observações me mostraram que eles mantêm um forte sentimento de pertencimento nacional que é reforçado quando se deslocam para o exterior, como é comum acontecer com imigrantes. Isso não exclui as demandas de naturalização que encaminham quando no Norte global, especialmente na Europa. Mas essas naturalizações eram vistas como meios para facilitar sua circulação no mercado futebolístico ao mesmo tempo que possibilitavam a abertura de vagas para outros brasileiros nos clubes. Eles, portanto, não se tornavam “estrangeiros”, tratavam-se de naturalizações estratégicas¹².

Por fim, seus estilos de vida não eram centrados no consumo. Certamente, muitos dos que atuavam (e atuam) na Europa viviam em residências de alto padrão, dirigiam carros caros e, alguns, usavam roupas de marcas de luxo. Mas seu cotidiano continuava modesto: arroz com feijão e churrasco dominam suas refeições e a maioria dos que encontrei vestia-se como os jovens de classe média de sua geração.

Logo nos primeiros contatos fui levada a problematizar as categorias comumente usadas para definir a mobilidade nos estudos de migrações. Seriam os futebolistas emigrantes/imigrantes? Expatriados? Transmigrantes? Uma das conclusões dessa fase foi a de que as categorias tradicionais de análise das migrações não

¹⁰ Simoni Guedes, em 2006, declarou que essas qualificações não provinham apenas da mídia, mas também dos intelectuais especialistas em esporte. Ver NAVI – Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem. Mesa-redonda com Carmen Rial e Simoni Guedes – 58ª Reunião Anual da SBPC (2006). Rodríguez, Cristhian (ed.), Projeto Acervo Memória e Preservação Digital. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Vídeo (formato digital). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Rn63MM3_BT4]. Acesso em: [14/04/2025].

¹¹ É importante destacar que, no início do século XXI, os correspondentes internacionais especializados em esportes eram raros e o contato se limitava à transmissão das partidas, com poucas entrevistas de jogadores no exterior. Uma exceção era o programa *Expresso da Bola*, transmitido pelo canal SporTV, coproduzido pela MariaTV. O jornalista Décio Lopes viajava pelo mundo para encontrar jogadores que contavam como era viver em um país de língua e cultura diferentes, com costumes diversos. O *Expresso da Bola* foi exibido em 2003 e deixou de ser produzido em 2012. Desde 2022, foi relançado, agora na forma de um segmento no programa *Esporte Espetacular* da TV Globo. Atualmente, o correspondente da ESPN em Madrid, Gustavo Hofman, realiza entrevistas à distância com jogadores brasileiros, geralmente em países periféricos do sistema do futebol, que são veiculadas no podcast *Futebol no Mundo*.

¹² Essas transferências são hoje facilitadas pelas redes de “multiclubes” (Simões 2024), que reúnem sob um mesmo proprietário clubes de diferentes países.

correspondiam ao que encontrei em campo. Sua mobilidade se assemelha mais a uma circulação contínua — o que eles chamam de “rodar” (Rial 2008).

O que os diferenciava de outros emigrantes era o fato de viverem em bolhas protegidas (Rial, 2015) cuja densidade dependia de vários fatores: o status do clube na hierarquia do futebol, a idade em que os jogadores emigram, a duração da estadia no exterior, e até mesmo a presença de filhos em idade escolar no lar. Mas essa bolha existia e persiste mesmo em clubes de menor expressão no sistema futebolístico global, e pode incluir o empréstimo de um apartamento pelo clube (como foi o caso de um jogador que entrevistei em Marrakech), ajuda na busca por moradia, tradutores (como em Eindhoven, Aalborg, Istambul, Atenas...), e secretários que podem ser empregados pelo clube (como em Atenas), por agentes (como em Alkmaar), ou diretamente pelo jogador (como em Sevilha). Nos clubes globais, essa bolha também inclui amigos próximos, fisioterapeutas pessoais, cozinheiras e toda uma infraestrutura que transforma o domicílio em academia, clínica médica ou espaço para festas e lazer.

Essa bolha também existe no futebol de mulheres, mas é bem menos densa: as jogadoras mantêm um contato mais estreito com a cultura local. Elas correspondem mais ao que Appiah (2006) definiu como “patriotas cosmopolitas”¹³. É o caso de Arina, que conheci em julho de 2024. Almoçamos no restaurante Murillo, em Madri, na companhia de Vera Cíntia Alvarez¹⁴, que a conhecia por meio dos contatos estabelecidos entre o consulado brasileiro na Espanha e as jogadoras. Arina deixou o Brasil em 2015 para jogar nos Estados Unidos, no Monroe College¹⁵. Depois passou pelo Madrid CF e atuava no Rayo Vallecano quando nos encontramos — antes de ser transferida para o Getafe, em 2025. Ela contou suas imersões no cotidiano dos países onde viveu e relatou em detalhes sua aventura na Armênia, onde trocou as férias por um

¹³ “Podemos ser patriotas cosmopolitas, pessoas ligadas ao seu próprio lar, com suas particularidades culturais, mas que se agradam da existência de outros lugares, diferentes, que são a casa de outras pessoas, também diferentes. (Appiah 2006: 118). E também: ‘O patriota cosmopolita pode imaginar a possibilidade de um mundo em que todos seriam cosmopolitas enraizados, ligados a um lar próprio, com suas particularidades culturais, mas que também se agradariam da presença de outros lugares diferentes, que são a casa de outras pessoas, igualmente diferentes. O cosmopolita imagina ainda que, nesse mundo, nem todos acharão preferível permanecer em sua pátria, de modo que a circulação de pessoas entre diferentes localidades envolverá não só o turismo cultural (que o cosmopolita aceita e aprecia), mas também a migração, o nomadismo, a diáspora.’ (Appiah, 1997: 618). [minha tradução].

¹⁴ Autora de capítulo a ser publicado em livro com selo ABA, no prelo. Les Sciences sociales face au football : Échanges et perspectives franco-brésiliens. (As Ciências Sociais e o Futebol: debates e perspectivas franco-brasileiras.) Serie Football: culture, politique et société. Associação Brasileira de Antropologia Volume 3, Édition bilingue (Français-Portugais)

¹⁵ O Monroe College possui dois campi principais: New Rochelle, NY, que é o campus original e principal da instituição, e The Bronx (Nova York), que é o campus urbano.

contrato de jogadora, motivada pelo desejo de “conhecer o país” e de participar da Liga dos Campeões¹⁶. Não encontrei relatos semelhantes ao de Arina entre os homens: eles demonstram muito menos curiosidade pelas línguas, culinárias, lugares ou modos de vida locais.

Os jogadores brasileiros homens que encontrei na Europa e na Ásia compravam seus alimentos em comércios brasileiros (em Tóquio, em Amsterdã...), frequentavam restaurantes brasileiros e, quando possível, faziam vir do Brasil empregadas domésticas ou familiares para ajudá-los no dia a dia. Quando não encontravam comércios ou restaurantes com produtos brasileiros, levavam esses produtos nas malas ou buscavam similares em outros mercados étnicos — uma prática comum a muitos emigrantes. Lembro, por exemplo, que no café do Feyenoord, depois de conversar por quase duas horas com o senhor Iran — ex-marinheiro da marinha mercante brasileira, que havia visitado mais de quarenta países e era pai do jogador que eu estudava — recusei

¹⁶ “Adoro fazer perguntas, adoro. Por isso fui para a Armênia. Queria ir só para ver como era o país, juro. Deixei de lado minhas férias de verão para ir jogar na Armênia, só para descobrir a cultura. E todo mundo me dizia: ‘Bruna, é um país do terceiro mundo, com religião muçulmana, a mulher é meio...’ Mas eu pensei: ‘Vou só jogar futebol.’ Que experiência, vou poder contar. Eu estava no Rayo [Vallecano], aí chegou o verão e meu agente, que tem contatos em todo lugar, me disse: ‘Enviei seu vídeo por engano para um time da Armênia, eles gostaram muito e querem que você vá lá neste verão.’ Eles estavam jogando a fase eliminatória da Liga dos Campeões [...] E aí eu pensei: ‘Uau, ir para a Armênia e jogar a Liga dos Campeões pela primeira vez?’ Meu agente me perguntou: ‘Nem te disse o que eles estão oferecendo?’ Pagavam bem, porque eu não tinha nenhuma despesa. Cheguei em um momento super bom. Tinha duas ou três meninas da África treinando. Veja a diversidade! Três meninas da África, o treinador era ucraniano e ele tinha trazido cinco jogadoras do time dele da Ucrânia. E as outras eram armênias. Então elas falavam armênio e as ucranianas falavam russo. Porque elas não podiam falar nem armênio nem ucraniano. Então falavam russo. Em vez de aprender inglês, elas aprendiam russo. Eu, com as meninas da África, falava inglês, as ucranianas falavam ucraniano e quando as meninas estavam sozinhas na Armênia, eu pensava, meu Deus, a única coisa que aprendi em ucraniano foi ‘dá’, que significa ‘sim’. Sim é ‘si’ ou ‘yes’, e em ucraniano é ‘dá’. ‘Dá’. Foi a única palavra que guardei. Aprendi mais naquele momento, mas esqueci tudo. Fui para lá pensando: ‘Meu Deus, onde me meti? Ninguém fala espanhol, ninguém fala português, só as três que falam inglês, não entendo nada.’ Eles explicavam um exercício no campo, eu não entendia nada, sempre me colocava na última posição para ver como minhas companheiras faziam e assim aprender. E claro, tinha a comida. Me pesava todos os dias, e todo dia perdia um quilo. A qualidade dos produtos não era boa, sabe, tirei fotos, o peixe estava lá há um mês, estava seco e até preto. Mas eles nunca jogam comida fora, porque não têm muito... Uma das minhas companheiras do ‘equipo’ [ela usa às vezes palavras em espanhol] me explicou que era porque eles lembravam da guerra, de quando foram atacados. Perguntei sobre a guerra. Disseram que não foi há tanto tempo, cerca de vinte anos: ‘Há vinte anos nos atacaram.’ Eu disse: ‘Vinte anos?’ Ela já vivia naquela época. Não se fala de cem anos atrás. Nem de cinquenta. Vê-se que é uma cultura... que não é uma cultura alegre. Sabe? Eles são tímidos, não olham nos olhos. Você vai ao supermercado, todo mundo olha para baixo. [Mais adiante, ela diz:] Quando voltei para a Espanha, liguei para casa: ‘Mãe, preciso te contar uma coisa. Passei três meses na Armênia jogando futebol e tal.’ ‘Na Armênia, minha filha? Sozinha, minha filha? Onde você morou, Arina, o que você comeu? Como foi?’ Então eu expliquei tudo e disse: ‘Você me vê bem, estou bem.’ ‘Ah, Arina, pelo amor de Deus, nunca faça isso de novo.’ Como sei que ela se preocupa, conto para ela depois. Primeiro faço, depois conto. Mas para minhas primas, disse: ‘Vou para a Armênia, vou deixar o endereço de onde estou, porque se algum dia eu não responder, estou aqui, na Armênia, nesta casa.’ Sempre faço isso.”

gentilmente seu convite para jantar um “verdadeiro bobó de camarão”. Ele planejava comprar os ingredientes “brasileiros” nos mercados turcos e senegaleses de Roterdã. Eles expressavam uma forte nostalgia do Brasil e grande tristeza por estarem longe de seus entes queridos. As queixas sobre o inverno rigoroso ou a língua local eram recorrentes. Já entre as jogadoras, a ideia de patriotas cosmopolitas parece mais adequada do que a de bolha, pois embora mantivessem gostos e saudade do Brasil, apreciavam o local. Entre elas, o nacionalismo aparece mais como um sentimento do que como uma ideologia.

Assim, as conclusões dessa etapa da pesquisa etnográfica mostram que, ao contrário da imagem veiculada pela mídia, esses jogadores não eram “estrangeiros”, nem “consumistas” ou “mercenários”. O ganho financeiro era apenas um dos fatores de motivação. Eles buscavam um status mais elevado em suas carreiras: competências técnicas e táticas, carisma midiático, reconhecimento pelos pares etc — ou seja, um maior capital futebolístico (Bourdieu 1988). Para minha grande surpresa, também viviam o afastamento do Brasil e sua experiência no exterior como um “sacrifício” feito em nome de sua família extensa, muitas vezes muito humilde, a quem invariavelmente ajudavam¹⁷.

A pesquisa permitiu concluir que seus valores fundamentais eram a família¹⁸ — dentro de uma estrutura patriarcal heteronormativa (Butler, 2019) —, a pátria e a fé. A palavra “Deus” aparecia frequentemente em seus discursos, o que abriu uma nova série de perguntas: por que as práticas religiosas são tão difundidas entre eles? Por que a maioria adere a confissões neopentecostais? E, mais tarde, por que votaram em Bolsonaro (B.)?

A Bíblia explica

A presença da religião entre os jogadores de futebol não é novidade — como mostra, por exemplo, a estátua de Nossa Senhora Aparecida encontrada no armário de Pelé, que permaneceu fechado por mais de cinquenta anos nos vestiários do Santos e foi

¹⁷ A placa afixada acima da lareira de Fábio, em Eindhoven, com uma mensagem de agradecimento de seus onze irmãos, ilustra bem sua generosidade familiar. Ele havia aberto uma empresa de modo a poder empregar todos os irmãos e garantir seus sustentos.

¹⁸ O pai de família (quando está presente, pois muitos vêm de famílias sem a presença do pai) permanece uma figura que deve ser respeitada. Cledison, milionário, me contou que, quando estava em São Paulo, na casa de sua família de origem, e queria “sair”, pedia dinheiro ao pai. Destinar uma casa para a mãe ao receber o primeiro ganho substancial é uma forma de respeitar um sistema de honra no qual o pai seria diminuído por esse presente

aberto por ocasião de sua morte. No entanto, o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, ainda muito presentes, predominavam no futebol até pouco. O catolicismo continua sendo a religião oficial dos clubes, enquanto as práticas do candomblé, embora silenciosas, persistem¹⁹. Mas a maioria dos meus interlocutores era evangélica, correspondendo nessa escolha a de muitos brasileiros com a mesma origem social – apenas lembrando, os evangélicos passaram de ter 15% da população brasileira em 2000 à 21,6% em 2010 e em 2023 chegaram a 26,9%, o que mostra um crescimento vertiginoso mas também uma desaceleração desse crescimento.

Essa religiosidade (ou “fé”, como preferem chamar) transforma profundamente suas práticas cotidianas (Asad,1993). Segundo eles, a fé os protege das “tentações” presentes na vida de muitos amigos de infância e colegas de profissão — drogas, álcool, relações sexuais múltiplas. Ou seja, “fé” os afasta de orgias perniciosas para o corpo de um atleta de alta performance. A fé faz com que viagem para cidades onde existem igrejas neopentecostais, promovam reuniões em suas casas, e até mesmo abram templos – como foi o caso em Munique ou em Abu Dahbi. Mesmo os jogadores católicos, como Brenno, que encontrei na Austrália, ou Lobato, no Canadá, frequentavam templos neopentecostais “para encontrar outros brasileiros”.

A fé dos jogadores de futebol é proselitista: se propaga por gestos, tatuagens e palavras, o que os torna pastores globais (Rial, 2012). Mas a fé não é apenas um calmante para as incertezas e nem uma vitamina que fortalece os músculos.. Como observei no trabalho de campo, o impacto da religião não ocorria apenas no campo profissional, apresentando um efeito muito mais amplo, transformando e construindo subjetividades.

A religião oferece uma cosmologia que ordena seu cotidiano, prescreve o que se deve e o que não se deve fazer, incentivando a autodisciplina diária e o constante monitoramento do corpo e das emoções. Obediência, autodisciplina, autocontrole,

¹⁹ No programa de rádio *Sala de Redação* da rádio Gaúcha, do 18 de março de 2025, os jornalistas presentes (Pedro Ernesto Denardin, César Cidade Dias, Leonardo Oliveira, José Alberto Andrade, Cristiano Munari, Luciano Potter e Adroaldo Guerra Filho) relataram em detalhes a história do Pai Danilo, acionado pelo Internacional e pelo Grêmio, em busca de proteção: « O Renato [treinador do Gremio] depois da conquista, foi da Copa do Brasil, ele fez aqueles dois jogos contra o Atlético utilizando uma camisa verde, não sei se vocês lembram? Aquela camisa foi doada pelo pai Danilo.»... «O Renato pagou ele em 2016 e 2017”. E “O Inter quis tanto esse Gauchão, tanto tanto, que juntou o presidente que não se fala, trouxeram o D'Alessandro já no ano passado e o D'Alessandro enlouqueceu o vestiário, e pagaram o pai Danilo”. Um diretor do Inter, atendendo pedido do fisicultor Paulo Paixão foi quem contactou o Pai Danilo para perguntar sobre a questão da dívida. « Segundo ele, era de 35 000 reais e 10 000 para o material (pipoca, porque a pipoca tem um efeito, e balas de mal, 5 mil balas de mel». O Inter pagou e ganhou o campeonato gaúcho, depois de 7 anos sem título.

autoconsciência e reflexão são alguns dos efeitos que essa ética religiosa oferece e da qual são beneficiários. Ela lhes oferece narrativas e rituais que os integram a uma visão de mundo compartilhada — uma cosmologia, diria Geertz (1973) — que substitui a anterior. Não se trata de uma explicação científica ou racional, mas de um quadro simbólico que orienta as práticas. Muitos aderiram ao neopentecostalismo por influência da família ou dos colegas. A “fé” ajuda a diferenciar o “bem” e o “mal”, e mantém os fiéis longe das “tentações” de um estilo de vida prejudicial às suas carreiras profissionais ao mesmo tempo que aderir à religião transforma-os de maneira radical, abrindo para novas experiências de vida. A fé transforma profundamente sua existência ao oferecer uma nova leitura do mundo.

Para alguns, a teologia da prosperidade ajudou a explicar a ascensão econômica vertiginosa e as profundas transformações pelas quais passam quando se transferiram para clubes globais, uma transição que não é fácil. Como indivíduos “transclasses” (Jaquet, 2023), vivem num entre-lugar: pois tem um novo status financeiro, sem com isso renegam completamente o *habitus* de sua classe de origem.

A Bíblia passa a orientar suas escolhas, oferece-lhes um sentimento de ordem, reforça hierarquias — particularmente em um universo tão estruturado hierarquicamente como o futebol — e sustenta uma visão heteronormativa de gênero, alinhada à masculinidade hegemônica (Connell, 1995).

E quanto às jogadoras, muitas também neopentecostas? Embora as mulheres pratiquem o futebol desde os primórdios desse esporte (Giulianotti 2002), sua história é marcada por contestações e proibições. Como mostra a antropóloga Caroline Almeida, no Brasil, já nos anos 1920, a jornalista Cléo de Galsan defendia o direito das mulheres ao futebol, em contradição com o discurso médico e higienista dominante. Para Galsan, o futebol era uma ferramenta fundamental para a emancipação feminina: “Elas não conseguirão nada, pois para lutar, para vencer, serão necessárias mulheres, saudáveis de corpo e alma; serão necessárias moças cujo cérebro não esteja enfraquecido por ideias românticas.” (Rial & Almeida, 2023).

Como na França, na Inglaterra ou na Alemanha no Brasil também o futebol foi proibido às mulheres — mas com a especificidade de que, aqui, essa proibição não emanou de uma Federação mas foi inscrita numa lei estatal. Ainda assim, o futebol nunca deixou de ser praticado pelas mulheres, ainda que de forma esporádica, por vezes

com a cumplicidade das autoridades locais (Esteves, 2024). Ele representava então um ato subversivo (Butler, 1990).

Quando a proibição foi revogada, 38 anos após sua instauração, em 1979, o jogo foi retomado com clubes formados em boates LGBTQ+, praticado majoritariamente por mulheres negras, lésbicas e das classes populares (Rial & Almeida, 2023).

As “pioneiras”²⁰, que encontrei no Rio de Janeiro em 2019, chegaram a participar de torneios no exterior mas em condições muito precárias²¹. E eram submetidas a preconceitos sexuais e raciais. As federações buscavam feminizá-las por meio de regulamentos que proibiam cabelos curtos e a imprensa por meio de reportagens abjetas, nas quais fotos coloridas de jogadoras brancas, sorridentes e esbeltas eram colocadas ao lado de imagens em preto e branco de jogadoras negras, com expressão fechada (Almeida, 2015).

Jogar futebol era um desafio. Não havia apoio familiar ou de vizinhos, como no caso dos homens. Assim, enquanto entre os meninos o futebol servia para reforçar uma masculinidade socialmente prescrita, afastando-os de uma feminização tida como indesejável, entre as meninas sua prática era cercada do risco de masculinização. Vencer os obstáculos, abria possibilidades de emancipação e agenciamento, subvertendo as normas de submissão feminina.

Mesmo as gerações seguintes, de jogadoras como Aline Pelegrino ou Andressa Alves, sofreram preconceitos. Andressa conta que pedia uma bola de presente a cada Natal, mas sempre ganhava uma boneca — até o dia em que decapitou a boneca para transformá-la em bola. A Nike criou então uma bola de futebol com o rosto de uma boneca em homenagem à sua história. Embora tenha jogado por clubes no Brasil, foi sua ida ao exterior que a libertou dos preconceitos. Em um contexto menos machista e graças à influência de jogadoras estrangeiras, ela pôde inclusive fazer seu coming out, no sentido dado por Sedgwick (2007).

²⁰ Pioneiras – assim são chamadas (e se autodenominam) as jogadoras que atuaram em clubes e na seleção nacional após a liberação oficial do esporte em 1979.

²¹ Fanta conta ter passado fome na China, pois não se adaptou à comida local. Ainda assim, voltou com uma medalha de bronze, em um torneio que precedeu a primeira Copa do Mundo feminina.

Por que votaram em B.?

Voltemos aos homens. E a um de meus principais interlocutores, Quirino Nogueira (QN), que ajuda a entender por que votaram em Bolsonaro. QN frequentava igrejas neopentecostais, sem nunca dizer a qual exatamente pertencia, insistindo que “só a fé importa”. Mais tarde, tornou-se pastor — uma trajetória comum entre ex-jogadores brasileiros. Mas QN foi além: deixou o mercado europeu após um sonho em que se via montado em um camelo, pregando no deserto. Instalou-se então em um país árabe — bem antes de esses países se tornarem destinos frequentes de jogadores da Seleção — e lá fundou uma igreja frequentada por mais de cem fiéis. Sua esposa tornou-se cantora gospel.

Dedicou-se inteiramente à pregação, com a mesma eloquência e estética dos pastores neopentecostais: no vestuário, na entonação, no domínio da Bíblia. Seus discursos expressam a necessidade de ordem, de uma hierarquia clara, e a defesa de um modelo familiar tradicional. Em outras palavras, um repúdio às pautas identitárias, vistas como fontes de desestabilização da ordem estabelecida, de ansiedade e de angústia (Manso, 2023). Como diversos autores mostraram (Manso, 2023, Pinheiro-Machado, 2019), foi justamente esse sistema de valores que levou muitos evangélicos oriundos das classes populares a votar em Bolsonaro.

QN, como tantos outros, publicou mensagens de apoio ao candidato B. nas redes sociais, chorou enrolado na bandeira brasileira na calçada diante da derrota do “mito”, e se juntou aos manifestantes em frente aos quartéis pedindo intervenção militar. Foi seguido por outros jogadores que viam em B. a personificação de seus valores, bem resumidos no lema “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Provavelmente, ignorava que os três primeiros elementos desse lema pertenciam ao movimento fascista brasileiro liderado pelo jornalista Plínio Salgado — a Ação Integralista Brasileira — que defendia o nacionalismo, a ordem social fundamentada na religião cristã (especialmente o catolicismo) e os princípios conservadores da família tradicional.

Foram várias as manifestações nas redes sociais. Para Rivaldo, B. representava uma escolha bíblica: ele cita em uma publicação o salmo “Um líder inteligente e sábio mantém a ordem” e, em outra, “A ordem é garantida por um dirigente sábio”. Daniel Alves escreveu em um post: “O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” — outro lema, desta vez de origem nazista, reutilizado por B. Ronaldinho, por sua vez, escreveu:

“Por um Brasil melhor, desejo paz e segurança”. Thiago, capitão da Seleção, repete o mesmo lema. Neymar publicou um vídeo conclamando o voto em B. E a lista continua.

As exceções entre os jogadores homens são raras: Paulinho, que celebra seus gols homenageando Oxóssi, seu orixá do candomblé, é o único dos mais conhecidos que se congratulou com a vitória de Lula: “o Maior Presidente da História do Brasil está de volta”, escreveu. As mulheres, ao contrário, foram mais discretas: preferiram não declarar voto, mas não apoiaram B. Andressa foi uma das que declarou publicamente que nunca votaria em B.

As mensagens dos jogadores trouxeram votos à B, influenciaram o resultado final da eleição? Difícil de medir. O que se sabe, porém, é o enorme alcance de suas declarações nas redes sociais. O exemplo dos números no Instagram é elocuente: o português Cristiano Ronaldo é a pessoa mais popular do mundo nessa plataforma — e provavelmente em muitas outras — com mais de 600 milhões de seguidores. Messi aparece em segundo lugar. O primeiro brasileiro no *ranking* é Neymar, em quarto lugar, com mais de 200 milhões de seguidores. Ele nunca foi eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA nem ganhou uma Bola de Ouro da France Football. Marta, em contrapartida, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA, tinha cerca de 2 milhões de seguidores em 2024 — ou seja, apenas 10% dos seguidores de Neymar. Ela não teve manifestações políticas explícitas mas em pelo menos uma vez deu “like” em um post elogioso à Lula.

A decepção pela derrota foi enorme e em alguns *post* se lê que acreditavam em um golpe. QN : “Tenhamos Esperança!!”. E Rivaldo foi ainda mais explícito: “...a luta continua e não vamos parar e muita coisa vai acontecer até o dia 31/12/2022”;

Após a posse de Lula, QN continuou apoiando a extrema direita, mas abandonou a estética do pastor em favor da do “coach”, própria do candidato a prefeito de São Paulo Pablo Marçal – que ficou muito perto de ir ao segundo turno nas eleições de 2022. QN segue pregando, agora sob a forma de conselhos de sucesso pessoal. Empatia, Visão, Liderança, Determinação são algumas das lições que publica em sua conta no Instagram. Durante os cultos, aparece de jeans e camiseta, deixando de lado o tradicional terno e gravata dos pastores.

Considerações finais

A ascensão dos evangélicos neopentecostais na cena política brasileira transformou profundamente o debate público, deslocando a atenção das questões econômicas para pautas morais, em particular aquelas ligadas a gênero, sexualidade e família. Para esse grupo, a moralidade bíblica se impõe como princípio absoluto, suplantando a racionalidade política e os próprios fundamentos da democracia.

Nesse contexto, a figura do convertido se opõe à do pecador, em uma lógica maniqueísta que legitima a perseguição ao “outro” — sejam adeptos das religiões afro-brasileiras, povos indígenas, pessoas LGBTQIA+, comunistas ou mesmo antropólogos. O mal ganha rosto, nome, endereço. A demonização desses grupos, associada à retórica do “inimigo interno”, alimenta discursos de fanatismo, intolerância e, em alguns casos extremos, violência.

B., embora católico, mergulhou no universo neopentecostal, adotando uma visão de mundo que oferece respostas simples a um mundo tornado complexo. Essa visão oferece a “ordem” que muitos brasileiros buscam diante das incertezas provocadas por transformações sociais profundas, especialmente aquelas promovidas por movimentos emancipatórios que desafiam o patriarcado e o binarismo de gênero. O que chamaram de “ideologia de gênero” tornou-se o símbolo dessa ameaça.

Para muitos jogadores e ex-jogadores que se tornaram influenciadores ou líderes políticos, a salvação da nação passa por mudanças individuais, por conversões, e não por transformações estruturais. Seus institutos de caridade ou pregações pastorais concentram-se na moralização do indivíduo, sem jamais abordar os mecanismos sociais que reproduzem as desigualdades. O futebol, por sua vez, com sua estrutura fortemente hierarquizada e sua lógica meritocrática, funciona ao mesmo tempo como metáfora e como modelo que responde a essa demanda por ordem.

Nesse sentido, assiste-se à emergência de uma “teologia da política”, onde o governo analisado se orienta por princípios bíblicos — frequentemente interpretados de forma literal e anacrônica — como sugere Manso (2023). A consolidação dessa lógica representa um grande desafio à laicidade do Estado e à pluralidade democrática. Subestimar a força simbólica e a coerência dessa base de apoio seria um erro analítico: ela articula crenças, afetos e visões de mundo que oferecem pertencimento e sentido em um contexto marcado pela desorientação e pelo ressentimento. No Brasil

contemporâneo, a aliança entre a bola e a Bíblia ultrapassa os bancos do Congresso Nacional e ajuda a compreender a escolha de tantos por B.

Figura 1 - Imagens citadas no artigo.



Fonte: Prints por Carmen Rial, 2025.

Referências:

ALMEIDA, Ronaldo. 2015. *A cabeça do brasileiro: uma análise da percepção da cor e da raça no Brasil*. São Paulo: Editora XYZ.

ALMEIDA, Caroline Soares de, RIAL, Carmen Silvia de Moraes. 2023. "Football, Lesbianism and Feminism in Brazil: Subversive Acts." *Soccer & Society* 25 (2): 1–13. <https://doi.org/10.1080/14660970.2023.2265200>.

APPIAH, Kwame Anthony. 1997. "Cosmopolitan Patriots." In *The Quality of Life*, editado por Martha C. Nussbaum e Amartya Sen, 591–618. Oxford: Clarendon Press.

APPIAH, Kwame Anthony. 2006. *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*. New York: W. W. Norton & Company.

ASAD, Talal. 1993. *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

ASSUNÇÃO, Viviane K.. 2011. *Alimentação de emigrantes brasileiros nos Estados-Unidos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

BOURDIEU, Pierre. 1988. *Esboço de uma teoria da prática*. Tradução de Mariana de Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

BOURDIEU, Pierre. 1992. "Os Campos do Poder." In *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*, tradução de Rodrigo Nunes, 77–109. São Paulo: Papirus.

BRZOZOWSKI, Jan. 2012. *International migration and economic development*, *Estudos Avançados*, 26 (75) p. 137-156.

BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge.

_____. 2019. *Notas para uma teoria performativa do gênero*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Annablume.

CONNELL, R. W. 1995. *Masculinities*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press.

ESTEVES, Laura. 2024. *Jogar com uma mulher*. Bate-pronto, INCTFUTEBOL, Florianópolis, V.1, n.1, 2024. Acessível em <https://www.inctfutebol.com.br/post/jogar-como-uma-mulher>

GEERTZ, Clifford. 1973. *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.

GIULIANOTTI, Richard. 2002. "Supporters, Followers, Fans and Flâneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football." *Journal of Sport and Social Issues* 26 (1): 25–46.

JAQUET, Chantal. 2023. *Transclasses: A Theory of Social Non-Reproduction*. London: Verso.

MANSO, Bruno Paes. 2023. *A fé e o fuzil: Crime e religião no Brasil do século XXI*. São Paulo: Todavia.

MARGOLIS, Maxine L. 1994. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press.

_____. 2013. *Goodbye Brazil: Imigrantes Brasileiros no Mundo*. São Paulo: Contexto.

OLIVEN, Rubén. 2025. *Megaeventos esportivos: sociologia do futebol, cultura e poder*. São Paulo: Cortez Editora.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. 2019. *Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. Barcelona: Planeta.

PINTO, Franco Dani Araújo. 2021. *Yídòng de xīngxīng: experiências e trajetórias de imigrantes chineses em Governador Valadares-MG, um território de cultura emigratória*. 2021. Tese (Doutorado em Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.

RIAL, Carmen. 2006. “Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém.” *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Madrid, v. 61, n. 2, p. 163–190. Número especial: Culturas deportivas y mercados globales y locales. <https://doi.org/10.3989/rntp.2006.v61.i2.20>.

_____. 2008. “Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior.” *Horizontes Antropológicos* 14 (30): 21–65. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>.

_____. 2012. “Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora.” *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology* 9 (2): 128–159. Acesso em 16 jul. 2025. <https://vibrant.org.br/issues/v9n2/carmen-rial-football-and-religion/>.

RIAL, Carmen, ALMEIDA, Caroline Soares de. 2024. “O ‘gênero da bola’: Mulheres e futebol na mídia.” *Revista ALCEU* 24 (52): 84–119. Acesso em 17 jul. 2025. <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/417>.

SASSEN, Saskia. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia do armário*. Tradução de Ricardo Ruiz. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SIMÕES SANTOS, Irlan. *Finanças, mídia e futebol: o modelo de multi-club ownership e inserção dos fundos de private equity*. *Revista ALCEU*, [S.l.], v. 24, n. 52, p. 199–217, 2024. DOI: 10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.408.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Paulo Neves. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

Manifestação de gênero como alternativa conceitual na leitura do futebol LGBTQIAPN+

Gender manifestation as a conceptual alternative in the reading of LGBTQIAPN+ football

Vanrochris Helbert Vieira

Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro, Brasil

Florianópolis, SC

vanrochris@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0579-9064>

Recebido em: 29 de maio de 2025

Aceito em: 18 de agosto de 2025

Resumo:

Propõe-se o conceito de “manifestação de gênero” para analisar a formação dos dois primeiros times de futebol LGBTQIAPN+ de Minas Gerais, Bharbixas e ManoTauros. A ferramenta de leitura proposta é apresentada como uma alternativa a análises baseadas nos conceitos de performatividade ou expressão de gênero. As dimensões espontânea, intencional e identitária das manifestações de gênero são acionadas como forma de apurar a análise a ser realizada. O trabalho empírico que dá suporte à pesquisa envolveu uma etnografia multissituada, com observações participantes, entrevistas e etnografia de tela. Identificou-se que, na formação desses times, o Bharbixas apresentava-se como um time afeminado, enquanto o ManoTauros busca ativamente se aproximar de uma masculinidade cisheteronormativa. Foi possível concluir que o uso do conceito de manifestação de gênero possibilitou a observação de importantes processos identitários por trás das trajetórias coletivas compartilhadas pelos membros das duas equipes.

Palavras-chave: Manifestação de gênero. Performatividade de gênero. Futebol LGBTQIAPN+. Futebol gay. Masculinidades gays.

Abstract:

The concept of “gender manifestation” is proposed to analyze the formation of the first two LGBTQIAPN+ football teams in Minas Gerais, Bharbixas and ManoTauros. The proposed reading tool is presented as an alternative to analyses based on the concepts of performativity or gender expression. The spontaneous, intentional, and identity-generative dimensions of gender manifestations are used as a way to refine the analysis to be carried out. The empirical work that supports the research involved a multi-sited ethnography, with participant observations, interviews, and screen ethnography. It was identified that, in the formation of these teams, Bharbixas presented itself as an effeminate team, while ManoTauros actively seeks to approach a cisheteronormative masculinity. It was possible to conclude that the use of the concept of gender manifestation made it possible to observe important identity processes behind the collective trajectories shared by the members of both teams.

Keywords: Gender Manifestation. Gender Performativity. LGBTQIAPN+ Football. Gay Football. Gay Masculinities.

Introdução

A primeira equipe brasileira de futebol amador composta por pessoas LGBTQIAPN¹ surgiu em 1990, em São Paulo, a partir de um grupo de amigos gays que praticavam o esporte. Naquela época, no entanto, o Real Centro ainda não se reconhecia como um time de “futebol gay” – e muito menos “LGBTQIAPN+”. Depois disso, alguns novos times foram surgindo. No entanto, somente em 2017, ocorreu um boom na criação de times compostos por pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, tendo sido criadas ao menos 12 novas equipes. Nesse mesmo ano, surgiram a LiGay, liga nacional desses times, e o Champions LiGay, campeonato nacional da liga. Também foram criados, em 2017, os dois primeiros times da cidade de Belo Horizonte: Bharbixas e ManoTauros. Naquele momento, as equipes brasileiras já se reconheciam como times de “futebol gay”. No entanto, no início da década de 2020, a nomeação oficial adotada pela LiGay foi alterada para “futebol LGBTQIA+”.² Apesar dos esforços de inclusão, a maior parte dos times ainda é formada quase exclusivamente por homens gays e bissexuais, inclusive esses dois times belorizontinos.

Foi também em 2017 que iniciei meu doutoramento, em Minas Gerais. A criação das duas equipes chamava a atenção, não apenas pela novidade que traziam, mas também pela discrepância nos perfis dos dois times, que podia ser facilmente percebida pelo contato com seus membros e pelas postagens dos dois times nas mídias sociais. Enquanto o Bharbixas se definia como uma equipe de jogadores afeminados, o ManoTauros buscava gerar uma imagem de masculinidade para si. Também se destacava a consciência que esses jogadores tinham das diferenças existentes entre eles. A discussão a seguir se baseia na proposição do conceito de *manifestação de gênero* para examinar dinâmicas presentes nos primeiros anos de existência desses dois times.

Entre 2018 e 2023, realizei uma etnografia multissituada com observações participantes em partidas, treinos e peladas das duas equipes. As idas a campo não tiveram uma regularidade fixa: eram combinadas com os interlocutores conforme datas

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, *Queers*, Intersexuais, Pansexuais, Não-binários e outras minorias relacionadas a orientação sexual, identidade de gênero, anatomia sexual e manifestação de gênero. Essa é a sigla atual que engloba uma maior gama de categorias identitárias não cisheteronormativas. Por isso, foi ela a adotada neste trabalho.

² Atualmente, as diferentes nomenclaturas ainda coexistem, com algumas equipes ainda utilizando o termo “futebol gay”, em alguns momentos. O caso do Bharbixas chama atenção nesse histórico, pois o time já nasceu se autodenominando uma equipe de “futebol LGBT”, algo precursor para aquele momento. Desde o começo, essa equipe esteve bastante engajada nas pautas de inclusão, tendo sido a primeira a contar com uma mulher na composição do time durante jogos do Champions LiGay.

consideradas mais significativas ou pertinentes por eles. Entre os eventos acompanhados estiveram o jogo comemorativo de um ano de criação do Bharrbixas, ocorrido no estádio Mineirão, e a 5ª edição do Champions LiGay. Apresentei-me aos grupos como pesquisadore e realizei uma etnografia majoritariamente baseada na observação, com interação limitada com os interlocutores. Na maior parte das ocasiões, acompanhei as interações à margem, mantendo somente algumas conversas informais. Em uma ocasião, no entanto, participei de uma pelada organizada pelo Bharrbixas, jogando com os membros da equipe presentes, parte do tempo, a convite de um dos interlocutores.

Durante o período da pesquisa, entrevistei formalmente quatro membros e ex-membros do Bharrbixas e três membros e ex-membros do ManoTauros.³ Os entrevistados foram selecionados por amostragem em bola de neve. A maior parte esteve diretamente envolvida na criação dos times, tendo ocupado cargos de liderança nas equipes. Todos eram de classe média e tinham curso superior, com idades entre 24 e 44 anos. Com base nas possibilidades fornecidas por cada interlocutor, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas – três presenciais e três por videochamada – e uma entrevista estruturada, via chat. O roteiro das entrevistas abordava suas trajetórias pessoais no futebol, a experiência deles nos times pesquisados e suas opiniões sobre o futebol LGBTQIAPN+. Todo o material foi submetido à análise do discurso.

Também, durante todo o período, realizei uma etnografia de tela (Rial, 1995)⁴, que funcionou como uma adição às observações de campo presenciais. Analisei os perfis institucionais das duas equipes no *Instagram* e no *Facebook*, observando imagens, vídeos, textos e comentários de postagens que se relacionavam com o objetivo da pesquisa. As estratégias utilizadas nessa atividade consistiram em analisar as autoimagens que as equipes construíram nessas plataformas e levantar informações

³ O número total de entrevistados (sete) coincide com o número de jogadores em uma equipe de futebol *society* (ou *fut-7*), formato oficial dos jogos do Champions LiGay. Por isso, os entrevistados foram tomados simbolicamente como o “time escalado” para a realização da pesquisa.

⁴ A etnografia de tela envolve uma observação de campo mediada por dispositivos eletrônicos, como computadores e *smartphones*. Optei pela etnografia de tela, e não por outras propostas metodológicas de etnografia online – como é o caso da netnografia (Soares; Stengel, 2021), por exemplo – pelo fato de a etnografia de tela não ser uma metodologia construída exclusivamente em torno das dinâmicas online, mas sim como uma extensão dos processos etnográficos tradicionais a partir da comunicação mediada por meios de comunicação, o que facilita o trabalho em conjunto com a observação participante realizada.

sobre eventos em que estiveram envolvidas. Todo o material observado era de acesso público.

Como também faço parte da comunidade LGBTQIAPN+⁵, o engajamento com temas relacionados à inclusão, ao respeito à diversidade permeou minhas interações com o campo. No entanto, eu não tinha familiaridade prévia com o universo do futebol. Assim, foram observados processos a partir do meu conhecimento previamente desenvolvido sobre a comunidade LGBTQIAPN+, enquanto houve um estranhamento quanto à sua aplicação no novo território do futebol – o que acabou se mostrando potente para o desenvolvimento da etnografia. Na apresentação dos resultados, foram realizados esforços para proteger o anonimato dos interlocutores, que são referidos a partir do uso de nomes fictícios.

Quando iniciei a pesquisa, ainda não havia publicações específicas sobre o fenômeno do “futebol gay” no país. Desde então, importantes autoras, autores e autoras têm desenvolvido a temática. Entre os trabalhos realizados, destaco os de Flávio Amaral e Victor Bueno (2018), que discutiram a repercussão do primeiro Champions LiGay, Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020), que abordaram a criação do primeiro time composto por homens trans e pessoas transmasculinas (o Meninos Bons de Bola), e Wagner Camargo (2021, 2022), que apresentou o resultado de etnografias realizadas em diferentes edições do Champions LiGay.

Antes de iniciar a discussão desta pesquisa, gostaria de indicar que proporei a utilização do termo “*amasculação*” para criar um paralelo com a palavra “afeminação”, reiterando o entendimento de que a masculinidade não é uma característica inata. Igualmente, substituirei “ másculo ” por “*amasculado*” para criar uma correspondência com “afeminado”. O termo “afeminado” é comumente utilizado para descrever homens com características consideradas inadequadas em relação ao gênero com o qual foram designados, sugerindo um processo “indesejado” de se tornar feminino. O termo “ másculo ”, por outro lado, é visto frequentemente como uma qualidade natural de sujeitos do gênero masculino, representando uma manifestação de gênero que, supostamente, não precisaria de marcação. Ao introduzir o termo “*amasculado*”⁶,

⁵ Eu sou uma pessoa não-binária. Para demarcar a existência dessa identidade, ainda muito invisibilizada, componho o texto a partir da utilização da linguagem neutra, por meio da qual eu me refiro a mim mesmo.

⁶ A diferenciação entre os termos “*amasculado*” e “*emasculado*” é fundamental, pois eles carregam significados distintos. Enquanto “*emasculado*” se refere a um processo de castração ou perda da virilidade, “*amasculado*” indica uma manifestação de gênero ligada aos padrões de masculinidade

pretendo ressaltar o processo dinâmico e socialmente moldado de formação das masculinidades, tal como demonstrado por Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013).

A discussão que se segue começa com uma abordagem do conceito de *performatividade de gênero*, amplamente utilizado para interpretar dados empíricos em contextos semelhantes aos desta pesquisa. Em seguida, introduzo o conceito de “manifestação de gênero”, explicando como ele se diferencia da performatividade e oferece uma abordagem alternativa a esse campo de estudos. Para realizar esta análise, divido a manifestação de gênero em três dimensões: espontânea, intencional e identitária. A partir disso, realizarei uma discussão sobre a manifestação de gênero de jogadores do Bhabixas e do ManoTauros durante o processo de formação das duas equipes, destacando aspectos que ilustram como essas manifestações de gênero se apresentavam. Finalmente, explorarei como o conceito de manifestação de gênero pode ser sistematizado para enriquecer o cenário estudado, oferecendo novas perspectivas sobre a dinâmica dos times LGBTQIAPN+ e suas interações.

Análise do gênero através da lente da performatividade

A partir do conceito de performatividade de gênero, Judith Butler (2003) afirma que a identidade de gênero não é uma essência. Ao invés disso, ela é o resultado de um conjunto de atos e gestos socialmente atribuídos aos sujeitos e repetidos ao longo do tempo. Desse modo, para o autor⁷, o gênero se forma através de ações reiteradas que criam a ilusão de uma identidade de gênero consistente, sendo equivocada a ideia de uma identidade de gênero “verdadeira”: “o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*” (Butler, 2003: 200, grifo do autor). O autor afirma que não há um núcleo psicológico da identidade de gênero, uma vez que a repetição reiterada de atos e gestos é o que cria a percepção de um eu

tradicionais. É necessário fazer essa diferenciação porque “afeminado” e “efeminado”, por outro lado, são termos intercambiáveis.

⁷ Judith Butler prefere ser referida pelos pronomes *they/them*, em inglês. Portanto, também irei me referir a esse autor por meio de linguagem neutra. Para isso, serão utilizados, principalmente, o artigo definido “ê”, o pronome pessoal “elu” e o adjetivo “autore”.

generificado, e não o contrário. Nesse sentido, não seria possível “expressar” uma essência interior, já que ela seria apenas uma construção performativa: “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (Butler, 2003: 48, grifo dê autore). Por isso, o autor destaca que é fundamental distinguir entre expressão e performatividade.

Nesse processo, Butler (2002) ressalta que as pessoas não escolhem seu gênero, tal como alguém escolhe vestir uma peça de roupa. O gênero, ao invés disso, é uma estrutura social preexistente e coercitiva que condiciona nossos comportamentos. Ao invés de sermos livres para definir nosso próprio gênero, somos coagidos a nos conformar com as normas de gênero já estabelecidas. Assim, o conceito de performatividade está ligado à forma como as normas de gênero são impostas e internalizadas de maneira obrigatória. A performatividade não é sobre uma “atuação” livre, mas sobre o gênero enquanto construção social que molda e limita gestos e comportamentos.

A performatividade do gênero sexual não consiste em eleger de qual gênero seremos hoje. Performatividade é reiterar ou repetir as normas mediante as quais nos constituímos: não se trata de uma fabricação radical de um sujeito sexuado genericamente. É uma *repetição obrigatória* de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não se pode descartar por vontade própria.⁸ (Butler, 2002: 64-65, grifo meu, tradução minha)

No entanto, o autor distingue os processos inconscientes da performatividade dos relacionados a outro conceito proposto por ele: o de “performance”, processo voluntário por meio do qual sujeitos como drag queens expõem e satirizam a artificialidade do gênero. Mas Butler (2002, 2003) enfatiza que o potencial ambivalente dos atos de gênero permite que a intencionalidade esteja presente, de certas maneiras, mesmo em processos performativos. Isso é possível devido às brechas que os sujeitos encontram nas normas regulatórias, que possibilitam resistências e deslocamentos dentro do processo de repetição de gênero. Um exemplo desse potencial pode ser visto em casais compostos por lésbicas *butch* e *femme*. Elas agem, respectivamente, de maneira

⁸ Do original: “La performatividad del género sexual no consiste en elegir de qué género seremos hoy. Performatividad es reiterar o repetir las normas por las cuales nos constituimos: no se trata de una fabricación radical de un sujeto sexuado genéricamente. Es una repetición obligatoria de normas anteriores que constituyen al sujeto, normas que no se pueden descartar por voluntad propia.”

“masculina” e “feminina”, como se parodiassem casais heterossexuais. Butler (2003) enfatiza que, quando uma lésbica *butch* reproduz uma performatividade masculina, ela não está simplesmente reiterando o modelo heterossexual, mas também desestabilizando o sistema de repetição de gênero. Butler (2003: 60) acredita que a performatividade de gênero “pode ocasionar a proliferação parodística e o jogo subversivo dos significados do gênero”. Isso porque, para o autor, as normas não apenas reforçam os binarismos, mas também permitem subvertê-los. Os sujeitos não são completamente moldados pelas normas, mas os processos de subversão só podem ocorrer dentro da lógica da repetição. Portanto, a questão não é sobre repetir ou não, mas sim sobre como repetir.

Contudo, podemos encontrar alguns desafios ao aplicarmos a perspectiva de Butler (2002, 2003) para discutir a identidade de gênero de pessoas transgêneras.⁹ Se as pessoas cisgêneras acreditam ter uma identidade de gênero em conformidade com os atos e gestos que lhes foram atribuídos desde a infância, as pessoas trans se veem pertencentes a um gênero cujos atos e gestos diferem dos que a “heterossexualidade compulsória” lhes força a adotar. Isso significa que pessoas trans são frequentemente impedidas ou coagidas para não se comportarem da forma associada ao gênero com o qual se identificam. Algumas pessoas trans passam grande parte de suas vidas agindo em conformidade com as normas relacionadas ao seu gênero de designação, mesmo não se sentindo pertencentes a ele. Isso indica que a formação da identidade de gênero delas pode não derivar apenas da repetição de atos e gestos, o que sugere que a identidade de gênero talvez não seja apenas uma ilusão gerada por essas repetições. Além disso, a visão de Butler (2002, 2003) pode não se adequar completamente, por exemplo, às discussões sobre “bichas”, homens afeminados que continuam a se reconhecer como homens apesar de suas ações e gestos reiteradamente repetidos serem frequentemente associados ao feminino (Colling; Arruda; Nonato, 2019).

Butler (2018) é bastante crítica em relação à visão, apontada por ela como dominante, de que os atos e gestos são a expressão direta de uma identidade de gênero interna. Elu argumenta que, popularmente, o gênero costuma ser percebido como um

⁹ Paul Preciado (2014) indica algumas limitações da perspectiva de Butler (2003), enfocando o papel de outras práticas, como farmacológicas, médicas e pornográficas, nos processos de formação do gênero. No entanto, a análise do trabalho de campo que realizei nesta pesquisa chama a atenção para outros desafios na aplicação do conceito de performatividade, assim como proposto por Butler (2003), que serão discutidos a seguir.

núcleo psicológico que se alinha ao sexo biológico, tal como um reflexo de algo mais profundo ou espiritual. Ê autore se refere a esse imaginário como uma “teoria implícita e popular sobre os atos e gestos como *expressivos* do gênero” (Butler, 2018: 13, grifo dê autore). No entanto, embora Butler (2018) não atribua essa visão ao campo científico, o psiquiatra Robert Stoller (1984) já havia desenvolvido uma abordagem semelhante com base em uma pesquisa com pacientes diagnosticados com “distúrbio de gênero” – apesar de Stoller (1984) ter sido um pioneiro nessa área, sua pesquisa ainda estava alinhada com algumas concepções médicas da época sobre a transgeneridade.

Stoller (1984) oferece uma perspectiva diferente em relação à identidade de gênero, sugerindo que, por volta dos dois anos de idade, as crianças já desenvolvem um núcleo da identidade de gênero, que é “praticamente imutável” depois disso. O autor reconhece a influência tanto de fatores biológicos quanto sociais na formação da identidade de gênero, mas enfatiza que os fatores sociais teriam um impacto preponderante, não sendo os biológicos “essenciais” nesse processo. Entre os fatores sociais, estão a atribuição de gênero baseada nos órgãos genitais e a interação da criança com seus familiares. Porém, para ele, esse processo não implica numa definição rígida sobre o que significa ser homem ou mulher, pois esse é um entendimento moldado e aprendido de acordo com a socialização. De acordo com o autor, a identidade de gênero se forma e se ajusta com base nas interações sociais e culturais, desafiando a ideia de uma determinação biológica. Dessa forma, mesmo defendendo uma identidade de gênero fixa, o autor se distancia de um biologicismo que poderia ser atribuído a essa perspectiva.

Nesse sentido, para Stoller (1984), a transgeneridade, por exemplo, não teria uma “causa” biológica. De toda forma, a busca por causas para os fenômenos sociais frequentemente está ligada a tentativas de intervenção e controle. Por isso, ao invés de se tentar identificar causas específicas, seria mais potente pensar que a identidade de gênero surge não porque as categorias “homem” e “mulher” são naturais, mas porque processos de socialização e fatores psicológicos fazem com que as pessoas se percebam e se identifiquem de uma dessas formas. A partir dessa perspectiva, seria possível supor que a identidade de gênero é uma construção que não se restringe às imposições da heterossexualidade compulsória, sendo formada também por uma formação mental que transcende a aparência externa. De todo modo, o corpo desempenha um papel crucial nesse processo, refletindo a história individual e as influências culturais e discursivas.

Afinal, como afirma Guacira Louro (2000: 71), “o locus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras”.

Durante a 5ª edição do Champions LiGay, ocorrido em Belo Horizonte, em 2019, realizei algumas entrevistas complementares com jogadores de outros times do país. Para um dos jogadores entrevistados, as pessoas possuem *tendências pessoais* para agir de forma mais “masculina” ou mais “feminina” em relação a gênero: “tem pessoas que têm tendências, né? A serem mais másculas, e tem pessoas que têm tendências, a palavra que é utilizada, mais afeminada. E, no mundo gay, tem essas diferenças”. Se ele estiver certo, poderíamos pensar, em conformidade com a discussão anteriormente realizada, que essas tendências não são resultado de predisposições biológicas para agir “como homem” ou “como mulher”, mas sim para adotar certos comportamentos que são *associados* a cada gênero a partir de *leituras culturais*. No contexto do Bhargixas, foi possível observar que a identificação com figuras midiáticas, como a cantora Anitta, indica que *identificações culturais* e referências externas não normativas podem influenciar e moldar as manifestações de gênero.

Finalmente, uma abordagem mais integrada para compreender a construção da identidade de gênero poderia transcender a *dicotomia entre expressão e performatividade* (Butler, 2002; 2003). Ao invés de entender a repetição de atos e gestos como um processo unidirecional, que engendra a identidade de gênero, poderíamos considerar esse processo como marcado por uma *mútua afetação*, em que a identidade de gênero também influencia a forma como os indivíduos adotam esses atos e gestos. Esse ciclo pode sugerir que a identidade de gênero não é apenas o resultado de uma repetição obrigatória, mas também um fator que reforça essas repetições. Além disso, a *identificação* com figuras masculinas ou femininas, por exemplo, poderia desempenhar um papel na formação da identidade, integrando outras influências externas ao processo. De toda forma, ao focar na “*manifestação de gênero*”, podemos obter uma perspectiva alternativa que observa como os atos e gestos se manifestam sem precisar determinar sua origem.

Enfoque na manifestação de gênero

De acordo com a *abordagem pragmatista* proposta por William Thomas e Dorothy Thomas (1928), o que é considerado real pelos sujeitos torna-se real em suas consequências.¹⁰ Essa perspectiva desvia-se da busca pela “natureza” ou “essência” dos fenômenos e foca nos seus significados e repercussões (França; Simões, 2014). Em vez de tentar identificar uma ontologia, o pragmatismo se concentra nos *resultados* dos processos. Quando aplicamos essa visão ao conceito de gênero, o foco se desloca para como as *manifestações* de gênero são percebidas e para os efeitos sociais que produzem; não para a natureza – “verdadeira” ou não – das identidades de gênero. Afinal, a partir da perspectiva defendida por Thomas e Thomas (1928), a forma como uma pessoa é identificada socialmente tem implicações reais tanto para ela quanto para seus interlocutores. A afeminofobia, que é a discriminação contra pessoas consideradas afeminadas, por exemplo, pode se manifestar até mesmo contra homens cisgêneros e heterossexuais. Isso se dá porque certas manifestações de gênero provocam reações e são percebidas socialmente de formas específicas.

No contexto dos times de futebol LGBTQIAPN+ analisados, observei que indivíduos identificados como homens podem adotar comportamentos que não seguem padrões de masculinidade. Isso desafia tanto a noção de *expressão de gênero* – que aponta que se identificar como homem levaria a um comportamento masculino – quanto a ideia de *performatividade de gênero* – que sugere que a repetição de atos “femininos” conduziria à ilusão de ser uma mulher. Para tentar entender como essas questões se colocam no âmbito do futebol LGBTQIAPN+, proponho aqui o conceito de “*manifestação de gênero*”, que se distancia da *dicotomia entre performatividade e expressão de gênero* e se concentra no que é efetivamente observado. Em vez de se questionar sobre a origem da identidade de gênero, seja ela um núcleo psicológico ou o resultado da repetição de atos e gestos – em outras palavras, se ela surge *do lado de dentro* ou *do lado de fora* –, a manifestação de gênero enfoca em como o gênero se apresenta de forma concreta.

Tanto a performatividade quanto a manifestação de gênero envolvem uma *externalidade* do gênero. No entanto, enquanto a performatividade criaria a ilusão de uma identidade de gênero correlata, a manifestação de gênero não está necessariamente

¹⁰ Esse postulado é conhecido como “Teorema de Thomas”.

ligada a uma identidade específica – seja ela real ou fictícia. Assim, qualquer pessoa pode apresentar atos e gestos relacionados ao feminino, por exemplo, independente de se identificar como homem ou como mulher. Da mesma forma que a expressão de gênero, a manifestação de gênero pode estar associada à *internalidade* do gênero, a partir de “tendências” pessoais para agir de certas maneiras, como consideramos anteriormente. No entanto, essas tendências não precisam estar conectadas à identidade de gênero do indivíduo. Isso desafia a ideia de que a forma como o sujeito se comporta em relação a gênero deve corresponder a uma identidade pré-definida.

A manifestação de gênero se reflete de várias maneiras, sendo uma das mais evidentes a *caracterização corporal* dos sujeitos em relação aos padrões de leitura culturalmente compartilhados. Esses padrões podem incluir a aparência física, a voz, os gestos, etc., todos lidos a partir das normas sociais específicas sobre o que é considerado masculino ou feminino. Tais aspectos são centrais porque estão diretamente impressos no *corpo*, incidindo fortemente na percepção que os outros têm do indivíduo. Esse aspecto da manifestação de gênero inclui *características anatômicas*, como ter barba ou seios, *elementos inscritos no corpo*, como roupas e maquiagens, e também a forma como os *gestos corporais* são realizados, como a maneira como a pessoa se movimenta ou fala. Além disso, a manifestação de gênero também pode abranger *preferências pessoais*, como brincar de boneca ou jogar futebol, e *atribuição de características* associadas a diferentes gêneros, como força ou sensibilidade, que são avaliadas como virtudes ou defeitos com base na conformidade com as normas de gênero. Portanto, a forma como uma pessoa manifesta seu gênero pode alinhar-se ou entrar em desacordo com as expectativas sociais, refletindo uma ampla gama de possibilidades.

É importante destacar que *não há um padrão binário* para a manifestação de gênero. Uma mesma pessoa pode ser *considerada* afeminada ou amasculada, dependendo de como seus comportamentos e características são vistos. Na realidade, todas, todos e todes nós combinamos elementos tradicionalmente associados a ambos os gêneros. Nesse sentido, a relação entre a identidade de gênero *não-binária* e uma manifestação de gênero “andrógina”, por exemplo, é equivocada. *Todas, todos e todes nós* manifestamos padrões relacionados a ambos os gêneros normativos, em diferentes proporções. Até mesmo a discussão sobre performatividade de gênero (Butler, 2003) enfatiza que a reprodução de gênero nunca é perfeita. Dessa forma, é possível identificar pessoas afeminadas (com manifestações de gênero percebidas como

femininas) ou amasculadas (com manifestações de gênero percebidas como masculinas), independentemente de sua identidade de gênero (homens, mulheres, não-binários, etc.). Nesse sentido, as categorias “*afeminação*” e “*amasculação*” podem ser vistas justamente como maneiras de conceituar manifestações de gênero dentro de um esquema binário, que pressupõe uma conexão com padrões masculinos ou femininos.

A manifestação de gênero pode resultar tanto de escolhas deliberadas quanto de apresentações espontâneas. A *manifestação de gênero espontânea* é aquela que não passa por uma decisão reflexivamente construída, mas sim pela forma como o indivíduo se apresenta de forma involuntária. Por exemplo, um menino afeminado não escolhe ser afeminado. Ele simplesmente manifesta essa característica espontaneamente. Alguns meninos afeminados podem até tentar se amascular sem conseguir fazer isso. Isso é exemplificado pelo depoimento de um jogador de vôlei gay entrevistado por Jarlson Silva, Iraquitan Caminha e Bertyza Fernandes (2021: 313) que relata a experiência de ser afeminado sem intenção ou esforço consciente para se comportar desse modo: “sofri na escola, talvez pelo meu jeito, meu comportamento, e não era nada proposital, era de mim mesmo, aquele que você às vezes tem um trejeito, uma coisa mais afeminada, que você não percebe, que você não faz esforço para que aquilo aconteça, mas acontece”. Da mesma forma, a amasculação espontânea é vivida por parte dos meninos sem que eles tenham a intensão consciente de moldar seu comportamento de acordo com as normas de gênero masculinas. Esse tipo de manifestação revela como aspectos de gênero podem emergir de forma espontânea, sem interferência, escolha ativa ou tentativas de conformidade com padrões normativos.

No entanto, a influência da afeminofobia pode levar meninos a adotarem comportamentos mais amasculados como uma forma de evitar preconceitos e violências associados à afeminação, tornando a manifestação de gênero uma escolha estratégica em resposta a essas pressões sociais. Nesse cenário, surge uma *manifestação de gênero intencional*, sendo adotada estrategicamente pelo indivíduo para alcançar objetivos específicos. Dessa mesma forma, uma pessoa que espontaneamente se apresenta de maneira amasculada pode adotar uma manifestação afeminada para ridicularizar a afeminação, por exemplo. Por outro lado, alguém que se manifesta espontaneamente de forma afeminada pode reforçar ainda mais essa característica; ou alguém que se manifesta espontaneamente de forma amasculada também pode decidir intensificar essa

apresentação. Assim, podem ocorrer sobreposições entre as manifestações de gênero espontâneas e intencionais. As observações realizadas em campo revelam que, no Bhabixas e no ManoTauros, essas dinâmicas eram frequentes, com membros ajustando aspectos de sua manifestação de gênero conforme diferentes estratégias. Isso mostra que a *dicotomia entre performatividade e performance* (Butler, 2003) também não se aplicaria da mesma forma ao pensar o gênero a partir de sua manifestação, uma vez que os conceitos de performatividade e performance se sobreporiam menos, sendo a performance uma prática voluntária, enquanto a performatividade só carregaria intencionalidade de forma mais potencial e restrita.

Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato (2019) propõem uma abordagem alternativa para entender as dinâmicas de gênero de gays afeminados, adaptando o conceito de performatividade de Butler (2003) e introduzindo o termo “perfechatividade de gênero”. Essa expressão se refere à gíria “fechação”, usada para representar uma forma de manifestação de gênero hiper-afeminada. Os autores investigam se esse comportamento pode ser analisado através da lente da performatividade de Butler (2003), dando a ver uma repetição de atos de gênero que desafia as normas sociais, ou se deve ser entendida como uma performance consciente e deliberada, semelhante ao comportamento das drag queens descrito pelo autor. A pesquisa revela que a distinção entre performatividade e performance não é suficiente para capturar a complexidade da perfechatividade, indicando que esse fenômeno não se encaixa perfeitamente em nenhuma das categorias propostas.

[...] os gays afeminados e fechativos nos ensinam muito mais do que a oposição entre performance e performatividade. Essas gays (assim no feminino, como muitas delas se autoidentificam) também borram a fronteira entre performatividade e performance de gênero, fronteira essa que, paradoxalmente, como vimos, foi pensada por Butler de forma rígida, talvez pela necessidade de responder aos seus críticos. (Colling; Arruda; Nonato, 2019: 23)

Os autores destacam que gays afeminados frequentemente intensificam seu comportamento afeminado em algumas situações, sugerindo que, nesses momentos, a ideia de performance pode ser mais adequada para descrever suas ações. No entanto, em outras circunstâncias, quando sentem que podem se colocar em risco por causa da afeminofobia, esses indivíduos podem suavizar a sua afeminação e adotar comportamentos mais alinhados com a masculinidade, refletindo uma estratégia

consciente de ajuste. Essa alternância entre “ficar molinho” e “ficar durinho”, como dizem os autores, pode demonstrar uma dinâmica entre manifestações de gênero mais espontâneas e mais intencionais, sugerindo uma adaptação contínua às demandas sociais e pessoais.

No entanto, a distinção entre “ficar molinho” e “ficar durinho”, segundo os autores, não deve ser vista como uma separação rígida, pois, frequentemente, esses estados se entrelaçam. Isso porque, mesmo quando um indivíduo adota comportamentos mais amasculados, traços de afeminação resultantes de repetições anteriores podem persistir. Da mesma forma, durante a manifestação afeminada, características de masculinidade, que são emuladas em outros momentos, podem emergir sem intenção. Para os autores, essa dimensão do fenômeno pode ser melhor compreendida através do conceito de performatividade de gênero: a repetição contínua de gestos e comportamentos resultaria na internalização deles, revelando uma limitação na habilidade de controlar completamente a forma como se apresentam. De acordo com os conceitos que proponho neste artigo, essas observações indicam a impossibilidade de separar nitidamente as manifestações de gênero espontâneas e intencionais. Gestos espontâneos podem ocorrer *em meio* a uma manifestação de gênero intencional, assim como gestos intencionais podem se tornar tão *habituais* que são *repetidos* de forma *irrefletida*.

Na análise do Bhargava, observei que alguns jogadores exibiam comportamentos que poderiam ser interpretados como caricaturas ou estereótipos de afeminação, especialmente durante os jogos e em postagens nas redes sociais da equipe (como abordarei na seção seguinte). Essa manifestação de gênero, às vezes percebida como uma forma de “zoação” ou brincadeira, sugere que, em alguns momentos, a exibição de traços afeminados pelos integrantes do time poderia ser *mais intencional do que espontânea*. O mesmo vale para a manifestação mais amasculada dos membros do ManoTauros. Esses comportamentos, semelhantes às performances descritas por Butler (2003), servem a propósitos específicos e têm implicações políticas. Em vez de simplesmente refletir a “identidade” desses sujeitos, essas *potencializações* podem reafirmar e *defender* uma forma de manifestação de gênero que é espontânea para o indivíduo, mas que, ao ser apresentada de forma *hiperbólica*, adquire uma nova dimensão política e social.

Para examinar os times Bharbixas e ManoTauros, considerar a afeminação e a amasculação apenas como aspectos de performatividade, sem concebê-las como elementos centrais das suas identidades, pode levar a uma compreensão incompleta dessas experiências. Isso porque essas características podem ser fundamentais para a forma como esses sujeitos se percebem e se definem. Tradicionalmente, a identidade de gênero é discutida em termos de categorias como homem, mulher ou não-binária, por exemplo, mas a análise dos times nos mostra que a afeminação e a amasculação também podem formar identidades próprias através do que chamo de *manifestação de gênero identitária*. Essa abordagem considera um entrelaçamento entre manifestação e identidade na construção do gênero, como a manifestação – ser afeminado ou “masculino” (amasculado) – tornando-se parte integrante de como essas pessoas vivem e compreendem suas próprias identidades.

Bharbixas e ManoTauros

O ManoTauros emergiu como uma cisão do Bharbixas, aproximadamente seis meses após a criação do primeiro time. Desde o início do Bharbixas, porém, já havia indícios da existência de uma tensão interna, uma vez que os fundadores do novo time apresentavam um grande distanciamento em relação ao restante da equipe. Dessa forma, a formação do ManoTauros foi uma consequência da dinâmica interna já existente, refletindo fortes diferenças entre os primeiros membros do Bharbixas. Roberto (Bharbixas) lembrou que, quando foi convidado a participar do grupo de *WhatsApp* do time, logo após a sua fundação, percebeu que o grupo estava dividido em dois.

No início, eu entrei, tava uma discussão danada no grupo. Era uma confusão danada. Era claro que tinham dois movimentos. Um de pessoas que queriam jogar futebol. Parecia que eram os mais focados só no futebol e, pela forma como se expressavam, pela forma como as discussões caminhavam, *parecia ser até cis mesmo ou hétero...* Não hétero próprio. Mas o jeito que o outro grupo era, pelo que eu entendia, pelo que eu via, ouvia dos áudios, via os memes que mandavam, era um grupo de pessoas talvez mais afeminadas e que tavam pensando não só no futebol, mas no movimento. E isso criou uma discussão principalmente no nome do time. E quem não concordava com “Bharbixas” falava exatamente que não queria reproduzir o conceito de bicha, que não queria levar isso e que queriam nomes de times mesmo de futebol. Igual depois nasceu “ManoTauros”, que foi um outro time de um ex-membro que saiu e fundou. (Roberto, Bharbixas)

Naquele momento, tanto os membros que permaneceriam no Bharbixas quanto os que viriam a formar o ManoTauros ainda faziam parte da mesma equipe, tornando difícil identificar qual deles representava a “verdadeira” identidade do time. Havia uma tensão latente em torno de qual modelo de masculinidade deveria prevalecer. Fora desse contexto, o homem másculo e viril representa o padrão hegemônico (Connell; Messerschmidt, 2013). Contudo, dentro do time, essa hierarquia não se estabelecia automaticamente. Roberto (Bharbixas) relembrou que, na definição da identidade visual da equipe, surgiram diversos conflitos entre os membros: “alguns que não queriam rosa, alguns que não queriam o vequinho lá. Não queriam nada que ligasse ao LGBTQI+. Algumas pessoas queriam um meio pra jogar futebol com gays, mas que fosse do mesmo jeito praticamente que é o hétero cis”. Esse contraste deixava evidente a polarização: enquanto um grupo buscava se distanciar de signos associados à comunidade LGBTQIAPN+, aproximando-se da cisheteronormatividade, o outro grupo abraçava esses signos como parte de sua identidade coletiva. As posições não só eram diferentes, como também opostas. Roberto (Bharbixas) contou que, quando participou de uma pelada do time pela primeira vez, ele constatou que a divisão já evidente no *WhatsApp* também se refletia no espaço físico em que eles jogavam.

Cheguei lá, e o que que eu vi? Exatamente dois grupos. Num canto, um grupo de gays padrão cis, com camisas de time, camisas, sei lá, do Cruzeiro, do Atlético, do Flamengo, da Argentina, e batendo bola, brincando com a bola já. Conversando mais grosso, com um estilo *muito mais padrão*. E, de um outro lado, uns gays mais afeminados dançando, tocando Beyoncé, Anitta, e a galera dançando e rebolando. (Roberto, Bharbixas)

Portanto, a separação entre os grupos não era apenas ideológica: ela se manifestava também de forma concreta, por meio de um isolamento espacial. Pedro (Bharbixas) defendeu que a afeminação de alguns membros do time foi um dos principais fatores que motivaram o distanciamento dos fundadores do ManoTauros.

O nosso treinador, o Eduardo, ele jogava com a gente, saiu do Bharbixas e montou o próprio time. Pelo fato também do nosso time se orgulhar de ser um time afeminado, isso talvez tenha afastado ele. Aí, ele montou o ManoTauros, que é o time dele. O time que surgiu foi basicamente isso, tipo: “ah, não quero fazer parte dessas bichinhas aí não, vou montar meu time”. aí, é o ManoTauros [‘Tauros’ dito com ênfase e voz grave], sabe? Coisa máscula [‘máscula’ dito com voz grave e rouca]. (Pedro, Bharbixas)

Ângelo (ManoTauros) também destacou essa tensão como um fator decisivo para a cisão, indicando o que desejavam ao criar o ManoTauros.

No início, a gente tinha uma... assim, *pelas falas não faladas*, a pretensão era um time mais... é... Odeio essa palavra, mas fica muito nesse sentido de um time mais *heteronormativo*... é... que fosse o oposto do que é o Bharbixas. Mesmo porque a gente saiu de lá meio que também por um tantão de coisa, mas também por isso. (Ângelo, ManoTauros)

Mesmo não gostando do termo “heteronormativo”, Ângelo (ManoTauros) acreditava que essa era a melhor palavra para descrever o tipo de masculinidade que os fundadores do time almejavam. Ele citou as fotos compartilhadas nas redes sociais pelos membros do Bharbixas como exemplo da insatisfação que o ManoTauros sentia em relação à estética e à identidade daquele time. A Figura 1 ilustra o estilo de imagens produzido pelo Bharbixas, enquanto a Figura 2 apresenta o padrão visual adotado pelo ManoTauros.

Figura 1 – Foto da equipe do Bharbixas em 19 de maio de 2018



Fonte: *Instagram/Bharbixas*

Descrição: A equipe do BhARBixas está uniformizada e posando com a bandeira LGBTQIAPN+, com diversos jogadores fazendo poses afeminadas.

Figura 2 – Foto da equipe do ManoTauros em 12 de julho de 2018



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: A equipe do ManoTauros posa uniformizada com a bandeira do time, em uma formação séria e com os braços cruzados.

Portanto, para Ângelo (ManoTauros), as manifestações de gênero presentes nas fotos do BhARBixas pareciam exageradas ou caricaturais, e não uma manifestação legítima e autêntica da identidade de seus membros.

Uma das coisas que pegou quando a gente saiu do BhARBixas, que o BhARBixas faz questão de *estereotipar* as fotos. A palavra que eu queria usar é mais que estereotipar... É uma *caricatura* de um gay que pode existir talvez no imaginário hétero, no imaginário gay e que a gente acha que muito mais aumenta o preconceito do que diminui. (Ângelo, ManoTauros)

Ângelo (ManoTauros) também compartilhou as preocupações que os membros fundadores do ManoTauros tiveram ao criar a identidade do time. Ele mencionou, por exemplo, o processo de escolha do nome da equipe.

Juntou duas coisas que a gente queria, que é uma coisa aterrorizante do Minotauro, aquele homem forte, e a questão de falar: “*não somos viadinhos*”. Aí, teve essa fusão de duas coisas: O “mano” pra falar: “olha, não é um time... embora seja gay, não se posiciona como caricatura”. Acaba que seria a *caricatura de outra coisa*, né? (Ângelo, ManoTauros)

Assim, o processo de formação do ManoTauros foi marcado por um esforço deliberado para evitar que os seus membros fossem considerados “viadinhos”, um termo que, usado no diminutivo, carrega conotações pejorativas e de inferioridade. Os fundadores do time não apenas buscavam evitar essa associação, mas também queriam se distanciar totalmente da imagem estereotipada que eles acreditavam que ela representava. Para conseguir isso, optaram pelo uso do termo “mano”, que remete a um gay amasculado, mais alinhado a um padrão masculino dominante. Embora Ângelo (ManoTauros) reconhecesse que esse modelo de hipermasculinidade pudesse ser interpretado como uma caricatura, ele parecia acreditar que, nesse contexto, essa caricatura tinha mais legitimidade. Isso se aproxima da ideia de que, para ser visto como um “homem de verdade”, os gays precisam apresentar uma manifestação de gênero viril e alinhada com a masculinidade hegemônica, incluindo, por exemplo, voz grave e gestos firmes, como afirmam Aparecido Reis, Angelo Ferro e Felipe Rodrigues (2022).

Ângelo (ManoTauros) também compartilhou detalhes sobre como o mascote do time foi desenvolvido para reforçar essa identidade.

Lá no início, eu, o Eduardo e o outro fundador do ManoTauros, quando a gente contratou o cara pra desenhar a logo do time, a gente pediu: “oh, a gente quer uma coisa *extremamente masculina*, aterrorizante, que passasse a sensação de medo”. O desenho tinha que ser *bem másculo*, forte e aterrorizante. E nessa sequência: bem másculo, passar essa sensação de masculinidade. Tanto é que, na época: “como é que vai fazer pra caracterizar que é um time gay?” O Eduardo: [com voz brava] “oh, *não vai ter nada de caracterização de time gay!*” Aí, no fim das contas, aí sim, colocou uma pulseirinha nele que é de gay. E eu tinha pedido uma argola, o cara me coloca um *piercingzinho todo mulherzinha*... (Ângelo, ManoTauros)

A Figura 3 ilustra o mascote do ManoTauros, que exibe uma expressão agressiva e um corpo musculoso, ilustrando força e masculinidade. Renan Moura (2022) observa que, entre os gays, um corpo musculoso é frequentemente associado à

superioridade, e a força física é vista como a manifestação máxima da virilidade. Em contraste, a Figura 4 apresenta o mascote do Bhabixas, um veado em uma pose afeminada, similar àquela adotada pelos membros nas fotos das mídias sociais. Essa imagem reflete a manifestação de gênero mais afeminada que caracteriza a imagem coletiva do time.

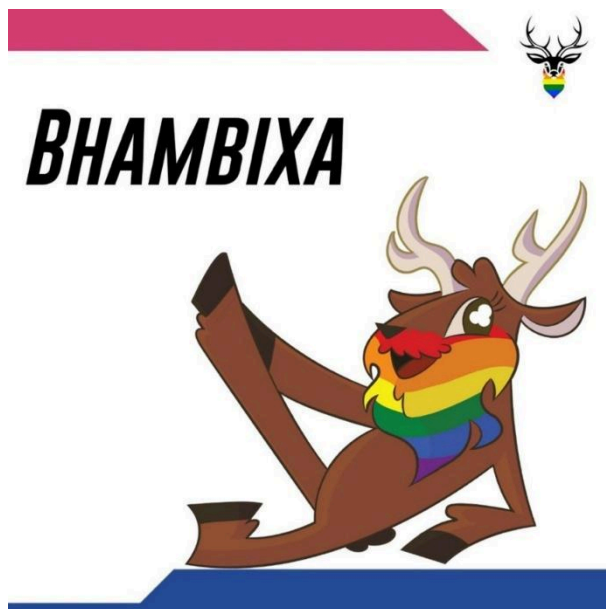
Figura 3 – Mascote do ManoTauros



Fonte: ManoTauros

Descrição: Minotauro forte e bravo, exibindo os músculos e com as cores da bandeira LGBTQIAPN+ visíveis nos pulsos. Abaixo dele, está escrito “ManoTauros F.C”.

Figura 4 – Mascote do Bharbixas



Fonte: *Instagram/Bharbixas*

Descrição: Caricatura de um veado posando de forma afeminada, com a barba nas cores da bandeira LGBTQIAPN+. Acima dele, está a palavra “Bhambixa”.

Conclusão

A análise das manifestações de gênero dos membros do Bharbixas e do ManoTauros durante a formação desses times revela uma diversidade na forma como pessoas com a mesma identidade de gênero – uma vez que todos se identificavam como homens gays ou bissexuais – podem se manifestar. Foi possível observar que, além de muito distintas, suas manifestações podem ser até oposicionais. Isso demonstra que as manifestações de gênero não estão necessariamente vinculadas às identidades de gênero desses sujeitos, o que desafia as noções tradicionais que correlacionam a expressão ou a performatividade à identidade de gênero do indivíduo – seja ela vista como real ou imaginária.

Por outro lado, esse processo contribui para a formação de autopercepções distintas, evidenciando o surgimento de manifestações de gênero identitárias. Afinal, os

membros desses grupos desenvolvem imagens de si fortemente baseadas em suas manifestações de gênero, tornando a afeminação ou a amasculação componentes importantes da forma como eles se veem. No caso dos integrantes do ManoTauros, a amasculação foi reforçada por meio de uma manifestação de gênero intencional para construir uma masculinidade gay que se aproxima das normas cisheteronormativas. Esse processo demonstra uma busca ativa por autodefinição, em que a masculinidade é deliberadamente moldada e ajustada na busca por uma conformidade com os padrões hegemônicos.

Além disso, o estudo revela que a manifestação de gênero não se limita a processos individuais, mas também é um fenômeno coletivo moldado e expresso pelo grupo. Cada equipe desenvolveu um padrão de manifestação de gênero próprio que ia além das características individuais dos membros, resultando em uma identidade coletiva representada por nomes, símbolos, mascotes e imagens compartilhadas nas redes sociais. Nesse sentido, o Minotauro e o veado serviam como personificação dos membros desses grupos. No entanto, essa representação coletiva nem sempre reflete a realidade de todos os integrantes, sendo esse um dos fatores que levaram ao afastamento dos fundadores do ManoTauros. Porém, ao rejeitarem uma manifestação de gênero que consideravam excessivamente afeminada, eles deram a ver que a afeminofobia pode moldar esses coletivos, desvalorizando ou estigmatizando a afeminação.

A análise revela uma interação dinâmica entre manifestações de gênero espontâneas e intencionais, em que uma pode reforçar a outra. A manifestação espontânea de gênero, ao começar a moldar uma identidade específica, pode ser intensificada ou exagerada de forma deliberada para fortalecer essa identidade. Ambos os times realizavam esse processo, e a amplificação consciente das manifestações de gênero tornou-se um ponto central na dinâmica entre os dois grupos, resultando em uma forte divisão e oposição entre eles.

É necessário, no entanto, apontar algumas limitações da análise realizada. A primeira é o recorte temporal enfocado, relativo aos primeiros anos de formação das duas equipes. A última etapa do trabalho de campo apontou que, a partir do início da década de 2020, as diferenças entre os times começaram a se arrefecer, com a hipermasculinidade se tornando uma característica buscada menos ativamente pelo ManoTauros. Além disso, o Bhargixas diminuiu significativamente suas atividades a partir desse período, o que levou a uma relação interacional menor entre os dois times.

Por isso, o quadro apontado não deve ser visto como uma constante nas dinâmicas do futebol LGBTQIAPN+, mas sim como uma possibilidade de interação situacional e localizada, capaz de revelar dinâmicas de gênero possíveis, mas não obrigatórias, nesse espaço. O que não significa que ela não possa trazer elementos capazes de elucidar outros quadros interacionais, servir como ferramenta para análises futuras e contribuir para uma maior compreensão de determinados processos de gênero.

Em segundo lugar, é preciso lembrar que os times analisados compunham-se quase exclusivamente por homens gays ou bissexuais, estando todos os sujeitos entrevistados nesse perfil. Isso indica que as dinâmicas encontradas estão muito relacionadas a manifestações de gênero de homens gays ou bissexuais, não sendo possível transferi-las automaticamente para a leitura de vivências de outros sujeitos LGBTQIAPN+. Além disso, a amostra da pesquisa inclui apenas dois times, com entrevistas em profundidade com um grupo restrito de jogadores. Isso significa que foi privilegiado um trabalho qualitativo, a fim de buscar possibilidades potentes a serem aprofundadas, mas não cobrindo todo o leque de vivências existente nesses times e, muito menos, em todo o contexto do futebol LGBTQIAPN+. Esse é, ainda, um terreno de pesquisa pouco explorado, cuja necessidade de novas pesquisas continua pungente.

De todo modo, os processos de formação do Barbixas e do ManoTauros indicam que as manifestações de gênero desempenham um papel importante tanto na formação de histórias individuais quanto na constituição de grupos e trajetórias coletivas. As categorias de manifestação de gênero – espontânea, intencional e identitária – mostraram-se importantes para expandir a compreensão desse fenômeno. O enfoque no conceito de manifestação de gênero, ao invés de alternativas como performatividade ou expressão, permite um deslocamento analítico que foca mais nos efeitos gerados pelos processos de gênero do que em sua gênese. Essa abordagem não rejeita totalmente a análise de origens, pois a intencionalidade é um aspecto considerado, mas propõe um caminho alternativo de exploração: sob a perspectiva pragmatista, a intencionalidade está relacionada ao pensamento voltado para a ação (Braga; Gastaldo, 2009). Esse enfoque pode abrir novas possibilidades para investigar questões de gênero, proporcionando uma visão alternativa dos fenômenos e revelando diferentes aspectos e implicações.

No entanto, esses resultados também nos mostram que, apesar das diferenças entre os conceitos de performatividade de gênero e manifestação de gênero, ambos os

quadros interpretativos nos levam a perceber que nossas ações são construídas com base em modelos existentes e que até mesmo o que acreditamos ser nossa própria vontade é formado a partir da internalização de pressões externas. Isso pode ser visto, por exemplo, nos esforços dos membros do ManoTauros para se amascularem. No entanto, assim como nas possibilidades de encontrar brechas na repetição das normas, identificadas pelo conceito de performatividade, manifestações intencionais de gênero também podem emergir da resistência à reprodução de normas, permitindo subversões, como no caso dos BhARBixas. Assim, manifestação de gênero e performatividade de gênero também podem, sob determinados aspectos, ser vistas como dinâmicas correlacionadas.

Mencionei como o conceito de performatividade pode ser usado como uma lente analítica para entender como manifestações intencionais de gênero podem internalizar gestos que são, então, reproduzidos automaticamente pelos sujeitos. Seria possível pensar também pensar em outras contribuições entre esses conceitos, que podem ser exploradas em pesquisas futuras, como o uso da sobreposição entre manifestações de gênero espontâneas e intencionais para investigar possíveis relações entre processos de performatividade de gênero e performance de gênero. Articulações como essas podem nos ajudar a compreender processos complexos, cuja leitura se beneficiaria da combinação de diferentes perspectivas.

Assim, novas investigações e aplicações do conceito proposto de manifestação de gênero seriam necessárias para levar a um entendimento mais conclusivo sobre o potencial e a pertinência dele para ser usado de forma independente ou para ser tomado como complementar ao conceito de performatividade de gênero. Neste último caso, as formas concretas como esses conceitos poderiam se articular ainda demandariam ser mais plenamente determinadas em futuros esforços de pesquisa.

Referências

AMARAL, Flávio Cavalcanti Pinto do; BUENO, Victor Pimenta. *Midiatizando performances da representatividade: a abordagem do futebol gay pelo GloboEsporte.com*. Anais do VII Seminário de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2018. p. 253-266.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. *O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos*. FAMECOS, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p. 78-84, ago. 2009.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: Jiménez, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgressoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icària Editorial, 2002. p. 55-80.

BUTLER, Judith. *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: Caderno de Leituras n. 78. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2018. p. 1-16.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-13, mai./ago. 2021.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Notas de pesquisa sobre o “futebol LGBT” no Brasil*. In: CRFB. *Corpos e campos plurais: a diversidade no futebol*. São Paulo: ID Brasil Cultura; Educação e Esporte, 2022. p. 33-42.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. *Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Escola de Chicago. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata

Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 138-146.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez. 2000.

MOURA, Renan Gomes de. *A representação da masculinidade hegemônica e do viril nas capas de uma revista homoerótica como fonte de reprodução da masculinidade hegemônica*. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 317-337, jan./jul. 2022.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

REIS, Aparecido Francisco dos; FERRO, Angelo Luiz; RODRIGUES, Felipe de Moraes. “Gosto de homem com jeito de homem”: as configurações do desejo, da atração e da sexualidade na busca pela masculinidade ideal. RECIMA21, Jundiaí-SP, v. 3, n. 2, p. 1-19, fev. 2022.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. *Antropologia e mídia: breve panorama das Teorias da Comunicação*. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, n. 1, p. 4-64, jan./dez. 1995.

SILVA, Jarlson Carneiro Amorim da; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FERNANDES, Bertyza Carvalho de Falcão. *Preconceitos no esporte escolar: um contexto de discursos heteronormativos e homossexualidade*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 305-320, abr./jun. 2021.

SILVESTREIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. *Meninos bons de bola: transmasculinidades em quadra*. CSOnline, Juiz de Fora, MG, n. 31, p. 153-167, jan./jun. 2020.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. *Netnografia a pesquisa científica na internet*. Psicologia USP, São Paulo, v. 32, p. 1-11, 2021.

STOLLER, Robert Jesse. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. Londres: Karnac Books, 1984.

THOMAS, William Isaac; THOMAS, Dorothy Swaine. *The child in America: behavior problems and programs*. New York: Knopf, 1928.

Uma torcida organizada gay no interior gaúcho: memória e história da Maré Vermelha (1979-1992)

An organized gay fan club in the interior of Rio Grande do Sul: memory and history of the Maré Vermelha (1979-1992)

Eduardo Bortolotti Silveira

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Santa Maria. RS

eduardobortolottis27@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-9388-7610>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 02 de setembro de 2025

Resumo:

Este artigo apresenta resultados obtidos a partir de pesquisa sobre a Torcida Organizada Maré Vermelha. O objetivo da pesquisa se concentrou em compreender o surgimento do grupo em Santa Maria, RS, e sua atuação como torcida organizada gay nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul. Este grupo, vinculado ao Esporte Clube Internacional de Santa Maria, surgiu em 1979 e se diferenciava por se tratar de uma “torcida gay”, o que os distanciava do padrão heteronormativo das arquibancadas de futebol entre as décadas de 1970 a 1990, período de atuação do grupo. Para tanto, foram utilizadas fontes jornalísticas dos periódicos locais da cidade, além de entrevistas realizadas com integrantes da torcida por meio da História Oral. A partir da análise dessas fontes, estabelece-se uma discussão sobre o contexto histórico e social de surgimento da torcida, principalmente utilizando as ideias do sociólogo Pierre Bourdieu. Os resultados permitiram compreender o surgimento do grupo e sua forma de atuação nos estádios gaúchos.

Palavras-chave: Futebol. Torcida. Homossexualidades.

Abstract:

This article presents research findings on the Torcida Organizada Maré Vermelha. The objective of the research focused on understanding the group's emergence in Santa Maria, RS, and its role as a gay fan group in Rio Grande do Sul's soccer stadiums. This group, linked to Esporte Clube Internacional de Santa Maria, emerged in 1979 and distinguished itself by being a "gay fan group," which distanced it from the heteronormative norms of soccer stadiums between the 1970s and 1990s, the period in which the group was active. To this end, journalistic sources from local newspapers in the city were used, as well as oral history interviews with fan members. Based on the analysis of these sources, a discussion is established on the historical and social context of the fan group's emergence, particularly drawing on the ideas of sociologist Pierre Bourdieu. The results allow us to understand the group's emergence and its activities in Rio Grande do Sul's stadiums.

Keywords: Football. Fans. Homosexuality.

O contexto sócio-histórico de surgimento da Maré Vermelha

Ao imaginarmos um estádio de futebol na década de 1980 no Brasil, alguns arquétipos são identificáveis no imaginário: um local popular, geralmente dominado pela figura do elemento masculino. Mas não qualquer elemento masculino, mas as ideias que cercam a figura do homem heteronormativo. Pierre Bourdieu em sua obra “*A Dominação Masculina*” (1999) afirma que a dominação do homem heteronormativo está presente em vários setores sociais, perpassando por situações de trabalho, lazer, familiares, dentre outras. Essa situação acaba excluindo pessoas que não seguem essa norma, como mulheres e pessoas de gênero dissidentes. Além disso, o sociólogo também afirma que esta ordem não é natural, mas foi construída historicamente ao longo dos adventos das civilizações. Locais como estádios de futebol não fugiam (e atualmente não fogem) dessa lógica social excludente, que preza pela figura heteronormativa nas arquibancadas.

Com essa imagem construída dos torcedores que frequentavam estádios na década de 1980, podemos adicionar o fator regional, que, por muitas vezes, é influenciador de práticas sociais. Especificamente, Santa Maria, do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que recebe a alcunha de “Coração do Estado”, pois localiza-se na região ao centro e à esquerda do mapa. Santa Maria, ao longo de sua história, é conhecida como um grande polo militar, pois sua região era e ainda é utilizada estrategicamente pelo exército brasileiro, com exemplos históricos deste uso do Brasil Colonial até a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).¹ Diversas instalações militares existem na cidade, sendo a maior delas a 3ª Divisão do Exército, grupo que apoiou fortemente o golpe à democracia ocorrido em 1964. O historiador Antonio Augusto Berni (2015) afirma que:

Situação bem conhecida, Santa Maria ao longo da história brasileira converteu-se em um importante polo militar do sul do Brasil, sendo sede da 3ª Divisão de Infantaria

¹ Participações do exército instalado na região que hoje é Santa Maria em situações de ordem nacional são encontradas desde as definições do Tratado de Santo Ildefonso (1777), passando pelas Guerras da Cisplatina (1825-1828); Guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852); Guerra do Paraguai (1864-1870); confrontos armados à favor do Tenentismo (1922-1927), além do exemplo citado da Ditadura Civil-Militar. Para mais informações sobre as relações da região de Santa Maria e o exército, consultar: MACHADO, Márcia Kaipers. A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

do Exército (3ª DI) que se constituía em uma das duas guarnições de infantaria do Rio Grande do Sul que abrigava, por sua vez, a maior parte do contingente do III Exército Brasileiro. (Berni, 2015:3)

Possuindo esta importância para o exército brasileiro, a lógica militar estava presente na sociedade santa-mariense no Golpe de 1964. Cerezer (2012: 220) afirma que os militares ficaram de prontidão às ordens do alto escalão, além de tropas que partiram para apoiar o golpe em outros estados. Além disso, a cidade era alvo dos militares por possuir em seu território a ferrovia que ligava o estado a diversas outras regiões do Brasil, sendo um ponto estratégico na implantação do golpe. Viero & Figueiredo (2012: 122-123) afirmam que “o grande desenvolvimento da cidade de Santa Maria se deve ao surgimento da ferrovia. Com ela surgem segmentos que são importantes até hoje no município”.

Estes “segmentos importantes” presentes na citação acima podem ser entendidos como a classe ferroviária que se estabeleceu na cidade a partir da instalação das ferrovias, em 1885. Com este fato, o município tornou-se um grande centro de trocas culturais, pois diversas pessoas passavam pela cidade, além de aumentar consideravelmente a população. O advento da ferrovia possibilitou que Santa Maria crescesse na área educacional com a fundação de diversas instituições de ensino, sendo a maior expoente a *Universidade Federal de Santa Maria* (UFSM), fundada em 1960.

Estes três segmentos citados, por diversas vezes, vão interagindo na cidade. Principalmente na Ditadura Civil-Militar, onde a classe ferroviária (principalmente os sindicatos) e os estudantes são vistos como subversivos pelo governo antidemocrático. Berni (2015: 129) afirma que os ferroviários foram contrários ao golpe. Já Petró (2012: 7) enfatiza o fato que os estudantes de todo o Brasil não tinham liberdade para protestar ou se organizar politicamente, sendo passível de punições.

Frente a este contexto social que se apresenta nestes parágrafos iniciais, surgiu nesta cidade gaúcha, interiorana e militarizada um grupo que ousou romper (mesmo que essa não fosse a sua intenção primária) a lógica heteronormativa existente dentro de um estádio de futebol. A *Torcida Organizada Maré Vermelha* foi um grupo de torcedores de futebol vinculado ao *Esporte Clube Internacional de Santa Maria*, clube de futebol profissional filiado à *Federação Gaúcha de Futebol (FGF)*. A Maré Vermelha, que esteve em atividade entre 1979 a 1992, possuía como principal diferença frente a outras organizadas e ao público frequentador de estádios de futebol no referido período o fato

de que seus integrantes eram pessoas identificadas como LGBTQIAPN². Precisamente, se identificavam como uma “torcida gay”, pois era o termo utilizado na época referida para generalizar os grupos que se diferenciavam da norma heteronormativa.

Figura 1: Registro fotográfico da Torcida Organizada Maré Vermelha.



Fonte: *Almanaque dos 80 anos: E.C. Internacional*, 2008.

A origem do grupo é originalmente ligada ao carnaval e futebol santa-marienses que, entre as décadas de 1970 a 1980, foram dois dos principais meios de lazer na cidade. Estar presente, como protagonista, nestes eventos populares pode explicar o fato da torcida existir ao longo de 13 anos, se consolidando como a torcida gay mais longa do Brasil. Mas, apesar de serem espaços considerados mais populares, não se pode afirmar que a existência do grupo foi pacífica e sem conflitos. Apesar de estar vivenciando os ares de uma tímida abertura política, o Brasil ainda vivia em uma Ditadura Civil-Militar que torturava e matava pessoas que não condiziam com os ideais conservadores, que era o caso das pessoas LGBTQIAPN+ integrantes do grupo.

²Sigla para designar pessoas que não estão no padrão heteronormativo. Cada letra abrange um segmento: lésbicas, gays, bi, trans, queer/questionando, intersexo, assexuais/arromânticas/agênero, pan/poli, não-binárias e mais.

Neste artigo estão apresentados os resultados obtidos na pesquisa para o Trabalho Final de Graduação em História, apresentado em 2021. O objetivo que norteou esta pesquisa, então, foi compreender como este grupo surgiu e se consolidou em meio ao contexto social e histórico da cidade de Santa Maria, RS e sua atuação como uma torcida gay nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul. Para tanto, a pesquisa se baseou em visitas ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria em busca de registros jornalísticos no principal periódico da época, o “*Jornal A Razão*”, que cobria eventos diários de Santa Maria e região, possuindo um amplo espaço para os esportes. Reportagens, citações, entrevistas e uma menção à partida de estreia da Maré Vermelha foram localizadas, sendo essa questão uma das maiores dúvidas que pairavam em torno da torcida.

Por fazer parte de um grupo social minoritário da sociedade, os membros da Maré Vermelha não possuíam locais onde suas demandas como pessoas LGBTQIAPN+ fossem ouvidas e atendidas. Nem mesmo suas histórias são devidamente registradas. Prova disso é o fato de que a Torcida Organizada Maré Vermelha, até o momento do desenvolvimento desta pesquisa, não possuía registros em trabalhos acadêmicos, não sendo nem ao menos lembrada na história sobre grupos LGBTQIAPN+ da história do Brasil. Aliado ao fato de que muitos integrantes da torcida estavam vivos e residentes na cidade natal, optou-se pelo uso da técnica da História Oral. A historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado (2006) define a técnica da seguinte forma:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (Delgado, 2006: 15-16)

Esta técnica foi utilizada principalmente para fornecer um meio para que os torcedores da Maré Vermelha possuíssem um local de voz com segurança. Seus atos frente a contextos contrários a sua existência são dignos de registro e orgulho para as pessoas de gênero dissidentes que apreciam o esporte e, muitas vezes, são excluídas destes meios. Utiliza-se a afirmação de Etienne François (2006) para compreender o uso da história oral para obter os resultados pretendidos acima:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada, a história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma história vista de baixo (...), numa perspectiva decididamente micro-histórica. (François, 2006: 4-5)

O historiador José Carlos Sebe B. Meihy (2005: 37) afirma que “aliada da democracia, a história oral se fez um braço na luta pelo reconhecimento de grupos antes afogados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos, daqueles que podiam ter suas histórias conhecidas graças aos documentos emanados de seus poderes.” Optar por ouvir a trajetória da Maré Vermelha por seus protagonistas é uma forma de reparar o apagamento histórico sofrido por pessoas LGBTQIAPN+. Para proporcionar o reconhecimento merecido da torcida, entrevistou-se quatro ex-integrantes da torcida, sendo elas: Elizabeth Peres Flores (presente na fundação da torcida, em 1979); Marquita Quevedo, Luiz Carlos Kunrath e João Mathias Pinheiro Vieira (estes últimos presentes na torcida entre meados da década de 1980 até o seu final). Também foi entrevistado o torcedor de arquibancada Nelson Leal de Souza, que viu o surgimento da Maré dentro das arquibancadas.

Infelizmente, as lideranças fundadoras da Maré Vermelha faleceram alguns anos antes desta pesquisa, não sendo possível registrar suas visões acerca da torcida. Contudo, acredita-se que seus nomes são extremamente importantes na história das pessoas de gênero dissidentes de Santa Maria e do Brasil, pois seus atos de coragem resultaram em um legado para a população LGBTQIAPN+ da cidade e merecem maior reconhecimento nacional. Seus nomes eram: Carlos Marcelino Cabral, Monovan Rocha Pereira Gomes e Otávio Amaral.

As entrevistas foram realizadas de maneira online devido às normas de segurança vigentes na pandemia do coronavírus. Utilizando entrevistas semiestruturadas, foi possível registrar, ouvir e transcrever os relatos das pessoas que estavam presentes no cotidiano da Maré Vermelha. Estes registros são de extrema importância para compreender como a torcida surgiu e se afirmou como a torcida gay mais longa do Brasil, sendo possível também entender como o seguimento LGBTQIAPN+ de Santa Maria se organizava em um contexto de cidade interiorana.

Futebol e carnaval: os pilares da Maré Vermelha

Compreendendo como a realidade santa-mariense se apresentava entre as décadas de 1970 a 1980, podemos analisar os locais onde a Maré Vermelha surge e se consolida como grupo organizado, sendo eles o futebol e o carnaval. Já foi mencionado que grande parcela da população da cidade era composta pelos militares, estudantes e trabalhadores da viação férrea. Com isso, parte da população da cidade é notabilizada por ser itinerante desde seus primórdios, tendo a alcunha de ser uma cidade de passagem. Soma-se também os acontecimentos históricos que estavam ocorrendo no Brasil, como a Ditadura Civil-Militar. Apesar de estar em sua decadência e encaminhando-se para o seu fim com a abertura política, ainda se mantinha a lógica excludente e autoritária oriunda dos governos ditatoriais. Com uma gama diversa de pessoas e ideias, a cidade apresentava algumas opções de lazer e entretenimento. Entre essas opções, estão o carnaval de rua e o futebol.

O principal local de atuação da torcida era o Estádio Presidente Vargas³, casa do E.C. Internacional de Santa Maria. Este clube, juntamente com o Riograndense Futebol Clube, vai formar a chamada “Rivalidade Rional”, fruto dos diversos embates entre as agremiações ao longo de diversos amistosos, Taças Citadinas e Campeonatos Gaúchos. Entretanto, para compreender como essa rivalidade nasce e impacta diretamente o nascimento da Maré Vermelha, necessita-se entender como o futebol de Santa Maria se desenvolve e se mescla ao cotidiano da cidade.

O futebol na cidade de Santa Maria está presente desde o início do século XX, chegando com os Irmãos Maristas do Colégio Santa Maria (Sobrinho, 1989). Esta escola possuía como público-alvo as crianças pertencentes a alta sociedade santa-mariense, mas também abrangia crianças de baixa renda, fruto de ideias de caridade marista. O referido autor segue explicando que os primeiros registros de times de futebol na cidade datam de 1911, sendo dois times lançados nesse ano.

No ano seguinte, surge o *Riograndense Foot-Ball Club*, time de futebol ligado à referida classe ferroviária de Santa Maria. Por muitos anos, o Periquito⁴ foi clube que dominou o cenário futebolístico de Santa Maria e região, sendo vitorioso em diversas

³ O estádio do Inter-SM também possui um apelido curioso: “Baixada Melancólica”. Essa alcunha se explica no fato do estádio estar localizado em uma região de depressão do solo somado ao fato de ser “vizinho” do Cemitério Ecumênico Municipal, sendo possível visualizar as lápides das arquibancadas do estádio.

⁴ “Periquito” é uma das diversas alcunhas que o Riograndense possui, sendo esta explicada pelo fato de a mascote do time ser o periquito, além do fato do clube possuir a cor verde como predominante em seus uniformes de jogo.

partidas e campeonatos. Além disso, foi vice-campeão do Campeonato Gaúcho de 1921, sendo a equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense declarada campeã.

Em 1928 surge um contraponto à supremacia do Riograndense. O *Esporte Clube Internacional de Santa Maria* nasce por iniciativa da classe comerciária da cidade justamente para se opor ao Esmeraldino e propor um novo clube para a cidade. A iniciativa demonstra bons resultados, pois os clubes brigam ano a ano pelas Taças Citadinas de Santa Maria, formando assim torcidas que apoiam e se apegam aos clubes.

Entretanto, entre meados da década de 1970 a 1980, os clubes vivem cenários distintos. O Riograndense acompanha o declínio da ferrovia em Santa Maria, possuindo cada vez menos recursos, pois grande parte desta vinha da iniciativa dos trabalhadores e das associações existentes na linha férrea. Já o Inter-SM vive sua melhor fase, tanto regional quanto nacionalmente. O jornalista Candido Otto da Luz afirma, em seu *“Almanaque dos 80 anos do Inter-SM”* (2008), que esta foi a década de ouro do clube. O alvurrubro consolida-se como a primeira força da cidade, e cada vez mais é protagonista dos Campeonatos Gaúchos, sendo o seu ápice na edição de 1981, onde foi campeão do interior gaúcho⁵.

Nesta edição do campeonato, o clube não perdeu para a dupla Grenal, sendo considerado um grande feito para um time com menos expressão. O início da década de 1980 também marca o auge do clube no cenário nacional, participando da *Taça de Prata*, em 1981; e da *Taça de Ouro*, em 1982. Estes campeonatos equivalem, atualmente, às segundas e primeiras divisões do *Campeonato Brasileiro*, tanto é que o clube jogou contra equipes de grande porte, como a *Sociedade Esportiva Palmeiras* e o *Club de Regatas Vasco da Gama*.

Fora das quatro linhas, o clube também possui episódios de destaque. Em 1985, Sirlei Dalla Lana foi eleita presidenta do clube. Esse fato (até o momento da escrita deste artigo) é o segundo ocorrido no Brasil⁶, sendo um ato de resistência frente a um espaço dominado predominantemente pela figura masculina, considerando-se também o contexto histórico de exclusão das mulheres no ano em que ocorre. Além disso, a abertura para as mulheres no clube ocorrera dois anos antes, em 1983, quando

⁵ Este título, simbólico e anual, é dado à melhor campanha de um time do interior no Campeonato Gaúcho. Para times do interior, entende-se que sejam todos que não sejam as forças da capital, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

⁶ A primeira mulher presidenta de um clube de futebol foi Jurema Bagatini, do Esporte Clube Encantado, da cidade de Encantado, RS, no ano de 1971.

surge o Departamento Feminino que conquista o título de campeãs do interior do primeiro Campeonato Gaúcho da categoria no estado.

É neste contexto de “década de ouro” do clube que surge a Torcida Organizada Maré Vermelha. Um dos fatores de sucesso da torcida nas arquibancadas pode-se também explicar por este bom momento vivido pelo clube. Os torcedores do clube estavam em ótima relação com o time, sendo mais receptivos com novos torcedores dentro do estádio. São estes torcedores que serão os anfitriões dos integrantes da Maré Vermelha, podendo-se estabelecer que os ótimos desempenhos do clube de certa forma auxiliaram na boa recepção da torcida. Para efeitos comparativos, podemos usar o caso da *Flagay*, torcida organizada gay vinculada ao *Clube de Regatas Flamengo*. Esta torcida teve uma duração curtíssima dentro do Estádio do Maracanã pois sua presença foi vinculada a uma derrota vergonhosa pelo placar de três a zero sofrida pelo time rubro-negro para o seu rival *Fluminense Football Club*⁷.

Diferentemente do futebol, que possuía um calendário que ocupava diversos meses do ano, o carnaval era mais destacado nos meses em que ocorriam os desfiles na rua, atuando principalmente entre os primeiros meses do ano. Escolas de samba existiam e eram ativas entre a população, movimentando o cenário cultural do município. Entre essas escolas, o destaque ficava para a Escola de Samba Vila Brasil. Fundada em 1959, a Vila possuía a peculiaridade de ser uma escola popular, pois abrigava, em seu desfile de rua, pessoas de baixa renda da cidade. O Jornal A Razão atribui à escola, em matéria de 1981, as alcunhas de ser “uma escola sem donos, é de povo e somente para o povo”; e “Vila Brasil, escola do povão” (A Razão, 1981: 6), demonstrando as características da escola. Além disso, um dos destaques da escola era a “Ala-Maravilha”, um setor destinado para as pessoas LGBTQIAPN+ desfilarem pelas ruas de Santa Maria.

Inserido dentro da Ala-Maravilha estava Marcelino Cabral. Marcelino trabalhava como servidor da UFSM. Com fortes ligações culturais, era também dançarino de ballet e carnavalesco. Sua escola de samba era a citada Vila Brasil, e por ser gay, fazia parte da Ala-Maravilha. É dentro desta ala que surge a ideia de formar um novo grupo para as

⁷ Para maiores informações sobre a Flagay, consultar PINTO, M. R. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH), Cuiabá, v. 1, nº 4, p. 102-123, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9192>. Acesso em: 29/05/2025.

pessoas LGBTQIAPN+ da cidade fora do espaço do carnaval. Marcelino também era apreciador de futebol, e então alia o já consolidado grupo da ala gay com as arquibancadas da cidade. Sendo seu primeiro alvo o Riograndense F.C, é no rival Internacional de Santa Maria que encontra um ambiente mais receptivo para seu grupo.

Por ser uma figura de liderança para a torcida e possuir influências dentro da escola de samba, Marcelino Cabral foi o elo da parceria da escola com o clube. A Vila Brasil torna-se apoiadora do grupo, estando presente nas arquibancadas. Especificamente, a charanga da escola, responsável pela animada música que embala os desfiles de rua, é que vai estar junto da torcida no estádio, fazendo um verdadeiro carnaval. Este trecho de reportagem do Jornal A Razão demonstra a relação existente entre os grupos:

MARÉ VERMELHA: está voltando ao estádio da Baixada para incentivar o Inter nos jogos do Gauchão. Tavico Amaral, presidente, e Marcelino Cabral, relações públicas, estão prometendo inúmeras atrações da Maré nas partidas do campeonato. A principal atração da Maré será a presença da bateria da Escola de Samba Vila Brasil. (A Razão, 1981:7)

Mathias Vieira, integrante da Maré Vermelha na década de 1980 exemplifica como funcionava a relação de parceria entre a escola e a torcida:

Tinha alguns pessoal da bateria da Vila Brasil, né, que muitos participantes da Maré Vermelha, na época do carnaval, saiam na Ala Gay da Vila Brasil. [...] a gente sempre teve um apoio assim dentro da escola de samba, né, então a gente sempre teve apoio, no que a gente precisasse ou no que eles precisassem a gente tava ali. Até a gente fez algumas participações com eles de arrecadação de roupas, de alimentos, né, então a gente sempre tinha essa parceria. (Vieira, 2021: 2-3)

Conjuntamente com o futebol, o carnaval foi fator importantíssimo de apoio para a consolidação da torcida como grupo atuante e seguro para as pessoas LGBTQIAPN+ de Santa Maria. Carente de espaços públicos onde pudessem se sentir seguros, a Vila Brasil e o E.C. Internacional surgem como espaços apoiadores destes grupos.

Surgimento e consolidação da Maré Vermelha nos espaços de lazer de Santa Maria

Esta análise sócio-histórica foi aqui apresentada para que fosse possível compreender o cenário de rivalidade futebolística que ocorria em Santa Maria entre as décadas de 1970 a 1980, afinal a Maré Vermelha surge neste contexto participando ativamente desta rivalidade e da ótima fase vivida pelo Inter-SM. O episódio de surgimento da torcida também está atrelado à forte rivalidade clubística da cidade.

Em 1979, Marcelino Cabral, servidor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), carnavalesco e grande fã de futebol decidiu que gostaria de assistir uma partida dentro de um estádio de futebol. O local escolhido? O Estádio dos Eucaliptos, casa do Riograndense F.C. Marcelino levou com ele alguns amigos, a maioria homossexuais, para acompanhá-lo. No local do certame, o pior aconteceu. Marcelino e seus amigos foram recebidos com violência pelos torcedores periquitos pelo simples fato de serem gays e estarem adentrando um espaço não receptível para pessoas fora do seu padrão heteronormativo. Beth, torcedora presente na fundação, afirma que:

“(...) eles tentaram fazer a torcida lá no Riograndense, aí não gostaram da ideia, aí eles foram pro Coloradinho⁸” (Flores, 2021: 3).

A ativista Marquita Quevedo complementa:

“segundo relato, foi criada da própria... outras situações de preconceito que a torcida acabou sendo Maré Vermelha para o Inter, né. Porque num primeiro momento, ela seria do Riograndense, então tem todos esses relatos” (Quevedo, 2021: 2).

Posteriormente, Marcelino buscou as arquibancadas do Presidente Vargas como alternativa para acompanhar as partidas de futebol presencialmente. Na Baixada, foi mais bem recebido pois possuía boa relação com a diretoria alvirrubra, além do fator rivalidade, pois a imagem do Inter-SM seria melhor vista que a do seu rival, que não acolheu torcedores em suas arquibancadas. Soma-se a isso o fato de Marcelino ser uma pessoa extremamente ligada à cultura da cidade, sendo um dos diretores da Vila Brasil. Sendo membra da Ala-Maravilha e da Maré Vermelha, Marquita Quevedo fornece uma visão sobre como esses grupos se organizavam:

Então são os dois espaços que na época se construiu em Santa Maria de movimento, de nem digo de movimento, também era um movimento, uma questão de espaço, de

⁸ “Coloradinho” é um dos apelidos populares do Inter-SM.

estar ali. Até de visibilidade pra época. Era os dois momentos que a população LGBT de Santa Maria tinha onde aparecer. Era durante o carnaval, na ala gay, que o pessoal esperava, na década de 70, 80, depois vem vindo, e a questão do futebol. E o futebol eu acho que ela passou, ela transcendeu porque foi permanente, ela foi o ano todo. A gente não era só na época do carnaval, a Maré Vermelha estava o ano todo. (Quevedo, 2021: 4)

O antropólogo Luiz Henrique de Toledo, em sua obra “Torcidas Organizadas de Futebol” (1996), afirma que:

Algumas das Torcidas Organizadas em São Paulo encerram uma peculiaridade interessante: são organizações populares criadas em torno do futebol profissional e, algumas delas, também participam, enquanto coletividade, do universo do samba paulistano, organizadas em bloco carnavalesco e escola. (Toledo, 1996: 90)

O autor analisa em sua obra exemplos da relação futebol-carnaval na cidade de São Paulo, mas este exemplo estende-se para outras regiões do Brasil, como é o caso citado de Santa Maria. O Inter-SM, e especificamente a Maré Vermelha, possuem uma relação de parceria com o carnaval da cidade. Esta parceria é citada em matéria do Jornal A Razão de 1982:

As Escolas de Samba também participam da alegria da Maré, prova disto é que os Embaixadores do Ritmo e especialmente a Vila Brasil sempre deram seu apoio e incentivo aos fundadores da Maré desde seu início. (A Razão, 1982: 28)

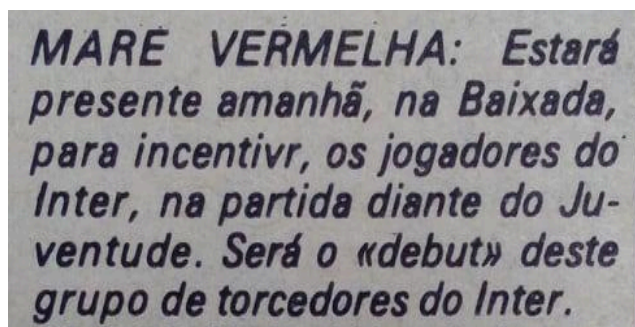
Enfatiza-se também a importância destes locais para a população LGBTQIAPN+ da cidade nas décadas de 1970 a 1990. As pessoas de gênero dissidentes não possuíam locais seguros para socialização, demonstrando uma carência existente na cidade. A Ala-Maravilha e a Maré Vermelha surgem como os primeiros locais onde estas pessoas podiam se sentir seguras e livres na cidade. Mathias Vieira relata que:

Não, da minha época tinha algum barzinho, que de vez em quando a gente ia lá. Ah, aniversário de alguém, vamos no barzinho, né. Mas que eu me lembre assim, não tinha boate, então a gente sempre ia na casa de alguém. Mas então era assim, às vezes era algum barzinho que a gente ia, ou aniversário de alguém, ou se reunia fim de semana, mas não tinha aquele local específico só nosso, né. (Vieira, 2021: 5)

Após os atritos iniciais nas arquibancadas do Estádio dos Eucaliptos e a consequente ida ao Estádio Presidente Vargas, a presença da Maré passou a ser uma constante entre os torcedores e a mídia santa-mariense. O primeiro registro da torcida no Jornal A Razão data de 1979, em partida do Campeonato Gaúcho onde duelaram o

Inter-SM e o Esporte Clube Juventude. A pequena nota pode ser conferida na imagem abaixo:

Figura 2: Registro jornalístico sobre a estreia da Maré Vermelha.



Fonte: Jornal A Razão, 03 de abril de 1979.

Estas datas também são consenso entre os torcedores e membros da Maré Vermelha. Nelson Leal de Souza, torcedor de arquibancada do Inter-SM desde 1978, afirma que “acredita que tenha sido em 79” o surgimento da torcida. Elizabeth Perez Flores estava presente na fundação da torcida com seu irmão, Amadeu Flores, e relata os acontecimentos com riqueza:

O meu irmão..., também era gay. E ele era amigo do Tavico e do Marcelino. Aí, volta e meia eles iam lá na Baixada assistir jogos. Aí, numa dessas, surgiu a ideia de fazer uma torcida gay. Aí se reuniram, e eu nem tomava conhecimento de que eles estavam fazendo, de que tinham esses planos. Aí, uma tarde, o meu irmão pegou e disse assim: “Amanhã nós vamos estreiar lá na Baixada”. E eu disse assim: “Vão estreiar o que? Vão virar jogador de futebol?” E ele disse assim: “Não, nós vamos pra torcida! Primeira torcida gay do interior do estado, que Porto Alegre já tem a Coligay.” (Flores, 2021: 1)

Na sequência, Beth complementa:

E fui, né, e amei! Fiquei com eles lá um tempão. Aí foi dia 30 de agosto de 79. A gente se reunia lá na casa do Tavico, na Rua 7 de setembro. Aí eles mandaram confeccionar bandeiras, com o nome da Maré Vermelha, mais bandeiras gigantescas do Internacional de Santa Maria, e aí fomos pro jogo, numa quarta-feira à noite, chovendo, frio! E estávamos lá prestigiando o Coloradinho contra o Esportivo de Bento Gonçalves. (Flores, 2021: 2)

Beth, em suas memórias esclarece com clareza de detalhes a estreia da torcida, apesar de alguns fatos estarem misturados, como é o caso do jogo de estreia. Meihy (2005) afirma que as memórias, com o passar do tempo, se modificam e se adequam ao presente. O autor segue afirmando que:

Na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. Com elas, constitui-se um documento objetivo que vale por si e, nesse caso, dispensa a análise, ou é equiparado a outros discursos e documentos. O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; de fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos. (Meihy, 2005: 75)

Apesar de o relato de Beth e a fonte jornalística trazerem informações desencontradas, é consenso entre as fontes de periódicos e as orais que o ano de fundação da torcida é 1979⁹, que pode ser considerado um marco de memória para a torcida.

A presença da Maré Vermelha nos estádios de futebol

Um dos fatores mais relevantes sobre a Torcida Organizada Maré Vermelha é sua duração. De 1979 a 1992, foram 13 anos de atuação em estádios do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se como a torcida organizada gay que mais tempo esteve ativa no Brasil. Para efeitos comparativos, existem outras duas torcidas gays brasileiras que possuem maior prestígio: a *Coligay*, vinculada ao *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*; e a *FlaGay*, vinculada ao *Clube de Regatas do Flamengo*. A primeira citada existiu no Estádio Olímpico em torno de 6 anos; já a segunda durou apenas um jogo. Complementando essa informação, Luiza Aguiar dos Anjos afirma, em sua tese de doutorado, que localizou o registro de 21 torcidas gays no Brasil (Anjos, 2018: 152). Entretanto, nenhuma destas torcidas gays durou tanto tempo quanto a Maré Vermelha, trazendo ainda maior peso para a importância do grupo na história das homossexualidades do Brasil.

O principal espaço de atuação da Maré Vermelha era o Estádio Presidente Vargas, casa do E.C. Internacional de Santa Maria. Por ser uma das opções de lazer da

⁹ Outro fator de afirmação que 1979 é a data de fundação da torcida é a Tragédia do Hermenegildo ocorrida em Santa Vitória do Palmar, que trouxe o fenômeno natural maré vermelha à tona na mídia. Esta expressão estava em diversos veículos de imprensa gaúchos, sendo um nome que combinava com as cores oficiais dos uniformes do E.C. Internacional de Santa Maria.

cidade, este espaço era frequentado por diversos setores sociais, e destaca-se neste caso os já citados no texto: militares, ferroviários e estudantes, formando uma verdadeira mistura nas arquibancadas de concreto da Baixada Melancólica. Soma-se a isso o momento vivido pelo clube, sendo destaque em campeonatos regionais e nacionais, algo inédito para a história do município. Então, os torcedores da Maré Vermelha, neste cenário e local, estavam se fazendo perceber frente a grande parcela da população santa-mariense.

O estádio, espaço dominado pela presença masculina, é local de afirmação de virilidade. Esta afirmação pode ser de maneira violenta e física, por meio de brigas e xingamentos, mas também pode ser realizada por meio de *violência simbólica*. Este conceito, presente nas obras de Pierre Bourdieu, pode ser definido como uma violência mais suave e sutil e que fica presente no imaginário dos envolvidos, mas com efeitos na realidade social. Bourdieu define que este conceito da seguinte forma: “Entendendo ‘simbólico’, por oposição ao real, efetivo, supõe-se que a violência simbólica seria uma violência puramente espiritual e, em última análise, sem efeitos reais” (Bourdieu, 1999: 29).

Atuando principalmente por meio de palavras, a violência simbólica é utilizada para perpetuar a dominação de homens frente a grupos que não se encaixam no padrão heteronormativo e masculino, sendo as mulheres e pessoas de gênero dissidentes as principais vítimas. Ideias preconceituosas e falas machistas e homofóbicas são exemplos de uso da violência simbólica, que tenta a todo custo não deixar que os grupos minoritários socialmente estejam presentes em locais que são tomados por esta lógica.

Os estádios de futebol são espaços dominados por essa lógica heteronormativa. Cânticos machistas e homofóbicos são proferidos a plenos pulmões por grande parte da massa torcedora, além da linguagem pejorativa usada para tratar os jogadores e torcedores das equipes adversárias. Estas ações ocasionam em afastamento e medo dos grupos que são vítimas destes exemplos de violência, sendo um ambiente receptível somente para a figura do homem viril e hétero. O historiador Maurício Rodrigues Pinto cita que

A sustentação da ideia de dominação masculina se dá pela negação da legitimidade do direito à apropriação dessa manifestação cultural – tão significativa na constituição da sociedade brasileira – por pessoas que não se conformam a esse modelo. Por meio da violência simbólica (potencial ou real), mulheres e homens

homossexuais vêm-se constrangidos e mesmo sem legitimidade para frequentar os estádios na condição de torcedor. (Pinto, 2014: 3)

Podemos afirmar que o Estádio Presidente Vargas era um espaço dominado pela figura masculina no período em que a Maré Vermelha surgiu. Este pode ser um fator de explicação para um início levemente conturbado da torcida no estádio, mas que aos poucos foi sendo superado pelas pessoas LGBTQIAPN+. O torcedor Nelson Leal de Souza, frequentador do estádio desde 1978, faz afirmações sobre a torcida presente nas arquibancadas:

Todos (os torcedores) eram preconceituosos na época. E o pessoal, principalmente o pessoal mais antigo, xingava muito eles, quando eles entravam. Aqueles palavrões homofóbicos, né. No primeiro ano, eles tinham muita reação assim, do pessoal até xingar. Eles ficavam lá no cantinho deles. Aos poucos, aos poucos, isso foi caindo. (Souza, 2021: 2)

Nelson continua o relato lembrando de um episódio específico no período em que a torcida estava se afirmando no estádio:

E eu presenciei isso, ninguém me contou, eu presenciei uma vez. Eles estavam chegando, e dois homens, rapazes, desceram pra xingar, e dois deles subiram pra enfrentar esses dois, fisicamente. E o que aconteceu, os dois apanharam, tomaram uns tapas dos gays. Aí o pessoal ficou naquela gozação, aí foi indo, eles foram conquistando meio que na força, meio que na força. O tempo foi passando, o pessoal foi aceitando e depois era uma festa. A Maré entrava, era uma festa. (Souza, 2021: 3)

A visão de membros da Maré Vermelha também corrobora os relatos acima sobre a violência sofrida. Entretanto, por estarem vivenciando os fatos dentro do grupo, suas opiniões refletem também a aceitação dos torcedores, que foi conquistada aos poucos. Mathias Vieira declara que:

Dentro dessa concepção, a gente sempre botou em mente assim: se nós quisermos ser respeitados, nós temos que respeitar. Claro, que lá de vez em quando, existia uma piadinha, mas a gente sempre dava um jeito de não responder. Mas assim, ó, vamos dizer que 90% (dos torcedores) tinham uma boa aceitação, né. Porque quando a gente chegava, era uma festa, eles aplaudiam. Então a gente se sentia acolhido pelos torcedores, né. (Vieira, 2021:3)

Luiz Carlos Kunrath também segue a mesma linha de pensamento de Mathias Vieira:

Lá dentro era bem seguro, bem tranquilo, a gente entrava, desfilava, fazia foto, ali no campo todo mundo gritava, não tinha violência, não tinha nada. Todo mundo sabia que existia a Maré, aí depois a gente ia lá pro canto da gente, que era nesse canto aqui onde tinha os blocos, a gente ficava bem lá em cima, torcendo como outra torcida qualquer, lógico. Mas rolava um monte de coisa, né. Mas ninguém hostilizava a gente. Dava briga nas outras torcidas, com a gente nunca dava. Era legal, tu se divertia, tu ia pra se divertir. (Kunrath, 2021: 2)

Em jogos fora de Santa Maria, a Maré Vermelha também se fazia presente. Por serem *outsiders* aos estádios visitados, a violência era maior. Soma-se o fato de o grupo ser composto por pessoas de gênero dissidentes, o que ocasionava conflitos frente a grupos heteronormativos. Segundo relatos de entrevistados, em estádios do Rio Grande do Sul afora, a torcida dividiu opiniões. Beth exemplifica esta situação:

Nós fomos a Pelotas, a Caxias, a Rio Grande, a São Borja, Passo Fundo, Porto Alegre. Os únicos dois lugares que nós fomos maltratados foi Passo Fundo e São Borja. Os únicos dois lugares. Porque os outros recepcionaram a gente assim muitíssimo bem, muito bem mesmo. Tanto a torcida adversária, tanto o povo na rua, tudo. Era muito, muito, muito bom, era muito bem recepcionado. (Flores, 2021: 4)

Beth afirma que, além das agressões verbais, a violência física era constante:

Era verbal, era agressão física, tudo! Em Passo Fundo nós não apanhamos porque saímos do estádio antes. (Flores, 2021: 4).

Em matéria do jornal A Razão de 1982, Otávio “Tavico” Amaral afirmou que em algumas cidades, “a Maré Vermelha teve problemas de relacionamento, pois sua maneira gentil causou problemas aos machistas, principalmente em São Borja e Passo Fundo” (A Razão, 1982). Luiz Carlos Kunrath complementa os relatos afirmando que:

“às vezes era corrido, às vezes era apedrejado, não era muito boa a recepção em outras cidades. Até por que tu sabe, um monte de bichas sempre dá um tumulto né” (Kunrath, 2021: 3).

Para Bourdieu, a ordem masculina não precisa ser legitimada, pois já é regra natural imposta na humanidade. Seguindo isto, a presença masculina não precisa ser justificada, mas a presença de mulheres e homossexuais dentro destes espaços precisa ser justificada, ou sofrerá com consequências físicas e simbólicas. Para quebrar esse padrão excludente, o autor afirma:

É desejar [as mulheres] que saibam trabalhar em vista de inventarem e de imporem, no interior do próprio movimento social, e apoiando-se nas organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica, da qual são, com os e as homossexuais, um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletiva e armas eficazes, nomeadamente simbólicas, capazes de abalar as instituições, estatais e jurídicas, que contribuem para eternizar a sua subordinação. (Bourdieu, 1999: viii)

A imposição e enfrentamento é fator primordial para que um grupo minoritário conquiste seu espaço. O exemplo de conflito citado por Nelson vem de encontro com a citação de Bourdieu, sendo a imposição por meio de resposta à violência sofrida. Entretanto, os membros da Maré Vermelha não conquistaram seu espaço na Baixada Melancólica somente por meio de violência física. Um dos diferenciais desta torcida organizada frente às demais era seu uso do bom humor e uma forte ligação com o fator festivo, lúdico e teatral das arquibancadas. Nos relatos orais, diversos são os relatos sobre o bom humor da torcida nas arquibancadas, como já foram mencionados nos trechos acima de Mathias e Luiz. Marquita Quevedo afirma que a torcida “virou uma atração nos times locais” (Quevedo, 2021: 9). Marquita, no relato a seguir, fornece mais detalhes sobre as ações lúdicas que a torcida performava nos estádios:

Nós chegávamos em outras cidades e a imprensa vinha entrevistar o Marcelino, entrevistavam nós. Até pelo visual que a gente também tinha. A gente fazia horrores, fazia alegoria, passava a noite toda, às vezes não dormíamos picando papel! “Ah, tem que levar farinha, tem não sei o que”, nós passamos acho que assim... domingo, tinha um jogo importante, sábado nós estávamos todas mobilizadas pra aquele jogo. Nós fazíamos sombrinhas, nós se vestia de prenda, nos vestimos de coelhinha. Tu imagina, um gay, com maiô branco, dentro de um estádio jogando balas pro povo? Outra vestida de prenda, outra já estava de gaúcho, tudo isso nós criamos naquele espaço, e nós tínhamos todo esse contexto, não era só a torcida. Então eu acho que a gente também era uma atração. (Quevedo, 2021: 8)

Marquita também relata um evento inusitado quando a torcida passou a torcer por times do Campeonato Citadino de Futsal de Santa Maria. Devido ao sucesso do grupo nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, surgiram convites para apoiarem times amadores locais de futsal, sendo a equipe escolhida o time do “*Veículos Pozzobon*”¹⁰. Os jogos deste campeonato ocorriam no “*Ginásio do Corinthians*”, localizado no centro da cidade. O ginásio possui uma cobertura para poder receber jogos em dias de frio e chuva. Entretanto, os componentes da Maré Vermelha não tomaram

¹⁰ O time do Veículos Pozzobon era vinculado a uma empresa do ramo de autopeças da cidade. No início da década de 1980, era considerado um dos melhores times amadores de futsal da região, sendo 3 vezes campeão citadino.

ciência desse fato e protagonizaram um ato que reforçou a ideia de grupo performático.

Segundo as palavras de Marquita Quevedo:

A gente foi torcer pro Veículos Pozzobon, no Citadino. O futebol de salão de Santa Maria tinha um campeonato que era muito forte, até na questão do estado. A gente foi lá no Corinthians mesmo, a gente acabou mudando o Corinthians, porque a gente fez uma chuva de papel picado e farinha que depois nunca mais permitiram que a gente fizesse! A gente parou uma partida! Porque a gente levou tanta farinha que ficou uma nuvem, ficou tudo branco! Aí proibiram a entrada de farinha e de papel picado, isso era nós da Maré, dentro do Corinthians, ali. Aí tu imagina um ginásio, tu não via ninguém, era só nós, tu olhava pras caras todas brancas, parecia fantasma! (Quevedo, 2021: 4)

Este evento também esteve presente nas páginas do Jornal A Razão, especificamente na coluna do jornalista Claudemir Pereira, forte apoiador da torcida:

Quanto à torcida, há o episódio provocado pela Maré Vermelha, na entrada do Veículos Pozzobon. A gurizada jogou pó de arroz, farinha, talco ou algo semelhante. Por um erro de cálculo, o material caiu sobre a cabeça da torcida do Salão Universitário. Foi, como se viu, uma verdadeira correria. Mais que o transtorno esperado para os demais torcedores, acabou provocando a interrupção da partida, logo aos 23 segundos - por mais de 20 minutos - em função das condições em que ficou a quadra. (A Razão, 1984: 19)

São estes eventos performáticos, aliados a muita luta para conquistar seu espaço dentro de locais heteronormativos, que propiciaram que a Maré Vermelha se tornasse a torcida LGBTQIAPN+ que mais tempo durou no Brasil. O fim da torcida só veio após um triste episódio envolvendo Marcelino Cabral e Deonilso Roveda, dirigente do Inter-SM, no ano de 1991. Luz (2008: 431) afirma que, após uma partida vencida pelo Internacional, o “conselheiro Deonilso Roveda do Internacional agrediu o presidente das torcidas organizadas do clube, Marcelino Cabral.” Este fato ocorreu na rua, em frente ao estádio, após protesto das torcidas sobre a má atuação do time nos gramados. Marcelino, além de líder da Maré Vermelha, era presidente do Departamento de Torcidas Organizadas do clube. Para ele, este fato representou o fim da torcida, que se concretizou em meio a temporada de 1992.

Considerações finais

A análise da sociedade santa-mariense no recorte temporal de surgimento da Torcida Organizada Maré Vermelha permitiu estabelecer que existia uma lógica de

dominação masculina nos locais de lazer devido ao fato da existência de grandes grupos de homens que seguiam a norma heteronormativa. Um destes locais era o Estádio Presidente Vargas, onde estes grupos exerciam essa dominação e não eram receptivos aos grupos que não faziam parte desta norma.

Em contraponto a esta realidade, surge, a partir do carnaval, a Torcida Organizada Maré Vermelha, que se intitulava como uma “torcida gay”. Este grupo ousou romper a norma da heteronormatividade adentrando e ocupando as arquibancadas da Baixada Melancólica, criando assim um local seguro para as pessoas de gênero dissidentes dentro de um espaço heteronormativo. A Maré Vermelha representava o oposto aos grupos já estabelecidos dentro do estádio, pois sua própria existência já era uma ameaça à lógica vigente.

A partir da análise das fontes jornalísticas e orais, pode-se compreender o processo de surgimento e consolidação deste grupo nas arquibancadas em meio ao processo de fim da Ditadura Civil-Militar. Os membros da torcida, além de ousar enfrentar os torcedores heteronormativos, também tinham de se preocupar com o período político vigente. O advento da torcida não foi pacífico, com confrontos verbais e físicos sendo relatados nas fontes. Entretanto, com muita coragem, ousadia, humor e performance, a Maré Vermelha consolidou-se como a torcida gay mais longeva na história do futebol brasileiro, atuando ao longo de treze anos nas arquibancadas do Rio Grande do Sul.

A partir da análise das fontes, pode-se estabelecer que a Maré Vermelha representou uma ruptura parcial do padrão heteronormativo presente nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas. Parcial pois não quebrou a lógica vigente, mas se integrou, ocupou e resistiu, contornando as dificuldades impostas frente a grupos já estabelecidos. Com a utilização de fontes orais, pode-se criar um canal de representação para as pessoas LGBTQIAPN+ de Santa Maria que criaram os primeiros espaços de socialização homossexual da cidade, sendo extremamente importantes para a história das homossexualidades do Brasil.

Referências

ANJOS, L. A. dos. *De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay*. 2018. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

BERNI, A. A. D. *O Golpe Civil-Militar de 1964 em Santa Maria/RS: divisão de forças e sustentação política*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, [S. l.], v. 5, n. 10, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10537>. Acesso em: 29 mai. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

CEREZER, Osvaldo Mariotto. *Imprensa e Estado autoritário: o jornal A Razão e o Golpe Militar de 1964*. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 213-231.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇOIS, Etienne. “*A fecundidade da história oral*”. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006

LUZ, Candido Otto da. *Almanaque dos 80 anos: E. C. Internacional*. 1ª ed. Santa Maria: Gráfica Palotti, 2008

MACHADO, Márcia Kaipers. *A atuação histórica e geopolítica das forças armadas em Santa Maria*. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 31-48.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PETRÓ, Cleber Monticelli. *O movimento estudantil universitário em Santa Maria no final da Ditadura Civil-Militar (1979-1984)*. In: Encontro Estadual de História: História, Memória e Patrimônio, 11., 2012, Rio Grande. Anais Eletrônicos, Rio Grande: 2012, p. 946- 963.

PINTO, Maurício Rodrigues. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (REBEH)*, Cuiabá, v. 1, nº 4, p. 102-123, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9192>. Acesso em: 29 mai. 2025.

PINTO, Maurício Rodrigues. *Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol*. Ponto Urbe, n. 14, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1268>. Acesso em: 29 mai. 2025.

SOBRINHO, Hermito Lopes. *Futebol e Reminiscências*. 1ª ed. Santa Maria: Editora Grafos, 1989.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. 1ª ed. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996.

VIERO, Lia Margot Dornelles, FIGUEIREDO, Vilma Dominga Monfardini. *O perfil demográfico e a distribuição espacial da população do município de Santa Maria (RS)*. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (orgs). *Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2012. p. 119-142.

Periódicos

Maré Vermelha. A Razão, Santa Maria, p.7, 3 abr. 1979.

A Vila Brasil é uma escola sem donos, é do povo e somente para o povo. A Razão, p. 10, 6 fev. 1981.

Maré Vermelha. A Razão, Santa Maria, p.7, 5 jun. 1981.

Maré Vermelha há cinco anos com o Inter. A Razão, Santa Maria, p.28, 4-5 set. 1982.

Depoimentos

Entrevista concedida por FLORES, Elizabeth Peres em 15 mar. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2025. 1 arquivo .MP4 (58 min).

Entrevista concedida por KUNRATH, Luiz Carlos em 8 fev. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2025. 1 arquivo .MP4 (25 min).

Entrevista concedida por SOUZA, Nelson Leal de em 22 jan. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .MP4 (25 min).

Entrevista concedida por QUEVEDO, Marquita em 11 out. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .MP4 (41 min).

Entrevista concedida por VIEIRA, João Mathias Pinheiro em 19 out. 2021. Entrevistador: Eduardo Bortolotti Silveira. Santa Maria, 2021. 1 arquivo .MP4 (34 min).

Homofobia no futebol brasileiro: o que dizem as denúncias do Canarinhos LGBTQ+?

Homophobia in brazilian football: what do the Canarinhos LGBTQ+ complaints say?

Cleyton Batista

Universidade Federal da Bahia, Brasil
Salvador, BA
prof.cleytonbatista@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9272-8730>

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Universidade Federal da Bahia, Brasil
Salvador, BA
bruno.abrahao@ufba.br
<https://orcid.org/0000-0002-8274-2539>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 12 de agosto de 2025

Resumo:

O artigo analisa a LGBTfobia no futebol brasileiro, destacando sua persistência como um problema estrutural ligado à performatividade de gênero e à matriz heterossexual dominante no esporte. Utilizando dados do Observatório Canarinhos LGBTQ+ (2020-2023), o estudo revela um aumento nas denúncias, principalmente envolvendo cânticos e xingamentos homofóbicos e transfóbicos nos estádios, perpetrados majoritariamente por torcedores contra outros torcedores. A pesquisa contextualiza essas práticas como mecanismos de reforço da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade, funcionando como pedagogias culturais que regulam corpos e comportamentos. Apesar dos avanços discursivos, a LGBTfobia persiste, evidenciando a necessidade de políticas públicas eficazes e mudanças estruturais no futebol. O artigo destaca a importância de iniciativas como o Observatório, que visibilizam o problema e promovem resistência, contribuindo para um esporte mais inclusivo.

Palavras-chave: Futebol. LGBTfobia. Sexualidade. Diversidade. Discriminação.

Abstract:

The article examines LGBTphobia in Brazilian football, highlighting its persistence as a structural problem linked to gender performativity and the dominant heterosexual matrix in sports. Using data from the Canarinhos LGBTQ+ Observatory (2020-2023), the study reveals an increase in reports, primarily involving homophobic and transphobic chants and slurs in stadiums, mostly perpetrated by fans against other fans. The research frames these practices as mechanisms reinforcing hegemonic masculinity and heteronormativity, functioning as cultural pedagogies that regulate bodies and behaviors. Despite discursive progress, LGBTphobia persists, underscoring the need for effective public policies and structural changes in football. The article emphasizes the importance of initiatives like the Observatory, which bring visibility to the issue and promote resistance, contributing to a more inclusive sport.

Keywords: Football. LGBTphobia. Sexuality. Diversity. Discrimination.

Introdução

O futebol transcende a mera definição de prática esportiva no Brasil. Para DaMatta *et al* (1982), a modalidade assume uma posição refratária dos valores sociais, e com isso, despontando como um meio importante de compreensão da vida em sociedade. De acordo com o autor, “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade fala, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (Damatta *et al*, 1982, p. 21).

Consolidando-se como um fenômeno sociocultural de profunda capilaridade, o esporte está intrinsecamente ligado à construção e negociação de identidades nacionais, regionais e, notadamente, de gênero. Historicamente, os gramados, as arquibancadas e os discursos midiáticos que o cercam têm funcionado como espaços privilegiados para a performance e a reiteração de certos modelos de masculinidade, frequentemente associados à força física, à competitividade exacerbada, à heterossexualidade compulsória e à exclusão daquilo que escapa à norma (Bandeira, 2010; Seffner & Bandeira, 2013). Nesse contexto, o futebol opera não apenas como um campo de disputas esportivas, mas também como uma arena onde normas sociais são ensinadas, aprendidas e policiadas.

Apesar da crescente visibilidade de discursos que advogam pela inclusão e pelo respeito à diversidade no esporte contemporâneo, o cenário do futebol brasileiro permanece marcado pela persistência de práticas discriminatórias e violentas direcionadas à população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e mais). A LGBTfobia manifesta-se de formas diversas, desde cânticos ofensivos entoados em uníssono por torcidas organizadas, passando por insultos diretos a atletas e torcedores, até a invisibilização e a hostilidade que dificultam a livre expressão de identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes nesse ambiente. Essa tensão entre um ideal de inclusão e a realidade excludente evidencia como o futebol ainda funciona, em grande medida, sob a égide de uma "matriz heterossexual" (Butler, 2003), que naturaliza a heterossexualidade e marginaliza outras formas de ser e desejar.

O conceito de matriz heterossexual é central para análise da autora. Butler descreve essa matriz como um sistema de inteligibilidade cultural que não apenas privilegia a heterossexualidade, mas a torna compulsória e normativa. Essa matriz opera estabelecendo uma cadeia causal e coerente entre um sexo (supostamente) biológico,

uma identidade de gênero correspondente (masculino/feminino) e um desejo sexual direcionado ao "sexo oposto". Corpos, identidades e desejos que escapam a essa lógica linear são relegados à condição de "abjetos", ininteligíveis ou patológicos dentro dessa grade normativa. O futebol, como veremos, opera fortemente dentro dessa matriz, policiando as fronteiras do que é considerado um corpo e um desejo "aceitáveis" em seu domínio.

Outro conceito fundamental é o de performatividade de gênero. Butler (2003) sustenta que o gênero não é uma essência interna ou uma identidade fixa que alguém tem, mas algo que alguém faz, uma performance. Contudo, não se trata de uma escolha teatral livre, mas de uma "repetição estilizada de atos" (Butler, 2003, p. 200), gestos, discursos e posturas corporais que são socialmente sancionados e que, através de sua reiteração constante, produzem a ilusão de uma identidade de gênero estável e natural. "Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída [...] pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados" (Butler, 2003, p. 48). Aplicado ao futebol, esse conceito permite analisar como a "masculinidade" (especialmente a hegemônica) é performada nos estádios, através de cânticos, posturas corporais, demonstrações de agressividade e, crucialmente, através da rejeição e do insulto àquilo que é codificado como feminino ou homossexual.

Embora as normas de gênero impostas pela matriz heterossexual sejam coercitivas, a teoria da performatividade também abre espaço para pensar a vulnerabilidade e a agência. Corpos que não se conformam à norma são expostos à violência e à exclusão, tornando-se vulneráveis. No entanto, a própria natureza repetitiva e citacional da performance permite falhas, subversões e ressignificações. Performances dissidentes, que embaralham as expectativas de coerência entre sexo, gênero e desejo, podem desestabilizar a norma, ainda que momentaneamente, revelando seu caráter construído e contestável. As iniciativas de torcedores LGBTQIA+ no futebol podem ser lidas, nesse sentido, como atos de agência que desafiam a matriz heterossexual dominante no esporte.

Gustavo Andrada Bandeira, em seus estudos sobre masculinidades no futebol, aprofunda a compreensão desse esporte como um espaço pedagógico específico. Em "Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol" (2010), Bandeira argumenta que os estádios funcionam como locais que ensinam, produzem e representam masculinidades. Ele rejeita a ideia de uma masculinidade única, destacando a existência

de múltiplas masculinidades que coexistem de forma hierarquizada. A masculinidade hegemônica, associada à força, virilidade, heterossexualidade e, frequentemente, à violência, ocupa o topo dessa hierarquia, enquanto outras formas são subordinadas ou marginalizadas. Bandeira analisa as performances dos torcedores – cânticos, rituais, demonstrações de pertencimento – como parte desse "currículo" que ensina a ser homem no contexto do futebol (Bandeira, 2020). O autor conecta essa construção da masculinidade hegemônica à violência e à homofobia, vistas como estratégias para policiar as fronteiras do grupo e afirmar a identidade masculina normativa através da depreciação do outro.

A articulação dessas perspectivas teóricas permite analisar a LGBTfobia no futebol brasileiro não como um conjunto de incidentes isolados ou como fruto exclusivo de indivíduos preconceituosos, mas como uma manifestação sintomática de uma estrutura cultural e discursiva mais ampla.

É nesse cenário complexo e contraditório que emergem iniciativas de resistência e monitoramento, como o Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro, criado pelo Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+. A instituição atua na promoção de ações de conscientização e mobilização social, buscando transformar o futebol em um espaço mais seguro e acolhedor para todos. Além disso, esta iniciativa pioneira dedica-se a registrar, sistematizar e denunciar os casos de discriminação ocorridos no âmbito do futebol nacional, publicando anuários que oferecem um panorama quantitativo e qualitativo do fenômeno.

A sistematização dos casos de LGBTfobia no futebol contida nestes relatórios, nos desperta questionamentos sobre a natureza dessa forma de violência: quem são os principais agressores e vítimas? Quais são os locais com maior incidência de denúncias? Como se materializam os ataques discriminatórios?

Diante da relevância social do futebol e da gravidade da LGBTfobia que o permeia, este artigo tem como objetivo central investigar o que dizem as denúncias de LGBTfobia no futebol brasileiro, dialogando com a literatura sobre sexualidade, esporte e inclusão.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada em duas etapas complementares. A primeira foi desenvolvida a partir de uma análise documental dos três Anuários do Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro do Coletivo de torcidas Canarinhos LGBTQ+, publicados a partir de 2020. A pesquisa documental investiga fontes primárias, aqueles materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaborados. Ademais, esses documentos são uma fonte rica de dados e registros que se tornam uma ferramenta importante de análise (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

O Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ foi criado em novembro de 2019, a partir das torcidas Marias de Minas, Palmeiras Livre e LGBTricolor – grupos de torcedores LGBTQIAP+ que tinham por objetivo “[...] congregar esses coletivos, combater a LGBTfobia com ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade” (Coletivo de Torcidas Canarinho LGBTQ, 2023, p. 4). Até o momento da pesquisa foram publicados 3 anuários referentes ao período de 2020, 2021 e 2022 (Figura 1).

Figura 1. Capas dos Anuários da LGBTfobia no futebol



Fonte: Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+

A segunda etapa contou com uma revisão de literatura nos indexadores SPORTDiscus, SCIELO e LILACS, utilizando os termos: “Futebol AND homofobia”, “Futebol AND LGBTfobia” e “Futebol AND Discriminação”. Foram selecionados os textos publicados no arco temporal entre 2000 e 2024, disponíveis na íntegra e que apresentem como tema central o debate sobre esta forma de discriminação no esporte.

Cabe ressaltar que, ao priorizarmos investigar as atividades do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, não buscamos estabelecer essa instituição como representante da totalidade dos movimentos de combate a LGBTfobia no futebol brasileiro. Todavia, podemos considerar que no âmbito esportivo é a organização que mais realiza atividades sistemáticas sobre o assunto.

Resultados e discussão

A atuação do Canarinhos LGBTQ+ na luta antidiscriminação no futebol

Esta cronologia detalha os fatos marcantes na trajetória da instituição Canarinhos LGBTQ+, desde sua fundação até suas ações mais recentes no combate à LGBTfobia no futebol brasileiro. As informações foram compiladas a partir da análise dos anuários de 2020-2021, 2022 e 2024 da organização, bem como de informações institucionais disponíveis no site oficial do coletivo, especificamente na seção "Sobre Nós" e no "Observatório da LGBTfobia no Futebol". O objetivo é apresentar uma linha do tempo organizada dos principais eventos, iniciativas, parcerias e marcos que caracterizam a atuação e o impacto da Canarinhos LGBTQ+ na luta por um esporte mais inclusivo e respeitoso.

Em novembro de 2019 o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ é fundado, inicialmente sob o nome de "Canarinhos Arco-Íris". O surgimento se deu com o intuito de congregiar coletivos de torcedores LGBTQIAP+ de diversos clubes, combater a LGBTfobia através de ações, campanhas, iniciativas e sugestões de inclusão e diversidade. As movimentações e diálogos iniciais envolveram torcidas como a LGBTricolor (Bahia), Marias de Minas (Cruzeiro) e Palmeiras Livre (Palmeiras).

Em 2020, o coletivo realiza sua primeira grande ação conjunta: o envio de um robusto conjunto de sugestões de ações e medidas de combate à LGBTfobia para diversas e importantes instituições brasileiras. A lista de destinatários incluiu a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), o Ministério da Justiça e Segurança Pública, a Procuradoria-Geral da República (PGR), o Ministério Público Federal (MPF), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Secretaria Especial do Esporte (então vinculada ao Ministério da Cidadania), o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a Câmara dos Deputados, o

Senado Federal e diversos clubes de futebol. Esta ação marcou o posicionamento propositivo e a busca por diálogo institucional do coletivo desde seus primórdios.

Este ano, marcado pela pandemia de COVID-19 que impedia a presença de torcedores nos estádios, registrou um aumento dos ataques de ódio online. Nesse contexto, a instituição mobilizou-se intensamente. Uma das ações de maior destaque foi a pressão exercida sobre os clubes de futebol para que se pronunciassem publicamente no Dia Internacional de Combate à LGBTfobia (17 de maio). Essa iniciativa resultou no posicionamento de diversos clubes na data e gerou questionamentos importantes àqueles que se omitiram, evidenciando o papel do coletivo em cobrar responsabilidade das instituições esportivas.

Em agosto deste ano, a Canarinhos LGBTQ+ lança oficialmente o "Observatório da LGBTfobia no Futebol". O lançamento ocorreu durante um debate/encontro virtual nacional, que foi transmitido pela plataforma Mídia Ninja. Significativamente, o evento sofreu dezenas de ataques homofóbicos após a divulgação pública do link de acesso, o que obrigou o fechamento da sala virtual ao público externo. Apesar do ataque, a atividade pôde ser realizada, e o episódio reforçou a urgência e a necessidade da ferramenta de monitoramento que estava sendo lançada. O Observatório nasceu com o objetivo de monitorar casos de LGBTfobia no futebol, gerar dados e propor mecanismos e alternativas de combate.

Em 2021, o coletivo adota oficialmente o nome "Canarinhos LGBTQ+", abandonando a denominação inicial "Canarinhos Arco-Íris". A mudança ocorreu após a criação e o fortalecimento de diversas torcidas e movimentos formados por torcedores e torcedoras LGBTQIAP+ em todo o país, refletindo um amadurecimento e uma maior abrangência da identidade do coletivo.

A Canarinhos LGBTQ+ intensifica sua atuação na esfera jurídica desportiva, passando a enviar sistematicamente notícias de infração ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) relativas a ocorrências de homofobia no futebol, com especial atenção aos cânticos homofóbicos entoados por torcidas. Essa estratégia de litigância resultou em punições importantes, como a condenação do Clube de Regatas do Flamengo a uma multa de 50 mil reais, além de sanções a outros clubes, estabelecendo precedentes na responsabilização por atos LGBTfóbicos.

Ao longo de sua existência, a Canarinhos LGBTQ+ tem mantido uma atuação constante em diversas frentes: Monitoramento e Denúncia: acompanhamento contínuo

de casos de LGBTfobia, com denúncias formais a órgãos competentes; Produção de Conteúdo: Elaboração de notas, posicionamentos, cartilhas e materiais informativos; Articulação e Diálogo: busca por diálogo e construção de parcerias com clubes, federações, mídia, outras torcidas e movimentos sociais; Ações de Visibilidade e Inclusão: proposição e apoio a iniciativas que promovam a visibilidade e a inclusão de pessoas LGBTQIAP+ no futebol; Participação em Debates e Congressos: presença ativa em eventos, seminários e discussões sobre esporte, diversidade e direitos humanos, levando a perspectiva e as demandas da comunidade LGBTQIAP+.

Esta cronologia evidencia a trajetória de crescimento, consolidação e impacto da Canarinhos LGBTQ+ como uma das principais vozes no combate à LGBTfobia no futebol brasileiro. Desde sua fundação, o coletivo tem demonstrado capacidade de mobilização, incidência política e jurídica, produção de conhecimento e articulação com diversos atores sociais.

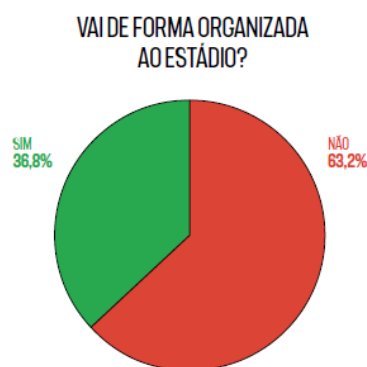
As denúncias do Observatório da LGBTfobia do futebol brasileiro

Ao longo dos quatro anos analisados (2020-2023), o Observatório registrou um total de 214 casos de LGBTfobia relacionados ao futebol brasileiro. A distribuição anual desses casos demonstra uma tendência de crescimento expressivo no número de denúncias reportadas: em 2020 foram registrados 20 casos; no ano de 2021 esse número sobe para 42 casos; 2022 atinge 74 casos; e 2023 registra a marca de 78 casos.

Observa-se um aumento constante ano a ano, culminando em quase quatro vezes mais registros em 2023 do que no primeiro ano de monitoramento (2020). Conforme apontado no resumo da pesquisa original, essa escalada exponencial não necessariamente reflete um aumento absoluto da violência LGBTfóbica em si, mas pode ser interpretada, em grande medida, como um reflexo positivo das crescentes ações de mobilização, conscientização e visibilização promovidas por coletivos como o Canarinhos LGBTQ+ e outros atores sociais. Esse movimento contribui para a desnaturalização de práticas discriminatórias que, outrora, eram frequentemente normalizadas ou vistas como parte intrínseca e aceitável da cultura do futebol. A maior conscientização e a existência de canais de denúncia mais estruturados encorajam as vítimas e testemunhas a reportarem os casos, trazendo à tona uma realidade que antes permanecia majoritariamente invisibilizada.

Quanto ao perfil das ocorrências, os dados indicam que os torcedores emergem como os principais autores das manifestações de LGBTfobia registradas. Interessante observar que os próprios torcedores também são apontados como as principais vítimas desses atos. Essa informação sugere que a violência LGBTfóbica no futebol opera significativamente como um mecanismo de regulação interna dentro das comunidades de torcedores, policiando comportamentos e identidades dentro do próprio grupo. Consequentemente, os estádios de futebol são identificados como os locais com maior incidência de casos, consolidando-se como espaços onde essas performances de exclusão e afirmação de normas de gênero e sexualidade ocorrem de forma mais explícita e coletiva. Os resultados desse cenário, como o próprio relatório mostra, é que 63,2% das torcidas LGBTQ+ do Brasil não frequentam o estádio de forma organizada (Figura 2).

Figura 2. Levantamento sobre torcidas organizadas LGBTQ+ do Brasil



Fonte: dados de 2023 apresentados pelo Observatório da LGBTfobia no Futebol.

Para além dos números, ao analisar as denúncias descritas nos anuários, identificamos que as formas predominantes de como a LGBTfobia se manifesta no futebol brasileiro envolvem duas categorias: os cânticos das torcidas e xingamentos/insultos. Acerca dos cânticos, frequentemente de natureza homofóbica e/ou transfóbica, direcionadas a jogadores, árbitros, torcidas adversárias ou mesmo a membros da própria torcida que desviem da norma esperada. Essas performances funcionam como rituais de pertencimento e afirmação de uma identidade coletiva masculina e heteronormativa, ao mesmo tempo em que demarcam e depreciam o "outro". Já a categoria identificada como xingamentos e insultos se refere às ofensas verbais diretas, utilizando termos

pejorativos relacionados à homossexualidade ou à expressão de gênero dissidente, proferidas individualmente ou em grupo.

O expressivo número de casos registrados, especialmente os cânticos e xingamentos que visam ridicularizar, rebaixar, ameaçar e agredir podem ser interpretados através da lente da performatividade de gênero de Judith Butler (2003). Os estádios de futebol, nesse sentido, funcionam como palcos privilegiados onde masculinidades específicas – notadamente a hegemônica, associada à virilidade, agressividade e heterossexualidade – são performadas e reafirmadas coletivamente. Os insultos homofóbicos e transfóbicos não são apenas expressões de preconceito individual, mas atos performativos que constituem a própria identidade do "torcedor autêntico" dentro dessa lógica. Ao proferir o insulto, o torcedor reitera sua adesão à norma heterossexual e masculina dominante, ao mesmo tempo em que constrói o "outro" (o torcedor rival, o jogador que demonstra "fraqueza", o indivíduo LGBTQIA+) como abjeto, como aquele que não pertence àquele espaço ou que ameaça sua coesão normativa. A repetição desses atos, entoados em coro por milhares, solidifica a ilusão de uma masculinidade natural e inerente ao futebol, mascarando seu caráter construído e normativo.

Essa dinâmica performativa está intrinsecamente ligada às pedagogias culturais de gênero e sexualidade que operam no futebol, conforme discutido por autores como Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2008), Fernando Seffner (2013) e Bandeira (2020). O ambiente do futebol ensina, de forma explícita e implícita, como se deve ser e agir enquanto homem (e, por oposição, como não se deve ser). Os cânticos e xingamentos funcionam como parte de um currículo informal (Bandeira, 2010) que educa os corpos e os desejos, estabelecendo limites claros para a expressão da identidade. A LGBTfobia atua, assim, como um poderoso mecanismo de regulação, policiando comportamentos e garantindo a manutenção da ordem heteronormativa. A hostilidade direcionada a qualquer desvio dessa norma serve como uma lição pública, um aviso sobre as consequências de não se conformar ao padrão esperado. A predominância de torcedores como autores e vítimas sugere a intensidade dessa regulação intragrupo, onde a própria comunidade de torcedores se encarrega de policiar suas fronteiras identitárias.

A análise de Gustavo Andrada Bandeira (2020) sobre as masculinidades hierarquizadas no futebol complementa essa compreensão. A violência verbal e simbólica da LGBTfobia está diretamente relacionada à construção e manutenção da

masculinidade hegemônica. Para se afirmar como "verdadeiramente masculino" dentro da hierarquia do estádio, o torcedor muitas vezes recorre à depreciação daquilo que é codificado como feminino ou homossexual. A homofobia torna-se, então, uma ferramenta para demarcar status e pertencimento, uma forma de demonstrar lealdade aos valores viris associados ao grupo. A agressividade e a hostilidade contra o "outro" são performadas como provas de masculinidade, num ciclo que perpetua tanto a exclusão quanto a própria rigidez do modelo hegemônico.

Um ponto crucial revelado pelos dados e pela literatura é a lacuna persistente entre o discurso institucional e a prática cotidiana. Embora clubes, federações e a legislação avancem em discursos antidiscriminatórios e na implementação de protocolos (ainda que por vezes reativos), a realidade descrita pelo Observatório demonstra que a LGBTfobia continua a grassar nos estádios e outros espaços do futebol, com punições ainda incipientes. Isso evidencia a força das barreiras culturais e estruturais que sustentam a heteronormatividade nesse ambiente. A minimização da LGBTfobia como "folclore", a resistência em aplicar sanções mais duras e a própria dificuldade em reconhecer a gravidade dessas violências simbólicas contribuem para a perpetuação do problema. A matriz heterossexual (Butler, 2003) mostra-se profundamente arraigada, resistindo a mudanças superficiais ou meramente discursivas.

Contudo, o cenário não é apenas de reprodução de normas e violência. A própria existência e atuação do Coletivo Canarinhos LGBTQ+ e do Observatório, bem como de outras torcidas e movimentos LGBTQIA+ no futebol, representam importantes focos de resistência e agência. Essas iniciativas podem ser lidas como resistências que desafiam a hegemonia heteronormativa. Ao ocuparem o espaço do estádio, ao denunciarem a violência, ao criarem suas próprias narrativas e símbolos, esses grupos subvertem as expectativas e contestam o currículo dominante (Bandeira, 2010; Seffner, 2013). Eles demonstram que outras formas de torcer e de se relacionar com o futebol são possíveis, abrindo fissuras na aparente solidez da matriz heterossexual e performando a possibilidade de um futebol mais inclusivo. A crescente visibilidade das denúncias, refletida no aumento dos casos registrados pelo Observatório, pode ser vista não apenas como um indicador da violência, mas também como um sinal do fortalecimento dessas vozes dissidentes e de sua capacidade de pautar o debate público e acadêmico.

Em diálogo com a literatura nacional e internacional sobre o tema, os achados deste estudo corroboram a visão do futebol como um espaço complexo, onde coexistem

a reprodução de normas excludentes e a emergência de práticas de resistência. A análise das denúncias do Observatório Canarinhos LGBTQ+, à luz da teoria queer e dos estudos de gênero brasileiros, reforça a necessidade de abordagens críticas que compreendam a LGBTfobia não como um problema marginal, mas como um elemento estruturalmente ligado à forma como o gênero e a sexualidade são performados e regulados nesse campo sociocultural específico.

Considerações finais

Este artigo buscou analisar as manifestações de LGBTfobia no futebol brasileiro a partir dos dados sistematizados pelo Observatório Canarinhos LGBTQ+ entre 2020 e 2023. A análise revelou que, apesar dos discursos contemporâneos de inclusão, o futebol nacional permanece como um espaço onde a discriminação contra a população LGBTQIA+ é uma realidade persistente, manifestando-se predominantemente através de cânticos e xingamentos nos estádios, perpetrados majoritariamente por torcedores contra seus pares.

Os achados quantitativos indicaram um aumento expressivo no número de denúncias ao longo do período, o que sugere uma maior visibilidade do problema e um fortalecimento dos mecanismos de denúncia, impulsionados por coletivos como o Canarinhos LGBTQ+. Qualitativamente, as manifestações de LGBTfobia foram compreendidas não como atos isolados, mas como performances de gênero que reforçam a masculinidade hegemônica e a matriz heterossexual dominante no esporte. Essas práticas funcionam como parte de potentes pedagogias culturais (Louro, 1997; Seffner, 2013) que regulam corpos e comportamentos, visando ridicularizar, rebaixar e excluir aqueles que desafiam a norma heterossexual.

A relevância deste estudo reside na articulação entre os dados empíricos de uma iniciativa fundamental de monitoramento social e um referencial teórico crítico, permitindo uma compreensão mais profunda das raízes socioculturais da LGBTfobia no futebol. Ao adotar as lentes da performatividade e das pedagogias de gênero, foi possível desnaturalizar essas práticas violentas, evidenciando seu papel na manutenção de hierarquias e na produção de desigualdades. A pesquisa contribui, assim, para o debate acadêmico sobre esporte, gênero e sexualidade no Brasil, destacando a importância de análises que considerem as complexas interconexões entre discurso,

poder e identidade.

As implicações práticas e políticas dos achados são significativas. A persistência da LGBTfobia e a incipiência das punições, mesmo diante de avanços legais, apontam para a necessidade urgente de ir além de medidas paliativas ou meramente discursivas.

É

fundamental a implementação de políticas públicas eficazes e contínuas, campanhas educativas que promovam a desconstrução de estereótipos e preconceitos, e, sobretudo, mudanças estruturais nos clubes, federações e na cultura do futebol como um todo. O combate à LGBTfobia exige um compromisso genuíno com a transformação das normas e práticas que a sustentam. A continuidade do monitoramento e da análise crítica é essencial para que o futebol brasileiro possa, de fato, tornar-se um espaço mais inclusivo, seguro e acolhedor para todas as pessoas.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 44, p. 342-356, maio/ago. 2010.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/sGpjrnPjMRTqBnT4NjVJtdF/?lang=pt&format=pdf>.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma História do Torcer no Presente: Elitização, Racismo e Heterossexismo no Currículo de Masculinidade dos Torcedores de Futebol*. Editora Appris, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*.

Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANARINHOS LGBTQ+. *1º Anuário do Observatório de LGBTfobia no Futebol Brasileiro do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+*. 2021.

CANARINHOS LGBTQ+. *Anuário do Observatório da LGBTfobia no futebol do coletivo de torcidas Canarinhos LGBTQ+*. 2023.

CANARINHOS LGBTQ+. *Anuário do Observatório da LGBTfobia no Futebol com dados de 2023*. 2024. DAMATTA, Roberto *et al.* *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de investigaciones UNAD*, v. 14, n. 1, p. 55-73, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SEFFNER, Fernando; BANDEIRA, Gustavo Andrada. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, ano XIV, n. 29, p. 246-270, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944242012.pdf>.

Torcendo fora do eixo: a efervescência de grupos de torcedores gays no futebol masculino brasileiro (1977-1989)

Cheering outside the axis: the effervescence of gay fan groups in brazilian men's soccer (1977-1989)

Lucas Barroso

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Rio de Janeiro, RJ

lucas.barroso@ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-1853-3289>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 04 de agosto de 2025

Resumo:

O presente artigo visa atualizar o mapeamento de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no futebol masculino brasileiro das décadas de 1970 e 1980. O objetivo é ampliar o escopo de pesquisas anteriores, que se concentravam principalmente no eixo Sudeste-Sul e em clubes da elite esportiva. A pesquisa de cunho qualitativo, baseada em estudo de casos múltiplos, analisou jornais e revistas da época para compreender a origem, motivação, desenvolvimento, recepção e influências das agremiações. Foram descobertas mais de cinquenta iniciativas abertamente homossexuais em todas as regiões do Brasil. O estudo revela uma atuação mais capilarizada e diversificada desses movimentos do que se supunha, com novas descobertas em estados como Amazonas, Paraná, Bahia e Distrito Federal. Portanto, ao narrar essas experiências, esta pesquisa espera contribuir para o fortalecimento de uma historiografia que valoriza a diversidade no futebol.

Palavras-chave: Torcidas gays. Futebol brasileiro. Diversidade sexual. Historiografia do esporte. Imprensa.

Abstract:

This article aims to update the mapping of openly gay fan associations in Brazilian men's soccer during the 1970s and 1980s. The goal is to broaden the scope of previous research, which focused primarily on the Southeast-South axis and elite sports clubs. The qualitative research, based on multiple case studies, analyzed newspapers and magazines of the time to understand the origins, motivation, development, reception, and influences of these associations. More than fifty openly gay initiatives were discovered across all regions of Brazil. The study reveals a more widespread and diverse presence of these movements than previously thought, with new discoveries in states such as Amazonas, Paraná, Bahia, and the Federal District. Therefore, by chronicling these experiences, this research hopes to contribute to strengthening a historiography that values diversity in soccer.

Keywords: Gay fan groups. Brazilian football. Sexual diversity. Sports historiography. Press.

Introdução

O universo futebolístico masculino pode ser lido não apenas como um mero esporte, mas como um dos fundamentos construídos que estrutura as interações sociais e culturais da sociedade brasileira. Ele atua como um regulador de comportamentos masculinos e estabelece normas de convívio entre os homens, como pontuado por Freitas (2002). Esse cenário faz com que adeptos de um time, muitas vezes, sintam-se impelidos a reforçar estereótipos hegemônicos de masculinidade¹, contrastando-os com supostas características de falta de virilidade, passividade e feminização dos adversários.

Esse processo impõe um padrão de masculinidade que é branco, cisgênero e heterossexual (Souza, 1996), conferindo privilégios aos que se aproximam desse ideal e, sendo, segundo Rosostolato (2018), uma das violências sociais mais intransigentes na construção do sujeito e de suas subjetividades. Ao ser reproduzido, esse padrão resulta em violências, sejam elas simbólicas ou físicas, dentre as quais misoginia, machismo, binarismo e homofobia nas arquibancadas dos estádios, que são tidas como símbolo máximo de uma “dominação masculina” (Bourdieu, 2002).

Para ser considerado másculo dentro desse padrão, há a necessidade de rejeição de qualquer traço de homossexualidade e de elementos associados à feminilidade no comportamento e na aparência física. É, assim, uma ideologia que favorece certos grupos em detrimento daqueles que não se encaixam (Louro, 2000). Atributos dessa masculinidade hegemônica, como a intensidade sexual, podem ser observados em cantos provocativos de torcidas brasileiras de cunho provocativo, falocêntrico e homofóbico, o que espelha a dificuldade de aceitação da homossexualidade nesse contexto (Souza, 1996).

Mesmo em um cenário esportivo de violência, é possível vislumbrar o aparecimento de manifestações dissidentes, visto a histórica resistência no ambiente do futebol (Pinto, 2018). É, portanto, nesta dinâmica tensa de *lutas por representações* que significados e símbolos formam uma certa cultura dissidente e, assim, ela se estabelece e dissipa-se no espaço hegemônico (Chartier, 1990).

¹ Por “masculinidade hegemônica”, entende-se um conjunto de práticas que sustenta a dominação masculina, não apenas como um conjunto de papéis ou uma identidade, mas por meio de ações em oposição a algum modelo, quer real ou imaginário, de feminilidade. Ela se diferencia de outras masculinidades, como as subordinadas, e, embora adotada por uma minoria, tem caráter normativo (Connell; Messerschmidt, 2013).

Nesse cenário, Mandelli (2023) afirma que coletivos, equipes e competições recentes voltados a membros da comunidade LGBTQIAPN+² têm representado não apenas uma forma de engajamento político, mas também uma expressão criativa que promove o estabelecimento de redes de sociabilidade e resistência no esporte de massas. Conforme Chartier (1990) destaca, a análise dessas lutas por representações são vitais para a compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo estabelece – ou tenta estabelecer – sua visão de mundo, seus princípios e suas esferas de influência.

Em 2013, foi noticiado o surgimento de diversas torcidas no Brasil intituladas como *queer*³ na rede social *Facebook*. O surgimento de uma incentivou a criação de outras. Nesse período, Pinto e Almeida (2014) catalogaram onze páginas ativas de alguns dos principais times do Brasil: Galo Queer (Atlético Mineiro/MG); Cruzeiro Maria e Cruzeiro Livre (Cruzeiro/MG); Bambi Tricolor (São Paulo/SP); Palmeiras Livre (Palmeiras/SP); EC Bahia Livre (Bahia/BA); EC Vitória Livre (Vitória/BA); Furacão sem Homofobia (Athletico Paranaense/PR); Coxa sem Homofobia (Coritiba/PR); Grêmio Queer (Grêmio/RS); e Queerlorado (Internacional/RS).

Os criadores dessas comunidades receiam agressões físicas, pois frequentemente enfrentam hostilidades e ameaças de pessoas que os enxergam como transgressores da cultura tradicional do futebol. Esse medo leva alguns de seus membros a optarem por permanecer anônimos entre os torcedores tradicionais quando frequentam os estádios. Suas ações, portanto, estão ainda na etapa de elaboração de práticas discursivas de confronto à ideia de hegemonia masculina, estando restritas ao ambiente virtual.

O engajamento de iniciativas homossexuais não é um fenômeno recente, mas parte de um processo histórico de contestação que remonta, ao menos, há 40 anos, quando mudanças significativas começaram a redesenhar os modos de torcer e ocupar os estádios no Brasil. Nesse período, novas formas coletivas de organização entre torcedores emergiram como resposta ao conservadorismo dos espaços futebolísticos.

² A comunidade LGBTQIAPN+ é representada por uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/ Agênero, Pansexuais/Polissexuais, Não-binárias e mais, que, por sua vez, faz menção a outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que não se encaixam no padrão heterocisnormativo.

³ Tereza de Lauretis (1991) foi a primeira teórica a utilizar o termo “queer” como conceito. Seu uso consolidou a transformação de um adjetivo antes visto negativamente em positivo, reafirmando corpos considerados “estranhos” como possibilidades transgressoras de identificação contra a heterossexualidade compulsória (Rich, 1993) e o binarismo hegemônico do gênero. “Os corpos *queer* se rebelam contra a própria construção de corpos normais e anormais, subvertendo normas de subjetivação vigentes” (Pereira, 2012, p. 373).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por uma efervescência de torcidas organizadas no futebol brasileiro. Esse movimento esteve inserido em um contexto de mudanças nas formas tradicionais de torcer. Hollanda (2008) aponta que o surgimento das chamadas Torcidas Jovens, sobretudo no Rio de Janeiro, esteve ligado ao espírito contestador dos anos 1960, visto tanto no Brasil quanto no mundo. Ao longo da segunda metade do século XX, as mudanças na frequência, no comportamento, no perfil e na relação dos frequentadores dos estádios brasileiros acompanharam as transformações socioculturais da época.

Nesse cenário, os anos finais da década de 1970 representaram o início de mudanças estruturais no esporte mais popular do país. Diversos eventos contribuíram para questionar o conservadorismo então vigente nos espaços futebolísticos, incluindo a Democracia Corinthiana (Martins; Reis, 2014), o crescimento da prática do futebol de mulheres (Silva, 2015) e o ativismo gay nos estádios (Pinto, 2018). Esses elementos, por sua vez, compuseram o período mais revolucionário do futebol brasileiro, nas palavras de Florenzano (2014).

Nessa perspectiva, os grupos associativos de torcedores assumidamente gays que surgiram no final dos anos 1970 podem ser vistas como iniciativas pioneiras na luta pelo direito de torcer (Pinto, 2018). Embora, naquela época, essas alas fossem compostas predominantemente por homens homossexuais cisgêneros, elas representaram um marco importante no futebol brasileiro de disassociação com um reduto másculo e heterossexual.

Até o momento, os estudos que se debruçaram sobre o fenômeno das primeiras iniciativas gays no futebol brasileiro identificaram a existência de, pelo menos, 22 grupos de torcedores no Sul, Sudeste e Nordeste do país entre as décadas de 1970 e 1980 (Gerchmann, 2014; Pinto; Almeida, 2014; Bandeira; Seffner, 2017; Anjos, 2018; Pinto, 2018; Elias; Lima, 2018; Rudá, 2024).

Apesar dos avanços recentes na historiografia do futebol e da ampliação dos olhares sobre as dissidências de gênero e sexualidade, verifica-se que ainda há uma concentração majoritária dos estudos nos grandes centros do eixo Sudeste-Sul, sobretudo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, e nos clubes da elite esportiva do país.

Nessa direção, a presente pesquisa busca ampliar significativamente esse panorama ao mapear mais de cinquenta movimentos abertamente homossexuais

organizados em todas as regiões do Brasil nesse período, revelando uma atuação mais capilarizada e diversificada do que se supunha até então. Nessa revisão, há ainda a inclusão de novos estados como Amazonas, Paraná, Bahia e Distrito Federal.

Assim, este artigo tem como objetivo apresentar essas novas descobertas, oferecendo um panorama atualizado e abrangente da origem dos agrupamentos gays, bem como suas formas de organização, estratégias de resistência e influências no cenário futebolístico local e nacional, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre inclusão, representatividade e democratização dos espaços esportivos.

Nas páginas da imprensa: pistas e percursos metodológicos

A presente pesquisa é estruturada a partir de uma investigação qualitativa (Aires, 2011), baseada em um estudo de casos múltiplos (Yin, 2005), dada a finalidade de ampliar o panorama de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no futebol brasileiro em todas as regiões do país entre as décadas de 1970 e 1980.

Foram analisados jornais e revistas da época. Quanto a essas fontes, Luca (2008) destaca que a imprensa não apenas registra fatos, mas também participa ativamente da construção de sentidos e da mobilização da opinião pública. Ao analisar os periódicos, é possível escrever uma história dos, nos e por meio deles, compreendendo seu papel social e sua influência na forma como as informações são classificadas e interpretadas em dado período histórico.

Dias e Gomes Júnior (2020) afirmam que a imprensa especializada no futebol é conivente com a perpetuação de uma concepção única de masculinidade no esporte, ao legitimar a homofobia, o machismo e a misoginia enquanto prática dominante. Nesse caminho, analisar jornais e revistas da época é um importante caminho para a compreensão da origem, a motivação, o desenvolvimento, a recepção e as influências dos movimentos analisados.

Para a realização da pesquisa, foram consultados os acervos disponibilizados digitalmente da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, da revista *Placar*, do *Lampião da Esquina*, do *Estadão*, da *Folha de São Paulo* e d'*O Globo*. O recorte temporal adotado delimitou o período entre 1970 e 1989.

O levantamento inicial dos dados foi feito a partir da utilização de termos genéricos e amplos, como “torcida gay” e “gay futebol”, pesquisados de forma isolada

em cada acervo, visando localizar notícias, colunas, reportagens e menções gerais.

Na sequência, o processo metodológico foi refinado com a pesquisa específica pelos nomes identificados dos movimentos localizados e por palavras-chave relacionadas a ele, incluindo o posterior cruzamento com os nomes dos seus respectivos clubes de futebol.

Nos seis acervos digitais consultados, foram identificadas 240 menções a iniciativas que se autodenominavam gays. Cada uma dessas ocorrências foi catalogada, referenciada e transcrita em um único documento, sendo, em seguida, agrupada por região e clube de referência.

Posteriormente, esse conjunto documental foi analisado à luz da literatura especializada, a fim de possibilitar o cruzamento entre os dados encontrados na imprensa e os referenciais teóricos que tratam da presença e da representação homossexual no universo futebolístico brasileiro.

Essa combinação possibilitou a construção de um panorama abrangente e consistente sobre a temática estudada. Com isso, pretende-se oferecer uma contribuição significativa para a compreensão das representações da diversidade sexual no futebol brasileiro durante as décadas de 1970 e 1980.

Entre censura, futebol e desbunde: o brasil que viu nascer as sociabilidades gays no esporte

Durante a década de 1970, o Brasil viveu um período de fortes contrastes entre repressão política e efervescência cultural. Em meio à ditadura militar e ao endurecimento promovido pelo Ato Institucional nº 5, a cultura tornou-se um campo de disputa simbólica. A censura atuava de forma implacável sobre peças teatrais, músicas, livros e veículos de imprensa, impedindo o debate crítico e a circulação de ideias dissonantes. No entanto, artistas, intelectuais e movimentos alternativos encontraram brechas para subverter a ordem oficial, reconfigurando o papel da cultura na contestação política (Rollemberg, 2006; Santos, 2009).

A censura acontecia sobretudo nos conteúdos de programação da televisão, com campanhas explícitas contra a homossexualidade. O caso mais emblemático aconteceu em 1972, quando figuras vistas como “afeminadas” foram retiradas dos programas de auditório. Entre os alvos estiveram Clóvis Bornay, famoso nos concursos de fantasias do

carnaval carioca, Denner Pamplona e Clodovil Hernandez, estilistas conhecidos, acusados de “ameaçar a moral” e “influenciar negativamente a juventude” (Green; Quinalha, 2018).

Durante esse período, o futebol foi amplamente instrumentalizado como ferramenta de propaganda política. O regime ditatorial utilizou o esporte mais popular do país para projetar uma imagem de unidade nacional, progresso e estabilidade. A conquista do tricampeonato mundial em 1970 foi central nessa estratégia, sendo transformada em símbolo do sucesso do governo. Por meio da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), a ditadura associou diretamente o desempenho da Seleção Brasileira à figura do presidente Emílio Garrastazu Médici, explorando sua paixão declarada pelo futebol e construindo um imaginário de proximidade entre governo e povo (Magalhães, 2011; Guterman, 2004).

A criação do Campeonato Nacional de Clubes em 1971, financiado pelo governo, também integrou essa lógica, promovendo integração territorial e servindo como moeda política, especialmente em regiões com pouca adesão à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido do regime (Magalhães, 2011). Apesar da narrativa de harmonia promovida pelos militares, o futebol manteve-se como espaço de tensões, com resistências de jogadores, torcedores e clubes que, mesmo sob vigilância, expressaram críticas e divergências. Assim, o futebol não foi apenas vitrine do regime, mas também campo de disputas simbólicas e políticas.

Nesse contexto, as arquibancadas tornaram-se espaços de contestação, onde manifestações contra o regime ecoavam entre os gritos de apoio aos times. O surgimento das torcidas organizadas nos anos 1970 insere-se nesse cenário de resistência, consolidando-se como um movimento que não apenas redefiniu a relação dos torcedores com os clubes, mas também representou novas formas de mobilização coletiva.

O Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza foram os principais pólos desse movimento, que refletia as mudanças socioculturais da juventude e a politização dos espaços públicos (Pinheiro, 2014; Hollanda; Canale, 2021). As chamadas Torcidas Jovens surgiram em meio a tensões com dirigentes de clubes e à necessidade de uma identidade coletiva forte entre os jovens torcedores. Exemplos como a Torcida Jovem do Flamengo e os Gaviões da Fiel mostravam um novo tipo de militância esportiva, ora em oposição às diretorias, ora alinhada a elas.

Ao longo da década de 1970, a expansão das torcidas organizadas levou à criação de estruturas de articulação coletiva, como a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP), em 1976, e do Rio de Janeiro (ASTORJ), em 1981 (Hollanda; Canale, 2021). Esses fóruns buscavam representar os interesses dos torcedores organizados e reduzir conflitos entre eles, ao mesmo tempo em que constituíam uma instância de diálogo com o sistema futebolístico.

Paralelamente, as torcidas expressavam uma identidade juvenil marcada por práticas culturais próprias – músicas, vestimentas, símbolos e rituais – que as distinguia de outros grupos sociais (Magnani, 2005; Martins, 2024). Esse espírito contestador também reverberou em iniciativas como a Democracia Corinthiana, movimento liderado por jogadores como Sócrates e Casagrande entre 1978 e 1984. Com apoio da direção do clube, implementou-se uma gestão participativa e democrática, em um contraponto à hierarquia autoritária que dominava tanto o futebol quanto a política nacional (Duarte; Tureta, 2008).

Nesse cenário, o ato de torcer passou a refletir não apenas paixões esportivas, mas também conflitos sociais. No ambiente das torcidas organizadas, os indivíduos vivenciavam um senso de coletividade que evidenciava as tensões e dinâmicas do período, incluindo questões de masculinidade, machismo e violência (Damo, 2001; Nascimento, 2007). A agressividade e a competitividade, frequentemente exaltadas nesse meio, reproduziam problemas estruturais da sociedade, mostrando como o futebol é um reflexo de seu tempo (Bobbio, 1995; Murad, 2017).

Diante desse panorama, o futebol emergiu como um espaço de múltiplas disputas e significados durante a ditadura militar no Brasil. Enquanto o regime buscava instrumentalizar o esporte como ferramenta de propaganda e controle social, as arquibancadas e os campos tornaram-se locais de manifestação política, em que diferentes grupos expressavam suas identidades, bem como suas insatisfações.

Nesse cenário, as torcidas organizadas abriram caminho para manifestações identitárias que desafiavam as normas impostas pela sociedade conservadora da época. Esses movimentos revelaram-se, assim, um reflexo das transformações socioculturais vividas pelo país, em que a paixão pelo futebol se entrelaçava com o desejo por maior participação e expressão dentro e fora dos estádios.

Junto desse cenário, também surgiu uma rede estruturada de atividades para monitorar a repressão de gênero e sexual durante a ditadura, quando coletivos, como o

Grupo Gay da Bahia (GGB), começaram a coletar e divulgar dados sobre os assassinatos de homossexuais, lésbicas e travestis. O coletivo foi fundado em 1980 pelo antropólogo e professor Luiz Mott, funcionando sem cessar desde a sua fundação. Outros movimentos surgiram nesse mesmo período no país.

Um deles foi o *Lampião da Esquina*, um jornal carioca em formato tabloide. Fez parte da imprensa alternativa⁴ que circulou durante a ditadura militar brasileira, abordando temas invisibilizados pela grande imprensa no período, como os desafios, avanços e recuos relacionados a vivências homossexuais, transexuais, feministas, negras, indígenas e ambientalistas. Seu conselho editorial composto por profissionais experientes e de perfil intelectual publicou 38 edições mensais de abril de 1978 a junho de 1981.

De forma concomitante ao periódico, o grupo Somos foi fundado em São Paulo em 1978 com a proposta pioneira de criar um espaço de encontro e discussão para homossexuais, aliando identidade coletiva, autoconhecimento e uma forma própria de fazer política. Sua atuação rompeu com a lógica da esquerda tradicional, defendendo que a vida privada e sexualidade também eram atos políticos, contribuindo de forma decisiva para o nascimento do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

O movimento era composto exclusivamente por homens, passando posteriormente a ser frequentado por mulheres, que se organizavam em um grupo separado, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF). Junto a eles, surgiram também Eros (SP), Libertos (Guarulhos/SP), AUÊ (RJ) e Beijo Livre (Brasília/DF), além de filiais do Somos no Rio de Janeiro e Sorocaba

No início dos anos 1980, o MHB enfrentou divergências internas, culminando no rompimento do GALF com o Somos/SP, motivado pela insatisfação com o machismo presente no movimento (Fernandes, 2017). A crise também foi agravada pela saída de militantes insatisfeitos com uma suposta influência do grupo de esquerda Convergência Socialista (CS) no grupo paulista.

Outro elemento que causou uma retração no movimento foi o impacto da epidemia de HIV/Aids, que exigiu uma reorientação estratégica em torno de buscas de apoio do Estado, sem abandonar a valorização da identidade homossexual (Fry; Macrae,

⁴ Araujo (2000) define a imprensa alternativa como jornais de oposição ao regime ditatorial militar que, nos entremeios da legalidade, veiculavam pontos de vista de intelectuais de esquerda, militantes e organizações políticas silenciadas pela repressão, denunciando a violência e arbitrariedade cometidas pelas instituições militares contra grupos marginalizados.

1991; França, 2006). Essa análise mostra como as lutas coletivas, a construção de redes de sociabilidade e o ativismo cultural e político nos anos 1970 e 1980 prepararam o terreno para a segunda fase, voltada à organização institucional e à conquista de direitos civis (Green, 2015; Simões; Facchini, 2009).

Essas experiências, ao desafiarem normas de gênero e sexualidade, dialogavam diretamente com o espírito do chamado “desbunde” da época, que marcou uma geração em busca de novas formas de liberdade e experimentação cultural. O “desbunde”, segundo Trevisan (2000), diz respeito à maneira como uma parte da juventude enfrentava a liberalização cultural nos anos 1970, sem se associar diretamente a partidos de esquerda ou direito, sendo influenciada, por exemplo, pela modernização refletida no teatro e música nacionais.

As primeiras manifestações homossexuais no futebol brasileiro estão, portanto, intrinsecamente ligadas a essas transformações históricas e culturais. Ao inserir essas experiências no cenário das lutas sociais e políticas da época, é possível reconhecer o papel do futebol não apenas como palco de resistência ao autoritarismo, mas também como terreno de contestação e expressão de novas formas de pertencimento e diversidade, que também estava florescendo no país.

Grupos associativos de torcedores gays de sul a norte do Brasil

O espírito contestador do final dos anos 1960, simbolizado especialmente por 1968, foi marcado por profundas críticas à ordem política, social e cultural vigente. Movimentos estudantis, operários e de minorias explodiram em diversas partes do mundo, articulando pautas democráticas, identitárias e de transformação estrutural. Essa onda de rebeldia não ficou restrita a um momento isolado: atravessou fronteiras e reverberou nos anos 1970 (Ridenti, 2018).

Em 1978, por exemplo, a sociedade inglesa assistiu ao primeiro time de futebol formado exclusivamente por homossexuais do país estrear na liga regional de Sussex⁵, o que abriu precedentes para a criação de campeonatos específicos para a comunidade. No ano seguinte, o movimento alcançou os países sul-americanos, quando no Peru, foram

⁵ INGLATERRA já tem seu time “gay”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 116, p. 26, 2 ago. 1978.

criadas iniciativas associativas de torcedores gays no Universitario de Deportes e Alianza Lima⁶.

No Brasil, também surgiram novas formas de expressão de gênero e sexualidade que superavam os estereótipos do gay efeminado, da travesti e da lésbica masculinizada. Diversas pessoas, que não se identificavam como homossexuais, começaram a adotar *performances* alternativas às fronteiras entre masculinidade e feminilidade.

Entre o final dos anos 1970 e ao longo da década de 1980, o futebol brasileiro também vivenciou uma intensa movimentação com o surgimento de agrupamentos de torcedores gays em diversas partes do país. A presença de homossexuais nos estádios já existia antes, seja individualmente ou em torcidas convencionais. O que diferenciou esse período, porém, foi a organização coletiva em torno de um determinado clube.

Essas iniciativas resultaram na formação de mais de cinquenta iniciativas assumidamente homossexuais, ligados tanto ao futebol profissional quanto ao amador, sendo registradas por diferentes veículos da imprensa regional e nacional em todas as cinco regiões brasileiras.

O panorama de todas essas iniciativas, com suas particularidades locais, personagens marcantes e diferentes formas de expressão, está detalhado a seguir, evidenciando a diversidade e a capilaridade desses movimentos no cenário futebolístico brasileiro do período.

Onde tudo começou: a Coligay e seus legados no Sul

O primeiro agrupamento de torcedores abertamente homossexuais de futebol do país foi a Coligay, que pertencia ao Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense. Essa organização inaugurou sua presença em uma partida contra o Santa Cruz pelo campeonato gaúcho, no dia 10 de abril de 1977, no Estádio Olímpico Monumental, em Porto Alegre (RS). A inspiração para o nome veio da boate Coliseu⁷, voltada ao público homossexual, que não possuía muitas opções de diversão na capital do estado.

A imprensa local e nacional reportou o surgimento do movimento em larga

⁶ UMA onda mundial. **Diário de Natal**, n. 10.909, Natal, 10 dez. 1979, p. 11.

⁷ A boate Coliseu ficava localizada na Avenida João Pessoa, 1281, em Farroupilha, Porto Alegre (RS). O nome fazia referência a arquitetura do local. Gerida por Volmar Santos, era considerada a mais bela casa noturna voltada para o público homossexual do país (Anjos, 2018). De 1977 até o ano de seu fechamento, em 1980, também foi a sede oficial da torcida Coligay. Seu espaço foi desativado e, hoje, abriga uma autoescola.

escala. Sua presença nas arquibancadas em jogos contra Internacional (17/04/1977 e 08/05/1977), Novo Hamburgo (15/05/1977), Brasil de Pelotas (10/09/1979), América-RJ (14/10/1979) e Flamengo (18/11/1979) foi noticiada pela *Placar*⁸, *Lampião da Esquina*⁹, *A Tribuna*¹⁰ e *O Globo*¹¹.

Além disso, um pouco mais de um mês depois da criação do movimento, a revista *Placar*¹² publicou, em sua 370ª edição do dia 27 de maio de 1977, uma matéria dedicada de três páginas intitulada “Para o que der e vier” e assinada pelo jornalista Divino Fonseca sobre a Coligay¹³. Elias e Lima (2018) analisam o excerto a partir de uma ótica discursiva crítica. Ainda que fizesse referência ao hino do clube, as autoras apontam que o título era, em sua essência, ambíguo e provocativo, enquanto relatos preconceituosos de torcedores, palavras e frases pejorativas rechearam o texto de homofobia explícita.

O então presidente do Grêmio, Hélio Dourado (1930-2017), tutelou, de forma comedida, a presença da Coligay nas arquibancadas. Após ser procurado pelo grupo em busca de autorização oficial, emitiu a seguinte declaração: “Quando eles vieram me procurar para pedir autorização, eu até disse: se todos os gays fossem gremistas seria ótimo, pois isso aumentaria a torcida e lotaria os estádios” (Jogo..., 1979, p. 88).

Porém, as duas torcidas oficiais do clube, Eurico Lara e Força Azul, foram reticentes à existência da ala, a primeira demonstrou maior resistência, enquanto a segunda aceitou a presença de forma mais pacífica. Em seu início, os integrantes da iniciativa enfrentaram xingamentos, olhares maldosos, piadas e até apedrejamento, o que demandou ações práticas por parte de Volmar Santos para a legítima defesa, conforme relatado em entrevista concedida a Gerchmann (2014):

⁸ INTER ganha sem festa. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 368, p. 13, 13 maio 1977.

⁹ MASCARENHAS, João Antônio. Noticiário esportivo (2). **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 14, 25 jul./25 ago. 1978.

¹⁰ MOSAICO. **A Tribuna**. São Paulo, n. 50, p. 16, 15 maio 1977.

¹¹ TORCIDA Gay, uma atração a mais. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 4, 10 set. 1979; AMÉRICA vence o Grêmio no Sul e continua invicto. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 out. 1979, p. 5; COUTINHO 2 x Paulo César 0. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 nov. 1979, p. 9.

¹² Lançada em 20 de março de 1970, às vésperas da Copa do Mundo no México, a revista *Placar* surgiu como um periódico semanal especializado em esportes, tendo Pelé como destaque de sua primeira edição. A primeira edição vendeu mais de 200 mil exemplares (Elias; Lima, 2018, p. 60). Inicialmente, suas vendas cresceram impulsionadas pelo desempenho da Seleção Brasileira, mas despencaram após o torneio, exigindo novas estratégias de mercado. Ao longo dos anos, o periódico passou por diversas reformulações, tornando-se exclusivamente voltada ao futebol (Salvini; Júnior, 2013).

¹³ FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.

Inclusive, sugeri que fizessem aulas de caratê para eventualidades, se precisássemos, para enfrentar os machões (os integrantes da torcida chegaram a frequentar uma academia e aprenderam golpes que lhes foram muito úteis em algumas circunstâncias, usados estritamente como forma de defesa pessoal) (Santos *apud* Gerchmann, 2014, p. 74).

Mesmo com a presença da violência, a influência dessa iniciativa transcendeu rivalidades, atraindo simpatia de torcedores do principal rival do clube. Outros adeptos buscaram integrar a organização devido à representatividade da Coligay, embora a condição de ser gremista fosse essencial para participação. Isso levou à criação, por parte de torcedores do Internacional, da efêmera Interflowers, em alusão à boate *Flowers*¹⁴, no ano de 1977, o que gerou um movimento de rechaço de outros aficionados do clube¹⁵ e de veículos da imprensa¹⁶.

A presença fervorosa desses torcedores nas arquibancadas desafiou a norma estabelecida de torcer de forma máscula e viril, por meio da introdução de manifestações coloridas, vibrantes e únicas. Seu objetivo era impulsionar os jogadores com charangas, cartazes e ornamentos nos estádios. Suas *performances* nos estádios gaúchos envolviam trajes característicos, como túnicas com o nome do time.

Com os bons resultados, a resistência à ala foi diminuindo, e os mais intolerantes se afastaram do local onde os torcedores permaneciam em dia de jogos, permitindo que o movimento, aos poucos, ocupasse um pequeno – mas simbólico – espaço nas arquibancadas gaúchas. Em 1977, contava com cerca de 60 membros. Três anos depois, seu número de torcedores registrados chegou a 200 (Elias; Lima, 2018).

A vibração e o embalo animado desse movimento fizeram com que recebessem a fama simbólica de “pé-quente” por veículos de imprensa, tendo em vista o simbolismo de suas contribuições para o período mais glorioso da história do clube¹⁷. Nesse contexto, Gerchmann (2014) pontua a mística criada em torno da Coligay para a retomada da conquista de títulos importantes para a equipe, como a reconquista do campeonato gaúcho, em 1977, e a quebra da hegemonia estadual do seu principal rival.

Com uma recepção comedida de jogadores e dirigentes técnicos, a primeira

¹⁴ Inaugurada em 8 de maio de 1971, a boate *Flowers* funcionava em frente à Praça Jaime Telles, no bairro Partenon, em Porto Alegre (RS). Sua fundação é atribuída a Dirnei Messias. Foi a primeira casa noturna assumidamente voltada para o público *gay* da capital. Por pouco tempo, foi a principal concorrente do Coliseu. Em 1976, após constantes atritos com os militares, mudou de endereço e três anos depois fechou as portas.

¹⁵ BACON, Rogério. Coligay (I). **Placar**. Rio de Janeiro, n. 373, p. 33, 17 jun. 1977.

¹⁶ FUTEBOL de esquina. **Cidade de Santos**. São Paulo, n. 3568, p. 12, 23 jun. 1977.

¹⁷ WODTKE, Marina. Gavião? Eu, hein! **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 13, 25 out. 1977.

geração da iniciativa existiu entre os anos de 1977 e 1983. A partir desse período, o novo presidente foi Plínio de Oliveira. Já em 1987, o novo presidente passou a ser Frey Rocha e o movimento passou a estar vinculado à boate Pantheon. No segundo momento, chegou-se até a cogitar a criação da Intergay para reunir os torcedores homossexuais do rival, Internacional.

A Coligay ocupa um papel central na história das Torcidas Organizadas no Brasil, mesmo sem ter sido a primeira, a maior ou a mais duradoura (Damo, 2018). Sua singularidade a torna única e ainda relevante. Embora compartilhe características comuns a outros movimentos, sua trajetória apresenta particularidades que a distinguem, garantindo-lhe um lugar de destaque na história nacional das práticas torcedoras.

Na década de 2010, Bandeira e Seffner (2017) visualizaram um certo “retorno” do imaginário da Coligay na memória coletiva dos torcedores do Grêmio. Neste período, houve a publicação de um livro (Gerchmann, 2014) e de um média-metragem (Guindani, 2016), além da escrita de uma tese de doutorado (Anjos, 2018). Além disso, o clube reconheceu oficialmente a iniciativa em seu museu inaugurado em princípios de 2016 no novo estádio. Mesmo assim, os autores ainda não vislumbravam a possibilidade de seu retorno oficial.

Em abril de 1981, a revista *Placar* anunciou a criação de um segundo grupo associativo de torcedores assumidamente gays da história do tricolor gaúcho: a Explosão Tricolor. A ala era independente, orgânica e admitia apenas jovens naquele período¹⁸. Até o momento, não foram encontrados registros oficiais de que a iniciativa teria estreado nas arquibancadas brasileiras.

Coletas realizadas por Anjos (2018) no acervo do jornal *Zero Hora* identificaram movimentos semelhantes em outros clubes do estado que foram influenciados pela Coligay, dentre eles: Maré Vermelha, do Esporte Clube Internacional (Santa Maria, RS), que estreou em jogo contra o Esporte Clube Juventude¹⁹; Zé Gay, do Esporte Clube São José; Leão-Gay, do Sport Club São Paulo²⁰; e Lobogay, do Esporte Clube Pelotas.

A Maré Vermelha surgiu em Santa Maria (RS), no final dos anos 1970. Foi formada por torcedores homossexuais ligados ao Esporte Clube Internacional, que

¹⁸ CRIADA. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 571, 24 abr. 1981, Sem pulo, p. 48.

¹⁹ MARÉ... **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 46, 4 jun. 1979.

²⁰ ESTÁ nascendo a “Leão-Gay”, a nova torcida do São Paulo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 40, 19 out. 1979.

buscavam um espaço de convivência e visibilidade nas arquibancadas, em contraste com a lógica masculina e excludente do futebol da época. Seu nome foi inspirado na tragédia ambiental da “maré vermelha” ocorrida em 1978, no litoral sul gaúcho, quando diversos animais apareceram mortos após o naufrágio do navio Taquari, carregado de resíduos tóxicos. Além das arquibancadas, muitos de seus integrantes também participavam da Ala Maravilha no carnaval local, formando uma rede de sociabilidade (Silveira, 2021).

O grupo existiu por cerca de doze anos nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas e marcou o início da organização homossexual em Santa Maria, deixando um legado para os movimentos locais. Seu fim não se deu de forma brusca, mas por uma combinação de fatores: envelhecimento dos participantes, falta de renovação, mudança de interesses e conflitos internos, incluindo episódios de desentendimentos com dirigentes do clube (Silveira, 2021).

Ao longo desses anos, essas alas gaúchas influenciaram o surgimento de outras iniciativas tanto no próprio estado quanto no Paraná, dentre elas: a Pe-Gay, também do Esporte Clube Pelotas (RS); a Cori-Gay, do Coritiba Foot Ball Club (PR); a Color-Gay, do Colorado Esporte Clube (PR); a Rubro-Gay, do Club Atlético Paranaense (PR); e a Londri-Gay, do Londrina Esporte Clube (PR), que seria a precursora no estado²¹.

Em Londrina, o *Paraná Repórter* também noticiou a tentativa de criação de outro movimento no principal clube da região: a Tubagay. A ação foi amplamente divulgada na imprensa local, especialmente às vésperas da partida contra o Flamengo, pelo Campeonato Nacional de 1979. O principal entusiasta da iniciativa foi o cronista esportivo Rubens Fernando Cabral, que chegou a anunciar encontros da iniciativa por meio do rádio e até levou um suposto representante à televisão.

Prometida como uma das grandes atrações do jogo, o agrupamento, composto por gays e travestis do município, acabou não se concretizando. Nenhum integrante apareceu no estádio, o que foi interpretado por alguns como medo de represálias e violência. Uma travesti chegou a afirmar que só participaria da organização caso houvesse organização adequada e proteção policial²².

O pioneirismo do Rio Grande do Sul na formação de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no futebol brasileiro revela, portanto, uma vanguarda

²¹ MOVIMENTO “gay” ganha adesões no futebol. **Jornal da República**. Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.

²² TUBAGUEI foi só frescura. **Paraná Repórter**, Londrina, n. 1, fev. 1980, p. 16.

marcante na contestação dos padrões normativos de gênero e sexualidade nas arquibancadas brasileiras. A Coligay, surgida no coração do estado, abriu caminho para outras experiências semelhantes em outras regiões do país, como se verá a seguir.

Entre Fla-Gay, Baleia Gay e Bra-Gay: o florescer gay no Sudeste

Em entrevista à *Placar*²³, em 27 de maio de 1977, Volmar Santos, líder da Coligay, anunciou que o Cruzeiro também possuiria uma iniciativa similar, a Raposões Independentes: “Já ouvi dizer que nossa idéia não é original, que o Fluminense tem a Flu-Gay e o Cruzeiro uns tais de Raposões Independentes. Não tem importância, não estamos aqui por vaidade, para aparecer - mas para torcer à nossa maneira” (*apud* Fonseca, 1977, p. 49). Esse anúncio gerou uma repercussão negativa com um integrante do movimento, que afirmou que o grupo não era homossexual²⁴.

No mesmo período, também foi noticiada uma dissidência no Rio de Janeiro, chamada de “Raposetes Independentes”, quando o torcedor Edson Lima Filho foi à *Placar* informar que o movimento já possuía 26 integrantes no final daquele ano²⁵: “Estamos contentíssimos, pois desde 1975 lutamos pela organização de nossa torcida, e sempre esbarrávamos na falta de verba e no medo dos rapogays em assumir. Afinal, vitória!” (Lima Filho, 1977, p. 51).

Antes mesmo desses anúncios, o Rio de Janeiro já possuía seu agrupamento gay: a Força Amor Azul, do Goytacaz Futebol Clube. Coletas realizadas por Anjos (2018) no acervo do jornal *Zero Hora* identificaram que o periódico informou, em 15 de maio de 1977, a presença dessa ala no clássico da cidade de Campos dos Goytacazes contra o Americano Futebol Clube²⁶.

No mês seguinte, *O Globo* anunciou a estreia de outra iniciativa no futebol carioca: a Fire-Gay, do Botafogo de Futebol e Regatas. O periódico anunciou, inclusive, que seu debut nas arquibancadas do Estádio do Maracanã estava previsto para o início do segundo turno do campeonato carioca de futebol, em partida contra o Campo Grande

²³ FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.

²⁴ CARVALHO, Sérgio A. Os raposões falam grosso, sim senhor. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 371, p. 61, 3 jun. 1977.

²⁵ LIMA FILHO, Edson. Os polivalentes da arquibancada. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 400, p. 51, 23 dez. 1977.

²⁶ TORCIDA MUITO louca. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 47, 15 mai. 1977.

Atlético Clube, em 23 de julho²⁷. Torcedores chegaram a saudar a fundação do movimento no periódico²⁸. Não foram encontrados registros de estreia.

No ano seguinte, foi noticiada, em outubro de 1978, a criação de outra organização similar no estado, a Flu-Gay (ou Gay-Flu), vinculada ao Fluminense Football Club. O *Jornal dos Sports*²⁹ noticiou que o movimento fez a estreia em estádios no mesmo mês, trazendo a tradicional chuva de pó-de-arroz para saudar os jogadores e uma enorme faixa em homenagem ao zagueiro Edinho e ao volante Kleber³⁰.

Em outubro de 1979, surgiu uma organização homossexual da grande torcida do Clube de Regatas do Flamengo (RJ), chamada de Fla-Gay, sendo liderada pelo jornalista Pedro Paradella, em parceria com o carnavalesco Clóvis Bornay. A idealização desse movimento, que datava desde setembro de 1977, visava incentivar as campanhas do time carioca com uso de adornos coloridos típicos do carnaval, como plumas e paetês.

Desde o início, essa iniciativa não recebeu a devida credibilidade, legitimidade e reconhecimento no âmbito futebolístico fluminense. Foi tratada por torcedores e jornalistas com tons de exotismo, gozação e caricaturismo (Pinto, 2018). No dia que seria sua estreia em estádios, em um clássico com o *Fluminense Football Club*, o então presidente do Flamengo, Márcio Braga, pediu reforço de segurança para o 6º Batalhão da Polícia Militar. O Conselho Diretor do clube vetou a nova ala³¹.

A Fla-Gay mudou o dia de sua estreia para o jogo contra o Vasco da Gama no dia 28 de outubro³² e, posteriormente, contra o Botafogo no dia 4 de novembro³³. Porém, a repressão só aumentou: quase todos os chefes de torcida organizada do clube ameaçaram publicamente o movimento, incluindo José Vaz, da Dragões Rubro-Negro, Ricardo Muci, da Flamante, e os principais integrantes da Raça Rubro-Negra³⁴.

Além disso, notas e reportagens do *Jornal dos Sports* revelam um esforço

²⁷ GLORIOSA torcida. **O Globo**. São Paulo, p. 4, 23 jun. 1977.

²⁸ MACHADO, William. Bate-papo com os amigos. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 22, 21 ago. 1978.

²⁹ No Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* surgiu em 1931, tornando-se o primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte no Brasil. Fundado por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, foi vendido em 1936 ao jornalista Mário Filho, sob cuja gestão o jornal alcançou uma hegemonia que durou cinco décadas. Durante a década de 1970, foi considerado o diário esportivo mais popular do estado, sendo conhecido popularmente como Cor-de-Rosa. O periódico começou, porém, a perder relevância e influência ao longo dos anos 1990, culminando no encerramento de suas atividades em 2010 (Hollanda, 2012).

³⁰ DOIS toques. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 14.960, p. 3, 16 out. 1978.

³¹ MÁRCIO pede proteção contra a Fla-Gay. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15316, 13 out. 1979, p. 14.

³² BATISMO da “Fla-Gay”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 186, p. 13, 11 out. 1979.

³³ BREVE introdução à fauna das praias cariocas. **Jornal da República**. São Paulo, n. 59, 2 nov. 1979, p. 11.

³⁴ FLA-GAY ameaçada antes de nascer. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 36, 12 out. 1979.

editorial para apresentá-la como algo fora do contexto do futebol, descrevendo-a mais como uma preparação para um desfile de fantasias ou de uma escola de samba do que como um grupo de torcedores que iria às arquibancadas para apoiar seu time. Essa representação caricata contribuiu para gerar um sentimento de rejeição, manifestado pelos leitores do jornal (Pinto, 2018).

A organização até contou com o apoio público de artistas influentes na época, como a cantora Clara Nunes³⁵ e a atriz Sônia Braga³⁶, porém a homofobia explícita de torcedores, jornalistas e dirigentes culminou em sua dissolução fulminante. Seu fundador, inclusive, chegou até a ser agredido durante a gravação do programa *Operação Esporte*, da Televisão Tupi, após uma discussão sobre a criação do movimento. Após o incidente, Paradella registrou queixa³⁷.

Ainda que não tivesse conseguido se estabelecer nas arquibancadas da forma que idealizava, a Fla-Gay marcou a história do futebol e influenciou tentativas similares. Mesmo com a repressão, o jornalista Alceste Pinheiro chegou a afirmar, no *Lampião da Esquina*³⁸, que existiam homossexuais organizados em uma outra torcida organizada reconhecida pelo clube, a Flamor, e que eles estariam se mobilizando para a formação de uma ala abertamente gay.

O primeiro autor a debruçar-se sobre a trajetória da Fla-Gay foi Pinto (2018), no qual analisou alguns registros de imprensa e a repressão sofrida pelo movimento. Em seguida, Oliveira (2022) ampliou o escopo de análise, incorporando documentos de órgãos de censura e mais edições de jornais de grande circulação.

No mesmo período de voga da iniciativa, também se viu a tentativa de organização de iniciativas paralelas: a Fla-Pagaio e a Fla-Patão. A primeira foi fundada por Carlinhos Cacho que tentou reunir torcedores que frequentavam a discoteca Papagaio, na Lagoa, após o jogo contra o Vasco da Gama no dia 28 de outubro de 1979.

Durante um treino na sede da Gávea, Cacho, inclusive, foi expulso do local por distribuir convites a jogadores do Flamengo para a fundação oficial do agrupamento na

³⁵ “SER gay é tão normal como a própria vida”. **Diário de Pernambuco**, n. 286, Rio de Janeiro, Domingo, 21 out. 1979, p. 47.

³⁶ CARVALHO, Milton Costa. Sônia boa de bola. **Placar**, n. 505, Rio de Janeiro, 28 dez. 1979, p. 68.

³⁷ DISCUSSÃO na TV sobre a ‘Flagay’ acaba em briga. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 out. 1979, p. 13.

³⁸ O *Lampião da Esquina* foi um jornal editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais, que inicialmente pretendiam abordar a homossexualidade enquanto construíam alianças com outras minorias sociais, como negros, mulheres e indígenas. O periódico teve grande relevância ao explorar, de forma pioneira, os aspectos políticos, existenciais e culturais da questão homossexual. Circulou entre 1978 e 1981, com um total de 37 edições, chegando a ter tiragens de até 20 mil exemplares distribuídos por todo o país (Fry; Macrae, 1985; Souza, 2013).

referida discoteca. A atitude gerou indignação do supervisor Domingo Bosco, que justificou a expulsão alegando a inadequação da ação em pleno ambiente de treinamento, ainda que o evento ocorresse após o jogo contra o Vasco³⁹.

Já a segunda foi antecipada em tom de gozação pelo presidente Márcio Braga e a ideia foi aproveitada pela relações públicas Raquel que até formalizou convites de filiação a cantoras famosas da época⁴⁰. Dentre as convidadas, estava a cantora Simone, que é torcedora do time e aceitou participar da organização, o que foi um grande reforço para o movimento⁴¹. Não foram encontrados registros de sua estreia em estádios.

A influência do movimento rubro-negro também impactou outros clubes do estado, como se viu com a experiência da Fo-Gay, vinculada ao Botafogo de Futebol e Regatas e lançada por Carlos Imperial. Essa iniciativa, porém, foi mobilizada por Imperial apenas para fins midiáticos e não compôs uma organização efetiva.

Os torcedores da Fla-Gay também passaram a contar com a solidariedade de membros das torcidas cruzmaltina e americana, o que se refletiu no surgimento de outras alas gays organizadas na cidade, como a Vas-Gay, vinculada ao Club de Regatas Vasco da Gama, e, posteriormente, a América-Gay, ligada ao America Football Club⁴².

Além do universo profissional, o Colégio Futebol Clube, sob a liderança do desportista Manoel, foi o primeiro a ter um grupo associativo de torcedores assumidamente gays no futebol amador do Rio de Janeiro. Após a partida contra o Clube Recreativo Industriários de Bangu (Creib), realizada no campo do Pavunense, em outubro de 1979, a ala celebrou o aniversário do então presidente Osvaldo Fernandes na sede do clube⁴³.

Em 1979, Francisco Luiz Cavalcanti da Cunha Horta, antigo presidente do Fluminense entre 1975 e 1977, manifestou seu apoio à criação de uma torcida homossexual para o time, destacando sua oposição a qualquer forma de discriminação. Em fala para a edição de novembro do *Lampião da Esquina*, comparou sua atitude favorável à torcida com a postura negativa de dirigentes como Márcio Braga, afirmando que a identidade sexual dos torcedores não deveria importar e que a inclusão de uma torcida gay contribuiria para a beleza do espetáculo esportivo (Pinto, 2018).

³⁹ TIME quer vingar derrota do retorno. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 193, 18 out. 1979, p. 35.

⁴⁰ FLA-PATÃO. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, n. 9199, 27-28 out. 1979, Colunão, p. 11.

⁴¹ SIMONE. **Tribuna da Imprensa**, n. 9223, Rio de Janeiro, 24 e 25 nov. 1979, Colunão, p. 11.

⁴² MOVIMENTO “gay” ganha adesões no futebol. **Jornal da República**. Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.

⁴³ TORCIDA gay. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15327, 24 out. 1979, p. 10.

A Fla-Gay passou anos sem ser citada nos jornais até que voltou à ativa em partida contra o Vasco da Gama pela última rodada da Taça Guanabara no dia 05 de maio de 1996. Quatro ônibus foram fretados pelo grupo Atobá para conduzir os homossexuais ao estádio do Maracanã, sob a liderança do técnico em informática Carlos Alberto Migon e o cantor lírico Raymundo Pereira⁴⁴.

A segunda geração da torcida, porém, não surgiu apenas com o objetivo de apoiar o Flamengo. Seu propósito principal foi utilizar a visibilidade proporcionada pela mídia em torno da iniciativa para dar destaque ao grupo Atobá, buscando atrair novos associados e doações.

Já em 2016, foi criada uma página no *Facebook* com o mesmo nome, por Maurício Tosta, inspirada na primeira geração do movimento de 1979. Essa terceira geração da iniciativa, embora ainda não tenha conseguido ocupar as arquibancadas, segue se organizando para tornar isso possível em breve.

Todo esse cenário abriu precedentes para a presença de árbitros abertamente homossexuais no Rio de Janeiro, como Jorge José Emiliano dos Santos (1954-1995), mais conhecido pelo apelido de Margarida, famoso por seu estilo extravagante de apitar. Em 1988, estampou a revista *Placar* com o seguinte título: “Margarida: ‘Ser Juiz é tudo’ O controvertido árbitro carioca assume publicamente a condição de homossexual e se transforma na sensação do campeonato”⁴⁵.

A publicização da homossexualidade de Margarida não foi um ato isolado nos anos 1980, mas foi impulsionado por uma coletividade, que ficou conhecida como o “Sindicato”. “[...] Não sou hipócrita como muitos. Faço de minha vida o que bem quero. Pelo menos dez árbitros cariocas são gays” (*apud* Esteves, 1988, p. 50). Juntavam-se a Jorge Emiliano outros árbitros e auxiliares do estado abertamente homossexuais, como Valter Senra, o “Bianca”, Robson de Oliveira, o “Gazela”, e Reinaldo Barros, o “Pinah”.

A presença de um árbitro que destoasse da masculinidade hegemônica, porém, não era novidade no futebol carioca. Nos anos 1960, Armando Marques já chamava atenção pelo seu estilo *performativo* de conduzir as partidas. Magro, alto e elegante, utilizava o corpo como extensão do apito, sendo frequentemente alvo de hostilidade das torcidas, que o marcavam com gritos homofóbicos, mesmo sem que tivesse publicizado sua sexualidade.

⁴⁴ ME GUSTA mucho. **Placar**. Rio de Janeiro, n. 1116, jun. 1996, p. 16.

⁴⁵ ESTEVES, Marta. Ser juiz é tudo. **Placar**, São Paulo, n. 929, p. 49-51, mar. 1988.

Na década seguinte, o movimento fluminense se expandiu para São Paulo. Em 16 de outubro de 1979, o *Jornal dos Sports* noticiou o surgimento de três grupos associativos de torcedores assumidamente gays no estado: a Fau-Gay, do São Paulo Futebol Clube; a Corin-Gay, do Sport Club Corinthians Paulista, e a Pal-Gay, da Sociedade Esportiva Palmeiras⁴⁶.

No mesmo dia, o *Jornal da República* também anunciou a criação da Gayviões da Fiel, outra iniciativa gay no Corinthians. A coluna do jornalista Moacir Japiassu do periódico foi escolhida pessoalmente pelo líder da nova ala, João Bombom, para o anúncio público. Junto a ele, outras famosas figuras da noite paulistana compunham o movimento: Zé Delícia, Nino Chofer, Cara-de-Homem e Princesa⁴⁷.

Na baixada santista, o Santos Futebol Clube também contava com sua ala gay: a Baleia Gay. O movimento, porém, foi impedido de entrar no Estádio da Vila Belmiro no dia 20 de outubro de 1979, quando o time jogou contra a Associação Esportiva Velo Clube Rioclarense em partida válida pela 34ª rodada do Campeonato Paulista⁴⁸.

No interior do estado, o movimento também encontrou adeptos. O *Diário da Noite* noticiou a formação da Gua-Gay, vinculada ao Guarani Futebol Clube⁴⁹. Já o *Jornal da República* falava em Bugre-Gay, também vinculada ao clube bugrino⁵⁰. Em São José do Rio Preto, o American Gay, do América Futebol Clube, estreou em Campinas em derrota para a Associação Atlética Ponte Preta no dia 14 de setembro de 1980⁵¹.

Quanto a essa expansão paulista, o carnavalesco Clóvis Bornay, inclusive, teria recebido um telefonema direto de São Paulo para ser padrinho da fundação de outro agrupamento gay do Corinthians, a Fiel-Gay, conforme foi noticiado pela *Folha de São Paulo*⁵². A repercussão da notícia com os outros torcedores do clube foi imediata e negativa⁵³.

⁴⁶ GAY em campo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15319, 16 out. 1979, Ataque & Defesa, p. 2.

⁴⁷ JAPIASSU, Moacir. Atenção: vem aí os Gayviões da Fiel. **Jornal da República**. Rio de Janeiro, n. 44, 16 out. 1979, Esporte, p. 14.

⁴⁸ GALERAS. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 15326, 23 out. 1979, Bola no chão, p. 5.

⁴⁹ “BALEIA GAY” não pode entrar. Mas, já existe. **Diário da Noite**. São Paulo, n. 16531, 22 out. 1979, p. 18.

⁵⁰ MOVIMENTO “gay” ganha adesões no futebol. **Jornal da República**. Curitiba, n. 50, 24 out. 1979, Curitiba-Social, p. 15.

⁵¹ ONDE deu pé. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 542, 19 set. 1980, Sem pulo, p. 47.

⁵² TANGAS, paetês e serpentina: é a Fla-Gay. **Folha de São Paulo**. São Paulo, n. 18459, 17 out. 1979, Esportiva, p. 26.

⁵³ A MÁSCARA derrubou Batata. **Jornal da República**. Rio de Janeiro, n. 50, 23 out. 1979, Compacto, p. 15.

Bombom, por exemplo, não gostou da repercussão que o anúncio de Bornay tomou: “(...) Mentira! Mentira! O nome não é esse, é Gayviões, e está até registrado. É muito atrevimento daquela boneca!” (*apud* Japiassu, 1979, p. 16). Disse ainda que não precisava de ajuda do carnavalesco e, se fosse propor uma coligação, seria com a Galo-Gay, agrupamento que estava sendo organizado por Cintura Fina em Belo Horizonte.

Falando em Minas Gerais, outra iniciativa também surgiu no período: a Bra-Gay, do Brazão de Muriaé. No início de 1980, o movimento estava acompanhando o time na maioria dos jogos. Em 7 de março, o *Jornal dos Sports* noticiou sua presença no jogo contra o Tupi Football Club que aconteceria a três dias no Estádio Sales de Oliveira referente ao turno da fase final do Torneio Regional de 1979⁵⁴.

A expectativa pelo título era alta e a iniciativa prometia uma grande festa com bolas coloridas, faixas e muita serpentina, conforme noticiado pelo *Jornal dos Sports*⁵⁵. O resultado final, porém, não acompanhou o entusiasmo dos seus aficionados: o título do turno foi vencido pelo Tupi.

Nesse período, a criação de grupos de torcedores gays não ficou restrita a clubes, sendo também estendida a jogadores. Em nota publicada na revista *Placar* em julho de 1982, foi noticiada a tentativa de criação de um movimento gay carioca chamada “Ederetes”, em homenagem ao jogador Éder Aleixo. A iniciativa, formada por 16 integrantes, surgiu na Cinelândia (RJ) durante a Copa do Mundo daquele ano para apoiar o atleta.

Contudo, a eliminação da Seleção Brasileira diante da Itália na segunda fase da competição interrompeu os planos do grupo, embora o organizador, Sérgio Pereira, ainda manifestasse a intenção de reunir os torcedores no Estádio do Mineirão em outra ocasião para prestigiar o jogador que atuava no Atlético Mineiro⁵⁶.

O Rio de Janeiro também foi palco de outro movimento no final da década: a Peraltas do Fogão, mais uma iniciativa gay vinculada ao Botafogo. O torcedor Floriano Antônio foi até o *Jornal dos Sports* informar a estreia da agremiação no Maracanã em partida válida pelo Campeonato Brasileiro contra o Flamengo no dia 20 de setembro de

⁵⁴ HELÊNIO, Mário. Juiz de Fora. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, n. 15356, 7 mar. 1980, p. 6.

⁵⁵ HELÊNIO, Mário. Em Juiz de Fora, uma decisão à tarde. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, n. 15358, 9 mar. 1980, p. 6.

⁵⁶ VEM aí “as ederetes”, a mais nova torcida gay do Rio. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 635, 23 jul. 1982, p. 22.

1989⁵⁷. No dia seguinte, um integrante da Torcida Jovem do Botafogo desmentiu a informação⁵⁸.

A expressiva quantidade de grupos associativos de torcedores assumidamente gays na Região Sudeste entre 1977 e 1989 evidencia não apenas a efervescência de movimentos locais, mas também sua força propulsora para experiências semelhantes em outros estados do país. A visibilidade conquistada, mesmo diante da repressão e do preconceito, contribuiu para a inspiração e o surgimento de grupos associativos em outras regiões, como no Distrito Federal, como será abordado na seção seguinte.

Brasília em festa: torcidas sob o céu do cerrado no Centro-Oeste

Com a recente profissionalização do Campeonato Brasiliense, entre os anos de 1979 e 1980, observou-se uma tentativa inédita de organização de organizações gays ligadas aos principais clubes do Distrito Federal. Essas iniciativas refletiram não apenas o entusiasmo de torcedores homossexuais pelo futebol local, mas também uma busca por visibilidade e reconhecimento nas arquibancadas.

Dentre esses movimentos, destaca-se a Gama-Gay, vinculada à Sociedade Esportiva do Gama, sob a liderança Claudio Medeiros, assíduo frequentador da “The Fox Discothèque”⁵⁹, também conhecido como “Clôde”. As cores da ala eram alviverdes em alusão ao clube e seus componentes portavam vestimentas chamativas e diversos adereços de mão⁶⁰.

A iniciativa foi amplamente comemorada por Clóvis Bornay, que, inclusive, disse que poderia se mudar para Brasília caso a agremiação fosse aprovada oficialmente: “Se a Gama-Gay for autorizada, venho rápido de cordões e lantejoulas, podem crer” (*apud* Croc’s, 1980, p. 23).

Além disso, o movimento também encontrou ampla receptividade entre as demais torcidas organizadas do futebol brasiliense. Esse ambiente incentivou o surgimento de iniciativas similares nos outros grandes clubes do Distrito Federal,

⁵⁷ ANTÔNIO, Floriano. Peraltas do Fogão. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 18809, 29 set. 1989, Bate-bola, p. 2.

⁵⁸ LOU. Torcida Jovem. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n. 18810, 30 set. 1989, Bate-bola, p. 2.

⁵⁹ A “The Fox Discothèque” era uma das casas de show mais badaladas de Brasília, sendo um ponto de encontro para os homossexuais da cidade.

⁶⁰ CROCODILO lança a Gama-Gay. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6112, 29 out. 1979, Esportes, p. 21.

consolidando uma rede de torcedores gays e outras personalidades de fora do círculo futebolístico⁶¹.

Outras agremiações significativas foram a Céu-Gay, ligada ao Centro de Ensino Unificado de Brasília Esporte Clube, coordenada por Marion Glacê, e a Guará-Gay, associada ao Clube de Regatas Guará, que teve como principal figura “Greta do MEC”, conhecida personagem da cena cultural da capital. Completando o grupo, surgiram ainda a Taguá-Gay, organizada por Luquete, figura popular do Chopp Center, e a Plana-Gay, vinculada ao Planaltina Esporte Clube, sob a liderança de Dedete.

No clube colorado da cidade, o Brasília Futebol Clube também contava com o seu agrupamento gay, a Brasa-Gay. Porém, o chefe da torcida organizada do clube, Jorge Moreira, manifestou-se de forma categórica contra a possibilidade de criação da iniciativa. Demonstrando forte oposição à iniciativa, afirmou que qualquer manifestação que sequer sugira um perfil considerado “alegre” seria imediatamente rechaçada⁶².

A existência desses movimentos marcou um dos primeiros capítulos da história do futebol profissional brasileiro, no qual torcedores gays buscaram afirmar sua presença e identidade nas arquibancadas. Assim, a breve, mas expressiva experiência dessas iniciativas revela como o futebol pode se tornar palco de disputa por reconhecimento e reinvenção das formas de torcer.

Torja, Ita-Gay e outras iniciativas homossexuais no Nordeste

Em outubro de 1979, o *Diário de Pernambuco*, em tom provocativo, anunciou que Clóvis Bornay estaria preparado para fundar uma nova torcida gay em Recife⁶³. Não anunciou, entretanto, nome e nem time, o que levanta questionamentos sobre a veracidade da informação. A realidade é que dois movimentos paralelos e orgânicos surgiram em duas grandes equipes do estado nesse período.

Em 24 de outubro de 1979, a edição 581 da revista *Veja* noticiou a tentativa de criação de uma torcida gay no Sport Club do Recife. Liderada pela travesti Valéria, a Lionsgay buscava marcar presença nos estádios pernambucanos desde o início do ano,

⁶¹ GALERA gays se apresentam. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6125, 12 nov. 1979, p. 15.

⁶² CROCODILO lança a Gama-Gay. **Correio Braziliense**. Brasília, n. 6112, 29 out. 1979, Esportes, p. 21.

⁶³ PENSAMENTO positivo. **Diário de Pernambuco**. Recife, n. 294, 26 out. 1979, p. 12.

porém enfrentava constantes ameaças de agressão por parte do Bafo do Leão, um dos principais grupos de torcedores do clube, o que inviabiliza sua estreia⁶⁴.

No ano seguinte, o *Zero Hora* relatou um conflito entre a Torja, agrupamento gay do Clube Náutico Capibaribe, e o treinador da equipe, Pinheiro. O desentendimento começou quando o técnico chamou os integrantes do grupo de “cafajestes” e “vagabundos”, acusando-os de apedrejar jogadores na partida anterior. Em resposta, a torcida tentou impedir que os torcedores assistissem aos jogos, enquanto a diretoria do clube se mostrou preocupada e prometeu intervir para resolver a situação⁶⁵.

Segundo Anjos (2018), a orientação sexual da iniciativa não foi um fator central no conflito, tendo em vista que a orientação sexual de seus membros não foi tomada como mote para as ofensas proferidas contra os integrantes. Além disso, a liderança do clube demonstrou preocupação em manter a participação ativa desses torcedores, o que demonstra certa valorização de sua presença (Anjos, 2018).

Já em novembro de 1979, o *Diário de Pernambuco* noticiou os bastidores da formação da Ita-Gay, movimento gay do Itabuna Esporte Clube, no sul da Bahia. O colunista social Adilson Cezimbra, idealizador do movimento, informava que a organização já contava com mais de cinquenta integrantes e anunciava que sua primeira atuação oficial estava prevista para 1980, quando o clube mudaria suas cores de alvianil para amarelo e preto⁶⁶.

Os torcedores contariam com vestidos longos em paetês e miçangas, além de charanga própria e uma imensa bandeira bordada com detalhes dourados. O movimento, inclusive, encontrou apoio do presidente do clube, Silvio Roberto Brito, que, publicamente, prometeu apoiar a nova iniciativa nas andanças do time durante o Campeonato Nacional do ano seguinte⁶⁷.

O mandatário do clube teria garantido até recursos para a estruturação e manutenção da ala, que, já naquele momento, estava sendo dificultada pela reação de diversos setores da comunidade itabunense, sobretudo os tradicionais coronéis do cacau⁶⁸. Até o momento, não foram encontrados registros oficiais de que a ala teria estreado nas arquibancadas brasileiras.

⁶⁴ JOGO proibido: torcidas gay querem um lugar nos estádios. **Veja**, São Paulo, n. 581, 24 out. 1979, p. 88.

⁶⁵ BRIGAS.... **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 46, 28 fev. 1980.

⁶⁶ ALA “GAY” da Bahia. **Diário de Pernambuco**. Recife, n. 302, 6 nov. 1979, Últimas notícias, p. 18.

⁶⁷ PRESIDENTE apoia a ala da torcida gay. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 23052, p. 5, 6 nov. 1979.

⁶⁸ ITABUNA faz ala “gay”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, n. 212, 6 nov. 1979, Esporte, p. 28.

Junta-se a essa iniciativa, o relato de Rudá (2024) sobre a Bagay (ou Gayba), em que torcedores do Esporte Clube Bahia discutiram a criação de uma iniciativa semelhante no clube. A ideia, no entanto, enfrentou resistência dentro das organizações locais, gerando desconfortos, ameaças e tensões que impediram sua consolidação. O jornalista Osmar Martins relembra que o radialista Haroldo José, o “Sex Harold”, também se interessava em impulsionar o movimento, mas seu falecimento precoce em um acidente de carro acabou interrompendo a iniciativa (Rudá, 2024).

Ao relatar a experiência da Lionsgay, Torja, Ita-Gay e Bagay, espera-se fornecer uma contribuição relevante para a ampliação do debate historiográfico, que aponta para a necessidade de aprofundamento de pesquisas sobre as manifestações de dissidência sexual no esporte brasileiro, sobretudo em contextos regionais ainda pouco explorados.

A experiência manauara: Galo-Gay, Leão-Gay e Pena-Gay no Norte

Se o Nordeste já apresenta relatos pouco conhecidos sobre a formação de grupos associativos de torcedores assumidamente gays, o cenário no Norte brasileiro é ainda mais silencioso. Até o momento, não foram encontrados registros sobre movimentos semelhantes nos clubes da região. A seguir, será apresentado a breve história de três iniciativas que, certamente, mudarão essa perspectiva.

Em abril de 1980, o *Jornal do Comércio* anunciou o surgimento da nova ala do Atlético Rio Negro Clube: a Galo Gay. A notícia, por sua vez, fazia menção à sua presença em jogo do clube em Manacapuru (AM)⁶⁹. O líder da organização era Eurico Carvalho, conhecida personalidade do estado, com apoio de Marcelo Peña.

Ao longo do ano, o periódico também noticiou a presença da ala em outros jogos do time pelo Campeonato Amazonense, como, por exemplo, contra o Sul América Esporte Clube (25/05/1980)⁷⁰, o Penarol Atlético Clube (31/08/1980)⁷¹ e em clássico

⁶⁹ TORCIDA acompanha o “Galo” nos jogos em Manacapurú. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 22970, 26 abr. 1980, p. 15.

⁷⁰ “GALO” armado para chegar lá. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 22994, 25 maio 1980, Esportivo, p. 25.

⁷¹ OS GAYS chegam ao Amazonas. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 541, 12 set. 1980, Sem pulo, p. 36.

contra o Nacional Futebol Clube (05/09/1980 e 03/08/1986)⁷². Também esteve presente em jogo amistoso contra o Vasco da Gama no dia 9 de julho de 1987⁷³.

Em imagem contida na terceira reportagem citada anteriormente, é possível ler os dizeres “Torcida Organizada Galo Gay” estampados nas arquibancadas do Estádio Vivaldo Lima, o maior do estado naquele momento. A fotografia em preto e branco mostra parte da ala presente, com destaque para a faixa estendida nas fileiras superiores, evidenciando a presença visível e afirmativa de uma iniciativa gay durante a partida.

Eurico Carvalho, líder do movimento, destacou-se como uma personalidade marcante do cenário futebolístico amazonense. Sua atuação ultrapassou os limites das arquibancadas ao organizar caravanas audaciosas de apoio ao time, como nas viagens a Parintins e Maués durante a Copa Integração de 1988. Mesmo diante de desentendimentos internos e preconceitos, Eurico manteve sua dedicação, chegando a vender seu próprio carro para garantir a presença de torcedores nos jogos do clube⁷⁴.

Com a criação da “Galo Gay”, o Rio Negro promoveu uma transformação no cenário das torcidas amazonenses e fomentou movimentos similares nos outros clubes do estado, o que desembocou em duas outras iniciativas: a Leão-Gay, do Nacional Futebol Clube, e a Pena-Gay, do Penarol Atlético Clube.

A Leão-Gay era liderada por Clemilton Matos. Sua estreia aconteceu no dia 21 de setembro de 1980 em clássico contra o próprio Rio Negro. Na ocasião, os integrantes anunciaram a presença de mais de 200 participantes, inovações na animação das arquibancadas e uma bandeira de 30 metros de comprimento por 15 de largura, destacando-se como uma resposta performática à Galo Gay, do seu rival⁷⁵.

A rivalidade entre iniciativas, porém, atingiu outros níveis. Em um episódio de violência entre torcedores, integrantes da Galo-Gay deslocaram-se até a cidade de Itacoatiara (AM) com o objetivo de apoiar o time, mas foram recebidos de forma hostil pela Pena-Gay. O confronto resultou em diversos feridos, incluindo Eurico Carvalho, que precisou ser retirado do local em padiola devido à gravidade das agressões⁷⁶.

⁷² RIO-NAL de festa e atrações. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 23178, 5 set. 1980, p. 25; RECREATIVO define os times do Galo e Naça. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 33983, 2 ago. 1986, p. 21.

⁷³ TORCIDA “Galo Gay” confirma presença. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 34325, 9 jul. 1987, p. 13.

⁷⁴ EURICO vende o carro e reforça “Galo Gay”. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 34551, 1 jun. 1988, p. 13.

⁷⁵ TORCIDA “Leão Gay” será lançada a 21. **Jornal do Comércio**, Manaus, n. 23178, 12 set. 1980, p. 10.

⁷⁶ OS GAYS chegam ao Amazonas. **Placar**, Rio de Janeiro, n. 541, 12 set. 1980, Sem pulo, p. 36.

Em detrimento da violência, os grupos associativos de torcedores assumidamente gays no Amazonas, não apenas ampliaram a diversidade nas arquibancadas, como também se tornaram agentes ativos na vivência e promoção do futebol local. Suas trajetórias revelam um capítulo relevante da história do Campeonato Amazonense, no qual a expressão identitária se entrelaçou à paixão clubística.

Considerações finais

Entre o final da década de 1970 e os anos 1980, o futebol brasileiro foi marcado por uma efervescência de iniciativas gays em âmbito nacional, se não de uma forma articulada, pelo menos em sintonia. Nesse ínterim, o surgimento de mais de cinquenta grupos associativos de torcedores assumidamente gays, seja no futebol profissional ou no amador, foi noticiado por veículos de imprensa locais e nacionais nas cinco principais regiões do país.

Ainda que não fosse objetivo central deste artigo analisar a imprensa esportiva, ficou constatada nos registros consultados a presença recorrente de discursos homofóbicos e machistas. Em diferentes jornais e revistas do período, a linguagem utilizada para retratar torcedores, jogadores e árbitros reforçava estereótipos de gênero e sexualidade, revelando um contexto estrutural de discriminação que atravessava a cobertura do futebol naquele momento histórico.

Confrontando esses preconceitos, essas alas desafiaram o ideal hegemônico de masculinidade no futebol brasileiro, promovendo visibilidade e enfrentando resistências. A presença de homossexuais nos estádios já existia antes, seja individualmente ou em torcidas convencionais. O que diferenciou esse período, porém, foi a organização coletiva estruturada na vivência pública de uma sexualidade dissidente em torno de um time.

Ao se opor ao padrão normativo baseado no ideal de masculinidade que hierarquiza e rejeita diferentes expressões sexuais, a ação política de grupos excluídos no futebol possibilita que eles criem práticas discursivas que questionem e revelem o caráter artificial dos códigos e restrições nas práticas do futebol. As organizações homossexuais exemplificam essa resistência, ao buscarem uma nova configuração das relações de poder no futebol.

Os resultados obtidos são significativos para fomentar novos estudos sobre experiências em novos contextos pelo Brasil. Espera-se que investigações futuras se beneficiem da ampliação do mapeamento de grupos associativos de torcedores assumidamente gays no país, aprofundando a análise em estados como Amazonas, Paraná, Bahia e Distrito Federal.

Além disso, reconhecer e analisar a presença desses movimentos em clubes de divisões inferiores e do futebol amador é fundamental para compreender as múltiplas formas de pertencimento e resistência dentro do universo esportivo como um todo. Esses espaços, muitas vezes marginalizados pela cobertura midiática, foram – e continuam sendo – palcos importantes para a expressão de identidades dissidentes e para a disputa de significados no campo simbólico do futebol.

Portanto, ao narrar brevemente esses acontecimentos, esta pesquisa espera contribuir para o fortalecimento de uma historiografia que valoriza a diversidade no futebol. Ao mesmo tempo, reafirma a importância de analisar experiências que, durante muito tempo, foram silenciadas e marginalizadas. Que esse seja apenas o início de novos percursos investigativos sobre as dinâmicas de gênero, sexualidade e identidade nas arquibancadas brasileiras em todas as divisões e regiões do país.

Referências

Fontes

CROC'S. *Correio Braziliense*, Brasília, n. 6288, 11 jan. 1980, p. 23.

ESTEVES, Marta. *Ser juiz é tudo*. Placar, São Paulo, n. 929, p. 49-51, mar. 1988.

FERNANDES, Marisa. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Julia Gumieri em 24/08/2017.

FONSECA, Divino. *Para o que der e vier*. Placar. Rio de Janeiro, n. 370, p. 48-50, 27 maio 1977.

JAPIASSU, Moacir. *Bombom ataca Bornay*. Jornal da República. São Paulo, n. 46, 18 out. 1979, p. 16.

JOGO proibido: torcidas gay querem um lugar nos estádios. Veja, São Paulo, n. 581, 24 out. 1979, p. 88.

LIMA FILHO, Edson. *Os polivalentes da arquibancada*. Placar. Rio de Janeiro, n. 400, p. 51, 23 dez. 1977.

PARA o que der e vier. Direção de Pedro Guindani. Porto Alegre/RS: Lockheart Filmes, 2016. On-line (26 min.), widescreen, color.

Bibliografia

AIRES, Luísa. *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. *De “são bichas mas são nossas” à diversidade da alegria: uma história da torcida Coligay*. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. *O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11., 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: UFSC, 2017.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: UnB, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e Estética*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.

DAMO, Arlei Sander. *Coligay – o esplendor recuperado*. Ludopédio, 31 ago. 2018.

DE LAURETIS, Teresa. *Queer theory*. Lesbian and Gay Sexuality: An introduction. Differences. A Journal of Feminist Cultural Studies, v. 3, n. 2, 1991.

DIAS, Luciene Oliveira; GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira. *Margaridas e masculinidades no futebol*. Periódicus, Salvador, v. 1, n. 13, p. 233-246, maio/ago. 2020.

DUARTE, Orlando; TURETA, João Bosco. *Corinthians – O time da fiel*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ELIAS, Bruna da Costa; LIMA, Vanessa Wendhausen. *Revista Placar: análise crítica do discurso sobre a primeira torcida gay organizada do Brasil*. Revista Vincii, v. 3, n. 1, p. 45-66, 2018.

FLORENZANO, José Paulo. “*Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1980s*”. In: FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo Buarque de (Orgs). *The Country of Football: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil*. London: Hurst & Company, 2014. p. 147-166.

FRANÇA, Isadora Lins. “*Cada macaco no seu galho?*”: poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, p. 104-115, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100006>. Acesso em: 12 set. 2025.

FREITAS, Marcel. *Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro*. *Revista Digital EFDeportes*, v. 8, 2002.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GERCHMANN, Léo. *Coligay: Tricolor e de todas as cores*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GREEN, James. “*O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura*”. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 83-123.

GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

GUTERMAN, Marcos. *Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar*. *Proj. História*, São Paulo, n. 1, v. 29, p. 267-279, dez. 2004.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *A festa e a guerra: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. In: *Encuentro de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte*, 1., 2008, Curitiba. *Anais eletrônicos [...]*. Curitiba: UFPR, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Buarque. “*O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*”. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELO, Victor Andrade de. *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012, p. 80-106.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. *Por uma história do associativismo torcedor nos anos 1970: dinâmicas de rivalidade, amizade e emulação na formação da ATOESP – Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo*. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUCA, Tania Regina de. “*História dos, nos e por meio dos periódicos*”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional da Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O circuito dos jovens urbanos*. *Tempo social*, v. 17, n. 2, São Paulo, nov. 2005.

MANDELLI, Mariana Carolina. *Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens*. *FuLiA/UFMG [Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]*, v. 8, n. 3, p. 155–175, 2023.

MARTINS, Gabriel Sulino. *Violência no futebol: uma análise da práxis do torcer*. *Revista Caliandra, Goiania*, v. 3, n. 2, p. 167-175, 2024.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 28, p. 429-440, 2014.

NASCIMENTO, Marcus Jary. *Futebol, sociabilidade e psicologia das massas: ritos e símbolos e violência nas ruas de Goiânia*. *Pensar a prática*, v. 10, n. 1, p. 99-116, 2007.

MURAD, Maurício. *A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*. São Paulo: Benvirá, 2017.

OLIVEIRA, Letícia Marcela Ferreira de. *A Fla-Gay e as representações dos homossexuais na ditadura militar: uma análise dos periódicos Jornal dos Sports, O Globo e Lâmpião da Esquina de 1979*. 2022. 122 f. Monografia (Bacharelado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *Sociabilidades torcedoras: uma análise da forma de torcer em Fortaleza nos anos 1960 e 1970*. In: Encontro Estadual de História - ANPUH Ceará, 14., 2014, Limoeiro do Norte. *Anais do XIV Encontro Estadual de História*. Fortaleza: UECE, 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues. *A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro*. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 1, n. 4, p. 102-123, 2018.

PINTO, Maurício Rodrigues; ALMEIDA, Marco Bettine. *As torcidas queers em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol*. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, ago. 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Queer nos trópicos*. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 2, n. 2, p. 371-394, jul.-dez. 2012.

RICH, Adrienne. “*Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*”. In:

ABELOVE, Henry; BARALE, Michele; HALPERIN, David (Orgs.). *The Lesbian Studies and Gay Studies*. Nova York: Routledge, 1993. p. 227-254.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. 1968 *Cinquentão: Rebeldia e Integração*. Revista ECO-Pós, v. 21, n. 1, p. 10-29, 2018.

ROLLEMBERG, Denise. “*A ditadura militar em tempo de radicalização e barbárie (1968–1974)*”. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org.). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

ROSOSTOLATO, Breno. *O homem cansado: uma breve leitura das masculinidades hegemônicas e a decadência patriarcal*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2018.

RUDÁ, Onã. *Chegay: sou LGBTriocolor*. 2024. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Salvador (UNIFACS), Campus Tancredo Neves, Salvador, 2024. Disponível em: repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/46051. Acesso em: 12 set. 2025.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Marchi Wanderley. *O futebol de Marta na Revista Placar: recortes de uma história*. Espaço Plural, v. 14, n. 29, p. 298-313, 2013.

SANTOS, Giordano Bruno Reis dos. “*Intelectuais de esquerda e televisão no Brasil dos anos 1970*”. In: KUSHNIR, Beatriz (Org.). *Maços na Gaveta: reflexões sobre mídia*. Niterói: EdUFF, 2009. p. 65-75.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Eduardo Bortolotti. *Maré vermelha: histórias do primeiro grupo homossexual de Santa Maria/RS*. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2019.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Marcos Alves de. *Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro*. Cadernos pagu, n. 6/7, p. 109-152, 1996.

SOUZA, Rafael de. “*Saindo do Gueto*”: o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978–1982. (2013). Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. Rio de Janeiro, Record, 2000.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Comentários em jogo: usuários do Instagram e a Copa Do Mundo De Futebol De Mulheres de 2023

In-game comments: Instagram users and the 2023 Women's World Cup

Rafaella Euzébio Freitas

Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Viçosa, MG
rafaella.freitas@ufv.br
<https://orcid.org/0009-0000-4785-3762>

Doiara Silva dos Santos

Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Viçosa, MG
santosdoiara@ufv.br
<https://orcid.org/0000-0002-4718-7226>

Fernanda Santos de Abreu

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Belo Horizonte, MG
fernandaabreuedfisica@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5588-4283>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 04 de agosto de 2025

Resumo:

A participação de mulheres no futebol no Brasil é marcada por adversidades e lutas que, por muito tempo, foram invisibilizadas pelas mídias. As conquistas nesse cenário aconteceram a partir de reivindicações e resistências contra-hegemônicas em prol da participação das mulheres no esporte, que seguem desafiando lógicas patriarcais. Apesar de alguns avanços observáveis na relação do futebol de mulheres com as mídias, ainda persistem problemas. Este estudo analisa a recepção de usuários do Instagram a conteúdos postados no perfil do Globo Esporte (ge.globo) sobre a Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2023, por meio dos comentários de usuários do Instagram. Foram catalogados comentários de 73 publicações. Os resultados apontaram quatro categorias: 1) Mulheres no meio futebolístico: entre o descrédito e a ridicularização, 2) Reduzindo à insignificância: “Ninguém liga”; 3) A Marta em campo, desprezo online; 4) O apoio em diferentes manifestações. Identificou-se a persistência de discursos preconceituosos e discriminatórios que perpetuam perspectivas de estereótipos de gênero no esporte.

Palavras-chave: Futebol de Mulheres. Copa do Mundo. Instagram. Comentários. Usuários.

Abstract:

Women's participation in football in Brazil is marked by adversities and struggles that have long been invisible to the media. Achievements in this scenario have come about as a result of counter-hegemonic demands and resistance in favor of women's participation in the sport, which continue to challenge patriarchal logic. Despite some observable advances in the relationship between women's football and the media, problems still persist. This study analyzes the reception of Instagram users to content posted on the Globo Esporte profile (ge.globo) about the 2023 Women's World Cup, through Instagram user comments. Comments from 73 posts were cataloged. The results indicated four categories: 1) Women in football: between discredit and ridicule; 2) Reducing insignificance: “nobody cares”; 3) Marta on the Field, online contempt; 4) Support in different manifestations. The persistence of prejudiced and discriminatory discourses that perpetuate perspectives of gender stereotypes in sport was identified.

Keywords: Women's Football. World Cup. Instagram. Comments. Users.

Introdução

O esporte se constituiu historicamente enquanto um fenômeno sociocultural envolto em uma arena de disputas para além de seus aspectos táticos e técnicos. Por sua dimensão sociocultural entende-se a sua relação com aspectos históricos e identitários, que se materializam em meio a tensionamentos e problemáticas sociais, políticas, econômicas, culturais, dentre outras dimensões e dinâmicas da vida social (Giglio; Proni, 2020).

De fato, em geral, os espaços esportivos e seus atores são atravessados por questões de raça, gênero, classe, religiosidade, sexualidade, dentre outros elementos identitários que estruturam as relações e experiências humanas e são objeto de análise de diferentes áreas que investem pesquisa sobre o futebol, inclusive a Educação Física em sua relação com as Ciências Humanas e Sociais (Abrahão; Caldas, 2022).

O esporte, portanto, não se apresenta enquanto um campo neutro de vivências. Ao contrário, em suas variadas formas de manifestação, o ambiente esportivo pode se tornar um cenário propício para a produção e reprodução de estereótipos e condutas normativas, que podem impactar as experiências de prática do futebol para diferentes grupos sociais e em diferentes contextos, inclusive para as mulheres (Camargo, 2021).

Efetivamente as produções de sentidos, percepções e apropriações sobre as práticas corporais, entendidas como fenômenos socioculturais, foram e ainda são influenciadas por compreensões que conectam uma determinada prática esportiva a perspectivas que permeiam o imaginário coletivo quanto ao que seja masculino e/ou feminino (Abreu, 2022).

Imbricado em processos culturais, o futebol circula no imaginário popular como uma prática atrelada aos homens em contextos de afirmação de sua identidade hegemônica. Por outro lado, atividades como dança e ginástica foram historicamente conectadas às mulheres e ideais de feminilidade (Correia; Devide; Murad, 2017).

A construção histórica dos papéis de gênero ou expectativas sociais sobre gênero moldou imagens das mulheres como inferiores e frágeis, impactando a participação, valorização e desenvolvimento delas no âmbito esportivo (Beirith; Araldi; Folle, 2022).

Os sistemas patriarcais que moldaram as sociedades modernas tornaram-se fenômenos globais, produzindo-se histórias comuns de desafios e barreiras para a participação de mulheres no esporte (e no futebol em específico) em todo o mundo. Ao

mesmo tempo, esses desafios e barreiras que limitaram (e ainda limitam) as ações e possibilidades das mulheres no mundo dos esportes com base em construções de gênero se manifestam em diferentes contextos, com seus níveis de singularidade e que são, portanto, vividos de modo plural.

De fato, é preciso perspectivar a prática do futebol de mulheres na dimensão do lazer, do contexto educacional e comunitário, da iniciação e profissionalização esportivas a partir de especificidades e recortes que permitem análises aprofundadas, como a prática de futebol em sociedades ocidentais e não-ocidentais, centros urbanos e regiões rurais, interior e capital, a intersecção com outros marcadores sociais da diferença.

As reivindicações e resistências contra-hegemônicas em prol da participação das mulheres no futebol têm desafiado essa lógica esportiva futebolística enquanto domínio dos homens, produzindo pontos de inflexão. Esse contra-poder, ou seja, capacidade de resistência e oposição a estruturas estabelecidas (Bourdieu, 1990), é um processo que demanda constante mobilização de pautas reivindicatórias e defesa de direitos, sob risco iminente de estagnação e/ou retrocessos.

Certamente, apesar dos momentos de visibilidade, o futebol de mulheres continuam encarando inúmeras barreiras para se consolidar, do lazer ao universo do alto rendimento, muito em parte por resistências a esta prática, estas que apelam à manutenção de um *status quo* que afetam atletas, treinadoras, narradoras, gestoras, etc. (Goellner, 2005; Souza; Santos, 2022; Moraes; Pisani; Kessler, 2024; Novais et al., 2022; Bonfim; Dos Santos; Spaggiari, 2024).

No Brasil, por exemplo, a prática do futebol por mulheres foi proibida por lei por mais de 35 anos, produzindo um contexto de repressão que trouxe impactos negativos para o desenvolvimento da modalidade. A própria lógica legislativa legitimou, por muito tempo, a construção de discursos preconceituosos e discriminatórios relacionados à presença das mulheres no futebol (Ribeiro, 2023).

A participação de mulheres no futebol no Brasil é marcada por adversidades e lutas que, por muito tempo, foram invisibilizadas pelas mídias e compuseram uma conjuntura de exclusão e negação do espaço esportivo a elas (Brancher et al., 2022). Segundo Boschilia e Meurer (2006), as mídias ocupam um espaço expressivo em nossa sociedade, determinando e impulsionando suas configurações, indissociáveis das mais variadas esferas sociais.

No esporte moderno, a relação esporte-mídia é simbiótica, dado o próprio processo de espetacularização que constitui o esporte profissional. No que concerne aos desdobramentos dessa relação, emerge a especialização do denominado jornalismo esportivo (Brancher, et al. 2022), principal modo de consumo do esporte de rendimento, principalmente através da internet, com o advento das redes sociais, sites, blogs, canais de vídeo, entre outros.¹

Após anos de invisibilidade do futebol de mulheres nas mídias (Goellner, 2005; Rial; Almeida, 2024), há sinalizações de que “nos últimos anos, temos assistido a um crescimento de visibilidade e interesse na mídia e na academia pelo futebol de mulheres e pelas mulheres do futebol, como jornalistas, torcedoras, árbitras, entre outras” (Vimieiro; Eugênio; Souza, 2025).

Contudo, apesar de alguns avanços observáveis ao longo dos anos, no Brasil, o futebol de mulheres continua a ser pouco divulgado pelas mídias, e é frequentemente acompanhado de discriminações quando publicizado (Santos; Medeiros, 2012; Brancher, et al., 2022). Esse cenário se materializa na televisão, mídia impressa, mídias sociais, etc.

Há diferentes possibilidades teóricas e metodológicas para analisar a relação esporte e mídia, a partir de diferentes campos de conhecimento, como a Comunicação, a Educação Física e a Sociologia. Esse cenário vem despertando o interesse e atenção de diferentes estudiosos, sendo possível notar no meio científico brasileiro um avanço significativo de sua exploração a partir de 2017 (Vimieiro; Eugênio; Souza, 2025).²

Neste estudo, compreende-se que as mídias não só estão diretamente conectadas aos processos sociais, mas também são fruto de discursos sociais e práticas culturais. Apoia-se, assim, na teorização de Lévy (1999) quanto aos conceitos de ciberespaço e a

¹ Vale salientar que o jornalismo esportivo nem sempre é profissional do ponto de vista de formação em ensino superior, considerando a falta de exigência de formação específica para a atuação, conforme legislação brasileira (Brasil, 1979).

² A literatura a respeito de esporte, gênero e mídia mobiliza várias áreas de conhecimento. Além da Educação Física, tem-se produções das áreas como a Antropologia, Museologia, Comunicação, formando um subcampo de interesse (Rial; De Almeida, 2024; Bonfim; Dos Santos; Spaggiari, 2024). À medida que o futebol de mulheres recebe mais atenção de diferentes áreas do conhecimento, há de se considerar as especificidades, enfoques e a circulação dessa produção a partir do ponto de partida de cada área de conhecimento nos investimentos sobre o tema. Pesquisadoras da comunicação mapearam e analisaram a produção na área de gênero e esporte de 2000 a 2020 apontando o que consideraram “simplicista” e “sofisticado” (Vimieiro; Eugênio; Souza, 2023). Por certo, contribuições e interações podem surgir a partir da especificidade de cada área, mas, será necessário um cuidado mútuo com riscos de presunções e hierarquizações científicas/epistemológicas, anacronismos, além de um processo judicativo de disputa de autoridade científica sobre o fenômeno em estudo.

cibercultura, que aludem, respectivamente, às redes de comunicação que conectam internacionalmente indivíduos através de aparelhos eletrônicos e ao conjunto de práticas sociais que se desenvolvem no ciberespaço, como os discursos, comportamentos e opiniões, propagação de valores e ideologias, etc. Entende-se, assim, que a cibercultura e o ciberespaço apresentam-se como terrenos férteis de observação e análise social.

À vista exposto, este estudo elege uma rede social como ciberespaço no qual se expressam diferentes práticas discursivas e valorativas sobre o futebol de mulheres, que é o Instagram. Desenvolvido em 2010, trata-se de uma rede social com diversas ferramentas de interação e conteúdo, e atualmente conta com mais de 1 bilhão de usuários ativos mundialmente, sendo o Brasil o segundo colocado no ranking de usuários (Valinor, 2022).

Compreende-se, neste texto, que os usos do Instagram produzem expressão de valores, crenças, consumo e atitudes que se manifestam no ciberespaço e podem revelar características importantes da recepção de certo público ao esporte de mulheres. O esporte reflete e faz refletir problemas sociais como questões de gênero. Assim, pretende-se contribuir para a ampliação dos debates sobre o futebol de mulheres, a partir da hipótese que esta é uma prática ao mesmo tempo reivindicada e contestada no plano discursivo.

Considerando a influência do Instagram, a relação esporte-mídia e as questões de gênero no futebol brasileiro, o objetivo do presente trabalho é analisar a recepção de usuários do Instagram em relação a conteúdos sobre a Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2023. Assim, parte-se da cobertura a partir de um perfil de notícias esportivas no Instagram, tomando como foco principal os comentários de usuários em publicações dessa cobertura, discutindo as práticas discursivas desses usuários quanto aos conteúdos em tela.

Metodologia

O estudo é qualitativo, pois busca compreender e interpretar práticas sociais sem pretensões de produzir generalizações, considerando processos de subjetivação e contextos particulares de expressão de um fenômeno (Minayo, 2012).

Mobiliza-se como aparato metodológico a teorização de Hall (2003) sobre o processo comunicativo, em seu caráter não linear, que apresenta codificação e decodificação a partir de diferentes estruturas/referenciais de sentido.

A pesquisa foi delimitada por um recorte temporal, analisando as postagens da cobertura da Copa do Mundo de Mulheres de 2023 no período de 10 de Julho de 2023 até 2 de Agosto de 2023, ou seja, dez dias antes do início da competição (20 de Julho) e no dia em que o Brasil foi eliminado da competição (2 de Agosto). O portal escolhido para coleta desses dados foi a página oficial do Globo Esporte (@ge.globo) no Instagram.

O GE é uma das diversas plataformas digitais pertencentes à Rede Globo, emissora que possui a maior audiência entre os canais de televisão aberta do Brasil e que detinha os direitos de transmissão oficiais. À época da coleta de dados, o perfil do GE possuía 3,7 milhões de seguidores, e apresentava-se como um portal de notícias diário, com cerca de 55 mil publicações ao total. Desse modo, o Instagram do GE revelou-se como um dos grandes portais do jornalismo esportivo brasileiro.

Fichas de dados foram utilizadas como instrumento de catalogação, no qual exercitou-se a pré-análise, selecionando todas as publicações no período delimitado, e utilizando duas classificações de comentários: 1. comentários de endosso; 2 comentários de rejeição/contestação e outros. Em razão do grande número de comentários por publicação, fez-se a escolha dos comentários de forma randômica, buscando registrar, no máximo, 10 comentários para cada classificação proposta em cada publicação, considerando as limitações do cronograma da pesquisa.

É importante destacar que esta ferramenta manifesta expressões de usuários gerando dados e informações de domínio público no ciberespaço, conforme recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Posteriormente à coleta de dados, foi realizada a análise de conteúdo. A análise de conteúdo possui três fases fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento das informações com inferências de resultados (Bardin, 2006). A exploração do material utilizando métodos de classificação-indexação com base nos temas das mensagens e suas recorrências. Segundo Bardin (2006), isso possibilita a classificação dos elementos informativos dos documentos de forma delimitada, utilizando palavras-chave, por exemplo, para agrupar os dados.

É válido ressaltar que os comentários apresentados em destaque nas publicações catalogadas são influenciados pelos algoritmos do perfil de usuário da autora, visto que o algoritmo do Instagram possui uma função que direciona seus usuários para determinados conteúdos (Burgo; Lauro; Moreira, 2021). O acesso sempre foi realizado pelo mesmo perfil de usuário da autora principal, para não influenciar na mudança de algoritmos.

Assim, a partir de recorrências temáticas oriundas dos dados, os comentários foram agrupados em quatro categorias na fase de codificação para tratamento das informações sendo elas: 1. Mulheres no meio futebolístico: entre o descrédito e a ridicularização; 2. Reduzido à insignificância: “Ninguém liga”; 3. Marta em campo, desprezo online; 4. O apoio em diferentes manifestações.

Resultados e Discussão

Ao todo, foram contabilizadas 73 postagens e catalogados 765 comentários. Os dados da pesquisa apresentaram uma diferença entre as categorias “comentários de endosso”, “comentários de rejeição/contestação e outros”. Por vezes, não foi possível encontrar comentários de endosso para a ficha, o que resultou numa diferença numérica de comentários que expressam a percentagem total de 37,5% de endosso e somando-se 62,5%, de rejeição/contestação e outros.

Mulheres no meio futebolístico: entre o descrédito e a ridicularização

Nessa categoria identificou-se diversos comentários voltados ao desempenho das atletas e à qualidade dos jogos, apontando descrédito e ridicularização. Em sua maioria, esses comentários depreciam o futebol de mulheres, a performance das atletas da seleção, bem como criticam a presença de mulheres como narradoras e comentaristas esportivas. Isso pode ser observado a seguir, numa postagem de 13 de julho de 2023, que continha um vídeo com um bate-papo entre mulheres praticantes de futebol relatando preconceitos entre familiares, em colaboração com o canal GNT:

Imagem 1 - Postagem do GE no Instagram



Fonte - Instagram do GE (@ge.globo) em 28 de julho de 2023.

A publicação continha mais de mil likes (reação positiva a um conteúdo) e 38 comentários. Um usuário disse em relação a esse conteúdo:

@a.augusto_10: Não é discriminando o futebol feminino, vcs mulheres na maioria das profissões exercem até melhor que nós homens, mas no futebol não dá, é horrível assistir um jogo feminino, a narração nem se fala. Pfv não queria obrigar a nós homens a gostar de algo que é ruim, vcs já conquistaram o espaço de vcs a muito tempo no futebol. Libertadores, brasileiro, estadual.. mas sinceramente, é um futebol horrível de se vê.³

Nota-se que o comentário deprecia a performance das atletas (e do futebol de mulheres no geral) e a narração. Ao mesmo tempo, sinaliza que as mulheres têm seu espaço no futebol, porém que tem qualidade ruim.

Noutra postagem, de 23 de julho de 2023, há uma imagem da atleta Marta em ação, com roupa de treinamento, em posição de corrida. Sobreposta à imagem da atleta, lê-se uma frase atribuída a ela entre aspas: “Essa equipe é realmente diferente nesse sentido. É a equipe mais unida de todas que eu já participei.” Na legenda da publicação, menciona-se que a mesma está em sua sexta Copa do Mundo e anuncia-se a estreia do Brasil na Copa de 2023 contra a seleção do Panamá, com a informação do horário de

³ Preservamos os comentários com os erros ortográficos e gramaticais, espaçamentos e *emojis*.

Brasília. A postagem tem mais de 4 mil curtidas e contém 61 comentários. Em letras capitalizadas, um usuário utiliza-se de *emojis* que ridicularizam o conteúdo. Soma-se a este outro usuário que sugere uma equipe trans, com clara manifestação preconceituosa:

@dau_corre: DETESTO FUTEBOL FEMENINO É UMA TREMENDA VÁRZEA.....ONDE NÃO EXISTE GOLEIRA É CADA FRANGO VÊI 🤡🤡🤡.....MELHOR SERIA IM CONE NO LUGAR OU DIMINUIR AS TRAVES 🤡🤡 FUTEBOL FEMININO.... MULHER NARRANDO E COMENTANDO EU NEM PERCO MEU PRECIOSO TEMPO EM ASSISTIR ... PREFIRO ASSISTIR PATATI PATATÁ 🍆🍆🍆

@augustovazsantos: bota um sub13 de trans que o Brasil conquista o primeiro titulo da copa feminina

O comentário sobre pessoas trans revela o reducionismo e ironia sobre a participação de atletas trans no futebol. Reitera lógicas que menosprezam complexidades das identidades de gênero e qualquer discussão sobre políticas de elegibilidade no esporte, pressupondo vantagens biológicas, trazendo a dissidência dos corpos trans como anômalos (Travers, 2024).

Na postagem de 29 de julho, conforme imagem 2, notam-se comentários que também se encaixam nessa categoria e que ridicularizam a performance das mulheres.

Imagem 2 - Postagem do GE no Instagram



Fonte: Instagram do GE (@ge.globo) em 29 de julho de 2023.

Dentre os comentários ao anúncio desta derrota da imagem 2, está o de @ulyssesguiri, que disse: “Futebol feminino: assistir é tortura. Tecnicamente é muito ruim.” Nota-se que essa postagem, que anuncia a derrota do time brasileiro, tem 9.739 curtidas e 1.166 comentários, demonstrando maior engajamento do que outras de resultados comuns de outras equipes ou vitória do Brasil.

Outros jogos, que não da seleção brasileira, também foram desprestigiados por sua qualidade técnica, na visão de usuários como @daniel_tuia: “Jogo ruim da desgraça, erros de passe de 1 metro.” Este usuário referia-se à postagem de 20 de julho de 2023 que anunciava o resultado do jogo entre a anfitriã Nova Zelândia e a Noruega, que foi de, respectivamente, 1 a 0. A postagem teve 6.660 curtidas e 119 comentários. Ainda sobre esta publicação, o usuário @antoniojpl reagiu dizendo: “Futebol é muito bom de assistir, só fica chato quando o juiz apita o início do jogo.”

Em comentário da categoria “outros”, conforme opção metodológica apresentada neste estudo, @itsfaah diz: “A cada publicação de futebol feminino eu pego meu balde de pipoca e venho nos comentários, ver a briga dos que criticam o futebol feminino, os que apoiam e os que só fazem média mesmo pra ter like de mulher. 🙄”.

Esse comentário, em particular, alude ao processo comunicativo no ciberespaço, que interage complexamente em circuitos, apontando para apropriações a partir de diferentes referenciais de sentido mobilizados para interagir com o conteúdo (Hall, 2003). O usuário em questão não somente consome as informações, mas as categoriza, pressupondo suas instrumentalizações, demonstrando que a recepção midiática não é passiva e que produz construções coletivas de significado, com as diferentes leituras que emergem do conteúdo em tela.

Como se vê, apesar dos avanços no futebol de mulheres quanto ao direito de participação e sua profissionalização, é possível constatar vários comentários preconceituosos sobre o futebol de mulheres. Eles apresentam uma notória rejeição e, mais que isso, ataques que partem desses usuários em relação à cobertura dos jogos, das atletas, de forma que expressam publicamente que não irão assisti-los. Para além de não assistir, a produção do discurso de rejeição na rede social pressupõe não uma rejeição passiva à cobertura, mas uma prática de afirmação identitária dentro da cultura dominante do futebol.

O estudo de Tsuitsui (2024: 112), analisou o Instagram e outras redes do GE e constatou que as mídias sociais do Grupo Globo teve “uma atitude torcedora e

entusiasta, de apoio e valorização, em relação à competição”, mas, também, uma falta de “um planejamento integrado das plataformas” (Tsuitsui, 2024: 108), com os perfis de Instagram, TikTok e X trabalhando isoladamente.

O estudo de Frenda et al. (2019), ao analisar a expressão de discursos sexistas, misóginos e machistas no antigo Twitter (agora denominado como X), sinaliza que este tipo de plataforma pode expandir comportamentos patriarcais perpetuando práticas discriminatórias, apontando ao funcionamento dos algoritmos que podem, inclusive, favorecer a visibilidade de conteúdos misóginos a certos grupos, fortalecendo

Segundo Manne (2018), discursos misóginos são práticas utilizadas para manter as estruturas patriarcais, controlando as mulheres, especialmente aquelas que desafiam as normas e padrões estabelecidos para elas, ou que ocupam ou desejam ocupar espaços tradicionalmente reservados à masculinidade, como o universo do futebol. Outros comentários desta categoria são relacionados à contestação e rejeição da narração de mulheres.

Na postagem de 24 de julho de 2003, há uma foto da jogadora Ary Borges, que marcou o segundo gol no jogo de estreia contra o Panamá. Ela aparece uniformizada, sorrindo com a língua para fora, formando um coração com as mãos juntas na altura do peito. Sobrepondo a foto aparece a palavra “gooolll”. A postagem rendeu 2.380 curtidas e 35 comentários. O usuário @thiagocesio disse: “Minha nossa que narração.....estou rindo muito muito.”

Outra publicação desta data não foca na partida, alude aos torcedores brasileiros no estádio, que estenderam uma faixa com uma frase que compara um dos países sede (Austrália)⁴ com o Brasil, sobre sua fauna, em tom lúdico. A foto mostra uma cobrança de escanteio da Ary Borges e a faixa no segundo plano, que dizia: “Capivara é melhor que Canguru”, aludindo a elementos de identidade nacional. A postagem teve mais de 75 mil curtidas e 546 comentários.

Diante dessa mesma publicação de alto engajamento em relação às anteriores, há ainda manifestações sobre a narração, como diz @agoryaciolyimoveis: “Pior é a narração desse jogo, vcs querem lacrar e só piora o que é ruim”.

A questão da narração é recorrente mesmo em conteúdos que não mencionam quaisquer elementos do jogo. Pacheco (2023) aborda desafios das mulheres na narração esportiva, apontando que:

⁴ A copa foi sediada por Nova Zelândia e Austrália.

No espaço da cabine de transmissão é a linguagem e a voz masculina que se faz estabelecida. A Linguagem e a voz masculina não são percebidas, pois são compreendidas com a forma neutra de posicionar, se falar e de narrar a realidade social. É a linguagem do *status quo*; enraizada no cotidiano e tida como normal (Pacheco, 2023: 72-73).

No dia 24 de julho, em postagem sobre Bia Zanerato, atacante da seleção, o GE publicou uma foto da atleta em comemoração de um gol e sobreposições em textos garrafais que ela se tornava, naquele momento, a 5ª maior artilheira da seleção. A postagem tem 3.279 curtidas e vinte e cinco comentários, dentre eles, @jefersonpdsouza diz: “Cara, não tem graça assistir isso com essa NARRAÇÃO ridícula.. é uma 🤡🤡🤡🤡🤡🤡”.

Reivindica-se, nestes comentários sobre narrações, a manutenção de um *status quo*, no qual a voz legítima é a de homens, e essa é a norma de uma narração de um jogo de futebol (Pacheco, 2023). Esses ataques às narrações estão presentes em publicações anteriores ao início da Copa.

Em postagem de 18 de julho de 2023, na qual o GE publicou uma montagem de figurinhas do álbum da Copa do Mundo de jogadoras brasileiras, com semblantes sorridentes, vestidas nos uniformes. O conteúdo teve 2.176 curtidas e 73 comentários. O usuário @1960_casinha disse: “Copa chegando e com ela as narradoras Gralhas 🤡”. Ele parece se referir ao pássaro gralha, que tem um canto estridente.

Segundo Pacheco (2023: 74), a questão da entonação e timbre da voz, por exemplo, são construídas social e culturalmente e, além disso, “mesmo homens com o tom de voz mais agudo não são considerados desagradáveis” (Pacheco, 2023, p. 74). Para o autor, a demonstração de irritabilidade quanto à voz de mulheres na narração esportiva tem sido mais uma “justificativa objetiva para desqualificar e excluir mulheres de espaços específicos e de lugares de fala” (Pacheco, 2023: 74).

Em postagem do dia 19 de julho que continha um cartão de estatísticas da então técnica da seleção Pia Sundhage em seus 55 jogos como treinadora, há 2.063 curtidas e 46 comentários. Alguns fazem alusão ao futebol de homens, conforme o comentário de @lekinho_1987: “Deveria ser assim msm, só mulher no futebol feminino, levar todas as comentarista, árbitras narradoras, assim não enchiam o saco no masculino e ficava tudo na boa!”

Apesar dos avanços no futebol de mulheres quanto ao direito de participação nesse esporte e sua profissionalização, a tradição de um esporte repleto de imposição e

reafirmação da identidade masculina parece se perpetuar. O usuário @lekinho_1987, é frequente nas postagens. Em postagem do dia 18 de julho, que destacava em foto e legenda quem eram as jogadoras da seleção que atuavam no campeonato brasileiro, ele disse: “O bom é que vão levar as árbitras e narradoras junto assim não atrapalha o Brasileirão!”. O conteúdo obteve 1.893 curtidas e 79 comentários.

Além dessas interações catalogadas e identificadas acima, a próxima categoria a ser analisada revela como esse preconceito estrutural acena para um cenário de apagamento, invisibilidade, desvalorização e indiferença em relação ao futebol de mulheres.

Reduzido à insignificância: “Ninguém liga”?

Os comentários reunidos nessa categoria revelam narrativas discursivas que nos oferecem uma percepção sobre o futebol de mulheres e seu caráter irrelevante para algumas pessoas. Isso vai ao encontro do contexto histórico relacionado à inserção das mulheres nos campos considerados exclusivamente para homens, que consequentemente perpassam por um panorama de invisibilidade, e em especial a prática do futebol por mulheres ganha destaque, tendo em vista, estereótipos de gênero (Correia; Devidé; Murad, 2017; Knijnik, 2010).

Nesse sentido, para ilustrar esse desinteresse por parte dos usuários do Instagram, destaca-se a publicação realizada abaixo:

Imagem 3 - Postagem do GE no Instagram



Fonte: Instagram do GE (@ge.globo) em 14 de julho de 2023

A postagem é um vídeo que mostra a Marta em Orlando, num trono, num campo de futebol convidando as pessoas a assistirem a sua entrevista. Contém 1.292 curtidas e apenas 11 comentários no total, sendo que 10 interações rejeitavam e/ou menosprezam a presença da Marta na Copa, bem como a modalidade de futebol de mulheres. Identificou-se apenas 1 interação que combatia os posicionamentos negativos, destacando a importância da presença da Marta enquanto personalidade de inspiração e referência dentro do grupo de atletas convocadas para a Copa. O comentário realizado por @andradejocilei nesta publicação exemplifica isso: “Ninguém liga para futebol feminino”. Essa manifestação desvela um cenário que atribui irrelevância ao futebol de mulheres. Essa demonstração versa com a construção histórica do futebol de mulheres no nosso país, cujo contexto perpassa por questões de invisibilidade, além de ter sido colocado à margem dentro do âmbito das políticas públicas (Goellner, 2005).

Outras declarações em diferentes publicações compõem essa segunda categoria. Na postagem de 24 de julho de 2003, com o gol da Ary Borges, mencionada na categoria anterior, @n.jfilho escreveu: Ninguém assiste, nem as mulheres assiste futebol feminino, segunda feira quem tá em casa pra ver uma 🍌 dessa jogar”.

Na postagem que apresenta as jogadoras atuantes no brasileirão mencionada anteriormente, do dia 18 de julho de 2023, @rodrigo_almeida2402 afirmou: “No, ninguém quer saber. Que chatice”. São muitos comentários de negação da visibilidade do futebol de mulheres no perfil de jornalismo esportivo. Outra postagem, em de 19 de julho, sobre o maior número de mulheres no comando de seleções na copa do mundo, o perfil @sebastiao950, reforça: “Ainda Bem que os jogos e de madrugada, ninguém liga pra essa merda”. Há 4.255 curtidas e 55 comentários.

Num dos raros perfis dos quais parte-se da condição de mulher para negar a visibilidade e importância da Copa de Futebol de Mulheres, @bruna271990 disse: “E quem liga? Nem eu que sou mulher, não gosto de futebol feminino, imagina vcs homens e por favor sem lacração nas respostas!”. Ela comentou isso na postagem de 20 de julho de 2023, que mostrava o resultado de um jogo entre Nova Zelândia e Noruega, com a foto de uma jogadora da primeira.

Apesar desses posicionamentos, por outro lado, contrariando essas afirmações, o interesse pelo futebol de mulheres, tanto por parte de homens quanto por mulheres, vem crescendo ao longo dos anos, tendo um aumento significativo de 34% entre os espectadores da modalidade nos últimos cinco anos (Exame, 2023).

Além disso, o Datafolha divulgou um levantamento no ano de 2023 sobre o impacto do futebol de mulheres no Brasil, concluindo que 65% dos entrevistados se interessam pela modalidade, sendo mais alto entre os jovens. Além disso, a pesquisa também aponta a importância da mídia no crescimento do interesse entre os espectadores: “Ainda de acordo com o Datafolha, 72% consideram que o futebol de mulheres está se tornando mais relevante, o que se confirma pela resposta positiva da audiência” (Poder 360, 2023).

Quanto a afirmação que “nem as mulheres assistem a modalidade”, apresentado pelo usuário @n.jfilho, uma pesquisa do Kantar Ibope do ano de 2022 apontou que 44% das mulheres compõem os fãs de futebol no Brasil (Uol, 2023). Assim, podemos afirmar que uma grande parcela da população que acompanha o futebol é composta por mulheres.

Na categoria a seguir, apresenta-se e discute-se comentários que se relacionam com a jogadora de futebol brasileira Marta.

Marta em campo, desprezo online

A atleta Marta é um símbolo internacional do futebol de mulheres, não apenas por ter sido eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo, mas também pelo papel político ao dialogar com figuras do governo solicitando investimentos e atenção ao futebol de mulheres (Salvini; Junior, 2013).

Januário (2023) afirma que o protagonismo e uso da imagem de Marta pelas mídias de comunicação é pontual e seletivo, ocorrendo apenas em períodos claros de visibilidade – como a Copa.

Como por exemplo, na postagem realizada no dia 23 de julho que contém uma imagem da Marta com a camisa da seleção com os seguintes dizeres da atleta sobre ganhar a copa do mundo “para mim, particularmente, como jogadora e atleta, é agora ou nunca”. O conteúdo obteve 6.797 curtidas e cento e trinta comentários, dentre os quais, o seguinte:

@fabio_j316: Muito mimimi... A marta acha que foi o Pelé... Ou acha que é o Neymar... O futebol feminino tem que encontrar o seu lugar por mérito próprio e não por lacerção... Principalmente da mídia... Façam o que fizeram as meninas do vôlei por exemplo... Conquistaram o seu espaço por méritos.

O pronunciamento deste usuário pode nos dar indícios de uma resistência ao reconhecimento da história da jogadora Marta em comparação com figuras de homens presentes no futebol (Januário, 2017). Isso remete a uma estrutura hierarquizada de gênero, que abrange homens e mulheres, na qual as capacidades e identidades desses corpos humanos, são colocados em uma construção de disparidade, mediante o contexto patriarcal (Connell, 2016).

É possível identificar significados atrelados à desvalorização do futebol de mulheres, que como citado anteriormente neste estudo, sofreu com proibições institucionais que geraram impactos estruturais de desigualdade entre homens e mulheres no futebol (Ribeiro, 2023).

Outra manifestação que revela uma perspectiva de descrédito e ridicularização da Marta, foi identificada na publicação realizada no dia 18 de julho, que anunciava a proximidade do início da copa do mundo com imagens de figurinha de álbum, está o comentário realizado pelo usuário @alison_giroto que dizia “Tem vergonhas que vcs

não precisam mostrar! Tipo MARTA 6 COPAS! E quantas ganhou? E não faz diferença nenhuma onde elas jogam gente ! 😊.”

O discurso destacado acima, novamente sinaliza para um desprezo a jogadora Marta, tendo em vista que sua trajetória é menosprezada pelo fato da atleta não ter conquistado um título de copa do mundo. Mais declarações que se assemelham a esse discurso foram identificadas na publicação a seguir:

Imagem 4 - Postagem do GE no Instagram



Fonte: Instagram do GE (@ge.globo) em 14 de julho de 2023

Como se nota, a postagem contempla diferentes informações sobre a trajetória da carreira da jogadora Marta, visibilizando suas conquistas individuais e coletivas, bem como sua participação em diferentes eventos esportivos. Além das 4.664 curtidas, há 296 comentários. Em tal publicação, foi possível identificar diversas interações negativas como as catalogadas e destacadas a seguir:

@mazzobr_music: A Marta é a cara do povo Brasileiro = Chorona, lacradora e com os bolso cheio de grana e sempre reclamando de barriga cheia.

@juniortravao: Rainha sem copa

@victortavares.75: A "rainha" após o jogo, ficou sentada no banco de reserva com cara de 🙄, ela sendo a mais experiente do time, deveria ter ido apoiar as jogadoras mais novas, ficar com mimimi em entrevistas é ridículo.

@ricardo_79_junior: Mas não tem o principal uma copa do mundo.

Percebe-se que os comentários negativos depreciam a carreira e história da jogadora Marta. Todo esse desprestígio a Marta, pode revelar indícios de perspectivas conectas a construção histórica do universo futebolístico, que tem em sua caracterização uma masculinidade hegemônica que estrutura valores e lógicas na nossa sociedade (Franzini, 2005; Deive, 2021).

Dessa forma, Marta por ser atleta profissional de uma modalidade esportiva marcada historicamente por uma percepção cultural inserida no universo de vivências dos homens, enfrenta um ambiente que tensiona questões de gênero atreladas a produção e reprodução de papéis sociais, relações de poder e normativas de gênero que subordinam as mulheres a um papel secundário (Knijnik, 2010; Connell, 2016; Abreu; Chaves, Santos, 2024).

A partir disso, é possível perceber que ao desafiar a lógica patriarcal e promover o protagonismo de sujeitos que não seguem os padrões social e culturalmente estabelecidos, esses indivíduos acabam se tornando alvos de discursos de ódio (De Lima; De Carvalho, 2024), como é o caso de Marta. Contudo, é importante atentar que esse não é um fato isolado no âmbito do futebol de mulheres, mas sim mais um reflexo estrutural que perpetua um ciclo histórico de desigualdade de gênero no contexto esportivo (Goellner, 2021).

Ademais, destaca-se a presença dos termos como “lacradora” e “mimimi” nas interações dos usuários. Estas nomenclaturas foram popularizadas nas redes sociais como uma linguagem ofensiva onde quem a utiliza busca impor uma visão de mundo que despreza movimentos sociais e reivindicações por direitos das mulheres, aliadas a um cenário político no Brasil (Pasinatto; Oliveira, 2023).

Como se nota, as manifestações destacadas nesta seção revelam um desprezo pela Marta, o que pode estar relacionado com percepções sexistas em interface com a prática esportiva. No entanto, esses sentidos e significados não se limitam a apenas o esporte e suas diversas manifestações possíveis, ao contrário, questões sexistas permeiam as estruturas e experiências cotidianas sociais.

A partir do desenvolvimento da análise das categorias deste estudo, foi possível constatar em geral uma maior predominância de comentários negativos, e em sua maioria atrelados a perfis com nomes de usuários culturalmente atribuídos a homens. Contudo, também foi possível identificar posicionamentos de apoio, reconhecimento e valorização, o que será analisado na próxima categoria da pesquisa.

O apoio em diferentes manifestações

Mediante os comentários catalogados, foi possível perceber que as interações de endosso são menos frequentes nas postagens do que os pronunciamentos negativos identificados nas três categorias anteriores. Tais declarações de apoio, representam 37,5% dos comentários catalogados.

Como manifestação de apoio, alguns usuários utilizam palavras de animação e *emojis*, que buscam transmitir mais sentido de forma mais econômica e manifestar, principalmente, emoções (Paiva, 2016).

Isso pôde ser constatado em diferentes publicações, como a destacada a seguir:

Imagem 5 - Postagem do GE no Instagram



Fonte: Instagram do GE (@ge.globo) em 17 de julho de 2023.

Na postagem acima é apresentada a agenda de jogos da Seleção Brasileira e, em sua legenda, aponta-se a estreia do Brasil com entusiasmo, convidando os espectadores a apoiarem a equipe. Além das mais de 10 mil curtidas, há 165 comentários nesta postagem. Neste contexto, diferentes manifestações de apoio a partir de *emojis* foram identificadas, como @dianymartins8, , que interagiu com “👏👏👏🔥🔥”. Além disso, foi possível identificar outros comentários de incentivo, como se nota abaixo:

@mima788: Ansiosa pra ver nossas meninas de ouro ✨

@emaanueelaa: Sorte pra nossa seleção. 🤔🤔

@eujessiicacostta: Bora Brasil!!!! 🔥❤️

Percebe-se que tais interações de endosso foram feitas a partir de perfis com nomes de usuários culturalmente atribuídos a mulheres. Esse apoio pode ser entendido como um reflexo do desenvolvimento e visibilidade da atuação de mulheres nos esportes. Sob essa perspectiva, em especial em relação ao futebol, esse apoio virtual pode ser percebido como um mecanismo de empoderamento e resistência das mulheres, o que potencializa o ciberespaço como um instrumento de afirmação de identidades fomentando uma rede de reconhecimento, visibilidade e apoio (Anjos et al, 2018).

Nesta mesma publicação, mas em outra perspectiva, alguns usuários demonstram seu apoio a equipe defendendo-as de ataques e críticas a modalidade:

@dayssantos04: “Muito triste ler esses comentários. Uma série de pessoas que não tem o mínimo de respeito pelo trabalho das mulheres. Sinto muito que sejam tão dispostos a destilar ódio e preconceito na Internet! Se tivessem essa mesma ânsia por estudar e compreender o futebol feminino, suas lutas, sua história etc certamente teriam orgulho de ver a evolução do futebol feminino.”

@letcia_akemi: “Incrível a quantidade de “incentivo” que tem nesses comentários. Pessoas altamente ignorantes, vcs aí que falam merda do esporte feminino não sabe da luta de cada uma dessas meninas, não só da seleção brasileira, mas mundialmente. Alguns homens não suportaria passar pelo que essas mulheres passaram. Já que “ninguém liga”, “ninguém assiste”, pra que tecer comentários que não vão contribuir positivamente as meninas!?! Se manquem bando de machos e mulheres escr..tas”

Em mais uma chamada para o início da Copa, no dia 18 de julho, o carrossel com imagens de todas as jogadoras que participavam do Brasileirão Feminino mencionado anteriormente recebeu algumas mensagens de endosso. Com um tom de empolgação, o GE convida os espectadores a interagirem na legenda: “FALTA POUCO!

👉🏆 E aí, alguma jogadora do seu time vai para a Copa do Mundo? Comenta aí! #ge #futebol #copadomundo #carrossel”. Como de praxe, houve muitos comentários de rejeição/contestação nos comentários. Isso despertou defesas em prol das jogadoras, como a dos usuários @goulart_ton: “A pessoa perde o tempo dela comentando que é contra. Parece que nem tem o que fazer. E não deve ter mesmo” e o @pablosilllva09: “@luiz_o7avio777 É? Tem gente que gosta de rebaixar o próprio país, quem deveria ter vergonha aqui é vc”.

Essa forma de apoio é frequente em várias publicações que, como as citadas acima. Em outra publicação, do dia 30 de julho, o G1 aponta uma curiosidade estatística sobre o desempenho das seleções femininas da Colômbia e do Brasil em Copas do Mundo, sendo esses dois países os únicos da América do Sul que já venceram seleções europeias em mundiais femininos. Na legenda, escrevem: “Brasil 🏆 Colômbia 🏆 Ganhar da seleção europeia. As colombianas ganharam da França, em 2015, e da Alemanha nesta Copa do Mundo #ge #futebol #copadomundo #vocesabia”. Mesmo exaltando a relevância dessas vitórias para o futebol de mulheres sul-americano, alguns usuários se prontificaram em defesa às críticas:

@vitorsiqueirap: @saber_direitocerto você não precisa assistir, mas ainda bem que o mundo não gira em torno de você. Os números estão aí pra mostrar isso. Houve um crescimento exponencial nos últimos 10 anos no futebol feminino. Então, você pode esperar à vontade, mas o esporte tá aí, que você queira ou não. Não gosta? Senta e chora.

@liciacryst77: @saber_direitocerto ninguém está apontando uma arma para sua cabeça obrigando-o a acompanhar o futfem. Assiste quem quer. Agora não tente forçar uma opinião tomando apenas a SUA realidade como régua. Os números falam por si só. Não há competição com o masculino, o futfem apenas está ganhando o seu espaço. Se VC não quer enxergar isso, a limitação não está na modalidade, mas no seu pensamento engessado.

Diante das diversas manifestações de violência simbólica⁵ nos comentários das publicações, nota-se que estes perfis seguem pronunciando-se de forma crítica a eles. Segundo Silveira (2022) essas manifestações servem como um mecanismo de resistência às relações de poder, como machismo e a lógica patriarcal do universo futebolístico, mostrando uma postura ativa a fim de buscar transformações sociais quanto a elas.

⁵ Zizek (2009) define a violência simbólica como aquela incorporada à linguagem e ao discurso, manifestando-se de forma sutil e rotineira nas interações sociais. Mesmo quando não explícita, ela contribui para a manutenção de relações de dominação, como a hierarquia de gênero, ao naturalizar sentidos que sustentam a desigualdade.

Deste modo, estes usuários apontam que, apesar das inúmeras barreiras que impediram o desenvolvimento do futebol de mulheres, este cenário está se modificando e os preconceitos quanto às mulheres no futebol estão sendo desnaturalizados. Salienta-se ainda que, mesmo essas conquistas incomodando aos que desprezam/não gostam da modalidade, elas são um fato e não há como contrapô-las.

Foram identificados, também, comentários que se apresentam como elogios, mas através de atletas homens de futebol, fazendo referência nominalmente a jogadores e/ou times masculinos, como se percebe abaixo. Na publicação de 24 de julho, o GE apresenta uma foto da comemoração de um dos gols da vitória brasileira por 4 a 0 na estreia da Seleção Brasileira contra o Panamá. Essa postagem recebeu 7.457 curtidas e 163 comentários, com menor engajamento do que a publicação para a derrota para a França mencionada anteriormente. Vários “elogios” foram direcionados a jogadora Ary Borges, autora do *hat-trick* da partida:

@naturuberla: Ari Borges e Romário joga.igualzinho vai ser o Pelé do futebol feminino.

@adrianferrari1: Ary Borges melhor que Richarlyson.

@paulo_vianaa: Melhor que os marmanjos da seleção masculina, pelo menos elas jogam com vontade

@ancelmo_juniorr: “Melhor que o time do Vasco”

@ramon_cr94: Já pode jogar no lugar do Pombo.

@rafaasiillvaa: Melhor que o Figueiredo do meu Vascão.

Esses tipos de comentários eram comuns em publicações sobre gols e vitórias da seleção, como a publicação de 29 de julho, que comemora o gol de empate contra a França, marcado pela jogadora Debinha. Seu gol foi comemorado com mais comparações a atletas masculinos, como os dos usuários @yuri.barrreto: “Essa Debinha parece o Dudu do Palmeiras, joga y joga” e @periclescrf93: “Boa, neymar de calcinha”.

Esses exemplos indicam uma perspectiva que atrela a legitimação do futebol de mulheres e suas atletas a representação de uma figura ou elemento do universo futebolístico dos homens (Wood, 2018). Sob essa perspectiva, torna-se importante questionarmos essa questão, pois o que está em jogo é a tendência da mídia em construir a imagem de uma jogadora com base na memória dos homens (Moreira, 2013).

Como se nota, essas manifestações de apoio nos indicam um contexto em que o futebol de mulheres e suas atletas são perspectivadas por esses sujeitos mediante sentidos e significados enraizados na lógica de que o futebol tem o homem como figura central de excelência.

Esse panorama pode influenciar na (re)produção de estereótipos de gênero na prática esportiva, o que pode reverberar em dificuldades de legitimação e apoio ao futebol de mulheres. Desse modo, torna-se relevante o estímulo a outras manifestações narrativas que valorizem as conquistas das mulheres a partir das suas singularidades, o que pode reverberar em uma (re)construção cultural esportiva mais equitativa.

Percebe-se, portanto, que mesmo cinco anos depois de Wood (2018: 571)⁶ afirmar que “... incluir o esporte como componente integral na construção da identidade feminina brasileira continuou a representar um desafio às visões normativas”, tal concepção ainda não fora superada.

Adicionalmente, também foram identificadas críticas à rede Globo em relação à cobertura midiática realizada durante a Copa de Mulheres, reivindicando mais conteúdo a respeito, principalmente, na TV. Dentre os quais, em postagem de 20 de julho com o resultado de Nova Zelândia e Noruega, de 6.660 curtidas e 119 comentários, vê-se:

@jcarlosrei disse: Ninguém liga inclusive a própria rede globo, se ligasse pelo menos estaria passando o jogo nos canais fechado, todos os Sport tv passando outros programas 🧑... nesse exato momento tv fechada segue programação normal.

@diegoprado_: A Globo e os patrocinadores são uma piada, não transmitir a Copa do Mundo na TV aberta?? Depois vem com essa conversa mole de igualdade.

@sandro21019: [...] a globo não mostra o futebol feminino, uma emissora que diz lutar pela igualdade, poderia fazer uma cobertura especial na copa do mundo feminina.

Nesse tom de cobrança, @brunaferreiracamp comentou em uma postagem de 20 de julho de 2023, que continha uma foto de atletas em ação, com o placar do jogo entre Austrália e Irlanda estampado: “A Globo não vai passar os jogos?? Alguém sabe aonde vai passar por favor. 😞”

Indica-se, com isso, uma demanda por ver mais partidas para além daquelas da seleção brasileira. Em postagem do dia 21 de julho, que reproduz um vídeo da atleta Marta, lendo cartas da família e fazendo manifestações de fé, @angel_.crf disse: “Por

⁶ Tradução da autoria.

que não vão transmitir TODOS os jogos da copa assim como fazem com o masculino? Essa de apoio é tudo papo. Era melhor ter deixado a cobertura com a band. Eles fariam um ótimo trabalho!”

É possível observar que, mesmo com o desejo de acompanhar os jogos da Copa, muitos usuários encontraram barreiras relacionadas à transmissão. Neste sentido, é importante sinalizar a necessidade de um posicionamento dos veículos midiáticos, especialmente do jornalismo esportivo denominado profissional, enquanto veículo de disseminação de informações e conteúdos, sendo responsável também pela visibilidade do futebol de mulheres, já que tradicionalmente a mídia, em grande medida, pauta o protagonismo das futebolistas apenas no período de competições de grande porte (Goellner, 2021).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a recepção de usuários do Instagram em relação aos conteúdos sobre a Copa do Mundo de Futebol de Mulheres de 2023. O estudo buscou dialogar com o debate sobre esporte-mídia no futebol de mulheres a partir do Instagram, especificamente através da recepção de conteúdo sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2023. Foram catalogados comentários do público de um perfil especializado em esportes, o Globo Esporte (GE). Esse conteúdo, de domínio público, foi utilizado para dialogar com a produção científica sobre futebol de mulheres e as normatividades e rupturas do contexto do esporte.

Os resultados sugerem que as barreiras à presença das mulheres no futebol persistem, visto tamanha disparidade entre os comentários de endosso e os comentários de contestação e/ou rejeição, sendo estes últimos mais abundantes. Grande parte das críticas às profissionais apresentavam características misóginas, e os mesmos não eram feitos em sua totalidade por perfis de usuários cujos nomes são culturalmente considerados “masculinos”, mas também por usuários que no perfil se identificam como mulheres, questionando a legitimidade das mulheres no futebol.

A expressão “ninguém liga” apareceu em quase todas as publicações catalogadas, deixando nítido a intenção de boicote a essas publicações. Em contrapartida, há um grande número de comentários que contrastam essas “afirmações”,

reivindicando ao perfil do Globo Esporte para que realizassem uma cobertura completa, assim como na modalidade masculina.

A atleta Marta, tema de várias das publicações catalogadas, também foi alvo de constantes críticas de usuários que acompanhavam o perfil do Globo Esporte, onde estes deslegitimam a sua importância. Fato é que ao atacarem Marta, estes perfis sinalizavam atacar também o futebol de mulheres, visto que a jogadora é um símbolo de representatividade da modalidade.

Os comentários de endosso estão representados em sua maioria como palavras ou frases motivacionais, buscando incentivar as atletas e o time. Há ainda perfis que, na tentativa de elogiar o time ou as atletas, utilizam de comparações com a modalidade masculina como forma de legitimar o futebol de mulheres, refletindo mais uma vez a lógica de que o futebol de mulheres, quando é bom, se parece/deve parecer com o masculino.

Assim, apesar de alguns avanços observáveis quanto à modalidade, a mídia televisiva segue deixando o futebol de mulheres à margem de seus interesses. Ainda que tenha realizado uma cobertura da Copa do Mundo de Mulheres maior que as anteriores, ainda há discrepâncias quanto à cobertura e iniciativas muito recentes de incluir comentaristas e narradoras mulheres. Cabe refletirmos como a cultura historicamente machista e excludente deste esporte terá que percorrer um longo caminho para que haja de fato o reconhecimento, visibilidade e respeito à modalidade e às demais mulheres profissionais e amadoras que atuam no universo do futebol.

É importante compreendermos que a mídia não está conectada diretamente apenas aos impactos dos estigmas sociais, mas que também é fruto deles mesmos e de sua cultura. Deste modo, esse estudo busca contribuir para futuras pesquisas acerca da presença das mulheres no futebol, e, como sugestão, acessando como as mídias sociais e os discursos dos usuários são percebidos por elas e impactam sua saúde mental, suas performances e suas carreiras.

Referências

ABRAHÃO, Bruno O. L. CALDAS, Demetrius. *O futebol como identidade nacional e social: uma revisão sistemática (2002 a 2021)*. FuLiA/UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 184–215, 2022.

ABREU, Fernanda S. de. *Lazer, gênero e pandemia: percepções e experiências de professores e professoras de educação física da rede pública de ensino de Sete Lagoas/MG*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

ABREU, Fernanda S. de; CHAVES, Elisângela; SANTOS, Doiara S. dos. *Lazer e gênero: práticas e percepções de professores e professoras de educação física de uma cidade mineira*. Revista Didática Sistêmica, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 17–31, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/16806>. Acesso em: 17 mai. 2025.

ANJOS, Luiza A., et al. *Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres*. Revista Estudos Feministas, v. 26, n. 1, p. e44154, 2018.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo Clássica*. Lisboa: 70 ed., 2006.

BEIRITH, Mariana K.; ARALDI, Franciane M.; FOLLE, Alexandra. *Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área da educação física*. Movimento, v. 27, p. e27064, 2021.

BONFIM, Aira; DOS SANTOS, Alberto Luiz; SPAGGIARI, Enrico. “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas?”: o processo de mapeamento do futebol de mulheres em São Paulo. FuLiA/UFMG, v. 9, n. 1, p. 158-187, 2024.

BOSCHILIA, Bruno; MEURER, Sidmar S. *Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa*. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, n. 97, fev. 2006. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd97/mulher.htm>. Acesso em: 26 maio 2025.

BRANCHER, Emerson A., et al. *Futebol feminino, identidade de gênero e sexismo*. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 14, n. 57, p. 72-80, 20 jun. 2022.

BRASIL. *Decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d83284.htm. Acesso em: 27 maio 2025, 20h44.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BURGO, Taciana de L.; LAURO, Laís S. de; MOREIRA, Marília D. *Instagram e a reafirmação de estereótipos do corpo feminino ideal*. Razão e Palavra, v. 24, n. 109, 2021.

CAMARGO, Wagner X de. *Leituras de gênero e sexualidade nos esportes*. 1ed. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CORREIA, Marcos M.; DEVIDE, Fabiano P.; MURAD, Maurício. *Discurso da licenciatura em Educação Física sobre as questões de gênero na formação profissional em Educação Física*. In: DEVIDE, Fabiano P. (Org.). Estudos de gênero na Educação Física e no esporte. Curitiba: Appris, 2017. p. 17–48.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Trad. M. Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

DE LIMA, Alexandre B.; DE CARVALHO, Zilmara de J. V. *Os rumos de uma nova episteme: reflexões sobre uma proposta de genealogia interseccional dos fenômenos contemporâneos*. In: FREITAS, F. L. C. (Org.). *Algumas interseções epistemológicas e metodológicas entre as Ciências Humanas e os Saberes Psis*. São Luís: EDUFMA, 2024. p. 186-208.

DEVIDE, Fabiano P. *Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte: reflexões e contribuições sobre as teorias de Raewyn Connel e Eric Anderson*. In: DEVIDE, Fabiano P. e BRITO, Leonardo T. (Org.) *Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte*. São Paulo: Versos, 2021.

FRANZINI, Fábio. *Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*. *Revista brasileira de história*, v. 25, p. 315-328, 2005.

FREND, Simona et al. *Online hate speech against women: Automatic identification of misogyny and sexism on twitter*. *Journal of intelligent & fuzzy systems*, v. 36, n. 5, p. 4743-4752, 2019.

GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. (Orgs.). *O futebol nas Ciências Humanas no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

GOELLNER, Silvana V. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. *Revista brasileira de educação física e esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana V. *Women and football in Brazil: discontinuities, resistance, and resilience*. *Movimento*, v. 27, p. e27001, 2021.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JANUÁRIO, Soraya M. B. B. *Copa do Mundo e futebol das mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero*. *Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 02–13, jan./abr. 2023.

JANUÁRIO, Soraya B. *Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil*. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 28–43, 2017.

KNIJNIK, Jorge D. *Gênero: um debate que não quer calar*. In: KNIJNIK, J. D. (org.) *Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 25-65.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: C. COSTA. São Paulo: Editora 34, 1999.

MANNE, Kate. *Down girl: the logic of misogyny*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

MARQUES, Pablo. *72% dos brasileiros leem notícias nas mídias sociais*. *Poder 360*, Brasília, 25 de dez. 2016. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/midia/72-dos-brasileiros-leem-noticias-nas-midias-sociais/>. Acesso em: 22 set. 2023.

MINAYO, Maria C. de S. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. Ciênc. saúde coletiva, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MORAES, Enny V.; PISANI, Mariane; KESSLER, Claudia. *Resistência, interseccionalidade e fontes documentais jornalísticas: preenchendo lacunas no futebol de mulheres*. Cadernos Pagu, n. 70, p. e247009, 2024.

MOREIRA, Robert P. *Marta past Messi: (re)definitions of gender and masculinity, patriarchal structures, and female agency in international soccer*. Soccer & Society, 15:4, p.503-516, 2013.

NOVAIS, Mariana C. B. et al. *Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva*. Movimento, v. 27, p. e27023, 2022.

PACHECO, Leonardo T. *Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício*. FuLiA/UFGM, v. 8, n. 2, p. 61-81, 2023.

PAIVA, Vera L. M. de O. *A linguagem dos emojis. Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 55, n. 2, p. 379–399, 2016.

PASINATTO, Rubiamara.; OLIVEIRA, Lisiane A. de. “CHEGA DE [...] MI-MI-MI”: *O funcionamento discursivo da expressão e seus efeitos de sentido no twitter*. Linguagem em (Dis)curso, v. 23, p. e-1982-4017-23-33, 2023.

RIAL, Carmen; DE ALMEIDA, Caroline Soares. *O “gênero da bola”: Mulheres e futebol na mídia*. ALCEU, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024.

RIBEIRO, Raphael R. *Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957)*. Tempo, v. 29, n. 2, p. 86–106, 2023.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley M. *Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010*. Praxia-Revista on-line de Educação Física da UEG, v. 1, n. 2, p. 55-66, 2013.

SANTOS, Doiara S. dos.; MEDEIROS, Ana G. A. M. *O futebol feminino no discurso televisivo*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.34. n.1, p. 185-196, 2012.

SILVEIRA, Graciele U. D. *#ELEITAS: violência simbólica e resistência em interações na página Quebrando o Tabu no Facebook sobre a participação feminina na política*. Ilha do Desterro, v. 75, p. 76-94, 2023.

SOUZA, Antonio. *Brasil Ladies Cup: como a competição mudou o olhar das marcas para o futebol feminino*. Exame, São Paulo, 18 out. 2023. Disponível em: <https://exame.com/esporte/brasil-ladies-cup-como-a-competicao-mudou-o-olhar-das-marcas-para-o-futebol-feminino/>. Acesso em: 20 set. 2023.

SOUZA, Yuri D.; SANTOS, Doiara S. dos. *A supremacia do futebol feminino estadunidense: Indicadores qualitativos de sucesso esportivo*. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 14, n. 59, p. 383-390, 2022.

TRAVERS, Travers. *The carceral logic of female eligibility policies: Gender as a civilizing narrative, the science of sex testing, and anti-trans legislation*. Sociology of Sport Journal, v. 41, n. 3, p. 213-223, 2024.

TSUTSUI, Ana L. N. *Vem torcer com a gente! Análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do GE*. Dispositiva, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 94–115, 2024.

VALINOR, Rodrigo. *O que é Instagram? Guia completo sobre a rede social*. Remessa Online, São Paulo, 11 de abr. 2022. Disponível em: <https://www.remessaonline.com.br/blog/o-que-e-instagram/>. Acesso em: 21 set. 2023.

VEIGA, Edson. *Como o futebol vem ganhando interesse feminino no Brasil*. UOL Notícias, São Paulo, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/07/19/como-o-futebol-v-em-ganhando-interesse-feminino-no-brasil.htm>. Acesso em: 26 maio 2025.

VIMIEIRO, Ana C.; EUGÊNIO, Flaviane R.; SOUZA, Olívia L. P. de. *Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: Narrativas do futebol feminino e algumas propostas*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v. 28, p. 1–24, 2025.

VIMIEIRO, Ana C.; RODRIGUES EUGÊNIO, Flaviane; PILAR DE SOUZA, Olívia L. *A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Comunicação*. Revista Eco-Pós, v. 26, n. 3, p. 196–222, 2023.

WOOD, David. *The Beautiful Game? Hegemonic Masculinity, Women and Football in Brazil and Argentina*. Bulletin of Latin American Research, v.37, n. 5, p.567–581, 2018.

ZIZEK, Slavoj. *Violência: seis notas à margem*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

“Se eu fosse para o Barcelona, o Bomsucesso até me ajudaria”: Profissionalização em jogo: Um Estudo Comparativo do Futebol no Brasil (1933-1941) e na Espanha Pré-Guerra Civil (1923-1936)¹

*“If I went to Barcelona, Bomsucesso would even help me”:
Professionalization in play: A comparative study of football in
Brazil (1933-1941) and pre-Civil War Spain (1923-1936)*

Glauco José Costa Souza

Universidade Federal Fluminense, Brasil
Niterói, RJ
glauco.josecosta@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-3354-4436>

Marcelo Viana Araújo Filho²

Universidade Federal Fluminense, Brasil
Niterói, RJ
marcelo_viana@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-6231-8394>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 26 de julho de 2025

¹ A pesquisa que fundamenta este artigo foi desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE – Edital nº6/2024). Atualmente, um dos autores, Marcelo Viana Araújo Filho, é bolsista Doutorando Nota10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista: Doutorado Nota 10 FAPERJ. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5003030116532555>.

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo contribuir para as pesquisas sobre a profissionalização do futebol no Brasil nos anos 1930, realizando uma abordagem comparativa com a Espanha. Assim, partimos de um olhar global referente ao mercado brasileiro em conexão com o espanhol, para analisar de que maneiras ocorreram as transferências internacionais de jogadores naquele período, bem como as representações que os agentes envolvidos neste processo faziam do mesmo. Para tanto, nos valem dos relatos encontrados em periódicos nacionais e internacionais, sendo estes últimos uma grande novidade metodológica acerca destes estudos. Ademais, também faremos uma breve revisão bibliográfica sobre o mercado da bola existente até então.

Palavras-chave: Futebol. Rio de Janeiro. Espanha. Profissionalização.

Abstract:

This article aims to contribute to research on the professionalization of football in Brazil in the 1930s, by taking a comparative approach with Spain. Thus, we start from a global perspective regarding the Brazilian market in connection with the Spanish market, to analyze how international transfers of players occurred in that period, as well as the representations that the agents involved in this process made of it. To this end, we used reports found in national and international journals, the latter being a great methodological novelty regarding these studies. In addition, we will also make a brief bibliographical review on the football market that existed until then.

Keywords: Soccer. Rio de Janeiro. Spain. Professionalization.

Introdução:

Em 4 de dezembro de 1931, o jornal *O Globo* dedicou espaço em sua seção esportiva a um assunto que, segundo suas próprias palavras, “agitou a cidade sportiva” (O GLOBO, 1931, p. 8). O polêmico tema em questão era a suposta ida de Leônidas da Silva, então jovem de dezoito anos e atleta amador do Bonsucesso, para o futebol espanhol. O periódico contextualiza o caso como parte de um fenômeno mais amplo, alertando que “outros jogadores não resistam à tentação das propostas quasi fabulosas com que os clubs estrangeiros pretendem atrahir os nossos príncipes da pelota” (O GLOBO, 1931, p. 8).

A repercussão do caso levou Leônida da Silva, a enviar uma carta à redação *O Globo*, na qual declarava categoricamente: “Sou amador. Não embarcarei hoje para Barcelona e talvez não embarque nunca para lá” (O GLOBO, 1931, p. 8). Em entrevista ao mesmo periódico, o atleta fez algumas importantes afirmações. Em sua vida pessoal, as especulações em torno de sua partida para o velho continente prejudicaram a sua união matrimonial; negou que o goleiro Jaguaré, ex-atleta amador do C. R Vasco da Gama então no Barcelona F.C, atuasse como recrutador de talentos para o clube catalão e reiterou seu compromisso com o Bonsucesso, afirmando que jogaria normalmente contra o Botafogo na rua General Severiano e que não havia qualquer desentendimento com os diretores do clube (O Globo, 1931, p. 8). No entanto, vale referenciar que existia no Rio de Janeiro um amadorismo mascarado ou, em outras palavras, o amadorismo marrom, cuja origem é de ordem classista e racista. Conforme escreveu João Malaia, o amadorismo marrom foi o período anterior ao profissionalismo, no qual os jogadores eram pagos de maneira “secreta” para se dedicar ao futebol (MALAIA, 2010, p. 373).

Nesse contexto, foi particularmente reveladora a descrição de Leônidas sobre o apoio recebido do Bonsucesso: “Várias autoridades do Bomsucesso [...] vieram ao meu encontro trazer-me solidariedade confortadora. Promptificaram-se a me ajudar em tudo para o meu embarque. Eu ia melhorar de situação, desafogar-me, arranjar recursos largos” (O GLOBO, 1931, p. 8).

Esta declaração paradoxal, que simultaneamente reafirma o caráter amador do jogador e admite a perspectiva de benefícios materiais através do futebol profissional, encapsula, em uma experiência individual, as disputas políticas sobre o controle do jogo existente nesse período no Rio de Janeiro. Em 2016, Tony Collins chamou a atenção

para o fato de que a popularidade do futebol pode causar distorções na compreensão dos processos históricos dessa prática esportiva (COLLINS, 2016). Além disso, ressaltou que o desenvolvimento ou a popularização do futebol na Grã-Bretanha ou em outras localidades, a partir do século XIX, não constituíram um evento único, mas um processo histórico que dependeu da adoção do profissionalismo em 1885, estabelecendo assim as bases de uma visão meritocrática e moderna da prática esportiva, que seria difundida e adotada em outras localidades (COLLINS, 2016).

No começo do século XX, como argumentam Tonini e Giglio, ao longo de sua história, a FIFA desempenhou um papel central não apenas no desenvolvimento, mas também na regulação do futebol mundial, garantindo amplo controle sobre a prática esportiva em escala global. Entretanto, esse controle não foi estabelecido de forma pacífica, tendo ocorrido embates significativos com o Comitê Olímpico Internacional (COI), especialmente nas disputas relativas à transição do futebol amador para o profissional (TONINI; GIGLIO, 2019).

Enquanto Leônidas resistia às pressões no Rio e o Brasil passava por um período pós levante militar que derrubou o governo Washington Luís e instauração do que a historiografia denominaria como era Vargas, em Barcelona, o Barcelona F.C. já contratava brasileiros como Jaguaré e Fausto dos Santos, que, nas palavras do Relatório da Diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama: “desertaram” (DIRETORIA, 1931, p. 166), evidenciando a rede transnacional em formação. Um processo anterior à era pós-Bosman, quando o futebol tornou-se uma mercadoria global, como defende Carmen Rial (RIAL, 2009).

Dessa maneira, é possível afirmar que de maneira incipiente “os jogadores de futebol que estudo são emigrantes especiais por serem, ao mesmo tempo, força de trabalho e mercadoria (Marx 1978 (1887)): trabalham, concentram em si trabalho de outros e circulam como mercadorias (Bittencourt, 2007)” (RIAL, 2009, p. 3). Logo, abordo a formação “sociocultural” de uma primeira geração de futebolistas que foram para o exterior. Essa experiência, por sua vez, não contou com vínculos densos e nem com amplo alcance temporal. De todo modo, como escreveu Mike Savage, “o principal benefício de adotar uma perspectiva de rede é que ela nos permite ir além da ideia de classes como sendo “formadas” de algum modo definitivo” (SAVAGE, 2011, p. 32).

Portanto, se no Brasil o amadorismo vivia tensões entre o seu fim e a adoção de um modelo do profissionalismo às claras, na Espanha, o futebol como esporte de massa

avançava, ainda que, na segunda metade dos anos 1930, passaria a ter em seu cotidiano tensões políticas e conflitos bélicos, conforme investigou Simón Sanjurjo (2011).

Lanfranchi e Taylor afirmam que um dos fatores que interromperam o fluxo migratório de futebolistas sul-americanos para a Espanha está relacionado à Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e, posteriormente, à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo os autores, a ascensão de Franco e a Segunda Guerra Mundial redirecionaram as rotas migratórias, criando “um incomum fenômeno da migração reversa da Europa para as Américas” (LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 87, tradução nossa). Essa dinâmica não era acidental e pode ser vista no prefácio de *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*, Martin Curi destacou que (...) “a circulação de jogadores em busca de melhores condições de trabalho já era forte nas décadas de 1920 e 1930, apesar de ser ainda formalmente uma época amadora” (CURI, 2015, p. 11). E em um vasto número de pesquisas e obras produzidas sobre a temática (CALDAS, 1990; LEITE LOPES, 1995; RIAL, 2006; RIAL, 2008; RIAL, 2009; COELHO, 2009) e outros.

Paul Dietschy escreveu que, ao longo do século XX, a circulação de atletas em diversas modalidades esportivas trouxe desafios significativos para instituições, confederações, federações e governos. No caso espanhol, o autor analisou como esse cenário de internacionalização foi abruptamente interrompido pela Guerra Civil Espanhola, que transformou o futebol em palco de disputas políticas. Isso ficou evidente com a criação da *Real Federación Nacional de España* em 1937 pelos nacionalistas, em contraste com a resistência de clubes bascos - e consequentemente do povo basco -, que organizaram uma turnê internacional como representantes da República (DIETSCHY, 2006).

Segundo Dietschy, essa equipe, composta por jogadores bascos como Isidro Lángara que jogou pelo San Lorenzo, da Argentina, tornou-se um símbolo involuntário do exílio, já que muitos atletas se recusaram a retornar à Espanha franquista, sendo acolhidos por países como México e Argentina. Quando no México, a seleção basca transformou-se no Club Deportivo Euzakadi e acabaria em segundo lugar no campeonato mexicano em 1938 e 1939. Nesse contexto, a atuação da FIFA frente à resistência basca foi documentada (FIFA, 1938 *apud* DIETSCHY, 2006, p. 36). Contudo, como observou Luiz Burlamaqui, “a estratégia da FIFA foi adotar um princípio de não intervenção, ainda que seja possível afirmar que suas atitudes mais

gerais tenham favorecido a difusão do profissionalismo” (BURLAMAQUI, 2020, p. 89).

Dessa forma, o interesse desses jovens negros e oriundos das camadas populares, como Leônidas da Silva, não estava vinculado a conexões com um passado britânico ou à defesa de um *status quo* introduzido, vivido e difundido por jovens das elites locais, mas sim à uma visão de modernidade baseada em uma certa receptividade ao novo ou, em outras palavras, valores liberais da sociedade burguesa. O desafio futebolístico e cultural enfrentado pelo jovem Leônidas da Silva revelava os alicerces de um esporte que começava a se compreender em perspectiva global, beneficiado tanto indubitavelmente pela presença da imprensa escrita quanto pelo advento do rádio e pelos avanços nos meios de transporte. Esses fatores permitiram aos esportistas circular por redes que transportavam pessoas, objetos, novidades e ideologias que, nas palavras de Burlamaqui, “representavam quase sempre grupos distintos que disputavam o controle do futebol-espetáculo em determinados territórios nacionais” (BURLAMAQUI, 2020, p. 89).

É fundamental registrar que o Barcelona F.C. contava em seu plantel secundário com os jogadores brasileiros Jaguaré Bezerra de Vasconcelos e Fausto dos Santos no período da entrevista de Leônidas da Silva. Fernando Rubens Giudicelli, que chegou à Europa na mesma leva de atletas, seguiu trajetória distinta: atuou pelo Torino entre 1932 e 1934, transferiu-se posteriormente para o Sporting de Portugal e, em 1935, assinou contrato profissional com o Real Madrid F.C (AS, 1935, p. 16).

Como destacam Lanfranchi e Taylor, os futebolistas sul-americanos - argentinos, uruguaios e brasileiros - enfrentaram diversos desafios de adaptação no futebol espanhol pré-Guerra Civil. Um caso emblemático foi o boicote sofrido pelo uruguaio Héctor Scarone por parte do próprio elenco do Barcelona em 1926 (LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 87), revelando as tensões culturais e profissionais desse processo migratório.

Fontes e metodologia:

No nível metodológico, as fontes hemerográficas digitais constituíram os principais recursos documentais utilizados nesta investigação. A seleção de fontes digitais foi realizada em hemerotecas digitais como as da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca Nacional de España, além de periódicos que disponibilizam seus

próprios acervos digitalizados como *O Globo* e *El Mundo Deportivo*. Outra base consultada foi o Acervo Digital Vasco, do Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama. Portanto, no âmbito metodológico, revisaram-se a bibliografia e as algumas das principais revistas e jornais espanhóis e brasileiros, tanto de esporte quanto de informação geral.

No artigo *Negociações impressas: a imprensa e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República*, Leonardo Pereira mostrou como em uma sociedade burguesa o “o novo jornal teria na busca de novos leitores sua característica principal” (PEREIRA, 2016, p. 21). Tal fenômeno, estava “na base desta transformação, que acompanhava processo semelhante ocorrido em todo o mundo” (HABERMAS *apud* PEREIRA, 2016, p. 22). Nessa direção, acreditava-se que os jornais comerciais, seja do Brasil, seja da Espanha, “se constituíam em espaço múltiplo, aberto a diferentes testemunhos” (PEREIRA, 2016, p. 21).

A análise das coleções foi guiada por alguns critérios: filtragem temática, priorizando a pertinência dos conteúdos com o objeto desta investigação, e avaliação crítica de cada documento quanto à sua relevância interpretativa. O recorte temporal privilegiou publicações entre agosto de 1931 e dezembro de 1935, período para a compreensão das dinâmicas migratórias e da recepção, tanto em solo brasileiro quanto espanhol, dos jogadores envolvidos nos processos de mobilidade internacional. Como fontes principais destacam-se *O Globo*, *Mundo Deportivo*, *As*, *Jornal dos Sports*, *El Imparcial*, *Heraldo de Madrid*, *Ahora*, *La Nación*, *El Sol* e *Mundo Gráfico*. A análise dessas publicações favoreceu a reconstrução de trajetórias, debates sociais e institucionais, além de permitir o cruzamento de versões e narrativas entre diferentes contextos nacionais.

Observou-se que a produção bibliográfica sobre o intercâmbio futebolístico Brasil–Espanha, especialmente sob enfoque iberoamericano, permanece restrita, embora referências como Malaia (2010) trabalhem esse tipo de fonte em um dos seus capítulos da tese. Optou-se, assim, por contextualizar o período, detalhando as experiências dos jogadores brasileiros, as formas de recepção e debate midiático no Brasil, além do cenário espanhol durante os primeiros anos da década de 1930. Este procedimento permitiu ressaltar lacunas, contrapontos e singularidades no processo migratório e nas relações sociais mediadas pelo futebol, por meio de uma abordagem que considera o impresso como “força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do

que registro dos acontecimentos”, como propõe Robert Darnton (DARNTON; ROCHE, 1996).

Portanto, trata-se de uma abordagem metodológica persistente, tanto na forma narrativa quanto como ciência que estuda indivíduos que percorrem múltiplas fronteiras - geográficas, linguísticas, políticas, religiosas e temporais. Por mais convincente que seja, é possível revisitar conexões contemporâneas, como a contratação do “39º brasileiro na história do Barça” (MUNDO DEPORTIVO, 2023, p. 5). Segue a lista com alguns nomes em retrospectiva pelo *Mundo Deportivo* por ocasião da chegada do Vitor Roque, de 18 anos:

A relação de amor entre Brasil e Barça vem de longe, desde Fausto dos Santos em 1931, passando por Evaristo, Romário, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho e Neymar, grandes figuras “canarinhas” se destacaram pelo Barça. Roque, depois de Raphinha, se tornou no trigésimo nono brasileiro que se juntará à camisa azul-grená e com 18 anos, tem toda a carreira adiante (MUNDO DEPORTIVO, 2023, p. 5, tradução nossa).

A citação acima conecta a trajetória de diversos futebolistas brasileiros a uma equipe do exterior. Isso evita generalizações simplórias, revela uma interdependência entre o local e o global e estimula comparações baseadas em casos a serem analisados no corpo deste artigo e em publicações futuras. No entanto, como aponta Carmen Rial, tal situação nem sempre foi harmoniosa. “Nos anos 70, Espanha fechou fronteiras para imigrantes, mas não para *oriundis*, esses deveriam agora não apenas ter pais espanhóis, mas também não ter atuando pelas seleções nacionais do seu país de nascimento” (RIAL, 2009, p. 8). Ainda segundo a autora, jogadores negros só passaram a ser importados para clubes do exterior de forma mais sistemática após a conquista da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958 e 1962. Neste momento, “jogadores negros então passaram a atuar também na Espanha e na França” (RIAL, 2009, p. 9). Rial também explora a construção da imagem racista e xenófoba sobre jogadores brasileiros no exterior na seção “preguiçosos e peseteros” (RIAL, 2009, p. 11 - 14). Além disso, vale resgatar o texto de Arlei Sander Damo, intitulado *Artistas Primitivos*, no qual, ao analisar periódicos franceses e a repercussão na Copa de 1938, afirma que “o julgamento do mérito esportivo de cada país estava contaminado por outras influências”: o nacionalismo exacerbado e a xenofobia (DAMO, 2008).

A escolha por fazer uso da imprensa como fonte de pesquisa nos estudos sobre história do futebol de uma maneira geral é algo já consolidado e que requer alguns

cuidados, como o fato de os periódicos serem erigidos por pessoas que não podem ser vistas como sujeitos neutros dos processos históricos em que estão inseridos. Logo, precisam ter suas informações vistas como elaboradas por sujeitos de fala que buscavam demonstrar sua visão de mundo. Assim, como destaca Laura Maciel (2016), a imprensa não pode ser vista apenas como fonte, mas também como produtora de discursos portadores de interesses próprios.

No caso dos jornais brasileiros tomados como exemplo no presente artigo, é possível compreender que no período analisado o futebol já é um dos temas mais procurados e, por isso, as matérias sobre o tema recebiam boa cobertura destes veículos. O trabalho jornalístico pode ser comparado a um registro diário dos fatos mais relevantes, na visão do redator e do veículo que publica sua matéria, sobre determinado assunto. Dentro desta concepção, é possível encontrar em seus acervos informações capazes de nos permitir refletir acerca do cotidiano dos temas de pesquisas, mas sempre tendo como norte o fato de que a imprensa não apresenta uma verdade absoluta a respeito do que retrata, pois, e optamos por nos repetir neste momento, seus textos são redigidos por pessoas que não podem ser vistas como sujeitos neutros dos processos históricos em que estão inseridos.

Lê-se o passado em toda sorte de vestígios, de vitrais a manuscritos e impressos. Jornais são marcas consagradas desses passados que batem à porta do presente, desses presentes futuros que jamais param de se atualizar e só esperam o toque mágico que os trará de volta. O jornalista, na pressa da sua labuta diária e por força dos clichês da profissão, costuma acreditar que sua obra perece no dia seguinte à sua publicação. Não percebe, muitas vezes, que se torna objeto de arquivo no mesmo dia em que perde atualidade. Os jornais do passado continuam, no silêncio dos arquivos, a gritar “extra, extra” e a iluminar, na obscuridade das encadernações, aquilo que, com a passagem de ano, se torna imprescindível compreender (SILVA, 2017, p.13).

Lanfranchi e Taylor afirmam que o impacto dos sul-americanos na Espanha antes da Guerra Civil Espanhola foi limitado (LANFRANCHI; TAYLOR, 2011). No entanto, para evitar generalizações, apoiamo-nos na complexidade das fontes impressas para compreender por que, ao menos no caso de Fausto dos Santos e Jaguaré Bezerra de Vasconcellos, eles não chegaram a jogar pelo time principal do Barcelona F.C.

Nessa perspectiva, o presente estudo dialoga com os estudos culturais, aproximando-se do pensamento de Foucault, para quem “A história aqui tecida, como

uma renda, é feita de fios, nós, laçadas, mas também de lacunas, de buracos, que, no entanto, fazem parte do próprio desenho, são parte da própria trama” (FOUCAULT, 2016, p. 384). A cultura surge, portanto, como um elemento capaz de estar presente nas mais diversas camadas sociais, revelar diferenciações econômicas e de sentidos sobre uma mesma prática através dos conflitos que podem ser identificados, como destaca Edward P. Thompson:

A cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema” (THOMPSON, 1998, p. 17)

Breve panorama da profissionalização do futebol espanhol

Segundo Juan Antonio Simón, foi na década de 1920 que o futebol espanhol iniciou o seu processo de transição do amadorismo para o profissionalismo. No período, a prática esportiva desfrutava de grande popularidade entre as camadas populares. O autor atribui a profissionalização no país a alguns fatores: primeiro, à criação do *Campeonato Nacional de Liga*, surgido entre 1928 e 1929; e segundo, a um movimento anterior, com origens nos primeiros anos do século XX, que vinculou a transformação do futebol na Espanha de um entretenimento de classe média e elite para uma atividade de massas. Essa mudança levou o futebol à classe trabalhadora, transformando assim a relação com os clubes em um contexto de mercantilização. Um dos exemplos trabalhados pelo autor em sua tese foi o que ele chamou de “*la década de los grandes estadios*” (SANJURJO, 2011, p. 228). Foi nesse cenário que surgiram a *Real Federación Española de Fútbol* (RFEF) e a seleção nacional espanhola (SANJURJO, 2011).

Simón, em artigo sobre a excursão do Boca Junior da Argentina à Espanha em 1925, demonstrou por meio da análise da imprensa que esses jogos amistosos tiveram significativo impacto no país. Segundo o autor, “a cobertura jornalística dessas partidas amistosas superou em muitos casos as que estes meios dedicavam aos encontros

correspondentes ao Campeonato espanhol, a principal competição futebolística nacional” (SANJURJO, 2016, p. 60, tradução nossa).

Conforme demonstra Pablo Alabarces, diversas equipes sul-americanas realizaram excursões pelo continente europeu. Entre esses casos destacam-se o Club Nacional de Montevideo, que atuou na Espanha, França e Portugal, e o Paulistano, que em 1925 se tornou o primeiro clube brasileiro a excursionar pela Europa. Em 1927, foi a vez do Colo-Colo de Santiago do Chile realizar sua turnê europeia, incluindo partidas na Espanha. Segundo o autor, essas excursões “constituíam um aspecto essencial da construção de uma narrativa de diferenciação do futebol latino-americano em relação ao europeu” (ALABARCES, 2018, p. 111, tradução nossa). João Malaia dedicou parte da sua tese ao *tour* do Vasco da Gama ao velho continente (MALAIA, 2010). Abaixo você pode observar uma iconografia digitalizada e disponível no Acervo Digital Vasco da Gama, da equipe cruzmaltina jogando contra o Barcelona F.C. no campo *Las Corts*:

Figura 1 - equipe cruzmaltina jogando contra o Barcelona F.C. no campo *Las Corts*



Fonte: CENTRO DE MEMÓRIA VASCO DA GAMA, 1931.

Andrew McFarland destacou que, entre 1910 e 1925, os clubes espanhóis desenvolveram identidades bem definidas que estimulavam a participação da classe trabalhadora e das comunidades locais. O próprio desenho arquitetônico dos estádios, conforme o autor, criava um ambiente propício ao apelo de massas (MCFARLAND, 2007). Como ressaltou McFarland em trabalho mais recente, determinadas regiões

espanholas, classificadas pelo autor como grupos subnacionais - como Catalunha e País Basco - apropriaram-se do futebol como elemento de identidade, resistência e oposição a certa unidade federativa. (MCFARLAND, 2020). Portanto, para compreender o fenômeno do profissionalismo no futebol espanhol, faz-se necessário analisar as décadas de 1910 e o início dos anos 1920, atentando não apenas para a consolidação da prática futebolística, mas também para a construção de instituições como clubes, estádios, federações regionais e a federação nacional que, segundo Pablo Alabarces, participou da criação Federação Internacional de Futebol Associação - a FIFA (ALABARCES, 2018, p. 30). Além disso, o desenvolvimento de uma imprensa especializada, atenta às novidades esportivas, aos gostos locais e à presença de estrangeiros que introduziram trocas culturais, permitindo transformações nos costumes esportivos locais.

Indo além, conforme destacou McFarland, a primeira geração de estrelas do futebol espanhol na década de 1910 - incluindo Mariano Arrate Esnaola, Patricio Arbolaza Aramburu, Paulino Alcántara Riestra, José María Belausteguigoitia Landaluce e, o mais famoso deles, Rafael ‘Pichichi’ Moreno - desempenhou papel crucial na pressão pelo profissionalismo no sistema futebolístico espanhol no final dos anos 1920. Esses alicerces institucionais, políticos e midiáticos permitiram a expansão acelerada do futebol como atividade de consumo de massas no final daquela década (MCFARLAND, 2023, p. 226).

O dissídio esportivo e a profissionalização do futebol brasileiro: centrado no caso do rio de janeiro

O processo de profissionalização do futebol brasileiro, consolidado através do chamado “Dissídio Esportivo” de 1933, representou mais do que uma simples mudança de *status* para os jogadores. Tratou-se de uma transformação que redefiniu algumas relações de poder no campo esportivo, alterando a organização, o financiamento e a cultura do futebol em diversas localidades do país (DRUMOND, 2006; DRUMOND, 2015; DRUMOND, 2020).

A crise existente dentro do modelo amador, como aponta Leonardo Pereira (2024), demonstrou que, quando ocorreu o processo de popularização do futebol na década de 1920, tal abertura do campo de jogo não se restringiu apenas à presença de negros e mulatos, trabalhadores braçais no campo de jogo, nem se limitou a meros

confrontos entre elites e setores populares. Ao contrário, tratou-se de um processo multifacetado de conquista social, de ocupação de espaço, cujos desdobramentos transformaram e redefiniram a participação e atuação de setores populares dentro dos gramados e, posteriormente nas arquibancadas. Segundo Pereira (2024), a inserção desses sujeitos no jogo dialogou com dinâmicas mais amplas e complexas, ao contexto político e institucional da era Vargas.

Uma prova empírica dessas tensões e dessas transformações pode ser lida na entrevista do jogador do Bangu A.C, Domingos da Guia, que foi até a redação do *Jornal dos Sports* e alertou:

Não me envergonharei de ser profissional (...) Estou disposto agora, a sair da propria terra natal, para jogar football com remuneração, caso encontre boas vantagens. Irei para a Hespanha, para a Italia, para a China! A “plata” é quem manda a gente seguir a trajetoria de vida. O jogador de football deve aproveitar o momento da sua grandeza tecnica, do contrario, ficará esquecido como um pobre cão vadio, quando a decadencia bater à sua porta. Se eu fôr convidado a actuar num club de profissionaes com vantagens, repito, abandonarei o amadorismo. Não me envergonharei de ser profissional (JORNAL DOS SPORTS, 1931 *apud* FILHO ARAÚJO, 2022, p. 83)

Por outro lado, como evidencia a entrevista concedida pelo vice-presidente do Botafogo F.R., Eduardo Trindade, ao *Jornal dos Sports* em dezembro de 1932, o debate sobre a adoção do profissionalismo no futebol da então capital federal encontrava ecos contundentes nas camadas dirigentes de alguns clubes: “O profissionalismo virá desgraçar o nosso foot-ball, que vive animado de ilusões boas, de amizades ternas e sentimento de fraternidade” (JORNAL DOS SPORTS, 1932, *apud* ARAÚJO FILHO, 2022, p. 61). Essa declaração ilustra a resistência de setores vinculados ao amadorismo, que buscavam preservar um *ethos* esportivo pautado na sociabilidade restrita às elites. No campo discursivo, formavam-se vozes dotadas de diferentes graus de legitimidade: enquanto algumas, com respaldo institucional, eram consideradas “autorizadas”, outras, como propõe Simoni Lahud Guedes (2011), assumiram um papel mais “rebelde”, tensionando a ordem estabelecida a partir de perspectivas emergentes, muitas vezes ligadas às camadas populares e à reivindicação de profissionalização.

Nesse caso, é importante pontuar que as competições ocorridas em 1933 passaram a ser distinguidas entre amadores e profissionais, isso torna claro ao público se os jogadores em campo eram remunerados ou não. A primeira Liga Profissional de futebol, no Rio de Janeiro, contou com a participação de America, Fluminense, Vasco,

Bangu, Flamengo e Bonsucesso. O campeonato organizado pela Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), contou com Botafogo, Olaria, Engenho de Dentro e outros clubes da antiga capital. O campeão amadorista foi o Botafogo F.R, o profissional, o Bangu A.C. Além disso, vários clubes que se profissionalizaram mantiveram as suas equipes amadoras ativas que, geralmente, desfilavam nos *matches* antes dos profissionais ou em festivais. O estatuto da Liga Carioca criou um tribunal de registro para ambos os modelos (O GLOBO, 1933, p. 1). Como presente no Art. 2º, o seu objetivo era “desenvolver e vulgarizar no Districto Federal, o exercicio physico denominado “Football Association” (O GLOBO, 1933, p. 1). No capítulo XII do estatuto da Liga Carioca, evidencia a distinção ao estipular que jogadores deveriam manter uma “ficha corrida” atualizada, fornecida por autoridades policiais, garantindo que sua conduta fosse compatível, bem como o registro de indivíduos que se envolvessem em jogos de azar ou atividades ilícitas, surgindo a necessidade de integridade e moralidade pública (O GLOBO, 1933, p. 1).

Outro aspecto relevante na regulamentação era o impedimento de atletas que obtivessem quaisquer benefícios financeiros fora dos parâmetros estabelecidos para o esporte amador, como enriquecimento via prática esportiva ou braçal. Isso indica um esforço da Liga em manter uma separação clara entre os que seriam amadores e aqueles que se tornaram profissionais, criando distinção entre estes atletas (O GLOBO, 1933, p. 1). Portanto, essas normas revelam um processo de institucionalização do futebol na antiga capital, em uma tentativa de garantir a credibilidade da prática esportiva, legitimando o *status* dos jogadores. Na Liga Carioca de 1933, jogaram amadores e profissionais, uma vez que “em cada team profissional poderão ser incluídos tres amadores”(O GLOBO, 1933, p. 1).

A transição para o profissionalismo no Brasil não foi um evento isolado, mas sim um conjunto de tensões acumuladas desde os primórdios do futebol no país. Como demonstra Leonardo Pereria (2024), já na primeira década do século XX, clubes como o Bangu A.C desafiavam o modelo excludente das agremiações elitistas ao incorporar operários e negros em seus quadros. Casos como o do Bangu A.C, do Vasco da Gama, estudado por Malaia (2010), descrevem a existência de uma contradição: enquanto as elites esportivas pregavam o *ethos amateur*, na prática, os melhores jogadores - muitos destes oriundos das classes trabalhadores, negros e pardos - recebiam compensações financeiras veladas, conhecidas como “bicho”. Esta forma de relação de trabalho no

futebol revelava a insustentabilidade do modelo amadorista diante da crescente popularização do esporte e de sua transformação em espetáculo de massas.

Essa relação informal no futebol do Rio de Janeiro não era um segredo, mas passou a sofrer críticas de jogadores. Em 1931, Domingos da Guia, um dos primeiros ídolos do futebol brasileiro deu a seguinte declaração ao *Jornal dos Sports*:

(...) Estou disposto agora, a sair da propria terra natal, para jogar football com remuneração, caso encontre boas vantagens. Irei para a Hespanha, para a Italia, para a China! A “plata” é quem manda a gente seguir a trajetoria de vida. O jogador de football deve aproveitar o momento da sua grandeza techinica, do contrario, ficará esquecido como um pobre cão vadio, quando a decadencia bater à sua porta. Se eu fôr convidado a actuar num club de profissionaes com vantagens, repito, abandonarei o amadorismo. Não me envergonharei de ser profissional (JORNAL DOS SPORTS, 1931, p. 1).

É necessário, evidentemente, questionar o caráter hegemônico do futebol profissional masculino e suas causas e consequências em sua dimensão nacional na década de 1930. Contudo, destaco o Artigo 60º do Estatuto da Liga Carioca por estabelecer uma distinção clara entre esta regulamentação e a que seria aplicada aos casos de Fausto dos Santos e Jaguaré em Barcelona, Espanha. Conforme publicado em *O Globo*: “As demais condições de registro, inscrição ou transferência de jogadores profissionais ou amadores, bem como a mudança entre estas duas classes, serão regulamentadas em lei especial (O GLOBO, 1933, p. 1).

Dos 72 artigos que compõem o Estatuto da Liga Carioca, nenhum faz distinção por nacionalidade ou exige que o jogador seja brasileiro - realidade distinta da vigente na Espanha em 1931. Esta diferença regulatória explica, em parte, por que ambos os jogadores permaneceram por dois anos atuando pelo segundo time do Barcelona F.C. Esta questão será trabalhada na próxima seção.

Regulamentação: contrastes entre os modelos brasileiro e espanhol

O periódico *El Imparcial* de Madrid, em 12 de agosto de 1931, publicou na página cinco que “os brasileiros que causaram enorme impressão iriam ficar em Barcelona” (EL IMPARCIAL, 1931, p. 5). Na seção de esportes do *Heraldo de Madrid*, a repercussão da vitória do Barcelona contra o campeão da temporada anterior trazia uma informação significativa: “O novo médio centro do Barcelona, o notável brasileiro

Dos Santos, alternará com Guzmán o difícil posto de eixo da equipe” (HERALDO, 1931, p. 7). Essas reportagens vindo de periódicos da capital da Espanha dão um indício de que a chegada dos brasileiros não se restringiram apenas aos periódicos de Barcelona. Dessa maneira, tais publicações informaram a seus leitores da chegada e da qualidade de futebolistas brasileiros e, de forma genérica, vão destacando as principais características do futebol brasileiro como é possível ler em *El Mundo Deportivo*:

Se Fausto dos Santos é o mesmo que jogou no primeiro encontro do Vasco da Gama em Las Corts. Se Samitier é o “Sami” de Amberes e da Espanha-Áustria, se Martí é o medio regular que se internacionalizou no ano passado, o meio de campo desta tarde pode ser um dos melhores do mundo... (MUNDO DEPORTIVO, 1931, p. 1).

Com o início da nova temporada, Jaguaré e Fausto estrearam contra Athletic Club de Madrid no estádio de Vallecas, em Madri (AHORA, 1931, p. 4). O primeiro jogo no estádio de Les Corts, então casa do Barcelona F.C., foi contra o Athletic de Bilbao, campeão espanhol de 1930, partida que contou com a presença dos brasileiros (EL SOL, 1931, p. 6).

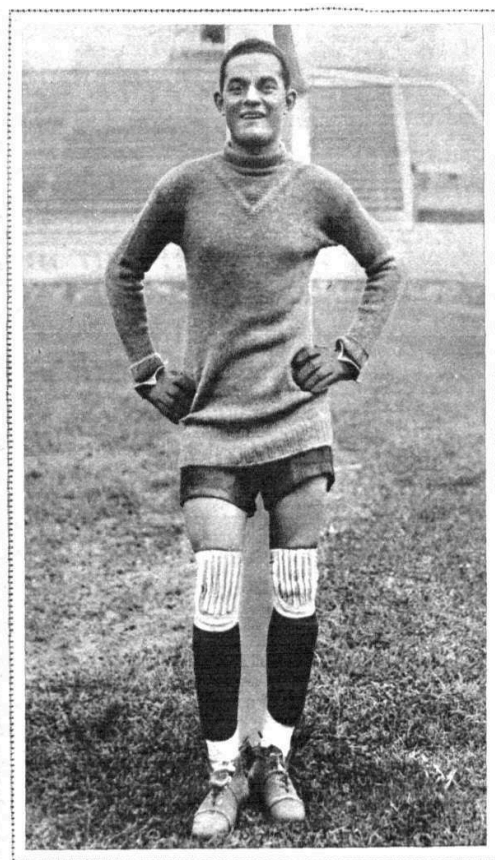
Figura 2 - Fausto dos Santos com o uniforme do Barcelona F.C.



Fonte: LA NACION, 31/8/1931, p. 1.

Fausto e Jaguaré, já como contratados do Barcelona F.C., foram entrevistados pelo correspondente especial José Vicente Payá, tendo a reportagem sido traduzida e publicada em *O Globo*. Na entrevista, estava presente um dos principais jogadores do plantel da época, o espanhol Samitier, que afirmou: “Jaguaré e Fausto foram a melhor aquisição que fez o futebol espanhol nos últimos anos” (O GLOBO, 1931, p. 8). O goleiro Jaguaré foi categórico: “No Brasil, os jogadores não têm a mínima garantia que os coloque a salvo de necessidades” (O GLOBO, 1931, p. 8).

Figura 3 - O goleiro Jaguaré Bezerra de Vasconcelos, como novo jogador de futebol do Barcelona F.C.



Fonte: MUNDO GRÁFICO (MADRID), 2/9/1931, p. 22.

Na seção anterior, analisaram-se artigos da Liga Carioca; nesta, aborda-se o caso dos brasileiros Jaguaré e Fausto e as razões pelas quais não atuaram pelo time principal do Barcelona F.C. Realizando uma análise comparativa dos estatutos da Liga Carioca (1933) e da Federação Espanhola (1931) revela diferenças fundamentais na classificação do profissional de futebol, particularmente quanto à questão da nacionalidade dos jogadores.

No dia 24 de agosto de 1931, o *Mundo Deportivo* publicou uma reportagem afirmando que Jaguaré e Dos Santos não queriam perder a nacionalidade brasileira (MUNDO DEPORTIVO, 1931, p. 3). Em uma entrevista ao *Mundo Deportivo*, o presidente do clube Antoni Oliver afirmou que estava quase assegurado de que Fausto se nacionalizaria Espanhol (MUNDO DEPORTIVO, 1931, p. 2). A questão que envolvia os jogadores brasileiros era incerta, portanto a imprensa voltada para os esportes publicaram textos divulgando o regulamento da FIFA, publicado pela Federação Espanhola (MUNDO DEPORTIVO, 1931, p. 2).

Portanto, na temporada de 1931, a participação dos dois jogadores brasileiros limitou-se ao segundo time ou time B do Barcelona F.C. - equipe reservada para amistosos, festivais, excursões e partidas não oficiais do campeonato. Durante aquele ano, no “parlamento futebolístico” da *Asemblea de la Federación Española*, o Barcelona apresentou uma proposta de alteração estatutária para a temporada 1932 e 1933, solicitando “a limitação de dois jogadores estrangeiros por clube nas competições oficiais” (MUNDO DEPORTIVO, 1932, p. 1). Contudo, conforme registrou o periódico, a proposta do clube catalão obteve 58 votos contra 49, não alcançando assim a maioria necessária para aprovação.

Dessa forma, ambos encerraram suas passagens pelo Barcelona F.C. no final de 1932, seguindo carreiras em outros clubes, Marcelo Filho publicou recentemente no *site* Ludopédio um artigo sobre Fausto dos Santos, no qual analisa algumas das proezas do centrocampista - apelidado de “Maravilha Negra” e o seu trágico desfecho (FILHO, 2024). Tanto Fausto, quanto Jaguaré e muitos futebolistas de sua geração faleceram na “indigência” como escreveu Floriano Peixoto (CORREIA, 1933, p. 16). Em outro texto, disponível no *blog* do LEME UERJ, o mesmo autor aborda a experiência de Fausto na Suíça, país onde atuou antes de retornar ao C. R. Vasco da Gama como jogador profissional (FILHO, 2025). Jaguaré, por sua vez, teve trajetória internacional, atuando na França, em outras equipes e em vários países.

Conclusão:

Ao longo deste artigo, exploraram-se as complexas dinâmicas envolvendo a migração de atletas sul-americanos para a Europa, particularmente para a Espanha, nas décadas de 1920 e 1930. Os casos de Leônidas da Silva, consciente das possibilidades

materiais oferecidas pelo profissionalismo espanhol, sintetiza as contradições de um período em que o futebol se consolidava como um fenômeno global, articulado a redes de poder, sentidos do jogo e novas formas de trabalho mediante as práticas esportivas.

Este estudo reforça a importância de uma agenda de pesquisa voltada para abordagens comparadas ou transnacionais na história do esporte, investigando a circulação de ‘pés-de-obra’ e o mercado internacional de *commodity* futebolística, como analisou Bernardo Buarque em artigo de homenagem à Simoni Lahud Guedes (HOLLANDA, 2021). Pesquisas como as desenvolvidas por Carmen Rial sobre a circulação global de jogadores brasileiros direcionam a atenção para essas fronteiras, estes espaços de trânsito que marcam as trajetórias de vida desses sujeitos históricos (RIAL, 2011).

Segundo o *Centre Internatioonal d'Étude du Sport (CIES)*, em 2025 o Brasil é líder em exportação mundial de jogadores de futebol. Entre as 88 ligas analisadas no *Atlas of Migration*, atletas brasileiros estavam presentes em 89, totalizando 1418 profissionais ativos (CIES, 2025). Além disso, questões complexas como colonialismo, neocolonialismo e categorias de análises da ciências sociais como gênero, classe e raça permeiam esses temas emergentes. Por fim, reafirma-se a urgência de promover o futebol como campo de inclusão social e diversidade, refletindo a luta contínua por justiça social.

Referências

Bibliografia:

ALABARCES, Pablo. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. 1. ed. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018.

BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. *A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)* / Luiz Guilherme Burlamaqui. – São Paulo: USP-Capes; Intermeios; Fapesp, 2020.

CALDAS, W. *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro (1893-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990

COELHO, Paulo Vinícius. *Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.

COLLINS, Tony. *Soccer: How the global game became global*. Rugby Reloaded, 21 abr. 2016. Disponível em: <https://tony-collins.squarespace.com/rugbyreloaded/2016/4/21/soccer-how-the-global-game-became-global>. Acesso em: 15 de fevereiro. 2025.

CORREIA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*, Rio de Janeiro, Flores e Mano Editores, 1933

CURI, Martin. Prefácio. In: GOMES, Eduardo; PINHEIRO, Caio. *Olhares para a Profissionalização do Futebol: Análises Plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

DAMO, Arlei Sander. Artistas primitivos. *Revista de História*, [S. l.], [s. n.], [20--]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160418235242/http://rhbn.com.br/secao/artigos-revista/artistas-primitivos>. Acesso em: 26 set. 2025.

DRUMOND, Maurício. “*Entre Políticos e Paredros: As relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX*”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

DRUMOND, Maurício. “*O ‘dissídio esportivo’ e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937)*”. In: GOMES, Eduardo Souza; PINHEIRO, Caio (org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: Análises plurais*. Rio de Janeiro, Multifoco, 2015.

DRUMOND, Maurício. “*Os gramados do Catete: Futebol e política na Era Vargas (1930-1945)*”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política. A contrução de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

FILHO, Marcelo Viana Araújo. *Com o povo de Bangu, seus heróis: a formação do bairro operário no final do século XIX, o operário-jogador e o profissionalismo às claras em 1933*. Niterói, 138 p. Dissertação (Mestrado), Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2022.

FILHO, Marcelo Viana Araujo. “*Uma cruz para Fausto: de operário-jogador à ‘Maravilha Negra’ uma reflexão sobre a trajetória de um jogador negro na década de 1920 e 1930*”. Ludopédio, São Paulo, v. 175, n. 18, 2024.

GUEDES, Simoni. “*Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro*”. *Esporte e Sociedade*. Ano 6, n.16, nov.2010/fev.2011.

GIGLIO, Sérgio Settani; TONINI, Marcel Diego. “*A transferência de jogadores no sistema FIFA e a migração de brasileiros para a Europa (1920-1970)*”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 32, nº 68, p. 609-632, 2019.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Retrato da antropóloga quando jovem: Simoni Guedes – dos anos de formação a Subúrbio celeiro de craques”. *Mana*, Volume: 27, Número 1, 2021.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. *Moving with the Ball: The Migration of Professional Footballers*. Oxford: Berg, 2001.

LOPES, José Sérgio. “A vitória do futebol que incorporou a pelada - A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. *Revista USP*, (22), p. 64 - 83, 1994.

LOPES, José Sérgio. “A vitória do futebol que incorporou a pelada - A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. *Revista USP*, (22), p. 64 - 83, 1995.

MACIEL, Laura Antunes. *Imprensa, esfera pública e memória operária - Rio de Janeiro (1880-1920)*. *rev. hist.* (São Paulo), n. 175, p. 415-448, jul.dez., 2016.

DIETSCHY, Paul. “Football players’ migrations: A political stake”. *Historical Social Research/Historische Sozialforschung*, 2006.

MCFARLAND, A. *Regeneration through Sport: Football, Sport, and Cultural Modernization in Spain, 1890-1920*. Abingdon: Routledge, 2023.

MCFARLAND, A. “A Team of our own: The Role of Local and Regional Identities in Spanish Sport”. *The International Journal of the History of Sport*, v. 37, n. 1-2, p. 12-32, 2020.

MCFARLAND, A. “Building a Mass Activity: Fandom, Class and Business in Early Spanish Football”. *Soccer & Society*, V. 8, p. 205-2020, 2007.

PEREIRA, L. A. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. puc-RIO; São Paulo: Hucitec, 2024.

RIAL, Carmen. “Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém....”. *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, n. 87, 2006.

RIAL, Carmen. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horiz. antropol.* 14 (30), 2008.

RIAL, Carmen. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português”: a circulação de jogadores brasileiros/sulamericanos na Europa, ontem e hoje. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, v. 110, 2009.

RIAL, Carmen. “Fronteras y zonas en la circulación de los jugadores brasileños de fútbol”. In: GODIO, Matias; ULIANA, Santiago. *Fútbol y sociedad: prácticas locales e imaginarios globales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011.

SANJURJO, Juan Antonio Simón. *La marea del deporte: fútbol y modernización en los orígenes de la sociedad de masas en España, 1900-1936*. 2011. Tese (Doutorado em Humanidades: História, Geografia e Arte) - Universidad Carlos III de Madrid, Getafe, 2011.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 373.

SAVAGE, M. “Espaço, redes e formação de classe”. Revista Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6-33, 2011.

SILVA, Juremir Machado de. *Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SANJURJO, Juan Antonio Simón. “Fútbol global e identidades nacionales en 1925: la gira del Club Atlético Boca Juniors en España a través de su impacto en la prensa. *História Crítica*, V. 1, n. 61, p. 45-63, 2016.

TAYLOR, Matthew. *Football, Migration and Globalization: The Perspective of History*. Idrottsforum.org, 14 mar. 2007.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

VIANA, Marcelo. *Fausto dos Santos na Suíça: breve trajetória de um brasileiro na Suíça de 1930*. [S. I.], 2025. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/fausto-dos-santos-na-suica-breve-trajetoria-de-um-brasileiro-na-suica-de-1930>. Acesso em 28 de maio 2024.

Outros

Atlas of migration: Association of origin of expatriate players. CIES Football Observatory, 2025. <https://football-observatory.com/Tool-Migration>. Acesso em: 1 de março de 2025.

“Los jugadores del Barcelona”. Mundo Deportivo, 24 de agosto de 1931, p. 3.

“El parlamento futbolístico”. Mundo Deportivo, 20 de julho de 1932, p. 1.

“El parlamento futbolístico”. Mundo Deportivo, 20 de julho de 1932, p. 2.

“El reglamento de la Federación Internacional de Football Association”. Mundo Deportivo, 8 de outubro de 1931, p. 2

“Estatutos da Liga Carioca de Football (Projecto)”. O Globo, 12 de janeiro de 1933, p.1.

“Jaguaré em sensacional entrevista ao GLOBO” O Globo, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1931, p. 8.

“Fichérias futebolísticas de importancia”. Mundo Deportivo. 27 de agosto de 1931, p. 1. CENTRO DE MEMÓRIA DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. *Fotografia: Futebol*, 1931. Iconografias. Acervo Digital. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acervodigitalvasco&pagfis=22822>. Acesso em: 15 maio 2023.

CENTRO DE MEMÓRIA DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Relatório da Diretoria: 1931. Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acervodigitalvasco&pagfis=66976>. Acesso em: 20 Jan. 2024.

“Se eu fosse para Barcelona, o Bomsucesso até me ajudaria” - declara Leonidas”. O Globo. 5 de dezembro de 1931, p. 8.

“Fernando Rubens Giudicelli”. As, 2 de dezembro de 1935, p. 16.

“Un fichaje con bonus de Balón de Oro”. Mundo Deportivo, 13 de julho de 2023, p. 5.

“Não me envergonharei de ser profissional”. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1931, p. 1.

“Actualidad Deportiva”. El Imparcial, 12 de setembro de 1931, p. 5.

Heraldo de Madrid, 11 de setembro de 1931, p. 7.

Ahora, 11 de setembro de 1931, p. 24.

La Nación, 31 de agosto de 1931, p. 8.

El Sol, 13 de setembro de 1931, p. 9.

“Jaguaré em sensacional entrevista ao GLOBO” O Globo, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1931, p. 8.

Mundo Gráfico, 2 de setembro de 1931, p. 22.

Dupla carreira em atletas de futebol de base no Brasil: uma revisão narrativa

Dual career in youth soccer players in Brazil: a narrative review

Camilo Araújo Máximo de Souza¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
camilomaximo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8607-4312>

Hugo Paula Almeida da Rocha

Colégio Pedro II, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
hrocha.ufrj@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2237-1155>

Antonio Jorge Gonçalves Soares²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Natal, RN
ajgsoares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7769-9268>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 02 de setembro de 2025

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, Brasil.

Universidade Federal do Espírito Santo, Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, Brasil.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, Brasil.

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, Brasil.

Resumo:

Este artigo de revisão investigou como a literatura analisa as rotinas educacionais e esportiva de jovens atletas de futebol das categorias de base de clubes brasileiros. Usamos a revisão narrativa como modelo metodológico desta pesquisa. As bases de dados Web of Science, Scopus e Scielo serviram como meio para uma busca sistemática dos artigos científicos. No total 10 artigos foram categorizados e analisados. A formação esportiva, formação escolar, conciliação das rotinas e projeto de vida foram os principais temas encontrados. Os jovens tendem a priorizar a formação esportiva em detrimento da acadêmica. Os clubes e escolas apresentam limitações para lidar com a evasão escolar, a repetência, a falta de flexibilidade curricular e a pressão excessiva por desempenho. Concluimos que futuras investigações podem se beneficiar do uso de desenhos de pesquisa longitudinais e, também, da problematização dos arranjos e configurações do mercado esportivo e seu impacto na dupla carreira.

Palavras-chave: Dupla Carreira. Futebol. Escola. Estudante Atleta. Categorias de Base.

Abstract:

This review article investigated how the literature analyzes the educational and sporting routines of young footballers in the youth categories of Brazilian clubs. We used a narrative review as the methodological model for this research. The Web of Science, Scopus and Scielo databases were used to systematically search for scientific articles. A total of 10 articles were categorized and analyzed. Sports training, school training, reconciling routines and life plans were the main themes found. Young people tend to prioritize sports training over academic training. Clubs and schools have limitations in dealing with truancy, repetition, lack of curricular flexibility and excessive pressure to perform. We conclude that future research could benefit from the use of longitudinal research designs and also from problematizing the arrangements and configurations of the sports market and its impact on dual careers.

Keywords: Dual Career. Soccer. School. Student Athlete. Youth Teams.

Introdução

O futebol ocupa um papel de destaque no cenário esportivo brasileiro, é produto midiático, faz parte da indústria de entretenimento de massas e, oferece um mercado de trabalho profissional consolidado. O mercado do futebol no Brasil possui legislação específica, entidades reguladoras internacionais e nacionais, calendário de competições anual, clubes que desenvolvem um sistema de formação e transição para os jogadores das categorias de base ao profissional, e mecanismos de remuneração baseados em contratos de trabalho, patrocínios, direitos de transmissão e negociação de atletas (Proni, 2000). A relevância do futebol para a população brasileira também pode ser compreendida por expressões comumente encontradas na literatura nacional como: “Brasil é o país do futebol”; “a pátria de chuteiras”; “milhões de corações em campo” expressões que reafirmam os sentimentos de pertencimento e identidade (Oliveira Filho, 2021).

No imaginário social de milhares de jovens o futebol é um meio capaz de promover mobilidade social e econômica, sobretudo, ao assistirem nas redes sociais e na mídia jogadores profissionais exibindo carros de alto luxo, aviões e helicópteros próprios. Os altos salários pagos aos principais atletas da modalidade incrementam o sonho com a profissionalização. É comum o discurso dos jovens atletas na mídia sobre a conquista da independência financeira como meio para seus familiares alcançarem uma vida mais digna.

Todavia, a realidade da maioria dos atletas de futebol no Brasil está longe da vida glamorosa frequentemente imaginada por jovens aspirantes a jogadores profissionais. De acordo com dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de 2021, 55% dos atletas profissionais com contrato formal recebiam apenas um salário mínimo por mês. Além da baixa remuneração, a sazonalidade dos contratos impacta diretamente a estabilidade dos jogadores (Catto, 2022; Souza et al., 2022). Dados do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, referentes ao ano de 2024, revelam que 59% dos clubes de futebol profissional do país não participam de competições nacionais (séries A, B ou C) após o término dos campeonatos estaduais. Como consequência, esses clubes encerram os contratos dos jogadores, já que não há competições oficiais a serem disputadas pelo restante do ano. Isso resulta em uma média anual de apenas quatro meses de vínculo empregatício para muitos atletas profissionais de futebol (Teixeira; Soares, 2022; Martorelli, 2024).

A busca por um espaço no futebol profissional movimenta milhares de jovens por todo o país que buscam acessar as categorias formativas dos clubes profissionais; esse processo seletivo é extremamente difícil de ser ultrapassado, devido ao grande número de candidatos e às poucas vagas existentes nesses clubes (A Base, 2014; Kampff, 2023). Toledo (2002) estimou que menos de 1% dos jovens que participam destes processos seletivos conseguem a aprovação.

A aprovação nos processos seletivos das categorias de base dos clubes de futebol no Brasil pode exigir dos aspirantes a atletas profissionais um alto grau de engajamento e dedicação. Muitos desses jovens percorrem diferentes clubes e se submetem a diversas avaliações até conquistarem uma posição nas equipes. Após superarem essa etapa, são inseridos em sistemas rigorosos de treinamento, nos quais recebem orientações de profissionais especializados. Em alguns casos, passam a viver em regime de albergamento, sendo supervisionados diariamente pelo staff do clube (Pinto, 2018). Contudo, a entrada em um clube de futebol representa apenas o início da jornada rumo à profissionalização. Uma vez inseridos nesse processo, os jovens atletas precisam percorrer um longo caminho até atingirem a categoria principal. Estudos estimam que, em média, são necessárias aproximadamente 5.000 horas de treinamento para a formação de um jogador profissional (Damo, 2007) e Melo (2010) ponderou que esse número poderia ser maior que 6.000 horas em 9 anos de formação nas categorias de base.

Escolarização dos atletas de futebol

O processo de escolarização dos jovens brasileiros passou por uma significativa transformação a partir do final do século passado, resultando em um aumento expressivo da taxa de matrícula anual e na ampliação do número médio de anos de estudo (Silva, 2020; Soares; Alves; Fonseca, 2021). Esse avanço contribuiu para a maior permanência dos estudantes na escola e para a redução significativa da taxa de analfabetismo (Amaro; Morgenstern, 2024). No entanto, ainda persistem inúmeros desafios a serem superados. O ensino fundamental mantém um alto índice de retenção, sobretudo entre alunos oriundos das camadas mais vulneráveis da sociedade. Além disso, aproximadamente 1/4 dos estudantes do ensino médio enfrenta a repetência em algum dos anos dessa etapa, e o ingresso no ensino superior ainda representa um

obstáculo significativo para jovens de baixa renda no Brasil (Senkevics; Carvalho, 2020).

Os estudantes-atletas das categorias de base do futebol devem cumprir a carga horária mínima anual exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no processo de escolarização, tal qual qualquer jovem em idade escolar. A LDB estabelece pelo menos 200 dias letivos e, no mínimo, 800 horas presenciais (Brasil, 1996; Miranda; Santos; Costa, 2020; Costa; Miranda, Figueiredo, 2021); para o Ensino Médio, a Lei nº 14.945, sancionada em 2024, aumentou para 1.000 horas a carga letiva para os estudantes, além de instituir 600 horas adicionais referentes ao itinerário de formação técnica ou profissional, condizentes com a missão institucional da escola, a relevância para a realidade local e as possibilidades dentro do Sistema de Ensino (Brasil, 2024). Dentro do escopo legal, no cenário esportivo, a Lei Geral do Esporte (Lei nº 14.597/2023) indica, entre outras coisas, que a excelência esportiva e o esporte de alto rendimento devem assegurar a conciliação das suas rotinas com a da educação formal (Brasil, 2023). Assim, observamos que esse aumento da carga horária demandada para o ensino pode impactar a dupla carreira dos estudantes-atletas, dificultando as possibilidades de organização das agendas e rotinas da escola e do esporte, considerando as exigências de ambas as agências para formação destes sujeitos (Pinto et al., 2023; Rocha; Costa; Soares, 2021b).

A literatura destaca que a busca por um equilíbrio na dupla carreira pode trazer inúmeros benefícios para os estudantes-atletas, como a redução do estresse, a maximização dos resultados positivos e a minimização dos impactos negativos (Martinez; Cruz; Torregrossa, 2017; Subijana; Vaquero, 2018; Sæther et al., 2022; Thompson et al., 2022). A dupla carreira deve ser compreendida como um fenômeno sociocultural que envolve questões complexas relacionadas ao equilíbrio entre as tensões inerentes ao desenvolvimento esportivo e acadêmico (Marques et al., 2021).

No Brasil, a gestão da dupla carreira recai, em grande parte, sobre os próprios jovens e suas famílias, que precisam estabelecer, por meio de contatos diretos com a escola e os clubes, uma organização eficaz de suas rotinas (Correia; Rosistolato; Soares, 2022b; Rocha et al., 2023). Esse esforço visa conciliar as exigências das duas instituições responsáveis por sua formação acadêmica e esportiva. Isso indica a necessidade de uma instrumentalização das instituições que cuidam da formação do estudante-atleta, podendo ser através de um maior amparo legal para fortalecer as

iniciativas que busquem melhorar as condições dos jovens que conciliam ambas as trajetórias (Pinto et al., 2023). A situação do estudante-atleta demanda maior atenção do poder público, uma vez que esses jovens estão em um contexto de vulnerabilidade, tanto por estarem em fase de formação quanto por enfrentarem uma rotina intensa, permeada por disputas no âmbito das esferas privadas e jurídico-legais (Haas; Carvalho, 2018; Pinto et al., 2023).

Este artigo de revisão tem como foco investigar como a literatura analisa as rotinas educacionais e esportivas de jovens atletas de futebol das categorias de base de clubes brasileiros e suas interações nos ambientes de formação. Esses jovens vivenciam uma trajetória dividida entre a formação acadêmica, voltada para o ingresso no mercado de trabalho formal, e a formação futebolística, cujo objetivo é prepará-los para o mercado esportivo profissional. Diante desse cenário, estudos como este podem contribuir para uma compreensão mais aprofundada das demandas e desafios enfrentados pelos estudantes atletas. Nesse sentido, torna-se essencial compreender como as pesquisas na área caracterizam as condições enfrentadas por jovens envolvidos na dupla carreira no futebol brasileiro e os desafios que emergem da conciliação entre formação esportiva e acadêmica. Portanto, mais precisamente, temos os seguintes objetivos específicos: a) examinar as dinâmicas das rotinas de estudo e treinamento; b) analisar as relações estabelecidas entre famílias, clubes e escolas no contexto da dupla carreira; e c) compreender como esses jovens constroem seus projetos de vida.

Metodologia

A revisão narrativa foi selecionada como modelo metodológico desta pesquisa. Rother (2007) define a pesquisa de revisão narrativa como um estudo que busca descrever e discutir um determinado tema relevante na literatura acadêmica, possibilitando a renovação do conhecimento sobre um determinado assunto.

A pesquisa tem como foco os estudantes-atletas no Brasil, por isso iniciamos com as buscas pelo Scielo - Brasil, em seguida ampliamos as possibilidades de busca utilizando as bases Web of Science e Scopus. Nestas, buscamos artigos científicos que tratam do tema da dupla carreira para os atletas das categorias de base do futebol brasileiro. Os artigos selecionados para este trabalho foram publicados entre os anos 2008 e 2022. Os critérios de inclusão de artigos para a revisão foram: a) artigos que

tratassem de dupla carreira para atletas de futebol; b) estudos com atletas das categorias de base do futebol. Os critérios de exclusão utilizados são os seguintes: a) artigos que não tratassem do tema dupla carreira; b) estudos sobre dupla carreira para atletas de futebol que não estivessem nas categorias de base; c) publicações científicas sobre dupla carreira que abordassem outras modalidades esportivas; d) artigos de revisão sobre dupla carreira.

Na busca realizada em nossa pesquisa, utilizamos os termos dupla carreira AND futebol; dupla carreira AND futebol AND escola; dupla carreira AND estudante-atleta AND futebol; estudante-atleta AND futebol AND escola; dupla carreira AND estudante-atleta AND escola; dual career AND soccer; dual career AND soccer AND school; dual career AND student athlete AND soccer; student athlete AND soccer AND school; dual career AND student athlete AND school. Utilizamos apenas o operador booleano AND com a finalidade de combinarmos os termos utilizados na pesquisa.

Quadro 1 – Total de artigos encontrados nas bases Scielo, Web of Science, Scopus

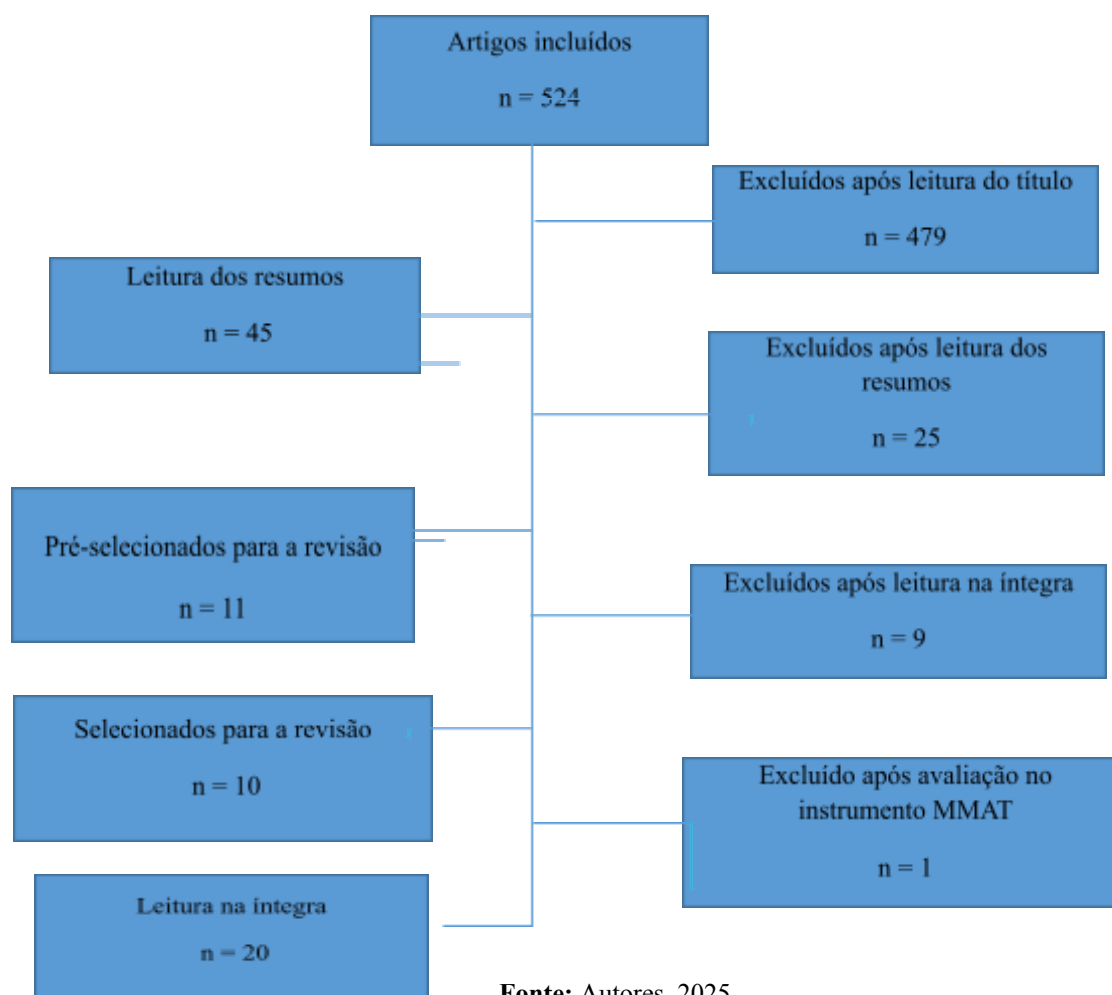
Palavras-chave	Total de artigos
Dupla carreira AND Futebol	3
Dupla carreira AND Futebol AND Escola	3
Dupla carreira AND Estudante-Atleta AND Futebol	1
Estudante-Atleta AND Futebol AND Escola	1
Dupla Carreira AND Estudante-Atleta, AND Escola	2
Dual Career AND Soccer	64
Dual Career AND Soccer AND School	28
Dual Career AND Student Athlete AND Soccer	10
Student Athlete AND Soccer AND School	438
Dual Career AND Student Athlete and School	178

Fonte: Autores, 2025

Os resultados encontrados após o término das buscas, apresentaram 728 artigos, utilizamos a biblioteca virtual Zotero para eliminarmos os 204 artigos duplicados. Na segunda etapa realizamos a leitura dos 524 títulos dos artigos, excluímos 479 artigos por não tratarem da dupla carreira. Na fase seguinte restaram 45 artigos, executamos a leitura dos resumos e excluímos 25 artigos por tratarem da dupla carreira em outras modalidades esportivas ou por serem artigos de revisão sobre a dupla carreira. Na quarta fase do processo de seleção dos artigos, os 20 artigos foram lidos na íntegra, e removemos 9 artigos por não abordarem a dupla carreira nas categorias de base do futebol. Na quinta etapa, consideramos que 11 artigos foram pré-selecionados para a pesquisa. Por fim, na sexta e última etapa um artigo foi excluído após a avaliação

realizada utilizando a ferramenta *Mixed Methods Appraisal Tool* (MMAT: Hong et al., 2018). No fluxograma abaixo, o processo de seleção e suas etapas estão descritos de forma clara.

Figura 1: Fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos



Fonte: Autores, 2025

Os artigos foram identificados com uma numeração para facilitar o seu reconhecimento no texto. O material selecionado para o texto foi submetido a um processo avaliativo estruturado a partir do instrumento de avaliação *Mixed Methods Appraisal Tool* (Hong et al., 2019). Esta ferramenta avaliativa funciona para análise de artigos qualitativos, quantitativos e mistos. Neste método, duas perguntas são consideradas básicas e precisam ser aplicadas a todos os tipos de artigos analisados. Outras cinco perguntas consideradas específicas devem ser utilizadas de acordo com o tipo de estudo: quantitativo, qualitativo e misto. Os três padrões de respostas para as

questões são os seguintes: “sim”, “não” e “não sei dizer”. No final deste procedimento é gerado um resultado de acordo com os critérios avaliativos, cada resposta “sim” corresponde a 20% da pontuação, seguindo esta metodologia, duas respostas “sim” equivalem a 40%, três “sim” a 60%, quatro “sim” a 80% e cinco “sim” ou mais a 100% da pontuação disponibilizada. Os artigos avaliados como de baixa qualidade são aqueles que alcançam entre 20 e 40% da pontuação, na faixa entre 60 e 80% estão os artigos de média qualidade, e são avaliados como artigos de alta qualidade somente aqueles que atingiram de 80 a 100% da pontuação.

Resultados

No quadro 1, apresentamos os 11 artigos pré-selecionados para esta pesquisa e descrevemos as informações de maior relevância contidas neles: título, revista, ano, autores, participantes, contexto, tipo de estudo, método de coleta de dados e temas. No quadro 2, exibimos os resultados da avaliação realizada através da ferramenta MMAT (2019): nove artigos foram considerados de alta qualidade, pois estão situados na faixa entre 80 e 100%, um estudo foi avaliado como de média qualidade, atingiu 60% da pontuação possível, e um foi reconhecido como de baixa qualidade, conseguindo apenas 40% do total de pontos.

O artigo de número 6, da tabela abaixo, foi excluído do estudo por ter sido avaliado como um estudo de baixa qualidade, a ausência de objetivos claros e de uma pergunta de pesquisa bem definida dificultou a compreensão da adequação do método e da análise em relação à finalidade da pesquisa. Este artigo permaneceu na tabela, com as suas informações expostas, para uma melhor compreensão do processo metodológico construído para este estudo, porém, suas informações não foram utilizadas para a discussão do nosso estudo.

Quadro 2: Informações gerais dos estudos.

Código	Título	Revista	Ano	Autores	Participantes	Contexto
1	Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros	Horizontes Antropológicos	2008	Souza et al.	3 atletas de futebol na faixa etária entre 12 e 13 anos	Escola de futebol no RJ
2	Jovens esportistas: profissionalização no	Motriz	2011	Rocha et al.	12 atletas de futebol: 3	4 clubes de futebol

	futebol e a formação na escola				sub15, 6 sub 17 e 3 sub 20	profissional do RJ
3	Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências	Caderno de Educação Física e Esporte	2013	Bossle & Lima	8 atletas de futebol vinculados as categorias Sub 15 e sub 17	Grêmio Football Porto Alegrense e Esporte Clube Cruzeiro
4	Perfil educacional de atletas em formação no futebol no estado do Rio de Janeiro	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2014	Melo, Soares & Rocha	417 atletas das categorias de base: sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20	Clubes de futebol profissional vinculados a FERJ
5	Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	2016	Melo et al.	228 atletas de futebol das categorias: sub 17 e sub 20	19 clubes de futebol profissional do Rio de Janeiro
6	Desafios da dupla carreira na formação de futebolistas: olhar sobre a escolaridade	Arquivos de Ciências do Esporte	2018	Verzani et al.	416 atletas de futebol da categoria sub 20	Clubes participantes da Copa São Paulo de Futebol Junior: 2010, 2013 e 2015
7	Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional	Movimento	2018	Rigo, Silva & Rial	84 atletas das categorias de base: sub 17 e sub 20	5 clubes de futebol da cidade de Pelotas no RS: EC Pelotas, GA Farroupilha, GE Brasil, Fragata FC, Progresso FC
8	Dilemas da dupla carreira: projeto escolar e futebolístico de estudantes atletas das classes médias e altas do Rio de Janeiro	CSOnline	2020	Correia & Soares	15 estudantes -atletas entre 14 e 19 anos, vinculado as categorias de base de clubes de futebol profissional do Rio de Janeiro	Escola privada na zona oeste do Rio de Janeiro
9	A concomitância entre estudar e jogar: observações sobre o processo de descontinuidade na escolarização de	CSOnline	2020	Conceição & Vaz	70 Jovens vinculados as categorias de base: sub 15 e sub 17	Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube; 2 escolas estaduais de Santa Catarina

	jogadores de futebol em formação					
10	Educação e esporte: analisando o tempo escolar do estudante-atleta de futebol	Educação em Revista	2021	Rocha et al.	62 estudantes-atletas, faixa etária entre 14 e 17 anos, clube de futebol profissional no RJ	Clube de futebol profissional no RJ, com certificado de clube formador (CFC)
11	Estratégias e visões familiares na escolarização de jovens atletas	Educação & Realidade	2022	Correia Soares & Soares	5 atletas das categorias sub15 e sub 17 e seus familiares; diretores e professores das escolas	Clube de futebol profissional com certificado de clube formador (CBF), RJ

Quadro 3: Informações metodológicas e temáticas dos estudos.

Código	Tipo de Estudo	Método de coleta de Dados	Temas
1	Qualitativo	Etnografia; Diário de campo; Entrevista semiestruturada	Formação de jogadores de futebol; Projeto de vida; Migração de atletas; Reconversão e inserção no mercado de trabalho
2	Qualitativo	Entrevista semiestruturada	Dupla carreira; Conciliação entre as formações esportiva e acadêmica
3	Qualitativo	Entrevista semiestruturada	Dupla carreira; Conciliação futebol e escola; Representações sobre a escola e o futebol; Projeto de vida.
4	Quantitativo e Qualitativo	Entrevista semiestruturada; Diário de campo	Dupla carreira; Conciliação das formações esportiva e acadêmica; Perfil educacional de estudantes-atletas
5	Quantitativo	Entrevista estruturada	Dupla carreira; Tempo destinado a jornada de treinamento e a jornada escolar
6	Quantitativo	Questionário	Dupla carreira; Nível de escolaridade
7	Qualitativo	Etnografia; Netnografia; Entrevista semiestruturada; Questionário	Formação de jogadores de futebol; Escolarização; Circulação de atletas nas categorias de base
8	Qualitativo	Questionário; Entrevista semiestruturada	Dupla Carreira; Nível Socioeconômico; Projeto de vida

9	Qualitativo	Entrevista semiestruturada; questionário; participação observante	Dupla-carreira; Formação de atletas de futebol; Conciliação das formações esportiva e acadêmica
10	Quantitativo	Questionário estruturado	Dupla carreira; tempo escolar
11	Qualitativo	Entrevista semiestruturada	Organização familiar; Trajetória escolar; Desafios e conciliação escola e futebol

Quadro 4: Perfil de Avaliação de Qualidade MMAT

Numeração do Artigo	Tipo de Estudo	Pontuação no MMAT	Qualidade do Estudo
1, 7, 11	Qualitativo	100 %	Alta Qualidade
2, 8, 9	Qualitativo	80%	Alta Qualidade
3	Qualitativo	60%	Média Qualidade
5, 10	Quantitativo	100 %	Alta Qualidade
6	Quantitativo	40%	Baixa Qualidade
4	Misto	100%	Alta Qualidade

Fonte: Autores, 2025

Os quatro principais temas encontrados nos 10 artigos selecionados para esta pesquisa estão descritos abaixo:

Figura 2: Principais temas**Fonte:** Autores, 2025

Da formação esportiva

A formação de atletas de futebol no Brasil está a cargo dos clubes de futebol profissional, escolas vinculadas a projetos sociais e centro de formação de caráter privado. O nível de exigência, o tempo de formação e os requisitos necessários para que os jovens se insiram neste projeto dependem basicamente da instituição em que se realiza a formação, isto é, não há regulação eficaz nem política de Estado sobre esse atual mercado de trabalho e formação profissional. A preparação de um atleta para o mercado do futebol profissional exige um alto nível de investimento pessoal, para suportar uma rotina semanal de várias horas de treinamentos rigorosos, manter hábitos da vida de atleta, renunciar a projetos e atividades comuns à adolescência e juventude para se manterem focados nas atividades futebolísticas (Artigos 1, 2 e 8).

No processo de formação não é incomum que os jovens mudem de cidade, estado e até mesmo de país, deixando suas famílias e passando a viver em sistema de albergamento dentro dos clubes. Este trânsito ocorre com atletas adolescentes a partir dos quatorze anos. Um dos efeitos de sair de casa jovem é a consequente perda do contato diário com os familiares e a necessidade de os adolescentes embarcarem num processo de amadurecimento precoce. As figuras familiares são substituídas por especialistas do staff dos clubes e os jovens atletas são obrigados a tomar decisões diárias sem a participação efetiva dos familiares mais próximos (Artigos 1 e 9).

A circulação de atletas entre os clubes formadores no Brasil é uma realidade que impacta diretamente os jovens em processo de profissionalização no futebol. Muitos desses atletas precisam mudar de clube para continuar inseridos no mercado esportivo e manter viva a possibilidade de se tornarem profissionais. Essas transições podem ser motivadas por diversos fatores, como a dispensa pelo clube de origem, a abertura de novas oportunidades em equipes de maior expressão, interesses de empresários ou, ainda, a decisão do próprio jogador de buscar uma nova experiência. Não é incomum que essas mudanças ocorram durante o ano letivo, o que dificulta a organização da vida escolar dos atletas e pode comprometer sua formação acadêmica (Artigos, 1, 7 e 9).

Da formação acadêmica

Os estudantes-atletas vinculados aos clubes de futebol apresentam características próprias no que se refere a sua formação escolar. O primeiro ponto a ser destacado é que o fato de serem atletas em formação não inviabiliza a sua permanência na escola, além disso, estes jovens têm alcançado níveis mais altos de formação dentro do sistema básico de ensino ao longo da última década no Brasil (Artigos 4, 5). Os estudantes-atletas que enfrentam maiores dificuldades para superar as fases de transição no ensino básico, assim como aqueles com maior risco de abandono escolar, são, em sua maioria, oriundos das camadas economicamente menos favorecidas. Em contrapartida, como é esperado, os jovens provenientes de famílias com maior poder aquisitivo tendem a apresentar níveis mais elevados de escolaridade e taxas inferiores de evasão escolar (Artigos 5, 8).

O ensino noturno é a opção mais acessada pelos jovens em dupla carreira, principalmente aqueles inseridos nas categorias sub-17 e sub-20. Estes jovens

normalmente possuem uma carga horária mais extensa e participam de um número maior de competições. O nível de escolaridade dos jovens atletas de futebol não difere de forma significativa do padrão esperado para jovens típicos da mesma faixa etária e camada social (Artigo 4).

Da conciliação das rotinas entre esporte e educação

A jornada escolar dos alunos envolvidos em dupla carreira é significativamente menor do que a dos estudantes típicos de sua faixa etária matriculados em escolas de ensino regular. Isso significa que a quantidade de horas que esses jovens permanecem na escola por semana é menor em função de viagens e de outras demandas do esporte. Além disso, existem diferenças em relação à jornada escolar para estudantes-atletas que atuam em clubes considerados “grandes” no cenário futebolístico brasileiro, se comparados aos seus pares vinculados a clubes de menor investimento. Os atletas de clubes da 1ª e da 2ª divisão normalmente são aqueles que possuem menos tempo de jornada escolar semanal (Artigos 4, 5).

A organização do tempo é fundamental para que o jovem seja capaz de conciliar as exigências presenciais da escola e do treinamento. As jornadas escolares e de treinamento juntas ocupam aproximadamente seis horas diárias, somadas ao tempo gasto com o deslocamento entre a residência, o clube e a escola (Artigo 5). A circulação entre essas instituições e as respectivas demandas impõem um alto nível de esforço diário para que o estudante-atleta consiga se manter na dupla carreira. O desgaste físico resultante dessas exigências é um dos principais fatores de estresse e pode levar à queda no rendimento, ao abandono escolar, à desistência do clube ou, em alguns casos, de ambas as atividades (Artigos 5, 10).

Do projeto de vida do estudante-atleta

No projeto de vida dos estudantes-atletas e de suas famílias, há uma tendência à valorização da formação esportiva em detrimento do percurso educacional. Esse fenômeno é especialmente evidente entre os jovens que integram as categorias de base de clubes de maior expressão e investimento no cenário futebolístico. Nesses casos, tanto os atletas quanto suas famílias reconhecem as dificuldades de ingresso e

permanência nesses clubes, ao mesmo tempo em que vislumbram neles a possibilidade de ascensão socioeconômica por meio da profissionalização no futebol (Artigo 11). Por outro lado, os jovens vinculados a clubes de menor investimento tendem a valorizar mais a escolarização, uma vez que possuem menos oportunidades de ingressar na profissionalização por meio das equipes do topo da pirâmide financeira. Assim, diante da reduzida perspectiva de acesso aos altos salários pagos a uma minoria de atletas profissionais, a continuidade da trajetória educacional torna-se uma das poucas alternativas de mobilidade social e ou econômica (Artigos 8, 11).

Os jovens e suas famílias promovem adaptações de acordo com as possibilidades que surgem durante suas trajetórias escolares e esportivas. O avanço no campo esportivo leva por vezes ao desinvestimento na formação escolar, estimulando mudanças como busca por escola com menor nível de cobrança; redução das expectativas em relação ao desempenho escolar; suavização das rotinas escolares. O capital cultural das famílias parece ser determinante para a construção de prioridades de uma formação em relação a outra; estes ajustes vão sendo construídos com o tempo e de acordo com as possibilidades de sucesso na carreira dos jovens (Artigos 3, 8, 11).

Segundo um conjunto de artigos, a continuidade da carreira esportiva depende, em grande parte, do suporte financeiro, estrutural, logístico e emocional oferecido pelas famílias desses jovens. Famílias com maior poder aquisitivo dispõem de melhores condições para adotar estratégias que facilitam essa trajetória, como a mudança de turno escolar, a troca de escola, a aquisição de material esportivo, a contratação de profissionais especializados para aprimorar o desempenho dos atletas e o acompanhamento diário das atividades esportivas e acadêmicas. Por outro lado, famílias de baixa renda possuem uma capacidade de investimento mais limitada. Ainda assim, dentro de suas possibilidades econômicas, buscam apoiar a formação esportiva de seus filhos, motivadas pela esperança de que o futebol possa representar uma oportunidade de ascensão social (Artigos 3, 8, 11).

Discussão

O estudo descreve as condições enfrentadas pelos jovens futebolistas brasileiros em dupla carreira que dividem os seus esforços na tentativa de conciliarem suas formações acadêmicas e esportivas. Observamos através da identificação das jornadas

de treinamento e da jornada escolar que as demandas exigidas por estas duas formações expõem os jovens a uma realidade de desafios que precisam ser superados através de estratégias próprias e de suas famílias, já que ainda não temos políticas públicas, legislação e controle eficazes para atender esse novo tipo de formação e mercado que foi se instituindo lentamente (Pinto et al., 2023).

Os estudantes-atletas envolvidos no futebol necessitam de amparo legal que possa auxiliá-los nas questões relacionadas às suas formações, superando as mediações frágeis conduzidas pelos jovens e por suas famílias (Pinto et al., 2023). Essas medidas legais auxiliariam nas questões relacionadas à conciliação das rotinas, assim como na padronização do tempo de treinamento, no suporte dado pelos clubes e pelas escolas à escolarização dos atletas e pelo apoio psicológico que envolve a tensa e insegura formação de atletas (Capranica et al., 2021).

Desafios da dupla carreira

A conciliação de duas formações de forma concomitante submete os jovens envolvidos a um desgaste físico intenso gerando um cansaço físico e mental que pode comprometer o desempenho dos estudantes-atletas em suas atividades acadêmicas e esportivas. O cansaço é gerado por vários fatores: o tempo de deslocamento gasto entre os trajetos para escola, casa e clube; o tempo de permanência na escola; as horas de treinamento no clube; o tempo para estudar e realizar as tarefas de casa enviadas pela escola; os dias de competição; as viagens pelo clube para participar de competições (Ricci; Aquino; Marques, 2022).

Sendo assim, existe uma necessidade latente de uma organização da rotina dos jovens envolvidos na dupla carreira de maneira que a sobrecarga a que eles são submetidos diminua. O modelo em vigor, no qual as famílias e os estudantes-atletas são responsáveis por acertar com as escolas e clubes as demandas exigidas pelas instituições, está fadado ao insucesso, contribuindo muito pouco para resolução de problemas que atingem o jovem em dupla carreira como: a defasagem escolar, abandono dos estudos, formação acadêmica de baixa qualidade, saída precoce do esporte, e estresse emocional no Brasil e em outras partes do mundo (Rocha, 2017; Sorkkila et al., 2020; Niehues et al., 2022).

A dificuldade de conciliação entre esporte e escola não é uma especificidade brasileira, esportistas de diversas regiões do mundo estão envolvidos em problemas semelhantes. Diante desse novo cenário do mercado de trabalho, associado à necessidade de uma formação sistemática, países como Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Noruega desenvolveram programas específicos voltados para jovens em situação de dupla carreira (Thompson et al., 2022; Olesen e Gregersen, 2023; Sallen e Wendeborn e Gerlach, 2023). A implementação de políticas públicas, o estabelecimento de parcerias entre instituições esportivas e educacionais, bem como a criação de escolas especializadas no atendimento a estudantes-atletas têm gerado impactos positivos na trajetória de jovens em situação de dupla carreira (Sæther et al., 2022; Storm; Eske, 2022). A flexibilização dos horários, a criação de programas de disciplinas específicas, o acompanhamento individualizado, sistemas de tutoria, possibilidades de aulas virtuais, adaptação do calendário, facilitação para entrega de trabalhos e reposição de aulas perdidas devido a compromissos com o esporte são exemplos de iniciativas postas em prática. Observar essas experiências positivas pode auxiliar na criação de programas que auxiliem o jovem estudante-atleta a melhorar a sua realidade (Jaakko et al., 2021; Sæther et al., 2022; Olesen; Gregersen, 2023; Sallen; Wendeborn; Gerlach, 2023).

O futebol como prioridade

A dupla carreira de jovens vinculados ao futebol apresenta características que intensificam os desafios enfrentados por esses atletas. O futebol de homens, por ser uma modalidade com atratividade para jovens que aspiram à profissionalização esportiva, gera um cenário de alta concorrência. No entanto, apesar de sua popularidade, esse esporte, como já argumentado, oferece um número reduzido de postos de trabalho, resultando em um ambiente marcado por extrema seletividade. Esse contexto contribui para que os estudantes-atletas vivenciem incertezas e inseguranças em relação ao futuro (Marques; Samulski, 2009; Teixeira et al., 2023).

A necessidade de apresentar um alto desempenho ao longo de todo o processo formativo impõe aos jovens a exigência de intensificar seus esforços e sua dedicação à formação esportiva (Melo, 2010). A expectativa de ingresso na categoria profissional dos clubes de futebol, especialmente nos chamados “clubes grandes” ou nos emergentes com alto investimento financeiro, diminui significativamente quando os atletas atingem

os vinte anos sem terem sido profissionalizados. Por esse motivo, há uma concentração de esforços nas fases finais do processo formativo, particularmente nas categorias sub-17 e sub-20, momento em que, na maioria dos casos, o futuro esportivo desses jovens é decidido (Martins et al., 2021b). Nessa faixa etária, os jovens estão, teoricamente, matriculados no ensino médio ou no ensino superior, para aqueles que optaram por continuar os estudos apesar das limitações impostas pela carreira no futebol. Esse período representa uma fase crucial de transição no sistema educacional brasileiro, pois é nesse momento que são tomadas decisões importantes relacionadas ao futuro profissional (Martins; Silva; Souza, 2021a).

O mercado de formação futebolística deve ser compreendido como um ambiente de formação profissional, assim como ocorre com o mercado de formação profissional para qualquer atividade do mercado ordinário de trabalho (César; Scherer, 2023). Dessa forma, se faz necessário dialogar sobre as condições em que os jovens estudantes-atletas de futebol se encontram em clubes do Brasil para desenvolverem suas formações profissionais. Os jovens inseridos no sistema de albergamento em clubes possuem maior propensão à reprovação e ao atraso escolar se comparados a jovens esportistas que residem com suas famílias (Melo, 2010; Czesli, 2024). Como não existem leis específicas que organizem esta formação, os clubes ficam responsáveis pela gestão da carreira desses jovens e muitas vezes oferecem condições inadequadas para uma formação holística, focando suas ações apenas em iniciativas voltadas para os componentes relacionados ao esporte (Haas; Carvalho, 2018). No tangente à conciliação da formação esportiva com a educacional, somente o artigo 6º, inciso IV, da Lei Geral do Esporte comenta a necessidade de haver harmonia entre as rotinas dos atletas para garantir uma transição adequada após o término da carreira atlética (Lei, 14.597/2023). Portanto, destacamos que esse dispositivo ainda carece de desdobramentos, como a responsabilidade e atribuições de todos os órgãos e agentes envolvidos na formação da dupla carreira do atleta de futebol. As questões sobre a escola, a família, o trabalho, os amigos são relevantes e devem ser consideradas durante a trajetória do jovem em dupla carreira, com o objetivo de facilitar o enfrentamento a outras questões relativas a vida, em todas as suas vertentes, e não somente as relacionadas ao esporte (Moreno; Chamorro; Subijana, 2020; Quinaud et al., 2022; Olesen; Gregersen, 2023).

Nos clubes onde os jovens atletas permanecem alojados, distantes de seus núcleos familiares, observa-se uma imersão quase exclusiva no ambiente do futebol, o

que pode levar à exclusão de outros contextos sociais. Dessa forma, a rotina desses jovens passa a ser predominantemente voltada para o esporte, e suas interações ocorrem majoritariamente com os companheiros de clube. Muitos desses atletas são oriundos de diferentes cidades e estados, o que exige a construção de novos círculos de amizade. Para aqueles que mudam de clube e cidade com frequência, essa situação se torna ainda mais desafiadora, podendo intensificar sentimentos de isolamento e gerar impactos emocionais negativos (Marques; Samulski, 2009). A pesquisa realizada por Meneses (2014), sobre o mercado de formação de jogadores de futebol, revela que a distância da família é uma das principais barreiras encontradas pelos meninos/jovens que migram em busca de uma oportunidade no futebol.

No Brasil, existem algumas iniciativas de clubes que procuram ofertar aos estudantes-atletas uma formação mais ampla, oferecendo aos estudantes-atletas melhores condições para realizarem suas formações esportivas e acadêmicas. Os clubes que possuem parceria com escolas públicas e privadas ou aqueles que construíram escolas próprias em suas dependências, são exemplos desse tipo de iniciativa, demonstrando maior preocupação com uma formação mais generalista do estudante-atleta (Correia; Silva; Soares, 2017), todavia, essas iniciativas que poderíamos denominar de *compliance* não são controladas e nem reguladas pelo poder público ou mesmo por agências externas. O baixo nível de escolaridade, aliado à dificuldade de reconversão do conhecimento específico adquirido ao longo dos anos de formação no futebol, pode representar um obstáculo significativo à inserção no mercado de trabalho formal. Tal condição afeta tanto os jovens que não alcançam a profissionalização na modalidade quanto aqueles que, mesmo tendo se tornado profissionais, enfrentam desafios no processo de transição para a vida pós-carreira. Na ausência de política pública ou de *guidelines* produzidos pelo governo ou CBF, parece que cabe ao clube junto a escola e a família construir parcerias para suavizar a rotina desgastante dos jovens e prepará-los da melhor forma possível para entrada no mercado de trabalho, cumprindo com o seu papel social de instituição formadora (Soares et al., 2011; Correia; Silva; Soares, 2017).

O apoio das famílias

A forma como os indivíduos estabelecem suas metas e se organizam para alcançá-las reflete a maneira como elaboram seus projetos de vida. Tanto a formação esportiva quanto a acadêmica são desenvolvidas ao longo de anos, evidenciando como os jovens constroem seus projetos pessoais a partir de suas expectativas em relação ao futebol e à escolarização. A esperança de alcançar o sucesso, especialmente na carreira esportiva, muitas vezes envolve todo o núcleo familiar. A possibilidade de conquistar algo altamente competitivo e socialmente valorizado pode levar a uma mobilização coletiva em torno do jovem aspirante a jogador profissional. Algumas famílias que possuem jovens atletas envolvidos no processo de profissionalização no futebol promovem mudanças estruturais e impactantes em suas vidas, na busca por apoio à trajetória esportiva de seus filhos. Rocha (2017) e Correia (2018) descrevem, em seus respectivos trabalhos, exemplos de pais que deixaram suas cidades e os seus empregos para acompanharem a vida de seus filhos que ingressaram nas categorias de base num famoso clube no Rio de Janeiro. Nesse contexto, o projeto de vida deixa de ser apenas individual e passa a ser compartilhado pela família, o que pode resultar no deslocamento das atenções para a formação esportiva em detrimento da acadêmica (Rocha et al., 2023).

A construção de um projeto esportivo familiar passa também pela construção de redes de apoio, através de contatos com elementos periféricos e centrais do universo futebolístico. Os elementos periféricos são considerados aqueles indivíduos que não estão profissionalmente envolvidos com o futebol, porém, possuem contatos com profissionais do futebol e podem facilitar o acesso dos jovens às categorias de base. Os treinadores, diretores, observadores técnicos e empresários de futebol são os elementos centrais, aqueles que efetivamente participam de todo o processo de formação dos atletas, desde o processo seletivo até a profissionalização (Correia; Rosistolato; Soares, 2022b). O contato com essas personagens centrais e periféricos do mercado do futebol, pode facilitar a entrada, permanência e a progressão dos atletas nos clubes de futebol (Rocha, 2017). Neste círculo central, o empresário possui um papel de destaque no relacionamento com as famílias, por ser ele o responsável por intermediar o relacionamento dos atletas com o clube. A trajetória dos jovens assessorados por empresários de futebol pode ser impactada de forma positiva através de contratos mais

vantajosos, inserção em clubes de grande porte no Brasil e no exterior, e de uma nova inserção no mercado do futebol no acaso de término de contrato ou dispensa feita pelo clube (Correia; Rosistolato; Soares, 2022b). Os empresários alcançaram fama e poder no mercado do futebol moderno; o seu protagonismo revela a crescente mercantilização do futebol; as principais empresas de agenciamento de jogadores de futebol no mundo possuem centenas de jogadores e movimentam milhares de dólares por ano (Meneses, 2014).

As famílias de baixa renda e com baixo capital cultural tendem a enxergar na profissionalização de seus filhos uma oportunidade de ascensão econômica e social. Esse cenário pode levar a uma inversão de papéis dentro do núcleo familiar, em que a responsabilidade de prover recursos e garantir melhores condições de vida para todos os membros passa dos adultos para os jovens atletas (Czesli, 2024). Essas famílias valorizam a educação e reconhecem a importância de uma formação de qualidade para o ingresso no mercado de trabalho formal. No entanto, por não terem acessado níveis mais elevados de escolarização em suas próprias trajetórias acadêmicas, enfrentam maiores dificuldades em oferecer suporte e acompanhamento adequados à formação escolar de seus filhos (Barbosa; Sant'Anna, 2010). Por outro lado, em famílias com maior capital cultural e poder econômico, há um investimento mais significativo na tentativa de garantir uma trajetória acadêmica regular e de qualidade. Nessas famílias, os adultos geralmente possuem um nível de escolaridade superior à média da população brasileira, tendo concluído o ensino superior. Como consequência, há uma expectativa de que seus filhos sigam o mesmo percurso acadêmico, reforçando a reprodução intergeracional do capital educacional (Bourdieu; Champagne, 2015).

O dinheiro investido na compra de materiais esportivos, no pagamento de meios de transporte para os treinos e jogos, as horas de dedicação de membros da família ao acompanhar os estudantes-atletas em jogos e treinos, além do apoio emocional, funcionam, segundo a literatura, como um potente elemento de incentivo para que o jovem não abandone a carreira. Esses achados na literatura revelam uma espécie de bom senso partilhado socialmente. Em função disso, quando o jovem atleta conquista sucesso econômico no futebol, suas ações e discursos se voltam para retribuir tudo aquilo que lhe foi proporcionado e investido por seus familiares (Damo, 2007; Czesli, 2024).

As famílias dos jovens envolvidos na dupla carreira, que conciliam futebol e escola, enfrentam um dilema: como apoiar e fomentar ambas as formações simultaneamente? Na prática, algumas famílias demonstram incertezas quanto à capacidade da escolarização de garantir um emprego bem remunerado para seus filhos. No entanto, ao mesmo tempo, reconhecem que, sem uma formação acadêmica adequada, as chances de inserção no mercado de trabalho formal, com razoáveis condições salariais, são significativamente reduzidas. Diante desse contexto, essas famílias buscam proporcionar a melhor formação escolar possível para seus filhos, ainda que enfrentem desafios na conciliação entre a trajetória esportiva e educacional (Correia; Soares; Soares, 2022a).

A formação esportiva apresenta um futuro incerto, porém, desperta nos núcleos familiares interesse na inserção neste mercado de trabalho altamente especializado e que promete, para os bem-sucedidos, um retorno financeiro e de status que é, em geral, inalcançável por outros caminhos. O prestígio social e o glamour desta profissão estimulam a ideia de que o jovem futebolista pode conquistar rapidamente fama, dinheiro e bens materiais de luxo.

Os jovens atletas, ao percorrerem a trajetória em busca do sonho de se tornarem jogadores de futebol profissionais, enfrentam, como já dito, uma estrutura altamente competitiva e seletiva, num tempo de experiência bastante reduzido para definir aqueles que conseguirão ou não se profissionalizar. Diante dessa realidade, torna-se essencial a rápida organização de estratégias que possibilitem sua participação nesse processo formativo em condições mínimas de concorrência com centenas de outros candidatos. Na prática, as prioridades são frequentemente estabelecidas de maneira contingencial, visando minimizar os obstáculos ao longo da trajetória esportiva. Como consequência, a formação acadêmica tende a ser relegada a um segundo plano, uma vez que a dedicação ao futebol passa a ser compreendida como a principal via para o sucesso e a ascensão social (Correia; Rosistolato; Soares, 2022b).

Conclusão

O tema da dupla carreira apresenta uma complexidade significativa, envolvendo múltiplos aspectos sociais, educacionais, familiares e institucionais. A mediação entre as diferentes instituições ocorre não apenas por meio dos jovens e de suas famílias, mas

também por intermédio das políticas institucionais e das relações estabelecidas entre clubes, escolas e demais agentes envolvidos.

Os jovens esportistas que conciliam futebol e escolarização tendem a priorizar a formação esportiva em detrimento da acadêmica. O mercado do futebol profissional caracteriza-se por um ambiente altamente competitivo, repleto de incertezas e com um número de postos de trabalho extremamente reduzido. Quando priorizam o esporte em detrimento da escola, os jovens e suas famílias assumem o risco de construir uma formação escolar fragilizada, o que, no futuro, pode dificultar sua inserção no mercado de trabalho formal, caso não atinjam o sucesso idealizado. Nesse caso, esses jovens concorrerão, em tese, a postos de trabalho menos valorizados em termos de remuneração.

A família pode, a depender das condições de existência, desempenhar um papel central no planejamento e direcionamento das trajetórias de vida dos jovens atletas, auxiliando-os na tomada de decisões ao longo do processo formativo. Muitas das vezes, a obsessão das famílias pela profissionalização de seus filhos pode ter efeitos perversos no alcance dessa meta (Aroni et al., 2019). Os níveis socioeconômicos dessas famílias influenciam diretamente suas expectativas e escolhas, moldando seus projetos de vida. Para famílias de menor poder aquisitivo, o futebol é visto como a oportunidade de ascensão social, o que pode levar a uma priorização da carreira esportiva de forma consciente. Além disso, dificuldades financeiras podem limitar o investimento na formação escolar e aumentar a pressão sobre o jovem atleta, que muitas vezes percebe no futebol sua única possibilidade de mobilidade social e econômica. Em contrapartida, famílias com maior capital econômico e cultural tendem a valorizar a formação acadêmica e a buscar um equilíbrio mais consistente entre escola e esporte. Uma estrutura financeira mais estável proporciona ao jovem mais opções de formação e reduz a pressão por resultados esportivos imediatos, permitindo um planejamento mais estruturado para o futuro.

Os artigos consultados indicam que clubes e escolas ainda apresentam limitações significativas para lidar com os desafios inerentes à dupla carreira dos jovens futebolistas (Melo, 2010; Soares et al., 2011; Correia; Silva; Soares, 2017). Entre os principais obstáculos enfrentados, destacam-se a evasão escolar, a repetência, a falta de flexibilidade curricular, a pressão excessiva por desempenho tanto na escola quanto no clube e a desistência precoce da carreira esportiva. Esses fatores impactam

negativamente a trajetória dos jovens atletas e, até o momento, permanecem sem soluções eficazes.

A implementação de políticas públicas e institucionais voltadas à dupla carreira poderia trazer benefícios substanciais para os estudantes-atletas, promovendo uma formação holística que os prepare tanto para a carreira esportiva quanto para a acadêmica. O estado poderia regular formas de proteção desses jovens junto aos clubes formadores no sentido de aprimorarem suas estruturas e oferecerem suporte educacional mais efetivo, incluindo o acompanhamento de professores e pedagogos, a criação de espaços adequados para estudo e a ampliação do acesso à educação a distância (EAD), especialmente para aqueles que precisam viajar frequentemente para competições.

Este estudo identificou lacunas que podem ser exploradas em investigações futuras. A primeira diz respeito à carência de estudos longitudinais que acompanhem as trajetórias de estudantes-atletas, muito embora o campo futebolístico seja refratário a esse tipo de pesquisa em seu ambiente. Pois, pesquisas dessa natureza possibilitariam o levantamento de evidências empíricas contínuas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das distintas etapas que compõem os percursos esportivos e acadêmicos desses jovens. Outra lacuna relevante refere-se à escassez de análises que examinem, de forma crítica, a estruturação do mercado esportivo, tanto em escala nacional quanto internacional, bem como os fluxos de capital que alimentam essa ampla indústria de formação e circulação de jovens atletas.

Referências

A BASE: da terra a grama. Esporte espetacular, São Paulo, TV Globo, 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3691676/>. Acesso em, 10 fev. 2025.

AMARO, Elisiane; MORGENSTERN, Juliane Marschall. *Política nacional de alfabetização e a contenção do analfabetismo no Brasil*. Revista Políticas Públicas & Cidades, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e1417, 2024. Doi: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v13n2-375-2024>

ARONI, André Luis; BAGNI, Guilherme; BOCCHIO, Giovanni Luchetti; FILHO, Edson; MACHADO, Afonso Antonio. *Estresse da iniciação esportiva até a profissionalização: uma análise exploratória da trajetória de atletas profissionais de futebol*. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo. v. 11. n.43. p. 263-272. 2019. ISSN 1984-4956

Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/773/583>

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. *As classes populares e a valorização da educação no Brasil*. In: RIBEIRO, L. C. Q.; KOSLINSKI, M. C.; ALVES, F.; LASMAR, C. (Orgs.). *Desigualdades urbanas, desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrópoles – IPPUR/UFRJ, 2010, p. 155-174.

BOSSLE, Fabiano; LIMA, Lucas Oliveira de. *Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências*. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 35-43, 2013. Doi: <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2013.v.11.n1.p35>

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. *Os excluídos do interior*. In: NOGUEIRA, M A.; CATANI, A. (Orgs.). *Pierre Bourdieu - Escritos de Educação*, Petrópolis: Vozes, 2015, p. 243-256.

BRASIL. *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional – LDB (1996)*. Brasília, DF: Presidência da República, 20. dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 de março de 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.615 (Lei Pelé), 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências*. Brasília, DF: Presidência da República, 25. mar. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. *Lei nº 13.415 (Reforma do Ensino Médio), de 16 de fevereiro de 2017. Altera as leis nº 9.394[...] e 11.494 [...]*. Brasília, DF: Presidência da República, 17 fev. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 15 março. 2025.

BRASIL. *Lei nº 14.597 (Lei Geral do Esporte), de 14 de junho de 2023. Dispõe sobre o sistema nacional do esporte (Sinesp) e o sistema nacional de informações e indicadores esportivos (Sniie)*. Brasília, DF: Presidência da República, 15 jun. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114597.htm. Acesso em 15 de março 2025.

BRASIL. *Lei nº 14.945, sancionada em 31 de julho de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nºs 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 14.640, de 31 de julho de 2023*. Brasília, DF: Presidência da República, 31 jul. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14945.htm. Acesso, 15 de março de 2025.

CAPRANICA, Laura; FIGUEIREDO, Antonio; ÁBELKALNS, Ilvis; BLONDEL, Laurence; FOERSTER, Jorg; KELDORF, Ole; KESKITALO, Risto; KOZSLA, Tibor;

DOUPONA, Mojca. *The Contribution of the European Athlete as Student Network (EAS) to European Dual Career ERASMUS+ Sport Collaborative Partnerships: An update*. Cultura, Ciência y Deporte, Murcia, v.47, n.16, p. 7-17, 2021. Doi: <https://doi.org/10.12800/CCD.V16I47.1693>

CATTO, André. *Salário médio de jogadores de futebol não alcança nem as 100 maiores remunerações de contratação*. Globo.com (seção Trabalho e Carreira), São Paulo, 04 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-ecarreira/noticia/2022/12/04/salario-medio-de-jogadores-de-futebol-nao-alcanca-nem-as-100-maiores-remuneracoes-de-contratacao.ghtml>. Acesso em: 08. Out. 2024.

CBF, Assessoria da CBF (Rio de Janeiro). *Raio-X do mercado 2020: transferências do futebol movimentaram R\$ 2,5 bilhões*. In: Cbf. Rio de Janeiro, 1 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-mercado-2020-transferencias-do-futebol-movimentaram-r-2-5>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CÉSAR, Maurício da Silva; SCHERER, Giovane Antonio. *Trajetórias juvenis em um campo de contradições: precarização do trabalho e violações de direitos no futebol masculino profissional*. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 1-16, 2023. e-ISSN: 1677-9509. Doi: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2023.1.44003>

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da; VAZ, Alexandre Fernandez. *A Concomitância Entre Estudar e Jogar: observações sobre o processo de descontinuidade na escolarização de jogadores de futebol em formação*. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 31, p.91-108, 2020. Doi: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30510>

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SILVA, José Claudio Sooma; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Colégio Vasco da Gama: notas para pensar os entrelaçamentos das culturas escolares com as práticas esportivas*. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 35, n.1, p. 188-213, 2017. Doi: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n1p188>

CORREIA, Carlus Augustus Jourand. *Projetos Familiares na Formação de Atletas do Futebol: Apostas na profissionalização e na escolarização*. 2018. 378 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://ppge.fe.ufjf.br/teses2018/tCarlusAugustus.pdf>

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Dilemas da Dupla Carreira: projeto escolar e futebolístico de estudantes – atletas das classes médias e altas do Rio de Janeiro*. CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 31, p. 51-75, 2020. Doi: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30350>

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, David Gonçalves; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Estratégias e Visões Familiares na Escolarização de Jovens Atletas a*.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 47, e108135, 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/2175-6236108135>

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; ROSISTOLATO, Rodrigo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Projeto, campo de possibilidades e redes na formação futebolística dos jovens atletas e suas famílias no Brasil b*. Etnográfica, Lisboa, vol. 26, n. 2, p. 371-392, 2022. Doi: <https://doi.org/10.4000/etnografica.11619>

COSTA, Felipe Rodrigues da; MIRANDA, Iuri Scremim de; FIGUEIREDO, Antonio João. *Esporte e educação: como desenvolver uma carreira dupla adequada*. Revista Cultura, Ciencia y Deporte, Murcia, a.17 v.16, p. 49-58. 2021. Doi: <https://doi.org/10.12800/ccd.v16i47.1674>

CZESLI, Federico. *Llegar a Primera: Cómo se forma un futbolista en Argentina*. 2024. 307 p. Tesis (Doctorado em Antropologia Social) - EIDAES, Universidad Nacional de San Martín, San Martín, 2024.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothchild, Anpocs; 2007.

HAAS, Celia Maria; CARVALHO, Ricardo Antonio Torrado. *Escolarização dos talentos esportivos: busca pelo sucesso no esporte, distanciamento da escola e conflitos legais*. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 374-394, 2018. Doi: <https://doi.org/10.26843/ae19828632v11n32018p374a394>

HONG, Quan Nha; PLUYE, Pierre; FÁBREGUES, Sergi; BARLETT, Gillian; BOARDMAN, Felicity; CARGO, Margaret; DAGENAIS, Pierre; GAGNON, Marie-Pierre; GRIFFITHS, Frances; NICOLAU, Belinda; O'CATHAIN, Alicia; ROUSSEAU, Marie-Claude; VEDEL, Isabelle. *Improving the content validity of the mixed methods appraisal tool: a modified e-Delphi study*. Journal of Clinical Epidemiology, [S.l.], v.111, n.1, p. 49-59, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2019.03.008>

JAAKKO, Nikander; AUNOLA, Kaisa; TOLVANEN, Asko; RYBA, Tatiana. *Associations between student-athletes' self-esteem and career adaptability across the high school years*. Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports, [S.l.], v.3, n. 2, p. 789-7972, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1111/sms.14114>

KAMPFF, Andrei. *Copinha: números escancaram realidade difícil que não pode ser esquecida*, UOL, São Paulo, 24/01/23 <www.uol.com.br>.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2023/01/24/copinha-numeros-es-cancaram-realidade-dificil-que-nao-pode-ser-esquecida.htm#:~:text=A%20probabilidade%20de%20uma%20crian%C3%A7a,Brasileira%20de%20Ci%C3%A7as%20do%20Esporte>. Acesso em: 20 março 2025

MARQUES, Mauricio Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. *Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase*

profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000200002>

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; RICCI, Christiano Streb; MIRANDA, Iuri Scremin de; COSTA, Felipe Rodrigues da. *Dupla Carreira no Contexto do Esporte: Percepções e Desafios em Diferentes Cenário*. Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport (ALESDE), Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-6, 2021. Doi: <https://doi.org/10.5380/jlasss.v13i1.81106>

MARTÍNEZ, Maria Rodriguez; CRUZ, Jaume; TORREGROSSA, Miquel. *Intervention program with coaches and parents: effects of the coach's behavior and the team's motivational climate*. Revista de Psicologia del Deporte, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 181-187, 2017. ISSN: 1132-239X ISSN: 1988-5636

Disponível em: <https://archives.rpd-online.com/article/download/v26-n4-rodriguez-martinez-cruz-et-al/2160-10327-1-PB.pdf>

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin; SOUZA, Ana Claudia Ferreira de. *Dupla carreira e mobilidade social no futsal brasileiro: diferenças entre homens e mulheres a*. Journal of Physical Education, Maringá, v. 32, p. 1-13, e3249, 2021. Doi: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3249>

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela Borel; VARGAS, Juliana Malini; VENTURELLI, Samara; ANTUNES, Kevin; PELISSARI, Jeanio. *As Mulheres e a Dupla Carreira: linhas tênues entre a conciliação e o abandono esportivo b*. Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport (ALESDE), Curitiba, v. 13, n. 1, p. 110–132, 2021. Doi: <https://doi.org/10.5380/jlasss.v13i1.76885>

MARTORELLI, Rinaldo. *O polêmico calendário do futebol brasileiro e a vergonhosa omissão dos clubes*. Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (SAPESP), São Paulo, 25 nov. 2024. Disponível em: <https://sindicatodeatletas.com.br/o-polemico-calendario-do-futebol-brasileiro-e-a-vergonhosa-omissao-dos-clubes/>. Acesso em: 30/01/2025

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. *Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro*. 2010. 72 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; ROCHA, Hugo Paula Almeida da. *Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.28, n. 4, p.17-28, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000400617>

MELO, Leonardo Bernardes Silva de; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SILVA, André Luiz da Costa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Goiânia, v.38, n.4, p. 400-406. 2016. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.003>

MENESES, Juan Pablo. *Dente de Leite S.A.: a indústria dos meninos bons de bola*. Barueri: Amarilys, 2014.

MIRANDA, Iuri Scremin de; SANTOS, Wagner dos; COSTA, Felipe Rodrigues da. *Dupla carreira de estudantes atletas: uma revisão sistemática nacional*. Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-21, 2020. Doi: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e61788>

MORENO, Rubén; CHAMORRO, José Luiz; SUBIJANA, Cristina López de. “*Nunca pensé abandonar los estudios*”: relación entre la formación académica de los progenitores y la carrera dual de deportistas de elite. *Revista de Psicología del Deporte*, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 17-26, 2020. ISSN 1132-239X ISSN 1988-5636 Disponível em: <https://www.psycnet.org/record/2021-50280-001>

NIEHUES, Maike; GERLACH, Erin; WENDEBORN, Thomas; SALLEN, Jeffrey. *Successful in Sports but worse in School? Adolescent student-athletes development of scholastic performances*. *Frontiers in Education*, [S.l.], v.7, n.1, p. 1-14, 2022. Doi: <https://doi.org/10.3389/educ.2022.946284>

OLESEN, Jesper Stilling; GREGERSEN, Martin Treumer. *Exploring how education and sport are brought together in two different dual career programs for Danish soccer players: effects for the player's current and future life*. *Soccer & Society*, [S.l.], v. 24, n.2, p. 223-234, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1080/14660970.2022.2061469>

OLIVEIRA FILHO, José Hildo. *The ‘beautiful game’ and its dilemmas: sports migration, ‘Brazilianness’ and ‘race’*. *Soccer and Society*, [S.l.], v.23, n.1, p. 32-43, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1080/14660970.2021.1918678>

PINTO, Arthur Sales. *Joia ou Gente: opinião de treinadores brasileiros sobre jogadores de futebol da categoria masculino sub-15*. 2018. 109 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade), UNESP, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/157506>

PINTO, Erika Alcântara; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; CORREIA, Carls Augustus Jourand; LEITÃO, Larissa Meireles; FERREIRA, Mariana Carvalho; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Estudantes - Atletas: questões e Implicações Acerca do Direito a Educação e a Formação Profissional no Esporte*. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v.16, n. 37, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/55407>

PRONI, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Editora Unicamp, 2000.

QUINAUD, Ricardo; CAPRANICA, Laura; DOUPONA, Mojca; GUIDOTTI, Flavia. *The holistic development of talented sportspersons through dual-career*. *Frontiers in Sports and Active Living*, [S.l.], v. 28, n.4, p. 1-7, 2022. Doi: <https://doi.org/10.3389/fspor.2022.929981>

RICCI, Christiano Streb; AQUINO, Rodrigo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. *A Dupla carreira acadêmico - esportiva na América Latina entre os anos 2000 e 2020: análise sobre a produção científica publicada em artigos*. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 28, e28005, p. 1-35, 2022. Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.117028>

RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Daniel Vidinha da; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. *Formação de Jogadores em Clubes de uma Cidade do Interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional*. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274, 2018. Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.71790>

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; BARTHOLO, Tiago Lisboa; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola*. Motriz, Rio Claro, v.17 n.2, p.252-263, 2011. Doi: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p252>

ROCHA, Hugo Paula Almeida da. *O Futebol como Carreira, a Escola como Opção: dilema do jovem atleta em formação*. 2017. 289 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2017/tHugoAlmeida.pdf>

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; COSTA, Miguel Ataíde Pinto da; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Educação e Esporte: analisando o tempo escolar do estudante-atleta de futebol a*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.37, n. 1, p. 1-20, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-469820719>

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; COSTA, Felipe Rodrigues da; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Dupla Carreira Para Estudantes Atletas Do Turfe: entendendo a dedicação à escola e ao esporte b*. Currículo sem Fronteiras, v. 21, n. 3, p. 1614-1638, 2021. Doi: <https://doi.org/10.35786/1645-1384.v21.n3.32>

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Dupla carreira no Brasil de 2018 a 2023: um panorama dos estudos recentes*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Goiânia, v. 45, p. 1-7, e20220045, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20220045>

ROTHER, Edna Terezinha. *Revisão Sistemática X Revisão Narrativa*. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n.2, p. 5-6, 2007. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

SAETHER, Stig Arve; FEDDERSEN, Niels; ANDRESEN, Eirik; BJORN DAL, Christian Thue. *Balancing sport and academic development: Perceptions of football players and coaches in two types of Norwegian school-based dual career development environments*. International Journal of Sports Science & Coaching, [S.l.], v.17, n.6, p.1270-1282, 2022. Doi: <https://doi.org/10.1177/17479541221111462>

SALLEN, Jeffrey; WENDEBORN, Thomas; GERLACH, Erin. *Talented athletes as high achievers - only in sports? Analysis of academic performance and the impact of*

dual career assistance programmes in upper secondary school. German Journal of Exercise and Sport Research, [S.l.], v. 53, p. 410-419, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1007/s12662-023-00878-7>

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. *Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 34 n. 99, p. 333-351, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.020>

SILVA, Monica Ribeiro da. *Ampliação da obrigatoriedade escolar no Brasil: o que aconteceu com o Ensino Médio?* Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.28, n.107, p. 274-291, 2020. ISSN 2359 – 1552. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701953>

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; COSTA, Felipe Rodrigues da; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; BENTO, Jorge Olímpio. *Jogadores de Futebol no BRASIL: mercado, formação, de atletas e escola*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out- dez, 2011. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008>

SOARES, José Francisco; ALVES, Maria Teresa Gonzaga; FONSECA, José Aguinaldo. *Trajetórias educacionais como evidência da qualidade da educação básica brasileira*. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. 38, p. 1- 21, 2021. Doi: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0167>

SORKKILA, Matilda; RYBA, Tatiana; AUNOLA, Kaisa; SELANNE, Harri; SALMELA - ARO, Katarina. *Sport burnout inventory-dual career form for student-athletes: Assessing validity and reliability in a finnish sample of adolescent athletes*. Journal of Sport and Health Science, v.9, n. 4, p. 358-366, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jshs.2017.10.006>

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul-dez. 2008. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200004>

SOUZA, Thais Nunes de; SANTOS, Sarah Cristina do Rego; ALVES, Poliane Dutra; OLIVEIRA, Augusto Ribeiro de; BANJA, Tulio; VENEROSO, Christiano Eduardo; CABIDO, Christian Emmanuel Torres. *O cenário do desemprego de jogadores profissionais de futebol brasileiro durante a temporada de 2019*. Revista Brasileira de Futebol, Viçosa, v.15 n.3, p. 63-75, 2022. ISSN 1983 – 7194. Disponível em: <https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/372>

STORM, Rasmus; ESKE, Mette. *Dual careers and academic achievements: does elite sport make a difference?* Sport, Education and Society, v.27, n.6, p.747-760, 2022. Doi: <https://doi.org/10.1080/13573322.2021.1919070>

SUBIJANA, Cristina López de; VAQUERO, Xavier Equiza. *La retirada en natación: La vida fuera del agua*. Revista Española de Educación Física y Deportes, n. 421, p. 101-121, 2018. Doi: <https://doi.org/10.55166/reefd.vi421.670>

TEIXEIRA, Marcelo Resende; SOARES, Jose Manoel Montanha. *Jogando futebol com a realidade: aproximações necessárias*. Serviço Social em Perspectiva, Montes Claros, volume 6, número 1, p. 272-295, 2022. Doi: <https://doi.org/10.46551/rssp202214>

TEIXEIRA, Marcelo Resende; ATHAYDE, Pedro Fernando Avalone; REIS, Nadson Santana; MASCARENHAS, Fernando. *A (de) formação dos futebolistas: como a ausência de políticas na Educação Básica reforçam uma ilusão*. Revista Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 28 n. 2, p. 01-16, 2023. Doi: <https://doi.org/10.18316/recc.v28i1.10421>

THOMPSON, Ffion; RONGEN, Fieke; COWBURN, Ian.; TILLi, Kevin. *A case study of the features and holistic athlete impacts of a UK sports-friendly school: Student-athlete, coach and teacher perspectives*. Plos One, v. 17, n.1, e0278401, 2022. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0278401>

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp; 2002.

VERZANI, Renato Henrique; MORÃO, Kauan Galvão; BAGNI, Guilherme; MACHADO, Afonso Antonio; SERAPIÃO, Adriane Beatriz de Souza. *Desafios da dupla carreira na formação de futebolistas: olhar sobre a escolaridade*. Arquivos de Ciências do Esporte, Uberaba, v.6, n.3, p.110-113, 2018. Doi: <https://doi.org/10.17648/aces.v6n3.2402>

ZOTERO, Corporation for digital Scholarship, 2009.

Trivela albiceleste: a crônica na cobertura da trajetória Argentina na Copa do Mundo de 2022

*Trivela albiceleste: the chronicle in the coverage of Argentina's
trajectory in the 2022 World Cup*

Luiz Henrique Zart

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Florianópolis, SC

luizhenriquezart@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9219-8197>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 19 de agosto de 2025

Resumo:

Este artigo estuda o Jornalismo Esportivo enquanto produtor de discursos materializados nas narrativas, cujo objeto empírico são as crônicas que tratam da trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022, produzidas pela Trivela. O objetivo é compreender quais elementos narrativos são articulados em seis textos interpretativo-opinativos que envolvem a albiceleste em todo o mundial. Os textos foram publicados entre 22 de novembro e 20 de dezembro de 2022 e coletados de 15 de julho a 14 de agosto de 2023. A pesquisa recorre à Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), observando os planos da expressão e da estória. Foi possível compreender que a Trivela articula os enredos-intriga a partir de intenções do narrador, com linguagem coloquial mesclando elementos fáticos e fictícios para gerar efeitos de real e de sentido como expectativa, surpresa e suspense com metáforas, hipérboles, entre outros recursos. A cobertura de futebol se mostra, então, como um espaço privilegiado de prática da crônica, construindo uma “gramática” característica.

Palavras-chave: Crônica. Jornalismo Esportivo. Argentina. Copa do Mundo de 2022. Trivela.

Abstract:

This article studies Sports Journalism as a producer of discourses materialized in narratives, whose empirical object is the chronicles that deal with Argentina's trajectory in the 2022 World Cup, produced by Trivela. The objective is to understand which narrative elements are articulated in six interpretative-opinative texts that involve the albiceleste throughout the World Cup. The texts were published between November 22 and December 20, 2022 and collected from July 15 to August 14, 2023. The research uses Critical Narrative Analysis (Motta, 2013), observing the planes of expression and story. It was possible to understand that Trivela articulates the plots-intrigue based on the narrator's intentions, with colloquial language mixing factual and fictional elements to generate effects of reality and meaning such as expectation, surprise and suspense with metaphors, hyperboles, among other resources. Football coverage thus appears to be a privileged space for the practice of chronicles, constructing a characteristic “grammar”.

Keywords: Chronicle. Sports Journalism. Argentina. 2022 World Cup. Trivela.

Introdução

Trinta e duas seleções em campo, apenas uma como campeã. Este é o cenário de uma Copa do Mundo de Futebol¹, como foi no Catar, em 2022. A seleção Argentina, ao apito final do último jogo, sagrou-se campeã, bordando a terceira estrela no peito, do lado esquerdo da camisa albiceleste. Dentro de campo, no entanto, não é apenas a bola que rola: há, também, uma espécie de microcosmo, tecido a partir do simbólico, por onde se materializam as jogadas e seus personagens, entre vitórias, derrotas, expectativas e frustrações que articulam uma série de elementos narrativos.

Na narrativa jornalística, com a transformação dos acontecimentos em relatos de variadas características, compõem-se distintos sabores e camadas de dramatização. Neste sentido, mundiais de futebol são espaços privilegiados para a construção narrativa porque carregam elementos de reviravolta e catarse, ao revelar um “cenário passionai e em constante enunciar de aspectos de investimento da subjetividade e das intencionalidades” (Casagrande, 2021: 50).

A proposta é que “pensar, (re)conhecer e analisar as narrativas jornalísticas à luz de sua tessitura pode ser um caminho tanto para se conhecer o jornalismo quanto o seu próprio fazer” (Resende, 2009: 36). Há, assim, a instituição de uma instância discursiva com características particulares. Notar, então, estilos, figuras de linguagem, expressões, realces de determinados acontecimentos, destaque a personagens, a tudo que, no futebol, envolve o jogo e está além dele.

Neste sentido, pensar nas estratégias narrativas significa, para Motta, Costa e Lima (2004: 43), pensar em “efeitos a serem provocados quando do momento de leitura, sejam de sedução, tensão, suspense, retardamento da intriga, comoção, indignação, medo ou riso”. Desta perspectiva, os relatos sobre um evento como a Copa do Mundo, à luz de um Jornalismo esportivo de características peculiares, podem indicar que “toda narrativa realista poderá ser lida como ficcional, e toda narrativa ficcional poderá ser lida como fática, dependendo do contrato comunicativo e cognitivo do narrador e destinatário em cada situação de comunicação” (Motta, 2009: 4). Este sentido se aproxima das narrativas em formato de crônica, muito utilizadas no jornalismo esportivo, porque:

¹ Vale destacar que, neste texto, se faz referência à Copa do Mundo de Futebol Masculino – a única deste teor realizada no ano ao qual a análise se volta.

[...] possibilita, com velocidade e progressão na narrativa, causar um efeito de sentido da “presença”. Por outro lado, quando o texto é analítico, causa o efeito contrário, ou seja, o sentido da “ausência”. Por isso é que se dá a emblematização do literário no acontecimento. Isto é, o enunciado fica vinculado ao tempo, carregando consigo não só a objetividade do acontecimento, mas também toda a figuratividade que o autor conferiu ao texto (Viana, 2013: 49).

A crônica, conforme afirmamos em trabalhos anteriores (Zart, 2020: 1), se caracteriza como uma narrativa híbrida, transitória e interdiscursiva: “elemento diáfano e fronteiro. É um gênero que está tanto entre as tipologias tradicionais da imprensa quanto nas classificações usuais da literatura, sem que isto represente um problema”. Como um formato maleável, a crônica se volta à observação dos fatos, mas os expõe utilizando a “explicação ou comentário direto da opinião do narrador – ou, ainda, pelo derramamento subjetivo que reflete, misturando prosa e poesia” (Viana, 2013: 25). Neste sentido:

“O que se pode dizer, de uma forma bem genérica, é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia” (Coelho, 2002, p. 156). É um paroxismo proposital, incentivado e que agrada os leitores. Sua conotação, marcadamente literária, no entanto, não lhe retira a credibilidade. Ela se coloca em outro espaço, diferente até daquele ocupado pelo Jornalismo Literário. Sua permissão é mais vasta porque goza de liberdade plena para variar do informativo ao imaginativo sem prestar contas dessa transição, sendo uma mudança natural (Borges, 2013: 258-259).

O objeto de estudo aqui delimitado abrange o Jornalismo enquanto produtor de discursos materializados nas narrativas, com o objeto empírico direcionado às crônicas² produzidas pela *Trivela* – em especial as que tratem da Argentina – durante o período da Copa do Mundo de 2022. A proposta é compreender quais elementos narrativos são articulados nas crônicas da publicação durante a cobertura da Copa, especialmente no que se refere àquelas que se voltam à albiceleste. Vale ressaltar que este artigo é um fragmento da análise desenvolvida durante a dissertação deste autor, quando a proposta foi consideravelmente mais ampla.

Assim, ao todo, dos 55 textos em que a Albiceleste é a motivadora central durante o mundial, para este artigo serão selecionadas seis unidades de análise, extraídas a partir de uma classificação que reflete sobre a construção textual – do gênero, em todos os casos misto, de caráter interpretativo-opinativo, e do formato crônica, que é

² Conteúdo marcadamente subjetivo [...] que registra a visão do cronista a respeito de fatos do cotidiano, aproxima jornalismo e literatura (Alves Filho, 2014). Não se deve confundir com a crônica esportiva identificada como coletivo de profissionais que escrevem sobre a temática.

aqui o foco específico. A coleta do material se deu entre os dias 15 de julho a 14 de agosto de 2023, do site, local em que os textos foram publicados à época da realização do mundial – e dois dias depois da final, como repercussão – entre 22 de novembro e 20 de dezembro de 2022.

Percurso metodológico

A pesquisa recorre às ferramentas oferecidas pelo procedimento da Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013), observando especialmente duas instâncias das três elencadas: nos planos da expressão e da estória. O primeiro volta-se à construção do texto, abordando intenções comunicativas do narrador, em torno de escolhas linguístico-discursivas para construir seu relato. Por sua vez, o segundo reflete sobre o conteúdo, ou o modo como o enunciador dispõe os personagens e os interpõe na malha do acontecimento para causar certos efeitos de sentido.

Adota-se parcialmente determinados mecanismos metodológicos indicados pelo autor, na direção de passos diluídos na narrativa, descritos de maneira mais sucinta apenas como forma de sistematização: 1) compreender a intriga como síntese do heterogêneo; 2) compreender a lógica do paradigma narrativo; 3) deixar surgirem novos episódios; 4) permitir ao conflito dramático revelar-se; 5) entender o personagem como um ser existente tão somente na narrativa, mesmo que haja um correspondente na realidade; 6) identificar as estratégias argumentativas do narrador; e 7) permitir que as metanarrativas aflorem. Entende-se que todos os movimentos podem se encaixar olhando para os sentidos produzidos pelos textos – como elementos reveladores da prática jornalística – da *Trivela* sobre a Argentina, campeã, em um fenômeno como a Copa do Mundo de 2022. Esta condição se justifica porque, em certa medida:

[...] o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere e oculta. As notícias produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa não trazem à audiência apenas informação, mas atualizam a realidade social. Renovam e experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do espaço de convívio e de ação, o canônico e as transgressões (Motta; Costa; Lima, 2004: 33).

Especificamente quando volta-se às produções jornalísticas, a perspectiva de Motta (2013) aponta para a descrição da narratividade, enunciando sucessivos estados

de transformação – situação fundamental a qualquer relato jornalístico. Assim, estudar o Jornalismo como narrativa envolve reconhecê-lo como um dos responsáveis por ordenar acontecimentos do presente objetivo e subjetivo do mundo em discursos, “esboços instáveis e provisórios do real, em constante configuração e reconfiguração” (Quadros; Motta; Nasi, 2017: 38).

Para Motta (2013), narrativas são um permanente jogo entre efeitos de real e efeitos de sentido, “mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana” (Motta, 2013: 18). Além disso, quem narra tem uma intenção e utiliza para isso estratégias comunicativas organizadoras do discurso midiático de forma não aleatória, cujo princípio é o contar. Afinal, interpreta de que forma intencionalidades do narrador se desenvolvem no texto jornalístico, a partir de:

[...] uma técnica de enunciação dramática da realidade de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude, quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração (Motta, 2013: 47).

Com a realidade recriada, surge, então, o que o autor chama de “acontecimento intriga”, responsável por revelar ao observador/analista sutilezas das estratégias e formas de narração, ganchos e encadeamentos, conflitos internos, papéis de personagens, dilemas, cenários, dramas e outros elementos que compõem a dinâmica dos relatos – e quais os próprios sentidos construídos por eles (Gouvêa, 2015: 211; Motta; Costa; Lima, 2004: 33).

Como argumenta Motta (2013: 23), a Análise Crítica da Narrativa volta-se ao estudo “metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as histórias reais ou ficcionais”. Gouvêa (2015: 210-211) ressalta que saber de “que maneira se dá a articulação de sentidos por meio da comunicação narrativa é o objetivo central da técnica interpretativa que representa a análise crítica da narrativa”.

Para contornar a camada de estratégias de apagamento do narrador – tradicionais nos textos jornalísticos –, sugere-se dar atenção a um episódio ou evento específico, reunindo todos os materiais possíveis publicados por um ou mais veículos – neste

estudo, a trajetória argentina na Copa do Mundo de 2022, pela cobertura da *Trivela*. O argumento deste recorte metodológico pressupõe que o narrar jornalístico é lacunar e difuso porque se compõe de forma não-cronológica.

A escolha pelas crônicas se dá por motivos de espaço disponível para este estudo, considerando o formato como um daqueles em que há possibilidade de maior investimento narrativo. Ao longo da análise, seguindo as indicações de Motta (2013), são considerados planos de virada – tratados aqui entre as dicotomias usuais de heroísmo/vilania; superação/decepção; expectativa/frustração. Cenário e personagens, protagonistas ou coadjuvantes, também são elementos utilizados para facilitar a compreensão das histórias.

Para não tornar a leitura densa nas seções seguintes, são dispostos aqui os textos observados, na ordem cronológica em que aparecem: *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita* (Lobo, 2022a); *Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina* (Bonsanti, 2022b); *Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática* (Bonsanti, 2022a); *A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida* (Stein, 2022b); *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time* (Stein, 2022a) e *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente* (Iamin, 2022).

Crônica #1: Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita

Na crônica *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita*, Felipe Lobo é o responsável por um texto de análise da derrota Argentina. Nota-se, de partida, a intenção de colocar intensidade nas escolhas do vocabulário, além das situações que foram problemáticas ao time de Scaloni para ser “engolido” pela marcação adversária. O mesmo se repete na linha fina, em tom de avaliação do desempenho do time sul-americano, em especial: “Diante de uma virada inesperada, Argentina não soube reagir, não teve ideias e ficou em choque diante de um adversário quase impecável na marcação”.

Por ser a Argentina a favorita, ela aparece como protagonista do relato. A estratégia do autor para construir a narrativa trabalha com os polos entre a expectativa e a surpresa, a decepção e as consequências. Cria, para isso, um entorno, opondo os dois lados do confronto: “Tudo indicava que a vida da Argentina nesta primeira rodada seria fácil. Antes do jogo, porque o adversário era a Arábia Saudita, um time visto entre os piores do torneio”. Tendo a Argentina com a pressão em cima, o peso da camisa, “tudo isso se reforçou com o gol de Lionel Messi, em um pênalti contestado, aos 10 minutos, além de três gols anulados por impedimentos”. Mas a escala escolhida entre o vaivém do jogo encerra a abertura do texto como que numa estrutura que se aproxima do lead: “Ao final dos 90 minutos, quem saiu com a vitória foram os sauditas, por 2 a 1, aproveitando os erros argentinos ao longo do jogo para sair com a primeira grande zebra desta Copa do Mundo 2022”.

Lobo, então, passa a destrinchar as armas dos times, tudo isso envolto em uma ideia geral de: “Só que o tempo passou e o gol não saiu”. Com impedimentos impostos pelos sauditas aos argentinos, que encerraram a primeira etapa com o placar mínimo, a reviravolta aconteceu com “uma incrível virada”, nas palavras do jornalista: “O primeiro gol foi aos três minutos e o segundo aos oito. Dava muito tempo para reagir. A Argentina tinha condições de fazer isso. Só que o baque foi grande e o time sentiu demais”.

Nota-se, com isso, talvez um dos poucos momentos da cobertura em que se questiona a postura de Messi, argumentando, de forma a criar uma sensação de gravidade pela reiteração da negativa, que ele “não conseguiu ser o líder nem com a voz, nem com os pés. Não apareceu tanto para o jogo, não conseguiu criar jogadas, dar passes, finalizar”. Em um trecho que motiva até a chamada desta narrativa:

Faltou liderança, faltou saber reagir diante de uma situação difícil. É quando a personalidade quieta de Messi, normalmente um líder mais com os pés do que com a voz, não conseguiu ser a inspiração que o time precisava. Tal qual todo o time argentino, ele baixou a cabeça após o segundo gol. Isso além de ter uma atuação bastante abaixo da média, sem conseguir realmente aparecer no jogo e causar problemas aos adversários.

O autor segue a crítica partindo para as escolhas táticas e trocas de jogadores, que não deram certo. De nenhuma maneira procura se apagar do texto, como é usual em outros tipos de narrativa jornalística. Ainda que utilize recursos fáticos, como no

exemplo que se segue: “Diante do congestionado meio-campo de marcação da Arábia Saudita, os argentinos não conseguiram variar as jogadas e por isso finalizaram pouco ao gol. Foram 14 finalizações, só seis delas no alvo”.

Diferentemente dos textos de personagem, em que o aprofundamento é direcionado, no caso de uma análise mais ampla como a da crônica deste gênero, os atletas são nomeados, mas como parte de um sistema, e com destaque aos problemas, como quando se escreve: “Enzo Fernández trouxe um pouco mais de dinamismo ao setor, mas ainda ficou muito abaixo do que era necessário. Rodrigo De Paul, um jogador sempre importante, pouco conseguiu fazer”. A opção pela ênfase é vista mais uma vez pela repetição na construção das frases, quando Lobo elenca que:

faltou muita coisa à Argentina. Faltou, primeiro, preparo para lidar com uma linha de impedimento eficiente como a saudita. Faltou poder de reação quando tomou dois gols rapidamente, que viraram o jogo. Faltou liderança para fazer isso acontecer. De Messi, especialmente, por ser o capitão e referência, mas também de outros jogadores experientes, como Nicolas Otamendi, por exemplo.

As figuras de linguagem aparecem como uma espécie de termômetro da atuação ruim da Argentina que “sucumbiu” após o gol, na interpretação do jornalista: “parecendo não acreditar no que acontecia em campo. Ficou em choque, com um mar de ansiedade, aumentando o nível de erros e sem conseguir colocar a cabeça no lugar”. Já perto da conclusão do texto, Lobo traz um histórico e ressalta que “assim como em 2018, a Argentina estreia com decepção”. Ao oferecer os resultados para justificar a afirmação, faz uma ponderação, ressaltando a “derrota surpreendente para a Arábia Saudita, que já liga o alerta para o time”.

As considerações do autor só aliviam quando ele indica que a “Argentina continua forte e continua com muitas chances de avançar, mas será preciso muito mais”. E também quando se volta ao passado e lembra que “a inspiração pode ser a Copa do Mundo de 1990”, quando, mesmo com derrota para os camaroneses na primeira partida, bateu na final contra os alemães. O tom de alerta fecha o texto da seguinte forma: “O time tem total capacidade de ganhar os outros dois jogos, contra México e Polônia, no próximo sábado. Precisa encontrar o futebol que já mostrou neste ciclo e que não levou para esta estreia contra a Arábia Saudita”.

Em linhas gerais, a construção do significado do texto parte de um parágrafo de abertura sintético dos significados, mas discorre em tom de análise, entre o panorama da

partida, destacando lances importantes e observando o sentimento de incredulidade e apatia dos argentinos, que não sabiam como reagir ao resultado. Ao final, entre o histórico, o autor aponta para um horizonte mais positivo e outro nem tanto. O enredo-intriga desta narrativa se ampara no sentido da fraqueza argentina ao sucumbir a um time mais fraco, como o da Arábia Saudita. Além disso, entram em questão aspectos anímicos, psicológicos, quando se trata da (falta de) liderança e das (im)possibilidades de variação do jogo Albiceleste, cedendo às armadilhas do adversário. Os conflitos da narrativa são dispostos pela expectativa não cumprida pelo time Albiceleste, prevalecendo a vilania; a decepção pelo favoritismo não confirmado e a frustração, porque, mesmo com Messi, a Argentina saiu derrotada.

Crônica #2: Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina

Na sequência, aparece um texto com recortes de crônica e análise, construído de maneira interpretativa por Bruno Bonsanti: *Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina*. A condição proposta na chamada parece pouco para o que o texto entrega, em um extenso relato sobre a trajetória do treinador que, realmente, como indicado, entrou para a história do futebol argentino. De certa maneira, essas considerações são reforçadas pela linha fina, quando o autor propõe contraste e aponta que, por muito tempo, “Scaloni parecia estar apenas esquentando o banco à espera de um nome mais forte, mas, com humildade e pés no chão, conseguiu entregar à Argentina o que técnicos mais badalados não haviam feito: condições mínimas para Messi e companhia brilharem”.

A opção de partida do texto é a condição da seleção argentina em um ano determinante: 2019, quando, nas colocações do narrador, “parecia abandonada”. A construção se dá pelo recurso da analepse: remontando o passado, *La Selección* disputava a Copa América no Brasil com uma comissão técnica “inexperiente e provisória”. O maior craque do time, Lionel Messi, “nunca pareceu tão ilhado, mesmo entre alguns escudeiros de longa data, como Sergio Agüero e Ángel Di María”. Para Bonsanti, era pontual uma “revolução dramática para a Argentina chegar ao Catar como uma das candidatas ao título”. Quando fala do camisa 10, diz que, à época:

Nunca pareceu tão distante de ter condições reais de conquistar a Copa do Mundo. Havia passado dos 30 anos, não havia um simulacro de trabalho coletivo em vigor, ninguém sabia qual era o plano ou sequer se existia um, e o desastre na Rússia sob o comando de Jorge Sampaoli havia deixado cicatrizes profundas.

Depois dessa espécie de prelúdio, o comentário versa sobre “decisões ponderadas e coerentes” que sustentam a condução de um ciclo de Copa do Mundo, entre as quais a escolha de um bom técnico. O tom metafórico proposto pelo autor, então, começa a tomar forma, quando escreve que: “o futebol, porém, às vezes dá risada da nossa cara, e basta que a pessoa certa esteja no lugar certo na hora certa. Foi o que aconteceu com a Argentina, e Lionel Scaloni não tem nada a ver com a condução bagunçada dos bastidores”.

Classificado como “treinador do improvável”, Scaloni tem colocada em torno de si uma aura daquele que não foi escolhido, mas que deu certo, afinal, responsável pela primeira conquista de Copa em 36 anos. No entanto, a ponderação atravessa mesmo as escolhas da federação argentina, com a adjetivação para definir a dimensão do torneio para outro Lionel, o de Rosário: “No fim, não estávamos tão errados porque foi necessário um bom trabalho, feito pelo técnico. Mas a AFA não pode dizer que sabia o que estava fazendo quando o colocou no comando do grande sonho de Messi”.

Depois, Bonsanti volta ainda mais no tempo. Fala de uma retrospectiva quando, desde 2014, desenhou-se a “tragédia da seleção bicampeã mundial”. Ao enfileirar nomes de ótimos treinadores da safra Albiceleste em clubes, pondera que ao mesmo tempo em que seria necessário se submeter às ordens da federação do país, o futebol de seleções acaba não sendo a prioridade de treinadores da elite. Então, o movimento segue o sentido oposto: o avanço temporal se dá por meio dos parágrafos. Indo até 2018, o jornalista se apoia no estereótipo para construir o relato, falando sobre o estado de espírito do time depois da derrota para a França nas oitavas, de desolação: “desolação porque não parecia haver uma solução, se nem o técnico mais próximo do melhor que eles poderiam contratar havia dado certo”.

Lionel Scaloni, então, integra o relato. Com suporte de muitas informações de base, Bonsanti atravessa a participação do treinador desde o time sub-20, enfileirando nomes que o influenciaram e deram apoio. Mesmo a contragosto da federação, que tinha Mauricio Pochettino como preferido, o autor do texto ressalta que a ideia era que “Scaloni apenas terminasse 2018, com meia dúzia de amistosos. Depois, conduziu a

Copa América, sempre com a sensação de que estava esquentando o banco de reservas para um nome mais forte que chegaria a qualquer momento”.

Assim, constrói-se a impressão de que Scaloni sempre foi um provisório, um técnico para “tapar buraco”. O texto, então, volta mais uma vez no tempo, mas vai ainda mais longe, para tratar da carreira do ex-jogador, agora técnico, dentro de campo. Esses apontamentos podem ser percebidos quando, além dos clubes, Bonsanti ressaltava atributos do tempo de gramado do ex-camisa 5. Ganha suporte usando entrevista concedida pelo treinador e referenda o argumento com elementos fáticos, como os números. Essa observação é notável no trecho a seguir:

Natural de Santa Fé, Scaloni começou a carreira no Newell's Old Boys e passou pelo Estudiantes antes de chegar à Europa para defender o Deportivo La Coruña. Era um meio-campista defensivo ou lateral direito difícil de ser driblado que sempre jogava com muita determinação. Passou oito temporadas e meia no La Coruña, com uma participação periférica no título espanhol de 1999/2000. Em 2001/02, fez apenas uma partida na campanha vitoriosa na Copa do Rei: a final contra o Real Madrid. Foi o clube da sua vida, o qual defendeu 275 vezes e que tem o sonho de um dia comandar, quando sua carreira começar a se afastar do futebol de seleções. “Vou treiná-lo. Tenho isso muito claro. Foi minha segunda casa. Sem o Depor, não teria sido sequer 10% do que sou”, disse, em entrevista à rádio espanhola Cadena Cope durante o Mundial.

Curiosamente, a narrativa composta por Bonsanti destaca que a trajetória de Scaloni enquanto atleta servindo a seleção foi curta: “Fez apenas sete jogos entre 2003 e 2006. É até curioso que estivesse no radar de Pékerman para a Copa do Mundo da Alemanha”. As explicações feitas exploram as opções de elenco que fizeram com que comandantes da Albiceleste preterissem o meia. As escolhas para compor o texto, assim, são orientadas também por declarações do personagem principal, mas não apenas.

O narrador atravessa a carreira e, em dado momento, referindo-se à idade do personagem, 28 anos, pontua: “quando a Argentina foi eliminada da Copa do Mundo nos pênaltis, mas a sua carreira ainda estava longe do fim, embora nunca mais tenha decolado”. De fato, ao longo de alguns parágrafos, a opção de Bonsanti é por detalhar as passagens do jogador por clubes, e o pendurar de chuteiras, quando a “transição para a nova carreira foi rápida. Em outubro de 2016, foi incorporado à comissão técnica de Sampaoli no Sevilla, como auxiliar técnico e analista, e o acompanhou à seleção argentina no ano seguinte”.

Entre os episódios mencionados, se dá em uma “caótica visita da Argentina à Rússia, onde houve rumores de um motim dos jogadores e acusações de que as escalasções de Sampaoli passaram a ser influenciadas pela opinião do elenco”. O relato se costura a partir de informações que circulavam nos bastidores da seleção argentina, incluindo uma imagem de Mascherano orientando o treinador, além de mudanças no esquema “para satisfazer os atletas”.

A intercalação com entrevistas ajuda a arejar o relato: ao mesmo tempo em que fornece declarações diretas do treinador – como as dadas à *ESPN* local –, oferece observações em perspectiva. Uma delas versa sobre a paciência de Scaloni em esperar, mesmo que promovido provisoriamente ao comando da Albiceleste, cujo mérito: “talvez tenha sido a humildade. Nunca pareceu interessado em convencer as pessoas de que não era mesmo um profissional inexperiente que estava aprendendo a ser técnico e se concentrou em fazer o melhor possível, com mente aberta a mudanças”.

Então, percebe-se: houve contextualização da seleção. Houve espaço para relatar algo a respeito da carreira como jogador de Scaloni. Também na seleção. Os problemas enfrentados por ela quando o treinador ainda não tinha o comando do vestiário. É neste momento que Bonsanti também demonstra um conhecimento construído sobre as alterações promovidas justamente a partir do período que inicia o relato: 2019, na época da realização da Copa América, com a convocação de alguns medalhões e outras várias novidades. A partir de então, vai se formulando uma representação do significado do papel do treinador – que avançou até o título mundial: “Esse foi o início de um processo importante que Scaloni conduziu porque começou a garimpar talentos que se tornariam importantes durante os próximos quatro anos”.

O espaço, na sequência, oscila: entre declarações que referendam posições do autor do texto e posicionamentos mais interpretativos e particulares, em caráter analítico. Mesmo o discurso do treinador entra em questão por opção do jornalista, que argumenta: “adotou o discurso pés no chão que não mudaria nem em meio a uma longa sequência de invencibilidade ou após conquistas importantes”, dando espaço a uma fala dele logo em seguida. A mescla entre o que ficava aparente e a visão adiantada dos resultados – com a Copa como principal reflexo, ajudam Bonsanti a compor colocações como aquela em que diz: “E foi o que se viu mesmo: a Argentina fez um jogo honesto contra o Brasil na semifinal, mas, ao fim de um torneio fraco, a distância para o grande rival não foi animadora”.

Continua, com o comandante na conversa: “Havia ficado claro que aquele time ainda estava muito longe do necessário para ser um candidato sério à Copa do Mundo. Mais seguro no cargo, Scaloni arregaçou as mangas e foi ao trabalho”. O relato de Bonsanti é justificado logo depois, quando ressalta a proximidade de Scaloni com nomes lendários do futebol argentino, como José Pékerman, quando “deu uma plataforma para o talento florescer”, tanto de Messi quanto de outros atletas. O viés interpretativo se torna evidente em trechos como o que se segue: “Existe um limite à influência de um técnico de seleções na qualificação do seu elenco. Em última instância, ele depende do material humano disponível. O que pode fazer é estar aberto a integrar novos nomes e fazê-lo de uma maneira segura”.

Mais uma vez, Bonsanti utiliza o vaivém temporal para compor o relato. Se volta ao contexto conturbado da Copa da Rússia, em 2018, quando o ambiente “havia ficado muito pesado”. Como por mágica, com a conquista da Copa América sob o comando de Scaloni em 2021, mesmo o camisa 10 começou a jogar com mais leveza. Na opinião do jornalista: “Parece haver uma missão coletiva clara de correr por ele em troca do que pode fazer com a bola nos pés, uma harmonia entre diferentes papéis e responsabilidades”, algo destacável sobretudo no futebol de seleções, que, para ele, “não permite ideias táticas muito sofisticadas, pelas limitações do trabalho”. Como que numa vitrine de elementos fáticos, na perspectiva de Motta (2013), são elencados, então, os títulos conquistados depois que o cadeado foi aberto: “No caso da Argentina, levou-a ao seu primeiro título em 28 anos e a uma sequência recorde ao país de 36 jogos de invencibilidade, além de uma vitória marcante sobre a Itália na Finalíssima entre os campeões da Europa e da América do Sul em Wembley”.

Entrevistas – a outros veículos, vale ressaltar –, no entanto, não são só as de Scaloni, também compõem o relato. Jogadores como De Paul também são convocados a referendar o treinador. Então, mais uma vez, o texto muda de direção com a troca de parágrafo. Passa a tratar do pano de fundo em que a Argentina esteve até a chegada à Copa do Catar, com uma série invicta de 36 partidas. A referência aos números, que conferem um espaço ao sentido fático do relato, aparecem quando Bonsanti afirma:

A goleada sobre os Emirados Árabes, em amistoso uma semana antes da estreia, foi a 50ª partida de Scaloni à frente da seleção, com 33 vitórias, 13 empates e apenas quatro derrotas, 98 gols a favor e 27 contra. Foram 96 jogadores convocados ao longo do ciclo, segundo levantamento da El Gráfico. Messi, com 26 gols, foi o artilheiro da era Scaloni pré-Copa do Mundo, seguido por Lautaro Martínez, com

21. O craque do Paris Saint-Germain também lidera a tabela de assistências, com 10, à frente de Lo Celso, com nove, e De Paul, com sete. Um panorama bem claro do que foi o trabalho de Scaloni rumo ao Catar.

Só então o autor do texto entra na campanha do Catar propriamente dita. Nota-se, com isso, uma condição relevante nos relatos da *Trivela*. Há, em diversos momentos, uma disposição analítica clara. Também, uma construção narrativa atípica na imprensa tradicional, porque explora condições prévias, panorama histórico, e recorre às carreiras dos personagens em questão, assim como oferece pontos de vista ricos e particulares. Há, também, espaços – voluntários ou não – em que existe uma autorreferência: alguns dos argumentos aparecem, reelaborados, em textos diferentes, o que dá unidade à narrativa integral na cobertura da Copa. Um exemplo se dá na avaliação do autor de que é “natural” em competições como o mundial: “que os times mudem das primeiras rodadas às fases finais, mas Scaloni assumiu o risco de uma permanente transformação. Um risco porque naturalmente seria culpado pela opinião pública se desse muito errado. O balanço acabou sendo positivo”.

Bonsanti recorre a Messi como um elemento centralizador da desordem na seleção argentina antes da chegada de Scaloni. Isso inclui uma breve aposentadoria do camisa 10 da seleção em 2016, quando a “dor das três derrotas consecutivas em finais foi acompanhada por críticas à organização do time nacional”. Naquele momento, parecia “não aguentar mais”, situação superada com a mudança de ambiente. Por fim, em uma situação repetida em relatos analíticos da *Trivela*, o autor conclui o texto para interpretar o panorama e, ao mesmo tempo, voltar-se ao argumento de abertura. Elencando os feitos de Scaloni, entre renovação, estrutura tática diferente e adaptação aos adversários, argumentos presentes em outros momentos da cobertura aparecem: “Mesmo inexperiente, talvez tateando no escuro, deu as condições para que um grupo qualificado que conta com um dos maiores jogadores da história pudesse se concentrar apenas em futebol no Catar”.

A qualificação ao futebol de Messi pela adjetivação se mostra um instrumento de avaliação, ainda há a criação de expectativa pela partida decisiva, quando se escreve: “Que não tivesse sido referendado por conquistas tão marcantes, além da que ainda pode vir no domingo, já seria um trabalho excelente do interino que foi ficando, foi ficando, foi ficando e talvez fique para sempre na história da Argentina”.

O texto propõe-se a analisar, mas se aproxima mais da crônica e da reportagem. O autor compõe uma narrativa extensa e complexa. Aponta para o panorama da seleção argentina antes e depois da chegada dele; menciona alterações, formas de pensar, sempre referendadas por falas de Scaloni. A variação temporal, com avanços e retornos, chama atenção, e a construção de significados ressalta o papel de um interino que, colocado de forma provisória, acabou se tornando aquele que levou a Argentina ao primeiro título mundial em mais de três décadas – e dando a Messi e aos companheiros a taça tão desejada.

O enredo-intriga reside – e é construído – pelo improvável: pela presença de um treinador com pouca experiência que foi capaz de levar a Argentina à conquista do mundial. Todo o restante do texto gira em torno deste universo particular. O conflito e a virada da narrativa se sustentam a partir do enredo-intriga, quando Scaloni passa a ser o menos tarimbado, mas, entre os treinadores, o que chega mais longe e alcança o panteão daqueles comandantes que ergueram a taça da Copa do Mundo. Personifica, ainda que na narrativa aparente ser aos tropeços, a figura de herói – também por conta do improvável – que superou as dificuldades e – à época – apareceu para criar a expectativa de conquista.

Crônica #3: Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática

Em mais um dos materiais que se voltam a analisar a trajetória da campeã, Bruno Bonsanti constrói a argumentação com base na dramatização da campanha Albiceleste rumo ao tri se voltando às características culturais da Argentina: “a seleção que representa um país que vive o futebol à flor da pele não poderia ter uma campanha chata. Talvez, porém, não precisasse ser tão dramática assim”, com a final sendo apenas o “exemplo mais contundente”. A representação dramática não deixa de ter uma ligação com o estereótipo, de certa forma. Ao longo da campanha, lembra o autor, a derrota no primeiro jogo deixou o time “constantemente à beira de um colapso nervoso”, diferentemente do que foi visto em apenas duas partidas “em condições normais”. De repente, “os outros ou começaram tensos ou se tornaram diante da primeira adversidade”.

O ambiente de tensão vai tomando forma desde o início, a partir da estreia com derrota. Naturalmente, quando as fases avançam, a pressão e a ansiedade aumentam, mas na proposta do texto ganham contornos ainda mais evidentes, ressaltados pelo narrador, como no exemplo: “De repente, foi um sofrimento para segurar a vitória contra a Austrália. De repente, a Holanda conseguiu forçar a prorrogação com um gol... diferente. De repente, a França também conseguiu forçar a prorrogação em um jogo que parecia morto”. A repetição é uma forma de ênfase, e também uma indicação de por quais caminhos a leitura deve ser feita.

Com o apoio de vídeos dos lances representativos, o autor passa pelo jogo a jogo fazendo pequenos resumos que confirmam a hipótese, como o relato da estreia, com derrota: “Se a Argentina tinha um plano, ela o esqueceu completamente. Entrou no modo desespero”, que levou “a um estado de emergência”, em que não se podia mais errar. No duelo contra o México, portanto, “raras vezes em um jogo de futebol a tensão era tão palpável. Parecia física, como se fosse um cheiro ou uma âncora”. O autor ilustra, cria referências, ajuda a representar a importância da partida por meio da hipérbole. Mesmo com parágrafos mais curtos e intercalados, o autor consegue relacionar as partidas, algo que pode ser percebido no trecho abaixo, recheado de suspense:

Aquela derrota deu início a um estado de emergência na seleção argentina. Uma derrota para o México significaria a eliminação. Significaria o fim da história de Lionel Messi em Mundiais após dois jogos. Um time que chegou ao Catar entre os favoritos, prestes a igualar a maior invencibilidade do futebol de seleções, seria um dos primeiros eliminados. O técnico Lionel Scaloni tentou suavizar o peso do momento em suas entrevistas, mas ele estava muito claro no estádio de Lusail – o mesmo da final da Copa do Mundo.

Nas demais fases, a perspectiva seguiu, com pequenos artifícios interpretativos para cada uma das partidas. Contra a Polônia, “a Copa do Mundo mal havia completado uma semana de vida, e a Argentina já fora do inferno ao céu. Aqueles dois jogos reiniciaram a sua campanha, e bastava vencer [...] para avançar às oitavas de final”. Há, portanto, amparo em recursos factuais, que procuram dar efeito de real, mas ao mesmo tempo tópicos que constroem efeitos de sentido, com recursos fictícios. Um recurso comum, nestas descrições, era, antes de tratar dos lances decisivos, fazer uma breve introdução: “Havia ficado claro na fase de grupos e mais claro ainda contra a Austrália:

a Argentina estava com uma propensão a perder a cabeça diante da primeira adversidade”.

Bruno Bonsanti também propõe suspense pouco adiante, quando sinaliza, na semifinal, que a Albiceleste abriu 2 a 0 contra a Croácia: “como descobriria nesta Copa do Mundo, porém, esse é um placar bastante perigoso. Não chegou a sofrer e uma jogada maravilhosa de Messi ainda terminou com o terceiro gol, também de Álvarez”. Essa estratégia ficou ainda mais notável quando se trata da final, contra a França. Em momentos variados dessas micronarrativas, Bonsanti varia entre “a final foi uma história à parte. Está entre os maiores jogos de todos os tempos pelo enredo e pela importância. A Argentina estava com tudo sob o controle”, quando largou na frente.

Até que, com a reação francesa, faz intercalações com as ocorrências da partida, descrevendo e, ao mesmo tempo, propondo considerações particulares, como adjetivar momentos da partida e usando da hipérbole: “De repente, do nada, do absoluto vazio, tudo mudou [...] Ninguém poderia imaginar que a Argentina terminaria o jogo rezando por uma prorrogação. O negócio ficou ainda mais maluco no tempo extra porque o jogo ficou frenético”. Até a finalização, quando o caráter interpretativo se torna evidente: “Usam muito o tango como metáfora para descrever o futebol argentino, mas essa Copa talvez tenha sido uma ópera”.

O texto é diferente dos demais pelo suporte dos vídeos, mas não abre mão da descrição dos lances e do indicativo por um olhar mais particular do narrador. Os significados que se sobressaem na narrativa são aqueles pautados pela tensão, pelo nervosismo e pelas surpresas que, não bastassem ser ressaltadas por partidas de futebol, são aflorados pela seleção argentina durante a Copa. O enredo-intriga se baseia nessa condição: a de uma campanha construída à base da dramaticidade, em que os jogos que pareciam simples tomaram outro caminho e se complicaram, apesar de um final feliz. Essa tônica está presente em todos os momentos deste relato. Claramente, a perspectiva é positiva: entre heroísmo, superação e expectativa, sobretudo diante de uma campanha que asseverou o aspecto sentimental – não só da torcida, mas da comissão técnica e dos jogadores com os desafios enfrentados na campanha.

Crônica #4: A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida

Em uma narrativa de postura opinativa e interpretativa, Leandro Stein constrói uma crônica que remete não apenas ao campo, mas à ligação com a torcida da Argentina. A chamada é como uma afirmação interpretativa ultrapassando as linhas da informação: traz ao centro do debate, com a conquista, a “devoção” por Maradona, por Messi, mas também “pela razão de ser torcida”. Confere, assim, um ponto de vista que, ao mesmo tempo, convoca uma divindade da Albiceleste, um craque geracional que acaba de adentrar este Olimpo e, também, aqueles que são motivados por este sentimento fora das quatro linhas. Esse sentido de sagrado é ressaltado quando, na linha fina, se lê: “Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé – nas ruas, nas arquibancadas”.

Como de costume, as crônicas da *Trivela* começam com um realçado traço literário, neste caso ressaltando o sentimento de pertencimento: “O futebol, para o argentino, é uma devoção. Torcer é uma razão de ser”, desde os clubes, diz o autor, mas ganhando contornos diferentes com a seleção, que, quando “joga, porém, os limites se expandem. O que era o bairro se transforma em todo o país. E o garoto do *potrero*, aquele que encanta quem passa na rua e o vê desfilando no campinho de terra batida, é incorporado com a 10 albiceleste nas costas”, já que “o futebol argentino é aquele que se vive com a alma”.

O destaque se volta a uma representação mais generalista do povo argentino, jogando com recursos de linguagem e com situações que remetem à memória: vai, da fibra da “gente de Diego”, a “um novo garoto do potrero. O menino prometido, messiânico, que, de novo, explicou ao mundo de que fibra é feita a sua gente e qual o tamanho de sua devoção”. A construção narrativa é de intimismo, de intensidade, de ênfase aos aspectos que calcam a cultura futebolística argentina, tomando forma em texto. Vale ressaltar, também, que a Argentina tem um entendimento de torcida diferente mesmo quando se fala em América do Sul. É um sentimento de pertencimento, de paixão e dedicação. Deste aspecto, Leandro Stein argumenta que a campanha argentina no mundial ultrapassa as quatro linhas: “Acima de tudo, o Mundial albiceleste tomou forma como uma profissão de fé – nas ruas, nas arquibancadas”, em uma inabalável

certeza que mobilizou “dezenas de milhares de devotos”, que foram ao Catar. “Pareciam pressentir que esta era realmente a hora”.

Da torcida, o autor trata do retrospecto da seleção, por 29 anos com um jejum de conquistas, terminado com a Copa América, com uma “penitência da qual a Albiceleste finalmente se via livre”, algo que reverberou entre os torcedores e “no peito dos jogadores”: “Guiados pelo menino do potrero é que poderiam ver a luz: o brilho da tão sonhada Copa do Mundo”. A dimensão de unidade formulada pelo autor do texto vai se estruturando de forma cada vez mais realçada conforme o texto progride. Por exemplo, quando fala do principal jogador da seleção, Lionel Messi:

A fé dos argentinos tinha um mantra: Messi precisa ganhar uma Copa do Mundo. Por tudo o que representa, por todo o bem que faz ao futebol, por tudo o que significa aos argentinos. E se antigamente muitos o viam como o garoto dos campinhos artificiais da Catalunha, o tempo tratou de mostrar como aquele menino ralou muito o joelho nos potreros de Rosário, onde também não se cansou de levantar poeira para driblar os adversários. Não eram só os torcedores que esperavam ver Messi lá no alto, porque se identificavam com ele. Eram os próprios jogadores, torcedores a mais que se encantaram com o 10 ao longo da vida e sabiam como somente a conquista da taça faria jus à sua história.

A ideia da devoção se volta à figura de Maradona como um ídolo, um talismã na procissão que contava com o “velho diez”. Mas que para a torcida Albiceleste, nas colocações do autor, não precisa de provas materiais, “como o deus que, feito homem, mostrou o caminho do ser argentino através do torcer. A essência que os regeu por tanto tempo em sofrimento para transformar-se, agora, em alegria”, no relato com marcadas características interpretativas e com estratégias recorrentes em conteúdos de teor mais literário, como a crônica.

Algo que pode ser percebido no seguinte trecho, reforçando que seu legado seria “transfigurado em outro garoto do potrero, ainda com a 10 às costas”: “Não ter mais Diego na terra para inspirar toda aquela jornada era um pesar. Porém, o argentino devoto é aquele que imagina que Diego não morreu, mas que ascendeu aos céus. Que olharia pela albiceleste para a caminhada no deserto enfim cessar”. A construção da imagem de idolatria para Maradona, espelhada em Messi, é evidente na comparação proposta, com a representação de um deserto para indicar a seca de títulos.

Na interpretação do jornalista, com o passar das partidas, “mais e mais gente” juntou-se à espera da hora da redenção. Essa expressão, repetida, é usada como uma forma de enfatizar a multidão em culto. Na Copa que, segundo o artifício, “não se joga

em um só lugar”, está nas ruas, nas arquibancadas, de qualquer lugar, como “templos dessa religião chamada futebol”, suportando os “ritos” que duravam de 90 a 120 minutos. Das tribunas, o envolvimento fazia o time “também jogar mais nessa liturgia cantada”, com músicas que “grudavam na mente”. Nos sete passos que representam as partidas, seguiu o tom: “vinha uma nova comunhão, elenco e torcida”. Essa posição pode ser notada quando se escreve que:

E ao final de cada um desses sete passos, vinha uma nova comunhão, elenco e torcida. Nas comemorações diante das arquibancadas, a própria equipe de Lionel Scaloni escancarava ao mundo do que era feita, a quem pertencia, qual a sua fibra. Em tantos momentos, os jogadores não diferiam em nada dos torcedores. Inclusive os ex-atletas da seleção, que deixavam isso ainda mais expresso na hora de vibrar. Ninguém se via necessariamente como um imortal para se afastar de sua gente. Acima deles, afinal, só Diego. Estavam mais empenhados a elevar Messi a esse pedestal.

A narrativa se alimenta de um estágio de conforto confrontado pelo incômodo e pela mudança de direção; é coerente com a proposta do autor, já que: “por fim, o ato final dessa epopeia teria doses cavалares do que é o mistério do futebol: a emoção do imprevisível. Do que é o torcer à flor da pele. De como o argentino se entende, se sente, se vê espelhado na seleção”.

Para Stein, um destino parecia escrito, “mesmo que as tentações botassem a fê à prova”, com a imagem derradeira de Messi “com a taça no mais alto dos céus. No mais perto possível de Diego”, até a “volta messiânica de Messi” para as comemorações com seu povo. Conclui-se o texto ligando ambos os jogadores: “Neste momento, resta esperar algumas horas e imaginar o que será do novo menino do potrero, 10 e faixa, a se eternizar. A devoção já é dele. Neste domingo, todas as preces se tornaram realidade. A Copa do Mundo também é dele”.

Com frequência, são articulados variados recursos narrativos, entre os quais um vaivém cronológico – que alterna entre um início de texto bastante subjetivo mesclado com escalas, trajetórias da seleção, de jogadores, torcida e demais envolvidos. O contexto das temáticas também é um elemento marcante, especialmente quando mesmo os conteúdos meramente descritivos aparecem de forma detalhada, com arremates que, de certa forma, conferem pesos emocionais que enriquecem e diferenciam a matéria da narrativa, em um momento como a Copa. Com uma trinca, a *Trivela* pavimenta o drama e a apoteose no tri da Albiceleste.

Como se disse, o texto tem uma construção das significações embasada em um modelo de crônica. Por isso, Leandro Stein abusa da liberdade criativa e interpretativa para se voltar a um sentido cotidiano da participação da torcida como elemento relevante do futebol. Não apenas a menciona, mas conecta aos seus ídolos, dando a dimensão de religião ao relato, com divindades, ritos e tudo mais que envolve essa dinâmica compondo a maioria do relato. A ideia que prevalece, então, é a de que esse universo sagrado se manifesta entre a torcida e seus grandes nomes, presentes na história.

O enredo-intriga se constata, nesta narrativa, a partir do sentido de sagrado, de religião. A sequência e o encadeamento do texto são orientados por essa questão primordial, como forma de representar os sentimentos e formas de se comportar da torcida argentina, que personifica o legado de Maradona e ratifica a entrada de Messi no panteão dos vencedores de Copas do Mundo. O conflito-virada, por isso, se dá nas provas e nas dificuldades enfrentadas pelo time capitaneado por Messi dentro das quatro linhas e pela torcida fora delas. Tudo isso sob, entre aspas, a benção de Maradona.

Crônica #5: A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time

Leandro Stein, uma vez mais, é o responsável pela redação de *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time*. A proposta do texto, novamente interpretativo-opinativo, é fazer uma análise-crônica a partir de personagens capitais e sobre as mudanças de percurso de Scaloni, o treinador argentino, em busca do time ideal, mas a cada partida. Já na linha fina, Stein dá três nomes que mudaram o time de patamar: Enzo Fernández, Alexis Mac Allister e Julián Álvarez, que deram mais equilíbrio e cresceram na competição. Como visto em outros momentos, um dos elementos presentes na narrativa da *Trivela* é a utilização de ganchos para iniciar o texto e torná-lo interessante para o leitor, retendo a atenção. Stein, por exemplo, reflete sobre a “seleção do momento”, argumento que se repete em especial em períodos próximos aos mundiais: “Já dentro da competição, esse ‘momento’ é respeitar aquilo que os jogadores consegue[m] entregar em campo num evento de tão elevada temperatura e pressão”.

A figura de linguagem é uma forma de chamar o momento de jogadores jovens da Albiceleste, para os quais o autor foca o holofote. Além de falar de atletas mais rodados e premiar grandes nomes, qualificados a partir da “grandeza de Lionel Messi” e da dimensão devida ao “sempre decisivo Di María”, “o time de Lionel Scaloni dependeu da ascensão recente de vários nomes essenciais. Jovens como Enzo Fernández, Alexis Mac Allister, Cristian Romero, Julián Álvarez e Nahuel Molina precisaram de só um Mundial para emplacar”.

Stein opta, então, por pausar o tempo. Não se referir ao presente, mas ao passado, em uma quase ida ao divã para tratar de *La Selección*. Fala de um “sucumbir” na Copa de 2018, que forçaria mudanças. A troca de treinador e de alguns jogadores serve de introdução para o que chama de “ponto de virada”: a conquista da Copa América de 2021, quando, na avaliação de Stein, “foi o instante em que Lionel Scaloni encontrou seu time e a Albiceleste deslanchou”. Recorre, então, aos recursos fáticos e menciona as paridades entre o time que derrotou o Brasil na final do torneio sul-americano e o que estreou no mundial do Catar. Para começar a mencionar os jogadores, só no meio do texto, com mais detalhe.

A começar por Enzo Fernández, quando recorre a outras expressões já usadas em conteúdos anteriores, quase como numa autorreferência, entre as quais a “ascensão meteórica” do jovem e a passagem por times da América do Sul e da Europa. Outros recursos fáticos são parte da composição, como que numa justificativa: “Recebeu o prêmio de melhor jovem da Copa, figurou em diversas seleções do campeonato e transformou o time a partir de sua entrada. E não era difícil de perceber como o meio-campista de 21 anos poderia causar impacto na Argentina”.

Depois da digressão, há a descrição do desempenho nos jogos, como em um dos gols contra o México, que o autor coloca como “um baita cartão de visitas”. É a deixa para, em um parágrafo, avaliar e qualificar brevemente as atuações do jogador, e os embates que surgem como representações e são dispostos pela adjetivação: “Ainda assim, sua melhor exibição ficou para o *grand finale* contra a França. Conseguiu vencer o duelo difícilíssimo com Antoine Griezmann e foi implacável nos combates, com dez desarmes. O acerto do time passa por ele”.

A mesma proposta é feita, assim como Fernández, com Mac Allister: O autor oferece um breve histórico, com a formação do jogador, clubes pelos quais passou, e como foi se tornando peça importante no elenco de Scaloni. As atuações no mundial

também são consideradas, às quais se dedica uma avaliação do contexto tático: “Foi um jogador de muita projeção pelo lado esquerdo, mas também flutuando pela direita quando necessário – vide o lance do segundo gol, em que dá a assistência para Di María. Entendeu o jogo e ofereceu verticalidade”.

Com Julián Álvarez, Cristian Romero e Nahuel Molina, o mesmo: Desde convocações e participações com a seleção, elencam-se as condições oferecidas pelo atacante, pelo zagueiro e pelo lateral; passando pelas atuações no mundial e a contribuição dos jogadores para a equipe – incluindo a quem substituíram. As avaliações táticas integram a análise, como no exemplo sobre o defensor, recuperado “contra a Polônia, para ser essencial nos mata-matas. Virou uma figura definitiva não apenas por sua reconhecida capacidade no combate, mas também pela forma como ajudou a organizar o início da construção de jogo da Argentina”.

A extensão do texto também atinge jogadores com mais rodagem, como Emiliano Martínez e Rodrigo De Paul. Sobre o volante, faz-se uma retrospectiva como com os demais: o marcador “tinha bom cartaz nos tempos de Racing e principalmente de Udinese. Virou um verdadeiro operário desse time, com destaque à estelar final de Copa América”. A figura de linguagem comparando-o a um operário mostra o sentido figurado utilizado para representar as funções desempenhadas em campo. As quebras de parágrafo funcionam, mais uma vez, como peças que se conectam e se articulam entre si, estabelecendo o sentido de cada uma das micronarrativas formuladas pelos textos. Com isso, nota-se a intenção do autor de oferecer espaços semelhantes aos jogadores que obtiveram destaque na campanha. Mesmo a Lionel Scaloni há menção, a quem o autor se refere como a um interino que virou revelação e deu consistência ao time.

A avaliação cria paralelos entre o espaço galgado pelo treinador e as chances aos atletas: Scaloni aparece “como um técnico bastante flexível e com ótima leitura dos adversários, especialmente em suas escalações iniciais. E sem se prender a nomes. Se ele mesmo ganhou espaço como resposta ao seu trabalho, não negaria isso aos seus jogadores”. O encerramento se liga à abertura do texto, em mais um recurso recorrente: “Impossível alcançar esse tricampeonato sem aqueles que chegaram na hora certa, por méritos na convocação e naquilo que entregaram em campo”. Afinal, de forma geral, o autor constrói uma análise jogador a jogador daqueles que, na sua avaliação, se destacaram, cresceram no mundial pela Argentina. A estrutura é semelhante, com algumas intercalações, mas nas menções a cada um deles se faz um breve histórico: o

começo das convocações pela seleção, a participação por clubes, o papel desempenhado e o conquistar de espaço até a chegada da Copa, e também as atuações no próprio torneio.

O enredo-intriga se estrutura por meio de um movimento do treinador, que é esmiuçado pelo autor do texto: a crescente participação de jogadores jovens, junto de outros já mais consolidados que ajudaram a levar a Argentina ao título mundial. O texto tem uma estrutura definida, e encadeia de forma linear as contribuições de cada um dos jogadores à seleção argentina. O conflito desta narrativa se dá logo no começo do texto, com a proposição de uma reflexão sobre o time do momento e as necessidades de reformulação da Albiceleste. De certa maneira, o autor referenda sua análise a partir das respostas oferecidas pelos próprios jogadores argentinos em campo. Eles, então, representam o sentido de heroísmo, superação (dentro do contexto do mundial), bem como o de expectativa (para após a conquista).

Crônica #6: Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente

No único dos textos de Leandro Iamin, que envolvem a seleção argentina, *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente*, as características são aquelas da crônica, que sustenta os excertos escolhidos para este artigo. As considerações que utilizam o sentimento aliado à razão, a descrição ligada à interpretação, são todas tomadas por um tom literário, como se vê na linha fina, ao que Iamin interpreta a relevância de uma equipe nacional tendo como exemplo a região portenha: “Urge mais afeto e muito mais disposição, menos má vontade e amargor, com o futebol de seleções, e o abandono desse debate labiríntico que versa sobre a seleção ‘atrapalhar os clubes’ ou ‘deslumbrar os jovens’”.

O autor compõe um texto em primeira pessoa, em sentido confessional. Não usa de nenhuma estratégia que procure distanciá-lo de assumir a autoria, por exemplo. Pelo contrário, esses aspectos são ressaltados: “Pouco astuto da minha parte seria, após escrever um lacônico ‘indescritível’ para tantos amigos e amigas na noite de domingo, sentar agora para descrever o que vi em solo argentino no final de semana da final da Copa do Mundo”. Ao imergir em um universo cotidiano e particular, Iamin destaca que é função de ofício viajar para acompanhar a final do mundial. A personalização da

escrita se dá como num divã, em que o autor mesmo relembra as condições de composição do que relata:

Então descrevo, mas me antecipo: há alguma coisa sobre os festejos – e o sofrimento – de 18 de dezembro que não soube, ainda, codificar, mas que suspeito ter resposta-chave no silêncio tenso no passeio das 9 da manhã, uma sensação de que todos estão acordados atrás de cada janela, mas cada um está digerindo a ansiedade à sua maneira. Me lembrei do auge da pandemia. Lá pelas dez, o silêncio se rompeu.

Comentários sobre a ideia de assistir uma Copa fora do Brasil vão costurando o texto, em conversas cotidianas, como num experimento para observar de outra perspectiva. O tom pessoal se compõe mesmo com brincadeiras de contexto político, como quando o jornalista assume: “a expectativa era por um Brasil x Argentina, que me faria dormir de cueca verde-amarela tal qual um véio da Havan. Depois que caiu o Brasil e bailou o Gvardiol com o Messi, decidi visitar o site de passagens para cometer a calculada loucura”. A riqueza de detalhes supostamente triviais aproxima o conteúdo de um mergulho do leitor em um espaço de cultura, clima e comportamentos diferentes, em que o debate:

é o mesmo no cochicho das esquinas, é passar por dois velhotes e ouvir um ‘partido’ ou ‘la Francia’ entre blá blá blás. Nós, que amamos o futebol em níveis exagerados nos outros 3 anos e 11 meses, nos sentimos redimidos, entendidos, por ao menos uns dias.

O autor descreve a festa Albiceleste como que com um “tom demencial”. Coloca à disposição o próprio olhar para transportar o leitor aos espaços e sensações com os quais teve contato, usando também representações hiperbólicas para isso: “Com os arredores do grande obelisco impraticáveis, embora pacíficos, olhar suas ruas transversais, jorrando gente embandeirada para a avenida-mãe como se fossem artérias colapsadas, parecia miragem e não tinha como caber no mesmo espaço”.

As sensações são a tônica do texto, especialmente quando Iamin ressalta mesmo aspectos de composição da Argentina enquanto território atravessado pelo futebol, ilustrando metaforicamente a compreensão: “Toda a diversidade demográfica, etária e social do país passou por mim em uma velocidade de escola de samba atrasada na avenida. Corpos carnavalizados, inclusive. Um tapete vivo que parecia caminhar em uma esteira veloz”. Colocando-se mais uma vez enquanto narrador que poderia ser

traído pelo próprio relato, o autor acredita que, melhor que este esforço, é mais fácil dizer que “é tudo isso aí que você pensou que pode ser”:

Referências múltiplas e candentes a Diego Maradona, crianças maravilhadas como se o país tivesse virado um milk-shake, idosas em cadeiras de roda acenando na calçada do asilo (e recebendo os cantos de “abuela la la la”), senhores de sorriso contemplativo digno de quem viu 1986, desajustados com embriaguez intratável, meninas serelepes e saltitantes, meninos marchando ansiosos e perplexos, tudo que é possível ver, em cima de capôs de carro, semáforos ou árvores, se viu.

A contextualização faz com que ele se recolha aos pensamentos para escrever: “não haverá outro domingo de demência festiva coletiva como esse”. Aproxima Messi de Maradona e diz que houve pausas para ver o camisa 10 erguer a taça: “As referências divinas e messiânicas da bola autorizaram o povo argentino a se entregar às ruas com uma mistura rara, confusa e ritualística de sentimentos”. Em um movimento em que aparenta remorso, Iamin se lamenta, já que, ainda que perca a Copa, a França seguirá com Messi, morando e jogando – situação que mudou com a ida do craque à *Major League Soccer*, a MLS, liga de futebol estadunidense.

Usa, para tanto, referências artísticas para criar uma comparação: “Nossa Mona Lisa está exposta, hoje, no obelisco, mas já já volta para o Louvre. Não que seja um roubo ou uma indecência”. A reclamação passa pela formação de Messi, que “com sua bola inacreditável e seu sotaque rosarino que manda os bobos ‘irem pra lá’, é o grande craque do continente em um tempo em que não é possível sequer sonhar em tê-lo aqui”. As referências são ao ocorrido na Copa, ao bairro onde Messi foi criado e a um distanciamento do local, colocando o leitor a refletir sobre o gênio distante. A conexão com jogadores usa ainda os exemplos de brasileiros como Vinicius Jr., Rodrygo e Endrick, que deixam o país cedo para se transferirem para o Real Madrid. O autor ressalta:

Sinto que nossa única saída está no afeto por nossas seleções, e que fortalecer estes laços, forçar o exercício desta identidade, é o caminho para que a festa deste domingo, fruto de uma conexão entre time e povo que custou muito a ser construída (e foi possível a partir das já citadas circunstâncias entre Maradona e Messi, figuras de exceção mesmo entre os raros e gênios), se repita daqui alguns anos no Brasil, por exemplo.

Depois da digressão, o narrador requer o direito ao encantamento com jogadores que são “nossos”. “É um problema químico, de conexão que não se compra, mas

também humano e filosófico, no sentido de sermos donos de nosso encantamento e responsáveis pela nossa própria indiferença a algo”. O exemplo serve de gancho para o retorno à festa argentina: “a invasão apaixonada a um país fictício que potencializou o delírio coletivo de que vivia-se mesmo um sonho, é um esforço de e entre pessoas – as mesmas, aliás, que fazem o futebol ter relevância”. Iamin pontua ainda que “o trem do futebol de clubes passou para nós, sudacas”. É um relato de guerra perdida contra o dinheiro e o poder de times europeus, que acabam também por atrair torcedores dentro do Brasil, “e não se briga com o inevitável”, sentencia. No entanto, constrói um entendimento a que se remete na linha fina do texto. Ironiza, para encerrar sua crônica, o próprio distanciamento do futebol de clubes, ao dizer que a seleção é uma “chance de revanche” para:

desaforos que nos habituamos a não cobrar – e sim, a sério, até a Copa no nosso inverno, verão deles, compõe minha lista de revanches vencidas no pênalti de Montiel. Dia 1 de janeiro tem Lens x PSG. Com Neymar? Com Messi? Não me chamem para assistir.

Afinal, o autor constrói significados entrelaçados com sensações, subjetivações, sentimentos e outras reflexões cotidianas. Puxa para a conversa um contexto próximo e pessoal, que torna a narrativa particular e intimista. Iamin também não poupa se colocar à reflexão e trazer questões relativas ao futebol relacionando o entendimento de nós, brasileiros, a partir da comemoração vista após a conquista do mundial pela Argentina. Assim, o enredo-intriga se dispõe a partir da viagem do autor à Argentina no final de semana da final do mundial. Há uma defesa pelo futebol de seleções, em detrimento do futebol de clubes, como um elemento de identificação para todo o continente.

Sobre os festejos do dia 18 de dezembro, o autor esclarece os registros de forma muito detalhada. O conflito-virada da narrativa se dá pela pertinência do impertinente característico da crônica. Da irrelevância de onde surgem discussões filosóficas, pessoais, psicológicas, sentimentais; de onde brotam contextos íntimos e dos quais o autor se utiliza para compor os argumentos. A virada é que, de um tom mais próximo de um relato sobre os acontecimentos presenciados, parte-se para uma crítica à forma de se relacionar com o futebol e se resgata a maneira como interpreta aquilo que deva ser o olhar para o futebol de seleções como um elemento de proximidade e identificação.

Considerações Finais

Neste artigo, foi possível perceber de que maneira determinados elementos narrativos são dispostos nas crônicas sobre a trajetória da Argentina, na Copa do Mundo de 2022, publicadas na *Trivela*. Entende-se que a Análise Crítica da Narrativa permitiu um desmontar dos seis textos observados. Neste sentido, ainda que cada um deles tenha características diferentes, é possível perceber que há algumas constantes comuns. As narrativas são, como pressupunha a perspectiva metodológica, estruturadas a partir de enredos-intriga, com determinadas intenções do narrador presentes nos textos, com personagens e movimentos de virada, além de uma carga dramática considerável.

A cobertura de futebol se mostra, então, como um espaço privilegiado de prática da crônica. Mais que isso, constrói, a partir das análises feitas neste artigo, uma certa “gramática” característica. Esta gramática se estrutura pela construção de uma linguagem esportiva altamente coloquial, em que os autores não procuram, tão aparentemente, um apagamento explícito do texto. Porque aparecem por meio das escolhas que fazem, mesclando em momentos distintos os recursos fáticos e fictícios. Estabelecem, assim, efeitos de real, por um lado, e efeitos de sentido, por outro, com abordagens que oscilam entre a interpretação dos acontecimentos e a opinião, ultrapassando determinadas marcações de gênero textual.

No sentido da construção destas narrativas, é importante perceber a intensidade e a criação de efeitos no público leitor, além da extensão dos textos. As escolhas de vocabulário e a disposição dos argumentos criam expectativa, suspense, surpresa. Fazem, por meio de um tom interpretativo, de características autorais, adjetivações e valorações. Na construção frasal, em variados momentos, usam a repetição e a pontuação como um demarcador de ênfase, além de figuras de linguagem, hipérboles e metáforas como elementos para enriquecer as narrativas – auxiliados, eventualmente, por aspectos anímicos, psicológicos e contextuais do jogo. Sem que se perca a condição da análise do papel desempenhado pelos jogadores e as escolhas do treinador durante as partidas.

O vaivém dos textos, por meio de recursos como a analepse e a prolepse, se mostra como uma estratégia narrativa usual, assim como o avanço cronológico coerente com a progressão dos parágrafos, a depender do texto. O tensionamento narrativo ocorre, sobretudo, por conta da dramatização com o avanço das fases da Copa. Mas também há espaço para explorar situações que evocam o sentido de sagrado, devoção, e

de pertencimento da torcida com sua seleção nacional. Em especial em alguns textos se destaca uma ou outra característica mais presente, como no texto de tom confessional em primeira pessoa, que explora sentidos e sensações cotidianos e acontecimentos aparentemente triviais, tendo o autor como um observador da catarse coletiva da conquista do mundial.

Na composição do enredo, foi possível compreender a composição e disposição dos personagens, coadjuvantes, protagonistas, entre os sentimentos muitas vezes divergentes que os resultados por si podem causar, mas que passam pelos “óculos particulares” do narrador-jornalista. Isso também remete à proposta de compor um relato que use a emoção como um elemento de crescente narrativa, contando também com a estrutura de confrontos e embates característica das disputas esportivas.

A crescente da atenção dada à Argentina com o avançar de fases também é algo a se notar quando da opção por apresentar as crônicas em ordem. Necessariamente, os personagens que ganham proeminência na trajetória acabam por emergir e se destacar no contexto geral indicado pelas crônicas. Entendemos, assim, que este estudo pode motivar outras reflexões que explorem as potencialidades da crônica em jornalismo esportivo, sobretudo aquele que se volta ao futebol, em busca de (des)tecer os fios não-tão-arentes da narrativa para compreendê-la de forma mais articulada.

Referências

BONSANTI, B. *Com ou sem emoção? A Argentina fez uma campanha em que sempre optou pela via mais dramática*. Trivela, 18 dez. 2022a (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/com-ou-sem-emocao-a-argentina-fez-uma-campanha-em-que-sempre-optou-pela-via-mais-dramatica/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BONSANTI, B. *Scaloni: o interino que foi ficando, foi ficando e agora pode ficar de vez na história da Argentina*. Trivela, 16 dez. 2022b (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/scaloni-o-interino-que-foi-ficando-foi-ficando-e-agora-pode-ficar-de-vez-na-historia-da-argentina/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

BORGES, R. *Jornalismo Literário: análise do discurso*. V. 7. Florianópolis: Insular, 2013.

CASAGRANDE, M. C. *Investimento de aspectos passionais no discurso da imprensa esportiva*. Sur Le Journalisme, v. 10, n. 2, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n2.2021.438>. Acesso em: 01 jul. 2023.

GOUVÊA, G. N. *Desvelando as estratégias narrativas das notícias: estudo temático do jornalismo*. In: JORGE, T. M. *Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015.

IAMIN, L. *Um domingo em Buenos Aires e a importância do futebol de seleções para este continente*. Trivela, 20 dez. 2022 (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/um-domingo-em-buenos-aires-e-a-importancia-do-futebol-de-selecoes-para-este-continente/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LOBO, F. *Faltou liderança, variação e reação para uma Argentina que iniciou bem e acabou engolida pela marcação saudita*. Trivela, 22 nov. 2022a (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/faltou-lideranca-variacao-e-reacao-para-uma-argentina-que-iniciou-bem-e-acabou-engolida-pela-marcacao-saudita/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

MOTTA, L. G. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, L. G. *Narrativas: representação, instituição ou experimentação da realidade?* Anais [...] VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: USP, 2009.

MOTTA, L. G.; COSTA, G. B.; LIMA, J. A. *Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXVII, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12232/1/ARTIGO_NoticiaConstrucaoSentido.s.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

QUADROS, M. R.; MOTTA, J.; NASI, L. *Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil*. In: SOSTER, D. A. *Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

RESENDE, F. *O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro*. Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629/1671>. Acesso em: 13 abr. 2023.

STEIN, L. *A Argentina conquistou o Mundial também pelos jovens decisivos no acerto do time*. Trivela, 19 dez. 2022a (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-argentina-conquistou-o-mundial-tambem-pelos-jovens-decisivos-no-acerto-do-time>. Acesso em: 10 dez. 2023.

STEIN, L. *A Copa do Mundo também é uma conquista da devoção argentina: por Diego, por Messi, pela razão de ser torcida*. Trivela, 18 dez. 2022b (on-line). Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/a-copa-do-mundo-tambem-e-uma-conquista-da-devoacao-argentina-por-diego-por-messi-pela-razao-de-ser-torcida/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VIANA, R. *A bola e o verbo: o futebol na crônica brasileira*. São Paulo: Summus, 2013.

ZART, L. H. “*Além do óbvio*”: a prática jornalística da crônica futebolística a partir da Trivela. *Anais [...] 4º Painel IALJS/SBPJor-Renami de Jornalismo Literário*, 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 3 a 6 de Novembro de 2020, p. 27-41. Disponível em: <https://proceedings.science/sites/default/files/filehJW5vR>. Acesso em: 29 set. 2025.

ZART, L. H. *Narrativa jornalística de Trivela: a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2024. 420f. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/261253/PJOR0210-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 set. 2025.

O futebol na cultura uruguaia: a incorporação do fenômeno social a um projeto de nação

Football in uruguayan culture: the incorporation of the social phenomenon into a national project

Alexandre Diniz Santiago

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

São Paulo. SP

alexandre.diniz@unesp.br

<https://orcid.org/0009-0007-8053-6735>

Recebido em: 29 de maio de 2025

Aceito em: 03 de setembro de 2025

Resumo:

O futebol se disseminou rapidamente no Uruguai: já na década de 1890, milhares de espectadores compareciam às partidas mais relevantes disputadas em Montevideu. Neste artigo, analisam-se aspectos históricos e sociais que contribuíram para que o futebol se tornasse precocemente um hábito nacional. Ademais, discute-se a relação de incentivo ao futebol por parte da ideologia batllista, hegemônica na política uruguaia ao longo das três primeiras décadas do século XX. Para a análise, foram consultadas as principais obras acerca das origens do futebol local, além de diversas edições do jornal *El Día* – de 1890 a 1930 – disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai. Este jornal representava um dos mais importantes veículos de imprensa uruguaio no período, atuando como porta-voz governista, ao ser de propriedade de José Batlle y Ordóñez, idealizador e principal líder político do batllismo. Conclui-se que a complexa rede de fatores apresentada e discutida conferiu ao futebol um posto particular na cultura e identidade nacional uruguaia.

Palavras-chave: Futebol. Cultura. *Batllismo*. Uruguai. Identidade.

Abstract:

Football spread rapidly in Uruguay: as early as the 1890s, thousands of spectators attended the most significant matches played in Montevideo. This article examines the historical and social factors that contributed to football's remarkably early transformation into a nationwide habit. Furthermore, it discusses how batllismo – the hegemonic political ideology in Uruguay during the first three decades of the 20th century – actively promoted the sport. For this analysis, the main published works about the origins of Uruguayan football were consulted, along with various editions of the newspaper *El Día* – from 1890 to 1930 – available in the collection of Uruguay's National Library. This press vehicle was one of the country's most important newspapers during the period, serving as a government mouthpiece as it was owned by José Batlle y Ordóñez, the visionary architect and main political leader of batllismo. The study concludes that the complex network of factors discussed granted football a particularly distinctive place in Uruguayan culture and national identity.

Keywords: Football. Identity and Culture. *Batllismo*. Uruguay. Identity.

O Uruguai da virada do século e a ascensão do *batllismo*

A virada do século XIX para o XX constituiu um período de profundas transformações no Uruguai a nível político e social. O país havia sido palco de uma pluralidade de guerras civis em suas primeiras décadas de existência, com destaque para a Guerra Grande, entre 1839 e 1851. Os constantes conflitos entre as duas principais forças políticas do país, centradas no Partido Nacional (conhecido como *blanco*) e no Partido Colorado, contribuíram para que as estruturas produtivas do país se tornassem defasadas: a nação ainda se encontrava consideravelmente centrada em uma produção pecuária de modelo pastoril e caudilhesco, que já não era capaz de atender às demandas do capitalismo global (Caetano e Rilla, 2005).

Esse panorama se alterou significativamente apenas a partir de 1904. Entre janeiro e setembro daquele ano, os exércitos *blanco* e *colorado* vivenciaram suas últimas batalhas, em enfrentamento cujo desfecho foi a rendição do exército *blanco* após a morte de seu principal líder, o caudilho Aparicio Saravia (Leites, 2006). A partir deste evento foi inaugurado um período de aproximadamente três décadas (1904-1933) de estabilidade política sob governos *colorados* eleitos. Os *blancos* passaram a exercer sua oposição pelas vias institucionais, ao invés de recorrer a conflitos armados. Foram anos marcados pela hegemonia do *batllismo*¹, corrente política que emergiu dentro do Partido Colorado e cujo nome faz referência a seu idealizador, José Batlle y Ordóñez, presidente do Uruguai entre 1903 e 1907 e entre 1911 e 1915 (Souza, 2003).

O *batllismo* adotou políticas protecionistas que visavam expandir a indústria uruguaia e reduzir o controle do capital britânico sobre a economia nacional, promovendo ainda estatizações de bancos, ferrovias e seguradoras, entre outros. Em termos sociais, essa corrente política tomou medidas pioneiras para o contexto sul-americano, como a fixação da jornada de trabalho em, no máximo, 8 horas diárias, a permissão do divórcio por vontade da mulher, sem a necessidade de justificativa, e a consolidação do processo de laicização do Estado (Cabral, 2011).

¹Quando se discorre acerca dos *batllistas* e do *batllismo* neste artigo, refere-se aos políticos diretamente associados a José Batlle e à fração do Partido Colorado por ele capitaneada. Os *batllistas* do período analisado eram pessoas próximas a José Batlle, em geral frequentadoras das reuniões organizadas por esse grupo político, participantes do editorial do jornal *batllista El Día*, ou de ambos (Souza, 2003). Não se trata, portanto, das ressignificações políticas e ideológicas que o *batllismo* sofreu – e ainda sofre – nas décadas seguintes ao falecimento de seu idealizador, em 1929.

A matriz ideológica por trás dessas medidas é exposta por Claps e Lamas (1982): os autores explicam que o *batllismo* nutria aspirações modernizadoras baseadas num racionalismo idealista, ambicionando construir um país modelo, quase utópico. A nação desejada pelos *batllistas* seria composta por cidadãos intelectualizados, cultores das artes e avessos ao materialismo, ao passo que essa ideologia tomava a educação e a arte como caminhos para a chamada evolução do espírito, a qual seria prejudicada por mentalidades excessivamente utilitaristas ou materialistas (Claps e Lamas, 1982). Foi em meio a esse anseio por formar cidadãos considerados modernos que o futebol, já introduzido em território uruguaio desde a segunda metade do século XIX, chamou a atenção do *batllismo*.

Primeiros passos do *football* em Montevideu

O futebol chegou à capital uruguaia como uma prática inicialmente restrita à diminuta comunidade britânica residente em Montevideu, em meados da década de 1870. As primeiras instituições que se dedicaram ao esporte faziam parte dos núcleos de socialização britânica no Uruguai. Destacavam-se os clubes esportivos *Montevideo Cricket Club* e *Montevideo Rowing*, fundados em 1861 e 1874, respectivamente, além de colégios como o *English High School*, também de 1874 (Luzuriaga, 2019). Contudo, seria apenas em 1891 que surgiriam duas instituições essenciais para que o futebol extrapolasse a comunidade britânica e atraísse a atenção de milhares de montevidéanos de diferentes origens.

Em primeiro lugar, cabe mencionar o *Central Uruguay Railway Cricket Club*, ou simplesmente *CURCC*. Essa instituição foi fundada na *Villa Peñarol*, bairro periférico da capital uruguaia onde estavam localizadas as instalações da *Central Uruguay Railway Company*, companhia ferroviária britânica que era, àquela altura, uma das maiores empresas operantes em território uruguaio. O clube criado por seus funcionários e dedicado não só ao críquete – mas também ao futebol –, adquiriu rápida popularidade no bairro (Álvarez e Haberkorn, 2014), crescendo fortemente apoiado pela companhia, a exemplo do que ocorria nas Ilhas Britânicas com clubes como o *West Ham*, o *Arsenal* e o *Manchester United*, times que se estabeleceram em seus primeiros anos vinculados a empresas (Alabarces, 2018).

Mais próximo das áreas centrais de Montevidéu, foi instituído também em 1891, o *Albion Football Club*. Tratava-se do primeiro clube uruguaio fundado com o objetivo de ter o futebol como sua principal atividade. Seus fundadores, jovens descendentes de britânicos nascidos no Uruguai, visavam tornar o futebol um esporte mais conhecido dentre a população de Montevidéu. Para tal, os membros do *Albion* abordavam diários locais na esperança de conseguir divulgar crônicas de partidas, ou mesmo publicar as regras do jogo – iniciativas que, nos primeiros anos de existência do clube, eram habitualmente ignoradas pela imprensa uruguaia (Luzuriaga, 2012).

O *CURCC*, com seu apelo popular associado ao bairro da *Villa Peñarol* e aos trabalhadores, e o *Albion*, com suas iniciativas em prol da propagação da prática do futebol no território uruguaio, fizeram com que, em poucos anos, o futebol passasse de esporte exótico e pouco conhecido a um hábito compartilhado por milhares de pessoas, inicialmente em Montevidéu e, em poucos anos, no restante do país. Para compreender esse processo, bem como a maneira pela qual o futebol atraiu olhares da política uruguaia, convém observar a importância dirigida a esse esporte por parte da imprensa local, em especial a *batllista*, detentora de um dos principais jornais uruguaio da virada do século XIX para o XX (Luzuriaga, 2019).

Figura 1: Bandeiras dos quatro clubes fundadores da Liga Uruguaia em 1900 (Albion, CURCC, Uruguay Athletic e DFK), expostas no Museu do Futebol do Estádio Centenário, em Montevideu.



Fonte: Fotografia de Felipe Schmidt publicada em matéria do Globo Esporte de 23 de fevereiro de 2018.

Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/pivo-de-disputa-historica-clubes-mais-antigos-do-uruguai-ressurge-no-profissionalismo.ghtml>. Acesso em 21 de maio de 2025.

A disseminação do *football* na sociedade uruguaia e o *batllismo*

No início do século XX, a disputa política uruguaia era diretamente associada à disputa por leitores travada pelos principais veículos de imprensa do país. Trata-se de um período em que todas as forças políticas relevantes do Uruguai tinham seu próprio jornal², os quais funcionavam como porta-vozes desses grupos na batalha pela opinião pública. Os membros do Partido Nacional tinham o *La Democracia*, o *El País* e o *La Tribuna Popular*, o Partido Comunista tinha o *Justicia* e os socialistas tinham o *El Sol* (Morales, 2013), para citar alguns exemplos. Dentre os veículos de imprensa associados ao Partido Colorado, destacava-se o *El Día*, jornal fundado em 1886 por José Batlle y

² A importância da imprensa no Uruguai da virada do século se dava ao passo que o país possuía uma população altamente escolarizada e alfabetizada para o contexto sul-americano, em decorrência de amplas reformas escolares levadas a cabo por José Pedro Varela, Inspetor Nacional de Instrução Pública entre 1876 e 1879. Nesse sentido, a educação era percebida no país como canal de construção de cidadania e a imprensa emergia como terreno de debate político (Oroño, 2016).

Ordóñez e principal ferramenta pela qual os membros da ala *batllista* do partido expressavam suas visões (Souza, 2003).

Conforme o *batllismo* se consolidou no comando da política uruguaia a partir de 1904, o *El Día* passou a ser ainda mais relevante, ao passo que se tornou o porta-voz governista. Os diretores do jornal ao longo do período analisado eram intimamente ligados a José Batlle, como no caso de César Batlle Pacheco, um de seus filhos, bem como Pedro Manini Ríos e Héctor Rivadavia Gómez, seus apoiadores políticos – ainda que essas duas figuras posteriormente tenham rompido com José Batlle e, consequentemente, deixado o editorial do *El Día* (Garrido, 2016).

A relevância histórica desse diário, que atualmente funciona apenas em formato digital, fica evidente quando se percebe a imponência de sua última sede, um edifício no coração da principal avenida de Montevidéu, a 18 de julho. O prédio, que atualmente abriga um cassino, ainda ostenta no topo de sua fachada o nome *El Día*.

Figura 2: Antiga sede do jornal *El Día*, na avenida 18 de julho, em Montevideu.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

O futebol passou a figurar nas páginas do jornal *batllista* em 1897, alguns anos antes de José Batlle ser eleito presidente do Uruguai pela primeira vez. Àquela altura, a população de Montevideu começava a comparecer em maior número às partidas de futebol. O *Albion* havia encontrado a fórmula para atrair torcedores aos jogos: explorar a contraposição entre locais e estrangeiros que se expressava de forma marcante naquela sociedade. O Uruguai, e especialmente sua capital, ao longo de todo o século XIX, teve uma expressiva parcela de sua população composta por imigrantes europeus recém-chegados em diversas ondas migratórias que se sucederam. Em alguns anos, a parcela de imigrantes chegou a compor mais de 50% da população montevideana (Barrán, 1988).

Entre os estrangeiros que desembarcaram na capital uruguaia, a pequena comunidade inglesa, que representava menos de 1% da população da cidade, era um grupo com status social elevado, sendo os ingleses percebidos pela sociedade local quase como aristocratas (Morales, 1969). Para além de serem proprietários de algumas das mais importantes empresas em operação no Uruguai, como a mencionada *Central Uruguay Railway Company*, o poderio inglês também era simbolizado pelas diversas embarcações da marinha inglesa constantemente atracadas no porto de Montevideu (Luzuriaga, 2019).

Foi justamente utilizando-se desse contexto que o *Albion* conseguiu atrair as primeiras multidões aos campos de futebol uruguaio. O clube passou a organizar partidas entre seus jogadores e as tripulações britânicas que estavam de passagem pela cidade, aproveitando-se da expectativa local de ver um clube uruguaio – ainda que composto por descendentes de britânicos – triunfar sobre marinheiros do país criador do futebol. Acerca de uma dessas ocasiões, o *El Día* publicou seu primeiro relato de uma partida de futebol, em abril de 1897:

Um numeroso público assistiu ao grande jogo que ocorreu na quinta-feira entre os *teams* do *Albion Jootball [sic] Club* e o do cruzador inglês *Retribution*, que foi, sem dúvida, a partida mais disputada que já se jogou aqui.

Ambos os times mostraram seu melhor jogo, mas, apesar de todos os esforços, o torneio terminou empatado a dois gols.

[...] Para amanhã, domingo, está anunciado um grande jogo contra um *team* escolhido entre os cinco navios de guerra ingleses atracados no nosso porto (*El Día*, 17 de abril de 1897, p.1, tradução própria).

Gradativamente, o futebol atraía públicos mais expressivos aos campos da capital uruguaia, como descrito no trecho. As iniciativas promovidas pelo *Albion* desde 1891 apresentavam seus primeiros resultados, e o jornal *batllista* enxergava com bons olhos o novo hábito que se desenvolvia dentre os montevidianos:

Amanhã, domingo, será jogada em *Punta Carretas* [bairro montevidiano] a grande partida de revanche entre o *team* da esquadra inglesa e o do *Albion Football Club*. [...] Aos que nunca assistiram a esse tipo de jogo, dizemos que vale a pena presenciar. O jogo é divertido e exhibe grande agilidade. O uso da cabeça, os tombos e os *scrimmages* [contendas] causam hilaridade entre os espectadores e, para coroar tudo, passa-se uma tarde ao ar livre respirando ar puro. A *Punta Carretas*, portanto, amanhã (*El Día*, 24 de abril de 1897, p. 1, tradução própria).

É interessante destacar que, para a maior parte da população uruguaia, o futebol ainda era praticamente desconhecido – por isso a apresentação realizada pelo jornal do

esporte como algo exótico e até engraçado, na percepção de pessoas que nunca haviam presenciado jogo semelhante. Apesar disso, rapidamente – menos de três meses após a publicação do trecho supracitado – uma grande quantidade de uruguaios já se engajava em praticar e aprender sobre o esporte bretão:

Este jogo nobre e viril vem se desenvolvendo de maneira notável entre nós. Nosso público, há alguns anos, mostrava-se indiferente, e as partidas que se jogavam não atraíam mais do que um número reduzido de pessoas. Assim, assistia-se aos jogos apenas para se divertir, e agora adquiriu-se tamanho gosto [pelo futebol] que, apesar da época [em se tratando do frio que costuma fazer em junho em Montevidéu], estão sendo fundados novos clubes, porque os existentes não são suficientes para o grande número de entusiastas do interessante jogo (*El Día Noticioso*, 8 de junho de 1897, p. 1, tradução própria).

Paulatinamente, o futebol adquiriu popularidade em Montevidéu, em larga medida pela sua capacidade de promover socialização e expressão identitária. Fundar um clube constituía uma possibilidade de criar espaços de convívio direcionados a bairros, setores sociais (como grêmios estudantis e sindicatos) ou coletividades estrangeiras (Reisch, 2012). Em uma sociedade composta por grupos de diferentes culturas, idiomas nativos e tradições – como era o Uruguai do final do século XIX –, os clubes, além de fornecerem algumas das poucas opções disponíveis de lazer, funcionavam como símbolos pelos quais cada um de seus grupos fundadores afirmava sua identidade e interagia com as demais coletividades através da organização de partidas ou torneios.

A esse argumento, há que se acrescentar que a disputa simbólica expressa quando os clubes locais se enfrentavam servia como uma maneira de aliviar as tensões presentes no cotidiano. Em um contexto de urbanização e modernização acelerada, o esporte moderno cumpria o papel de proporcionar um espaço de violência controlada pelo qual as sociedades poderiam aliviar o estresse que a adaptação a esse novo modo de vida proporcionava (Elias e Dunning, 2019). O ápice dessa contraposição simbólica em solo uruguaio traduziu-se na rivalidade entre o *Club Nacional de Football*, fundado em 1899 e o *CURCC*, rebatizado *Club Atlético Peñarol*³ a partir de 1913 (Mendiondo, 2003).

³ Até hoje, é debatido no Uruguai se *CURCC* e *Peñarol* podem ser considerados a mesma instituição ou se, a partir do momento em que a *Central Uruguay Railway Company* se desvinculou do clube e este foi refundado como *Peñarol*, criou-se uma instituição distinta, herdeira das cores e da torcida do *CURCC*. A discussão é polêmica ao passo que implica em incluir ou não os títulos e vitórias conquistadas pelo *CURCC* no histórico do *Peñarol*. Vale ressaltar que, desde o século XIX, a imprensa comumente se referia ao *CURCC* como *Peñarol*, devido à identificação que o clube possuía com o bairro *Villa Peñarol*.

No imaginário popular do início do século XX, as duas instituições incorporavam mentalidades opostas. O *CURCC/Peñarol*, associado à *Central Uruguay Railway Company* e à periférica *Villa Peñarol*, era para seus adeptos a representação do operariado e dos imigrantes, visto que o clube aceitava em seu plantel trabalhadores ferroviários de quaisquer origens. Para os simpatizantes do *Nacional*, contudo, o rival simbolizava o imperialismo britânico e uma imigração incômoda para uma parcela da população uruguaia, que acreditava ter seus empregos ameaçados pelos estrangeiros (Luzuriaga, 2014). Nesse sentido, o *Nacional*, fundado por universitários, com as cores da bandeira de José Gervásio Artigas⁴ e com o discurso de priorizar atletas nascidos em solo uruguaio, representava para seus adeptos um clube genuinamente nacional.

Enquanto a popularidade do futebol crescia vertiginosamente no Uruguai, a corrente política que governaria o país pelas três décadas seguintes comemorava sua disseminação através das páginas de seu diário:

Não há nenhuma diversão pública, nenhum tipo de esporte que tenha se propagado e prestigiado tanto e tão rapidamente entre nós como o *football*. [...] o que até ontem era uma verde colina solitária [...] duas ou três sociedades recreativas e poucos grupos de passeantes [...] é hoje um verdadeiro passeio, um centro de reunião, de sociedade e de diversões campestres às portas da cidade (*El Día*, 4 de julho de 1898, p. 4, tradução própria).

A postura do *El Día* instiga o questionamento: por que um setor da política uruguaia simpatizou em tal medida com um esporte que, àquela altura, era ainda um hábito que iniciava sua trajetória de incorporação à cultura local? Seria, talvez, uma tática comercial – uma forma de atrair leitores ao publicar sobre o novo passatempo predileto de centenas ou milhares de uruguaio? Nos próximos parágrafos, serão analisados extratos que apontam para um panorama mais complexo: o futebol era conveniente a diversos aspectos do *batllismo* enquanto ideologia e, mais especificamente, ao modelo de nação defendido pelos *batllistas*.

Primeiramente, o futebol exercia o papel de integrar os distintos bairros de uma Montevideu ainda em processo de urbanização, ao promover deslocamentos de grandes massas de pessoas a diferentes localidades para disputar ou presenciar partidas. Em uma

⁴ Principal líder da Revolução Oriental, conflito travado em solo uruguaio contra o domínio espanhol ao longo da década de 1810. Apesar de ter sido um defensor, não de um Uruguai completamente independente, mas sim participante de uma confederação com os demais povos do antigo Vice-Reino do Rio da Prata (Street, 1967), Artigas é amplamente considerado o pai da nacionalidade uruguaia, tendo sua imagem disposta em uma imponente estátua no centro da Praça Independência, no coração de Montevideu, e seu rosto estampado em moedas de peso uruguaio.

sociedade em que grupos imigrantes muitas vezes se isolavam em guetos, esse movimento era fundamental para a integração daqueles grupos e fomento de um senso de comunidade. Nesse sentido, um dos grandes agentes promotores do futebol uruguaio em suas origens foram as empresas de bondes, que apoiavam financeiramente alguns clubes e ofereciam serviços especiais em dias de jogos, já que lucravam com os deslocamentos de torcedores (Luzuriaga, 2019).

Com o passar dos anos, a integração social promovida pelo futebol extrapolou os limites de Montevideu e chegou ao interior uruguaio. Novos clubes foram fundados em diversas localidades do país, e grandes festas eram realizadas quando estes eram visitados pelos times capitalinos. Ao relatar uma dessas ocasiões, em que o *Albion* visitou a cidade de *Pando*, no departamento de *Canelones*, a cerca de 35 km de Montevideu, o *El Día* ressaltou os benefícios do futebol para a sociedade local:

Essas viagens são, sob todos os aspectos, dignas de aplausos. Além dos prazeres que oferece o jogo, estabelecem-se e estreitam-se relações entre juventudes e povos da mesma terrinha, que bastante falta lhes faz, pese as distâncias que os privam de comunhões assíduas em festas sociais, reuniões ao ar livre, centros de *sports*, etc. (*El Día*, 14 de março de 1903, p. 2, tradução própria).

Além de proporcionar novos espaços de socialização, o ambiente futebolístico reforçava um aspecto fundamental ao ideal *batllista* de democracia. Trata-se da ocultação das diferenças sociais: a sociedade uruguaia do período analisado enraizou a ideia de que todos são membros da classe média – noção que se manteve no imaginário nacional até os dias atuais (Morales, 2013).

A contribuição do futebol para essa mentalidade vem ao passo que esse esporte estabelece uma estrutura na qual as pessoas ignoram momentaneamente as desigualdades e se organizam numa lógica baseada em escolhas, como a do time que se vai apoiar (Da Matta, 1982). Nela, indivíduos de distintas classes sociais se unem em prol de um objetivo em comum, adornados por uma simbologia de igualitarismo que se inicia no uniforme (Flores, 1982). O *El Día* valorizava esse aspecto desde as primeiras décadas do futebol uruguaio:

Este tipo de festas tem, acima de tudo, uma virtude: a de democratizar nossa aristocracia (se é lícito o termo), graças à promiscuidade em que se envolvem os elementos das diferentes classes sociais.

Faltava-nos uma diversão eminentemente popular, como a do *football*, que atraísse também o favor das pessoas acomodadas, que fosse acessível a todos os elementos populares e que tivesse a aptidão de atrair essas ondas imensas de povo, em que não há distinção de prestígios sociais, nem os

desnivelamentos caprichosos da fortuna, nem outras diferenças além daquelas que a idade, o sexo, etc., impõem pelas regras mais elementares (*El Día*, 31 de julho de 1899, p. 1, tradução própria).

Seguindo a mesma lógica, o diário incentivava e comemorava o constante comparecimento de mulheres às partidas – apesar do machismo sistematicamente reproduzido nos estádios de futebol ao redor do mundo, narrativamente o futebol uruguaio era tratado como um ambiente de inclusão simbólica.

Outro aspecto celebrado pelo jornal *batllista* foi o caráter do futebol enquanto festa social dissociada da religião, já que tratava-se de um movimento político defensor implacável do Estado laico (Souza, 2003):

Adeus festas de Corpus Christi! O povo montevidéano, de tradição profundamente religiosa, que em outras épocas lotava os templos para assistir às funções sagradas, hoje os deixa abandonados para presenciar os torneios pagãos do *football*.

Como prevíamos, uma enorme multidão se espalhava ontem pelo amplo local do *Albion*, deixando as ruas de Montevidéu abandonadas, e mais tristes que nunca os repiques dos sinos, à medida que a massa rebelde dos fiéis ignorava seu chamado [...] (*El Día*, 2 de junho de 1899, p. 2, tradução própria).

O Uruguai, apesar de possuir uma população expressiva de católicos, historicamente é um país menos religioso que o restante das nações latino americanas. Os 42% de uruguaios que se consideravam católicos em 2014 representam uma porcentagem consideravelmente menor que os 71% de argentinos ou os 89% de paraguaios que assim se denominavam. Ademais, 28% dos uruguaios consideram a religião um aspecto bastante importante em suas vidas, representando menos de um terço da população (*Pew Research Center*, 2014). A relativamente reduzida presença do catolicismo em solo uruguaio reflete décadas de políticas laicizantes, iniciadas no século XIX e consolidadas ao longo do período de hegemonia *batllista* (Souza, 2003).

Nesse sentido, o *El Día*, no último trecho transcrito, associa o esvaziamento dos espaços comunitários religiosos ao preenchimento dos estádios e campos de futebol. Assim, na visão exposta pelo jornal, o futebol era agente indireto do processo de secularização uruguaio. De fato, Elias e Dunning (2019) lançam a hipótese de que o futebol poderia ser considerado a religião secular dos novos tempos, devido à importância que esse esporte adquiriu na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Em cenários nos quais as pessoas se afastam das religiões institucionalizadas, novas formas de religiosidade tendem a emergir (Gauchet, 2005), com elementos

culturais posicionando-se no centro da vida moderna – como é o caso do esporte. Uma associação desse porte ainda no século XIX é sintomático das particularidades da sociedade uruguaia, bem como do caráter idealista do *batllismo* e de seu projeto de nação. Adicionalmente, acreditava-se que o futebol seria capaz de formar uma nova juventude no Uruguai:

Com esse *sport*, que pelas condições de suas regras carrega um selo guerreiro – de guerra nobre, guerra cavalheiresca [...] nossos homens do amanhã estão inoculando um espírito que, presumivelmente, representa uma sub-alma, algo que é força e vida, que os afastará, pouco a pouco, da monótona e estéril rotina da vida cotidiana, neste país que, apesar de todas as amenidades que a Natureza oferece, não tem os atrativos que alegram, que impressionam – as novidades, o incentivo das iniciativas, do novo, que são a felicidade de outros povos e de outras raças.

[...] Nós não falamos por falar; apresentamos apenas como argumentos indiscutíveis os grandes progressos, a passos largos, que esse *sport* teve entre nós. Em todos os campos, em todos os terrenos baldios, nas praças, nas ruas, não se veem mais do que pernas e bolas em movimento, e *gentlemen* e *boys* arranhando as palavras técnicas em inglês do jogo; em todas as bocas jovens, não há outro assunto senão *football* e sempre *football*. Esse é o nosso argumento. E esse impulso da cidade encontrou eco vibrante no interior (*El Día*, 31 de agosto de 1902, p. 1, tradução própria).

Em se tratando de um país de população reduzida, o diário reconheceu que o Uruguai não fornecia tantas opções de entretenimento à sua juventude na mesma medida em que os grandes centros urbanos de nações maiores. Dessa forma, o esporte aparecia como um elemento capaz de potencializar aquilo que o *El Día* chama de *espírito* dos jovens uruguaiois.

Anteriormente discutiu-se que o modelo de cidadão *batllista*, o uruguaio do futuro idealizado, era um cidadão intelectualmente culto e apreciador das artes – da mesma maneira, conferia-se importância à educação física para aquela sociedade. Desde o final do século XIX, os programas escolares europeus já incorporavam a educação física como uma de suas prioridades (Reisch, 2012), mentalidade que seria endossada no Uruguai, como exposto no trecho:

Como sempre, os *match* [*sic*] entre clubes da categoria dos mencionados [partidas da liga uruguaia de futebol] proporcionam o ponto mais alto das emoções aos espectadores amantes deste *sport* oriundo da Inglaterra, o país atlético por excelência, que sempre considerou como uma de suas principais preocupações dar a seus filhos, em iguais proporções, a educação intelectual e física, como o principal meio de fornecer à raça que o habita a força necessária para marchar à dianteira das nações do mundo (*El Día*, 11 de maio de 1901, p. 2, tradução própria).

Inspirando-se no modelo educacional inglês, a imprensa *batllista* acreditava no esporte como caminho para fomentar a educação física em meio à população uruguaia. Nesse contexto, o futebol se disseminava em três níveis no país. No topo, encontrava-se a *Uruguay Association Football League*, fundada em 1900 pelos conhecidos e já poderosos clubes do *CURCC*, *Albion*, somados ao *Uruguay Athletic* e *DFK* – clube de imigrantes alemães em Montevideu. Em 1901, somou-se à liga o *Nacional*, fundado dois anos antes. O segundo nível da hierarquia futebolística uruguaia era constituído por ligas não-oficiais e campeonatos paralelos que se desenvolviam tanto na capital quanto no interior. Finalmente, na base da pirâmide, havia uma multiplicidade de times locais que realizavam amistosos, além do futebol jogado nas praças e terrenos baldios. O futebol como hábito se propagou precocemente no Uruguai (Luzuriaga, 2019).

Outro aspecto interessante que aflorou no futebol uruguaio ao longo dos anos foi o chamado espírito localista. Apesar de ser uma sociedade pouco integrada, como discutimos, a população uruguaia da virada do século demonstrou forte disposição para apoiar os times locais quando estes eram visitados por equipes de fora do país – num primeiro momento, de marinheiros britânicos e, com menos frequência, equipes de Buenos Aires, Argentina. No caso específico dos times portenhos, evidenciava-se um sentimento de rivalidade por parte dos uruguaios para com os atletas do país vizinho, desde os primeiros confrontos de que se tem registro.

Nas palavras da imprensa *batllista*, era “o espírito de localismo, que tão fortemente tem atraído a estas nobres competições em que se coloca à prova, na ordem física, a superioridade dos bandos cis e trasplatinos” (*El Día*, 1 de junho de 1899, p. 1, tradução própria). Por vezes, esse sentimento extrapolava o limite do tolerável, resultando em diversos casos de paralisação de partidas por invasões, tumultos e atos de violência nos jogos entre clubes uruguaios e argentinos ao longo dos primeiros anos do futebol rioplatense – episódios que ocorriam tanto em Montevideu como em Buenos Aires. Em relação ao comportamento dos uruguaios, o jornal observou que “inimigos natos e implacáveis de tudo o que não tenha o sabor local, os rapazes o são ainda mais em relação aos argentinos, por esse espírito de rivalidade entre vizinhos que tanto se desenvolve na massa popular” (*El Día*, 25 de setembro de 1899, p. 2, tradução própria).

A longa rivalidade entre uruguaios e argentinos tem como uma de suas raízes históricas a disputa comercial entre os portos de Buenos Aires e Montevideu que se manifestava desde os tempos da colonização espanhola (Bayce, 2014). Após a

independência uruguaia, em 1830 e, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, as narrativas nacionalistas uruguaia focaram em se afastar da identidade rioplatense – que associava argentinos e uruguaio com base em suas similaridades históricas e culturais – e reivindicar elementos tidos como exclusivamente uruguaio, como o enaltecimento da figura de José Artigas (Morales, 2013). Os primeiros anos do futebol na região se deram justamente no momento em que o Uruguai buscava se afirmar enquanto nação e se diferenciar de seus vizinhos à outra margem do Prata, ponto que ajuda a compreender a hostilidade do público montevideano.

A partir de 1902, as duas nações puderam expressar sua contraposição futebolística através de equipes nacionais. As partidas entre seleções ainda eram uma novidade na maior parte do mundo, de maneira que uruguaio e argentinos foram pioneiros em realizar esse tipo de confronto fora das Ilhas Britânicas. Os primeiros anos da seleção uruguaia, contudo, foram decepcionantes para os torcedores locais, haja vista a larga superioridade do lado argentino. A primeira edição oficial do clássico rioplatense – como ficaram conhecidas as partidas entre Uruguai e Argentina no futebol – foi também a pior derrota sofrida pelos uruguaio até hoje: um 6 a 0 aplicado pelos visitantes em plena Montevideu, em 20 de julho de 1902. De todo modo, o clássico rioplatense logo se converteu em tradição: foram instituídas diversas competições anuais amistosas entre os dois países, como a *Copa Lipton* (a partir de 1905) e a *Copa Newton* (desde 1906). Os jogos eram tão frequentes que, somente no ano de 1913, uruguaio e argentinos chegaram a realizar onze partidas oficiais entre si (AUF, 2025).

Com o passar dos anos, os uruguaio lograram melhorar seu retrospecto: a partir de meados de 1910, aumentou expressivamente a quantidade de vitórias do Uruguai no clássico. Foi nesse mesmo ano que a seleção uruguaia adotou seu maior símbolo: a camisa azul-celeste (Morales, 2013). Foi com ela que os uruguaio vivenciaram seus primeiros momentos de glória futebolística, como a conquista do primeiro Campeonato Sul-Americano de Futebol – atual Copa América –, em Buenos Aires, em 1916. Àquela altura, a seleção já havia se convertido em elemento de orgulho pátrio, sustentado pelas narrativas da imprensa local:

O *football* nacional acaba de conquistar seu mais belo laurel com a vitória de seus representantes no Certame Sul-americano de Football. [...] Os progressos que o *football* fez em nosso país já haviam tido ocasião de ser avaliados. De fato, há muitos anos, nossos *teams* vinham disputando com eficácia e brilho os distintos torneios internacionais. Onde quer que um *team* uruguaio tenha levado seu jogo, sempre soube deixar bem representados seus

prestígios. Por isso, esperávamos, se não o triunfo, uma atuação excepcional. [...] Deixaram na Argentina, no ânimo de quantos intervieram no Certame, não só a sensação de uma força voraz e respeitável, mas também de correção *sportiva* e hombridade de bem. Em uma palavra, nos honraram (*El Día*, 18 de julho de 1916, p. 5, tradução própria).

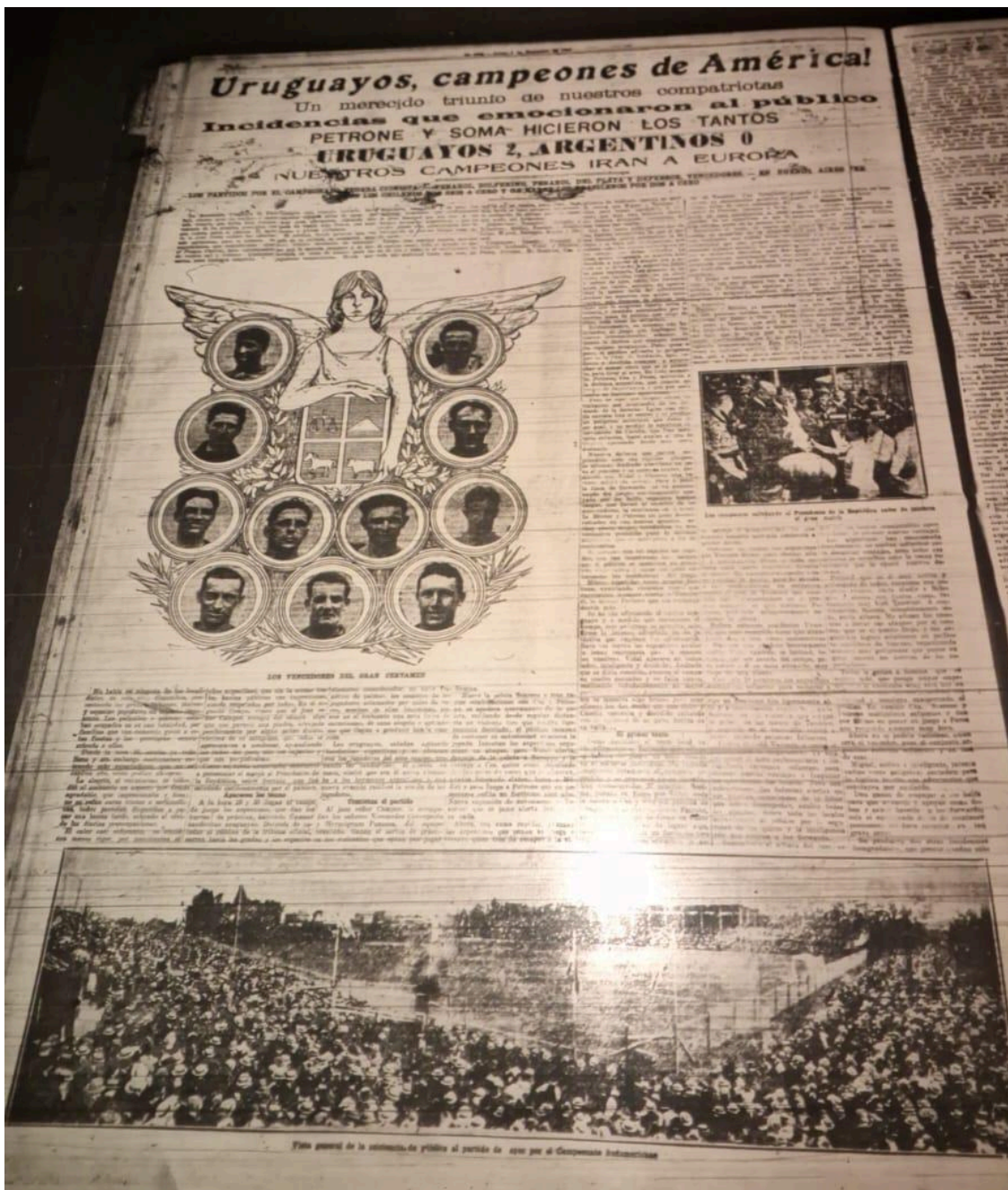
Para além do discurso de orgulho pátrio do influente *El Día*, os acontecimentos sociais em torno da seleção demonstravam que havia se criado uma cultura de cerimônia de massas em torno do time nacional, como observa-se nesse trecho, relatando a vitória na final sul-americana de 1916:

O entusiasmo popular provocado pelo sucesso dos uruguaios no Certame Sul-Americano de Football transbordou em manifestações entusiásticas e ruidosas. Ao se confirmar a boa nova, ao entardecer, formaram-se núcleos por toda a Cidade Velha, que depois se concentraram em torno da Praça Independência e se unificaram. Uma manifestação popular, composta por vários milhares de pessoas, organizou-se ao cair da tarde. À noite, diversas colunas, exaltadas por um intenso entusiasmo, percorreram a Avenida 18 de Julho até a sede da Associação de Football, onde entoaram o hino nacional. Os manifestantes carregavam várias bandeiras nacionais (*El Día*, 18 de julho de 1916, p. 5, tradução própria).

O Uruguai precocemente transformou o futebol em um de seus principais, senão o principal, terrenos de manifestação nacionalista. Não era por acaso, já que o país fora pioneiro em estabelecer dominância continental apoiada em resultados. A América do Sul foi a primeira região a organizar torneios continentais de futebol, e o Uruguai se sagrou campeão em sete das primeiras treze edições, entre 1916 e 1935 (AUF, 2025). A Argentina, com quatro títulos, e o Brasil, com dois, mal chegavam perto dos números uruguaios. Criou-se o hábito de sair às ruas para festejar as vitórias da seleção e receber os atletas quando regressavam de torneios no exterior. Esse hábito era amplamente incentivada pelo diário porta-voz governista, que convocava a população para receber os atletas, tratados como verdadeiros heróis pátrios, mesmo quando não conseguiam o triunfo, como no Sul-Americano de 1919:

Iniciativa do *El Día* – Os *sportsmen* uruguaios que, no Rio de Janeiro, defendem as cores pátrias na contenda esportiva de maior importância no continente sul-americano são merecedores de uma recepção popular em seu retorno, expressando a satisfação do nosso público diante da certeza de que nosso país foi representado por um digno expoente de nossas forças desportivas. [...] Campeões ou não, o povo montevideano deve recepcionar nossos jogadores, reunindo-se em massa em sua chegada. O *El Día* lança essa proposta com a certeza de que será bem recebida (*El Día*, 14 de maio de 1919, p. 6, tradução própria).

Figura 3: Matéria do *El Día* de 3 dez. 1923, celebrando o título sul-americano uruguaio daquele ano. No centro da imagem, uma arte com retratos dos jogadores do time nacional em volta da deusa grega da vitória, Nice, segurando o brasão de armas do Uruguai. Mais abaixo, uma foto do público que compareceu ao estádio *Gran Parque Central*, em Montevidéu, para presenciar a partida final.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Àquela altura, o Uruguai havia vivenciado anos de amplo crescimento econômico e confiança por parte do mercado externo nos governos *batllistas* (Nahum, 1974). O país também havia logrado ampliar uma série de direitos sociais e trabalhistas,

sobretudo a partir do segundo mandato presidencial (1911-1915) de José Batlle (Cabral, 2011). Nesse sentido, a seleção era usada como símbolo para a população de que o país-modelo idealizado pelo *batllismo* estaria, de fato, se concretizando. Contudo, o ápice desse discurso se daria a partir das medalhas de ouro conquistadas pela seleção uruguaia em 1924 e 1928 e, sobretudo, com o sedimento e conquista da primeira Copa do Mundo da história, realizada em Montevideu, em 1930.

Após o título olímpico alcançado em 1924, na França, propagou-se uma narrativa que não apenas apontava o Uruguai como modelo, como também posicionava a nação na dianteira de um sentimento pan-americanista, no qual os países da América, simbolizados pelos uruguaios, superavam a Europa:

Uma dupla significação tem para nós o objetivo alcançado pelos bravos jovens cultores do *football*.

A de ter exibido o emblema pátrio diante de um mundo que quase ignorava nossa existência; e a de ter demonstrado, além disso, nossa superioridade física.

Ambas realidades obrigam o reconhecimento nacional para com os Campeões do Mundo. [...] [A conquista] demonstra que a raça forte de hoje, os homens mais bem dotados fisicamente, os corpos mais completos onde poderão habitar os espíritos saudáveis, estão na jovem América, como demonstraram plenamente os filhos de uma de suas pequenas repúblicas: os da nossa (*El Día*, 13 de junho de 1924, p. 9, tradução própria).

Figura 4: Matéria do *El Día* de 10 jun. 1924, celebrando a conquista da primeira medalha de ouro olímpica uruguaia no futebol. O torneio olímpico era comumente chamado de campeonato mundial pela imprensa, em se tratando de um período em que a Copa do Mundo ainda não havia sido criada. Mais abaixo, foto da multidão que saiu às ruas de Montevideu para celebrar a conquista.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

De fato, para países menores, a atividade esportiva internacional muitas vezes surge como o canal mais acessível para se obter visibilidade (Rhamey Jr. e Early, 2013). A ideia de “colocar o Uruguai no mapa-múndi”, contudo, não era apenas uma busca por projeção externa, como também uma forma de elevar a autoestima da sociedade uruguaia perante a nação. Promovia-se a noção de que o país, apesar de menor em termos de território e população do que seus vizinhos, constituía um exemplo a ser seguido em distintas áreas: o discurso de excepcionalidade uruguaia.

Objetivando fortalecer essa questão, a imprensa nacional preparou uma novidade para os Jogos Olímpicos de 1928, nos Países Baixos. O *El Día* instalou uma

sirene em sua sede, capaz de ser ouvida até nas áreas rurais de Montevidéu, para informar ao público o mais rápido possível acerca das jogadas que se desenrolavam nas partidas da seleção uruguaia no torneio olímpico:

Não deve restar nenhum habitante de Montevidéu que ainda não tenha ouvido o chamado da sirene que o *El Día* instalou em seu novo edifício na Avenida 18 de Julho, esquina com Yaguarón.

Como se trata de uma sirene completa, na qual é possível gravar sons à vontade, pensamos em estabelecer um código de sinais, para que, por meio deles, possam se informar sobre o andamento da partida aqueles que não podem abandonar suas ocupações ou vivem fora do perímetro urbano (*El Día*, 29 de maio de 1928, p. 8, tradução própria).

De forma pioneira, os habitantes da capital eram expostos a uma forma rudimentar de transmissão ao vivo de uma partida de futebol, atestando para a relevância que esse esporte e, sobretudo, a seleção nacional, haviam conquistado entre os uruguaiois. Na realidade, há quase duas décadas o *El Día* já ensaiava esse tipo de cobertura: em 15 de agosto de 1909, o jornal *batllista* convocou seus leitores para se reunirem em frente a sua sede, onde seriam comunicados, via informações telegráficas, dos lances ocorridos na partida entre Uruguai e Argentina, que seria disputada naquele mesmo dia, em Buenos Aires, pela *Copa Lipton*. Nesse sentido, a imprensa exercia papel fundamental para aproximar os uruguaiois de sua seleção, fortalecendo a narrativa de que seus atletas eram heróis nacionais, como é perceptível nesse trecho, referente ao bicampeonato olímpico de 1928:

Como a Grécia, pequenos, mas sempre tendendo à perfeição, associamos as lutas do espírito às lutas do músculo, e do consórcio dessas duas atividades superiores, assim como faziam os helenos, surgiram centenas de homens novos, gestados em uma democracia poderosa e única, homens que encontraram nos campos de esportes do pequeno Uruguai um amplo espaço para se superarem superando.

Foram necessários muitos anos de luta formidável, única, para que conseguíssemos ser campeões, para que os públicos de todos os países e de todas as latitudes, assombrados com o espetáculo de elegância e valor que os jogadores do minúsculo Uruguai apresentavam, se estremecessem violentamente de entusiasmo quando os magos do *footballismo* mundial [...] se engrandeceram nas lutas bravas e triunfaram (*El Día*, 10 de junho de 1928, p. 6, tradução própria).

É notável o nacionalismo exacerbado da perspectiva *batllista*, que em alguns aspectos flertava com a xenofobia (Souza, 2003).

Da mesma maneira, é evidente o esforço de décadas dessa corrente política em promover o Uruguai por meio do futebol. Em 1916, a criação da Confederação

Sul-Americana de Futebol, responsável por organizar os Campeonatos Sul-Americanos, foi arquitetada por Héctor Gómez, dirigente esportivo uruguaio que inicialmente fizera parte dos círculos *batllistas* e do editorial do *El Día* (Garrido, 2016). Em 1924, a maior parte do financiamento da viagem dos uruguaios à Paris para os Jogos Olímpicos foi custeada por Atilio Narancio, político pertencente à ala *batllista* e diretamente associado a José Batlle (Lombardo, 1993).

Finalmente, o Estado uruguaio colocaria em prática seu plano mais ambicioso no que tange o futebol a partir do momento em que foi escolhido, no congresso da FIFA de 1929, como sede da primeira Copa do Mundo da história, em 1930. Para vencer a concorrência, o governo do país se dispôs a custear as viagens e hospedagens de todas as delegações estrangeiras, proposta que nenhuma das outras candidaturas foi capaz de cobrir (D'Amado, 2020). Tamanha disposição para sediar o torneio precisa ser contextualizada: além da festa esportiva, o mundial faria parte das festividades do centenário da independência uruguaia, celebrado em 1930.

Como palco principal do torneio, foi erguido o faraônico – para a época – Estádio Centenário, com capacidade para aproximadamente 70 mil torcedores (Morales, 2013), mais de 10% da população de Montevideu àquela altura, que chegava a cerca de 655 mil habitantes (Pellegrino, 2010). Naquele estádio, cujos setores homenageavam em seus nomes as conquistas olímpicas uruguaias – *Olimpica*, *Colombes*⁵ e *Amsterdam*, sendo as duas últimas em referência aos locais onde ocorreram as conquistas de 1924 e 1928, respectivamente – consolidariam-se as cerimônias de culto à seleção uruguaia.

Em todas as partidas da seleção uruguaia na Copa do Mundo, o Centenário se viu lotado (AUF, 2025), com destaque (i) para a estreia, na mesma data correspondente ao centenário do juramento da primeira constituição uruguaia (18 de julho), e (ii) para a final, em que o Uruguai se sagrou campeão mundial ao derrotar seus rivais argentinos pelo placar de 4 a 2. O evento e a conquista do título solidificaram o lugar do futebol na cultura local, ao passo que as celebrações do centenário da nação constituíram um momento-chave para a construção e consolidação da identidade nacional uruguaia (Caetano, 1992). O aspecto político das comemorações mesclou-se à euforia popular em torno da seleção: o nacionalismo uruguaio novamente se expressava associado à *celeste* – apelido conferido à seleção de futebol do país.

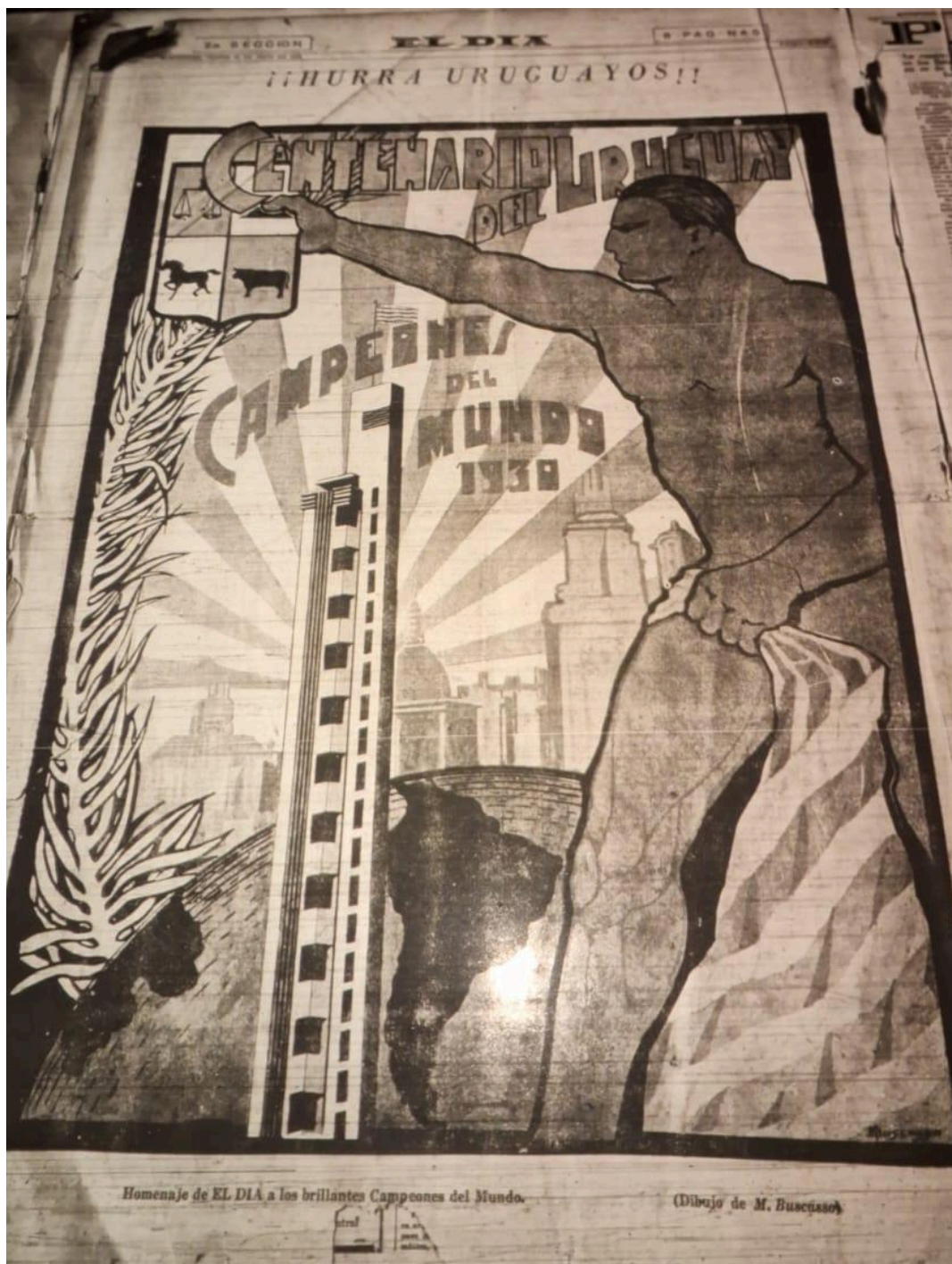
⁵ Referência à comuna francesa onde foi disputada a final olímpica de 1924.

Figura 5: Estádio Centenário em sua inauguração, em 18 de julho de 1930, dia do centenário do juramento da primeira constituição uruguaia e da estreia da seleção local na Copa do Mundo de 1930.



Fonte: Fotografia pertencente ao acervo digital do Estádio Centenário. Disponível em: <https://www.estadiocentenario.com.uy/pt/institucional/historia>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

Figura 6: Arte publicada pelo *El Día* em 31 jul. 1930 em homenagem à conquista da Copa do Mundo de 1930, em meio às comemorações do centenário da independência uruguaia.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Considerações Finais

A partir da análise da bibliografia disponível sobre o desenvolvimento do futebol uruguaio em suas primeiras décadas, somada à consulta do diário *El Día* no

período, fica evidente quão complexo foi o processo de disseminação desse esporte no país.

Uma série de fatores contribuiu para que o futebol adquirisse o status de passatempo preferido de boa parte da população montevideana – e mais tarde, uruguaia como um todo – ainda no século XIX. A presença da comunidade britânica em Montevideu, os esforços dos atletas do *Albion* em divulgar o jogo para além dos ambientes de socialização britânicos, o apoio das companhias de bondes aos clubes e, em especial, da *Central Uruguay Railway Company* ao popular clube a ela filiado, foram alguns dos fatores que deram o pontapé inicial para a explosão de popularidade do esporte bretão no Uruguai.

A partir daí, o *batllismo*, corrente política mais poderosa do país nas três primeiras décadas do século XX, adquiriu interesse no esporte e passou a fomentá-lo através das páginas do influente *El Día*. A relação de apoio político ao futebol, somada aos bons resultados conquistados pelos atletas uruguaiois em campo, contribuíram para a criação de uma cultura de enaltecimento e organização de festividades populares em torno da seleção nacional.

Em se tratando de um momento em que a jovem nação buscava integrar sua sociedade e, sobretudo, afirmar sua nacionalidade para além da identidade rioplatense – compartilhada com os argentinos –, podemos afirmar que o futebol enraizou-se profundamente na cultura uruguaia. De fato, o sucesso do futebol enquanto fenômeno social, aliado à sua incorporação a um projeto político duradouro, conferiram a esse esporte um papel social único e longo no Uruguai, perdurando até os dias atuais.

Referências

ALABARCES, Pablo. *Historia mínima del fútbol en América Latina*. Cidade do México, El Colegio de México, 2018.

ALVAREZ, Luciano; HABERKORN, Leonardo. *Historia de Peñarol*. Montevideu, Aguilar, 2014.

ASSOCIAÇÃO URUGUAIA DE FUTEBOL (AUF), *Histórico de Partidos*, Montevideu, 2025. Disponível em: <https://www.auf.org.uy/historico-partidos/1/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

BARRÁN, José Pedro. *Iglesia Católica y burguesía en el Uruguay de la modernización (1860-1900)*. Montevideu, Facultad de Humanidades y Ciencias, Departamento de

Publicaciones, 1988.

BAYCE, Rafael. *El sinuoso proceso de constitución de la identidad nacional y futbolística*. Cuaderno de Historia 14: A romper la red: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad, Montevideo, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 47-62, 2014.

CABRAL, José Pedro Cabrera. *Bases do reformismo nacionalista uruguaio: as reformas batllistas no início do século XX*. Revista Territórios e Fronteiras, Cuiabá, v. 4, n. 1, p. 129-151, 2011.

CAETANO, Gerardo. *Identidad nacional e imaginario colectivo en Uruguay. La síntesis perdurable del Centenario*. In: ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo (org.). *Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?*. Montevideo, Trilce, 1992. p. 75-96.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José Pedro. *Historia contemporánea del Uruguay: de la colonia al siglo XXI*. Montevideo, CLAEH-Fin de Siglo, 2005.

CLAPS, Manuel A.; LAMAS, Mario Daniel. *Algunos aspectos de la estructura ideológica del Batllismo*. Investigación Económica, Cidade do México, v. 41, n. 162, p. 219-265, 1982.

D'AMADO, Lorenzo Jalabert. *Montevideo 1930: reassessing the selection of the first World Cup host*. Soccer & Society, Londres, v. 21, p. 848-860, 2020.

DA MATTA, Roberto. *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o futebol brasileiro*. In: DA MATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982. p. 19-42.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no Processo Civilizacional*. Lisboa, Edições 70, 2019.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. *Na Zona do Agrião: Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol*, In: DA MATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982. p. 43-58.

GARRIDO, Atilio. *Héctor Gómez: un hombre de acción: 100 años de la Conmebol*. Montevideo, Ediciones de la AUF, 2016.

GAUCHET, Marcel. *El desencantamiento del mundo: Una historia política de la religión*. Madrid, Trotta, 2005.

LEITES, Lino. *La Campaña Militar de 1904*. In: ROSALES, Jorge; GROSSI, Hugo; OLIVERO, José (org.). *Boletín Histórico del Ejército*, n. 327-330. Montevideo, Comando General del Ejército, Estado Mayor del Ejército, Departamento de Estudios Históricos, 2006. p. 35-68.

LOMBARDO, Ricardo. *Donde se cuentan proezas: Fútbol uruguayo (1920-1930)*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1993.

LUZURIAGA, Juan Carlos. Albion Football Club. *Profetas y maestros*. Cuaderno de Historia 8: A romper la red: Abordajes en torno al fútbol uruguayo, Montevideu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 35-48, 2012.

LUZURIAGA, Juan Carlos. *Nacional y Peñarol en el Novecientos: la génesis de la rivalidad clásica*. Cuaderno de Historia 14: A romper la red: Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad, Montevideu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 14, p. 193-206, 2014.

LUZURIAGA, Juan Carlos. *Orígenes y desarrollo del fútbol en el Uruguay: Nuevas miradas (1870-1920)*. Montevideu, Alter ediciones, 2019.

MENDIONDO, Leonardo. *Fútbol, una identidad colectiva tradicional operativa y su dimensión presente en el Uruguay de Hoy: El caso Club Nacional de Fútbol/Club Atlético Peñarol*. Monografía (Licenciatura em Sociologia) — Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, Montevideu, 2003.

MORALES, Andrés. *Fútbol, Política y Sociedad: Las relaciones entre el poder político, la identidad nacional y el fútbol en el Uruguay, 1916-1930*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas, Opção História Rioplatense) – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. Montevideu, 2013.

MORALES, Franklin. *Los albores del fútbol uruguayo*. In: AA. VV., Cien años de fútbol: Historia del fútbol uruguayo. 1969-1970, n. 1. Montevideu, Editores Reunidos, 1969. p. 3-20.

NAHUM, Benjamín. *Historia uruguaya*: tomo 6: 1905-1930 – La época batllista. Montevideu, Ediciones de la Banda Oriental, 1974.

OROÑO, Mariela. *La escuela en la construcción de las fronteras culturales y lingüísticas en el Uruguay de fines del siglo XIX*. Páginas de educación, Montevideu, v. 9, n. 1, p. 146-160, 2016.

PELLEGRINO, Adela. *La población de Uruguay: breve caracterización demográfica*. Montevideu, Doble Clic, 2010.

PEW RESEARCH CENTER. *Religion in Latin America: Widespread Change in a Historically Catholic Region*. Washington DC, 13 de nov. 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2014/11/13/religion-in-latin-america/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

REISCH, Matilde. *Movimiento clubista y desarrollo deportivo en Uruguay*. Cuaderno de Historia 8: A romper la red: Abordajes en torno al fútbol uruguayo, Montevideu, Biblioteca Nacional de Uruguay, vol. 8, p. 19-34, 2012.

RHAMEY JR, J. Patrick; EARLY, Bryan R. *Going for the gold: Status-seeking behavior and Olympic performance*. International Area Studies Review, Seul, v. 16, n. 3, p. 244-261, 2013.

SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai, 1903-1958*. São Paulo, Annablume, 2003.

STREET, John. *Artigas y la Emancipación del Uruguay*. Montevideú, Barreiro y Ramos, 1967.

Fontes documentais

El Día, Montevideú, 17 abr. 1897, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, n. 2.243, p. 1. Jootball, El gran partido del jueves. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.2.

El Día, Montevideú, 24 abr. 1897, Época 1, ano 10, Época 2, ano 8, n. 2.249, p. 1. Football, El gran partido de mañana. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.2.

El Día, Montevideú, 4 jul. 1898, Época 1, ano 12, Época 2, ano 9, n. 2.601, p. 4. Football, El internacional de ayer. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.4.

El Día, Montevideú, 1 jun. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.878, p. 1. Football, El gran partido internacional de hoy, En la cancha del Paso Molino. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevideú, 2 jun. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.879, p. 2. Football, El partido internacional de ayer, Triunfo de los orientales. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevideú, 31 jul. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.969, p. 1. En honor de Roca, El partido internacional de ayer, triunfo de los porteños, 2 goals contra 1. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevideú, 25 set. 1899, Época 1, ano 15, Época 2, ano 10, n. 2.977, p. 2. Football, El partido de ayer, Clausura de temporada. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.6.

El Día, Montevideú, 11 mai. 1901, Época 1, ano 16, Época 2, ano 11, n. 3.480, p. 2. Football, Los partidos de mañana, La "Association Football League" en acción. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.8.

El Día, Montevideu, 31 ago. 1902, Época 1, ano 17, Época 2, ano 12, n. 3.951, p. 1. Football, Los partidos de esta tarde. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.10.

El Día, Montevideu, 14 mar. 1903, Época 1, ano 17, Época 2, ano 15, n. 4.144, p. 2. Football, Con rumbo á San José. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.11.

El Día, Montevideu, 15 ago. 1909, Época 1, ano 24, Época 2, ano 21, s.n., p. 5. Deportes fisicos, Football, Los partidos del día. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 416.23.

El Día, Montevideu, 18 jul. 1916, Época 1, ano 28, Época 2, ano 25, n. 10.035, p. 5. Deportes y juegos, Football, Los uruguayos conquistan el campeonato sudamericano, El partido de ayer en Buenos Aires. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 418.

El Día, Montevideu, 14 mai. 1919, Época 1, ano 31, Época 2, ano 29, n. 11.053, p. 5-6. Cultura fisica, El Campeonato Sud Americano de Football, Éxito de los uruguayos en la segunda jornada. Vencen á los argentinos por 3 goals á 2 – Amplia información telegráfica. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 425.

El Día, Montevideu, 3 dez. 1923, Época 1, ano 44, Época 2, ano 32, n. 14.201, p. 7. Uruguayos, campeones de América!, Nuestros campeones irán a Europa. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 438.

El Día, Montevideu, 10 jun. 1924, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, n. 14.887, p. 6. El team invencible de la Asociación Uruguaya de Football conquista el Campeonato del Mundo. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 440.

El Día, Montevideu, 13 jun. 1924, Época 1, ano 38, Época 2, ano 35, n. 14.890, p. 9. Cultura fisica, Football, Retorno de los campeones. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 440.

El Día, Montevideu, 20 mai. 1928, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, n. 16.488, p. 8. Cultura fisica, Continúa el torneo Olímpico de Football, Las llamadas de nuestra sirena. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 456.

El Día, Montevideu, 10 jun. 1928, Época 1, ano 43, Época 2, ano 39, n. 16.500, p. 6. ¿Subirá nuevamente al mástil olímpico la bandera uruguaya?, Final de Olimpiada. Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 456.

El Día, Montevideu, 31 jul. 1930, Época 1, ano 45, Época 2, ano 41, n. 17.276, p. 9.
¡¡Uruguay campeón del mundo!! Suporte: microfilme. Biblioteca Nacional do Uruguai, rolo 466.

O futebol e as configurações da modernidade capitalista na América Latina: entre o realismo de mercado e a tradição

Football and the configurations of capitalist modernity in Latin America: between market realism and tradition

Hugo Macedo de Araújo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Rio de Janeiro. RJ

hugomacerujo@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-0096-8510>

Recebido em: 29 de maio de 2025

Aceito em: 04 de agosto de 2025

Resumo:

Se o futebol, por si só, já nasceu “moderno”, o que está em questão quando, mais de um século depois da codificação das regras do jogo, se articulam na esfera pública discursos como aqueles que enunciam a necessidade de “modernizá-lo”? Instigado por essa questão inicial, o ensaio que se segue tem como objetivo compreender os efeitos do mais recente ciclo de modernização do futebol sobre as identidades coletivas no campo futebolístico latino-americano. Trata-se, sobretudo, de destrinchar os sentidos históricos da ideia de “modernização” enquanto significante privilegiado de identidades coletivas forjadas no contexto hegemônico neoliberal. Para a consecução deste objetivo, buscaremos conjugar as reflexões do filósofo marxista mexicano Bolívar Echeverría (2011) a respeito das diferentes configurações sócio-históricas da modernidade capitalista com a abordagem pós-marxista de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015) acerca da natureza discursiva e hegemonicamente mediada das identidades coletivas.

Palavras-chave: Futebol. Modernização. Hegemonia. Identidades Coletivas. Neoliberalismo.

Abstract:

If football, in itself, has been born “modern”, what is at stake when, more than a century after the codification of the sport rules, discourses such as those that enunciate the need to “modernize” it are articulated in the public sphere? Instigated by this initial question, the essay that follows aims to understand the effects of the most recent cycle of football modernization on the collective identities that constitute the Latin American football field. It is, above all, a question of unraveling the historical meanings of the idea of “modernization” as a privileged signifier of collective identities forged in the hegemonic neoliberal context. To achieve this objective, we will seek to combine the reflections of the Mexican Marxist philosopher Bolívar Echeverría (2011) regarding the different socio-historical configurations of capitalist modernity with the post-Marxist approach of Ernesto Laclau and Chantal Mouffe (2015) regarding the discursive and hegemonically mediated nature of collective identities.

Keywords: Football. Modernization. Hegemony. Collective Identities. Neoliberalism.

Introdução

O presente ensaio nasceu do esforço em articular as discussões apresentadas na disciplina “Pensamento latino-americano (1950-2020): das críticas às alternativas ao desenvolvimento”, ministrada pelo professor Breno Bringel no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), com a temática do futebol na América Latina. Por seu enfoque ser, frequentemente, o das economias nacionais e seus setores estratégicos, o debate sobre desenvolvimento não pode ser integralmente transposto para o campo da economia do futebol, setor da indústria do entretenimento cuja lógica de funcionamento guarda um grau de relativa autonomia frente aos processos econômicos e sociais mais abrangentes das economias nacionais.

No entanto, quando pensamos nas estratégias de difusão, no meio do futebol, de um tipo de racionalidade que prescreve certas práticas simultaneamente à marginalização de outras, estamos entrando no campo daqueles debates que, ao buscarem ir além da afirmação da necessidade do desenvolvimento, buscam compreender os desdobramentos subjetivos da própria ideia de desenvolvimento, ou, como é mais comum se ouvir no âmbito futebolístico e esportivo, da própria ideia de “modernização”.

Posto isso, o objetivo do presente trabalho é compreender os efeitos do mais recente ciclo de modernização do futebol sobre as identidades coletivas que constituem o campo futebolístico latino-americano. Para a consecução deste objetivo, buscaremos conjugar as reflexões do filósofo marxista mexicano Bolívar Echeverría (2011) a respeito das diferentes configurações sócio-históricas da modernidade capitalista com a abordagem pós-marxista de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015) acerca da natureza discursiva e hegemonicamente mediada das identidades coletivas.

Segundo a ótica marxista de Echeverría (2011, p.253), o principal traço da vida do ser social moderno reside no fato de que agora este deve organizar sua vida em torno de uma contradição fundamental: a contradição entre valor de uso e valor de troca, entre a forma natural de reprodução de sua vida social e sua forma parasitária abstrata, ancorada na artificialidade do valor econômico. O que denominamos por diferentes configurações da modernidade capitalista corresponde justamente ao desenvolvimento de diferentes *ethos*, isto é, de diferentes hábitos e costumes fundamentais que representam as formas históricas reais a partir das quais essa

contradição foi assimilada.

Conciliando tal ângulo analítico com o pós-estruturalismo gramsciano de Laclau e Mouffe, partiremos do postulado de que esses diferentes *ethos* produzidos pela modernidade capitalista possuem uma natureza discursiva, isto é, eles são produto de articulações discursivas que buscam dotar de coerência e regularidade um conjunto de enunciados dispersos de uma dada realidade histórica (Laclau e Mouffe, 2015, p.178). De maneira geral, as diferentes configurações sócio-históricas da modernidade capitalista representam justamente momentos em que um desses *ethos* se torna hegemônico, isto é, se torna o significante privilegiado de um horizonte universal compartilhado que balizará a forma como as identidades coletivas incorporarão a lógica da mercadoria às formas “naturais” de fruição do futebol enquanto atividade de lazer.

Além da presente introdução, o trabalho será desenvolvido em mais duas seções. Na primeira, buscaremos fazer uma reflexão de maior fôlego sobre como uma dada configuração da modernidade capitalista - a neoliberal - se tornou hegemônica e quais identidades e práticas ela promoveu. Na segunda parte, trataremos, de forma mais breve e sucinta, daquelas identidades coletivas que se colocam, de alguma maneira, como heterogêneas à modernidade neoliberal, indagando se elas representam, ou não, uma alternativa a esse modelo hegemônico de organização do futebol.

O futebol e a modernidade capitalista: do romantismo ao realismo de mercado

Em sua obra seminal, Elias e Dunning (1992) apontaram o século XIX como um marco para o surgimento do esporte enquanto atividade de lazer tipicamente moderna. A emergência de um conjunto de instituições esportivas encarregadas de codificar as regras de cada modalidade apontava para uma ruptura com as formas tradicionais de lazer representadas pelos sangrentos jogos medievais. Segundo a perspectiva adotada pelos dois autores, a “esportivização” da sociedade estava associada a uma nova lógica de estruturação da vida social que indicava a monopolização do uso legítimo da força por parte dos Estados-nação e a interiorização de códigos de conduta não violentos enquanto um dos eixos comportamentais do paradigma civilizatório da modernidade.

Se o futebol, por si só, já nasceu “moderno”, o que está em questão quando,

mais de um século depois da criação do jogo, se articulam na esfera pública discursos como aqueles que enunciam a necessidade de “modernizá-lo”? Se partimos da premissa que já não há praticamente nenhuma “tradição” ou modo de vida “tradicional” que se possa colocar como exterior à modernidade, compreendemos que esses discursos remetem apenas a diferentes configurações que se movem no interior de um mesmo paradigma civilizatório: a modernidade capitalista.

O neoliberalismo, enquanto “nova razão do mundo” (Dardot; Laval, 2016), pode ser compreendido como uma dessas configurações que atuam no interior da modernidade, ordenando as diferentes esferas da vida em função da lógica do mercado. Nesse contexto, a ideia de “modernização” do futebol é mobilizada como um entre outros significantes indispensáveis para que o discurso neoliberal incida sobre as práticas e identidades coletivas nesse campo social.

Convém aqui recapitular o processo histórico através do qual esse discurso foi sendo estruturado no meio do futebol e como foi capaz de produzir e regular práticas que postulam o caráter mercantilizável do esporte mais popular da América Latina¹. No que exatamente consiste a modernização neoliberal do futebol latino-americano? Quais práticas são promovidas e quais são enfraquecidas na difusão do discurso neoliberal nesse domínio?

O percurso do esporte bretão no subcontinente é marcado por uma série de configurações e “giros modernizadores” (Domingues, 2009). Difundido inicialmente nos países do cone sul, o futebol foi absorvido primeiramente sob o signo do ideal atlético amador, sendo celebrado enquanto padrão de civilidade cosmopolita pelas elites locais que passaram a praticá-lo e acompanhá-lo. Os primeiros clubes e campeonatos de futebol eram extremamente restritos. Não só os jogadores deveriam ser sócios dos clubes pelos quais jogavam, algo acessível e permitido só aos estratos mais abastados da população, como também a não comercialização de ingressos para os jogos também restringia o público que frequentava as praças esportivas ao quadro social dos clubes (Malaia, 2012).

O início da comercialização de ingressos para não-sócios constitui o primeiro

¹ Não quero dizer, com isso, que todos os países latino-americanos tenham o futebol como seu esporte número 1. Muitos países caribenhos, e até mesmo sul-americanos, como a Venezuela, possuem outros esportes preferenciais, como o beisebol. O que se quer dizer aqui é que, se consideramos a América Latina como um todo, e não cada país isoladamente, o futebol é sem dúvida o esporte com maior inserção cultural na região.

momento de uma lógica de mercado no futebol brasileiro, no sentido de que se estrutura uma dinâmica de oferta e procura por espetáculos esportivos associados ao futebol. Se hoje, a crescente mercantilização do futebol é associada à elitização dos estádios, naquele momento, a venda de ingressos agregava as massas populares dos emergentes centros urbanos em torno dos clubes de futebol, consolidando-os enquanto poderosos ativos comunitários com ampla penetração social. Naquele período, a visão “empreendedora” dos agentes que promoviam o futebol enquanto espetáculo a ser vendido - entre os quais se incluem dirigentes, cronistas esportivos e autoridades políticas - estava associada a giros modernizadores que postulavam a superação do viés elitista e aristocrático do esporte em prol da promoção de um circuito de entretenimento de massas. Mercantilização e popularização andavam de mãos atadas nesse momento histórico.

Esse giro modernizador estabelece uma certa configuração da modernidade capitalista ancorada em um *ethos* que Echeverria (2011, p. 90) denominou como “romântico”. Trata-se de uma estratégia discursiva que postula a integração da lógica do capital às sociabilidades cotidianas onde práticas sociais em sua “forma de valor” - isto é, orientadas pelo valor de troca dos bens simbólicos - estão subsumidas às práticas em sua “forma natural” - ou seja, orientadas pelo valor de uso desses mesmos bens, no caso, o futebol e as experiências que ele proporciona.

Essa configuração romântica da modernidade engendrou um tipo de determinação identitária que podemos denominar como “nacional-popular”, que, como sugeriu Coutinho (2000), se estabeleceu como uma alternativa à cultura intimista e elitista que predominava nos regimes oligárquicos pregressos. Isso quer dizer que o desenvolvimento de práticas de mercado estava intimamente relacionado à criação de um imaginário nacional associado a uma ideia de “povo” entronizada no circuito de entretenimento de massas que o futebol sintetizava tão bem.

A expressão estética e arquitetônica mais bem acabada dessa modernidade romântica foram os estádios monumentais construídos a partir de meados do século XX, capazes de comportar multidões para os padrões de segurança da época. Denominados por Mascarenhas (2013) de “estádios fordistas”, eles se caracterizavam não só por sua capacidade, mas pela diversidade de valores de uso para seus usuários, sendo suscetíveis a todo tipo de apropriação coletiva pelas sociabilidades populares. A ideia do “fordismo”, tão bem acionada por Mascarenhas, dá o tom de um

empreendimento onde a produção e circulação de bens estão orientados por critérios quantitativos, isto é, pela quantidade de pessoas que se consegue atingir com as mercadorias que se quer vender.

Esse modelo de negócio começa a ser modificado com a entrada da televisão no futebol, sobretudo a partir da instituição dos direitos de transmissão entre o fim dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Como até aquele momento o peso da arrecadação com bilheteria para as receitas dos clubes era considerável, entendia-se que a transmissão dos jogos pela TV poderia esvaziar os estádios e afetar diretamente as finanças dos clubes. O pagamento dos direitos de transmissão aos clubes surge, portanto, como um mecanismo de compensação por uma eventual diminuição do público nos estádios.

O televisionamento dos jogos elevou a exposição midiática do futebol, tornando-o um importante veículo publicitário. A partir daí, há a articulação de todo um conjunto de agentes econômicos que dele se aproximam para formar uma poderosa indústria, multiplicando-se as “partes interessadas” nos negócios envolvendo o esporte. Dirigentes esportivos, jornalistas, autoridades e até mesmo torcedores se deparam agora com um conjunto de atores oriundos do mundo corporativo que não estavam acostumados a considerar. É nesse contexto que inicia-se um processo que avança até os dias de hoje, com a difusão de discursos que enfatizam a importância daquilo que Dardot e Laval (2016, p. 276-277) apontaram como “práticas de boa governança”, isto é, um conjunto de práticas no âmbito da administração dos clubes que os aproximem de um modelo de gestão empresarial.

Nesse contexto, cabe aos dirigentes dos clubes o domínio de saberes que os habilitem a explorar o potencial comercial das agremiações enquanto “marcas”. A concorrência entre os clubes não mais depende, majoritariamente, daquele instinto para a montagem de bons times com o que se tem em mãos, mas sim de uma competência técnica “moderna” e “profissional”, que extrai sua legitimidade daquelas práticas corporativas orientadas por parâmetros de arrecadação e rentabilidade. Afinal de contas, “a bola não entra por acaso”². Isso fica bem claro na fala de Zico, notório ex-jogador, Secretário Nacional de Esportes no governo Collor e grande entusiasta do

² Título do livro de Ferran Soriano, espécie de “guru” global do empreendedorismo esportivo. Soriano se notabilizou por seu trabalho à frente do Barcelona nos anos 2000 e, posteriormente, como CEO do City Football Group, holding global de clubes que tem o Manchester City da Inglaterra como clube-modelo.

modelo das Sociedades Anônimas de Futebol:

Os dirigentes têm que ser profissionais [...].O futebol tem de se sustentar por si só. Ser uma empresa. [...] Do jeito que eles [os clubes] são administrados, se mudar de uma hora pra outra, a maioria fecha. [...] Na hora que eles perceberem que esse é o caminho, eles irão atrás. [...] Não dá pra time de US\$ 100 milhões disputar um campeonato longo com outro de 500 ‘merréis’. [...] Quem não mostra um mínimo de estrutura tem que ser eliminado logo de cara [da Copa do Brasil]. Se os pequenos querem ser grandes, que administrem direito. (Folha de São Paulo, 23 de abril de 1997)

A figura do “cartola” amador, politicamente hábil, que se vale de boas relações de bastidor nas federações e demais instâncias do futebol para favorecer seu clube vai perdendo importância³. Em seu lugar, passa a ganhar destaque a figura paradigmática do “homem de negócios”, que mesmo atuando dentro das estruturas amadoras dos clubes associativos - e não somente nos clubes que constituíram SAFs e institucionalizaram a profissionalização - apresentam-se como aqueles capazes de “modernizar” e “profissionalizar” os clubes a partir de práticas que assimilaram do mundo empresarial.

Seguindo a trilha dos debates latino-americanos sobre modernização e desenvolvimento, podemos sugerir, em diálogo com Escobar (1996, p. 86 et seq.), que o conceito de profissionalização se refere à incorporação do futebol latino-americano à política do conhecimento especializado em administração e finanças. Essa política do conhecimento especializado vê no “empreendedorismo” e na racionalização das práticas econômicas um caminho a ser pavimentado em detrimento de outras práticas consideradas antiquadas e ineficientes, baseadas no impulso passional e na aversão à inovação. Dentro dessa lógica, a modernização do futebol não aparece como um processo cultural que modifica substancialmente as práticas, identidades e saberes dessa esfera social, mas sim como um sistema de intervenções técnicas universalmente aplicável, que seria capaz de assegurar sustentabilidade financeira e sucesso esportivo aos clubes de futebol.

A difusão desses discursos e práticas “modernizantes” ganhou impulso

³ Eurico Miranda talvez seja o modelo mais bem acabado desse tipo de “cartola”. Seu domínio na política do Club de Regatas Vasco da Gama produziu disputas eleitorais muito cristalinas - sobretudo na última década - entre essas duas figuras acima mencionadas, a do cartola amador - representado por ele - e a do “homem de negócios” - representada por seus opositores.

sobretudo nos anos 1980, quando a intensificação da globalização do mercado de transferência de jogadores e a crise da dívida que acometeu os países latino-americanos elevou sobremaneira as despesas correntes e os custos de contratação dos clubes, sem um aumento correspondente da arrecadação. O endividamento dos clubes os obrigou a vender seus principais jogadores para o emergente mercado europeu - àquela altura dominado sobretudo por Itália e Espanha. A partir desse momento, o futebol latino-americano, um dos poucos domínios onde a relação centro periferia podia ser subvertida e contornada, fixou-se paulatinamente como um mercado periférico frente ao mercado europeu. A percepção desse processo de periferização fez com que a crônica esportiva e demais formadores de opinião culpassem o “arcaísmo” e “amadorismo” das estruturas de comando do futebol latino-americano em comparação à Europa.

Os apelos à “profissionalização” e “modernização” do futebol no subcontinente - e aqui nos dirigimos especialmente ao caso brasileiro - passavam, principalmente, pelo diagnóstico de que era necessário elaborar estratégias para melhorar o conceito do “produto-futebol”, tornando-o mais atrativo para torcedores, patrocinadores, jogadores e a televisão. O campo do *marketing esportivo* surge, nesse contexto, justamente para dar conta desse desafio. A lógica do *marketing* se autovalida: antes de só identificar necessidades e demandas ela busca incidir sobre elas, moldando-as para então oferecer produtos e experiências que as satisfaçam, incrementando a rentabilidade das empresas

Com o futebol, e os clubes em particular, operando dentro da lógica da empresa, o que o marketing esportivo procura fazer é incidir sobre determinadas demandas e percepções para moldar a figura do torcedor-consumidor. Uma série de dispositivos voltados para monetizar a relação entre torcedor e clube são instituídos visando aumentar a rentabilidade e a arrecadação dos clubes. Um exemplo desses dispositivos são os programas de sócio-torcedor criados pelos clubes, em que os torcedores pagam um valor mensal aos clubes que é revertido em desconto nos ingressos, comodidades e experiências exclusivas. Como dito por Toledo (2012, p.157), trata-se de inventar “mecanismos tangíveis de extração absoluta de uma espécie de ‘mais valia afetiva’ convertida em souvenirs, pay-per-view, comodidades e hábitos de classe ainda inacessíveis ao torcedor popular”.

Diante disso, aquelas práticas e identidades articuladas pelas sociabilidades coletivas, que tanto destaque tinham nos estádios fordistas e naquela configuração

romântica da modernidade, se diluem em uma experiência orientada pela figura atomizada do consumidor. Incorporado àquilo que Benjamin (1987) denominou como a lógica da “reprodutibilidade técnica” da indústria do entretenimento, o futebol deixa de ser pensado em função do valor de uso dos laços e tradições socialmente partilhadas que eram produzidas nos eventos futebolísticos, e passa a ser dirigido pelo valor de troca do jogo enquanto espetáculo, tal como fora convertido pela razão econômica.

Pensados como espaços de consumo, os estádios de futebol são profundamente reformulados, sobretudo no Brasil, que sediou a Copa do Mundo em 2014. O “padrão FIFA” recomendado às sedes da competição implica toda uma “arquitetura do consumo” (Araújo, 2021) radicalmente diferente daquele imaginário nacional-popular da modernidade romântica. Ao invés do consumo de massas genérico, orientado pelos critérios puramente quantitativos característicos do fordismo, temos um estádio alinhado a uma lógica de mercado pós-fordista, onde a produção e circulação de bens são pensadas não mais a partir da inclusão - mesmo precária - do maior número de pessoas possíveis, mas sim a partir de estratégias mais sofisticadas de seleção e exclusão de públicos-alvo. Segundo essa lógica, os estádios não são mais pensados como o espaço das multidões, onde todos os estratos sociais - do rico ao miserável - estavam representados na celebração visceral da paixão clubística, mas sim como um local de consumidores dispostos a pagar por suas demandas por conforto, segurança e comodidade. A elitização e gentrificação dos estádios de futebol são as consequências mais tangíveis desse movimento.

Todo esse processo de “modernização” do futebol está associado a giros modernizadores que engendraram uma nova configuração da modernidade capitalista, configuração essa que chamaremos de neoliberal. Seguindo o argumento de Echeverría (2011), se no período romântico a mercantilização do futebol operava a partir da subordinação da “forma de valor” às “formas naturais” de fruição do esporte, isso se inverte com a configuração neoliberal da modernidade capitalista. Nela, a forma de valor, isto é, aquela lógica orientada pela criação de valor econômico para o espetáculo esportivo (valor de troca), passa a ser dominante diante da forma natural, orientada pela criação de valores simbólicos socialmente compartilhados para o mesmo (valor de uso)

O *ethos* que conforma esta configuração neoliberal é o *ethos* realista. Trata-se de uma forma de integrar o capitalismo às práticas cotidianas de tal forma que se produz

um

comportamento que se desenvolve dentro de uma atitude de identificação afirmativa e militante com a pretensão que tem a acumulação de capital não só de representar fielmente os interesses do processo “sócio-natural” de reprodução, quando na verdade os reprime e deforma, senão de estar a serviço da potencialização do mesmo. (Echeverría, 2011, p. 90, tradução nossa)

Em outras palavras, a criação de valor econômico torna-se critério balizador de toda e qualquer prática social. O valor de uso dos bens sociais é tão subordinado ao valor de troca que os dois passam a coincidir, de modo que a valorização econômica se torna ela mesma um tipo de valor de uso, no sentido de assumir uma utilidade socialmente compartilhada no plano simbólico. Trata-se daquilo que Echeverría (2011, p. 273) chamou de *hybris americana*, isto é, um processo através do qual a forma natural da vida humana é totalmente subsumida a sua forma de valor, havendo uma “artificialização” das demandas e anseios do mundo humano em função do mundo da mercadoria. Isso se expressa, por exemplo, no triunfo do *american way of life* sobre as outras formas de ser moderno dentro do capitalismo, um modo de vida que se consolida através de um

processo de “negociação civilizadora” permanente que se torna especialmente perceptível na tentativa da “indústria cultural”, à escala global, de colocar a criatividade festiva e estética da sociedade à serviço do auto-elogio prático que o establishment capitalista precisa fazer diariamente. (Echeverría, 2011, p. 275, tradução nossa)

Do ponto de vista do torcedor, esse *ethos* realista se manifesta em dois tipos de identidade coletiva: a do torcedor-consumidor e a do torcedor-empREENDEDOR. A primeira, já mencionada acima, confere ao torcedor um lugar passivo no espetáculo esportivo, que passa a ser concebido a partir de uma estética mais “teatralizada”, com comportamentos dirigidos e automatizados, tal qual ocorre na cultura dos esportes estadunidenses. Nesse cenário, as apropriações populares que as culturas torcedoras, na condição de corpo coletivo, fazem dos equipamentos urbanos, perdem espaço em prol de uma experiência mais atomizada, onde a segurança, o conforto e a comodidade individual aparecem como experiências universalmente desejáveis, indispensáveis ao “serviço” oferecido.

Já a segunda produz no torcedor um tipo de atitude que vê o clube não só como um ativo comunitário, mas também como um ativo econômico que precisa ser valorizado e bem gerido. Nesse contexto, o torcedor defende seu clube na concorrência com os demais não só do ponto de vista esportivo, mas também dentro de uma perspectiva financeira e contábil. É dentro dessa ótica que muitos torcedores defendem o aumento do preço dos ingressos promovidos pelos clubes, argumentando que não há outra alternativa possível para o sucesso esportivo. Como afirmaram Kennedy e Kennedy (2010, p. 182, tradução nossa), muitos torcedores “parecem estar cada vez mais versados em termos comerciais, desenvolvendo sentimentos empreendedores em relação aos assuntos corporativos de seu clube”.

No entanto, embora esse discurso realista, próprio da configuração neoliberal da modernidade, seja hegemônico nos dias de hoje, há modelos de subjetivação alternativos, que engendram práticas e identidades que buscam dar outras respostas às demandas pela “modernização” do futebol brasileiro. É sobre essas identidades, que se colocam como alternativas à configuração neoliberal da modernidade, que buscaremos falar brevemente a partir de agora.

O antimodernismo barroco e as alternativas ao neoliberalismo

Com a globalização e a abertura de mercados do futebol a partir dos anos 1980, o futebol latino-americano se viu diante de uma inserção periférica no futebol mundial. O êxodo cada vez maior de nossos jogadores mais talentosos rumo à Europa fragilizou os clubes e os campeonatos da região, fazendo com que os torcedores tivessem que se acostumar com uma nova realidade onde assistir aos jogos dos campeonatos europeus tornara-se tão ou mais atrativo que assistir aos jogos dos campeonatos nacionais e continentais.

Se dentro das quatro linhas o espetáculo perdeu muito de sua qualidade quando comparado ao futebol europeu, quando o assunto é festa nas arquibancadas o ambiente mais “quente” promovido pelas culturas torcedoras no subcontinente aparecem no discurso de muitos agentes como uma forma de compensar a dominância do futebol europeu no cenário internacional. Se este possuiria os melhores jogadores, o ambiente mais frio e “teatralizado” de seus estádios, perceptível na própria transmissão dos jogos, atestaria uma forma menos “apaixonada” de viver o futebol na comparação com

os torcedores latino-americanos.

Embora os agentes das culturas torcedoras europeias também tenham reagido à destituição dos usos coletivos do futebol pela modernidade neoliberal, o fato das intervenções modernizantes sobre as culturas torcedoras terem se dado primeiro no continente europeu fez com que essas estratégias de representação do torcedor latino-americano se valessem de uma imagem onde a “modernização” é identificada como um processo de “europeização”. A “arenização” dos estádios, as restrições aos repertórios expressivos das coletividades torcedoras e a redução do torcedor à figura do consumidor aparecem como uma usurpação das culturas locais do futebol latino-americano, uma imposição de um modo estrangeiro de ser torcedor.

Nesse contexto, surge um discurso nostálgico e antimoderno que celebra o passado enquanto algo sacrificado pelos impulsos modernizantes do neoliberalismo. Palavras de ordem como “ódio eterno ao futebol moderno” e “liberdade para torcer” consistem em estratégias retóricas voltados à afirmação dos usos coletivos da experiência futebolística contra sua crescente mercantilização. Narrativas como aquelas que contrapõem o “raíz” ao “nutella” dão o tom de práticas discursivas ancoradas na diferença para com a parafernália consumerista que privilegia o bem-estar individual do torcedor enquanto consumidor de espetáculos esportivos. Neste enquadramento, o “torcedor raíz” é representado como aquele que dispensaria as comodidades oferecidas pelo “futebol moderno”, priorizando ao invés disso, usos mais tradicionais, referenciados em um passado idílico, uma espécie de simulacro daquela configuração romântica da modernidade capitalista onde o valor de uso dos eventos esportivos prevalecia sobre o valor de troca exprimido pelos mecanismos e estratégias de marketing.

No entanto, antes de algo voltado para a preservação de elementos do passado, o antimodernismo dessas subculturas torcedoras devem ser compreendidas como um processo de invenção voltado para o presente, que se realizam mediante sua relação transformadora com as diferentes configurações da modernidade. O acionamento da memória daquela modernidade romântica em um contexto de hegemonia do discurso realista engendra um outro tipo de articulação discursiva que Echeverria (2011) contempla a partir de sua noção do “barroco”. Seguindo a intuição do filósofo mexicano, antes do que uma subversão do discurso realista, a antimodernidade do barroco é melhor descrita como uma

estratégia de afirmação da “forma natural” que, paradoxalmente, parte da experiência dela como sacrificada, mas que – “obedecendo sem cumprir” as consequências do seu sacrifício, transformando em “bom” o “lado mau” pelo qual “a história avança” – pretende reconstruir a sua concretude a partir dos restos deixados pela abstracção devastadora, reinventar as suas qualidades apresentando-as como “segundo grau”, insuflar subrepticiamente um alento indireto à resistência que o trabalho e a fruição dos “valores de uso” oferecem ao domínio do processo de valorização. (Echeverría, 2011, p. 91, tradução nossa)

Desse modo, ao mesmo tempo que coletividades torcedoras pregam o “ódio ao futebol moderno”, adotando uma identidade barroca antimodernista que reivindica os usos coletivos do esporte mais popular do subcontinente, também adotam discursos próximos a uma identidade mais realista, mesclando o tom contestador com aquelas atitudes mais “empreendedoras”, que cobram dos dirigentes dos clubes uma postura “profissional” na gestão do ativo econômico que tem em mãos.

O que se depreende, portanto, é que a identidade barroca é uma identidade cindida, que oscila entre a construção da memória daquele passado romântico e a aceitação do realismo de mercado neoliberal. A própria ideia do barroco, enquanto movimento artístico e cultural, remete a um hibridismo cultural, à construção de significações a partir das ruínas de identidades sociais pregressas que já não existem mais em sua forma original. Diante disso, o antimodernismo barroco no futebol latino-americano significaria a construção de uma identidade que, partindo dos escombros daquela modernidade romântica, buscaria afirmar as formas naturais de vida social sem que, com isso, efetivamente instituisse uma alternativa real a crescente subsunção destas à forma de valor.

Construir essa alternativa implicaria uma articulação estratégica entre diferentes coletividades e movimentos atuantes dentro e fora do âmbito futebolístico que fosse além da identidade barroca, incorporando-a a um projeto hegemônico mais amplo de modernidade, de caráter antineoliberal. Antes do que só afirmar o valor dos usos coletivos do futebol enquanto algo sacrificado, esse projeto buscaria instituí-los em novos termos, propondo novos mecanismos de coordenação social não redutíveis à lógica da mercadoria neoliberal. Mais do que algo restrito à nostalgia do passado, esse projeto coletivo representaria um processo de invenção voltado para o futuro, produzindo alternativas nas brechas da hegemonia neoliberal no futebol

latino-americano.

Conclusão

Ao aproximarmos a perspectiva discursiva sobre o social da crítica sócio-histórica da modernidade capitalista proposta por Echeverría (2011), entendemos que os discursos contemporâneos que reivindicam a “modernização” do futebol estão associados a giros modernizadores que culminam em uma configuração específica da modernidade: a neoliberal. Argumentamos que essa configuração engendra uma forma específica de enraizamento do capitalismo no âmbito do futebol que difere daquela configuração romântica que a antecedeu. Esta primeira se baseia na subsunção daquelas práticas econômicas voltadas para o valor de troca aos usos coletivos que forjaram identidades coletivas ligadas àquele imaginário nacional popular próprio dos giros modernizadores de meados do século XX na América Latina. Já a segunda está ancorada no movimento inverso: os usos coletivos do futebol estão tão atrelados ao processo de valorização econômica que as identidades torcedoras expressam essa concomitância, articulando-se a partir da gramática realista do consumo e do “empreendedorismo”, que vê as “coisas” do futebol enquanto ativos econômicos que devem ser valorizados.

Por fim, ao explorarmos aquelas identidades coletivas que impedem uma homogeneização da vida social ao redor da hegemonia neoliberal, concluímos que elas apontam para aquilo que Echeverría (2011) denominou de “ethos barroco”. Antes do que uma configuração alternativa de modernidade, o barroco aparece a partir de um discurso antimoderno, como um simulacro daquela configuração romântica anterior. Ao afirmar o valor dos usos coletivos que vêm sendo sacrificados pelo “futebol moderno”, a identidade barroca se prende a uma perspectiva nostálgica do passado romântico, aceitando implicitamente o neoliberalismo enquanto um “mal” inevitável.

Argumentamos, por fim e afinal, que superar esse fatalismo implicaria uma articulação coletiva mais ampla em defesa do esporte enquanto espaço democrático e popular, aberto a sociabilidades e apropriações que não tenham como único critério balizador a rentabilidade das atividades e práticas sociais. A defesa da democratização da vida associativa dos clubes de futebol, como ocorre na Argentina e na Alemanha, por exemplo, pode ser um passo importante para a elaboração de um projeto de

modernidade alternativo ao neoliberalismo em que a paixão, o pertencimento comunitário e a participação política tornem-se elementos relevantes para a diluição da razão econômica enquanto critério balizador da experiência do futebol.

Referências

ARAÚJO, Hugo. *A arquibancada enquanto projeto: movimentos de torcida e suas mediações na nova economia do futebol*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, José Maurício. *A América Latina e a modernidade contemporânea: uma interpretação sociológica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

ECHEVERRÍA, Bolívar. *Antología de Bolívar Echeverría*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2011.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Lisboa: Difel 82 – Difusão editorial, 1992.

ESCOBAR, Arturo. *La invención del tercer mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo*, Bogotá: Editorial Norma, 1996

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios, 2015.

KENNEDY, David; KENNEDY, Peter. “Towards a marxist political economy of football supporters”. *Capital & Class*, n. 34 (2), p.181-198, 2010.

MALAIA, João. “Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950”. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MALAIA, João; TOLEDO, Luiz Henrique; MELO, Victor Andrade (organizadores). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MASCARENHAS, Gilmar. “Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádio de futebol”. *Cidades*, volume 10, número 17, p. 142-170, 2013.

TOLEDO, Luiz. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010”. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MALAIA, João; TOLEDO, Luiz Henrique; MELO, Victor Andrade (organizadores). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

Singularidades da torcida do Corumbaense Futebol Clube na fronteira Brasil-Bolívia

Singularities of the Corumbaense Futebol Clube fans on the Brazil-Bolivia border

Roberto César de Souza¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Corumbá. MS
roberto.csouza3@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-3576-8534>

Carlo Henrique Golin²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Corumbá. MS
carlo.golin@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-1858-6068>

Recebido em: 29 de maio de 2025

Aceito em: 11 de agosto de 2025

¹ Graduado em Educação Física (UFMS/CPAN), Mestre em Estudos Fronteiriços (UFMS). Professor efetivo da Prefeitura de Corumbá-MS.

² Graduado em Educação Física (Faculdades Integradas de Fátima do Sul), Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba. Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Professor Associado da UFMS – CPAN e do Programada de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços (UFMS).

Resumo:

Este estudo tem como objetivo compreender o papel do Corumbaense Futebol Clube (CFC) no fortalecimento da identidade regional de sua torcida na fronteira Brasil-Bolívia. O CFC é o único time profissional da região, participando de campeonatos estaduais e nacionais, e possui grande relevância histórica e cultural para Corumbá, cidade de Mato Grosso do Sul (MS) - Brasil. A pesquisa explora a participação da torcida nos jogos do clube, analisando sua identificação com o CFC. A torcida se destaca por ser a mais presente do estado, com os maiores públicos no campeonato estadual desde 2010. O estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa documental, utilizando artigos, dissertações, entrevistas, jornais locais e redes sociais. Os resultados indicam que o CFC, por estar em uma região de intenso fluxo populacional e ser o único time profissional da fronteira, simboliza pertencimento e identidade. Conclui-se que o CFC desempenha papel central na construção da identidade regional e no fortalecimento de laços sociais na fronteira Brasil-Bolívia.

Palavras-chave: Torcida. Identidade. Futebol. Fronteira.

Abstract:

This study aims to understand the role of Corumbaense Futebol Clube (CFC) in strengthening the regional identity of its fans on the Brazil-Bolivia border. CFC is the only professional team in the region, participating in state and national championships, and holds significant historical and cultural relevance for Corumbá, a city in Mato Grosso do Sul (MS), Brazil. The research explores fan participation in the club's games, analyzing their identification with CFC. The fan base stands out as the most present in the state, with the highest attendance in the state championship since 2010. The study was developed through documentary research, utilizing articles, dissertations, interviews, local newspapers, and social media. The results indicate that CFC, due to its location in an area of high population flow and being the only professional team in the border region, symbolizes belonging and identity. It is concluded that CFC plays a central role in the construction of regional identity and in strengthening social ties on the Brazil-Bolivia border.

Keywords: Fanbase. Identity. Soccer. Border.

Introdução

De origem europeia, o futebol dá seus primeiros dribles na Inglaterra em meados do século XIX e se expande para outros países com o correr dos anos (Proni, 1998). No Brasil, inicia sua trajetória em 1894, quando Charles Miller retorna da Inglaterra trazendo duas bolas e as regras do jogo, e começará a organizar partidas de demonstração e lazer.

Miller é o primeiro a introduzir o futebol como uma modalidade competitiva organizada no Brasil, impulsionando sua disseminação, especialmente no que diz respeito à sistematização do esporte (Rossi; Mendes Júnior, 2014). Entretanto, há registros de práticas anteriores à Miller, como, por exemplo, as atividades recreativas promovidas por jesuítas em instituições de ensino, como o Colégio São Luiz, que já utilizavam bolas em suas dinâmicas (Goulart, 2014). Contudo, essas brincadeiras, conhecidas como "bate-bolão" divergiam das regras estabelecidas por Miller, pois não dispunham de traves e apresentavam uma estrutura menos formal, sendo praticadas principalmente por padres e estudantes durante os intervalos escolares (Rossi; Mendes Júnior, 2014). Segundo Goulart (2014), foi a partir de 1894 que os estudantes, nas escolas, começaram a praticar o futebol de maneira mais organizada segundo as normas introduzidas por Miller, que foram adotadas em todo o país, universalizando-as.

Como legado de sua origem europeia, o futebol, em seus primórdios, foi acolhido e promovido pela elite brasileira, que o via como uma forma de lazer refinado e uma maneira de ocupar o tempo livre, o que pode ser observado nos estatutos dos grandes clubes que restringiam o acesso às arquibancadas dos estádios à elite social (Tubino; Castro; Valadão, 2009), e também na estrutura dos estádios, projetados com sofisticação, atendendo aos padrões estéticos e sociais dessa classe (Mascarenhas, 2012). A elite brasileira apropriava-se do futebol como um símbolo de distinção social e como uma expressão de hábitos europeus que buscavam emular. Nesse contexto, a participação de indivíduos de outras classes sociais era praticamente inviável, devido à resistência da elite, que mantinha o controle sobre a modalidade no país.

Pinto e Lima (2019) enfatizam que, à época, a prática do futebol por negros e pelas camadas sociais mais carentes era considerada inadmissível, uma vez que o esporte era visto como fortemente elitista. A inserção de negros era inconcebível, e a presença desses indivíduos, especialmente aqueles sem status social elevado ou em

contextos de miscigenação, era sumariamente rejeitada, seja na plateia seja como jogador. Rossi e Mendes Júnior (2014, p. 39) “[...] ressaltam que jogadores negros sofriam discriminação e eram amplamente rejeitados, refletindo a mentalidade escravagista da época”.

A inclusão de negros e de pobres no futebol brasileiro enfrentou grande resistência, e a mudança ocorreu em meio a conflitos entre grupos com objetivos divergentes: de um lado, dirigentes que buscavam preservar a tradição elitista; de outro, aqueles que almejavam renovar o esporte, promovendo a profissionalização dos atletas e ampliando sua acessibilidade social, como Murad (1994) indica ao destacar três períodos na expansão do futebol, de um esporte de elite para um esporte das massas: períodos de elitização (1884-1923); inserção inicial de negros e pobres (1923-1933); e democratização (1933-1950). Assim, a disseminação do futebol no Brasil passou por diversas fases até englobar todas as camadas sociais. Ao longo de várias décadas, o esporte tornou-se progressivamente mais acessível, ganhando popularidade para tornar-se, na atualidade, a modalidade esportiva mais praticada no Brasil, sem restrição relacionada a gênero, faixa etária, crença religiosa ou etnia (Melnikov; Ferreira, 2011).

Neste artigo focalizamos o futebol e sua torcida em um contexto de fronteira internacional. Olhamos para o Corumbaense Futebol Clube (CFC), time localizado em Corumbá no Mato Grosso do Sul (MS), cidade brasileira que faz limite fronteiro com a Bolívia, em especial por meio das cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suarez.

O objetivo deste estudo foi investigar o papel desempenhado pelo CFC no fortalecimento da identidade regional fronteira de sua torcida. O CFC, sendo o único time profissional da região a participar tanto do campeonato estadual quanto de competições nacionais, atua como um representante simbólico e cultural para a população local. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender como o clube contribui para a construção de um sentimento de pertencimento e identificação regional fronteira (Brasil-Bolívia).

Esse processo de identificação está diretamente relacionado ao conceito de identidade fronteira, que diz respeito à formação identitária de indivíduos ou coletividades que residem em áreas limítrofes, onde ocorre a interseção de distintas culturas, idiomas e práticas socioculturais. Nesses territórios, as identidades nacionais podem, ao mesmo tempo, ser fortalecidas e ressignificadas, gerando uma dinâmica singular de pertencimento e interação. A região de fronteira é um espaço que surge a

partir da delimitação do limite político-geográfico entre os Estados Nacionais; ela está situada na intersecção de dois ou mais territórios fundamentados em identidades nacionais estruturadas na contraposição entre 'nós e os outros' (Nogueira, 2007).

A metodologia trata-se de uma abordagem qualitativa, com o propósito de descrever, de forma conceitual, a trajetória do futebol desde sua dimensão nacional até o contexto local. Esse percurso permitiu inserir o CFC como objeto central no contexto proposto. Além disso, a pesquisa teve uma abordagem documental, a partir da criação do clube, jornais locais, complementada por trabalho de campo, utilizando entrevistas semiestruturadas realizadas com torcedores fronteiriços do time.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados realizada por meio de pesquisa documental e de campo. A pesquisa documental envolveu a análise de atas de reuniões do conselho do Corumbaense Futebol Clube (CFC), obtidas na própria sede do clube, além de matérias jornalísticas publicadas em veículos de comunicação da cidade e da região onde a instituição está inserida.

A pesquisa de campo, por sua vez, foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a 12 torcedores do CFC entre os meses de janeiro e março de 2024. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob o parecer nº 6.163.906, garantindo sua conformidade com os princípios éticos que regem as pesquisas científicas.

Futebol e região de fronteira

Localizado em Corumbá, uma cidade profundamente marcada pela proximidade com a Bolívia, o CFC vai além de um simples time de futebol — ele se configura como um símbolo da identidade regional. Diferente de outros clubes brasileiros, sua torcida se constrói em um território onde as interações culturais, econômicas e sociais entre brasileiros e bolivianos são constantes (Souza, 2024). Nesse sentido, compreender o papel da fronteira na construção da identidade da torcida do CFC exige atenção à sua presença nos estádios, à relação com a comunidade que habita essa região e à maneira como o clube se insere nesse contexto singular.

A região fronteira, por sua própria natureza, caracteriza-se pelo constante movimento de sujeitos com identidades distintas, onde as trocas ocorrem de maneira diversificada. Essas interações promovem relações e contatos entre indivíduos que se conectam por meio da religião, dos costumes e do folclore, elementos que podem tanto aproximar quanto distanciar os habitantes da fronteira (Oliveira; Correia; Oliveira, 2017).

O futebol, por sua vez, exerce uma influência profunda sobre diversas camadas sociais, sendo um elemento central da identidade nacional em diferentes países, incluindo o Brasil. Sua importância vai além do entretenimento, funcionando como um norteador de vidas ao criar vínculos afetivos que perpassam gerações e transcendem as barreiras territoriais. Um exemplo disso é a maneira como torcedores moldam suas rotinas e laços sociais em torno de seus clubes, reforçando um senso de pertencimento e comunidade (Souza, 2024). Como apontam Souza et al. (2011), o futebol ultrapassa as linhas demarcatórias do campo e desempenha um papel essencial na integração social.

De modo complementar, Freitas e Trigo (2019) ressaltam que essa integração ocorre tanto entre indivíduos quanto entre grupos sociais distintos, fortalecendo laços identitários e culturais. Além disso, conforme Golin, Rizzo e Scaglia (2022) destacam, o futebol se constitui como um formador de identidade, pois carrega consigo um conjunto de significados que influenciam diretamente seus torcedores. Esse fenômeno se manifesta de maneira ainda mais evidente em regiões de fronteira, como a analisada neste último estudo citado.

Por isso, ao destacarmos e explorarmos o conceito de fronteira, é fundamental compreender seu significado, já que a fronteira se diferencia dos limites internacionais (Machado, 1998). Segundo a autora, a primeira representa um espaço de vivências, experiências, conflitos e trocas, enquanto o segundo se refere à linha divisória resultante de acordos entre Estados. Nesse sentido, o conceito de fronteira é mais amplo e remonta a tempos mais antigos que o de limite internacional, pois os limites estão ligados ao domínio do Estado, definindo e delimitando as divisões entre países. Em contraste, as fronteiras possuem dinâmicas próprias e são marcadas por vivências e interações diversas, atuando como um fator de integração ao se configurar como uma zona de interpenetração mútua, marcada pelo constante manejo de estruturas sociais, políticas e culturais distintas. Por outro lado, o limite é compreendido como um agente divisor, responsável por separar unidades políticas soberanas. Diferentemente da fronteira, o

limite é caracterizado como um bloqueio fixo, que desconsidera a presença de fatores comuns, sejam eles físico-geográficos ou culturais (Machado, 1998).

Dorfman e Bentancor (2005) afirmam que a sociedade na região fronteira constrói uma identidade ao transpor diversas relações, num entrelaçamento de atividades econômicas, sociais e culturais, gerando práticas compartilhadas que contribuem para a formação de uma identidade fronteira. Os habitantes dessas áreas frequentemente cruzam a linha demarcada com a espontaneidade de quem não vê a divisão como um obstáculo, o que pode garantir um sentido de pertencimento e a ocupação do espaço sem uma preocupação excessiva com o limite.

Esse é o contexto onde o CFC está localizado, na região fronteira Brasil-Bolívia, formada pelas cidades brasileiras de Corumbá e Ladário, a mais de 400 km da capital do estado de MS, com as cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, ambas na Bolívia. Ressaltamos ainda que a região se caracteriza por diversos fluxos de mobilidade, como: a) os migrantes permanentes, que fixam residência nas cidades fronteiriças; b) os migrantes em trânsito, que atravessam as cidades em deslocamento para outras regiões; e c) os migrantes pendulares, que cruzam o limite com regularidade, seja para acesso a serviços de saúde, educação, trabalho ou comércio, estabelecendo residência em uma das cidades e circulando pelas demais (Arruda; Araújo, 2021). No caso da região onde está situado o CFC, as três tipologias migratórias estão presentes, com ênfase na terceira, dos migrantes pendulares, já que a mobilidade pendular é uma prática cotidiana.

Tanto brasileiros quanto bolivianos, entre outras nacionalidades, transitam diariamente por esse limite, atendendo a diversas necessidades, inclusive para prestigiar jogos, eventos e apoiar o CFC. Essa realidade de ser representada de forma evidente em um vídeo promocional da Copa do Brasil de 2018, produzido pela CBF e divulgado pelo canal Portal da Torcida (2018)³. O vídeo retrata a trajetória de um torcedor boliviano atravessando a fronteira entre Brasil e Bolívia para acompanhar uma partida do CFC pela Copa do Brasil. O mesmo canal enfatiza o depoimento do torcedor, sua presença e admiração pela mobilização do público nos jogos, além de evidenciar o apoio à equipe tanto nos momentos favoráveis quanto nos desafiadores.

³ O vídeo está disponível no canal do Youtube **Portal da Torcida**, no qual foi divulgado o vídeo denominado “Os estreantes – contos do povo da bola” (https://www.youtube.com/watch?v=DN_xE2tZGzs&t=90s).

Nesse mesmo contexto, o trabalho de Souza (2024, p. 112) capta dados importantes, quando relata o depoimento de um participante sobre o CFC, sobretudo sobre representar a região fronteiriça, na qual desperta sua identificação com o time, levando-o a apoiá-lo e torcer pelo clube, conforme transcrevemos: “[...] creio que é um time que representa ambas as fronteiras, como se fosse a mesma cidade, tanto Puerto Quijarro quanto Corumbá. [...] Sempre nos apoiamos o CFC[...].” (Torcedor D).

Ressaltamos que, o ato de torcer, segundo Davis (2015), pode ser entendido como uma forma de lazer, interpretado como um fenômeno social no qual os indivíduos buscam sentimentos de alegria e pertencimento. Essa experiência permite que os torcedores expressem suas emoções, apoiem o time e estabeleçam uma identificação profunda com o clube. Para alguns indivíduos, o ato de torcer adquire um significado de profunda identificação (Damo, 2007), promovendo a construção de uma identidade pessoal e/ou um senso de pertencimento a um grupo. Nesse contexto, o futebol, enquanto expressão esportiva, desempenha múltiplas funções sociais, configurando uma rica rede de significados para os indivíduos. Dentre essas funções, destacamos a sua capacidade de fomentar sentimentos de identificação cultural e simbólica, especialmente entre os torcedores das regiões fronteiriças (Golin; Rizzo; Scaglia, 2022).

Por outro lado, ao considerarmos identidade como um conjunto dinâmico de características, experiências e práticas compartilhadas por um grupo, reconhecemos que ela não é algo fixo ou imutável, mas sim em constante construção e resignificação. A identidade se forma a partir de interações sociais e culturais, sendo influenciada por fatores históricos, políticos e geográficos. No caso dos habitantes de regiões fronteiriças, esse processo identitário se torna particularmente complexo, uma vez que suas experiências de vida são moldadas por uma constante negociação entre diferentes culturas, línguas e símbolos (Hall, 2003).

Portanto, o elemento identitário se torna uma dimensão intrínseca à vida dos habitantes fronteiriços, incorporando um conjunto diversificado de conexões tangíveis e intangíveis. Isso proporciona aos residentes desse espaço experiências e oportunidades de convivência, além da possibilidade de trânsito, tanto físico quanto cultural, através das fronteiras. Esse cenário confere a eles características que simbolizam sua condição fronteiriça (Klausberger, 2023).

Diante do exposto, é possível compreender que a região fronteiriça em estudo se caracteriza por singularidades culturais e identitárias que a diferenciam de outros

contextos. A circulação cotidiana de brasileiros e bolivianos, a mobilidade pendular, a convivência com múltiplas línguas, práticas religiosas e manifestações culturais compartilhadas conferem a esse espaço uma identidade híbrida e constantemente ressignificada. Nesse cenário, o futebol e, em especial, o CFC atua como um elo simbólico capaz de traduzir essas experiências fronteiriças, condensando sentimentos de pertencimento, integração e reconhecimento coletivo. Assim, as singularidades desse território revelam-se tanto nas práticas sociais cotidianas quanto no modo como o clube mobiliza torcedores de diferentes origens em torno de um mesmo emblema identitário.

Breve relato histórico sobre o futebol em MS e do CFC

Na região que hoje corresponde ao estado de MS⁴⁴, o futebol enquanto esporte organizado, se origina em 30 de agosto de 1938, com a fundação da Liga Esportiva Municipal de Amadores (LEMA). Essa entidade foi mais tarde renomeada de Liga Esportiva Municipal Campo-grandense (LEMC), conforme aponta Araújo (1998). Já na década de 1960, a LEMC adotou características profissionais com a organização de eventos esportivos e a construção de um grande estádio na cidade de Campo Grande, capaz de comportar jogos de maior relevância e atrair grandes públicos (Araújo, 2002).

Já na década de 1970, surgiram os primeiros clubes de futebol profissional com sede no município de Campo Grande: o Operário Futebol Clube e o Esporte Clube Comercial. Esses clubes começam a competir locais—e torneios nacionais, alavancando o esporte no Estado. Na sequência, no correr dos anos, são fundados outros clubes, como o Noroeste Futebol Clube; o Esporte Clube Taveirópolis; o Esporte Clube Ubiratan; o União Futebol Clube, e a Sociedade Esportiva Noroeste, todos esses também na cidade de Campo Grande (Araújo, 2005). Também surgiram equipes que tiveram origens ligadas aos grupos profissionais e/ou sociais, como o time dos sapateiros, dos alfaiates, a associação desportiva universitária, a equipe da colônia japonesa, da base aérea e do exército brasileiro (Araújo, 2002).

Dentro desse contexto, destaca-se o CFC, que foi fundado antes de todo esse movimento, mais precisamente em 1 de janeiro de 1914, conforme registrado na ata de sua primeira sessão ordinária em 22 de janeiro do mesmo ano (CFC, 1914). Um dos

⁴⁴ Até 1977, o atualmente conhecido Estado de Mato Grosso do Sul, compunha o Estado do Mato Grosso (MT).

times mais antigos em atividade no atual estado de MS, o CFC participa de competições estaduais e demais campeonatos oficiais do futebol brasileiro, sendo que a sua trajetória teve início no futebol amador, conquistando a Taça Cidade de Corumbá em 1920, 1922 e 1923 (Mello, 2017). Já a sua profissionalização veio em 1973, impulsionada pelo tricampeonato da Liga de Esportes de Corumbá (LEC), conquistado consecutivamente os campeonatos de 1970 a 1972 (Yunes, 2022).

O auge do clube ocorreu na década de 1980, com destaque para a conquista do Campeonato Sul-Mato-Grossense em 1984 (Albertoni, 2018). Após essa conquista, o CFC traçou trajetória que alternou entre o futebol amador e profissional (Prefeitura de Corumbá, 2009), existem poucos dados depois deste momento sobre o clube, o que nos leva a supor sua inatividade profissional na década de 90 até 2004. O clube retornou ao cenário profissional em 2005, conquistando o título da segunda divisão em 2006 e garantindo vaga na primeira divisão no ano seguinte (Yunes, 2016). No entanto, enfrentou dificuldades com dois rebaixamentos consecutivos em 2011 e 2013, comemorando seu centenário disputando a Série B (Fernandes, 2013).

Com novos investimentos de empresas locais e do poder público, o CFC retornou à elite do futebol Sul-mato-grossense em 2015, chegando às semifinais do campeonato (Albertoni, 2015; Nascimento, 2015). Mas foi apenas em 2017 que o Clube conquistará novamente o campeonato estadual, 33 anos após sua primeira conquista (Bogo, 2017). Esse feito possibilitou ao clube disputar a Copa do Brasil e a Copa Verde em 2018 (Albertoni, 2017), porém naquela oportunidade conquistou apenas o vice-campeonato estadual no mesmo ano (Nunes, 2020), garantindo sua participação na Copa do Brasil e no Brasileiro da Série D em 2019 (Cabral, 2019).

Após esse período de êxitos e participação em competições nacionais, o clube mais uma vez enfrentou o afastamento do futebol profissional. Durante o Campeonato Sul-Mato-Grossense de 2020, já com a competição em andamento, o CFC submeteu à Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FFMS) um pedido de desistência do torneio, justificando, inicialmente, a pandemia de Covid-19, além de problemas financeiros e despesas relacionadas à primeira fase da competição (Rodrigues, 2020).

Diante desse cenário de incerteza e afastamento, a torcida do CFC demonstrou sua fidelidade por meio de iniciativas que mantiveram vivo o vínculo com o clube. Um exemplo disso foram as ações realizadas durante a pandemia da Covid-19, nas quais membros de uma torcida organizada tomaram a iniciativa de promover ações sociais

voltadas para pessoas em situação de vulnerabilidade. Esse movimento auxiliou diferentes segmentos da sociedade, com o propósito de oferecer apoio, mesmo com a suspensão das competições de futebol no país. Dessa forma, essas atividades sociais contribuíram significativamente para fortalecer a identificação com o clube fronteiriço, construída ao longo dos anos, garantindo que os torcedores permanecessem presentes e engajados com seu time de coração (Souza, 2024).

O retorno ao futebol profissional ocorreu em 2023, com a participação na Série B do Campeonato Estadual de Futebol, garantindo vaga na Série A de 2024 ao conquistar o segundo lugar (Albertoni, 2023). Também destacamos que a torcida do CFC, mesmo diante das idas e vindas do time no cenário profissional, nunca deixou de apoiar o clube. Esse vínculo se manteve forte nas vezes em que o CFC participou esporadicamente do futebol amador de Corumbá, como em 2009, quando faturou o título do campeonato de futebol amador LEC/FUNEC, reafirmando a paixão e a fidelidade de seus torcedores (Gonçalves Junior, 2024).

Ressaltamos que, mesmo durante os períodos de inatividade, a paixão pela equipe permaneceu forte, até porque embora o time estivesse atuando no campeonato amador, dados apontam que mais de mil torcedores compareceram ao estádio oficial do clube, reafirmando a resistência e o vínculo profundo entre o CFC e torcida (Souza, 2024). A história do clube, portanto, não é apenas um relato de superação do time, mas também um testemunho da lealdade de seus torcedores (Nascimento, 2015).

Singularidades da Torcida e o CFC

O sentimento de pertencimento a uma torcida envolve estar cercado por pessoas que compartilham os mesmos objetivos, a mesma causa e os mesmos desejos. Nesse contexto, cria-se um ambiente de colaboração, troca de experiências e apoio mútuo, com o intuito de assegurar o sucesso do grupo, sempre em defesa do clube com o qual todos se identificam (Gottlieb; Raupp, 2019). Já segundo Santos (1999), a identidade é o sentimento de pertencimento a algo que nos impacta profundamente. Nesse contexto, na fronteira Brasil-Bolívia, a ligação entre os torcedores e o CFC surge como um elemento crucial para compreender a relação entre o clube e a comunidade local. Isso é evidenciado, por exemplo, pelo grande público que comparece nos jogos, composto, em sua maioria, por torcedores da região fronteiriça entre Brasil e Bolívia.

Neste sentido, Rafael (2017) ressalta que a média de público nas partidas em casa do alvinegro pantaneiro (CFC) ultrapassa todas as outras partidas disputadas no Campeonato Estadual desde 2010. Para ilustrar, podemos ver no Quadro 1, que o CFC teve a maior renda de todo o campeonato de futebol do MS, ficando em primeiro lugar em público e renda em jogos oficiais.

Quadro 1: Público e renda durante o campeonato de futebol de Mato Grosso do Sul em 2010.

Público e renda no ano de 2010		
Clube	Público	Renda
Corumbaense	13.422	91.454,50
Naviraí	5.311	55.402,50
Aquidauana	5.284	34.170,00
Itaporã	3.484	23.020,00
Águia Negra	3.289	22.890,00
Cene	3.130	16.510,00
Comercial	2.695	12.530,00
Misto	2.189	20.505,00
Pantanal (Ladário)	2.077	11.530,00
Ivinhema	1.960	16.660,00
Serc	1.601	14.575,00
Costa Rica	1.158	7.735,00
Rio Verde	940	9.075,00
Urso	796	4.890,00
Sete de Setembro	619	14.575,00
MS Saad	486	4.385,00
União	362	2.972,00
Guaicurus	272	2.385,00
TOTAL	49.075	365.264,00

Fonte: Extraído de Rafael (2017, p. 44)

Rafael (2017) complementa que a participação da torcida foi maciça também durante a campanha do clube em 2017, ano em que o CFC conquistou o bicampeonato estadual. Nesse período, o clube registrou o maior público pagante da competição, conforme pode ser verificado no Quadro 2.

Quadro 2: Público e renda durante o campeonato de futebol de Mato Grosso do Sul em 2017.

Público e renda no ano de 2017		
Clube	Público	Renda
Corumbaense	23.751	R\$ 190.748,00
Operário	12.633	R\$ 136.579,50

Sete de Setembro	6.023	R\$ 41.537,00
Novo	4.606	R\$ 79.384,00
Comercial	4.521	R\$ 62.425,00
Águia Negra	3.741	R\$ 31.185,50
Urso	2.383	R\$ 20.475,00
Serc	2.026	R\$ 16.324,00
União ABC	1.859	R\$ 12.509,00
Naviraiense	1.107	R\$ 11.300,00
Costa Rica	941	R\$ 8.685,00
Ivinhema	783	R\$ 7.847,50
TOTAL	64.374	R\$ 618.999,50

Fonte: Extraído de Rafael (2017, p. 43)

A participação ativa dos torcedores, nessa parte evidenciado pela questão público e renda, demonstra o papel do CFC como um elemento de construção de identidade regional na fronteira Brasil-Bolívia. Esse vínculo é percebido também durante os seus jogos oficiais, como ocorrido durante o Campeonato Estadual da Série B de 2023, quando o clube conquistou a vaga para a Série A de 2024 e a torcida demonstrou grande participação (Figura 1).

Figura 1 - A torcida apoiando o CFC, pela segunda rodada do Campeonato Estadual Série B de Futebol de MS 2023, contra a equipe do Águia Negra (ECAN)



Fonte: Diário Corumbaense (2023)

Em 2024, já na primeira divisão do campeonato de MS, a dedicação dos torcedores fronteiriços manteve-se notável, algo que ficou igualmente se comparado quando o CFC esteve na série B. Essa constância e intensidade no apoio ao CFC evidenciam o forte poder que o futebol desperta nos torcedores da região fronteiriça, reforçando a identificação coletiva em torno do clube (Souza, 2024).

Nesse contexto, conforme o Arquibancada-MS (2024), o CFC liderou a média de público no campeonato estadual de 2024, registrando os três maiores públicos na fase de grupos, como ilustrado nas Figuras 2 e 3.

Figura 2 – Publicação dos três maiores públicos na primeira fase do Campeonato de Futebol de Mato Grosso do Sul 2024



Fonte: Arquibancada MS (2024) - via Instagram

Figura 3 – *Ranking* de média de público no Campeonato de Futebol de Mato Grosso do Sul – 2024.



Fonte: Arquibancada MS (2024) - via Instagram

Conforme os dados apresentados, a torcida do CFC foi a que mais buscou frequentar os estádios durante a competição. Assim, podemos entender que, o futebol não apenas desperta paixões, mas também fortalece vínculos de identidade, elevando a relação do torcedor com seu clube a um nível quase sagrado (Bromberger, 1998).

Para Hall (2003), a identidade é um conceito dinâmico que se refere ao modo como os indivíduos constroem a percepção de si mesmos em relação aos grupos sociais com os quais interagem. Ela é moldada por experiências, valores e contextos culturais e, frequentemente, está ligada aos sentimentos de pertencimento e distinção. No contexto esportivo, Hall (2003) destaca que a identidade pode ser fortemente influenciada pela conexão emocional com clubes, times ou comunidades, sendo um elemento-chave na formação de vínculos sociais e na expressão de lealdade coletiva. Assim, o futebol pode ser considerado um dos mais significativos fenômenos culturais do mundo, estando intrinsecamente associado à educação e à linguagem de um povo. Esse vínculo contribui para a formação e a representação das identidades nacionais dentro de um processo sociocultural mais amplo (Giulianotti, 2002).

Por isso, entendemos que a maioria dos torcedores acabam expressando seus sentimentos também de pertencimento à uma determinada agremiação, o que lhes possibilita manifestar apoio ao clube com o qual se identificam (Davis, 2015). Por

exemplo, o trabalho de Silva (2011) aponta que os torcedores acompanham o clube de coração com o intuito de expressar esse pertencimento. Essa conexão é fortalecida por meio de emoções compartilhadas, vivências coletivas e pela história do clube (Gottlieb; Raupp, 2019).

Essa relação pode ser vista no CFC e seus torcedores, até porque estabelece uma forte aproximação entre o torcedor fronteiriço e o clube, evidenciando o profundo engajamento e a lealdade dos torcedores em relação ao time. Esse vínculo se intensifica nas vitórias do CFC nos campeonatos de representação em MS, como visto especialmente nos títulos de 1984 e 2017, momentos que representam não apenas conquistas esportivas, mas também a afirmação de uma identidade coletiva, alimentada pela paixão e pelo pertencimento à história do clube fronteiriço (Souza, 2024).

Neste contexto, devemos destacar que o CFC desempenha um papel crucial na região, promovendo a integração entre moradores e aproximando torcedores e jogadores, o que favorece a interação na comunidade local. Lacerda e Rocha (2023, p. 6) exemplificam outra região, destacam que, ao se envolverem com o clube, os indivíduos criam “[...] uma razão para torcer [...]”, na forma como cada torcedor é, seja espectador ou integrante de torcida organizada, demonstrando uma forma única de pertencimento, identidade.

Devemos entender que isso também é impulsionado pela região onde o CFC está localizado, ela acaba sendo um dos elementos que contribui para um fortalecimento de proximidade da comunidade local com o clube. Assim, na região de fronteira, o futebol acaba atuando como uma força unificadora, congregando indivíduos de diferentes origens, nativos brasileiros e os bolivianos, promovendo um forte senso de comunidade local, fronteiriça (Souza, 2024). Nessa perspectiva, acaba fortalecendo os laços entre torcedores, construindo uma identidade coletiva que transcende as diferenças (Foer, 2005).

Sabemos que uma convivência salutar em uma região de fronteira favorece singulares oportunidades e dinâmicas na qual pessoas de diferentes nacionalidades e culturas se encontram e interagem cotidianamente. Esses encontros promovem não apenas o compartilhamento de experiências e tradições, mas também impactam aspectos políticos e sociais, criando um ambiente transfronteiriço marcado pela diversidade, pelas trocas culturais e pela construção de identidades compartilhadas (Machado, 2000).

O futebol na região de fronteira Brasil-Bolívia atua como uma força unificadora que transcende diferenças, e o CFC funciona como um elo que conecta pessoas de distintas origens, culturas e nacionalidades, fortalecendo o sentimento de pertencimento e identidade entre seus torcedores. Esse senso de pertencimento à torcida representa estar rodeado por indivíduos que compartilham o mesmo objetivo, a mesma causa e o mesmo desejo, que é torcer pelo CFC (Souza, 2024). Desta forma, emergem colaboração, troca de experiências e apoio mútuo, todos direcionados ao sucesso do clube que se identificam (Gottlieb; Raupp, 2019).

No trabalho de Souza (2024) os resultados apontam que essa identificação é reforçada pelo fato de o time estar localizado em uma região de fronteira, pela interação que possuem com jogadores do clube, bem como outros fatores apresentados. Os dados coletados nesse trabalho, junto aos 12 participantes que moram na Bolívia, evidenciaram que 33,33% desses indivíduos bolivianos responderam que se identificam com o CFC pelo fato de ser o representante da fronteira Brasil-Bolívia. Enquanto que 16,67% relataram que essa identificação com o clube surgiu a partir de uma relação de amizade que eles têm com os jogadores; 8,33% se identifica porque o clube apresenta grandes jogadores; 8,33% expressou sua identificação devido ao clube possuir jogadores locais da cidade de Corumbá-MS; 8,33% afirmou que se identifica por considerar o time aguerrido; 8,33% relatou que se identifica porque trabalha nas feiras realizadas na cidade de Corumbá-MS e isso contribui porque ficar sabendo de notícias locais sobre os jogos do CFC; 8,33% expressou que torce e se identifica por causa do pai, ou seja, essa identificação foi passada pela família; e apenas um entrevistado não soube responder.

Embora Souza (2024) tenha descrito uma pulverização de respostas sobre a identidade com o CFC, o depoimento de dois participantes é importante ser destacado, até porque ao associarem sua identidade ao clube ressaltam que essa conexão se dá, em grande parte, pela localização na fronteira: “[...] E, por a gente estar na fronteira[...]” (Torcedor H); “Eu sou boliviano, mas o Corumbaense é perto da Bolívia, é em Corumbá[...], aqui na fronteira, por isso nós nos sentimos identificados com o Corumbaense” (Torcedor I).

Por ser a fronteira um destaque na fala desses torcedores fronteiriços, entendemos que essa conexão ganha ainda mais relevância ao compreendermos a fronteira como um espaço dinâmico de edificação de múltiplas identidades e

pertencimentos, conforme discutido por Mezzadra (2015). Mais do que uma simples linha divisória, a fronteira é um território de interação e troca, onde as identidades se cruzam e se fortalecem mutuamente. No caso dos torcedores fronteiriços, essa dinâmica proporciona uma oportunidade singular de identificação com o CFC, algo que dificilmente ocorreria sem a proximidade geográfica e os laços culturais que caracterizam a região fronteira Brasil-Bolívia.

Outro ponto relevante de destaque no trabalho de Souza (2024) é a relação de proximidade e amizade que os torcedores mantêm com os jogadores do time, especialmente com aqueles oriundos da região fronteira. Essa convivência estreita desempenha um papel crucial na motivação desses torcedores para acompanharem não apenas os jogadores, mas também o clube como um todo. Essa interação fortalece o sentimento de pertencimento e a identificação com o CFC, reforçando os laços entre a equipe e sua torcida.

A conexão próxima entre os torcedores fronteiriços e o CFC é significativamente influenciada pela proximidade territorial e pelos laços culturais característicos da região limítrofe. Esse elo é nutrido por um forte sentimento de pertencimento e identificação, fortalecido pelas interações sociais e pela convivência compartilhada nesse espaço regional. Tal vínculo, por sua vez, não apenas intensifica a admiração e o apoio ao time, mas também fomenta o envolvimento ativo dos torcedores, permitindo-lhes sentir-se integrantes essenciais do CFC e da cultura futebolística da fronteira Brasil-Bolívia (Souza, 2024).

Além desses aspectos culturais e sociais, a relação entre torcida e clube também se fortalece por meio da presença constante de jogadores na região. Alguns atletas do CFC e ex-jogadores, devido ao curto calendário do campeonato de futebol em MS, que dura apenas três meses, acabam disputando campeonatos na Bolívia ao término da competição estadual. Muitas dessas partidas ocorrem nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suárez, o que intensifica ainda mais a proximidade entre torcedores, jogadores e o clube, consolidando essa relação singular na fronteira (Gonçalves Junior, 2024). O mesmo autor, destaca que, essa sazonalidade pode ser considerada para esses jogadores um complemento de renda manutenção da parte física e técnica, haja vista que esses jogadores almejam sempre estarem aptos para voltar ao cenário futebolístico profissional.

Para Souza (2024) o vínculo entre os torcedores fronteiriços e o CFC desempenha um papel crucial na promoção da coesão social e no fortalecimento da identidade coletiva, criando uma comunidade unida pelo amor ao futebol. O CFC se transforma em um símbolo de pertencimento e identidade, representando não apenas a paixão pelo esporte, mas também o orgulho da região fronteiriça. Essa conexão vai além dos jogos, tornando-se um espaço de interação, solidariedade e reforço dos laços culturais e sociais. De tal modo, o clube transcende sua função esportiva, agregando torcedores e consolidando a união comunitária na fronteira Brasil-Bolívia.

Diante desse panorama, no qual a identidade se revela como elemento dinâmico e em constante negociação nas regiões de fronteira, torna-se necessário observar como tais processos se manifestam de forma concreta na realidade do Corumbaense Futebol Clube e de sua torcida. É justamente nesse ponto que emergem as singularidades do CFC, expressas não apenas na condição de clube esportivo, mas também na forma como mobiliza torcedores de diferentes nacionalidades, reafirmando sua posição como símbolo de integração e pertencimento fronteiriço.

Portanto, os jogos oficiais do CFC oferecem não apenas uma forma de lazer, mas também uma oportunidade de integração, pertencimento e identificação, permitindo que os indivíduos escapem do ócio e fortaleçam seus laços sociais (Souza, 2024). Nesse sentido, embora a identidade seja um aspecto central nas manifestações da torcida corumbaense, é possível identificar características próprias que tornam tanto o clube quanto seus torcedores singulares no contexto da fronteira Brasil-Bolívia. Entre elas, destacam-se a presença de uma torcida binacional, composta por brasileiros e bolivianos que compartilham o mesmo emblema esportivo; a mobilidade pendular, que permite a muitos atravessar a fronteira para acompanhar jogos; e a convivência cultural marcada pela mescla de línguas, sotaques, músicas e símbolos identitários nas arquibancadas.

Além disso, sobressai a proximidade entre torcedores e jogadores, favorecida pelo caráter comunitário da região, bem como a participação de atletas em competições na Bolívia, que reforça os vínculos com a torcida local (Souza, 2024). Tais características evidenciam que o CFC transcende a condição de equipe esportiva para se consolidar como um símbolo da região fronteiriça. Desse modo, o clube atua como um catalisador de pertencimento e integração, convertendo a experiência futebolística em um fenômeno social e cultural singular, capaz de unir indivíduos de diferentes nacionalidades em torno de uma identidade compartilhada.

Considerações finais

O futebol no Mato Grosso do Sul, especialmente representado pelo CFC, transcende os limites de uma prática esportiva, refletindo uma expressão de identidade cultural e regional profundamente conectada às dinâmicas sociais, econômicas e culturais da fronteira Brasil-Bolívia. O clube, com sua trajetória histórica marcada por conquistas, adversidades e recomeços, tornou-se muito mais do que um time de futebol; ele é um símbolo vivo de pertencimento e coesão social para os torcedores fronteiriços.

A relação entre o clube e seus torcedores revela um elo de profunda conexão. Para a comunidade fronteiriça, o clube é a representação de uma identidade regional que se fortalece tanto em momentos de glória quanto nos desafios enfrentados pelo time. Essa identidade é reforçada pela capacidade do CFC de mobilizar torcedores e transcender barreiras geográficas, aproximando torcedores fronteiriços em um espaço comum de celebração e pertencimento.

Em uma região onde as influências culturais, linguísticas e históricas se entrelaçam, o CFC atua como um elemento unificador, consolidando uma identidade coletiva que ultrapassa os limites territoriais. O futebol, aqui, assume um papel de integração sociocultural, conectando pessoas de diferentes origens e realidades por meio de histórias, memórias e emoções compartilhadas nas arquibancadas e além delas.

A presença constante dos torcedores nos estádios, independentemente da divisão em que o clube esteja, exemplifica a resiliência e a paixão que marcam essa relação. Para muitos, torcer pelo referido clube é uma forma de reafirmar sua identidade corumbaense e/ou fronteiriça ao expressar o orgulho de pertencer a uma região rica em diversidade cultural e histórica. Alguns dados aqui demonstraram que quando o CFC entra em campo, ele carrega consigo não apenas os sonhos de uma parte da população da cidade, mas o espírito de uma comunidade fronteiriça que se encontra e congrega no futebol. Portanto, a relevância do CFC transcende o âmbito esportivo. O clube se consolida como uma peça essencial na construção de pertencimento e identidade da comunidade, atuando como um emblema de representatividade da região fronteiriça. Suas conquistas, desafios e recomeços se entrelaçam com a história local, tornando-se parte da memória coletiva e reforçando o papel do futebol como um fenômeno sociocultural integrador.

Por fim, o CFC não apenas representa a paixão pelo futebol, mas também simboliza a resistência e o orgulho de uma região que vive a singularidade de ser fronteira. Essa condição se expressa na presença de torcedores de diferentes nacionalidades e na convivência cultural que se materializa no estádio. Ao unir brasileiros e bolivianos em torno do mesmo emblema, o clube transforma-se em uma ponte simbólica, conectando nações e reafirmando o valor da identidade compartilhada. Assim, o CFC consolida-se muito mais que um time de futebol: é a expressão vibrante de pertencimento, integração e identidade de uma comunidade fronteira única.

Referências

ALBERTONI, Ricardo. *Corumbaense sobe para 3ª colocação e aumenta chance de classificação*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 14 mar. 2015. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=75237>. Acesso em: 8 dez. 2024.

ALBERTONI, Ricardo. Estadual: *Corumbaense leva mais torcedores ao estádio que os três times da Capital Juntos*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 30 mar. 2016. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=83970>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ALBERTONI, Ricardo. *Corumbaense começa a definir equipe para temporada 2018; autor de gol na final está de volta*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=98370>. Acesso em: 13 dez. 2024.

ALBERTONI, Ricardo. *Corumbaense bate ASA e enfrenta o Vitória na segunda fase da Copa do Brasil*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 7 fev. 2018. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=100148>. Acesso em: 13 dez. 202.

ALBERTONI, Ricardo. *Com retorno do Corumbaense, Estadual da Série B começa neste domingo*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 14 out. 2023. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=141089>. Acesso em: 4 jan. 2024.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *Futebol, uma fantástica paixão – A história do futebol campo-grandense*. Tomo I. Campo Grande: Associação de Novos Escritores de MS, 1998.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *Baluartes do futebol campo-grandense*. Campo Grande: Associação de Novos Escritores de MS, 2002.

ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *Craques do futebol campo-grandense*. Campo Grande: Associação de Novos Escritores de MS, 2005.

ARRUDA, Luana Barreto de; ARAUJO, Ana Paula Correia de. *A migração boliviana para trabalho nas feiras livres de Corumbá-MS*. Revista GeoPantanal, Corumbá, v. 16, n. 31, pp. 182-198, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/15419> Acesso em 15 de fev. 2025.

BOGO, Amanda. *Em dia de casa cheia, Corumbá recebe reforço policial para decisão*. Campo Grande News On-Line, Campo Grande, 7 maio 2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/esportes/em-dia-de-casa-cheia-corumba-recebe-reforco-policial-para-decisao>. Acesso em: 15 fev.2025.

BROMBERGER, Christian. *Futebol: a bagatela mais séria do mundo*. Paris: Bayard, 1998.

CABRAL, Leonardo. *Corumbaense perde e está eliminado do Brasileiro da Série D*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 9 jun. 2019. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=110512>. Acesso em: 8 jan. 2024.

CFC – CORUMBAENSE FUTEBOL CLUBE. *Ata de 1ª Sessão Ordinária*. Corumbá-MS, 22 jan. 1914. Acervo do Clube.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/Ed. Anpocs, 2007.

DAVIS, Leon. *Football fandom and authenticity: a critical discussion of historical and contemporary perspectives*. Soccer & Society, s.l., v. 16, n. 2-3, pp. 422-436, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/14660970.2014.961381>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2014.961381> . Acesso em: 20 jan. 2025.

DORFMAN, Adriana; BENTANCOR, Gladys Teresa. *Regionalismo fronteiriço e o acordo para os nacionais fronteiriços brasileiros uruguaios*. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. (Org.). Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005. p. 195 - 228.

FERNANDES, Marcelo. *Rebaixado para a Série B, Corumbaense fez pior campanha em estaduais*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 17 mar. 2013. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=55992>. Acesso em: 7 jan. 2023.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora: Zahar, 2005.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *O processo de transformação do futebol como elemento da identidade nacional brasileira*. Fúlia – UFMG, v. 4, n. 3, set.-dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.4.3.115-134>. disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/22206>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOLIN, Carlo Henrique; RIZZO, Deyvid Tenner Souza; SCAGLIA, Alcides José. *Identidade e predileção por times de futebol entre alunos de uma escola fronteiriça (Brasil-Bolívia)*. Eccos – Revista Científica, São Paulo, n. 61, pp. 1-18 e21748, abr.-jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.21748>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/21748>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GONÇALVES JUNIOR, Osvaldo. *O movimento migratório sazonal dos atletas de futebol profissional na região fronteiriça Brasil-Bolívia*. 160 f. Dissertação (Mestrado Programa de Pós Graduação em Estudos Fronteiriço) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/9615>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GOTTLIEB, Cassiano dos Santos; RAUPP, Luciane Maria Wagner. *As implicações da força simbólica das instituições e da ideia de pertencimento a uma comunidade: o caso da paixão por um time de futebol entre estudantes universitários*. Revista iCom – Pensamento Crítico em Comunicação, Taquara, v. 2., n. 1, pp. 116-140, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/ricom/article/view/1387>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GOULART, Paulo Cezar Alves. *Pontapé inicial para o futebol no Brasil: o bate-bolão e os esportes no Colégio São Luís: 1880-2014*. Vargem Grande Paulista: A9 Editora, 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KLAUSBERGER, Marcos Irineu. *Entre tempos, identidades e (trans)territorialidades: fronteira Santana do Livramento (Br)-Rivera (UY)*. Revista Territórios e Fronteiras, s.l., v. 16, n. 2, pp. 333-361, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1123>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1123>. Acesso em: 13 fev. 2025.

LACERDA, Maria Eduarda Bezerra; ROCHA, Edson Swendsen Ferreira da. *O futebol paraibano e as razões de torcer por times locais*. Revista Mosaico, s.l., v. 14, n. 1, pp. 48-57, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21727/rm.v14i1.3586>. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3586>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteira, redes, In: STROHAECKER, Tânia Marques; DAMIANI, Anelisa; SCHAFFER, Neiva Otero; BAUTH, Nely; DUTRA, Viviane Saad. (Orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB, 1998, pp. 41-43.

MACHADO, Lia Osório. *Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade*. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 8, pp. 7-23, jan.-jun., 2000. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/323548220_Limites_e_fronteras_da_alta_diplomacia_aos_circuitos_da_ilegalidade . Acesso em: 15 jun. 2025.

MASCARENHAS, Gilmar. *O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios*. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo. (Orgs.). *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia*. Salvador: Edufba, 2012, pp. 67-85.

MELNIKOV, Petr. FERREIRA, José Saraiva. *Breve relato sobre o futebol no estado de Mato Grosso do Sul*. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 162, Noviembre de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MELLO, Sérgio. *História do Futebol –Fotos Raras, de 1923: Corumbaense Futebol Clube – Corumbá (MS)*.S.l., n.p.,27 abr. 2017. Disponível em: https://historiadofutebol.com/blog/?p=106060%20https://www.campeoesdofutebol.com.br/mato_grosso_sul_historia.html. Acesso em: 15 jan. 2025.

MEZZADRA, Sandro. *Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade*. Remhu – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Dossiê Migrações e Fronteiras, Brasília, v. 23, n. 44, pp. 11-30, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004402> . disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/500> . Acesso em: 15 mar. 2025.

MURAD, Maurício. *Corpo, magia e alienação negras no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social*. Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, n. 0, pp. 71-78, 1994. Disponível em: https://ludopedio.org.br/biblioteca/corpo-magia-e-alienacao-o-negro-no-futebol-brasileiro-por-uma-interpretacao-sociologica-do-corpo-como-representacao-social/?srsltid=AfmBOooBsHOyfDL4_mhLwy0raukyQzV7wGhKv8_mYrcTR3xTX6K1SYZU . Acesso em: 18 mar. 2025.

NASCIMENTO, Vilson. *Corumbaense faz 3x2 e está nas semifinais do estadual*. A Gazeta News On-Line, Amambai, 19 abr. 2015. Disponível em: <https://agazetanews.com.br/noticia/esporte/94553/corumbaense-faz-3x2-e-esta-nas-semifinais-do-estadual>. Acesso em: 9 jan. 2024.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. *Fronteira: espaço de referência identitária?* Revista Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 1, n. 2 dez/2007 p.27-41 página 27. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/3013> . Acesso em: 13 jan. 2024

NUNES, Rosana. *Ídolo da torcida, Robinho volta a defender o Corumbaense no Estadual*. Diário Corumbaense On-Line, Corumbá, 9 jan. 2020. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=114613>. Acesso em: 10 mar. 2023.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; CORREIA, Jacqueline Maciel; OLIVEIRA, Jéssica Canavarro. *Imigrantes pendulares em região de fronteira: semelhanças conceituais e desafios metodológicos pendular*. Revista Direitos Culturais, Santo Ângelo, v. 12, n. 27, pp. 91-108, maio-ago. 2017. Disponível em:

<https://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/direitosculturais/article/view/2197> . Acesso em: 16 jan. 2024.

PINTO, Igor Cauê Vieira de Oliveira; LIMA, Renan Pessina Gonçalves de. *A inserção do negro no futebol brasileiro e a análise da teoria do discurso – O caso da Associação Atlética Ponte Preta*. SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNICAMP: POR UMA GEOGRAFIA AFROCENTRADA, 12, 2019, Campinas. Anais... Campinas: Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2019, n.p. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/semanageounicamp/article/view/3443>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PORTAL DA TORCIDA. *Os Estreantes – Contos do Povo da Bola*. Vídeo YouTube, s.l., 18 maio 2018, (6'43"). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DN_xE2tZGzs&t=7s. Acesso em: 15 jan. 2025

PREFEITURA DE CORUMBÁ. *Corumbaense e Amigos lideram o Campeonato Amador*. Corumbá, 5 out. 2009. On-Line. Disponível em: <https://ww2.corumba.ms.gov.br/2009/10/corumbaense-e-amigos-lideram-o-campeonato-amador/>. Acesso em: 8 jan. 2024.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-imprensa*. 262f. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campinas, 1998. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1998.170399>. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/170399> . Acesso em: 15 jan. 2025.

RAFAEL, Helder. *Almanaque do futebol sul-mato-grossense*. Campo Grande: Edição do Autor, 2017.

RODRIGUES, Nyelder. *Corumbaense e Maracaju desistem de jogar o Estadual na véspera do mata-mata*. Campo Grande News On-Line, Campo Grande, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/esportes/corumbaense-e-maracaju-desistem-de-jogar-o-estadual-na-vespera-do-mata-mata>. Acesso em: 14. jan. 2024.

ROSSI, Jones; MENDES JÚNIOR, Leonardo. *Guia politicamente incorreto do futebol*. São Paulo: LeYa, 2014.

SANTOS, Milton. *O dinheiro e o território*. Revista Geographia, s.l., v. 1, n. 1, pp. 7-13, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360> Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Tiago Felipe da. *O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata*. 94 f. Programa Interdisciplinar (Pós-Graduação Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/816027a0-bf13-42cb-b752-4111b5e26629> . Acesso em: 17 jun. 2024.

SOUZA, Adriano Lopes de; PRIMO, César Pimentel Figueiredo; SANTOS, Rafaela Gomes dos; CONCEIÇÃO, Silvano da; SOUZA, Adrielle Lopes de. *Análise do futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural*. EFDeportes – Revista Digital, Buenos Aires, año 16, n. 159, ago. 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd159/futebol-como-um-fenomeno-sociocultural.htm>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SOUZA, Roberto César de. *Influência da fronteira Brasil-Bolívia na torcida do corumbaense futebol clube*. 186 f. Dissertação (Mestrado Programa de Pós Graduação em Estudos Fronteiriço) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/9644> . Acesso em: 17 jun. 2025.

TUBINO, Manoel José Gomes; DE SOUZA, Bruno Castro; VALLADÃO, Rafael. *Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos principais clubes cariocas de futebol da Primeira República ao Estado Novo*. Fitness & Performance Journal On-Line, s.l., v. 8, n. 1, pp. 56-67, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75117016010>. Acesso em: 18 jan. 2024.

YUNES, Alle. *Há 40 anos o Corumbaense FC iniciava no futebol profissional com título estadual*. Correio de Corumbá On-Line, Corumbá, 10 nov. 2022. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20221111013641/http://www.correiodecorumba.com.br/index.php?s=artigo&id=283>. Acesso em: 12 dez. 2024.

YUNES, Alle. *Há dez anos Corumbaense FC conquistava a Série B e o retorno à 1ª Divisão*. Correio de Corumbá On-Line, Corumbá, 16 jul. 2016. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20220722091026/http://www.correiodecorumba.com.br/?s=noticia&id=23749>. Acesso em: 7 jan. 2024.

Futebol feminino na televisão: análise do imaginário na narrativa das finais da Libertadores de 2009 e 2023

Women's football on television: analysis of the imaginary in the narrative of the 2009 and 2023 Libertadores finals

Amanda da Assunção Paiva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
amandapaivabj@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-8986-7982>

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
filipemostaro@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6600-5953>

Recebido em: 29 de maio de 2025

Aceito em: 30 de agosto de 2025

Resumo:

Esta pesquisa analisa as mudanças ocorridas na maneira de narrar uma partida de futebol feminino na televisão brasileira, levando em consideração o imaginário presente no discurso espaço-temporal dos jogos. Com o foco em duas partidas distintas, a primeira de 2009 (com a transmissão feita majoritariamente por homens) e a segunda de 2023 (com a transmissão comandada por mulheres), é possível compreender as nuances do preconceito de gênero latente no primeiro período, assim como o resultado da busca por equidade de gênero no futebol no último jogo analisado. Ao fim do processo, compreende-se que o aumento de transmissões do futebol de mulheres colabora, não só para a sua normalização nos imaginários, como também amplia fontes de trabalho para mulheres.

Palavras-chave: Futebol Feminino. Narrativas. Machismo.

Abstract:

This research analyzes the changes that have occurred in the way women's soccer matches are narrated on Brazilian television, taking into account the imaginary present in the space-time discourse of the games. By focusing on two different matches, the first from 2009 (with transmission done mostly by men) out and the second from 2023 (with the transmission controlled by women), it is possible to understand the nuances of latent gender bias in the first period, as well as the result of the search for gender equality in soccer in the last game analyzed. At the end of the process, it is understood that the increase in broadcasts of women's soccer contributes not only to its normalization in the imaginary, but also expands sources of work for women.

Keywords: Women's Soccer. Narratives. Sexism.

Introdução

“No futebol feminino, tem só mulher bonita”, analisa o comentarista Neto durante transmissão da Final da Libertadores Feminina de 2009. Dezesesseis anos depois, esse comentário é substituído por análises táticas e técnicas das jogadoras. A mudança de pensamento é reflexo de todo um processo social por direitos iguais no futebol iniciada desde a década de 1920, com as artistas circenses. O caminho que as jogadoras de futebol precisaram percorrer para conseguir seriedade e visibilidade dentro do esporte foi árduo e ainda permanece repleto de batalhas diárias por espaço na mídia esportiva. Foi preciso agir à margem da lei em determinado momento para conseguir praticar o esporte (Bonfim, 2023). Além disso, houve descaso, machismo, preconceito social revertidos das mais inúmeras desculpas que invalidaram os corpos femininos que queriam “jogar bola”. (Goellner, 2005 e Bonfim, 2023).

Este artigo tem como objetivo indicar as alterações das narrativas das transmissões das partidas de futebol femininas. Para isso, utilizamos como objeto de análise a competição “Libertadores Feminina”, por ser considerada, pelas próprias narrações das emissoras, a competição mais importante de clubes da América do Sul. A primeira partida analisada foi a primeira final da competição, disputada entre o time brasileiro Santos e o Universidad Autónoma, do Paraguai, em 2009 e transmitida pela TV Bandeirantes. Essa transmissão foi composta majoritariamente por homens, tendo como mulher apenas a repórter de campo, Fabíola Andrade. A segunda, foi a final da mesma competição, mas no ano de 2023, disputada entre os clubes brasileiros Palmeiras e Corinthians e transmitido pelo canal Sportv. Essa segunda teve a presença de mulheres na narração e nos comentários. O artigo faz um recorte da análise desenvolvida pela autora e orientada pelo autor durante o TCC do curso de Jornalismo.

Como ferramenta teórica-metodológica utilizamos a ideia de “ludens narrativo” (Mostaro, 2023). Nessa proposta, a ideia de jogo (Huizinga, 2014), narrativa (Ricoeur, 2010) e imaginário (Durand, 1997) se complementam e nos auxiliam a compreender o próprio processo narrativo e suas nuances. No caso do nosso objeto, a proposição de Ricoeur ao entender a narrativa como um processo histórico que dialoga diretamente com o contexto será fundamental para analisarmos o que mudou de 2009 para 2023. Com base no “ludens narrativo”, entendemos que o imaginário sobre o futebol feminino não era o mesmo nas duas finais analisadas, influenciando diretamente no “jogo narrativo” proposto pelos narradores, comentaristas e repórteres das transmissões. Essa

metodologia fornece os referenciais teóricos necessários para analisar a elaboração do mundo criado nas duas finais pelas transmissões. Qual imaginário sobre as jogadoras se projetou em cada transmissão. Quais as nomenclaturas, artigos e adjetivos foram utilizados pelo comentarista Neto e pelo narrador Luciano do Valle em 2009? Qual jogo narrativo foi proposto pela comentarista Renata Mendonça e pela locutora Renata Silveira em 2023? Na seleção de ações humanas e representações que farão parte da narrativa, qual o imaginário foi acionado nas duas finais? A pesquisa tem como objetivo apresentar essas nuances e como as narrativas sobre o esporte podem reforçar ou reconfigurar interpretações sobre o imaginário que se tem sobre a participação feminina no esporte, evidenciando visões de mundo a cada contexto social. Os resultados apontam para um avanço na equidade de gênero e a diminuição do machismo quando comparamos a narrativa dos dois jogos, sinalizando caminhos para que tais avanços se consolidem e usem outros imaginários como bases da construção narrativa sobre as partidas do futebol feminino.

O imaginário das mulheres na prática do futebol

A historiadora Aira Bonfim enfatiza que as mulheres praticavam o esporte desde o seu surgimento no Brasil. Entretanto, conquistar esse espaço dentro de campo, esbarrava em disputas no campo social e no imaginário elaborado por essa modalidade. A ideia de virilidade e masculinidades presentes no futebol era frequentemente usada ao se definir as características de um jogador (Archetti, 2001). Na projeção do que seria permitido e esperado de uma mulher no início do século XX no Brasil, o futebol feminino era visto como algo sem o mesmo valor simbólico do masculino. Para as mulheres entusiastas do futebol restavam as arquibancadas ou algumas atividades sociais dentro de clubes. A imprensa relatava que a presença feminina “iluminava” e “embelezava” os espetáculos esportivos. Ou seja, eram as características físicas que detinham importância.

Na condição de sócias-acompanhantes (dos pais, maridos e até amantes), as mulheres que circulavam pelos ambientes públicos e esportivos eram socialmente viciadas e lhes era cobrado um determinado padrão de comportamento vigente à época para evitarem serem mal faladas. (Bonfim, 2023, p.32).

Tentando reconfigurar esse imaginário, mulheres continuaram praticando o

esporte. Bonfim (2023) relata indícios em periódicos de futebol com a presença feminina no campo do Jardim Zoológico, com o time alvinegro Villa Izabel FC, no Rio de Janeiro e acervos fotográficos da revista *Vida Esportiva* que retratavam a existência de jogadoras em Natal, Rio Grande do Norte, datados em 1920 (Bonfim, 2023). No início desta década, o clube carioca Vasco da Gama foi um dos pioneiros na criação de uma equipe de futebol composta por mulheres. O entusiasmo com o título carioca conquistado pelo time masculino em 1923, gerou o interesse em torcedoras na composição de uma equipe apenas com moças. Esse avanço da prática de futebol por mulheres, aumentou as críticas sobre o pertencimento feminino no esporte. Bonfim (2023) mostra que foi nos circos brasileiros que as mulheres puderam praticar o futebol, indicando caminhos considerados não oficiais para essa prática. Os torneios oficiais, organizados pela CBD (Confederação Brasileira de Desporto), não incluíam o futebol feminino. Durante a década de 1930, a instituição travava uma disputa interna para manter o esporte amador e proibir que membros das camadas populares pudessem participar dos times que integravam a confederação (Souza, 2008). Na área suburbana do Rio de Janeiro, moradia do operário trabalhador, que buscava suas possibilidades de lazer (ABREU, 1987, apud BONFIM, 2023, p. 179), os times tinham os membros que a CBD não permitia jogar. Neste contexto, segundo Bonfim (2023), o campo de futebol do Engenho de Dentro Athletic Club, no início da década de 1930, sediou as primeiras festividades esportivas com participação de mulheres.

O ataque ao futebol de mulheres cresceu exponencialmente nos periódicos, no final da década de 1930, apelando para a utilização de argumentos biológicos para justificar o “perigo” que o esporte poderia causar na saúde feminina. O alinhamento midiático com o governo estadonovista de Getúlio Vargas conferiu conservadorismo às práticas de determinados esportes, cristalizando um imaginário que iria basear as narrativas sobre o futebol feminino. Com a regulamentação do esporte pelo Governo de Getúlio Vargas através do CND (Conselho nacional do Desporto) a prática de futebol feminino foi proibida no Brasil. Uma posição que evidencia o contexto conservador e ditatorial que o Brasil estava vivendo, influenciando a narrativa sobre a presença feminina na modalidade.

A pesquisadora Silvana Goellner (2005) elencou dois argumentos que justificam a privação do futebol de mulheres: a insistente associação entre o esporte e a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade, chegando a estabelecer uma relação linear entre mulher, feminilidade e beleza. Os

argumentos embasados na biologia e na medicina foram utilizados, por décadas, para propagar preconceitos que cercam a sociedade.

Para Ricoeur (2010) narrar é a capacidade humana de se apropriar do mundo. Ao se narrar se ordena o mundo e, assim, pode-se compreendê-lo e agir sobre ele. Nas narrativas, grupos sociais constroem, produzem e validam valores morais, leis, costumes, crenças, representações e códigos, dando sentido à vida. Na ideia de “*ludens narrativo*”, essa construção convida o interlocutor a compartilhar esses sentidos e se empenhar nesse jogo narrativo, fazendo parte desse mundo criado, deste jogo. A narrativa funciona, então, como um processo de constituição de realidade, articulando vários elementos para formar significados. Ela cria mundos em associação com o imaginário, configurando relações de poder e disputas pela interpretação de cada sentido. Exatamente a construção do mundo que privou as mulheres da prática esportiva que descrevemos no parágrafo anterior.

Apenas em 1979, com o fim da CBD e a criação da CBF e com a equipe masculina já sendo tricampeã mundial, a lei que proibia as mulheres de jogar futebol foi revogada. Porém a modalidade de futebol feminino não estava regulamentada ainda. Segundo Bruhns (2000), “as praias se transformaram em palcos onde mulheres se reuniam para jogar bola, como era o caso de várias empregadas domésticas que trabalhavam no Leblon e após o expediente se juntavam para momentos de sociabilidade e lazer” (apud Costa 2017, p. 500). Um dos times mais importantes neste processo foi o Radar que, fundado em 1932, criou um time feminino em 1981.

No ano seguinte, o Radar saiu das areias e chegou aos gramados. O dono do time, Eurico Lyra Filho, tinha o ideal de organizar um campeonato feminino, regulamentar o esporte e uma Seleção Nacional Feminina. Em 1983, surge o primeiro Campeonato Carioca de Futebol que teve a participação do Radar, Madureira, Bangu, América e Portuguesa. Ali nasceu uma hegemonia do Radar. O time escalado com Meg, Pelezinha, Fernanda, Cláudia, Maradona, Maria Helena, Elza, Fia, Celinha, Rata e Salaleto foi seis vezes campeão carioca (1983, 1984, 1985, 1986, 1987 e 1988). Além do hexacampeonato, nos mesmos anos já citados, foi campeão da Taça Brasil, competição organizada pela CBF por um curto tempo (Almeida, 2013). Ressalta-se aqui a referência de apelido das jogadoras a atletas do masculino já consagrados, como Pelezinha e Maradona. A associação ao imaginário do futebol feminino era diretamente ligada ao masculino.

Essas construções narrativas não são ingênuas, muito menos um objeto acabado e finalizado como se tenta apresentar, elas são um processo, assim com a sociedade, em constante elaboração e reelaboração pelos conflitos e interações, onde “a força política e simbólica de um grupo hegemônico jamais penetra todos os recônditos da sociedade, nem impede manifestações culturais contra-hegemônicas” (Motta, 2013, p.23). É exatamente essa reelaboração narrativa sobre as transmissões esportivas que vamos indicar. Mas antes disso, vamos destacar a força da narração esportiva na elaboração desse “mundo narrativo” e como ela convida o interlocutor a entrar nesse mundo e se envolver na narrativa.

A força da narração na construção de imaginários

Acreditamos que o imaginário é substrato para que as narrativas sejam produzidas. Ele seria a matéria-prima, o impulsionador das emoções e indutor do envolvimento dos interlocutores no processo narrativo. Sabendo da pluralidade de interpretações sobre o imaginário, vamos adotar neste artigo a posição de Juremir Machado da Silva (2012, p.8): “todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto”. Da Silva (2012) entende que o imaginário é um campo complexo de representações, símbolos, mitos e narrativas constantemente reconfiguradas que moldam a percepção e a interpretação da realidade. O ser humano seria movido por esses imaginários que o cercam.

Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes (SILVA, 2012, p.8).

O imaginário sobre as mulheres no futebol, que vamos indicar nas duas transmissões analisadas, é essa narrativa inacabada, que agrega imagens, sentimentos, visões do real, leituras do cotidiano através de interações sociais que vai sedimentar uma forma de agir, ser e indicar uma visão de mundo (Silva, 2012). Essa possibilidade de criação de um mundo seria, para nós, o ponto de encontro entre jogo, narrativa e imaginário presente no “ludens narrativo”. Esses três elementos fundamentais para a interação humana, criam ambientes comunicacionais para que os interlocutores se envolvam intensamente neste jogo narrativo.

Assim, a interpretação da história do futebol de mulheres faz parte das imagens,

dos sentimentos, de escolhas e visões do real em um contexto, que determinado grupo social pretende construir e repassar. Neste sentido, a narração esportiva não está isolada deste processo narrativo, ela se insere em grupos sociais, com visões e escolhas de determinados imaginários para balizar a sua narrativa, criar mundos e produzir sentidos sobre múltiplas textualidades. Nas transmissões esportivas, com sua linguagem coloquial, direta e repleta de metáforas que ativam o imaginário do torcedor (Guerra, 2012), determinadas representações são confirmadas, exaltadas e reconfiguradas, dialogando com contextos sociais. Seguindo a proposição de Da Silva (2012), consideramos que as transmissões televisivas fazem parte das tecnologias do imaginário, que seriam “dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo, imagético, simbólico, individual ou grupal, mobilizador desses indivíduos ou grupos”. As emissoras que transmitiam as narrações esportivas dos jogos masculinos, iniciadas no rádio e levadas para a televisão não exibiam jogos femininos por conta da proibição. A concepção de mulheres praticando futebol era excluída deste mundo criado pelas transmissões¹.

Essas tecnologias do imaginário (Da Silva, 2012), auxiliavam a criar a narrativa de que o “normal” e “correto” era transmitir o futebol masculino. Os jornais até reservavam espaços para o assunto, mas com tons de sexualização: “as primeiras notícias que pautam o futebol feminino brasileiro a partir de 1983, principalmente na década de 1990, são conduzidas de forma apelativa à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos” (Castro, 2021). Na história das Copas do Mundo Feminina, o Brasil participou de todas as nove edições, com a primeira realizada em 1991, ano em que a televisão já estava consolidada, com competições esportivas sendo transmitidas em canais abertos e ensaios de canais fechados já eram vistos. Mesmo com toda essa tecnologia disponível, a primeira edição da Copa Feminina não foi transmitida no Brasil.

Já na Copa do Mundo de futebol feminina de 2003, há registros da transmissão de algumas partidas no canal fechado ESPN Brasil. Na edição seguinte, de 2007, que foi melhor campanha do Brasil até hoje, o segundo lugar diante da Alemanha, coube a TV Bandeirantes transmitir. Em 2015, o canal público TV Brasil, a TV aberta Bandeirantes e o canal fechado SporTV transmitiram o torneio. Porém foi apenas na

¹ A pesquisadora Aira Bonfim (2023) que estuda a história do futebol feminino no Brasil, atualmente se debruça, com pesquisadores do Museu do Futebol, para encontrar os primeiros apontamentos televisivos do futebol praticado pelas mulheres.

edição de 2019 que a maior emissora de TV aberta do Brasil, a TV Globo, decidiu exibir pela primeira vez uma Copa do Mundo Feminina. A estreia do Brasil contra a Jamaica teve Galvão Bueno, principal narrador do canal na época, à frente da narração (Januário; Lima; Leal, 2020). Enquanto a transmissão dos jogos masculinos era uma “normalidade” no imaginário social brasileiro, narrar o jogo das mulheres ia aos poucos se inserindo no ritual de transmissões esportivas nacionais. Esse processo, para nós, reflete diretamente na construção do imaginário e possíveis novas possibilidades de narrativas sobre o futebol feminino.

Na compreensão de Véron (1987), “é claro o papel do jornalismo como espaço de produção de sentidos, pois os acontecimentos sociais só ganham existência pública com a ação dos dispositivos de mediação que os constroem através do processo de enunciação” (apud Castro, 2021, p.6). Isto é, para que o imaginário social compreenda melhor o universo do futebol de mulheres, ele precisa estar inserido na agenda do jornalismo esportivo cujo Castro (2021) infere que:

mobiliza estratégias discursivas singulares e impregnadas de sentidos, onde é impossível não significar. Para cobrir eventos esportivos, (BORELLI, 2002, p.1) cada mídia segue um ritual e uma agenda própria a partir da escolha de determinadas pautas que ganharam espaço na existência pública e num campo midiático, marcado por disputas, negociações e trocas simbólicas. Por isso, a contribuição da imprensa esportiva para o desenvolvimento e divulgação do esporte são muito significativas - o interesse do jornalismo esportivo em oferecer transmissão e cobertura para a Copa do Mundo Feminina mobiliza o público em torno do assunto, sendo capaz de se tornar visível. (CASTRO, 2021. p.6).

Contudo, assim como o imaginário explica os contextos discriminatórios nos discursos televisivos de futebol feminino, é também ele que elucida as mudanças que surgem ao longo dos anos. Afinal, “as tecnologias do imaginário cristalizam no reservatório semântico a superfície da novidade, dando profundidade ao que se apresentou, um dia, como efêmero” (Silva, 2012, p. 43). E as mulheres seguem como precursoras dessas novidades no que diz respeito à equidade de direitos no trabalho, independentemente da área de atuação. No caso do futebol feminino, aquilo que era considerado efêmero, agora há uma percepção maior das injustiças provocadas com as mulheres que quiseram jogar bola no passado e buscam nadar contra a maré do atraso de desenvolvimento. Ou seja, como afirma Juremir Machado (2012, p. 51), “o imaginário é sempre desvio, divergência, apropriação, reinterpretação, releitura, desconstrução, reconstrução e nova afirmação”.

Duas Libertadores, dois mundos criados

A Copa Santander Libertadores Feminina de 2009 foi a primeira edição do torneio continental realizado para as mulheres, enquanto a versão masculina já existia desde 1960. A edição teve um caráter quase experimental por parte da CONMEBOL, que visava concretizar a competição no calendário. Algumas particularidades em comparação com o torneio masculino persistem até os dias de hoje, como o formato, por exemplo. A Libertadores Feminina é disputada em “tiro curto”, que dura cerca de duas semanas e possui um país-sede.

A edição de estreia aconteceu no Brasil com jogos sediados em Santos, Guarujá e São Paulo. A Libertadores contou com dez representantes, um de cada país membro da CONMEBOL, com isso, o Santos foi o único time brasileiro na disputa, garantindo a vaga por ter vencido a Copa do Brasil de 2008, na época, única competição oficial para o futebol de mulheres em nível nacional. As Sereias da Vila, como o time feminino é conhecido, ganhou dois grandes reforços para a competição: Marta e Cristiane, que já eram mundialmente conhecidas pelas campanhas com a Seleção Brasileira, incluindo o ouro no Pan 2007, o vice-campeonato mundial de 2007 e a prata na Olimpíada de 2008. Marta chegou ao Santos já detentora de três troféus de Melhor Jogadora do Mundo (2006, 2007 e 2008) e ganhou mais um prêmio em 2009, com a Cristiane escolhida para o terceiro lugar.

Existia a consciência social de que Marta e Cristiane eram excepcionais. Além das campanhas com a Seleção Brasileira, as jogadoras se destacaram individualmente em seus clubes e eram reconhecidas em premiações conforme citado acima. Marta já havia conquistado 4 títulos (2 Campeonatos Suecos, uma Taça da Suécia e uma Liga dos Campeões) com o Umea IK, da Suécia. E a Cristiane também possuía 4 títulos (2 Taças da Alemanha, 1 Campeonato Alemão e 1 Liga dos Campeões) com o Turbine Potsdam, da Alemanha. O discernimento do tamanho que as duas jogadoras possuíam será evidenciado na narração de Santos e Universidad Autónoma. Todavia, não existia o costume de transmitir com tanto afincio partidas de futebol de clubes, até mesmo porque não tinha um campeonato brasileiro estruturado para as atletas e muito menos todos os times possuíam equipes femininas. Com isso, o pouco que a mídia transmitia de futebol de mulheres, não era ainda o suficiente para que o imaginário normalizasse a prática do esporte pelas jogadoras e, sendo o imaginário a base para uma construção narrativa (Silva, 2012), esta se encontra mergulhada em preconceitos estruturais porque “o

indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação de suas regras: participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação” (Silva, 2012, p. 9).

A final do torneio aconteceu no dia 18 de outubro de 2009 e sagrou o Santos campeão após uma goleada de 9 a 0 no Universidad Autònoma, do Paraguai. O jogo foi na Vila Belmiro e foi transmitido em TV aberta pela Rede Bandeirantes. O BandSports transmitiu a competição inteira em canal fechado e a TV Bandeirantes exibiu os jogos do Santos em TV aberta, sendo esses os únicos meios de transmissão da competição. Luciano do Valle² estava sob o comando da narração e o Craque Neto nos comentários, enquanto Fabíola Andrade e Fábio Lucas Neves ficaram com a reportagem no gramado.

O período antecedente à partida não reservou muitas análises ou retrospectivas da campanha do Santos na competição, o que se via era Luciano do Valle comentar que a torcida estava “fazendo a maior festa na Vila famosa” e, quando apareciam imagens das jogadoras ele comentava “está aí o Santos”, demonstrando que não tinha conhecimento profundo sobre as jogadoras. O grande destaque no pré-jogo era a ausência da Cristiane, por ter sido expulsa na semifinal. Então, a informação que a “garota Thais, de 16 anos”, atuaria no lugar da artilheira da competição, foi reforçada algumas vezes.

Antes do apito inicial, Luciano faz o seguinte comentário sobre a juíza: “está toda bem arrumadinha hein, uniforme bonito, uma sainha”. Essa é a primeira de uma sequência de comentários estéticos sobre a árbitra argentina Salomé Di Iorio que seriam ouvidos na transmissão. O imaginário sobre o futebol de mulheres na época tinha Marta, Formiga e Cristiane como referências e, é possível confirmar a afirmação ao acompanhar a transmissão em questão em que os comentários táticos, dos poucos que aconteciam, precisavam passar pelo nome das atletas.

Neto inicia sua função de comentarista lamentando a ausência de Cristiane e, quando cita o nome de outras jogadoras, são as que possuem a bola no momento. Quando deseja ter um comentário mais profundo, o campo de referência é o masculino. Neto analisa a pressão da final da Libertadores falando: “a gente tem a experiência do sub-20 e da Costa Rica”. A analogia refere-se ao Brasil Sub-20 que, dias antes, havia

² O narrador Luciano do Valle, desde a década de 1990, foi responsável por transmitir e tornar jogadoras de futebol conhecidas. Na Bandeirantes, ele narrou partidas importantes da história da Seleção e criou uma identificação do público com as jogadoras: Sissi, Pretinha, Kátia Cilene, Roseli, Formiga. Mas, apesar de Luciano conquistar visibilidade para o futebol feminino de seleções, compreendemos que ao estar inserido nessa teia imaginária sobre o futebol feminino, emergem visões mais conservadoras, exaltando a beleza feminina.

perdido a final do Mundial, nos pênaltis, para Gana, assim como a Costa Rica que perdeu a disputa do terceiro lugar, também nos pênaltis, para a Hungria.

Quando o cronômetro apontou 3 minutos, ainda não se tinha uma narração lance a lance das jogadas, mas o termo “meninas” já havia sido citado por Luciano do Valle para se referir às jogadoras. É uma forma inconsciente de infantilização e não compreensão do futebol feminino como um esporte a ser levado a sério, como se as atletas estivessem em nível de diversão em campo. Aciona-se o imaginário da atividade circense, descrita anteriormente, com algo mais lúdico, beirando o amadorismo. Juremir Machado (2012) disserta que na fase primitiva das tecnologias do imaginário, o próprio imaginário era fruto das relações interpessoais sem nenhum tipo de mediação maquínica e, neste contexto, a carência de aproximação com o futebol de mulheres traz a falta de tato para compreender o exótico que se apresenta.

O narrador e o comentarista não encaram a partida de futebol como o espetáculo principal a ser fielmente narrado. Isso é comprovado quando, ainda nos mesmo três minutos de partida, duas jogadoras (uma do Santos e outra da UAA) se chocam em campo, quase na linha de fundo. Luciano do Valle não só ignora o lance como aproveita a oportunidade para mandar um “abraço aos paraguaios”, ressaltando que os brasileiros gostam do convívio com os vizinhos. Ele ainda fecha o raciocínio citando as eliminatórias para a Copa Masculina de 2010 e a classificação do Paraguai. Nem o nome das jogadoras caídas em campo foi mencionado no momento.

A sequência mais deslocada da narração e carregada de imaginários de preconceitos de gênero se deu a partir dos 4 minutos. A imagem da árbitra Salomé aparece em vídeo e o Neto comenta:

bonita a árbitra hein, linda hein, que beleza! (...) no futebol feminino tem só mulher bonita, futebol diferente, onde sabem bater escanteio, sabem bater falta, sabem dar o passe né. O jogador de hoje, profissional, os homens, não sabem fazer isso, tinham que aprender. Vocês estão tudo concentrado agora, assistem um pouquinho para saber como que bate na bola.

O encadeamento de acontecimentos problemáticos continua quando Luciano e Neto começam uma discussão sobre a saia utilizada pela árbitra da Argentina.

L.V: Você viu a saia da árbitra da Argentina? Inovando hein. Ela não vem com aquele shortinho mais colado não, vem com uma saia muito parecida com uma jogadora de tênis.

C.N: Você vê que o futebol feminino... você vê que a árbitra...

Enquanto Neto ensaia uma resposta, a imagem da juíza ganha a tela com um short na parte de trás da saia.

L.V: Não é bem assim

C.N: Mas tem na frente, você tem razão. No tênis é igualzinho, você está correto, é desse jeito mesmo. É uma saíinha na frente, um short atrás. E a camisa do Santos também não tem o mesmo estilo da camisa dos homens, é uma camisa bonita (...) você está certinho, Luciano, é um short atrás e uma saia na frente. Bonito mesmo, além dela ser linda.

Durante a conversa sobre a vestimenta da árbitra, houve uma cobrança de escanteio da Universidad Autónoma que foi ignorada pela narração. O jogo continuou movimentado para os dois lados, sem que o narrador e comentarista citem uma jogada sequer e, quando o Luciano chama a repórter Fabíola Andrade no gramado, a pauta é: a beleza da árbitra.

L.V: Fabíola, você diria que essa é a mais bonita das árbitras? (...) E olha que hoje ela teve a vaidade de fazer o cabelo bonito hein.

F. A: Eu sou brasileira e ela é argentina. Eu voto na beleza das brasileiras sempre

Na sequência, aos oito minutos, Neto faz uma primeira análise do jogo: “Aline está ganhando todas de cabeça nesses escanteios que são insistentemente treinados por Kleiton Lima”. Luciano completa admitindo o desconhecimento acerca da zagueira Aline Pellegrino ao revelar que ele e Neto achavam que o “Pelle” na camisa dela seria uma homenagem ao Pelé, quando se trata do sobrenome da atleta. Vale lembrar que Aline fez parte do elenco que ganhou medalha de ouro no Pan de 2007 com a Seleção Brasileira.

Os comentários de moda retornam quando a imagem da Thais ganha destaque da transmissão e Luciano comenta a confusão que fez com a faixa utilizada pela camisa 40 ao dizer que se tratava de uma bandana.

L.V: Levei um puxão de orelha da dona Flávia, com toda a razão (...) é por isso que eu digo que mulher não perde o detalhe, seu Neto.

C.N: A gente tem que abaixar a cabeça e saber que está errado né

O primeiro gol do Santos nasce de uma falta cobrada pela Marta pelo lado direito, a bola encontra Maurine na área, que manda de cabeça para o fundo do gol. A questão é que durante a cobrança de falta, Luciano estava falando os jogos da rodada do Brasileirão Masculino e só narrou o cabeceio de Maurine. No comentário do gol,

Neto diz que Marta sente muito a falta da Cristiane.

Mais um comentário estético e, desta vez, com alto teor machista, ganha importância na transmissão televisiva. O repórter Fábio chama para comentar que as chuteiras da Maurine, autora do gol, são rosa e termina dizendo: “Maurine, que foi eleita pelos nossos cinegrafistas, como a jogadora mais bonita em campo”. Segundos depois, um plano geral da Maurine aparece em cena e Neto comenta: “olha aí as chuteiras rosa da Maurine como o Fábio mostrou”.

A Rainha Marta marca o segundo gol do Santos em uma belíssima cobrança de falta. O lance ganhou uma narração à altura, com todos os requintes que a atacante merecia, mas ao comentar o gol, o Craque Neto se banhou nas comparações com o universo masculino mais uma vez.

C.N: Uma batida excepcional, podia estar o Ronaldo, Zetti, Maier, poderia estar o Raul Plassmann... o Gilmar faria o gol porque o Gilmar tomou gol meu de falta e tomaria da Marta também. Um golaço de falta.

Na metade do primeiro tempo, Luciano evoca: “não tem mais que provar nada, tem fila para entrar no estádio da Vila ainda, praticamente não há mais nenhum lugar”. E, mais uma vez, partindo de um referencial masculino, Neto justifica que o apreço para com o time feminino se dava devido a má fase do time masculino que não estava rendendo com Luxemburgo no comando. Ainda na cobrança de rendimentos da equipe masculina, Neto traz um dos poucos comentários táticos da partida ao analisar que a equipe de Kleiton Lima tem uma boa saída de bola e que “não depende da Marta, ao contrário da equipe principal que depende muito do Kléber Pereira”.

No trecho acima, além do imaginário ser voltado para as comparações ao time masculino, o comentarista Neto chama o time dos homens de “equipe principal”, mostrando que em seu inconsciente, o time do Santos que importa é o dos homens. De acordo com Juremir Machado (2012), “a mídia (informação, arte e entretenimento) reúne todas as características das tecnologias do imaginário” e, a fala de Neto evidencia um pensamento do senso comum da época. O futebol feminino era silenciado pelos meios e, nos poucos momentos em que ganhava luz, reproduzia o que o imaginário do contexto trazia.

A realidade de descaso e preconceito que a modalidade vivia em 2009 é escancarada na fala dualista seguinte de Luciano do Valle.

L.V: Não podemos revelar a audiência, mas é impressionante o público que

vem se agregando no futebol feminino. É um público fiel demais (...) imagina um Santos e Flamengo, Palmeiras e Corinthians, mas com craques e não com jogadoras que hoje o Brasil tem.

C.N: Será que custa tirar 200 mil reais por mês de um clube para montar um time?

A análise estética de Maurine surge mais uma vez antes do intervalo. A atacante tentou ampliar o placar algumas vezes na reta final dos primeiros 45 minutos e, em um dos lances, quando ela finalizou, Luciano narrou: “mais que charme essa chuteira cor de rosa”. Depois disso, Neto comentou que o estilo de chute de Maurine lembrava o de Marquinhos do Avaí masculino. Em outra chance desperdiçada da atacante, Luciano reclamou: “Maurine, para variar, colocou para fora... considerado um dos rostos mais bonitos dessa seleção”.

O tópico chuteiras volta para os comentários com Neto analisando o modelo utilizado por Marta, porém o surpreendente é a resposta de Luciano quando o companheiro de transmissão confessa estar fazendo propaganda gratuita.

C.N: E a chuteira da Marta, que não é rosa, mas é chuteira Puma, que também é linda, é a mesma chuteira que o Pelé usava no começo da carreira e nos títulos de 1970, que ele ganhou e foi campeão.

L.V: Mas isso é uma informação e a gente quer mostrar, inclusive para as meninas que estão querendo jogar, qual é o material esportivo indicado, só isso.

Em seguida, Neto chama a programação do Band Esporte Clube que terá uma reportagem com a Marta e que ela estará “toda de boné e vestido”. É a única informação sobre a reportagem comentada por Neto: a estética da Rainha do Futebol. O jogo já estava em seus números finais de 9 a 0 no placar quando Luciano do Valle pede para recuperarem a imagem da árbitra Salomé para ele confirmar se a unha dela está pintada de vermelho.

L.V: Depois a gente podia pegar um detalhe da mão da árbitra Salomé Iorio da Argentina. Eu acho que ela está com uma unha vermelha feita...olha (...) mas mão de mulher, eu olho de longe. É bonita, é bonita, bem cuidada pela juíza Salomé.

Quando analisamos o segundo jogo, podemos perceber as evoluções nas narrativas. A final da Libertadores Feminina 2023 foi disputada no dia 21 de outubro de 2023 entre os clubes paulistas Corinthians e Palmeiras, cujo as Palestrinas defendiam o bicampeonato consecutivo. Enquanto o Corinthians desejava conquistar o quarto troféu e assim o fez, vencendo por 1 a 0, gol de Millene.

No aspecto estrutural da competição, a Libertadores Feminina não teve muitos avanços em relação à edição de 2009. Classificada como “tiro curto”, o torneio tem duas semanas de duração e é realizado em um país sede. Na edição de 2023, a Colômbia teve a responsabilidade de receber o evento e ter um clássico entre Corinthians e Palmeiras na grande final.

Os dois clubes paulistas já possuem uma extensa rivalidade na modalidade masculina e a ambiência está sendo refletida no futebol de mulheres. Antes de decidirem a final da Libertadores, Corinthians e Palmeiras se enfrentaram na final do Campeonato Brasileiro Feminino de 2021 e já tiveram encontros no Campeonato Paulista.

A transmissão analisada foi feita pelo canal fechado Sportv e teve Renata Silveira na narração³, acompanhada de Renata Mendonça e Paulo Nunes nos comentários. A edição de 2023 teve a transmissão do SporTV, do BandSports e do GOAT (no YouTube). Direto do Estádio Pascual Guerrero, em Cali, estava o repórter Filipe Cury. A análise começa do protocolo de início de partida e capta a narradora Renata Silveira lendo a escalação do Palmeiras e comentando que a equipe “vem num 3-4- 3”. Há também um entusiasmo crítico que o VAR esteja disponível para a partida, assim como nas semifinais, mas não foi um cenário visto na fase de grupos da competição.

O evidente conhecimento acerca das jogadoras é notado assim que a capitã do Corinthians, Tamires, e a capitã do Palmeiras, Bia Zaneratto ficam frente a frente para o sorteio do lado do campo. Renata traz a seguinte informação: “Bia Zaneratto e Tamires! Outro dia estavam juntas com a camisa da Seleção Brasileira na Copa do Mundo hein. Agora, frente a frente para a final da Libertadores”. Renata Silveira também ressalta que é a última escalação feita pelo técnico Arthur Elias no Corinthians, já que ele assumiria definitivamente o comando da Seleção Brasileira.

A partida se inicia com Renata Silveira contextualizando que o confronto seria o maior da história do dérbi paulista feminino.

R.S: É Palmeiras e Corinthians! Um dos maiores clássicos do mundo e, com certeza, o mais importante da história do futebol feminino. Já tivemos Corinthians e Palmeiras se enfrentando na final do Brasileirão de 2021. Dois jogos e duas vitórias do Corinthians, 1 a 0 e 3 a 1, mas a Libertadores é

³ O pioneirismo da narração feminina é de Zuleide Ranieri, em 1972 (FERRO et al. 2023) e de Claudete Troiano, através da Rádio Mulher (Guerra, 2012) Após os anos 2000, destacam-se Renata Silveira, Natália Lara, Isabelly Moraes, Luciana Mariano, Elaine Trevisan entre outras nas principais emissoras esportivas.

competição continental e, por isso, o maior clássico e mais importante para as duas equipes.

É nesse instante que a comentarista Renata Mendonça é inserida na conversa para complementar a informação.

R. M: Só tem final brasileira com clássico né, porque, em 2019, quando foi a outra final brasileira, era Corinthians e Ferroviária, um grande clássico do futebol feminino, mais específico do futebol feminino. O Corinthians e Palmeiras é um clássico que o mundo conhece né, vem com uma tradição muito grande do futebol masculino. Acho que até no ping-pong, se enfrentar Corinthians e Palmeiras, tem rivalidade, então não tem a menor dúvida de que esse é o maior dérbi de todos os tempos porque decide o título mais importante.

Já é perceptível uma diferença entre a narração de Renata Silveira com a apresentada por Luciano do Valle anteriormente. Renata demonstra inteiro conhecimento sobre os times e valoriza o espetáculo em que está trabalhando. Mesmo com bastante bagagem informativa para trazer ao público, as jogadas são sua prioridade e também do restante da equipe com quem divide a transmissão. Um exemplo aparece quando a comentarista Renata Mendonça analisa o posicionamento de Gabi Zanotti, dizendo que se assemelha com o que ela está acostumada a desempenhar no Campeonato Brasileiro, depois que voltou da lesão.

Paulo Nunes inicia a participação aos 6 minutos fazendo uma análise das ideias de jogos dos dois treinadores, ressaltando que o estilo do Corinthians é distinto do utilizado pelo Palmeiras.

P.N: O Palmeiras joga muito na transição, a bola passa muito pela Duda Santos e, especialmente, pela Amanda para ter essa transição rápida e usar na inversão, a Bruna Calderan e, especialmente, a Katrine pelo lado esquerdo. Então, é um time que joga em velocidade para buscar e pegar a defesa adversária exposta.

Aos 13 minutos, um pênalti é marcado para o Corinthians e cartão amarelo é dado para a Flávia Motta, mas quando o replay é exibido, nota-se que a falta foi de Camilinha. Renata Silveira esclarece a confusão para os telespectadores e ressalta que o VAR pode analisar a situação. Sobre a possível batedora de pênalti,

R.S: Millene já bateu pênalti, Jheni, mas ela está no banco. A Jaque já bateu um pênalti nesta Libertadores (...) Vic Albuquerque na batida, a maior

artilheira da história do Corinthians. Ela fez o gol do empate contra o Internacional com a bola rolando mas, nos pênaltis, não é secar não, gente, é só informação. Na decisão por pênaltis, ela perdeu. Uma jogadoraça, muito respeitada pelo Corinthians.

Ao longo da transmissão, Renata Silveira trouxe algumas curiosidades acerca da Libertadores Feminina, como no momento que a zagueira Poliana, do Palmeiras, tocou na bola.

R.S: Poliana que é a história da Libertadores né, a maior jogadora a conquistar títulos da Libertadores, foram cinco. Inclusive venceu pelo Corinthians também. Poliana foi campeã em 2011, 2013 e 2014 pelo São José, 2021 pelo Corinthians e 2022 pelo Palmeiras. Ninguém tem mais títulos de Libertadores do que a Poliana, zagueira do Palmeiras.

O único gol da partida foi marcado por Millene, aos 30 minutos do primeiro tempo. Renata Silveira acompanhou toda a construção da jogada e pode narrar o gol sem surpresas e, com o replay, recontou o lance desde a origem. Depois disso, Paulo Nunes e Renata Mendonça dedicam tempo para analisar a jogadora em si, desde seus posicionamentos em campo, visto que foi a própria autora do gol que iniciou a jogada. Minutos depois, Renata Silveira traz mais contextos históricos da Libertadores, agora, sobre os campeões brasileiros.

R.S: Palmeiras, que busca o bi consecutivo, coisa que apenas Santos e São José conseguiram. Santos foi o primeiro campeão da Libertadores, timaço que tinha Marta. Aí ganhou 2009 e 2010 ganhou também. O São José, que é um dos tri, além do Corinthians, conseguiu um bi consecutivo de 2013 e 2014.

Apenas um momento de descontração acontece no primeiro tempo quando, já nos acréscimos, o técnico do Palmeiras, Ricardo Belli, mistura os idiomas português e espanhol para contestar o pouco tempo adicional fornecidos pela árbitra. Paulo Nunes, Renata Silveira e Renata Mendonça soltam risadas discretas.

R.S: Eu gosto quando mistura o português com o espanhol, traz entretenimento.

R.M: Um *'poquito'*

R.S: Quer fazer o final do jogo todo em espanhol?

R.M: Não, minha amiga, deixa para depois que o jogo está nervoso.

No segundo tempo, Tarciane, zagueira do Corinthians, é expulsa por levar o segundo cartão amarelo. Neste momento, uma crítica em relação à postura da jogadora acontece na cabine de transmissão.

R.S: A Tarciane permanece no campo e fala ‘não tem VAR’? (...) Tarciane continua pedindo VAR.

R.M: Não é a Tarciane que tem que pedir VAR e não é a árbitra que decide ir para o VAR, é o VAR que decide chamar ou não. Mas a decisão foi de segundo cartão amarelo então o VAR não analisa cartão amarelo, só vermelho. (...) Falta um pouquinho de conhecimento das regras das partes que ficaram reclamando e pedindo o VAR.

Paulo Nunes comenta menos que a Renata Mendonça, o que pode ser justificado pela aproximação mais longa com o futebol de mulheres. Entretanto, Paulo Nunes evidencia um empenho e responsabilidade com o produto que está entregando e entrega comentários precisos, como no momento que analisou a atuação de Gabi Portilho e Tamires.

P.N: Que trabalho dá a Gabi Portilho pelo lado direito, hein. O Palmeiras não conseguiu encaixar essa marcação e, se por um lado a Gabi Portilho aparece jogando e construindo muito, por outro lado tem a Tamires que até parece que não aparece tanto, mas ela é muito tática, trabalha muito pelo lado esquerdo, fecha essas linhas de passe. É uma jogadora muito tática da equipe do Corinthians.

Conclusão

As análises das partidas acima demonstram que, conforme a equidade de gênero avança, as funções exercidas pelas mulheres ganham a seriedade necessária. Em 2023, isto se reflete não apenas com as jogadoras de futebol tendo seu trabalho valorizado e progredindo na atenção midiática que sempre mereceram. Mas também na equipe profissional que garante os acessos do público a essas atletas. Renata Silveira simboliza neste trabalho o número expressivo de narradoras que, hoje, conseguem trabalhar nas principais emissoras do país, assim como o grupo de comentaristas femininas que agregam as equipes, como Renata Mendonça.

Os imaginários atuais defendem a equidade das oportunidades entre homens e mulheres no esporte e, com mais mulheres ascendendo para posições de narrações, por exemplo, as transmissões televisivas do futebol de mulheres caminha para que essas

profissionais entendam o conteúdo que é preciso ser exposto para que a modalidade se aproxime mais do grande público. Isso não significa que apenas as mulheres possam exercer tal função, mas elas compartilham dos imaginários de exclusão ao longo de suas trajetórias e sabem o que precisa ser dito e feito para dar voz às personagens.

Perde-se a necessidade de recorrer ao referencial masculino para comentar um jogo de futebol de mulheres, porque a modalidade está sendo inserida no calendário das emissoras e trazendo suas próprias referências. É evidente que o futebol de mulheres ainda não atingiu a excelência de valorização, existe ainda muito caminho para se percorrer. Contudo, também é notório que muito se caminhou na luta pela valorização das jogadoras, se comparado ao período em que ainda vigorava a lei de proibição do futebol de mulheres no país. Não é mais um espanto ligar a televisão e se deparar com uma competição feminina sendo transmitida.

Este trabalho, portanto, permite observar que o avanço do futebol de mulheres precisa do apoio midiático, sobretudo. Assim como a sociedade evoluiu e os imaginários refletem os novos papéis da mulher, a narrativa também o faz. Ao comparar a Final da Libertadores de 2009 com a Final da Libertadores de 2023, as narrativas evidenciam a seriedade que a modalidade conquistou no campo imaginal do público e a crescente de jogos dentro das grades de programação corroboram o fato. O papel do jornalista esportivo é caminhar para que a modalidade avance mais, assim como a lotação das arquibancadas e a produção de conteúdo sobre o assunto. O jornalismo esportivo tem a missão de potencializar os personagens de histórias que merecem ser vistas. O futebol de mulheres batalha há décadas para ser o alvo disso.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. *“Boas de bola”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ARAÚJO, Érika Alfaro. *Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019*. 2021. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação) – FAAC – Unesp, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2021.

ARCHETTI, Eduardo P. *"Futebol, identidade e masculinidade na Argentina."* In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo (orgs.). *A invenção do*

país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 253–272.

BONFIM, Aira F.. *Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941)*. São Paulo: CassiMano, 2023

BONFIM, Aira F. [Primeira exibição de futebol feminino na televisão]. Whatsapp: [mensagem privada]. 21 set. 2023. 16:43. 1 mensagem de Whatsapp.

CAMARGO, V.R.T.; GONCALVES, M.C.A. . *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re)contada através da literatura*. In: XXVII-Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Intercom 2005: Ensino e Pesquisa em Comunicação. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

CASTORIADIS, C. *A criação histórica - o projeto da autonomia*. Porto Alegre: Palmarinca, 1991.

CASTRO, Letícia de. *Primeira transmissão televisionada no Brasil da Copa do Mundo de Futebol Feminino: novas perspectivas das relações entre a mídia jornalística brasileira e o futebol praticado por mulheres* (Apresentação Julho/2021).. In: Fazendo Gênero 12 - Lugares de fala: direito, diversidade, afetos, 2021, Remoto. “ST 044: Educação de corpos, gêneros e sexualidade nas práticas esportivas e de lazer: entre resistências e reificações, 2021.

COSTA, Leda. *O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980*. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. tradução Eliane Fittipaldi Pereira - São Paulo. Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. *A voz como marcador de exclusão de gênero do radiojornalismo brasileiro*. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023.

FERRO, Raphaela X. O.. *As mulheres e o jornalismo esportivo em 20 anos do projeto Doutores da Bola*. In: MAIA, Juarez Ferraz; BORGES, Rosana Maria Ribeiro; FARIAS, Salvio Juliano Peixoto. (Org.). Estudos Contemporâneos em Jornalismo - Coletânea 8. 2ªed. Goiânia: Cegraf UFG, 2020, v. , p.297-317.

FERRO, Raphaela x. O.; ZUCULOTO, V. R. M.. *Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020*. Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 14, p. 105-133, 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, vol 19, no. 2, p. 143-151, 2005.

GOMES, Rodrigo Rocha. *Narração Esportiva na Televisão: Precisão, Emoção e Informação*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) -

Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

GUERRA, Márcio de Oliveira. *Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

JANUÁRIO, S.M.B.B.; Almeida, C; Leal, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da grande mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019. OBSERVATORIO (OBS*), v. 14, p. 42-62, 2020.

MAFFESOLI, M. *Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. *O “Ludens narrativo”: uma proposta para análise das narrativas sonoras esportivas*. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2023, São Paulo. Anais do 32º Encontro Anual da COMPÓS. São Paulo: Compos, 2023. v. 32.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PATRICIO, Elisa Ferreira de Carvalho. *Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV*. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

REINO, L. S. A.; BUENO, T. C.; GEHLEN, M. A.; ARAUJO, E. W. F. *Um olhar da Comunicação sobre o imaginário e a pós-modernidade: entrevista com Juremir Machado*. Intexto, Porto Alegre, n. 41, p. 4–13, 2018.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. *A Copa do Mundo de futebol de mulheres e as mudanças no mercado de transmissão*. Ludopédio, São Paulo, v. 173, n. 8, 2023.

SANTOS, C.A.R.. *Gênero e ação na narração esportiva de uma partida de futebol*. In: VI Congresso Internacional da Abralín, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da Abralín - 40 anos. João Pessoa: Idéia, 2009. v. Único.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, J. M. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 3º edição, Sulina, 2012.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Glauco José Costa. *Liga Metropolitana x Liga Suburbana: semelhanças e diferenças entre as competições de futebol no Rio de Janeiro*. Esporte e Sociedade.

Niterói, v. 11, n. 28, p. 1-20, 2016.

Direitos de (não)transmissão: o futebol de mulheres (in)visibilizado

(Non)broadcasting rights: women's football (in)visible

Alini Silva Peixoto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Campo Grande, MS
alini.peixoto@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0001-8570-6341>

Marcelo Victor da Rosa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Campo Grande, MS
marcelo.rosa@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-0621-0389>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 13 de setembro de 2025

Resumo:

Este trabalho é parte de uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/FAED/UFMS). Seu objetivo foi analisar aspectos de currículo e relações de poder nos discursos do público do futebol de mulheres no Twitter/X sobre as (não)transmissões do Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia 2023. Pela perspectiva dos Estudos Culturais, e considerando os conceitos foucaultianos de relações de poder e discurso, analisamos postagens e comentários sobre jogos da primeira fase, cujos direitos pertenciam à TV Globo/SporTV. Percebeu-se que, por estratégias como uma hashtag específica ou manifestações em outras postagens, foram produzidos discursos contrários à ideia de ausência de interesse no futebol jogado por mulheres. Entendemos que o Twitter/X se constituiu como espaço de disputas pela ressignificação da visão do futebol de mulheres, não apenas nas mídias, mas nas práticas cotidianas de torcedoras/es; entretanto, é necessário realizar estudos que aprofundem a relação desses discursos com a visibilidade da modalidade.

Palavras-chave: Futebol de Mulheres. Twitter/X. Estudos Culturais. Relações de Poder. Discurso.

Abstract:

This work is part of a dissertation presented to the Postgraduate Program in Education at the Faculty of Education of the Federal University of Mato Grosso do Sul (PPGEdu/FAED/UFMS). The objective was to analyze aspects of curriculum and power relations in the discourses of the women's soccer audience on Twitter/X about the (non)broadcasts of the Brasileirão Feminino Neoenergia 2023 Championship. From the perspective of Cultural Studies and considering Foucault's concepts of power relations and discourse, we analyzed posts and comments about matches from the first phase, whose broadcasting rights belonged to TV Globo/SporTV. It was noticed that, through strategies such as a specific hashtag or manifestation in other posts, speeches were produced contrary to the idea of a lack of interest in soccer played by women. We understand that Twitter/X is a space for disputes over the resignification of the vision of women's soccer, not only in the media, but in the daily practices of audience; however, it is necessary to carry out studies that deepen the relationship between these discourses and the visibility of the sport.

Keywords: Women's Soccer. Twitter/X. Cultural Studies. Power relations. Discourse.

Divulgação da partida

O interesse pelo futebol praticado pelas mulheres tem crescido na última década não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Isso pode ser percebido no aumento de público presente em estádios, seja em eventos internacionais ou nacionais, o que pode ser observado na notícia publicada pelo portal Globo Esporte (Corinthians [...], 2024), relatando a renovação do recorde de público na final do Brasileirão Feminino de 2024, e na matéria de Júlia Lanz (2023) para o jornal digital Carta Capital sobre a Copa do Mundo Feminina de 2023 e as diversas novidades que foram implementadas no torneio, bem como o aumento de público, receita e patrocínio.

Esse aumento de interesse na modalidade também se reflete na mídia, visto que, como aponta Ana Lúcia Nishida Tsutsui (2024), o futebol praticado pelas mulheres vem se tornando rentável tanto para a mídia quanto para patrocinadores. Concomitante a isso, nos últimos anos, com o avanço das tecnologias e, em específico, as mudanças decorrentes das políticas de distanciamento social — utilizadas na prevenção da infecção por Covid-19 —, observou-se uma mudança no comportamento das pessoas que acompanham o futebol em si, principalmente em relação à utilização das redes sociais.

Rodrigo Koch (2021) identificou tanto um aumento de mulheres que acompanham o futebol quanto um deslocamento na maneira pela qual torcedores e torcedoras buscam se integrar à modalidade, deslocando-se da presença nos estádios para as redes sociais. Observando os dados da FIFA (Fédération Internationale de Football Association), Rivanny Marrydjianne Cabral da Silva (2022) concluiu que essa modificação na maneira de vivenciar o futebol torna a presença delas e deles nas plataformas on-line imprescindível.

A própria utilização das redes sociais no contexto do futebol de mulheres¹ já foi percebida como mecanismo de agência do público por Alini Silva Peixoto et al. (2023), ao relatarem a importância da utilização da #elastemnome na implementação de mudanças nos uniformes dos clubes da primeira divisão do futebol nacional; eles passaram, a partir de 2021, a ter os nomes das jogadoras gravados nas camisas, algo que

¹ Optamos pela utilização da expressão “futebol de mulheres” com base no argumento de Cláudia Samuel Kessler (2020) quanto à terminologia “futebol feminino”, difundida pela mídia e órgãos oficiais brasileiros. Segundo a autora, a denominação “futebol de mulheres” aparece como uma intervenção reflexiva pelo entendimento que o futebol não deve ser adjetivado e nem a ele devem ser impostas as noções de feminilidade ressaltadas pelo senso comum que estigmatizam mulheres.

não acontecia em vários clubes, incluindo equipes de times tradicionais no futebol brasileiro.

Com base nessas reflexões, este trabalho pretende abordar um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Currículos e pedagogias das manifestações do público do Futebol de Mulheres em *hashtags* no *Twitter/X*” — de autoria da primeira autora, Alini Silva Peixoto (2025), com a orientação do segundo autor, professor doutor Marcelo Victor da Rosa —, com o objetivo de analisar os aspectos de currículo e as relações de poder presentes nos discursos do público do futebol de mulheres no *Twitter/X* sobre as (não)transmissões do Brasileirão Feminino Neoenergia 2023. Assim, no tópico “Aspectos técnico-táticos” está a construção metodológica da pesquisa, abordando o campo e como ele se constituiu, bem como as decisões tomadas no decorrer do processo. Em “90 minutos (não)transmitidos”, trazemos os discursos encontrados no campo e as análises; e, ao final, em “Considerações sobre a partida”, estão os principais aspectos observados e as perspectivas deste estudo a respeito do tema.

Aspectos técnico-táticos

Tal qual a construção de que se deriva, este texto está organizado a partir de perspectivas pós-crítica de investigação, entendendo a metodologia como a maneira de questionar aquilo que vai se construir como o problema de pesquisa, a produção das informações e as articulações de estratégias de descrição e análise, de forma que, como afirmam Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012), promovem um deslocamento epistemológico em relação às teorias críticas. Nesta abordagem, também nos afastamos das essências, do que é rígido e convicto, contestando concepções fixas que atribuem explicações consideradas como verdades absolutas por estarem colocadas em um ideal naturalizado.

Apoiamo-nos nos Estudos Culturais e nas ampliações dos conceitos de pedagogia e currículo através do entendimento de que, como afirma Stuart Hall (2016: 19), a Cultura “[...] é um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais” e diz respeito à produção e ao compartilhamento de sentidos/significados entre os integrantes de grupo ou uma sociedade, sendo assim, um conjunto de práticas e não de coisas. Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e Luís Henrique Sommer (2003) afirmam que é na cultura que se negociam e se fixam os significados; é onde se pode

produzir/disputar/sustentar práticas de representação que constroem os sentidos que circulam e operam negociando significados e hierarquias.

A proposta foi construída a partir do conceito foucaultiano de problematização, entendendo-a, conforme Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci (2015: 200), “[...] não apenas como um conceito, mas como um gesto investigativo”, uma forma de se pensar, organizar, observar e/ou construir o processo investigativo em que se toma o trabalho da pesquisa como um ponto de partida, um objeto a ser criticado/rebatido, não uma solução final para o problema, nem sequer para alcançar todos os elementos que o envolvem.

Como conceito norteador, entendemos poder, a partir de Michel Foucault (1988), como a multiplicidade de correlações de força de um incessante jogo de lutas e enfrentamentos que transforma ou reforça esses exercícios, formando cadeias ou sistemas sem um ponto central, mas sim se exercendo de vários pontos e em relações desiguais e móveis.

Sobre o poder, é importante ressaltar que ele tem funções que se difundem pelas vias do saber (não limitado ao científico, mas no sentido de conhecimento, significados), às quais o indivíduo resiste, de forma que, como afirma Michel Foucault (2008), poder produz saber, que reconduz e reforça os efeitos desse poder, não havendo relação de poder que não corresponda a um campo de saber, nem um saber que não constitua relações de poder.

Continuando com o uso do referencial foucaultiano, e considerando o objetivo do presente trabalho, entenderemos por discurso o que Michel Foucault (1988: 95) chama de “[...] uma série de segmentos descontínuos [...] uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em diferentes estratégias”. Para o autor francês, sua produção ocorre na sociedade, sendo, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída, pois o discurso não é transparente ou neutro, mas está ligado ao desejo e o poder, de forma que faz parte da produção de verdade sobre algo (Michel Foucault, 2014).

Ainda segundo Michel Foucault (2008), a análise feita no campo discursivo é diferente daquela que observa a linguagem. Trata-se de compreender o enunciado em sua singularidade; de determinar as condições de sua existência, fixar seus limites, estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, mostrar aquilo que outras formas de enunciação excluem. Assim, consideramos as práticas

discursivas que Flávia Cristina Silveira Lemos e Hélio Rebello Cardoso Júnior (2009) afirmam ser como instituições num jogo de relações de poder e de produção de saberes.

O campo inicial, mais amplo do que o que está apresentado na sequência, se construiu a partir da busca no *Twitter/X* pelo perfil oficial da competição de interesse e as hashtags iniciadas por ele. A partir disso, com a observação dessas postagens iniciais, foram identificadas outras hashtags utilizadas pelo público e pelos perfis dos clubes participantes do campeonato. O termo perfil, aqui, será usado para indicar a conta criada na plataforma, bem como as/os usuárias/os responsáveis por eles — isso inclui pessoas, clubes e a imprensa no geral.

Os artefatos analisados são compostos pela postagem inicial e seus elementos visuais e textuais, que foram identificados através das hashtags acionadas pelos perfis na publicação, bem como os comentários feitos por outras/os usuárias/os. Em específico, neste recorte, foram observados o conteúdo da *#QueremosTransmissãoCBF* e as postagens que se relacionaram aos desdobramentos discursivos sobre a (não)transmissão das partidas da edição de 2023 do Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia (primeira divisão do futebol profissional de mulheres do Brasil, aqui utilizado como sinônimo de Campeonato Brasileiro Feminino Série A1).

Em relação ao armazenamento das informações, este foi feito na forma de capturas de tela, que geraram imagens incluídas em sequência em documentos tipo *.doc* e identificados pelos intervalos das datas da realização das postagens. Quanto aos critérios para as postagens utilizadas no texto, a escolha se deu a partir da relevância da postagem como representativa para as discussões e baseou-se, em primeiro lugar, na qualidade visual da imagem após a ampliação e, em seguida, nas possibilidades de análises a partir do conteúdo de cada postagem e seus comentários, de forma que foram incluídas imagens e descrição de postagens que poderiam contribuir para a construção das análises. É importante ressaltar que as imagens presentes neste trabalho foram publicadas em domínio público, sem nenhuma restrição de acesso feita pelos perfis que as disponibilizaram na plataforma *Twitter/X*; ainda assim, optou-se por borrar as identificações das/os usuárias/os responsáveis pelas publicações.

90 minutos (não)transmitidos

Conforme anunciado pela própria emissora através de seus veículos de mídia (Globo [...], 2022), a TV Globo, via seu canal pago SporTV, assinou acordo com a

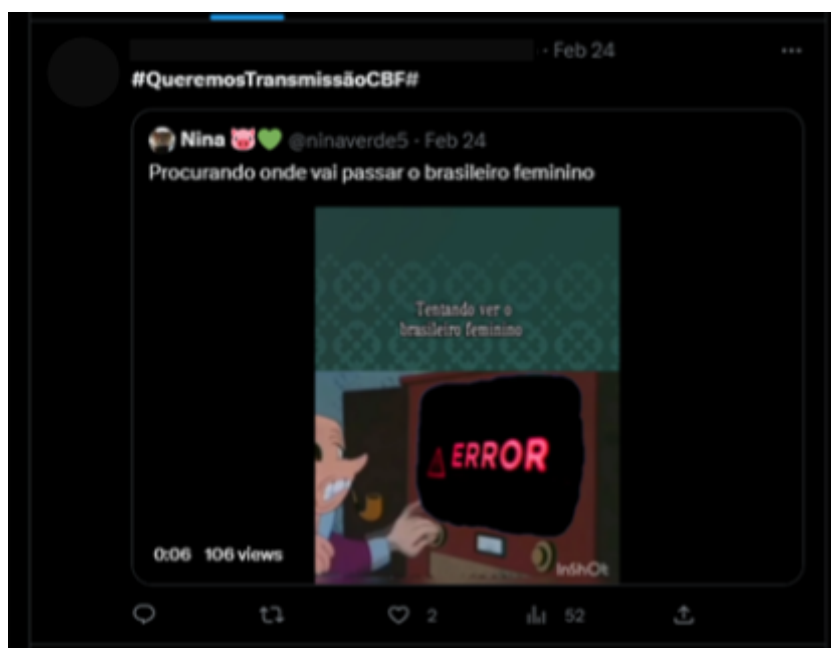
Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para assumir as principais competições do naipe feminino da modalidade até o ano de 2024, incluindo, para o ano de 2023, a transmissão do Brasileirão feminino, da Supercopa e dos amistosos da seleção durante a preparação para a Copa do Mundo de 2023^[1]. Anteriormente, os direitos de transmissão pertenciam à emissora Band, que realizou a cobertura desde 2019 e a compartilhou nos anos seguintes com canais na plataforma de vídeos *YouTube*.

Essa notícia foi recebida com entusiasmo, visto que sinalizava a perspectiva de uma ampliação na visibilidade do futebol de mulheres, não só na mídia esportiva, como também no cotidiano da sociedade brasileira, devido ao aporte da emissora que a competição receberia; entretanto, de forma oposta ao que se esperava, a fase de grupos passou para o canal de TV fechada SporTV. De forma contraditória, como também apontado por Maíra Nunes (2023), a emissora — que se colocou como parceira da modalidade — anunciou o início campeonato em sua programação apenas para as datas da segunda fase, o que significou que, com apenas seis jogos transmitidos, o número de partidas exibidas na TV aberta foi reduzido em 73% em relação ao ano anterior.

Analizando a repercussão midiática da Copa do Mundo de 2023, Soraya Barreto Januário (2023) observou que, mesmo com o crescimento de uma pluralidade temática e das mudanças significativas durante o ano de 2023, é necessário um cuidado de observação a longo prazo para perceber se o momento realmente é um ponto de alteração na visibilidade do futebol de mulheres nos âmbitos midiático, mercadológico e sociocultural. A incerteza inicial gerada pela não confirmação dos jogos da primeira fase por parte da emissora — já na primeira rodada — provocou no público do *Twitter/X* a iniciativa de criação da *#QueremosTransmissãoCBF* (Figura 1 a seguir), refletindo a insatisfação sobre a ausência de visibilidade do futebol praticado por elas.

De acordo com Tiago Duque (2020), o riso é uma experiência histórica que está envolta em relações de poder e de subjetivação que o constituem, mas, diferente de outros autores, ele discorda de que o humor em nossa sociedade tenha perdido o vigor do cômico, o contraste com a seriedade; ele reconhece que o riso é ambivalente, uma ambiguidade que se dá pelo contexto cultural. Tiago Duque (2020) entende que esse riso poderia ser uma certa denúncia e não apenas uma reiteração de violências. Podemos perceber esse contraste na utilização humorística da postagem, pois a (não)transmissão dos jogos pode ser considerada um tema sério que foi contestado por uma imagem cômica: a da televisão que mostra uma mensagem de erro.

Figura 1 — Postagem na #QueremosTransmissãoCBF



Fonte: Twitter, #QueremosTransmissãoCBF (2024).

Ainda sobre o humor e a relação da comicidade, Alexandre Werneck (2016) aponta que a construção humorística da piada (a forma-piada) pode ser construída com elementos de crítica, mas que a crítica (forma-crítica) também pode ser realizada por meio de elementos jocosos, e que, em ambos os casos, existe uma operação moral. Para o autor, a

[...] forma-crítica corresponde a um protocolo dos elementos necessários para se efetivar uma crítica [...] a forma-piada é construída em torno de um protocolo segundo o qual se produza um enunciado voltado para a chamada *punchline*, uma fala ou ocorrência que altera e subverte a lógica (em uma descrição ou enunciação) ou o fluxo dos acontecimentos (em uma narrativa) de uma situação e, com isso, induziria ao riso (Alexandre Werneck, 2016: 490).

Vamos aqui entender o humor da mesma forma que Ana Cristina Carmelino e Lídia Kogawa (2020): como um campo discursivo imerso em regras sociais específicas e com suas funções próprias. Assim, e ao entendê-lo como um dos diversos elementos discursivos presentes nas práticas de exercícios de poder, podemos considerar, a partir de Alexandre Werneck (2016), que a postagem se utilizou de uma forma-crítica feita com jocosidade, visto que trouxe elementos que efetivam um parecer sobre o tema; bem como fez uso da forma-piada para produzir um enunciado que destacasse a situação dos torcedores buscando entre os canais de TV, de forma a induzir o riso. Em ambas as

interpretações, a postagem, em seu universo específico, constrói um discurso relacionado a esse dos jogos com função de exercer a crítica direcionada à CBF sobre a ausência de transmissões das partidas através da utilização da hashtag.

Para além de uma prática lúdica com intenção de provocar o riso, Tiago Duque (2020) entende o humor como maneira de compreensão do mundo, uma forma de ressignificar informações do cotidiano. No exemplo da #QueremosTransmissãoCBF, existem signos e significados próprios do público do futebol de mulheres que carregam o anseio pela visibilidade e uma crítica pela instituição responsável pela modalidade. Assim, entendemos que a utilização do meme como forma de crítica é um aspecto de currículo direcionado ao agenciamento, tal qual gênero e riso foram entendidos pelo autor (Tiago Duque, 2020).

Apesar da rápida criação da hashtag — ainda no primeiro dia da competição —, ela foi utilizada apenas quatro vezes, e somente no início do campeonato. Isso não significa que torcedoras/es silenciaram suas reclamações; pelo contrário, elas se espalharam por outras hashtags ligadas à competição, aparecendo principalmente em respostas a postagens que anunciavam as datas, horários e locais de realização das partidas, mas também em postagens da emissora em relação ao seu canal aberto e ao pago e do perfil oficial da competição, como os seguintes: “Queríamos poder assistir a todos os jogos do campeonato 🙄” (Publicado em 03 de maio de 2023) e “arrumar a transmissão dos jogos vcs [sic] não querem né” (Publicado em 03 de maio de 2023). Questionamentos parecidos também foram feitos nos perfis dos clubes, oficiais ou não, como esse comentário na postagem do @turma_tricolor “Vai ter transmissão?” (Publicado em 04 de março de 2023).

O público também se fez presente em postagens de divulgação do campeonato realizadas pelo perfil do SportTV, como nos seguintes casos: “Po então pq vcs [sic] não transmitem mais jogos?” (Publicado em 25 de março de 2023); “Então, transmite a maior quantidade de jogos do Campeonato Brasileiro feminino que vcs [sic] conseguirem, não só 1 por rodada e esconder os outros jogos. No discurso é lindo, mas na prática...” (Publicado em 26 de março de 2023); “Vocês são uma vergonha, comprem o direito e não transmitem” (Publicado em 26 de março de 2023). Com o efetivo início dos jogos, movimentações do público e dos clubes para solucionar a falta de transmissões foram observadas. A exemplo do que ocorreu em 2022, como relatado por

Amanda Viana (2023), exceto os dois jogos por rodada de responsabilidade do SporTV, a fase de grupos teve os jogos transmitidos pelos clubes mandantes.

Essa busca/interrogação sobre os jogos marca um discurso de resistência a um outro que exprime um exercício de poder — recorrentemente visto no âmbito do futebol de mulheres —: o de que ele seria sem importância, utilizado para demarcar o futebol como um espaço de não pertencimento a elas. Isso é visível no comentário feito em uma postagem de um torcedor que chamava outros torcedores e torcedoras para frequentar o local onde ocorreria uma partida de seu time:

O maior custo é o meu tempo. Na boa, amigo, você pode dar o maior valor, mas eu acho um saco. Não vejo a menor graça. E eu fui até pra um jogo nas Olimpíadas (acho que França X Austrália). Tem uns lances legais, mas nada que me faça deixar de estudar ou fazer outra coisa pra ir *[sic]* (Publicado em 23 de março de 2023).

E que continua em outra resposta:

Se o seu não é, não tenho culpa. Não quero desencorajar ninguém. A verdade é que 99% dos brasileiros não ligam pra futebol feminino e todo mundo sabe. Pode negar, querer lacrar, mas é pior que ir assistir campeonato de várzea. Muito pior! (Publicado em 24 de março de 2023).

Essa visão do futebol de mulheres é constantemente reiterada, demarcando currículos de invisibilidade da modalidade; é algo que tem sido abordado por várias autoras e autores (Silvana Vilodre Goellner, 2005; Soraya Barreto Januário, 2017; Soraya Barreto Januário; Cecília Almeida Rodrigues Lima; Daniel Leal, 2020) e que está relacionado a uma prática discursiva de manutenção da perspectiva de que esse esporte está sob domínio dos homens. Como todo exercício de poder provoca forças de resistência, percebemos também que o público interessado na modalidade se agencia por meio do lugar em que insere seu discurso, como postagens que tratavam de uma partida, em que a cobrança pela transmissão demarca a presença de pessoas que se interessam por isso; como contraponto, há comentários como o anterior, que foi respondido pelo autor da postagem inicial com “Se tu usou seu tempo pra fazer um comentário ruim desse, só pra desencorajar as pessoas a apoiarem o BAHIA, talvez ele não seja tão precioso assim...” (Publicado em 24 de março de 2023).

Efetivamente, quem assumiu a responsabilidade por disponibilizar as partidas foram os clubes, entretanto, foi feito sem um padrão na qualidade e no preparo dessas

transmissões, que foram realizadas conforme a possibilidade de cada instituição ou das iniciativas da mídia independente, como blogs e rádios com transmissões ao vivo, conforme ilustrado na Figura 2. Ainda que isso tenha sido essencial para a visibilidade da competição, dos clubes, das partidas e das jogadoras, nem todos dispunham de condições financeiras e de recursos humanos para atender a essa demanda.

Figura 2 — Divulgações de transmissões de jogos realizadas pelos clubes



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Outra iniciativa de divulgação das partidas, denominada por suas características como “minuto a minuto”, foram as postagens contendo as principais informações e acontecimentos do jogo, muitas incluindo a minutagem para identificar o momento de ocorrência desses lances, como demonstrado na postagem do @sccpfeminino “25’/1T Pausa para hidratação! #CORxCEA (2-0) #BrasileiraoFeminino” (publicada em 25 de fevereiro de 2023). Entre os eventos narrados nessas postagens, podem ser identificados

gols marcados, substituições, infrações (faltas ou penalidades), cartões aplicados (amarelos e vermelhos), breve descrição da jogadora que teve chances de gol e defesas realizadas; algumas incluíam fotos ou vídeos curtos.

Entendendo o conceito de agência, a partir de Neiva Furlin (2013), como a capacidade que um sujeito tem de agir inserido em relações de poder, podendo gerar formas de ressignificação, compreendemos que tanto a organização dos clubes em realizar as transmissões quanto a iniciativa dos perfis diversos de publicar as informações de cada minuto de jogo se caracterizam como mecanismos de agência que podem ser considerados de extrema importância para a visibilidade da competição, das jogadoras e da modalidade. Essas ações tensionam as relações de poder entre a mídia e o futebol de mulheres, de forma a (re)deslocar as possibilidades de o público acessar os jogos.

Considerações sobre a partida

A relação do público como torcedoras e torcedores de seus clubes passa por uma ideia de pertencimento que Rivanny da Silva (2022: 53), aponta como a de criar “[...] uma comunidade e dar espaço para o diálogo, ensinando, conversando e informando sobre o clube e o campeonato em si”, e os perfis não oficiais têm grande importância na construção desse sentimento. No contexto das hashtags, isso parece acontecer principalmente com as iniciativas das postagens do tipo minuto a minuto e com as divulgações dos clubes, algo que se torna ainda mais relevante considerando que a agenda esportiva midiática é generificada e que, por vezes, mostra o futebol de mulheres como não atrativo e sem importância (Silvana Vilodre Goellner; Paula Silva; Paula Botelho-Gomes, 2013).

A compra dos direitos de transmissão pela Globo é um indício do que Eduarda dos Passos Gonçalves (2021) aponta, sobre a percepção da mídia em relação ao interesse do público no futebol de mulheres ser um potencial a ser explorado. Ana Lúcia Tsutsui (2024) pontua que uma maior visibilidade midiática do futebol praticado por elas não necessariamente significa que há uma maior valorização da modalidade, nem que estigmas históricos foram superados, ainda que, sobre a Copa do Mundo Feminina de 2023, a autora tenha verificado uma atitude entusiasmada de apoio e valorização por parte dos torcedores.

Conforme mostra Maíra Nunes (2023), através da apresentação de dados sobre o público dos jogos nas fases eliminatórias do Brasileirão Feminino 2023 — e ao contrário do que diziam alguns comentários observados no *Twitter/X* —, o interesse pela modalidade existe, afinal, os três jogos de ida das quartas de final alcançaram um total estimado de 27,5 milhões de espectadores, entre 16h e 18h, e a audiência da Globo subiu durante os jogos do Brasileiro Feminino em relação à programação anterior durante os domingos. A busca por transmissões e os discursos de revolta pela não existência delas encontrados no *Twitter/X* podem ser entendidos como uma repercussão desse crescente interesse pelo futebol praticado por elas, que se traduz na ampliação de audiência também na TV aberta e nos canais de streaming.

Entretanto, isso não significa que os discursos encontrados sobre o futebol de mulheres estão alinhados com esse deslocamento; ao contrário, percebe-se a presença de disputas em relação a esse interesse efetivo do público, por meio de discursos a inexpressividade que reafirmam uma existência dessa atenção. Apesar disso, ao menos no campo observado nesse recorte, podemos entender que esse significado de o futebol de mulheres ser desinteressante vem sendo contestado e deslocado, ainda que com a presença de pontos de tensão e disputa. Faz-se necessário aprofundar em outros estudos como esses discursos circulantes entre o público do futebol de mulheres repercute, principalmente na visibilidade midiática da modalidade como um todo.

Referências

CARMELINO, Ana Cristina; KOGAWA, Lídia. *O humor nos stickers do WhastApp*. PERcursos Linguísticos, Vitória, v. 10, n. 24, p. 185–204, 2020.

CORINTHIANS renova recorde de público no futebol feminino com 44 mil na final do Brasileirão. GloboEsporte.com, São Paulo, 22 set. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/futebol-feminino/brasileiro-feminino/noticia/2024/09/22/corinthians-renova-recorde-de-publico-no-futebol-feminino-com-44-mil-na-final-do-brasileirao.ghtml>. Acesso em: 02 maio 2025.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. *Estudos Culturais, Educação e Pedagogia*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36–61, 2003.

DUQUE, Tiago. “*Se me atacá, eu vou atacá*”: currículo, Pedagogia Cultural e produção das diferenças em Inês Brasil. In: FÓRUM NACIONAL DE JUÍZAS E JUÍZES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER, 12,

2020, Campo Grande. XII Fonavid [livro eletrônico]: *violência de gênero e covid-19*. Campo Grande: Escola Judicial do Estado de Mato Grosso do Sul, 2020, p. 163–178.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*. A vontade de saber. 13ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Cóllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FURLIN, Neiva. *Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social*. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395–403, 2013.

GLOBO fecha acordo para transmitir principais torneios de futebol feminino do Brasil. GloboEsporte.com, Rio de Janeiro, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/negocios-do-esporte/noticia/globo-fecha-acordo-para-transmitir-principais-torneios-de-futebol-feminino-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 02 maio 2025.

GLOBO e CBF selam acordo pelos próximos três anos para a transmissão dos jogos do futebol feminino. Globo.com, 21 mar. 2025. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/esporte/noticia/globo-e-cbf-selam-acordo-pelos-proximos-tres-anos-para-a-transmissao-dos-jogos-do-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula. *A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup*. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 171–189, 2013.

GONÇALVES, Eduarda dos Passos. *O Futebol de Mulheres na mídia: a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras*. 2021. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. *Marta em notícia: a (in)visibilidade do Futebol Feminino no Brasil*. FuLiA/UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 28–43, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.2.1.28-43>.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. *Futebol de Mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros*. Observatório (OBS*) Journal, v. 14, n. 4, p. 42–62, 2020.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. *Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero*. Mosaico — Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 02-13, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21727/rm.v14i1.3582>.

KESSLER, Cláudia Samuel. *O Futebol de Mulheres: notas de rodapé*. 2020, p. 49–63. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Org.) *Futebol de mulheres no Brasil: Desafios para as políticas Públicas*. Coleção Academia e Futebol, v. 1. Editora CRV: Curitiba, 2020.

KOCH, Rodrigo. *Como será o torcedor de futebol pós-pandemia? Indicativos do Rio Grande do Sul de novas identidades torcedoras*. FuLia/UFGM, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2021.33134>.

LANZ, Júlia. *Ineditismos marcaram a Copa do Mundo Feminina dentro e fora do campo: Expansão da transmissão pela TV, rádio e internet no Brasil mostra que o futebol de mulheres tem avançado no país*. Carta Capital, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/ineditismos-marcaram-a-copa-do-mundo-feminina-dentro-e-fora-do-campo/>. Acesso em: 02 maio 2025.

LEMO, Flavia Cristina Silveira; CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. *A genealogia em Foucault: uma trajetória*. Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 3, p. 353–357, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.) *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

NUNES, Maíra. *Brasileiro feminino começa só na TV fechada; Globo deve exibir apenas mata-mata*. Dibradoras.com, 23 fev. 2023. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2023/02/23/brasileiro-feminino-comeca-so-na-tv-fechada-globo-deve-exibir- apenas-mata-mata/>. Acesso em: 26 maio 2024.

NUNES, Maíra. *Brasileirão feminino tem estreia tardia na Globo, mas alcança 27,5 milhões de pessoas*. Dibradoras.com, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2023/06/19/brasileirao-feminino-tem-estreia-tardia-na-globo-mas-alcanca-275-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 17 maio 2025.

PEIXOTO, Alini Silva. *Currículos e Pedagogias das manifestações do público do Futebol de Mulheres em hashtags no Twitter/X*. Campo Grande. 2025, 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2025.

PEIXOTO, Alini Silva; ROSA, Marcelo Victor da; RIBEIRO, Leonardo Silva; SOUZA, Giovana Mestriner de. *Pedagogia da Transmissão do Futebol de Mulheres*. Educação

em Revista, Belo Horizonte, v. 39, e39224, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469839224>.

SILVA, Rivanny Marrydjianne Cabral da. *Paixão sem fronteiras: o papel do Twitter na dinâmica de interação online dos torcedores brasileiros de times ingleses*. 2022. 66f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda) — Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

TSUTSUI, Ana Lúcia Nishida. *Vem torcer com a gente! Análise da Copa do Mundo Feminina 2023 nas redes sociais do GE*. Revista Dispositiva, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 94–115, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2024v13n23p94-115>.

VIANA, Amanda. *Raio-X do Brasileirão feminino 2023, saiba tudo do campeonato e dos times participantes*. GOAL Brasil, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.goal.com/br/listas/vai-comecar-o-brasileirao-feminino-2023-saiba-tudo-sobre-a-competicao-e-seus-participantes/blt35c861f9d38b5c45#cs954b6b3e778bb956>. Acesso em: 26 maio 2024.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. *A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano*. Filosofia e Educação [rfe], v. 7, n. 2, Campinas, p. 195–219, 2015.

WERNECK, Alexandre. *Uma sociologia da compreensão a partir do par crítica e jocosidade*. Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 482-503, 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2016.3.21941.

O futebol como fenômeno sociocultural e identitário na pós-modernidade

Football as a sociocultural and identity-defining expression in postmodernity.

Fernando Rossetto Gallego Campos
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil
Chapecó, SC
fernando.campos@ifsc.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-7995-395X>

Recebido em: 02 de junho de 2025
Aceito em: 22 de outubro de 2025

Resumo:

Partindo do pressuposto de que o futebol transcende sua dimensão esportiva, o objetivo deste artigo é contribuir para a discussão do futebol como elemento sociocultural e identitário na pós-modernidade. A pós-modernidade refere-se, neste estudo, tanto ao atual período do desenvolvimento do futebol, caracterizado pela globalização, mercantilização e construção de novas identidades; e também como um período de rompimento com a modernidade, caracterizado pelo paradigma da socialidade, tribalização e sentimento trágico-dionisiaco. Esta pesquisa exploratória se organiza em duas seções. Na primeira, o futebol é discutido como elemento sociocultural, abordando sua relação com a vida cotidiana, construção de um universo simbólico próprio e celebração do estar-junto. Na segunda seção, são discutidas estruturas identitárias futebolísticas, abordando: tribalização no futebol, tipos de torcedores e escalas de identidade, enfatizando o global e o local e suas articulações. Conclui-se que o futebol, tanto profissional quanto amador, é um elemento fundamental da cultura nacional, global e local, produzindo dinâmicas socioespaciais e estruturas identitárias em diferentes escalas.

Palavras-chave: Futebol. Sociedade. Cultura. Identidade. Pós-modernidade.

Abstract:

Based on the assumption that football transcends its sporting dimension, this article aims at contributing to the discussion of football as a socio-cultural and identity element in post-modernity. In this study, postmodernity refers both to the current period of soccer's development, characterized by globalization; commodification; and the development of new identities; and also as a period of rupture with modernity, characterized by the sociality paradigm; tribalization and the tragic-dionysian feeling. This exploratory research is organized into two sections. In the first, soccer is discussed as a socio-cultural element, addressing its relationship with everyday life, the construction of its own symbolic universe and the celebration of being together. In the second section, football identity structures are discussed, covering: tribalization in football, types of fans and identity scales, emphasizing the global and the local and their articulations. The conclusion is that, whether professional or amateur football, it is a fundamental element of national, global and local culture, producing socio-spatial dynamics and identity structures on different scales.

Keywords: Football. Society. Culture. Identity. Postmodernity.

Introdução

O futebol é o esporte mais popular do mundo, o que pode ser observado a partir do seu grande número de praticantes, mas também pela audiência: a as Copas do Mundos Masculina 2022, no Qatar, e Feminina 2023, na Austrália e na Nova Zelândia, tiveram, respectivamente, 3,2 milhões e 1,9 milhão de espectadores nos estádios; 2,9 bilhões e 933 milhões de telespectadores; e um engajamento midiático global de cerca 5 bilhões e 2 bilhões de pessoas (Fifa, 2022; Fifa, 2023). Tal popularidade, no entanto, não pode ser explicada apenas a partir de sua qualidade esportiva. Em outras palavras: o futebol, assim como todas as relações promovidas a partir dele, não pode ser compreendido apenas como fenômeno esportivo, mas também como fenômeno sociocultural e espacial. Wisnik (2008) chama atenção para este embate entre economia e cultura no futebol atual, ou seja, entre sua mercantilização e sua vivência. É nesta perspectiva de vivência que nos apoiamos para argumentar que ele possui capacidade de produzir um universo simbólico próprio, uma dinâmica de relações e significações peculiares, além de uma instância própria da espacialidade¹, como já demonstramos anteriormente (ver Gallego Campos, 2018).

Neste artigo, o termo *pós-modernidade* é utilizado em dois sentidos, ora convergentes ora parcialmente divergentes – nestes casos, procuraremos fazer contrapontos, mas, sobretudo, construir diálogos. O primeiro sentido é como um período da história do futebol – como esporte e como fenômeno sociocultural e espacial – que se inicia na década de 1990 e vai até os dias atuais. Partimos da leitura de Giulianotti (2002) de que o futebol pós-moderno é o futebol globalizado. Neste período, observa-se a mercantilização do futebol, que se redefine como produto midiático – tanto no fato futebolístico em si, ou seja, a partida, quanto em produtos derivados, de camisas a jogos de videogame. Além disso, há permite e estimula a formação de novas formas de identidades – como os fãs e flâneurs (Giulianotti, 2012) e aquelas que operam através de multiterritorialidades –, enquanto ora redefine ora reforça antigas – como o clubismo (Damo, 2014). Quando nos referimos ao futebol, não estamos falando apenas do futebol

¹ Não pretendemos fazer nenhuma distinção *a priori* do futebol em relação a outros esportes ou manifestações culturais. Nosso argumento é que, devido à sua grande penetração na vida cotidiana no Brasil e em muitos lugares do mundo, ele possui grande capacidade de produzir seu próprio universo simbólico (nunca desconectado com outros universos simbólicos e com a dinâmica da vida cotidiana) e uma instância da espacialidade própria, o espaço de representação do futebol (Gallego Campos, 2008), conceito desenvolvido com base em Lefebvre (2013). Outros esportes possuem esta capacidade, mas provavelmente nenhum com tamanha intensidade e abrangência geográfica. É o caso do basquete e do futebol americano nos Estados Unidos e o críquete, na Índia.

profissional de matriz espetacularizada, nos termos de Damo (2007), mas também da grande diversidade de formas de organização e manifestação do futebol, como o amador² e, ainda nos termos do autor, de matriz bricolada.

O segundo sentido de *pós-modernidade* está relacionado a formulações de Michel Maffesoli (1998, 2003, 2004, 2005, 2006), de que vivemos em um período de mudanças profundas em que o paradigma moderno do *social* – individualista, racional e baseado no poder das organizações econômico-políticas – vem sendo substituído pelo paradigma da *socialidade*, baseado em um *ethos* comunitário, no qual o sujeito se funde em uma massa, uma “‘alma coletiva’, na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam. [...]. Cada um participa deste ‘nós’ global” (Maffesoli, 2006: 118). Esta massa é, no cotidiano, clivada em tribos de diversas ordens, como “religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais”, caracterizando-se por serem agrupamentos baseados “na ajuda mútua, compartilhamento dos sentimentos, ambiente afetivo” (Maffesoli, 2004: 24).

Assim, na pós-modernidade, há a redefinição das estruturas identitárias, de uma lógica da identidade (moderna) para, nas palavras de Maffesoli (2005), uma lógica de identificação, que se aproxima das formulações de Stuart Hall (2005) ao falar do descentramento do sujeito moderno e na emergência de identidades híbridas e intercambiantes. Outra característica da pós-modernidade é a emergência da montagem trágico-dionisíaca, baseada no hedonismo, na ética do instante e no orgasmo, ou seja, na busca de um prazer que só se realiza coletivamente e no *aqui e agora* (Maffesoli, 2005). Estas mudanças se manifestam na vida cotidiana, a qual, contrastando com a visão maffesoliana, para Lefebvre (2008), é fundamentalmente alienada, mas puncionada por momentos de presença, plenamente vividos (Lefebvre, 2006). O futebol pode, justamente, promover estes momentos de presença.

Desta forma, o objetivo deste artigo é contribuir para a discussão do futebol como elemento sociocultural e identitário na pós-modernidade. Entendemos que estes aspectos estão imbricados e os separamos apenas como forma de tentar organizar as ideias de forma mais didática. Metodologicamente, este artigo se caracteriza como uma

² Nossa concepção de futebol amador tem base em Tamburrini (2001), que realiza uma distinção entre o esporte profissional e amador (ou aficionado). Para este autor o atleta amador não é aquele que não obtém nenhum benefício econômico com sua prática esportiva, mas aquele que não tem um contrato formal com alguma instituição esportiva. O amador pode praticar o futebol por puro prazer ou mesmo em busca de reconhecimento simbólico e até financeiro, mas não tem vínculo profissional com nenhum clube.

pesquisa exploratória, com finalidade de ampliar as discussões acerca do futebol nas Ciências Humanas. Apesar de não demonstrar diretamente resultados de pesquisas empíricas, o artigo está articulado com formulações teóricas e pesquisas de campo realizadas pelo autor há mais de 20 anos tanto sobre futebol profissional quanto amador, em diferentes locais do Brasil.

Centralidade cultural e social do futebol

Segundo Giulianotti (2002: 07), ‘nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol’. Para o autor, a centralidade cultural do futebol em boa parte das sociedades, inclusive a brasileira (com suas especificidades regionais e locais), está ligada muito mais às importâncias simbólica e política que ele assume do que sua essência como jogo, sendo que “as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado” (Giulianotti, 2002: 08). Entretanto, devemos tomar cuidado para não cairmos em uma visão de que o futebol é mero reflexo de uma sociedade, como adverte Alabarces (2000), mas não podemos desconsiderar que ele é um produto – não apenas econômico, mas também simbólico – desta sociedade. Wisnik (2008, p. 12), poeticamente, apresenta o futebol como “o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem em seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível”. Assim, recorremos às formulações de Toledo (2002) sobre terceira natureza do futebol, que se refere às interpretações do esporte em cada cultura; aos jeitos, escolas e estilos de jogar; e às representações geradas, sobretudo no senso comum. Assim, a terceira natureza transcende a dimensão esportiva, mas também se manifesta no fato futebolístico. Em outras palavras, o futebol, no seu ritual – na partida, no jogo, na competição em si –, se constitui como uma expressão sociocultural, muito mais do que simples manifestação esportiva.

Assim, o fato futebolístico se desdobra e é influenciado pela prática social do futebol, ou seja, nas relações sociais que o futebol promove no cotidiano – sejam as mais banais sejam aqueles ligadas a momentos de presença (Lefebvre, 2006) que se caracterizam pelo rompimento da vida cotidiana alienada, como festas promovidas pelo torcer (Franco Júnior, 2017). A prática social do futebol se concretiza, nos termos de Moscovici (2003: 51), nos universos consensuais – em “clubes, associações e bares” – através da circulação de representações sociais, forma de conhecimento popular que

opera no cotidiano. Tais representações sociais são fundamentais para a formulação de valores e na construção de símbolos, que podem ser apropriados, modificados e redefinidos por diferentes grupos.

Para DaMatta (2006: 163-164), o futebol é “uma importante agência de dramatização da sociedade brasileira” por três razões principais: por ser um código de integração nacional; por propiciar a experiência do êxito ao povo; e por oferecer a experiência de igualdade e justiça social. O autor aponta o futebol, no Brasil, como um importante elemento simbólico e fundamental fator de identificação nacional, sobretudo pois foi capaz de reunir sob a mesma égide a elite e o povo, bem como os símbolos nacionais e os valores populares:

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol, como já afirmei, que o povo pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional: a bandeira, o hino e as cores nacionais, esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. (DaMatta, 2006: 165).

A leitura de DaMatta (2006) demanda problematização dado o contexto atual, em que a (extrema) direita brasileira se apropriou de símbolos nacionais, como a própria camisa da seleção, como forma de identificação (ver Guedes; Da Silva, 2019) (Figura 1). Toledo (2002) também problematiza a ideia de que o futebol, como símbolo nacional, produz igualdade ou reduz diferenças, sendo considerado pelo autor como um símbolo flutuante:

O futebol pode ser pensado como um *símbolo flutuante* justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, mas pode ser vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, “magia” e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis (Toledo, 2002: 27).

Figura 1 – Jair Bolsonaro usando a camisa da Seleção Brasileira em manifestação política



Fonte: BBC, 2024. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2l28yee1xo>>. Acesso em 21 maio 2025.

Depreendemos, portanto, que o futebol, como fenômeno sociocultural e como símbolo, é plural e dinâmico, podendo se constituir como um campo de disputa relacionado a dinâmicas que o transcendem como esporte. Além de ser manifestação de uma cultura, de uma sociedade, o futebol também cria um universo simbólico, que brota da prática cotidiana ao mesmo tempo em que rompe qualitativamente com esta própria prática cotidiana. Mesmo na pós-modernidade, em que a vida cotidiana se fundamenta na prevalência da *socialidade* sobre o *social* (Maffesoli, 2004), bem como nas representações sociais (Moscovici, 2003), o futebol se diferencia das demais expressões hedonistas de orgiasmo devido à permanência de seu universo simbólico e do caráter cíclico e oscilante (nas vitórias e derrotas, nos títulos e rebaixamentos) de seus momentos de presença. Lefebvre (2006) chama de momentos de presença as experiências plenamente vividas que se dão na vida cotidiana, mas que rompem com a alienação que a caracteriza a mesma. O futebol pode ser lido, portanto, como um catalizador do espaço diferencial, conceito presente em Lefebvre (2013) para denotar a emergência da instância do espaço vivido (caracterizado por momentos de presença) em relação aos espaços percebido e, sobretudo, concebido (de caráter racional e homogeneizante).

Esta perspectiva da criação de momentos de presença (Lefebvre, 2006) e de um hedonismo gregário (Maffesoli, 2005) pode encontrar reverberações nas formulações de Franco Júnior (2007: 167), que diz ser o futebol “fuga do real, representação imaginária, não realidade em si”. Entretanto ele é fuga do real à medida que cria novas espacialidades, temporalidades e socialidades, o que outras manifestações culturais, como teatro, cinema e literatura também fazem, mas de forma menos coletiva, e sem a mesma intensidade de adesão e envolvimento emocional (Franco Júnior, 2007). Apesar de não ser realidade em si – justamente por estar imerso em um contexto sociocultural mais amplo –, o futebol se torna uma das manifestações mais reais na pós-modernidade, uma vez que tem a capacidade de criar um sentimento trágico-dionisíaco, uma montagem mitológica, um imaginário e uma pulsão gregária que outras manifestações não conseguem – pelo menos não com tanta intensidade e frequência. Isto porque o futebol abarca tanto as modulações do social quanto da socialidade, de modo integrado: “o futebol tem a capacidade de unir muitas dimensões simbólicas na sua invejável multivocalidade, sendo a um só tempo, jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina de massas e evento prazeroso” (DaMatta, 2006: 139).

Foquemos em suas expressões de socialidade, ou seja, suas condições de jogo, de ritual e de evento prazeroso. Huizinga (2007: 21) aponta as características básicas do lúdico: “ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo”. Entretanto, ao estabelecer uma vinculação quase exclusiva entre lúdico e prazer e, sobretudo, entre lúdico e ócio, Huizinga (2007) cria uma lacuna em sua teoria, pois ela deixa de cobrir o desporto profissional. Não concordamos com esta dicotomia estabelecida entre jogo (lúdico) e competição (esporte). Apesar de nem todo jogo ser esporte, todo esporte é jogo em sua essência. Assim, o futebol é jogo tanto em sua expressão mais profissional e espetacularizada quanto em sua manifestação mais amadora e bricolada, nos termos de Damo (2007). O que muda é a intensidade que a dimensão lúdica adquire em cada uma destas modulações. Se o esporte moderno – inclusive o futebol, apesar de modo sensivelmente diferente dos demais – procura se afastar do lúdico através da racionalização, do controle do rendimento (preparação física e mental, mensuração, comparação, busca de maior eficiência) e da institucionalização, o futebol amador, sobretudo na pós-modernidade, assume o lúdico como sua expressão mais acabada, o que já demonstramos em sua vinculação a festejos e mesmo a campeonatos competitivos, como o Peladão de Manaus (ver Autor, 2010).

Figura 2 – Jogo do Peladão Master do Peladão, no campo da CEAN, em Manaus



Fonte: Do autor, 2009.

Da mesma maneira a sociedade se baseia no esporte – no caso brasileiro, no futebol – para expressar seu ludismo, uma das características da pós-modernidade na perspectiva maffesoliana:

Assim, o jogo, no centro da atividade esportiva, cujo crescimento constitui um índice interessante, está igualmente onipresente na eflorescência e na diversificação dos jogos de sociedade, mas, por um artil bem compreensível, isso resulta no fato da própria sociedade se tornar jogo. (Maffesoli, 2005: 19).

Por outro lado, na pós-modernidade, o futebol profissional se consolida como negócio global, movimentando cifras bilionárias e crescentes³ (ver Aida; Leoncini, 2002b; Andreff, 2006; Proni; Zaia, 2007; Kennedy; Kennedy, 2012; Mascarenhas,

³ Segundo declaração do presidente da Fifa, Gianni Infantino, em 2022, o futebol movimenta 286 bilhões de dólares por ano, equivalente ao PIB da Finlândia (Valor Econômico, 2022). Só na janela de transferências de verão na Europa (1 de junho a 2 de setembro), movimentou-se 9,76 bilhões de dólares, um recorde (GE, 2025). O valor informado por Infantino supera importantes, como a de games, cinematográfica e fonográfica, além de suplantando outros esportes e ligas bilionárias, como Fórmula 1 e NBA.

2024), mas ele só consegue tal penetração econômica, tal êxito financeiro, tal globalidade justamente porque ele é jogo; porque ele é um ritual cujos simbolismos – apesar de poderem ser comercializados – não podem ser criados artificialmente, sem que haja uma construção coletiva, através da centralidade subterrânea⁴; porque envolve estruturas identitárias baseadas mais nas emoções e nos afetos do que em uma lógica econômica.

Como demonstrado por Wisnik (2008), a dimensão ritualística do futebol não é propriedade exclusiva da pós-modernidade, perpassando o futebol desde sua ancestralidade. Assim, a característica festiva presente em todas as formas de futebol, inclusive as mais racionalizadas, é indício de que o *ethos* arcaico nunca foi apagado do futebol, mesmo sendo este uma “invenção” moderna, com objetivos educacionais, civilizadores e de modelador de caráter (Elias, 1993a, 1993b). Se a pós-modernidade se caracteriza, conforme Maffesoli (2003, 2004), pelo retorno dos valores arcaicos com uma roupagem mais tecnológica, a dimensão ritualística do futebol já prenunciava o paradigma da socialidade e ganha hodiernamente uma intensidade e uma riqueza de manifestações ímpares. A comparação do futebol com festas arcaicas é realizada por Franco Júnior (2007: 246-247):

Não é uma festa qualquer. Festa arcaica, profundamente ritualizada, festa que envolve toda a sociedade, que cumpre o papel de exatário para suas disfunções internas e externas. Daí o clima de tensão que atinge todos os participantes de uma partida de futebol, sem que ela perca seu caráter festivo. Nada de contraditório nessa constatação, pois se trata de festa no sentido mais exato do termo. Isto é atividade cíclica e excepcional que interrompe de forma efêmera o ritmo da vida cotidiana, estabelece temporalidade quantitativamente restrita (uma noite de Natal, quatro dias de Carnaval etc.) e qualitativamente densa (nos exemplos anteriores, maior religiosidade e licenciosidade). Os códigos sociais e morais são reforçados ou quebrados na festa, quando se come, bebe, veste, fala e se estabelecem laços passionais diferentemente das situações comuns.

O futebol é, portanto, um importante palco de celebração, pois carrega forte carga erótica (Maffesoli, 2005). Ele é ritual trágico-dionisíaco, pois celebra o orgasmo, os excessos, o transe e a imprevisibilidade através de uma temporalidade cíclica, através de instantes eternos e momentos de presença. Sendo assim, ele se baseia em um hedonismo irreprimível e insaciável, que encontra conforto nas emoções vividas nos

⁴ Organização horizontal e reticular, através da qual as tribos se relacionam em seu interior e com outras tribos, a partir da potência (Maffesoli, 2006), o que se observa, por exemplo, no interior das torcidas, organizadas ou não.

rituais e nas reuniões tribais. Esta busca pelo gozo não pode ser definitivamente satisfeita por gols, vitórias ou títulos, uma vez que o caráter cíclico do ritual futebolístico sempre exige a renovação dos desejos, fazendo com que uma enorme diversidade de emoções pulule em uma mesma partida, tanto no que se refere aos praticantes quanto aos espectadores e inclusive àqueles que a transmitem. Não podemos falar que na pós-modernidade as emoções estão mais presentes no futebol, porém é possível afirmar que elas passaram a ter maior intercambialidade com a vida cotidiana e com outras manifestações orgiásticas, tais como o consumismo, o erotismo, a religião e as artes (Maffesoli, 2005). Isto porque o futebol se apropria de alguns referenciais destas manifestações, os ressignificando através de representações sociais.

Tribalização e identidade no futebol pós-moderno

Discutindo as especificidades culturais do futebol⁵ em diferentes momentos históricos, Giulianotti (2002) propõe uma divisão do futebol em períodos: tradicional, moderno (subdividido em início da modernidade, modernidade intermediária e alta modernidade) e pós-moderno. Mais do que adotar esta periodização como referência, esta perspectiva nos ajuda a compreender de que formas as estruturas identitárias próprias do futebol tiveram sua dinâmica influenciada pelo contexto sociocultural mais geral e de que formas mantiveram suas peculiaridades.

O período tradicional, que se estende até o final da Primeira Guerra Mundial, se caracteriza pelo “estabelecimento das regras do jogo, sua difusão internacional e a formação de associações internacionais para administrar o esporte, sob a égide das elites dominantes” (Giulianotti, 2002: 212). Os valores do amadorismo perduravam em todo o mundo, inclusive nas *Home Nations*⁶ que legalizaram o profissionalismo. Os estilos nacionais – ou seja, a terceira natureza (Toledo, 2002) – começam a ser forjados, mas ainda havia poucas oportunidades de realização de partidas e torneios internacionais, apesar da fundação da Fifa.

⁵ O foco do autor é o futebol masculino profissional, apesar de no período tradicional o futebol se organizar a partir do amadorismo. Partimos dos pressupostos que há uma relação estreita entre o futebol amador e o profissional; que um é referência para o outro; que nenhum é capaz de determinar o outro; assim como há fortes e crescentes relações entre o futebol feminino e o futebol masculino.

⁶ O termo se refere aos países britânicos, que perante à Fifa, ao contrário do que acontece perante ao Comitê Olímpico Internacional (COI), ao invés de serem representadas pela bandeira do Reino Unido, possuem seleções próprias: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte.

O início da modernidade vai desde o final da Primeira Guerra Mundial até o final da Segunda. Nesta época, o futebol se consolida como o esporte nacional de vários países, através de sua difusão e de seu uso político pelos Estados, sobretudo a fim de produzir identidades nacionais e locais (ver Agostino, 2002). O esporte ganha força no cenário internacional, tendo sua primeira onda de globalização, com a volta da disputa a cada quadriênio da Copa do Mundo, que estava paralisada em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Esta competição propicia a criação de símbolos e mitos nacionais, produzidos através do discurso da mídia. A modernidade intermediária dura até o princípio dos anos 1960, sendo caracterizada por não simbolizar um rompimento com o período anterior, mas uma continuidade na qual algumas características são exacerbadas. As Copas do Mundo ganham maior dimensão, sobretudo devido ao advento e à popularização da televisão, que passa a compartilhar com o rádio as transmissões esportivas. O futebol se expande além da Europa e da América Latina, atingindo a África e a Ásia. A alta modernidade, que vai até o final da Guerra Fria, se caracteriza pela mercantilização do futebol e pela incorporação do consumismo e da cultura jovem – sobretudo no que se refere a novas culturas torcedoras, como os *hooligans*, os *ultras*, os *barras brabas* e as torcidas organizadas⁷. O futebol começa a ser encarado como um negócio rentável (publicidade, patrocínios, *merchandising*), principalmente na Europa, e a Copa do Mundo se consolida como um grande evento esportivo, mas também começa a ter o seu lado econômico bastante explorado (Giulianotti, 2002).

O período pós-moderno, segundo Giulianotti (2002), que se inicia na década de 1990 e vai até os dias atuais, se caracteriza pela consolidação do futebol profissional como um grande negócio global. Graças a políticas da Fifa, o esporte se expande por países onde era pouco praticado, como alguns países asiáticos, africanos, da Oceania e

⁷ Os *hooligans* são grupos de torcedores – sobretudo do Reino Unido – que se pautam em uma ética violenta, buscando aumentar seu status atacando grupos rivais. No meio dos *hooligans* a violência é apenas legítima se for realizada contra outros grupos de *hooligans* (Giulianotti, 2002). Os *ultras* são grupos de torcedores militantes do sul europeu. São grupos extremamente organizados, com estatuto e símbolos próprios (mas baseados naqueles dos clubes), e que na maioria dos casos possuem vínculos político-ideológicos com segmentos da sociedade (Giulianotti, 2002). Os *barras brabas* são “grupos organizados de torcedores militantes que se envolvem em uma série de atividades ilegais ligadas ao futebol” (Huddleston, 2022, p. 35), típicos de países da América do Sul, como Argentina e Uruguai. As torcidas organizadas, típicas do Brasil, que surge no período do regime militar, reivindicam a dominação ética e estética na forma do torcer, lançando mão de violência simbólica e, por vezes, física, sendo constituídos por jovens “predominantemente do sexo masculino, oriundos de classes populares” (Toledo, 2002: 230). Muitos destes agrupamentos de torcedores mantêm relações diretas com os clubes de futebol, que financiam suas torcidas organizadas.

os Estados Unidos. “O futebol entra definitivamente na moda” (Giulianotti, 2002: 215). Entretanto, o acesso ao futebol fica cada vez mais restrito à classe média, já que o preço dos ingressos se eleva e as transmissões das partidas pelos canais de televisão aberta passam a ser mais limitadas. A crescente mercantilização se expressa nos grandes eventos envolvendo seleções e clubes, como a Copa do Mundo e os torneios continentais. Jogadores e até treinadores se tornam celebridades globais, faturando milhões através de contratos com os clubes e empresas – fornecedoras de material esportivo e publicidade.

Apesar de fazer uma leitura da época pós-moderna do futebol profissional calcada em sua dimensão econômica – o que não se constitui como incoerência, já que o futebol se torna um negócio global – Giulianotti (2002) vê a pós-modernidade como redefinidora das estruturas identitárias. Em paralelo à crescente profissionalização daqueles envolvidos direta e indiretamente (exceto os torcedores) no futebol profissional observamos a emergência de uma lógica de identificação diferente do que se observava na modernidade. Partiremos das palavras de Giulianotti (2002: 10) para discutirmos as estruturas identitárias no futebol pós-moderno: “As identidades sociais e culturais tornam-se cada vez mais fluidas e ‘neotribais’ em suas tendências de lazer. O feminismo desafia o patriarcado, enquanto a identidade nacional torna-se mais fraca, devido à imigração e à diversidade étnica” (Giulianotti, 2002: 10). A partir deste trecho, identificamos duas questões que nos parecem mais relevantes ao discutir as estruturas identitárias futebolísticas: a tendência à tribalização e o deslocamento de escalas da identificação do nacional ao global e ao local – escalas cujas articulações se dão em perspectiva *glocal* (Haesbaert, 2002) – além de se tornarem “mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (Hall, 2005: 87).

A tribalização no futebol pós-moderno se expressa tanto na esfera amadora quanto na profissional. Enquanto aquela é fundamentalmente tribal, esta vem sendo penetrada por esta tendência. O futebol amador tem suas instituições – clubes, times de fim de semana, times de empresa, etc. – fundadas e mantidas pelo sentimento tribal nos termos de Maffesoli (2006), ou seja, por uma lógica do afeto, da proximia⁸, do convívio

⁸ Caráter relacional do homem com seus semelhantes (Maffesoli, 2004). Esta trama comunitária necessita de uma base territorial, ou melhor, constituir territorialidades para abrigar a tribo, possibilitar e legitimar o estar-junto, como explicita Maffesoli (2004: 57): “Esse território, no caso, é causa e efeito da comunicação-comunhão”. Assim, podemos afirmar que a proximia tem caráter territorializante,

cotidiano. Estas tribos são constituídas pelos próprios praticantes e pessoas ligadas a eles por uma relação afetiva pessoal, sendo comum que a mesma pessoa assuma diferentes papéis (jogador, organizador do jogo, técnico, árbitro, etc.). Há casos também, como clubes de bairro, que disputam competições de federações, como é o caso do Iguaçu e do Trieste, que disputam a Liga Amadora (Suburbana) de Curitiba, que representam a comunidade de Santa Felicidade, bairro italiano desta cidade. Mesmo assim, apesar de abarcar aficionados que não têm necessariamente uma relação pessoal com os jogadores, equipe técnica ou dirigentes do clube, estas instituições encontram o seu fundamento de identificação no localismo (por representar um bairro específico) e na representação de uma comunidade (no caso, os imigrantes italianos e seus descendentes). Entretanto, nada impede que pessoas de outros bairros e de outras descendências que não a italiana simpatizem com estes clubes, mas toda sua construção simbólica se baseia na italianidade e na representação do bairro, como podemos observar no brasão do Trieste F. C. – que tem a bandeira da Itália (referência ao bairro de Santa Felicidade) sobreposta por uma araucária (remetendo ao Paraná) (Figura 3) – e na inscrição de um dos muros do estádio Egidio Ricardo Pietrobelli, da Sociedade Operária Beneficente Iguaçu: “Iguaçu, o mais querido de Santa Felicidade”.

.Figura 3 - Brasão do Trieste Futebol Clube



Fonte: Trieste FC. Disponível em: < <https://triestefc.com.br/>>. Acesso em 21 maio 2025.

Mesmo no futebol profissional, há uma forte tendência de tribalização, de formação de comunidades baseadas no afeto. Franco Júnior (2007) prefere o termo clã para designar esta tendência de agrupamento. Para este autor, as sociedades ocidentais –

sobretudo no que se refere às territorialidades locais, que são construídas nas relações diárias das tribos. Esta apropriação do espaço em escala local “adquiriu uma ressonância totêmica” (Massey, 2008: 24). Assim, a tribo, ao mesmo tempo em que se representa em suas territorialidades, é representada simbolicamente por estas. Tal como a territorialidade pressupõe uma apropriação, as tribos pressupõem territorialidades para existir como tal.

devido ao tecnicismo, à individualização e à abstração dos grupos (Estados nacionais, megalópoles, multinacionais) – promoveram um sentimento de isolamento entre as pessoas, que somente pode ser afastado por novos agrupamentos, pelo “estar junto afetivo”. O futebol possibilita esta reaproximação das pessoas, formando comunidades nas quais elas se auto-representam e se sentem parte, verdadeiramente, de um grupo, através de emoções compartilhadas. O futebol, para Franco Júnior (2007: 213), contribuiu para a preservação de uma lógica de agrupamento arcaica, que foi solapada pela modernidade – acompanhada pela industrialização, pela democracia e pelo conceito de cidadania.

O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios a amplos setores antes excluídos da tomada de decisões; contudo, provocou também a perda de identidades grupais que tinham sido essenciais nos séculos anteriores. A consciência de pertencer a determinada comunidade camponesa, ou família tradicional e poderosa, ou confraria, ou cidade, ficou esmagada pelo conceito de cidadania que homogeneiza todos os indivíduos. Novos recortes surgiram – partido político, condição econômica, seita religiosa etc. – mas tão maleáveis e mutáveis que não substituíram todas as funções sociais e psicológicas do velho sentimento grupal. O futebol inseriu-se exatamente nessa brecha aberta pela industrialização ao destruir os paradigmas anteriores.

Concordamos com o autor quanto à propriedade do futebol de conservar os valores arcaicos por mais mercantilizado que possa se encontrar. Isto porque a lógica de identificação do futebol é de fundamento afetual. Por mais que aponte para uma tendência de tentativa de transformação de torcedores em consumidores (Toledo, 2002; Aidar; Leoncini, 2002; Sebreli, 2005; Proni; Zaia, 2007; Kennedy; Kennedy, 2012), o futebol preserva aquilo que o torna um fenômeno sociocultural tão fascinante e presente na vida cotidiana das pessoas: sua dimensão afetiva. Esta pode ser apontada a como base do que Gil (2006) indica como a primeira das cinco alteridades do futebol: entre os iniciados e os não iniciados, já é possível considerar que ser iniciado no futebol não se resume a simplesmente estar exposto a seu universo simbólico, mas sim participar ativamente dele, o que só poderia ser feito a partir de uma relação afetiva com o esporte/fenômeno e, em geral, com um clube.

A partir da relação que o torcedor estabelece com o clube e mesmo com jogadores, Giulianiotti (2012) aponta quatro tipo-ideias de torcedor: fanático, seguidor, fã e flâneur. Segundo o autor (2012: 15), o fanático é considerado o “torcedor clássico”, que possui “investimento pessoal e emocional de longo prazo com o clube” mantém

relações subculturais e de *identidade fundamentada* com o clube e de topofilia com os espaços (como estádio), sendo um tipo de torcedor quente/tradicional. Os seguidores também são um tipo tradicional, mas frio, ou seja, não apresentam uma “jornada itinerante ao lado do clube”, mas uma “identificação através de uma forma de comunicação vicária, frequentemente através da mídia eletrônica fria”, constituindo *identidades aninhadas* e relações de trocas simbólicas através de espaços instrumentais (Giulianotti, 2012: 18). Já o fã é um torcedor quente e não tradicional, mas sim consumidor, já que “vivencia o clube, suas tradições, seus maiores jogadores e os outros torcedores através de um conjunto de relações baseadas no mercado”, ou seja, possui *identidade mercadológica* e relações não recíprocas mediadas por produtos (Giulianotti, 2012: 22). Finalmente, o flâneur, tipo frio e consumidor, “adquire uma identidade pós-moderna de torcedor através de um conjunto despersonalizado de relacionamentos virtuais orientados para o mercado”, sobretudo através da mídia, assim, suas relações são virtuais e são em espaços de simulação e não-lugares, formando uma *identidade cosmopolita* (Giulianotti, 2012: 25).

A leitura de Giulianotti (2012) nos permite questionar a padronização da identidade futebolística, além de indicar que, na pós-modernidade, ou no futebol globalizado, forjam-se novas formas de identidade, mediadas pelo consumo e pelos meios de comunicação e que podem ser mais fluídas do que a tradicional vinculação do torcer a um único clube por toda a vida. Tal vinculação faz parte do que Damo (2014) denomina clubismo⁹. Esta expressão da identidade torcedora do futebol profissional, não é abalado pela lógica econômica. Apesar de o torcedor passar a consumir mais produtos de seu clube (camisas, ingressos, programas televisivos, conteúdo em redes sociais) e se tornar, em muitos casos, sócio-torcedor – “requisito necessário para a transição da condição genérica do torcedor para o ‘consumidor esportivo’ (Toledo, 2002) –, sua fidelidade, seu sentimento de pertença e a sua paixão não podem ser vendidos nem comprados, sobretudo se considerarmos torcedores do tipo fanático e seguidor, nos termos de Giulianotti (2012). Mesmo fãs e, em menor medida, flâneurs

⁹ “O clubismo é um sistema de representações estruturado, de forma que o indivíduo, ao tornar-se torcedor, é capturado por códigos que orientam seu comportamento e moldam sua sensibilidade. Não quero exagerar no peso coercitivo deste sistema, mas é fato que, do ponto de vista ideal, ele funciona a pleno quando as regras são respeitadas. Isto implica dizer que alguém tornado gremista deverá se opor, pelas regras de afinidade do sistema, primeiro e antes de tudo aos colorados. Na maior parte dos casos, o sistema opera tendo no ponto de partida uma diade – uma rivalidade arquetípica – mas não são raros os casos em que três e até quatro clubes podem compor a base das afinidades.” (DAMO, 2014: p. 39).

costumam manter certa fidelidade a um clube. Mesmo quando não o fazem, tendem a se relacionar com o universo simbólico do futebol através de um clube (este clube pode variar de temporada em temporada, devido a boas ou más fases, a jogadores ou mesmo por questões de outras ordens identitárias que transcendem o futebol). Além disso, na pós-modernidade, é possível observar que um mesmo sujeito assuma diversas identidades torcedores, sendo fanáticos por um clube e flâneurs de outro(s). Esse é o caso do torcedor *fanático* gremista colecionador das camisas de outros clubes – para os quais não necessariamente torce, mas, de certa forma acompanha e mantém relações de consumo com os mesmos (Figura 4)

Figura 4 – Torcedor fanático e flâneur



Fonte: Diário Gaúcho, 2016. Disponível em:
<<https://diariogaucha.clicrbs.com.br/dia-a-dia/noticia/2016/02/colecionador-de-camisas-de-futebol-tem-130-so-do-gremio-confira-as-fotos-4982514.html>>. Acesso em 21 maio 2025.

Apesar da identificação praticamente fixa¹⁰ (não se pode trocar de clube durante toda a vida, sob pena de ser condenado socialmente e taxado de vira casaca¹¹), o clubismo também, apesar de que de maneira diversa, assim como as manifestações do futebol amador, pode ser considerado como forma de tribalização. Ele apresenta os elementos que Franco Júnior (2007), a partir de uma leitura de Marcel Mauss, aponta como essenciais para o estabelecimento de um clã¹²: nome, brasão e totem. Apesar de concordarmos com a argumentação de Franco Júnior, discordamos com este autor quanto à sua restrição ao termo tribo e com os argumentos que ele apresenta.

Não é descabido, portanto, falar em tribo no futebol, porém não parece a melhor opção. Tribo é grupo étnico com certo caráter territorial, o que não se aplica ao futebol, cujos torcedores são de diferentes origens e estão espalhados por vários locais. Tribo é sociedade sem Estado, e o futebol moderno desenvolve-se obviamente nos quadros de Estados nacionais. Talvez seja preferível falar em clã. Deixando de lado o debate técnico sobre tal conceito, tomemos uma definição mínima: clã é um grupo que acredita descender de um ancestral comum, mais mítico que histórico, contudo vivo na memória coletiva. Ainda que todo clube de futebol tenha origem concreta mais ou menos bem documentada, com o tempo ela tende a ganhar ares de lenda, que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (Franco Júnior, 2007: 214-215).

Os argumentos que o autor utiliza para justificar a não adoção do termo “tribo” em sua análise são inconsistentes. Ater-nos-emos aos dois que nos parecem mais relevantes: o caráter territorial e não associação aos Estados nacionais. Conforme apresentamos previamente, a partir da ideia de proximidade (Maffesoli, 2006), de fato, as tribos possuem forte caráter territorial. Todavia, isto não significa que esta territorialização ocorra de maneira fixa, claramente delimitada e definitiva. É mais adequado falar, portanto, em territorialidades – entendidas, a partir da perspectiva integradora de Haesbaert (2004), como apropriação simbólica de determinado espaço

¹⁰ A identificação é *praticamente* fixa, pois é socialmente desejável (e praticado), perante à comunidade clubística, que se mantenha uma fidelidade vitalícia a um clube, algo que é representado por diversos hinos, como o do Flamengo, América-RJ e Atlético-MG, por cânticos e faixas nos estádios. No entanto, esta fixidez, na prática, é relativa e suscetível a diversos fatores – que se potencializam na pós-modernidade – como mídia, influência de família e amigos, representatividade. Uma outra questão que rompe relativamente com a fidelidade clubística é o fenômeno do *segundo time*, algo muito comum em diversas cidades/regiões do Brasil, em que o sujeito torce para um clube de projeção local/regional, ou seja, mais restrita, e também para um clube de projeção nacional. Um exemplo foi constatado em nosso estudo em Chapecó e nos maiores municípios da Região Metropolitana de Chapecó, que apontou que mais de 50% dos 2324 participantes declararam torcer por dois clubes. Neste caso, para a Chapecoense e para um dos dois grandes clubes de Porto Alegre: Grêmio e Internacional (ver Gallego Campos, 2023b).

¹¹ Apelido pejorativo para torcedores que trocam de clube.

¹² Apesar de Franco Júnior (2007) refutar a ideia de tribo, estes elementos fazem parte da constituição de uma tribo, termo que utilizaremos ao invés de “clã”.

sem que haja necessidade de dominação prévia. Neste sentido, as tribos constroem suas próprias territorialidades através da apropriação simbólica de determinados elementos do universo do futebol, como nomes, brasões e totens, por exemplo. As territorialidades construídas possuem caráter reticular, sendo que o que une os torcedores de um clube não é necessariamente compartilhar do mesmo território físico, ou seja, morar na mesma cidade ou bairro, mas sim compartilhar simbolismos e afetos, um invisível transcendente (Maffesoli, 1998). O futebol tem esta capacidade de congregiar pessoas de diferentes localidades, mas sua agregação só é efetiva quando se constroem territorialidades – que podem ter, mas não necessitam de uma base física. Estas territorialidades são constituídas na própria vida cotidiana, conforme demonstra Maffesoli (1998: 158-159).

Contrariamente aos que continuam a analisar nossas sociedades em termos de individualismo e desencanto, já mostrei que o que parecia estar na ordem do dia remetia, em vez disso, para um tipo de tribalismo, tendo por contrapartida um verdadeiro reencantamento do mundo. A comunhão em torno de imagens, objetos, não está, nesse sentido, muito distante daquela que se exprimia, nas tribos tradicionais, em torno do totem, ou do herói epônimo. Tanto num quanto noutro caso, há alguma coisa que, a partir do que é visível, imanente, culmina no invisível, transcendente. Ocorre que nas sociedades pós-modernas essa força de união, essa “mana”, é cotidiana, se vive aqui e agora, e encontra sua expressão em uma espécie de transcendência imanente de coloração fortemente hedonista. Assim, não é mais o indivíduo isolado na fortaleza de sua razão que prevalece, mas sim o conjunto tribal que comunga em torno de um conjunto de imagens, que consome com voracidade.

O outro argumento de Franco Júnior (2007), o de que as tribos não se associam aos Estados nacionais, nos remete à segunda tendência da pós-modernidade apresentada por Giulianotti (2002): o deslocamento das identidades da escala nacional para a global e a local, argumento endossado por Maffesoli (2004, 2006) e Hall (2005). Muito já foi discutido acerca do uso do político do futebol como elemento fomentador de nacionalismos (Agostino, 2002; Sebreli, 2005; Gallego Campos, 2023a) e como criador e reinventor de uma suposta identidade nacional, como já discutimos em DaMatta (2006) e Toledo (2002) e pode ser encontrado em outras publicações (ver Helal; Gordon Jr., 2001; Soares, 2002; Negreiros, 2003; Antunes, 2004; Drumond, 2008; Guedes, 2014; Franco Júnior, 2017), mas é necessário reforçar sua capacidade de construtor de identidades globais e locais, bem como multiterritorialidades, na perspectiva de Haesbaert (2004), que articulam diferentes escalas. Um exemplo de multiterritorialidades relacionadas a processos identitários são as comemorações dos

gols de Shaqiri e Xhaka, pela Suíça, na Copa do Mundo 2018, contra a Sérvia (Figura 5). O gesto feito em ambas comemorações remetem à água de duas cabeças, símbolo da Albânia. Nenhum dos jogadores é nascido na Albânia, mas Xhaka é filho de kosovares, enquanto Shaqiri é nascido em Kosovo, país que declarou independência da Sérvia em 2008 e que possui maioria étnica albanesa. O gesto expressa o nacionalismo kosovar, mas também um globalismo albanês – independentemente do país representado: Suíça, Kosovo ou Albânia –, além de dinâmicas populacionais desterritorializantes – que levaram os jogadores e suas famílias a migrarem e serem acolhidos e reterritorializados na Suíça.

Figura 5 – Comemorações de gols na Copa do Mundo de 2018 que remete à águia albanesa



Fonte: Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/wp-content/uploads/2018/06/shaqiri-e-xhaka-suica-albania-1.jpg>>. Acesso em 21 maio 2025.

O globalismo pode ser observado durante a própria Copa do Mundo quando, por um lado, o sentimento nacionalista pode ser avigorado e acentuado pelo reforço da divisão do mundo em Estados-nacionais (Poli, 2006), mas, por outro lado, há a reafirmação do caráter global do futebol, celebrando uma cultura mundial (Boniface, 2006). Este caráter global pode ser corroborado: pela grande audiência de jogos através das mídias mesmo em países que não estão envolvidos nos duelos ou mesmo que não participam daquela Copa do Mundo; pelos clubes globais (como Real Madrid, Barcelona, Manchester City, Liverpool, Bayern e PSG), cujo torcer transcende

fronteiras nacionais; e através da celebração do estar-junto tanto nas Copas do Mundo, através de *fan festivals* e outros momentos, quanto em comunidades reais ou virtuais criadas através do futebol (Autor, 2022).

A Copa do Mundo e outros eventos globais se tornam uma oportunidade de estabelecimento de multiterritorialidades – construídas através de diversas reterritorializações em forma de rede. Assim, forma-se uma gigantesca comunidade afetual dividida em tribos – as torcidas por uma ou outra equipe (país). A partir desta perspectiva, a socialidade ocorre de maneira a celebrar uma alteridade (baseada na potência) e uma oportunidade de comunhão passional, um orgasmo (Maffesoli, 2003, 2005, 2006). A própria globalização, no futebol, transcende sua dimensão econômica, fazendo parte de um sentimento de pertença a um grupo maior, formado pelas tribos (torcidas, praticantes, etc.). Isto porque ela propicia que as comunidades (clubes e seleções) se exponham e se reconheçam, através de torneios e de suas transmissões pelos meios de comunicação de massa (Franco Júnior, 2007). Algo parecido ocorre com o futebol amador, já que sua prática se remete a referências globais e tende a haver tanto uma identificação local proxêmica com a comunidade quanto global como praticantes do esporte e, portanto, parte deste universo simbólico.

O localismo no futebol não se manifesta desvinculado do globalismo. Pelo contrário, há uma grande integração entre estas duas escalas. No futebol profissional, o localismo tem sua expressão mais acabada nos clássicos ou dérbi – jogos entre equipes da mesma cidade/região que disputam a hegemonia local. Muitas vezes estes jogos superam em importância aos torcedores – sobretudo os fanáticos, que se relacionam presencial e localmente com o clube e com a torcida adversária – a própria competição em que estão inseridos. A rivalidade não é mais do que uma disputa por territorialidades, superação do oponente, que, por sua vez, também é parte essencial de seu adversário, a partir da perspectiva do clubismo (DAMO, 2014). Esta disputa pode ser observada em disputas pela hegemonia em cidades (que muitas vezes tornam-se disputas por hegemonias nacionais) – como Celtic x Rangers, em Glasgow; Coritiba x Athletico, em Curitiba; Boca Juniors x River Plate, em Buenos Aires; e Milan x Internazionale, em Milão –, em regiões – como Dortmund x Schalke 04, na região do Ruhr; e Liverpool x Manchester United, no nordeste da Inglaterra; Athletic Bilbao x

Real Sociedad¹³, no País Basco (Figura 6) – ou mesmo nacionais por clubes de cidades diferentes, mas que são carregados de localismos/regionalismos – como Barcelona x Real Madrid; e Olympique de Marseille x Paris Saint-Germain. No futebol amador o localismo se observa por disputas por territorialidades mais restritas, como bairros, empresas, ruas, campos, canchas, mas também podem se estender para a própria cidade, estado, região, etc, o que pode ser observado no Peladão de Manaus. Entretanto, isto não significa que as rivalidades do futebol amador sejam menores. Somente, em geral, são mais restritas geograficamente e ocupam menos espaço na mídia.

Figura 6 – Jogadores da Real Sociedad e do Athletic Bilbao entrando em campo com a bandeira do País Basco



Fonte: Athletic Bilbao, 2020. Disponível em: <
<https://www.athletic-club.eus/noticias/2020/03/06/la-real-sociedad-el-16o-rival-en-una-final-de-copa>>.
Acesso em 21 maio 2025.

Além da rivalidade, o localismo se manifesta através das relações promovidas no cotidiano. No futebol profissional, pode ser observado em conversas ou brincadeiras cotidianas sobre futebol, com amigos, no universo consensual (Moscovici, 2003). A aproximação de um clube de sua comunidade e como ele a representa também é uma

¹³ O Clássico Basco é provavelmente uma das maiores rivalidades regionais, mas também pode ser visto como uma das maiores celebrações comunitárias/nacionalistas, já que ambos clubes partilham do ideal do independentismo basco. As equipes de San Sebastián e Bilbao disputam a hegemonia basca, mas, unidas, representam a oposição à centralidade de poder espanhola. Esta partilha simbólica é possível ser observada, por exemplo, com o repetido gesto de as equipes entrarem juntas em campo levando a bandeira basca, simbolizando que o que os une é mais forte do que os separa (Figura 6).

manifestação de identidade local. Um exemplo é a Chapecoense, que simbolicamente, uniu em torno de si uma cidade (e uma região), em que ser chapecoense passou a significar ser Chapecoense, em uma cidade com grande número de migrantes. No futebol amador, as identidades locais são mais recorrentes, no sentido em que suas práticas estão mais relacionadas a esta escala, uma vez que não costumam ser mediadas pelos meios de comunicação. Entretanto, apesar de poderem ser óbvias, tais identidades possui grande riqueza e complexidade, podendo articular identificação com times e com bairros, com instituições – de ensino, religiosas, etc. – ou determinadas pautas sociais – feminismo, direitos indígenas, antifascismo, entre outras.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos contribuir para a discussão do futebol como elemento sociocultural e identitário, no contexto da pós-modernidade. Buscamos, assim, ajudar a preencher lacunas na ainda incipiente, nos termos de Franco Júnior (2017), futebologia brasileira. Reconhecemos, entretanto, que não tratamos de todos os complexos aspectos relacionados à construção do futebol como fenômeno sociocultural e identitário nem conseguimos nos aprofundar em todas as questões. Por exemplo, faz-se necessário discutir outros aspectos da identidade futebolística torcedora, como: a crescente tendência de brasileiros torcerem (também) para clubes do exterior, sobretudo europeus; o já consolidado fenômeno de se torcer por dois ou até mais clubes em determinados locais, como demonstramos no caso da Região Metropolitana de Chapecó (Gallego Campos, 2023b); e da mediação da torcida através das mídias e também de jogos de videogame.

Por outro lado, buscando estabelecer diálogos de autores que pesquisam especificamente o futebol com autores que possuem formulações mais amplas sobre sociedade, identidade e espaço – tais como Maffesoli, Hall e Lefebvre –, acreditamos que apresentamos algumas ricas possibilidades de abordagens teóricas e temáticas do futebol no contexto da pós-modernidade – entendida como periodização do futebol (Giulianotti, 2002) e/ou como novo paradigma de rompimento com a modernidade (Maffesoli, 2006). Neste sentido, mais do que procurar consensos (sobretudo em relação ao entendimento sobre pós-modernidade), esperamos estimular novas discussões acerca de um futebol que está em constante processo de modificação, mas que preserva muito

de suas raízes simbólicas; e de uma sociedade que se transforma, transforma o futebol e, em certa medida, também é modificada pelo futebol.

Finalmente, podemos dizer que o futebol, tanto profissional quanto amador, é um elemento fundamental da cultura brasileira, global e local, produzindo dinâmicas socioespaciais e estruturas identitárias em diferentes escalas. Tais dinâmicas e estruturas – de base simbólica – produzem diversas (multi)territorialidades cujas riquezas precisam ser apreendidas pelas Ciências Humanas de forma a compreender não apenas as dinâmicas futebolísticas, mas também para entendermos dinâmicas socioculturais e identitárias mais amplas e, assim, nos conhecermos melhor como sociedade.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

AIDAR, Antônio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira. Evolução do futebol e do futebol como negócio. In: AIDAR, Antônio Carlos Kfourir; LEONCINI, Marvio Pereira; OLIVEIRA, João José (Orgs.). *A nova gestão do futebol*. Rio de Janeiro: FGV, 2002

ALABARCES, Pablo. Introducción. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedade em América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ANDREFF, Wladimir. Derechos televisivos desiguales y desequilibrio competitivo en Europa. In: *Vanguardia dossier: el poder del fútbol*. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004

BONIFACE, Pascal. *El fútbol, fenómeno global por excelencia*. Vanguardia dossier: el poder del fútbol. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro*. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 22-55.

DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – volume 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993a.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – volume 2: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993b.

FIFA. *Fifa World Cup Qatar in numbers*. Disponível em: <<https://publications.fifa.com/en/annual-report-2022/tournaments-and-events/fifa-world-cup-qatar-2022/fifa-world-cup-qatar-2022-in-numbers/>>. Acesso em 21 maio 2025.

FIFA. *FIFA Women's World Cup Australia & New Zealand 2023 - Global Engagement & Audience Report (Executive summary)*. Disponível em: <<https://inside.fifa.com/tournament-organisation/audience-reports/australia-new-zealand-2023>>. Acesso em 21 maio 2025.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rossetto. *Geopolítica e futebol: identidade, nacionalismo e comunitarismo na Copa do Mundo 2018*. Geosul, Florianópolis, v. 38, n. 86 –Dossiê de Geopolítica, p. 506-528, mai. 2023.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rossetto. *Identidade, futebol e territorialidades: uma análise a partir da Copa do Mundo 2018*. GeoTextos, Salvador, v. 18, n. 2, p. 153-176, dez. 2022..

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rossetto. *Influência e metropolização futebolísticas na Região Metropolitana de Chapecó*. Acta Geográfica, Boa Vista, v.17, n. 43, p. 01-26, jan./abr. 2023

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rossetto. *O conceito de espaço de representação do futebol como possibilidade para a apreensão do futebol profissional e amador como fenômenos da espacialidade*. Boletim de Geografia (Online), Maringá, v. 36, n. 2, p. 1-13, 2018.

GE. *Janela de transferências é a maior da história e movimentará R\$ 53 bilhões no futebol mundial*. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2025/09/03/janela-de-transferencias-e-a-maior-da-historia-e-movimentar-r-53-bilhoes-no-futebol-mundial.ghml>>. Acesso em 05 nov. 2025.

GIL, G. J. “*Te sigo a todas partes*”. *Pasión y aguante en una hinchada de fútbol de un club del interior*. Intersecciones en Antropología, Buenos Aires, N. 7, 2006.

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e flanares: uma taxonomia de identidades de torcedor no futebol. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jun. 2012.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud; DA SILVA, Edilson Márcio Almeida. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. *Cuadernos de Aletheia*. n. 3, p. 73-89, 2019.

GUEDES, Simoni Lahud. A dádiva e os diálogos identitários através das copas do mundo no Brasil. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014. p. 56-69.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. *Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol*. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LUVISOLO, Hugo (Orgs.). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HUDELSTON, William. *Kicking off: violence, honour, identity and masculinity in Argentinian football chants*. *International Review for the Sociology of Sport*. V. 51, n. 1, p. 34-53, 2022.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. Football supporters and the commercialisation of football: comparative responses across Europe. *Soccer & Society*, v.13, n. 3, p. 327-340, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *Critique of everyday life – volume 1: introduction*. London: Verso, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: FCE, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madri: Capitán Swing, 2013.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. Indústria do futebol e acumulação capitalista: um debate a partir da economia política da Premier League. *Movimento*, v. 30, 2024.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda. *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: questões & debates*, Curitiba: Ed. da UFPR, ano 20, n. 39, 121-151, jul./dez. 2003.

POLI, Raffaele. *Identidades nacionales y globalización*. In: Vanguardia dossier: el poder del fútbol. Barcelona: Vanguardia Ediciones, jul.-set., 2006.

PRONI, Marcelo Weishaupt; ZAIA, Felipe Henrique. *Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado*. In: RIBEIRO, Luiz. Futebol e globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.

SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

SOARES, Antonio Jorge. *Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro*. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

TAMBURRINI, Claudio M. *¿La mano de Dios?: una visión distinta del deporte*. Buenos Aires: Continente, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VALOR ECONÔMICO. *Futebol movimenta o equivalente ao PIB da Finlândia, diz presidente da Fifa*. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/09/27/futebol-movimenta-o-equivalente-a-o-pib-da-finlandia-diz-presidente-da-fifa.ghml>>. Acesso em 05 nov. 2025.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Não perdemos, nos faltou tempo para vencer: futebol e neoliberalismo

We didn't lose, we didn't have time to win: football and neoliberalism

Fernando Sartori

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre. RS
ferzsartori@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3238-1819>

Amadeu de Oliveira Weinmann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre. RS
weinmann.amadeu@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4162-9660>

Recebido em: 02 de junho de 2025

Aceito em: 22 de agosto de 2025

Resumo:

Este artigo analisa o impacto do neoliberalismo na cultura do futebol, abordando a transformação dos estádios em arenas padronizadas e a conversão do torcedor em cliente individualizado. Contextualizado pela crítica ao futebol-empresa, o texto problematiza como a lógica de mercado, a busca por controle (VAR, biometria) e a mercantilização (SAFs, apostas) ameaçam a identidade coletiva, a imprevisibilidade e o caráter popular do esporte. A finalidade é questionar a possibilidade de resistência e a manutenção da cultura de coletividade frente à gramática neoliberal. A metodologia envolve análise cultural e teórica e observação de fenômenos contemporâneos. Conclui-se que, apesar da homogeneização neoliberal, práticas como o futebol de várzea e a resistência cultural representam linhas de fuga e a persistência do futebol como espaço de encantamento e expressão comunitária.

Palavras-chave: Futebol. Neoliberalismo. Resistência.

Abstract:

This article analyzes the impact of neoliberalism on football culture, addressing the transformation of stadiums into standardized arenas and the conversion of fans into individualized customers. Contextualized by the critique of corporate football, the text problematizes how market logic, the search for control (VAR, biometrics) and commodification (SAFs, betting) threaten the collective identity, unpredictability and popular character of the sport. The aim is to question the possibility of resistance and the maintenance of the culture of collectivity in the face of neoliberal grammar. The methodology involves cultural and theoretical analysis and observation of contemporary phenomena. It is concluded that, despite neoliberal homogenization, practices such as amateur football and cultural resistance represent lines of escape and the persistence of football as a space of enchantment and community expression.

Keywords: Soccer. Neoliberalism. Resistance.

Uma cadeira brota do concreto. Milhares de cadeiras brotam do concreto. Ao longo do globo terrestre, essas cadeiras se parecem umas com as outras e cumprem a função de individualizar o espaço coletivo. Por um lado, a fragmentação das arquibancadas possibilita, pela via da disciplina, o controle dos corpos, tornando-os mais dóceis. Por outro, permite-se ao indivíduo frequentador de um estádio de futebol converter-se em um cliente fidelizado. O futebol-empresa, fruto das arenizações - isto é, o processo de modernização dos antigos redutos do esporte -, engole o bairro; tritura o misticismo e a superstição. Agora, o torcedor-cliente, munido de estatísticas acerca do desempenho dos jogadores e informações do mercado da bola, está mais preocupado em gravar com o celular o pênalti decisivo do que retê-lo na imprecisão da memória. Em meio a esse cenário, questiono a possibilidade de semear a capacidade disruptiva do futebol, sob o discurso do neoliberalismo. Pergunto: como assegurar a transmissão da cultura de coletividade no esporte perante o tempo imediato e nefasto do mercado? Como fazer do esporte uma ferramenta de resistência? E como sustentar a produção de linhas de fuga, sustentadas na experiência, daquilo que é compreendido como “futebol moderno”?

Não raro, quando criança, perdia os gols no estádio. Demorava-me naquelas barras verticais, influenciadas pelo outro lado do Rio Uruguai, cobrindo a multidão ensandecida que pulava e cantava sem parar; fitava, por longos minutos, os refletores que contrastavam com a avidez noturna; decorava as canções entoadas, a fim de me gabar e ensinar aos meus amigos, quando regressasse, à longínqua cidade que me esperava depois do término da partida. Perdia os gols e não havia *replay*; *in loco*, a materialidade do jogo me levava ao espanto. Ora, se a regra fundamental do futebol, meter a bola na baliza oposta por mais vezes do que o adversário, não parecia importar tanto, há uma quebra de expectativa. O que vale mais que o resultado? O imperativo ao gozo, na contemporaneidade, institui uma lógica utilitarista da vitória a qualquer custo. Negligencia-se, então, a importância da derrota na constituição psíquica do torcedor. O futebol é lúdico e didático: revela para as crianças a incompletude da vida e as instiga, desde cedo, a lidar com a brutalidade da falta. Não se pode ganhar o tempo inteiro. Por isso, atualmente, os pequenos torcedores, influenciados pelos vídeos-jogos e demais dispositivos virtuais, optam por acompanhar equipes europeias, onde há a ilusão de que se pode escapar da irremediável dor do fracasso. Sobre isso, Nick Hornby (2000, p. 183) sentencia que são precisamente as derrotas, em tardes tristes “[...] de março, que

dão sentido ao resto, e é justamente porque você já viu tantas dessas partidas que as outras, as que só vêm a intervalos de seis, sete ou dez anos, causam uma felicidade tão grande”.

Nessa linha, Simas (2017) narra a história de Mauro Shampoo: maior ídolo do pior time do mundo. O jogador foi o centroavante do Íbis Sport Club e anotou somente um gol em sua passagem na equipe, na derrota para o Ferroviário por 8 a 1. Para além de uma ode aos derrotados, o centroavante e o time - orgulhosos de seus fracassos - evidenciam que não necessariamente ofício e eficácia caminham juntos nos critérios adotados na idolatria dos torcedores. A condição que torna o futebol uma paixão, tal como se apresenta nos contextos latino-americanos, transcende ao que, objetivamente, se espera do jogo. Diante disso, proponho dois fragmentos. Primeiro, em 2021, na capital da província de Santa Fé, na Argentina, um torcedor apanha a urna cinerária de seu falecido pai e deposita, em meio às cinzas, o vinho guardado para a ocasião em que a equipe ganhasse o inédito título nacional. O elo, que transcende à matéria, de filiação com o pai e com o time independe da prerrogativa vencedora do Club Atlético Colón. Depois, durante a disputa dos jogos olímpicos de 2024, em Paris, chamou a atenção de quem acompanhava as decisões do futebol feminino o fato de a arbitragem conceder longos minutos de acréscimos nas partidas da seleção brasileira. Para além do intento das juízas de favorecer as equipes do norte global, a ideia de que cada instante perdido, ao longo da partida, possa ser metrificada e, posteriormente, acrescentada no final do tempo regulamentar é simplesmente aterrorizante.

O futebol é o único grande esporte coletivo em que o tempo de jogo não é rigidamente cronometrado. Logo, depende-se da interpretação do árbitro, a qual pode ser bem ou mal intencionada - mas, invariavelmente, salienta a relação dos torcedores com os limites que a vida nos coloca -, para qual minutagem será outorgada. Dessa forma, como foi no caso dos jogos olímpicos, a metrificação precisa do tempo de jogo, cujo fim é historicamente envolto de incerteza, acarretou espanto nos espectadores. O infamiliar, *Das Unheimliche* (Freud, 2019), sugere uma sensação de estranheza e inquietação, quando encontramos algo profundamente familiar, mas esquecido. O jogo, que sempre teve um caráter orgânico, imprevisível, passa a ser regido por um cálculo frio, revelando algo perturbador na tentativa de controlar o incontrolável. A contabilidade rígida do tempo perdido, pela adição nos acréscimos, além de desestabilizar a experiência do torcedor, expõe uma verdade incômoda — a ilusão de

domínio sobre o jogo. “Matar tempo”, expressão popular dentro das quatro linhas, é dissonante aos valores pregados pelo mercado: deve se otimizar o tempo e renegar as lacunas do ócio e da procrastinação.

Processo similar aos acréscimos ocorre na revolta dos apaixonados pelo esporte com o Árbitro Assistente de Vídeo (VAR), o qual tenta corrigir a condição desviante e disforme, constituinte do futebol. A razão iluminista e objetiva da arbitragem é incompatível com a indeterminação do jogo. Mediante as tecnologias da contemporaneidade que visam neutralizar o imponderável, invoco o traço que desvela o caráter ontológico do futebol: sua natureza anômala, em que impera a imprevisibilidade de inúmeras alternativas possíveis; a irrupção de uma singularidade, de um acontecimento, avesso às gramáticas contemporâneas. Tendo isso em vista, Wisnik (2008, p. 25) reflete acerca da insistência dos imperativos globalizantes, que intentam adotar medidas que “transformariam o futebol num esporte equivalente aos outros, e corrigiriam, com isso, aquilo que ele tem de triunfante anomalia na ordem mundial”. Afinal, são as pernas tortas de Garrincha que desafiam a métrica e não a anatomia corporal geométrica ancorada nos predicados científicos e estatísticos. Pouco valem os cálculos rigorosos de força e potência; os índices de massa corporal; os mapas de calor; os dados quantitativos do adversário, frente à criatividade de quem desafia a lógica, pois foi criado jogando em terrenos estriados e esburacados - em detrimento dos campos lisos, de gramas bem aparadas -, onde driblar os obstáculos era necessário a todo momento.

Expor as condições que fomentam o “torcer” suscita o questionamento de se o vínculo do torcedor com seu time não seria pré-capitalista. Daí se daria a dificuldade dos dispositivos mercadológicos e políticos captarem de forma completa a relação das pessoas com o esporte. No entanto, atualmente, nota-se a presença efusiva, no enlace social brasileiro, tanto das SAF’s (Sociedades Anônimas do Futebol), modelo de gestão empresarial no futebol, em que os clubes se tornam sociedades anônimas, permitindo a entrada de investidores privados, isto é, um dono; quanto das *bets* (apostas esportivas), que funcionam, principalmente, por meio de plataformas virtuais, onde os apostadores escolhem resultados e ganham dinheiro se acertarem¹. Quando acertam. Tal cenário traduz a realidade neoliberal, cujos discursos tendem à despolitização da vida e, por

¹ Beneficiários do Bolsa Família enviaram R\$ 3 bi para bets em um mês, diz BC... - Veja mais em <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/09/24/beneficiarias-do-bolsa-familia-enviaram-r-3-bi-para-bets-em-um-mes-diz-bc.htm?cmpid=copiaecola>.

consequente, do futebol. Pois o neoliberalismo rearranja as formas de torcer, uma vez que “recodifica identidades, valores e modos de vida” (Saflate, Silva, Dunker, 2021, p. 11). Dito de outro modo, trata-se de uma gramática que regulamenta o desejo e a vida social. Segundo Brown (2019), o neoliberalismo não se limita a uma política econômica, configurando-se como um projeto político e cultural que busca disseminar seus valores em todas as esferas da vida, incluindo instituições sociais, políticas e culturais, como o futebol.

Entretanto, embora pareça que hoje apenas o clube mais rico logra êxito, torna-se interessante observar que, ao nível de times, devido à supremacia financeira e econômica, o Brasil é soberano nas conquistas mais recentes no âmbito continental. Contudo, no que diz respeito às seleções, a Argentina coleciona uma série de campeonatos importantes - dentre eles, a Copa do Mundo. Ora, abrir as portas para o interesse do capital privado poder gerir um clube significa, em contrapartida, abdicar da própria identidade da equipe. No país vizinho ao nosso, tanto torcedores quanto dirigentes resistem à tentativa da implantação das SAF's, chegando a judicializar a situação². Pois os castelhanos entendem que é prioridade exigir que os clubes cumpram sua função como uma entidade social, isto é, que sejam fortalecidas e mantidas as identidades tradicionalmente constituídas, em uma relação íntima com o território - os conhecidos clubes de bairro que, para Simas (2017, p. 55), representam

espaços em que as comunidades dos bairros estabeleciam estratégias de convívio, expressavam anseios, manifestaram desejos de festa, integração comunitária e participação efetiva no cotidiano de espaços muitas vezes depreciados e esquecidos pelo poder público. Os times de futebol desses bairros não tinham intenção de vencer ou conquistar títulos - a vitória, no caso, era simplesmente existir e proporcionar encontro.

Nessa linha, entendo que o futebol contemporâneo engendra-se em meio a um cenário envolto de processos sociais ancorados na necropolítica³, como a gentrificação dos espaços, o elitismo e a exclusão social, os quais se intensificam com as arenizações, conforme mencionado no início da escrita. Inicialmente, destaca-se a gentrificação tanto da área em que se constrói uma nova arena quanto das reformas de velhos estádios. Berth (2018) conceitua a gentrificação como um processo de transformação urbana em

² SAF na Argentina: governo, clubes e AFA travam batalha que pode definir futuro do esporte no país https://www.terra.com.br/esportes/futebol/saf-na-argentina-governo-clubes-e-afa-travam-batalha-que-pode-definir-futuro-do-esporte-no-pais,7f7496c9dd5c91375e95c3f17fadd812518v405c.html?utm_source=clipboard.

³ De acordo com Mbembe (2003), a necropolítica é um mecanismo pelo qual o poder soberano controla a vida e a morte, definindo quem tem o direito de existir e quem é excluído do projeto social em questão e entregue à própria sorte.

que áreas populares, comumente ocupadas por comunidades de baixa renda, passam por um fenômeno, maquiado pelas nomenclaturas de “modernização” ou “revitalização”, em que se atraem investimentos e novos moradores de classes média e alta, resultando na expulsão dos moradores originais, que não conseguem mais arcar com o custo de vida elevado. Dito isso, as arenas vão ao encontro da perspectiva defendida por Jeudy (2005), de que as cidades atuam como espelhos das dinâmicas sociais, culturais e políticas, refletindo as transformações e contradições da sociedade. Tal conceituação permite pensar que os estádios contemporâneos, como espelhos das mudanças urbanas e sociais, servem como um espaço de consumo, espetáculo e segurança. Ademais, o autor assinala que as cidades, ao refletirem as dinâmicas do laço social, acabam se assemelhando umas às outras. Esse fenômeno ocorre porque as transmutações urbanas são frequentemente influenciadas por modelos globais de desenvolvimento, que priorizam a modernização em detrimento das particularidades locais. Logo, perde-se nas arenas a identidade local, uma vez que a padronização dos estádios negligencia as raízes culturais, ao não preservar a memória dos clubes e das pessoas que os constituem.

Portanto, os atuais certames do ludopédio tendem a características homogeneizadoras, seguindo à risca o padrão mundial. Jeudy (2005) compreende tal evento como um processo global de “museificação”, em que as arquiteturas se parecem. Agamben (2007, p. 64) define museu como algo que expressa uma “impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência”. Caberia a profanação, restituir ao humano aquilo que está na esfera do sagrado. Mediante o rito, o jogo, derivado de antigas cerimônias sacras, de rituais e de práticas divinas, reestabelece a unidade sagrada (Wisnik, 2008). Ora, se hoje os pavilhões, arquibancadas e gerais cedem lugar às cadeiras para que o torcedor-cliente possa consumir o espetáculo, como se resiste a este modelo de gestão, cujas singularidades locais não são pensadas, tampouco adaptadas? As cenas, que se repetem Brasil afora, de torcedores quebrando as cadeiras nas Arenas - ferozmente condenados pela moral intacta da crônica esportiva - dão pistas disso. Negam-se as imposições feitas pelo futebol contemporâneo.

Pois a tendência atual é de individualizar o espaço coletivo. Para tal, são diversos os dispositivos de controle, como o reconhecimento facial⁴ e a biometria na entrada dos estádios, garantindo a segurança dos espectadores contra qualquer

⁴ Reconhecimento facial será obrigatório nos estádios a partir de 2025. Em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/reconhecimento-facial-sera-obrigatorio-nos-estadios-a-partir-de-2025/>.

inconveniência. O ato agora não responde mais à massa, uma vez que o torcedor - o qual se demonstrou descartável ao mercado da bola, após a pandemia da Covid-19 - tornou-se refém do quadriculamento, cuja definição Foucault (2014, p. 140) resume em: “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo”. O princípio disciplinar foucaultiano evita distribuições por grupos; destrói as formas de comunicação insurgentes; decompõe as implantações dos coletivos; combate as pluralidades fugidias, aglomerações e as coagulações perigosas.

As arenas tentam desarticular e suprimir a potencialidade daquilo que Caiaffo et al. (2007) chamam de “multidão-potência”, ao apostar na produção de multiplicidades e de alternativas singulares dos movimentos de resistência e criação. Por isso, atento para a importância da luta das principais torcidas organizadas do país com o intuito de garantir, junto à direção dos clubes, um lugar popular, livre de cadeiras, para a festa da massa. Luta que sintetiza a necessidade de grande parte dos frequentadores dos estádios. Nesse viés, Negri (2000) problematiza a multidão como multiplicidade e potencialidade, em detrimento de um mero agregado de indivíduos e demais assujeitamentos produzidos pelas técnicas do biopoder. Desse modo, “a multidão constrói um corpo vital e expansivo no coletivo, cujo processo de produção tem consequências éticas, estéticas e políticas” (Caiaffo et al., 2007, p. 32). É nesse tensionamento entre sagrado e profano; cadeira e arquibancada; matéria e utensílio; artesanal e mercadológico; jogar por amor ou jogar por dinheiro, que Simas (2019, p. 63) afirma:

A história do futebol brasileiro têm muito dessa subversão, que chamo de “esculhambação criativa”: a capacidade de transformar territórios, espaços de controle, em terreiros – espaços de encantamento. Assistimos nos últimos anos à elitização dos grandes estádios, redefinindo como arenas frequentadas por uma clientela com padrão de consumo e comportamento mais adequados aos cinemas congelantes de shoppings e a franquias de botecos de grife. As arquibancadas e gerais, como espaços coletivos de movimentações imponderáveis, soluções criativas no ato de torcer, lugares de abraços suados e eventuais porradas, foram para a cucuia. Saem de cena o maluco fantasiado, a doida da geral, o torcedor cardiopata, o arremessador de chinelo no juiz, o vendedor de laranja-lima. A hora é a do espectador comportado – uma espécie de testemunha da partida, tão vibrante quanto um cágado sob efeito de tranquilizantes.

Nesse sentido, proponho que outra forma de insurgência às práticas normalizantes e mercadológicas ao esporte é o futebol de várzea. Praticado em campos improvisados e espaços comunitários, é uma expressão cultural profundamente enraizada nas periferias da América Latina. Nos bairros periféricos, a várzea sustenta a coletividade e o pertencimento, contrastando com a lógica individualista e excludente

do neoliberalismo. Ademais, o futebol varzeano serve como uma forma de ocupação e reivindicação do espaço urbano, negligenciado pelo poder público. Embora mude os cenários espalhados pelo continente terceiro mundista, o ímpeto quanto a modos de sociabilidade se equipara. Como reforça Toledo (2002), o futebol de várzea é um fenômeno que transcende o esporte, sendo uma prática que reforça identidades locais e resiste à homogeneização cultural imposta pela globalização.

Todavia, em meio a isso, questiono algumas leituras pretensamente críticas ao futebol contemporâneo que romantizam seu contraponto, popularmente intitulado “futebol raiz”, pelo simples direito ao ódio. Os processos excludentes atuais aqui narrados não normalizam mais algumas situações de violência que outrora eram tidas como parte do “folclore” futebolístico, como os casos de homofobia, machismo e racismo. Uma mulher já não passa mais a partida toda apertada sem poder ir ao banheiro. Outro exemplo interessante é a Lei Brasileira de Inclusão, a qual garante uma área reservada para que pessoas com autismo tenham acesso e atendimento adequado nos estádios de futebol.

Como dito anteriormente, em uma realidade que exige reconhecimento facial para ver uma partida, são justamente rostos cobertos por *pasamontañas*, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (ELZN), movimento indígena revolucionário do México, que apontaram para as possibilidades da construção de *outros futebóis*, bem como outros mundos possíveis do “exercício da imaginação política na reinvenção material e simbólica do jogo” (Zaramella, 2024, p. 24). Nesse caso, o esporte é usado como ferramenta de resistência cultural e organização comunitária, denunciando as injustiças e desigualdades sociais do modelo econômico vigente e reforçando os valores de coletividade, autogestão e rebeldia. Os *potreros* - como são conhecidos os campos de várzea em alguns países da “extensa e dolorosa” (p. 18) América Latina - reafirmam uma geografia subversiva, em que o Subcomandante Insurgente Marcos (*apud* Zaramella, 2024) adverte que não adianta encontrar desculpas pelo desempenho e “dizer que falhou o goleiro, o zagueiro, o meia, o atacante, o árbitro, o campo íngreme, a lama, a merda do gado, que afinal a goleada recebida não foi tão ruim, que ficaram de fazer revanche outro dia” (p. 77); o Subcomandante conclui:

Vi times multinacionais de autênticos ‘craques’ de bola-ao-pé sucumbirem nos ‘campos de futebol’ do Caracol de La Garrucha. Nessa zona, até as vacas conhecem a magia de rolar uma bola (p. 77).

Portanto, a aposta em um futebol disruptivo ao menos não assegura a derrota; afinal, “não perdemos, nos faltou tempo para vencer” (p. 12), um tempo outro, estrangeiro ao mundo contemporâneo, mas íntimos às aflições das arquibancadas latinas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

CAIAFFO, Stéfani; SILVA, Rosane Neves; MACERATA, Iacã & PILZ, Christian. Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social. *Arquivos brasileiros de psicologia*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 1, p. 27-37, 2007.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HORNBY, Nick. *Febre de bola: a história de um torcedor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

JEUDY, Henry-Pierre. *Espelho das cidades*. Casa da Palavra, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2014.

NEGRI, Antonio. *Kairós, alma Vênus e multitude*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SAFLATE, Vladimir; SILVA Jr., Nelson & DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. *Ode a mauro Shampoo e outras histórias da várzea*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZARAMELLA, Micael. *Rostos cobertos, corações à mostra: futebol, autonomia e luta zapatista*. São Paulo: Autonomia Literária. 2024.

A pedido: uma etnografia da produção filme de casamento para as elites do Recife

On request: an ethnography of wedding film production for the Recife elite

Alex Vailati

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Recife, PE

alexvailati@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4851-4815>

Recebido em: 12 de agosto de 2025

Aceito em: 02 de novembro de 2025

Resumo:

Em nível global, encontramos empresas de produção especializadas em registrar momentos específicos da vida social. O exemplo do chamado fenômeno do cinema familiar é provavelmente um dos mais relevantes: casamentos, aniversários e nascimentos são alguns dos eventos familiares que os vídeos se transformam em “fatos” e memórias. Nestes filmes, encontramos escolhas linguísticas altamente sofisticadas e uma experimentação estética contínua, acopladas a engenhosas estratégias de distribuição, muitas vezes através das redes sociais. Esses vídeos são também resultado de interessantes processos de negociação e interação entre clientes e fabricantes de vídeos. Neste artigo exploraremos o campo da produção de filmes de casamento na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, focando sobre as elites urbanas. A análise mostrará como estes filmes são um meio de reprodução de classe e janelas para explorar os diferentes níveis de hegemonia que concorrem na produção destas futuras memórias.

Palavras-chave: Cinema de família. Etnografia da produção audiovisual. Elites. Brasil.

Abstract:

At a global level, we find production companies specialized in recording specific moments of social life. The example of the so-called family cinema phenomenon is probably one of the most relevant. Marriages, birthdays and births are some of the family events that videos turn into “facts” and memories. In these films we find highly sophisticated cinema languages and continuous aesthetic experimentation coupled to ingenious distribution strategies often through social networks. The purpose of this chapter is to explore practices of family film production in the metropolitan region of Recife, one of the largest state capitals in Brazil’s Northeast, focusing on elites. Weddings’ videos, as we will demonstrate, contribute to class reproduction and are a window to explore the different levels of hegemony that produces those future memories.

Keywords: Family film. Audiovisual production. Elites. Brazil.

A re-produção do casamento

(0" a 10") Gravação de drone. Bairro de Boa Viagem.

Ouvimos uma declaração da noiva.

Legenda: "Recife, Pernambuco."

Noiva: "Ainda não consigo acreditar..."

(11" a 17") Plano de detalhe frontal, par de sapatos de noiva centralizados. Em primeiro plano, um lapso de tempo de céu azul com nuvens no fundo.

Legenda: "5 de novembro, 2016."

A noiva continua: "...este dia chegou porque é um sonho. É o sonho da minha vida".

(18" a 22") Detalhe em alto ângulo de uma toalha com as iniciais "B e G" gravadas, com o fecho.

Legenda: "*A Production Company Movie*".

A noiva continua: "...e...estar com o noivo..."

(23" a 26") Primeiro plano $\frac{3}{4}$ face frontal da noiva falando.

Noiva (23"): "...é....evidentemente torna-o muito mais especial".

Esta curta decupagem¹ nos leva a um bairro de classe alta do Recife. Uma gravação realizada através de um drone mostra altos edifícios residenciais em frente ao oceano. Um par de sapatos de noiva aparece durante alguns segundos e a voz da noiva permite-nos entrar neste momento, definido como "o sonho da sua vida". Este vídeo foi produzido por uma das mais importantes empresas de filmes de casamento da cidade do

¹ Trecho da decupagem realizada por Hellen Lailla. Este artigo é uma tradução e re-elaboração de um capítulo de livro: Vailati, A. (2021). Shooting Elites: An Ethnography of Wedding Film Production for Elites. In: Vailati, A., Zamorano Villarreal, G. (eds) *Ethnographies of 'On Demand' Films*. Palgrave Macmillan. Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Recife e a linguagem utilizada, como podemos perceber a partir da decupagem, procura proximidade, bem como estratégias para mostrar riqueza e grandeza: o filme está evidentemente delineando as características de um casamento que poderia ser considerado de elites. Embora, como veremos, existam tendências globais relativas a filmes de casamento, a linguagem utilizada está sendo claramente determinada pelo contexto local e, dependendo do ponto de vista específico da câmera, o realizador procura registrar estes momentos da vida familiar para elevá-los ao estatuto de "fatos históricos", considerando que serão parte da história oficial da família, destacados pelo filme e distintos de outros simples acontecimentos, que podem assim ser esquecidos.

Elites, filmes de casamento e a sua produção são categorias entrelaçadas neste artigo, no qual focaremos nas infraestruturas de produção e circulação que permitem a produção destes filmes e, conseqüentemente, da imagem das elites por eles veiculadas. Esta etnografia baseia-se em relações estabelecidas com produtores de filmes de casamento que trabalham para famílias de classe alta na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, um dos maiores centros urbanos da Região Nordeste. A etnografia da produção cinematográfica e a análise linguística destes filmes de casamento permitirão propor uma reflexão sobre as relações de classe, assim como sobre o estatuto epistêmico destes filmes.

Os filmes de casamento podem ser considerados uma parte do enorme campo dos filmes de família, que nos estudos cinematográficos e historiográficos, são analisados principalmente pela sua dimensão "amadora" (Zimmerman, 1995). Em primeiro lugar, considerar este fenômeno através dos seus laços com a "família" leva-nos a considerar como o vídeo tornou-se um dos meios fundamentais para a representação da família na contemporaneidade. Assim, é importante observar que a tecnologia produção audiovisual, começando com o Super 8 nos anos 70, foi amplamente utilizada para "documentar" momentos importantes da vida familiar. A introdução desta tecnologia de produção mais barata, marcou o início de um setor de mercado crescente de produtores de filmes de casamento em Recife e agilizou a criação de uma infraestrutura para a produção destes filmes.

Em muitos contextos, os agentes que se apropriam destas tecnologias pertencem à classe média ou alta social, em particular sucessivamente da ampla popularização dos meios de comunicação televisivos, quando o filme familiar se tornou um gênero comum utilizado para marcar a memória e um meio de distinção social (Bourdieu, 2013). Isto

está presente na análise pioneira de Chalfen (1987), que demonstrou como a seletividade era a característica essencial do "modo doméstico", através do qual os produtores de vídeo que trabalhavam para as classes médias dos Estados Unidos retratavam somente momentos "positivos" da sua vida social. Peixoto, que oferece uma reflexão sobre a narrativa visual das famílias brasileiras, relata que “estas imagens fragmentadas são a prova de 'quão felizes éramos'!” (Peixoto, 2011: 10), confirmando os modelos hegemônicos seletivos anteriormente destacados nos Estados Unidos. As imagens produzidas pelo cineasta das famílias, com base num profundo conhecimento e numa inserção no grupo, são selecionadas para produzir a memória familiar - uma prática que, como veremos nesta análise etnográfica, é essencial para compreender o papel contemporâneo dos filmes de família.

No campo da produção cinematográfica, um dos momentos constitutivos da história do cinema no Recife e no Estado de Pernambuco é representado pelo grupo de realizadores que compuseram o chamado Ciclo Super 8. A partir de 1973, um número crescente de filmes, geralmente curtas-metragens, foi produzido como resultado da introdução da tecnologia Super 8 no contexto local. A criação da primeira estação de televisão local também desempenhou um papel importante na propagação do filme familiar. A TV Jornal foi fundada em 1960 e, como dois realizadores entrevistados afirmaram, desempenhou um papel fundamental ao "importar" profissionais e tecnologias das regiões do Sudeste do país e ao permitir a formação de profissionais locais. Estes processos, segundo os realizadores, permitiram ter vários cineastas profissionais que eram contratados pelas famílias recifenses, a partir do final dos anos 70. Vale a pena mencionar aqui que, devido aos elevados custos de produção e reprodução, o filme familiar do Super 8 era exclusivo das elites.

Um segundo momento de transição tecnológica radical foi a introdução do formato de gravação de vídeo analógico. O *Video Home System* (VHS) monopolizou a produção de filmes caseiros e de família neste momento. Criado no início dos anos setenta, este formato foi divulgado globalmente no final dos anos setenta. Em Recife, as câmeras VHS começaram a ser utilizadas no campo dos filmes familiares no início dos anos oitenta e esta transição tornou o registo da vida familiar mais acessível, sob o ponto de vista econômico. No entanto, este meio estava sempre limitado a um estrato social restrito. Embora a produção do filme tenha se tornado mais barata, a sua exibição

dependia de leitores VHS, que ainda eram uma mercadoria cara e normalmente importada dos Estados Unidos.

A entrada da tecnologia audiovisual digital no mercado local traz a mais recente revolução na infraestrutura de produção. No campo do cinema de família, vários produtores adotaram esta tecnologia a partir de 2003. Nas fases iniciais da sua difusão, a edição final ainda era linear, mas apenas alguns anos mais tarde, começaram a ser adotados computadores para edição não linear, abrindo assim um novo campo de possibilidades. Também mudou o formato do material de restituição do filme aos clientes com a utilização do DVD. Ainda notável, nas palavras dos realizadores, é a dificuldade em adquirir as tecnologias, que ainda tinha que ser importada da Região Sudeste. Por exemplo, muitos relataram a dificuldade em adquirir os DVDs.

A última, também notável, revolução foi a introdução das câmeras DSLR, que permitiu uma mudança radical na qualidade da imagem. No contexto local, a tecnologia DSLR foi introduzida a partir de 2010, em paralelo com o armazenamento em dispositivos que permitem a edição não linear. Múltiplas possibilidades se tornaram disponíveis neste momento, com a capacidade de aumentar exponencialmente o tempo de gravação e o acesso instantâneo às gravações. Esta segunda potencialidade, por exemplo, permite atualmente a produção de vídeos audiovisuais denominados "*Same Day Edit*", ou seja, curtas-metragens que são montados e projetados para os convidados da festa no mesmo dia do evento.

Estes são exemplos das estratégias de diferenciação dos produtores de filmes de casamento que trabalham para as elites locais. Embora possamos observar a popularização do cinema familiar a todas as classes sociais, é inegável que existem realizadores que acumulam conhecimentos e infraestruturas tecnológicas para propor filmes de vanguarda e vendê-los a clientes com elevado poder econômico.

Filmar elites

"Hoje em dia, eu trabalho somente com elites". Esta declaração de um dos diretores envolvidos nesta pesquisa, leva-nos necessariamente a problematizar a categoria de "elites". Em muitas conversas com produtores, a "meta narrativa do sucesso" baseia-se nos seguintes "sintagmas narrativos": proveniência de uma classe média subalterna ou baixa; afirmação social, através da capacidade quase "inata" de

fazer produções cinematográficas reconhecidas por famílias ricas; construção de uma estrutura empresarial; e, particularmente, demonstração de uma capacidade de lidar com a classe média alta ou alta. A relação com uma alteridade que tem "mais capital" é então percebida como um indicador fundamental de estatuto.

Isto torna-se particularmente significativo em comparação com o passado. Nos anos sessenta e setenta, os cineastas familiares eram literalmente parte das "elites", como nos casos de Firmo Neto ou João da Cunha Pedrosa, que foram, durante muitas décadas, alguns dos mais importantes realizadores de filme de família para as elites locais. Além disso, é de notar que a "crise socioeconômica" contemporânea, que começou no Brasil em 2017, não parece afetar o mundo dos produtores que trabalham com elites. Embora a maioria descreva uma ligeira queda no mercado, a tendência geral não parece ter mudado nos últimos anos, com única exceção no período pandêmico, no qual evidentemente não puderam ser realizadas celebrações presenciais.

Em segundo lugar, para estes cineastas familiares, a ascensão social e pertença a uma classe média alta não é marcada pela ambição de "liberdade" de expressão, como ocorre, por exemplo, entre as "elites" que constituem a cena cinematográfica local. A ascensão social está ligada à capacidade expressivo-tecnológica adquirida, que poderíamos definir aqui como infraestrutura (Larkin, 2013), de reprodução de modelos de representação reconhecidos pelas elites. Neste sentido, nas narrativas dos realizadores, torna-se fundamental "dominar o mercado" e captar as tendências dominantes do cinema familiar, que são historicamente metatópicas para o contexto local. Como veremos, as principais referências linguísticas para estes realizadores são os estrangeiros que não têm qualquer conhecimento dos filmes de casamento brasileiros. A sofisticação da produção audiovisual, que apesar de estar ligada a formas padronizadas, é um ponto de demarcação social relevante dos realizadores, que inclui a aquisição de equipamento de ponta e formação com realizadores de filmes de casamento de renome mundial. Aqui encontramos dados sobre a fronteira entre os realizadores socialmente reconhecidos e os "outros".

Finalmente, uma relação de poder específica entre produtores e "elites produzidas" deve ser realçada. Se, por um lado, os operadores de câmera dependem economicamente da circulação do nome do produtor entre as redes mais influentes, por outro, como veremos, há uma vontade evidente por parte dos produtores de controlar a imagem familiar que produzem. Nas palavras de todos os diretores entrevistados, o

cliente tem que aceitar as línguas que propõe. Na prática, a interferência dos clientes na produção do filme é mínima ou nula. O controle econômico e o controle sobre a representação encontram-se em diferentes níveis nesta análise.

As elites têm permanecido consistentemente em segundo plano em relação a outros grupos nas pesquisas etnográficas. Mesmo trabalhos muito recentes continuam a destacar esta observação (Salverda, Skovgaard-Smith, 2018). Nas várias épocas e escolas que compõem a história da Antropologia, a escolha tem sido dar prioridade ao estudo das "não-elites" por causa de várias estruturas e conjunturas (Abbink, Salverda, 2012). Esta agenda, que pode ser considerada uma consequência da origem colonial da disciplina, foi ressignificada ao longo da história, para colocar o trabalho dos antropólogos numa perspectiva engajada, ao lado do subalterno.

Em meados de 2020, quando este texto está sendo elaborado, as agendas políticas de vários Estados-nações suscitaram preocupações crescentes sobre a possibilidade de subsistência das poucas garantias que as "não-elites" - ou seja, aqueles que constituem os famosos 99% da população mundial - têm para se defender dos processos exploratórios. Refletindo sobre a atual situação socioeconômica, uma abordagem etnográfica às elites torna-se ainda mais importante, adotando uma epistemologia que procura problematizar as construções universalistas que geralmente sustentam a teoria política. Se falar de 99% se torna um slogan político relevante, é também necessário desconstruir as oposições binárias que os slogans necessariamente criam, para entender, na contemporaneidade, como se ressignificam as categorias de classe e elite.

A reflexão antropológica é assim fortemente necessária. Num trabalho pioneiro sobre o tema das elites Laura Nader (1972) revelou que a Antropologia era uma disciplina ainda incipiente nesta perspectiva. Uma questão orientadora, que mais uma vez denota um grau de engajamento político no trabalho da Antropologia, é a seguinte: "Em vez de perguntar por que algumas pessoas são pobres, perguntaremos por que outras pessoas são tão influentes" (Nader, 1972: 289). Neste estudo, Nader refere-se à necessidade de estudar as elites da "nossa própria sociedade", no seu caso, as dos Estados Unidos.

Um problema metodológico inicial é entender quem são esses "outros". A etimologia latina do termo "elite" revela sua dimensão relacional. "Elite" está associada a conceitos como escolha, eleição e seleção, ou seja, identifica grupos que se

distinguem dos outros por características e estratégias específicas. Portanto, é essencial tomar uma rota etnográfica e abordar as fronteiras que separam essas "elites" dos "outros" através das dinâmicas de diferenciação (Bourdieu, 2013). No entanto, importa salientar que a "Elite" é aqui entendida como um deslocador social (Durham, 2000), ou seja, um termo que, dependendo do seu posicionamento, irá indicar diferentes segmentos da sociedade. A posição do observador participante é, assim, fundamental, do ponto de vista etnográfico, para a compreensão das caracterizações dos grupos aqui analisados.

Todavia, como enfatizou Nader, as elites "não querem ser estudadas" (Nader, 1972: 18). As etnografias que se centram neste grupo devem assim encontrar uma abordagem etnográfica que não exija necessariamente a presença do pesquisador no mesmo espaço social. Nader sugere que "o uso de documentos pessoais, memórias, pode substituir a participação em algumas áreas da cultura que requerem muitos anos de participação para serem verdadeiramente compreendidas" (Nader, 1972: 23). No mesmo sentido, Marcus propõe focar nas autobiografias, que são entendidas "não apenas como um gênero literário que apareceu no Ocidente no final do século XVIII", mas como "um ato voluntário do eu (self)" (Marcus, 2000: 19). Os filmes de família se tornam assim, nesta pesquisa, um "sujeito" essencial para compreender como se distingue uma "elite" de outros segmentos sociais.

Este estudo então envolve dois tipos diferentes de atores sociais: os primeiros são as elites que são retratadas nos filmes analisados. O segundo são os produtores que realizam esses filmes. Considerando que a interação profunda com os principais sujeitos desta pesquisa etnográfica não foi possível, procurei construir relações com os produtores dos filmes. Nesse sentido, me tornei empático em relação às suas produções. Os produtores de cinema de família contemporâneo do panorama recifense geralmente vêm da classe média ou baixa. Eles geralmente se apresentam como artesãos autodidatas, apaixonados por seu trabalho com imagens em movimento. Desde o primeiro contato, minha empatia por eles tem sido um dado etnográfico importante.

No entanto, esta abordagem empática aos produtores de filmes de casamento não poderia impedir uma abordagem crítica em relação às elites retratadas nos filmes destes artesãos. Como Gilbert e Sklair afirmaram recentemente: "O trabalho etnográfico sobre elites mobiliza geralmente inquéritos que convidam ou requerem atenção aos processos de manutenção e perpetuação das desigualdades e, portanto, ao capital entendido como

uma relação e não como uma mera acumulação de riqueza" (Gilbert, Sklair, 2018: 4). Esta tensão entre etnógrafo, "produtores" e "produzido" é, num sentido crítico e reflexivo, uma das questões metodológicas mais relevantes que devem ser consideradas neste trabalho.

A imagem "humilde" dos profissionais do cinema social, que é radicalmente diferente daqueles que podem ser encontrados no campo dos filmes de arte, torna-se ainda mais complexa em relação aos seus "clientes". A perspectiva escolhida para este estudo, que procura explorar o mundo das "elites", abre uma janela entre a subjetividade da pessoa que faz o vídeo e a das pessoas sobre as quais ele é feito. É importante especificar, dada a pluralidade de capitais mobilizados em relação ao termo elite, que a nossa perspectiva se refere principalmente às elites econômicas. Todos os videoclastas contemplados neste artigo produzem filmes sociais para a classe economicamente dominante.

Amadores profissionais

"É diferente fazer filmes para profissionais em comparação com fazer um filme para os noivos" afirma L., referindo-se à linguagem visual que a sua empresa adota. Esta afirmação permite uma reflexão sobre o que pode ser considerado um produtor "profissional" de filmes de casamento. Os filmes profissionais são diferentes dos filmes caseiros, que normalmente são considerados amadoristas. A categoria de "amador" tornou-se essencial para a análise, o que enfatiza a sua localização numa dicotomia binária em relação à ideia de "profissional".

Esta estrutura é uma herança da Revolução Industrial e da forma fordista de organização laboral, na qual a ideia de profissionalização foi fundamental para a definição da ideia de trabalho, diferenciando-se de outros tipos de atividades que não procuravam a obtenção de capital econômico. Podemos pensar num sistema classificatório em que "o amadorismo defectava o caótico, o incoerente, e o espontâneo no lazer e na vida privada para que o tempo público pudesse persistir como metódico, controlável e regulado" (Zimmerman, 1995: 11). As ideias de "profissional como público" e "amador como privado" são dicotomias que nos permitem redirecionar a categoria de amador para a ideia de um espaço marcado que está fortemente relacionado com a ideia de cinema familiar.

O mundo contemporâneo impõe desafios ulteriores. Como veremos, o campo analisado neste artigo desconstrói implicitamente estas dicotomias binárias. O cinema familiar, historicamente ligado ao amadorismo, torna-se, neste estudo, um campo em que a exigência de uma profissionalização marcada é transversal entre os atores envolvidos na produção de filmes.

Embora os filmes de casamento sejam um tipo de audiovisual que mobiliza um grande número de realizadores de vídeo, é interessante observar que os vídeos geralmente apresentam apenas o nome da produtora, sem mencionar o realizador ou a equipe de filmagem que executou a produção, que normalmente permanecem anônimos. Procurando informações sobre os sítios promocionais da maioria dos produtores, também não é possível determinar onde se situa a qualidade "autoral" do realizador do vídeo. Este detalhe é emblemático para introduzir o campo dos produtores de filmes de casamento e refletir mais amplamente sobre a sua relevância para a Antropologia.

Desde a sua fundação, a Antropologia sempre se interessou por objetos que podem ser considerados resíduos de outras ciências (Remotti, 2014). A mesma ideia tayloriana de "sobreviventes" foi uma solução para dar dignidade científica aos objetos, como o parentesco, que foi rejeitada noutras disciplinas. Os filmes de casamento parecem encaixar nesta metáfora. Não se assume que sejam resultados dos caminhos e criatividade de "indivíduos" específicos e são também historicamente excluídos das histórias "oficiais" do cinema. A procura de razões para esta colocação do cinema de casamentos no panorama mais vasto da reflexão estética, política e social sobre a produção audiovisual faz da investigação etnográfica um instrumento necessário.

Um primeiro dado está relacionado ao que podemos chamar de "história paralela" (Pinney, 1996) do cinema de família. Quase todos os cinegrafistas da Região Metropolitana do Recife têm um contato muito periférico com o mundo do cinema. Quando nos referimos ao mundo do cinema, nos referimos aqui a uma combinação de educação, assistir a filmes e assistir a festivais, considerando que Recife pode ser considerada uma capital do cinema. Recentemente, a cidade do Recife foi classificada como a nova capital do cinema brasileiro devido ao fato de vários filmes realizados através da infraestrutura de produção audiovisual se terem tornado internacionalmente reconhecidos. Se os holofotes iluminam produções que são mesmo definidas como cinematográficas, outras produções que não têm os requisitos para alcançar este destaque são deixadas na escuridão.

Nas nossas investigações, descobrimos que os realizadores de vídeo tinham tomado uma grande variedade de rotas antes de chegarem ao campo dos audiovisuais contratados. Em resposta à minha pergunta "O que fazia antes?", ouvi muitos tipos de trabalhos; trabalho assalariado como motorista, prática fotográfica aprendida com um membro da família e gestão de pequenas empresas foram algumas das várias profissões mencionadas.

A entrada no campo do cinema foi geralmente descrita como um acontecimento casual. Como afirmou Louro: "Um amigo me chamou para gravar uma dança numa discoteca. Usei um Panasonic M8, em VHS. Eu não tinha tido nenhum contato com o cinema, nenhuma paixão pelo cinema. Mas meu amigo disse que a gravação foi ótima. Fiz então um filme de casamento para um amigo e todos gostaram". Nesta narração, que se refere a acontecimentos do início dos anos 80, encontramos claramente a necessidade de afirmar uma sensibilidade específica para a gravação audiovisual, não relacionada com qualquer tipo de formação. Assim, a qualidade "amadora" enfatiza o prazer e o talento inato para a gravação audiovisual, o que marcaria sua trajetória como futuro "profissional". Hoje, Louro é proprietário e administrador de uma importante produtora de vídeo do Recife.

A distância do cinema também é marcada pelo fato de que os diretores de filmes de casamento geralmente não relatam experiências de realização de audiovisuais que não são encomendados. Passando pelo campo do cinema, podemos afirmar que a direção de um filme é considerada o papel mais reconhecido, ainda mais quando o diretor pode se considerar "autor" do filme. No campo do cinema de família, encontramos, entre todos os cinegrafistas entrevistados, um completo distanciamento dessa ambição. Nenhum deles jamais fez filmes "autorais" e nenhum deles relatou vontade de fazer isso.

Os filmes de casamento são considerados algo diferente de um "filme autoral" no campo dos estudos cinematográficos. Mas se olharmos para algumas estratégias adotadas por estes cineastas, encontramos algo semelhante à *práxis* etnográfica visual. Os filmes de casamento são o resultado tanto da apropriação como da negociação. Relativamente à apropriação, observei que as imagens dos clientes passam a fazer parte da carteira de uma empresa utilizada para fins de marketing através da sua circulação em múltiplas redes sociais. Relativamente à negociação, embora a dimensão linguística do filme esteja predefinida no momento da contratação, a realização de casamentos

implica negociações específicas implícitas com o "observado". Embora o filme etnográfico tenha geralmente propósitos diferentes dos de um filme de casamento, ambos estão a indexar algo que acontece.

Aqui encontramos um significado para a afirmação feita por L. Vários realizadores de vídeo enfatizaram, por outras palavras, a diferença entre fazer filmes para "profissionais" e fazer "filmes para clientes". Se a primeira classificação se refere a filmes que incorporam experimentações linguísticas, a segunda indica filmes altamente padronizados que são os mais procurados pelas elites do Recife. Tornar-se referência nesse campo é o objetivo primordial da maioria dos cinegrafistas, o que nos remete ao tempo dos pioneiros da arte cinematográfica. Se hoje falamos do cinema como "Arte", no tempo de Lumieres e de Meliés, o cinema era visto como uma simples "atração", e muitas vezes como um meio de acumulação de capital econômico. Nesse sentido, os atores envolvidos na produção desses filmes podem ser considerados como artesãos-empREENhedores, que, no entanto, têm um papel fundamental na produção das memórias de família.

A vida social do filme de casamento

"Estes são vídeos sociais", comentou S., uma produtora de filmes de casamento. Naquela altura, achei esta afirmação contraditória. Como pode um filme privado, como um filme de casamento, ser considerado um vídeo social? Contudo, o trabalho de campo confirmou que, em Recife, o termo que é quase universalmente utilizado para definir filme familiar é "vídeo social". O adjetivo "social", que está globalmente associado a este tipo de vídeo, indica produções audiovisuais feitas para "circular" nas redes sociais o mais rapidamente possível. São geralmente audiovisuais curtos de, no máximo, um minuto e meio e estão indiretamente associados a uma ideia de marketing ou promoção de um produto ou imagem pessoal. No entanto, a investigação etnográfica revela significados semióticos que não se enquadram nesta definição de "global".

No contexto do Recife e - expandindo o foco - do Brasil, a utilização da categoria de social está ligada à ideia de um "evento social". Isto inclui uma multiplicidade de momentos na vida dos sujeitos: desde o vídeo de aniversário de uma criança de um ano até vídeos de estreia, vídeos de 16 ou 18 aniversários e casamentos.

O evento social, neste sentido, incorpora a ideia de uma cerimônia formal submetida a regras de convenção e etiqueta.

Enquanto há vinte anos atrás, estes vídeos permaneceram, em muitos casos, esquecidos nas prateleiras das casas, é interessante analisar a dinâmica da circulação dos vídeos produzidos após a afirmação da tecnologia digital. Examinando o mapeamento dos sites dos produtores de vídeos familiares, é possível descobrir que a maioria dos vídeos têm grande circulação nas redes sociais. Assim, estas produções tornam-se um veículo de promoção da imagem pessoal dos envolvidos, bem como um meio de apresentar o trabalho dos produtores de vídeo e das suas marcas.

Neste sentido, com base numa definição êmica de vídeo social que revela aspectos ligados ao conteúdo dos filmes, voltamos, através de uma análise da circulação dos vídeos, a uma definição mais globalizada, que se refere à circulação da imagem dos sujeitos envolvidos, com base nos princípios da economia do clique. Claramente, tal como a maioria das categorias promovidas nos canais web, a ideia de "vídeo social" é o objeto de uma contínua ressignificação.

Em nível global, existem referências reconhecidas pelo cinema social. Um cineasta, entre outros, é o mais mencionado no contexto do Recife - o croata Robert Balasko. A apresentação da sua empresa é relevante: "A equipe do Art Studio prova a sua criatividade todos os dias, trabalhando em todo o mundo e teriam a honra de "criar" as suas molduras e memórias da forma mais bela e única". Esta infraestrutura de produção e circulação de filmes tornou-se um dos modelos mais influentes.

Aqui consideramos a infraestrutura como um conjunto de formas materiais que permitem a criação de ligações entre contextos localizados em diferentes espaços (Larkin, 2008; Graham, Marvin, 2001). A identificação das transformações pelas quais passaram as infraestruturas de produção e circulação de filmes de casamento permite-nos compreender as relações entre sujeitos, filmes, produtores e "produzidos". Neste sentido, consideramos aqui o conjunto de artefatos (Star, 1999) e as relações que permitem - ou não - a produção e circulação de filmes.

A infraestrutura de produção de filmes de casamento é uma enorme rede de sujeitos humanos e não-humanos. De vários pontos de vista, isto reproduz a infraestrutura do cinema hegemônico. Em primeiro lugar, a sua história baseia-se em revoluções tecnológicas que impõem padrões sociotécnicos específicos; em segundo lugar, encontramos múltiplas estratégias comerciais destinadas a afirmar um modelo

linguístico específico, cujo objetivo é tornar-se hegemônico; em terceiro lugar, esta dimensão hegemônica relega "outras" produções que não correspondem a modelos técnico-linguísticos específicos, tais como as produções de nível inferior, que são definidas por muitos como "amadoras".

É interessante observar que, após a nossa primeira conversa, muitos produtores reviram o seu repositório on-line. Como eu também estava à procura de filmagens "mais antigas", a maioria deles removeu os filmes de casamento "mais antigos" dos seus repositórios. Os utilizadores comuns não costumam chegar a esses vídeos, porque são listados por último. Eles apagaram claramente estes filmes porque faziam parte de uma fase "mais antiga" da infraestrutura sociotécnica. Estes filmes não representavam a imagem atual da empresa. Além disso, os filmes de casamentos de pequeno orçamento não circulam na web. Assim, apenas filmes específicos podiam ser considerados genuinamente "sociais".

Uma consideração final sobre a sociabilidade dos filmes é o acesso a estes filmes. Encontrar filmes antigos foi um dos maiores desafios desta investigação. Em primeiro lugar, este obstáculo estava relacionado com o fato de os produtores não preservarem o seu próprio trabalho. O filme é normalmente produzido e encaminhado para a família. Todo o material nas mãos dos produtores é então eliminado. Podemos compreender esta prática com base no elevado custo de preservação de todas as filmagens. No entanto, é estranho não preservar pelo menos alguns filmes, uma prática que teria um custo baixo. Além disso, é evidente que tais produções são consideradas efêmeras para aqueles que não fazem parte das redes sociais familiares. Os filmes de casamento normalmente não têm o estatuto que lhes permite fazer parte de um arquivo cinematográfico. Só se tornam adequados para tal se "sobreviverem" a longos períodos de tempo de passagem.

No entanto, o estatuto social dos protagonistas dos filmes deve ser considerado. Na contemporaneidade, tornar-se socialmente invisível tornou-se cada vez mais uma prerrogativa das elites, considerando a dinâmica da vigilância digital e a economia do clique. A necessidade de não preservar este material é então compreensível. É ainda mais difícil tornar este material disponível para investigação ou publicar imagens dos filmes. É por isso que as análises aqui propostas se baseiam em audiovisuais publicados na Internet e os produtores são citados utilizando nomes fictícios.

Delineando subjetividades

As produções mais caras, tais como relatadas pelos produtores, envolvem duas ou mais unidades de gravação. Muitas vezes são utilizados drones, bonecos ou outro equipamento. As unidades gravam a preparação do casamento na casa do noivo e da noiva, a cerimônia do casamento e a recepção. Os produtores, em muitos casos, utilizam equipamento de edição móvel para produzir vídeos, conhecidos como vídeos de "edição no mesmo dia", que são projetados ao longo da recepção. Encontramos também transmissão ao vivo do casamento para membros da família que não puderam assistir pessoalmente. Num caso, foi utilizada uma equipe de gravação para transmitir direto a partir do local de parentes que não estavam presentes no casamento. Estes são exemplos de tipologias de infraestruturas de produção para "grandes casamentos".

Em vários casos, esta infraestrutura torna-se uma ferramenta de marketing. Por exemplo, observamos produtores que, para além da gravação do casamento, fizeram vídeos sociais para os outros profissionais envolvidos. Maquiadores, decoradores, chefes de cozinha, músicos e as suas redes sociais tornam-se assim um veículo de divulgação da marca da empresa produtora. Os vídeos são editados, dependendo do fluxo da encomenda, logo após a gravação, para finalizar o filme na semana seguinte. Dois filmes são normalmente produzidos: uma curta-metragem com um máximo de dez minutos e um filme médio de cerca de 40 minutos.

Antes de entrar na análise da língua dos filmes, é importante salientar que os clientes têm geralmente pouca influência nos padrões linguísticos escolhidos pelos realizadores do vídeo. A escolha é feita *a priori* ao contratar a empresa, que é escolhida pelos estilos linguísticos que utiliza. O futuro casal produzido nos audiovisuais geralmente encomenda filmes aos produtores com base numa dinâmica de referências feitas por amigos ou parentes. Assim, a relevância da "marca" dos produtores é um fator essencial. Os produtores de vídeo afirmam que os clientes raramente solicitam uma mudança na edição, e quando o fazem, as mudanças normalmente envolvem ajustes na banda sonora ou - mais banalmente - a remoção de alguém do filme que se tenha tornado indesejável.

Embora muitos clientes tenham a capacidade técnica de julgar o equipamento e a infraestrutura do produtor, a atenção ao fator mais estrutural da "memória futura" - a linguagem - é completamente delegada. Isto é fundamental para a compreensão da

análise presente. Esta "brandização" dos filmes de casamento levou a uma linguagem altamente padronizada e cada empresa tem uma proposta linguística específica para os seus clientes. Os produtores que trabalham para as elites econômicas normalmente adotam uma língua semelhante para os seus trailers, que difere da língua utilizada para outros grupos sociais.

Proponho duas montagens escritas de algumas cenas extraídas de uma análise de curtas-metragens. Estas narrações não são filmes em si, mas uma composição etnográfica (Stewart, 2007) de fragmentos encontrados através da visualização de centenas de filmes. Esta narração permitir-nos-á destacar alguns padrões e propor ao leitor uma transcrição do material sensível. Os locais para estas montagens são algumas das salas de recepção mais exclusivas do Recife metropolitano.

A primeira montagem começa com a voz-off do pastor, que enfatiza a importância da instituição do casamento. Vemos um convite para o casamento. Vemos uma janela a olhar para o oceano e um vestido de noiva pendurado nele, seguido de um grande plano dos olhos da noiva. As imagens mostram a casa da noiva, alternando *close-ups* da noiva com imagens de sapatos, perfumes e roupas. A noiva entrevistada diz que "ele é o homem da minha vida" e fala do seu orgulho nele e na sua família. A voz-off do pastor regressa e nós entramos na casa do noivo. Vemo-lo a vestir-se.

Recorrentes aqui são os grandes planos que realçam a profunda relação do noivo com os seus pais, particularmente com o seu pai. Mais raramente, isto acontece com a noiva. Assim que a voz-off do pastor termina o seu discurso, a segunda sequência do filme começa. Num *crescendo*, a edição de um clip musical mostra a cerimônia de casamento. A banda sonora é uma canção de uma banda norte-americana de pop-rock. Vemos os noivos a entrar na igreja. O realizador destaca a comoção dos protagonistas. Aqui é feita uma ampla utilização do drone nas gravações externas e em câmara lenta para os movimentos dos protagonistas. Um aumento do ritmo da música leva-nos à recepção, que tem lugar num museu privado alugado - um dos salões mais exclusivos da região. Aqui os noivos são os protagonistas, mas também encontramos muitos sujeitos que estão envolvidos na festa. Vemos pessoas a dançar e a beber. Uma diminuição do ritmo da música encerra o filme, quando o logotipo vídeo da empresa produtora é exibido.

A segunda montagem abre-se com um tiro ambiental. Estamos num andar alto de um edifício num bairro de classe alta. Vemos várias imagens detalhadas de objetos,

tais como sapatos, anéis e decorações. A noiva aparece ainda a ser maquiada. Ela fala-nos da sua insegurança em ser gravada. A música instrumental que acompanha esta sequência realça o caráter dramático do momento. Um remate atrás da janela mostra-nos a chuva. Este é um vídeo mais longo, de mais de dez minutos. Vemos a mãe do noivo engomar a sua camisa e, em edição paralela, a noiva a chorar enquanto lê uma carta do noivo. A música torna-se mais pacífica e entramos no espaço ainda vazio que irá acolher a cerimônia.

Na segunda sequência do filme, entramos diretamente na cerimônia. A banda sonora é novamente uma canção pop-rock norte-americana. Numa única filmagem, contamos seis profissionais a gravar e fotografar a cerimônia. A linguagem é novamente baseada na linguagem do vídeo musical, sem discursos ou ruídos ambientais. A cerimônia continua assim e após a assinatura do documento, através de um desvanecer para o preto, vemos o noivo a cantar apaixonadamente uma canção à sua noiva. Uma nova canção (outra canção pop-rock cantada em inglês) segue o casal que deixa a cerimônia e leva-nos à recepção. Aqui o ritmo é mais lento do que a sequência da cerimônia. A recepção é retratada como um momento menos intenso e mais descontraído.

A análise da língua é aqui proposta com o objetivo de compreender os processos de produção de significados e significantes para ajudar a compreender como a sociedade das elites do Recife se estabelece ao nível do imaginário. A mobilização simbólica incorporada no tecido fílmico indica evidentemente o capital que é objetivado nos espaços escolhidos e bem expostos. A indústria de casamentos contemporânea (Adrian, 2003) é uma referência que seleciona roupas, lugares e objetos para torná-los constituintes significativos no momento de um casamento.

Os filmes não só procuram mostrar a narração de um "sonho" que é realizado de acordo com os cânones estabelecidos pela sociedade de elite, mas também enfatizam o excepcionalismo de como o "sonho" é realizado. Este excepcionalismo é estabelecido através da construção de uma narrativa visual baseada em cânones dramáticos. Os personagens (os noivos) são caracterizados pela absoluta certeza das suas escolhas que levaram ao casamento. São atores numa narrativa que envolve um contraponto contínuo entre uma aproximação da câmara que procura captar as emoções dos presentes e um olho distante que retrata a grandiosidade da cena.

É importante salientar que o uso praticamente hegemônico deste tipo de narrativa foi impulsionado por novas tecnologias digitais e edição não linear, que, em vez de permitir a exploração de várias possibilidades, impõem um único modelo. Vemos que os modelos estéticos utilizados entre os produtores do Recife ao longo dos últimos oito anos se tornaram mais uniformes no contato com o mercado, o que ajuda a conquistar clientes. Se, por exemplo, os modelos que precederam a introdução da tecnologia DLSR apareceram semelhantes às crônicas baseadas em longas-metragens, as produções mais recentes são videoclips que procuram produzir "grandes casamentos".

Como afirmou um produtor, "o meu objetivo é fazer chorar a noiva", o que recorda a ideia de "emoção melodramática" (Abu Lughod, 2002) que procura produzir subjetividades específicas. O vídeo do casamento pode, portanto, ser considerado um pequeno meio de comunicação (Vailati, 2012) que assume um papel fundamental na formação de uma das instituições fundadoras da ordem nacional brasileira contemporânea, que reifica, como se vê, padrões já constituídos.

A re-instituição de uma sociedade elitista

Esta análise mostra como as práticas de produção e a linguagem dos filmes de casamento são o resultado de uma articulação que necessariamente se liga às relações com outros temas. Tais filmes são fundamentais para analisar as capacidades visuais dos envolvidos, entendendo que a visão é algo que se constrói sobre uma "relação complexa com a hegemonia da rede sociotécnica" (Grasseni, 2007: 2). Os filmes de casamento analisados permitem compreender o círculo ecológico entre um modelo hegemônico de casamento, que é percebido através da visão dos filmes contemplados, e uma visão treinada para este modelo.

Um ponto de partida para este estudo foi considerar a ambiguidade do processo de construção das narrações visuais, que, de fato, se tornam memórias fundamentais de um grupo social e são contraídas de terceiros que normalmente pertencem a um grupo social subordinado. A ideia do "vídeo a pedido" é utilizada para revelar esta ambiguidade, que não se configura como resultado de uma conjuntura contemporânea, mas que marca historicamente a construção das narrativas visuais das elites. A construção das elites tem passado historicamente por "agentes externos como

advogados, criados e escritores" (Marcus, 2000: 15; Vailati, 2024) e, no aspecto visual, por pintores, fotógrafos e realizadores de vídeo. Os videomakers analisados enquadram-se nesta tradição. Como Cohen salienta no seu trabalho clássico sobre a dimensão dramática das novas elites ganenses, "uma elite é forçada a organizar-se de forma particularista, a manter-se em existência, e a melhorar a sua imagem" (Cohen, 1981: XIII).

A conjuntura contemporânea, que envolve uma democratização da produção audiovisual, revela, no entanto, como as elites continuam uma *práxis* que implica renunciar ao controle sobre as suas próprias memórias e delegá-lo no sistema sociotécnico dominante. As estruturas simbólicas mobilizadas nas narrativas visuais tornam-se autônomas (Castoriadis, 1975), enquanto os sujeitos envolvidos aderem a um ideal econômico-estético que permite apenas ligações parciais com o mundo. Desta forma, as elites estão continuamente a reintegrar a sua sociedade. Além disso, a análise linguística dos filmes mostra que estas elites são representadas através de uma tentativa contínua de se apresentarem como únicas e excepcionais, mas geralmente adotando cânones linguísticos altamente padronizados.

Procurei aqui considerar os marcadores sociais de "classe" e "elites", aqui entendidos como uma relação entre grupos com diferentes capitais mediados por uma infraestrutura de produção audiovisual. Os dados mostram-nos relações complexas e ambíguas entre duas classes caracterizadas pela distância e desigualdade, mas também interdependência mútua.

Na sociedade brasileira contemporânea, em que as reflexões e estudos sobre a desigualdade são constantemente atacadas, a perspectiva crítica aqui adotada permite-nos salientar, através de dados informados pela etnografia, a complexidade dos significados contemporâneos das categorias de classe e elites. A janela aberta pelo filme familiar permite-nos aceder a dados relevantes para olhar "para cima" e compreender como estas associações são estabelecidas entre diferentes grupos.

Referências

AASMAN, Susan. Memories (Formerly Known as Home Movies) in the Digital Age. In: RASCAROLI, Laura; YOUNG, Gwenda; MONAHAN, Barry (org.). *Amateur*

Filmmaking: The Home Movie, the Archive, the Web. London; New York, Bloomsbury Academic, 2014. p. 245-256.

ABBINK, Jon; SALVERDA, Tijo (org.). *The anthropology of elites: power, culture, and the complexities of distinction*. London, Springer, 2012.

ABRAHAM, Janaki. *Wedding Videos in North Kerala: Technologies, Rituals, and Ideas about Love and Conjuality*. Visual Anthropology Review, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 116-127, 2010.

ABU-LUGHOD, Lila. *Egyptian melodrama—technology of the modern subject*. In: GINSBURG, Lila; ABU-LUGHOD, Lila; LARKIN, Brian (org.). *Media worlds: Anthropology on new terrain*. Berkeley, University of California Press, 2002. p. 15-133.

ADRIAN, Bonnie. *Framing the bride: Globalizing beauty and romance in Taiwan's bridal industry*. Berkeley, University of California Press, 2003.

ARAÚJO, Kátia Medeiros de. *Consumo e reconhecimento social: a valorização do “morar bem” entre novas elites do Recife*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Distinction: A social critique of the judgment of taste*. London, Routledge, 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. *L'institution imaginaire de la société*. Paris, Seuil, 1975.

CHALFEN, Richard. *Snapshot versions of life*. Madison, University of Wisconsin Press, 1987.

CRAPANZANO, Vincent. *Waiting: the whites of South Africa*. New York, Random House, 1985.

CUEVAS ÁLVAREZ, Efrén (org.). *La casa abierta: el cine doméstico y sus reciclajes contemporáneos*. Madrid, Ocho y Medio, 2010.

DE PINA-CABRAL, João; PEDROSO DE LIMA, Antonia (org.). *Elites: Choice, Leadership and Succession*. Oxford, Berg, 2000.

DURHAM, Deborah. *Youth and the social imagination in Africa: Introduction to parts 1 and 2*. Anthropological Quarterly, [S.l.], v. 73, n. 3, p. 113-120, 2000.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *O cinema Super8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural*. Recife, FUNDARPE, 1994.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *Cinema Pernambucano: uma história em ciclos*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *O documentário em Pernambuco no Século XX*. Recife, FASA, 2016.

FOSTER, Lila Silva. *Filmes Domésticos: Uma abordagem a partir do acervo da cinemateca brasileira*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

GILBERT, Paul Robert; SKLAIR, Jessica. *Introduction: Ethnographic engagements with global elites*. Focaal, [S.l.], n. 81, p. 1-15, 2018.

GODIO, Matias. *El poder y la mirada en la experiencia audiovisual*. In: VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen (org.). *Antropologia Visual na Prática*. Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2016. p. 25-52.

GRAEBER, David. *Direct action: An ethnography*. Chico, AK Press, 2009.

GRASSEN, Cristina. *Introduction*. In: GRASSEN, Cristina. *Skilled visions: between apprenticeship and standards*. Oxford, Berghahn Books, 2007. p. 1-22.

ISHIZUKA, Karen L.; ZIMMERMANN, Patricia R. (org.). *Mining the Home Movies: Excavations in Histories and Memories*. Berkeley, University of California Press, 2008.

LARKIN, Brian. *The Politics and Poetics of Infrastructure*. Annual Review of Anthropology, [S.l.], v. 42, n. 1, p. 327–343, 2013.

MARCUS, George E. *Elites: Ethnographic Issues*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1983.

MARCUS, George E. *The deep legacies of dynastic subjectivity: The resonances of a famous family identity in private and public sphere*. In: DE PINA-CABRAL, João; PEDROSO DE LIMA, Antonia (org.). *Elites: Choice, Leadership and Succession*. Oxford, Berg, 2000. p. 9-29.

NADER, Laura. *Up the anthropologist—perspectives gained from studying up*. In: HYMES, Dell (org.). *Reinventing Anthropology*. New York, Random House, 1972. p. 284–311.

ODIN, Roger (org.). *Le Film de famille: usage privé, usage public*. Paris, Meridiens Klincksieck, 1995.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Filme e vídeo de família: das imagens familiares ao registro histórico*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Antropologia & Imagem*. Rio de Janeiro, Garamond, 2011. p. 11-26.

PINNEY, Christopher. A história paralela da Antropologia e da fotografia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, [S.l.], n. 2, p. 29-52, 1996.

REMOTTI, Francesco. *Cultura: dalla complessità all'impoverimento*. Roma, Laterza, 2014.

SALVERDA, Tijo; SKOVGAARD-SMITH, Irene. *Attribution and contestation: Relations between elites and other social groups*. *Critique of Anthropology*, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 1-20, 2018.

SIMONI, Paolo. *La nascita di un archivio per il cinema amatoriale: il caso dell'Associazione Home Movies*. *Comunicazioni Sociali*, [S.l.], n. 3, p. 1-7, 2005.

STAR, Susan Leigh. *The Ethnography of Infrastructure*. *American Behavioral Scientist*, [S.l.], v. 43, n. 3, p. 377–391, 1999.

STEWART, Kathleen. *Ordinary affects*. Durham, Duke University Press, 2007.

TOMASELLI, Keyan G. *Appropriating images: The semiotics of visual representation*. Walnut Creek, Left Coast Press, 1996.

TRUFFAUT, François. *O prazer dos olhos: textos sobre o cinema*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

VAILATI, Alex. *O campo das elites. Percursos etnográficos para a exposição da desigualdade*. Rio de Janeiro, Papéis selvagens, 2024

VAILATI, Alex; GODIO, Matias; RIAL, Carmen (org.). *Antropologia Visual na Prática*. Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2016.

VAILATI, Alex. *Seeing in distance: video production among rural South African youth*. Visual Anthropology, [S.l.], v. 27, n. 1-2, p. 91-104, 2014.

VAILATI, Alex. *New arenas for small media: towards an ethnological exploration of family cinema*. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 253-271, 2012.

ZIMMERMAN, Patricia R. *Reel Families: A social history of amateur films*. Bloomington, Indiana University Press, 1995.

O futebol no âmbito de uma antropologia imagética

Football in the scope of an imagistic anthropology.

Gleidson de Oliveira Moreira

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Goiânia, GO

gleidsonhist@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3671-2811>

Recebido em: 31 de maio de 2025

Aceito em: 26 de julho de 2025

Resumo:

Esta resenha fotoetnográfica tem por objetivo apresentar uma abordagem antropológica acerca da polissemia imagética de experiências e narrativas de jogadores de futebol da cidade de Inhumas/Goiás. A partir de uma perspectiva antropológica das imagens, tensionamos a expressividade desse coletivo celebrado a partir da visibilidade de algumas pessoas em detrimento de outras, provocando entender em que condições as imagens são produzidas e preservadas. Se a etnografia é um campo que potencializa o protagonismo daqueles que pouco aparecem nas fotos: gandulas, mascotes e jogadores de várzea, esta resenha faz uma justa homenagem a essas figuras. Busca-se para isso discutir o estatuto das imagens como campo epistemológico para o fazer antropológico.

Palavras-chave: Futebol. Antropologia Imagética. Fotoetnográfica.

Abstract:

This photoethnographic review aims to present an anthropological approach to the polysemy of images in the experiences and narratives of soccer players from the city of Inhumas/Goiás. From an anthropological perspective on images, we examine the expressiveness of this celebrated collective through the visibility of some individuals at the expense of others, prompting an understanding of the conditions under which these images are produced and preserved. If ethnography is a field that empowers those who rarely appear in photos—ball boys, mascots, and amateur players—this review pays a just tribute to these figures. To this end, it seeks to discuss the status of images as an epistemological field for anthropological work.

Keywords: Football. Image Anthropology. Photoethnography.

MOREIRA, Gleidson de Oliveira. **O futebol em Inhumas e suas histórias**. 1ª Ed. Kelps. Goiânia: 2024, p. 198.

Esse livro é uma homenagem a jogadores e torcedores de futebol na cidade de Inhumas/Goiás, e mais que isso, os que por ele são maravilhados, pois serve para reativar a memória de uma modalidade esportiva que por diversas gerações viveram o mesmo sonho, a fuga da realidade, pois uma boa partida de futebol é isso, um verdadeiro “transe coletivo” (MOREIRA, 2024, p. 07 *apud* Nelson Rodrigues, 1993).

Fundamentado na citação acima, o historiador e antropólogo Gleidson de Oliveira Moreira dedicou 12 anos de pesquisa em arquivos pessoais, no qual teve acesso a narrativas, fotos e recortes de jornais para escrever essa instigante obra. Abordou o futebol como síntese social ao exprimir os desejos, aspirações, contradições, alegrias, frustrações, tristezas e crenças, reveladoras de mitos para a alternância violenta ou pacífica de vencedores, ou perdedores. Contidos no livro: “O futebol em Inhumas e suas histórias”, a obra apresenta a vida de gerações de jogadores e suas lembranças. Por mais que vivessem no anonimato, tornaram-se indivíduos únicos em sua comunidade dada a habilidade e talento com a bola. Segundo Moreira (2024), não estava em jogo apenas a partida, mas o respeito em defender a camisa do time, o compromisso com o grupo em disputar a honra ou a vergonha coletiva pelo desempenho individual.

Do ponto de vista arquivístico, o estado de conservação e preservação das fotos não eram boas, o que requereu tratamento digital para recuperação de muitas. Raras foram as fotos encontradas em álbuns, a maioria estava afixada em paredes de lojas, casas comerciais, borracharias e emolduradas sobre alguma mesa de escritório e residências.

Independente do estado de conservação, a maioria delas evidenciavam rivalidade entre os times. As fotos mostravam competições entre iguais, lembrado por DaMatta (1994), como ritual agonístico: uma celebração na qual o conflito era programado pela preparação prévia dos jogadores regidos por normas de apresentação à plateia conhecidas dos disputantes, pelos torcedores, os oficiais (juízes esportivos) e os patrocinadores, atmosfera que remete a ideia dos campeonatos, torneios, disputas, combates ou duelos associados a conformidade praticada no passado e, ainda hoje, por muitas sociedades tribais.

O fato básico observado pelo autor, é que a esfera do esporte entroniza no mundo moderno formas legítimas de mediação de força e de comportamento conflitivo. Embora tenham uma moldura moderna, racional e empresarial, os jogos são capazes de despertar em circunstâncias especiais valores relativamente adormecidos e essenciais à renovação de laços sociais e da própria sociabilidade. Por isso, o futebol pode ser facilmente identificado nas cosmologias locais, sobretudo quando os registros fotográficos reativam lembranças daqueles episódios.

Para Moreira (2024), enquanto o futebol transforma torcedores em profetas, dotando-os da capacidade de falarem diretamente com Deus, ritual que produz dramas em campos e estádios, formando imagens como a relatada pelo goleiro do Inhumas E.C. Joaquim Rodrigues, ao entrar no Estádio Olímpico - Goiânia, em 1968, as fotos potencializam o espírito para lembrar as vitórias:

“Quando pego essa foto, me lembro como se fosse hoje: cheguei diante do Olímpico, agachei na linha do campo e fiz o sinal da cruz. Protegido, olhei para cima. Vi a multidão formando um horizonte quase tocando o azul do céu. Os gritos da torcida faziam o meu corpo vibrar. Me senti lutador. Partimos para o jogo. Naquele dia, ganhamos a partida! (Nota de campo – Joaquim Rodrigues) ”.

Figura 1 - Joaquim observando a sua foto dentro do Estádio Olímpico – Goiânia (1968).



Fonte – Arquivo Pessoal – Gleidson

Figura 2 - Joaquim é o goleiro, o 1º da fila.



Fonte – Arquivo Pessoal - Joaquim Rodrigues

Vestido com a camisa do time do coração, o Inhumas E.C, o relato do goleiro Joaquim transborda como ritual. Identificados o estádio e a torcida, a foto deixa ver outro uso do corpo, como aquele que desafia o próprio tempo, a maneira dos gladiadores nas arenas romanas.

Associada à ideia de eternizar o ausente, as fotografias levam o autor a indagar: que significado social agrega o futebol no âmbito de uma antropologia imagética?

Ao mencionar que a memória individual é o ponto de encontro com o coletivo em uma partida de futebol, Moreira (2024) objetiva estabelecer as bases de uma antropologia da proximidade, balizada no papel das experiências humanas capturas por percepções sensoriais entendidas como conexões das sensibilidades individuais cujas percepções do indivíduo sobre o mundo se dá na relação com o seu entorno, por isso as imagens a que teve acesso acionam lembranças boas e ruins vivenciadas por humanos antes de serem atletas (MOREIRA, 2024, p. 13).

Quanto ao escopo teórico metodológico, Moreira (2024) tangencia o trabalho em duas matizes: a) os da memória pela oralidade; e b) os da materialidade das fotos. No campo da memória, ganham ênfase Maurice Halbwachs e Paul Ricouer; e, no campo da materialidade, Alfred Gell e Jorge Latour. Os primeiros são abordados a partir de um *epistemen* da memória para análise da materialidade. Halbwachs e Ricouer são dialogados na dimensão biográfica das fotos, apresentando o itinerário de seus atores na formação de um labirinto em uma análise das múltiplas vidas das imagens (quem os manuseia, quem foi o fotógrafo, em que condições foram tiradas, se são coloridas ou fotos preto e branco, se foram dadas como presente a alguém).

Do ponto de vista dos autores que trabalham com iconografias digitais, Moreira (2024) recorreu à Fabiana Bruno (2023). Segundo a estudiosa, as fotos digitais são emergentes. A formação de arquivos digitais traz à discussão a atribuição de sentido à vida das imagens, suas estéticas e outras epistemologias no fazer antropológico. Embora existam muitas fotografias analógicas preservadas em acervos físicos, a disponibilidade para acesso aos repositórios digitais agiliza a pesquisa, mas para o caso dos jogadores que as afixam em paredes, estas estão circunscritas ao estatuto utilitarista.

Ao afixarem fotografias nas paredes, os jogadores as tiram de uma espécie de “zona morta” ressaltando suas grafias. Então, onde um documento ou imagem ganha o estatuto de arquivo? Segundo Moreira (2024), uma imagem não nasce como arquivo, ela se torna um arquivo, assim, o acervo e os documentos tangíveis possuem simetrias e contornos diferentes dos digitais.

Nem todos os documentos analógicos preenchem os requisitos de “arquivabilidade” concebidas no espaço físico. O arquivo é fundamentalmente uma matéria de seleção que privilegia, como escreve Moreira (2024) *apud* Bruno (2023), alguns documentos escritos e nega privilégios a outros “inarquiváveis”. Assim, as imagens tratadas e digitalizadas por Moreira (2024) estão guardadas por outro tipo de memória, em uma inteligência artificial.

Percebe-se, portanto, a existência de uma fronteira a separar o estatuto do descartável (analógico) e o digital. Se os documentos tangíveis forem libertos de seu estatuto utilitário no mundo, passando a outras significações depois que se tornarem, segundo Debary (2017), ‘lixo’, é a grafia inscrita na imagem que expressará sua insurgência ao descarte. As imagens digitais não se perdem como ocorre com os objetos tangíveis. Grafias digitais são o reconhecimento das histórias visuais de vida das pessoas. Embora permaneçam como fragmentos, vestígios visíveis de histórias concluídas, as fotografias digitais constituem lugares de um processo vivo nos quais pessoas são apresentadas a novas significações.

Em ambas as categorias de análise, memória e imagens são deslocadas para áreas periféricas da vida cotidiana dos jogadores, o que é observado por Moreira (2024) quando se tornam lembranças, constituindo assim materiais cuja funcionalidade é ativada para ilustrar argumentos, para contextualizar cenários nos quais estão inseridas suas memórias.

Figura 3 - Vasconcelos Gaioso (Vavá), em partida disputada no Estádio Serra Dourada – Goiânia (1975).



Fonte – Arquivo Pessoal – Vasconcelos Gaioso

Apresentadas na obra em análise, as fotos e entrevistas atribuem crédito à vida dos jogadores, valorando sua imprescindibilidade a leitores que os identificam. É a ação capitalista potencializada na simultaneidade do uso pela necessidade ou pelo descarte via obsolescência do papel fotográfico, que mobiliza uma sequência de encontros entre coisas e pessoas na relação sobre/e como a ordem do sistema cultural que permite compreender o tratamento feito pela sociedade em relação a seu passado, passado presentificado nas lembranças e na forma como estão registradas em imagens.

O esforço epistemológico empreendido por esse antropólogo coloca diante das memórias e fotos de jogadores o significado social desempenhado pelo futebol: as histórias dos dribles, as resenhas e as piadas. Os registros tangíveis compreendidos nas fotos qualificam o simbólico, significando o intangível: as emoções dos atletas, o orgulho de ter um pai artilheiro, o de ser mascote do time ou ser madrinha do time. As fotos e as memórias se cruzam como testemunhas do passado no qual níveis materiais e imateriais se interdependem.

Embora os entrevistados tenham compartilhado relatos das partidas: os gols, a classificação dos times em campeonatos, as narrativas passaram pela seletividade da memória individual requerendo as múltiplas vidas dos mesmos jogadores contidas nos

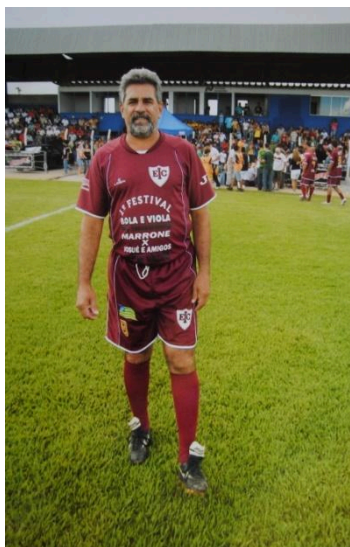
materiais fotográficos, agora observados na gramatura do papel, no tamanho, na espessura, no formato, e coloração, o que conotam tempo de nostalgias e de saudades.

Figura 4 - Início de carreira Estádio Serra Dourada - 1975.



Fonte - Arquivo Pessoal - Vavá.

Figura 5 - Encerramento de carreira Estádio Zico Brandão - 1995.



Fonte - Arquivo Pessoal - Wilmo Santana

Para tornar mais consistente o conteúdo do livro, a obra está dividida em três capítulos: o primeiro, intitulado: Apito Inicial, apresenta a trajetória do futebol desde Charles Miller até sua chegada no Brasil, sua vinda para Goiás e finalmente, em Inhumas. Neste capítulo, o autor fala da propriedade gregária do futebol como ritual cotidiano e a sua popularização capaz de mobilizar a construção de lugares privilegiados

de poder, desde o envolvimento da elite a instauração de políticas nacionalistas, como o caso do Estado Novo (1937-1945) e como isto reverberou em Goiás na construção de Goiânia e na emancipação política da cidade de Inhumas.

O segundo capítulo, intitulado: Histórias do Futebol, forma uma coletânea de entrevistas com destaque a quatro pessoas consideradas ícones do futebol local. Neste capítulo, o respeito à fala dos interlocutores oferece espaço à exposição das paixões, relatos por quem veio de outras cidades e estados para jogar nos times locais e a terceira parte, intitulada galeria de campeões.

Neste terceiro capítulo, o autor faz uma homenagem aos atletas por meio de uma exposição fotográfica. A galeria de campeões aborda a circularidade de fotos qualificadas como ativadoras e mantenedoras das memórias. Neste caso, destaca-se o retorno da posição social das imagens: quando, então, estão expostas como expressão do humano.

Lançando mão do método iconográfico e da etnografia para a análise de experiências com os interlocutores, o pesquisador expõe um extenso mosaico de casos analisados, dando ênfase a um universo de sensibilidades advindos da visão de mundo dos atletas a partir das fotos e recortes de jornais. Pesquisa que resultou no empréstimo, com muito ciúme, de fotos digitalizadas.

Na análise que Moreira (2024) faz dos materiais e materialidades das fotos e recortes de jornais, o trabalho ganha estatuto de sentido primordial. O pesquisador se mostra consciente da diferenciação entre o “eu” e o “nós” na pesquisa. A demarcação do individual na sociedade local ganha a dimensão da visão de que o próprio interlocutor tem o seu sentido próprio de distinção, eles se autodeclaram atletas. É nessa valoração de si que, independentemente do lugar de fala dos jogadores, que estão subsumidas em imagens futebolísticas expostas pelo autor. Essa postura do autor do livro reflete um dos importantes preceitos epistemológicos da antropologia: a maneira como os diferentes agentes se inserem em distintos contextos, compondo modos de ser e viver nas relações com o seu entorno e com os outros. Cumpre, portanto, o livro: O futebol em Inhumas e suas histórias, o propósito de apresentar como o mesmo fio condutor, o futebol, ressignifica o futebol no âmbito de uma antropologia imagética.

Referências

BRUNO, Fabiana. *As muitas vidas das imagens*. Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 24, n. 64, p. 52-73, maio, 2023.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio*. Revista USP, São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994.

DEBARY, Octave. *Antropologia dos restos: da lixeira ao museu*. trad. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. 1ª edição. Pelotas: Um2, 2017.